

Jakob Wassermann

Etzel Andergast



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Jakob Wassermann

Etzel Andergast



Jakob Wassermann

Etzel Andergast



Tradução de
Octavio de Faria e
Maria Helena Amoroso Lima Senise



Etzel Andergast

Jakob Wassermann

1ª edição — outubro de 2021 — cedet

Título original: Etzel Andergast

Copyright da tradução © André do Carmo Seffrin e herdeiros de Maria Helena Amoroso Lima Senise.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 adotado no Brasil em 2009.

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Av. Comendador Aladino Selmi, 4630,

Condomínio GR Campinas 2 — módulo 8

CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas-SP

Telefone: (19) 3249-0580

e-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

Editor:

Ulisses Trevisan Palhavan

Thomaz Perroni

Tradução:

Octavio de Faria

Maria Helena Amoroso Lima Senise

Preparação de texto:

João Maria Ribeiro Mallet

Diagramação:

Virgínia Moraes

Capa:

Nelson Provazi

Leitura de Prova:

Juliana Tessari Coralli

Marília Magalhães

Flávia Regina Theodoro

Conselho editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Silvio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA

Wassermann, Jakob (1873–1934).
Etzel Andergast / Jakob Wassermann; tradução de Octavio de Faria e Maria Helena
Amoroso Lima Senise — 1ª ed. — Campinas, sp: Editora Sétimo Selo, 2021.

ISBN: 978-65-88732-24-3

1. Literatura alemã 2. Romance

i. Autor ii. Título

CDD — 830 / 833

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura alemã — 830

2. Romance — 833



SÉTIMO
SELO

| www.editorasetimoselo.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor e do detentor dos direitos autorais.

Sumário

[CRONOLOGIA DE JAKOB WASSERMANN](#)

[PREFÁCIO](#)

[PARTE I A VIDA ANTERIOR: JOSEPH KERKHOVEN](#)

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[PARTE II O MUNDO ATUAL: ETZEL ANDERGAST](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

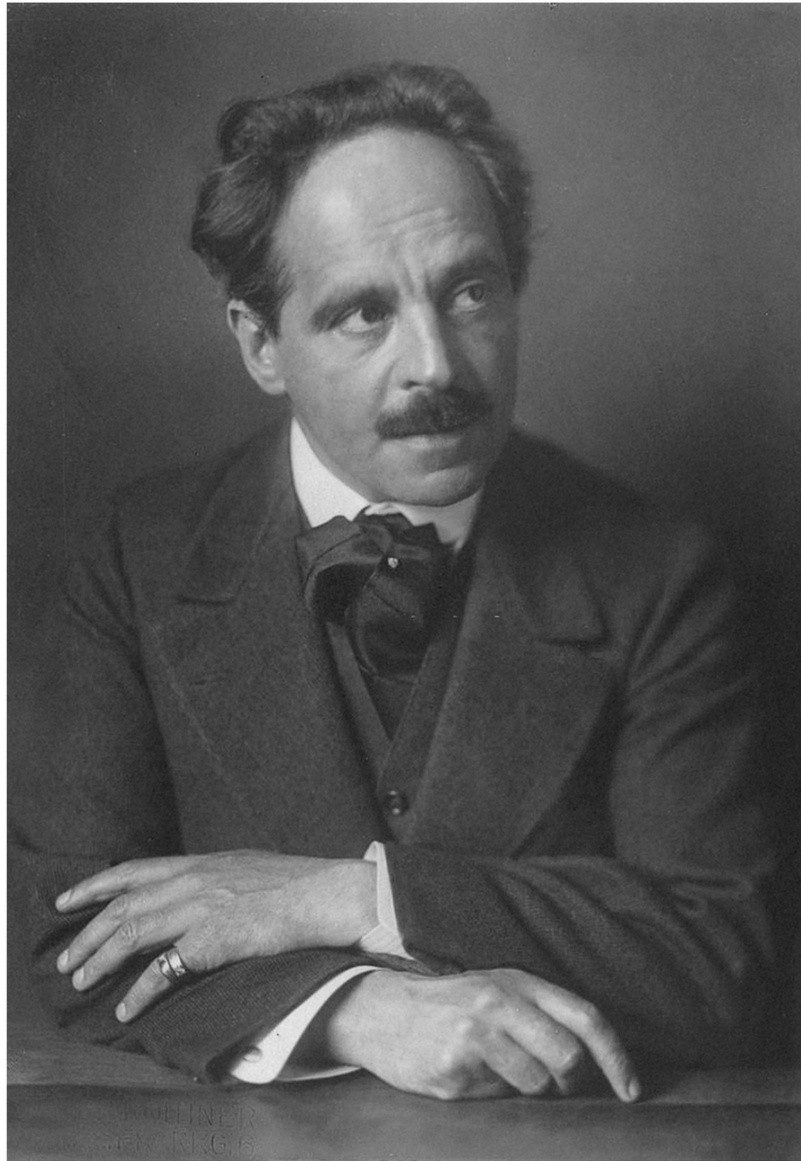
[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII: COMO FINALE](#)

[NOTAS DE RODAPÉ](#)



Jakob Wassermann, 1924.

CRONOLOGIA DE JAKOB WASSERMANN

1873. Nasce no dia 10 de março, em Fürth, cidade gêmea de Nuremberg, berço da civilização humanística alemã e sede de uma das mais antigas comunidades judaicas na Alemanha. Seu pai, Adolf Wassermann (1844–1901), um pequeno comerciante de família judia, que, após a falência da empresa de brinquedos causada por um incêndio, teve de trabalhar como agente de seguros, e sua mãe, Henriette (Jette), nascida Straub (1850–1882), teriam quatro filhos: Jakob, Jenny (1875), Hugo (1877) e Alfred (1882).

1882. A 5 de setembro, morre sua mãe, Henriette.

1883. Segundo casamento do pai com Flora Wannbacher, com a qual Jakob não terá boas relações por ela tentar inibir, às vezes até rasgando, as suas primeiras histórias. Adolf e Flora terão três filhos: Theodor (1885), Armin (1887) e Henri (1891).

1883–1889. Cursa o ensino secundário na *Königliche Bayerische Realschule Fürth*.

1889–1891. Período de aprendizagem comercial com seu tio, Max Alfred Traub, em Viena.

1891. Sem aptidão para os negócios, mas com o talento nato de narrador, interrompe o período de aprendizagem para se tornar escritor.

1892. Presta um ano de serviço militar em Würzburg.

1892–1894. Muda-se para Nuremberg e trabalha como empregado em uma companhia de seguros.

1894. Desempregado, passa alguns meses vagando pela Floresta Negra, sobrevivendo exclusivamente das recompensas obtidas como contador de histórias. Muda-se para Munique. Após um breve período como secretário de Ernst von Wolzügen, que reconhecerá o seu talento literário e o indicará ao editor Albert Langen, começa a trabalhar na redação da revista satírica *Simplicissimus*. Conhece Thomas Mann, Rainer Maria Rilke e Hugo von Hofmannsthal.

1896. Publica seu primeiro romance, *Melusine*.

1897. Publica com grande sucesso *Os judeus de Zirndorf*, história de um falso messias aparecido, no século XVII, numa colônia judia da Francônia. Começa a escrever artigos e reportagens teatrais para *Frankfurter Zeitung*.

1898. Muda-se para a Áustria e torna-se crítico de teatro em Viena. Trava amizade com Richard Beer-Hofmann, Arthur Schnitzler e Hugo von Hofmannsthal. Primeiro encontro com Samuel Fischer, fundador da editora S. Fischer Verlag.

1899. Torna-se autor da editora berlinense S. Fischer Verlag.

1900. Publica *A história da jovem Renata Fuchs*. Em Berlim, conhece Gerhart Hauptmann e Moritz Heimann.

1901. Casa-se com Julie Speyer (1876–1963), uma judia excêntrica nascida numa rica família vienense. A 27 de julho, morre seu pai, Adolf. Em dezembro, nasce o primeiro filho do casamento, Adolf Albert.

1903. Nasce seu segundo filho, Georg Maximilian.

1905. Enfrenta problemas conjugais. Reencontra Thomas Mann.

1906. Nasce a terceira filha, Judith. Muda-se para Grinzing. Reelabora a trama de *Os judeus de Zirndorf*.

1908. Publica *Kaspar Hauser ou a indolência do coração*, que mais tarde servirá de base para o filme célebre de Werner Herzog.

1911. Publica uma seleção de contos, *O espelho de ouro*.

1912. Longa viagem pela Alemanha (Munique, Stuttgart, Frankfurt, Hamburgo e Berlim).

1914. Conhece Hermann Hesse e Bernhard Kellermann. Após o estouro da Primeira Guerra Mundial, pretende oferecer-se como voluntário para o serviço militar, mas sua esposa o dissuade.

1915. Nasce Eva Agathe, sua quarta filha. Com a publicação de *O homem dos gansos* alcança o tão desejado sucesso. A publicação de *Christian Wahnschaffe* é adiada por falta de papel e mão de obra.

1919. Publica *Christian Wahnschaffe*, história de um jovem rico que abandona tudo e vai viver com os pobres. Separa-se de Julie Speyer. Muda-se para Altaussee com a escritora Marta Stross, nascida Karlweis (1889–1965), e as duas filhas do primeiro matrimônio.

1921. Publica sua autobiografia, *Meu caminho como alemão e judeu*.

1923. Publica *Ulricha Wootrich*.

1924. Publica *Faber ou os anos perdidos*. Sofre os primeiros problemas cardíacos e diabetes. Nasce Karl Ulrich (Charles, 1924–1978), primeiro e único filho com Marta.

1925. Publica *O advogado Laudin*, história que relata a complicada separação da primeira esposa.

1926. Eleito para a Academia Prussiana de Artes. Após anos de querelas legais, o divórcio de Julie Speyer é oficializado, podendo

assim se casar com Marta Stross.

1927. Passa quatro meses nos Estados Unidos.

1928. Publica *O processo Maurizius*, primeiro livro da trilogia que é seu maior feito literário. Viagem para o Egito.

1929. Publica com grande sucesso a biografia *Cristóvão Colombo: O Dom Quixote dos mares*.

1931. Publica *Etzel Andergast*, continuação de *O processo Maurizius*. A obra investiga a mentalidade da juventude alemã no pós-guerra. Passa férias com Hermann Hesse, a família Fischer e Thomas Mann.

1932. Viaja para a Sicília, Itália.

1933. Com a ascensão de Hitler à chancelaria, tem início o Terceiro Reich, que duraria até 1945. Antes de ser destituído, Jakob Wassermann sai da Academia Prussiana de Artes. Após o banimento de seus livros na Alemanha, e mesmo sendo o autor mais lido da época, enfrenta graves problemas financeiros. *A terceira existência de Joseph Kerkhoven*, último volume da trilogia, não pode ser publicada. Os manuscritos são entregues a um editor holandês.

1934. Morre de ataque cardíaco em Altaussee, na Áustria, a 1º de janeiro. É publicado postumamente o romance *A terceira existência de Joseph Kerkhoven*, que encerra a sua trilogia.



Hermann Hesse, Thomas Mann e Jakob Wassermann em St. Moritz, 1931.

PREFÁCIO

Não se pode dizer que Jakob Wassermann seja um romancista conhecido no Brasil. Apesar do sucesso das traduções de *O processo Maurizius*, *Kaspar Hauser* e *Golovine*, a maior e mais importante parte de sua vasta obra continua à espera de quem a verta para a nossa língua, trazendo assim ao nosso público uma imagem completa de um romancista que, hoje, sem o menor favor, é mundialmente considerado como um dos maiores criadores da ficção mundial. Transpondo os limites do mundo germânico, foi traduzido em todas as grandes línguas, conquistando sempre um número crescente de leitores. A versão de uma obra sua em francês, em espanhol, em italiano, em inglês, foi sempre o primeiro passo para subseqüentes traduções de outras obras suas.

Não poderíamos fazer exceção a essa regra, talvez um pouco mais lentamente que em outros países, mas, sem a menor dúvida, do mesmo modo positivo. E é nesse ritmo cultural que pretende se integrar a tradução de *Etzel Andergast* que entregamos ao público. Que ele a saiba apreciar e, pela sua boa aceitação, faça com que se torne mais um passo para a divulgação das demais obras de Jakob Wassermann. Eis o que de todo coração desejam os tradutores de *Etzel Andergast*.

Nenhum dos romances de Wassermann é mais poderoso, mais impressionante. Toda a força do criador de figuras ciclópicas, toda a pujança do romancista — tão admirável na sua capacidade criadora como nos seus espantosos dons de análise psicológica — aparecem inequivocamente nas páginas de *Etzel Andergast*. Os que já conhecem a inigualável força de criação de personagens do autor de *O processo Maurizius* ou de *Kaspar Hauser*, reconhecerão nas figuras de um Irlen,

de um Joseph Kerkhoven, de um Etzel Andergast, os mesmos gigantescos e eternos “personagens de Wassermann”, os irmãos de Gregor Waremme, de Dietrich Oberlin, de Eva Sorel, de Erwin Reiner, de Luisa Dercum, igualmente no seu máximo poder, no seu melhor esplendor. Nem mesmo em *Christian Wahnschaffe*, o criador foi mais longe ou atingiu mais alto na sua capacidade de colocar de pé, ante nós, figuras vivas e imponentes Jakob Wassermann, de origem judaica, nasceu na Francônia, em Fürth (1873), e morreu na Áustria (1934), no exílio. Suas principais obras, na maioria romances, são: *Os judeus de Zirndorf* (1897, sua estreia literária), *A história da jovem Renate Fuchs* (1900), *O Moloc* (1902), *Kaspar Hauser* (1908), *As máscaras de Erwin Reiner* (1910), *O homem dos gansos* (1915), *Christian Wahnschaffe* (1919), *O trópico* (1920–1924) (composto de quatro romances, entre os quais se salientam *Dietrich Oberlin* e *Ulricha Wootrich*), *O advogado Laudin* (1925), e, enfim, a trilogia final de sua obra: *O processo Maurizius*, *Etzel Andergast* e *A terceira existência de Joseph Kerkhoven* que parece ser o ponto culminante de uma obra que a morte veio interromper. Ainda a salientar duas biografias, uma de Cristóvão Colombo, outra de Stanley, e um livro autobiográfico *Meu caminho como alemão e judeu* (1921).

Aos leitores que não conheçam Jakob Wassermann, sentimo-nos na obrigação de uma pequena advertência. Na versão ora apresentada, poderão eles estranhar a densidade do texto, certa falta de “arejamento” (períodos por demais longos, pequeno número de diálogos, etc.), o que, de certo modo, pode dificultar a leitura do romance a quem esteja habituado a obras mais “fáceis”. Não poderia, no entanto, ser diferente a tradução apresentada, sob pena de grave infidelidade ao texto de Wassermann. Fugir da densidade do texto alemão seria trair o espírito da obra, uma das mais perfeitas imagens que conhecemos do espírito da raça alemã, tão característica, tão diferente da nossa, ou mais genericamente, da raça latina. Fomos mais longe mesmo: procuramos ficar o mais perto possível do texto original, sacrificando talvez aqui e ali a possível elegância das orações para não perder muito da complexidade e da profundidade da análise psicológica de Wassermann. Aceitem pois eles este pequeno sacrifício

necessário: logo verificarão de que importância e valor é a colheita espiritual auferida.

Octavio de Faria*

* Prefácio da 1ª edição da tradução (Editora A noite, Rio de Janeiro, 1942).

PARTE I

A VIDA ANTERIOR: JOSEPH KERKHOVEN

Quando, à noite, penso na Alemanha, perco o sono.

— Heine

CAPÍTULO I

Bem sei que os fatos a que me refiro nesta narrativa não têm em si mesmos nada de uma catástrofe universal. Creio, no entanto, que fazem parte integrante da vida de nossa época e que talvez mesmo representem uma parte considerável do que se poderia chamar a história interior da humanidade — terreno, afinal de contas, ainda pouco explorado. E, se os acontecimentos não se seguem com o ritmo acelerado que, aos olhos da maioria, justificaria essa pretensão, a profundidade a que atingem pode compensar essa deficiência. A menor alteração na mais modesta das existências é capaz de alcançar as mais graves repercussões. O trabalho subterrâneo de um bando de

ratos pode, em certas circunstâncias, provocar o desmoronamento de toda uma montanha.

O círculo que tenho a descrever atinge uma tão vasta extensão, as pessoas cujos destinos ele abrange são de natureza tão diferente, pertencem a mundos tão diversos, que positivamente perco a esperança de poder dar minuciosamente, às coisas e às pessoas, contornos nítidos. Tenho, porém, que me submeter, embora possa vir a ser submerso pela torrente. Por enquanto, importa pouco a precisão das imagens. Quando o elemento no seio do qual elas nascem ou nascerão apresenta-se agitado a ponto de destruir constantemente forma e desenho, vale mais, sem dúvida, fixar a atenção na natureza dos obstáculos contra os quais esbarra e ir notando no decorrer da luta que com eles se trava os traços característicos dos indivíduos, mais ou menos como se age erguendo montículos de terra à volta de uma propriedade ameaçada por um incêndio. Muitos dirão que a personalidade de um ser isolado — o que se chama uma pessoa — perde toda a importância diante do interesse soberano das coisas e do espírito da massa. No fundo, têm razão. Tornou-se impossível encontrar, no espécime único de humanidade, que cada um de nós representa, material que permita julgar corretamente a nossa época e o nosso mundo. Mas nem a eles nem a mim compete decidir. Leis estão em jogo, por demais misteriosas para que nosso espírito limitado possa aprofundá-las. Sei porém uma coisa: é que o homem é o elemento de duração e que não posso me colocar fora do mundo dos homens. Sinto-me ligado a ele e por ele envolvido como o grão está ligado e envolvido pelo monte de areia.

O invencível caráter dos fatos que, a datar de sua volta à Europa, levaram Irlen, após mil e um rodeios, mil e um adiamentos, a encontrar finalmente Joseph Kerkhoven, deram-lhe muito que pensar. Livre a cada um de ver nisso, segundo suas convicções, efeito do acaso ou mão de Deus, vontade do destino ou obra do instinto. O fato é que este encontro teve para a sua vida e para a de Kerkhoven uma importância decisiva.

Chegou a Gênova, num vapor que voltava do Congo, em agosto de 1913. Trazia oito caixas de coleções. Encarregou um comissário de mandá-las para a Alemanha, endereçando-as a sua mãe, viúva do senador Irlen. Telegrafou-lhe ao mesmo tempo: “Travessia excelente, chegarei na próxima semana”. Depois, tomou o trem expresso e partiu para Paris. Por que Paris? Por que não voltava para casa? Antes de mais nada, não se tratava de “sua casa”. Deixando Dresden dois anos antes, havia largado seu apartamento e mandado transportar seus móveis para a casa de sua mãe que morava então nos arrabaldes de Munique. Obedecendo a uma dessas bruscas decisões de que tinha o hábito, havia ela, alguns meses antes, ido se instalar na cidade universitária do centro da Alemanha, na qual Ernst Bergmann, seu neto, fora nomeado para a cátedra de filosofia da faculdade. Morava ele com a mulher e a filha única numa grande vivenda da qual sempre reservara o andar térreo para a avó. Se outros projetos disso não o desviassem, Irlen lá poderia encontrar, em sua volta, o repouso e o conforto que almejava após fadigas tão grandes. Era isso que lhe havia escrito em carta cortês, um pouco seca, se bem que muito respeitosa. Por enquanto, todavia, Irlen não sentia a menor vontade de se retirar para uma cidade de província onde a vida podia apresentar talvez exigências desagradáveis.

Essas considerações não teriam sido, porém, suficientes para fazê-lo tomar uma decisão que tinha todas as aparências de uma cabeçada. Angustiava-o a ideia de voltar diretamente para a Alemanha. Tinha a impressão de que primeiro devia entrar em contato com as vanguardas. Preocupava-o muito saber a impressão que a Europa lhe causaria. A Europa constituía para ele um todo homogêneo. Quero com isso dizer que era assim que a representava na ideia diferente que dela se tinha feito à distância. Se existisse algum meio de justificar essa concepção nascida de seu pensamento e nostalgia, parecia-lhe que só em Paris poderia encontrá-lo. Gostava de Paris, gostava da França. A Alemanha, ele a trazia em si mesmo. Poderia, dando-lhe sentido diferente, repetir uma frase célebre: “A Alemanha sou eu”. Mas, essa Alemanha não era a Alemanha real, era a dos seus sonhos. Da outra,

da verdadeira, tinha medo. E esse medo de longe estava ligado, indissoluvelmente, ao seu caráter, à sua vida.

Passou a manhã no Louvre, a tarde procurando livros nos “sebos” da margem esquerda do Sena. Passeou abaixo e acima pelos *boulevards*, fazendo suas refeições em pequenos restaurantes tranquilos, sem que nunca o abandonasse a noção de ter deixado para trás uma natureza em estado selvagem, um mundo prodigioso, inesquecível — a floresta virgem, um mundo primitivo, o homem primitivo. Dele não havia saído quase renovado, de qualquer modo transformado, mais experiente, mais sábio, mais compreensivo, a alma mais bem temperada? Agora, o mundo construído pela história, protegido pelas instituições, se lhe revelava muito mais magnífico. Via com mais emoção seus aspectos familiares, as obras grandiosas, os jardins bem cuidados, as cúpulas, os palácios e as velhas ruas gastas. Compenetrado da ideia de que esses tesouros acumulados eram dele — sentimento que exige o dom de si mesmo — não reparava que por toda a parte chamava a atenção pela sua estatura imponente, pelo queimado de sua pele, pela juvenil agilidade de seus movimentos e de seu andar que contrastavam estranhamente com os cabelos onde já brilhavam fios prateados — cabelos que usava penteados para trás, cuidadosamente alisados. Poderia ser tomado por um oficial da marinha em trajes civis. Marinheiro que tanto tempo se demorara no mar que a terra firme lhe parecia, a cada instante, estranha e nova. Às vezes, era seguido por uma meia dúzia de garotos que o olhavam com curiosidade. Limitava-se então a sorrir pacientemente como um gigante cuja bondade para com os anões é tradicional.

A imensa cidade era como um ser que falasse em voz alta e inteligível. A quem a ouvisse atentamente, fornecia dados sobre o estado de alma de todo o continente, sobre a temperatura do sangue e a disposição de espírito dos povos. Uma longa solidão, o hábito de concentrar seus pensamentos, haviam posto os nervos de Irlen em estado de responder às mais tênues vibrações desse organismo agitado. O que cuidava perceber lendo os jornais, observando a multidão que se acotovelava nas ruas, ou ainda escutando à noite, de sua janela aberta, o frêmito

das trevas, fugia a qualquer definição. Era, porém, inquietante como o aviso de um perigo — perigo cuja acuidade não pode ser sentida senão por esse que permanece solitário no meio dos homens. O destino individual não existe mais e a coletividade é como um sino que toca. Antes de partir para o Congo, foi em Paris que Irlen se deteve pela última vez. E agora é em Paris que faz a sua primeira parada, de regresso. Das duas vezes, teve a impressão de olhar de cima de um observatório — antes, para trás e, agora, para diante. Antes, estava em vésperas de se pôr à prova, isto é: que iria ter certeza se era ele, seu mundo, sua educação, seus ideais, que haviam desiludido sua esperança. Hoje, sabia por muitas razões que podia estar seguro de si mesmo. Seu mundo, ele o tinha que pôr à prova novamente. Lancemos um olhar sobre esse “antes”.

Em 1910 a Alemanha se assemelhava a uma casa alta e estreita, cujos numerosos andares quase não tinham relação entre si, mas onde cada morador era rigorosamente vigiado pelos seus vizinhos. Era um sistema, pode-se dizer mesmo que era um sintoma. Se se perguntava, por exemplo, em certos meios, por Johann Irlen, por ter sido o seu nome insistentemente pronunciado aqui ou ali, sobre ele se recebiam as mais contraditórias informações. “É um dos numerosos potentados, tiranos inconfessados, que temos entre nós”, dizia um. “A fortuna que herdaram lhes deu grandes pretensões. Metem-se em tudo e conservam-se, eles e seus sectários, orgulhosamente encerrados em suas torres de marfim. É um personagem de que se deve desconfiar”, dizia outro. “Oficial afastado, suspeito, abre-se a tudo que vem do estrangeiro, protege artistas e homens de letras, nutre ambições políticas. De qualquer modo, é um indivíduo perigoso”. Um terceiro observador, homem de respeito, dizia, franzindo os sobrolhos e abaixando prudentemente a voz: “É um indivíduo suspeito, muito suspeito, do outro lado”, e piscava os olhos. “Está deitando a perder a nossa mocidade que corre a ele seduzida pelo seu brilho. E ele não tem o menor escrúpulo em desviá-la da pátria, da família, das tradições da burguesia”. Ouviam-se, também, opiniões diferentes. Eram todavia mais raras: “É um espírito superior, uma alma reta, um homem corajoso. Não há que estranhar que todos os sapos estourem de ódio

quando, altiva e desdenhosamente, atravessa o pântano de suas maledicências”.

Era incontestavelmente uma individualidade a quem uma alma forte e uma cultura muito pessoal emprestavam um encanto todo especial. Aqueles que tinham a felicidade de conhecê-lo mais intimamente falavam dele como de um homem de quem se pode esperar grandes coisas. Sua vida era como a de um príncipe destronado que reunisse em torno de si partidários minuciosamente escolhidos, aos olhos dos quais ele assumia o valor de um mito sempre que desaparecia de diante dos seus olhos para se refugiar noutro setor de sua vida. “Os amigos de Irlen”... Quando se pronunciavam essas palavras, dir-se-ia que se falava de uma associação secreta, de um grupo à parte que se mantinha separado como uma aristocracia e que opunha à marcha dos acontecimentos uma resistência imperceptível, mas apaixonada.

Até 1907, época em que era comandante, havia servido no Estado-maior do exército prussiano. Fazia parte de um pequeno número de oficiais que um secreto pressentimento fazia recuar, penosamente enojados, ante a invasão de uma retórica despudorada e das suas possíveis consequências. Era uma “conspiração” que, esmagada pela vulgaridade da maioria, não tinha o menor sentido. Irlen possuía inimigos encarniçados, na sua maioria desconhecidos, misteriosos, mas que nada poupavam para prejudicá-lo. Relações de amizade com um príncipe da família imperial deram a uma camarilha de há muito à espreita as armas desejadas. Foi obrigado a pedir a sua demissão. Sentiu-se feliz por ter encontrado um pretexto: para ele a liberdade não era um simples vazio.

Consagrou-se a estudos variados. Passava seis meses do ano viajando no estrangeiro, sozinho ou com amigos. Queria ter perspectiva. Sentia que os alicerces apodreciam. E com isso se angustiava. Seus amigos mais próximos estavam a par desses seus sentimentos. Seu mal era a Alemanha. A Alemanha era para ele como um fruto amargo que não chegava nunca a ficar maduro e doce. No estrangeiro sofria quando tinha, por sentimento nacional, de tomar as dores de compatriotas que

comprometiam o país sem disso ter noção. Em casa, sofria de maneira diferente porque o que tão profundamente o vinha ferir era aquilo que mais estimava. O Império representava para ele uma ideia diversa da que havia sido realizada pelo Império de Bismarck. Era uma antiga ideia que trazia consigo, segundo a qual via na história o processo pelo qual o mundo continuamente se regenera. E incumbia à hora presente descarregar os séculos de sua responsabilidade.

Conhecer o que foi e ver o que é, eis o que faz de um homem um profeta. Esse era um assunto de intermináveis controvérsias entre ele e seus amigos. Entre estes havia um que preferia a todos e em quem depositava grandes esperanças. Tratava-se de Otto Kapeller, filho único de Andreas Kapeller, uma potência, dono de um império dentro do Império, principal acionista das fundições e fábricas de construção Kapeller. A boa influência que as relações com Irlen visivelmente exerciam sobre Otto e as referências que do seu amigo e mentor o rapaz fazia inspiraram a Andreas Kapeller o desejo de conhecê-lo. Ficou tão encantado com ele que lhe propôs um dia arranjar-lhe uma situação na sua indústria, fazê-lo entrar para o seu negócio.

— Pessoas como você, há muito tempo que as procuro sem achar — disse ele. — A rotina está nos matando. E sabe você por quê? Porque temos essa ideia estúpida de que cada um deve cingir-se à sua especialidade.

Irlen se deixou levar a uma experiência. O magnata da indústria não se havia enganado. O novo empregado deu tais provas de capacidade na administração e nas relações com o exterior que, ao cabo de seis meses, Andreas Kapeller lhe ofereceu a direção do serviço comercial de todas as suas usinas. Pediu tempo para refletir. Otto insistia para que aceitasse. Acedeu a essas instâncias e assinou o contrato algumas horas antes da reunião anual do conselho de administração — reunião durante a qual o velho Kapeller foi fulminado por uma apoplexia.

Foi uma surpresa para seus amigos. Para muitos, uma decepção. Não podiam conceber um Irlen impossibilitado de se dedicar aos outros

livremente. E é verdade que, nesse particular, tinha, de então em diante, de poupar o tempo. Trabalhava dezesseis horas por dia. O dia começava às sete horas com conversas sobre negócios, inspeções na usina, encomendas, e acabava em reunião fora de horas. Tão frequentemente dormia em trens como em sua cama. Negociava, ora com as administrações dos bancos de Berlim, ora com os representantes de um truste de Paris. Um telegrama, um telefonema, podiam obrigá-lo a tomar o automóvel para, a cem quilômetros à hora, procurar pegar em Flessingue ou em Hoek o primeiro vapor para a Inglaterra. Nada disso o impedia de continuar seus estudos, de ler as notícias importantes, de receber de quando em quando os seus amigos ou de ir visitá-los e de ajudar, por todos os meios, os jovens que a ele se dirigiam. Diziam por isso que a capacidade de trabalho que tanto se admirava nele não era tão extraordinária quanto se pensava. Sabia magistralmente esticar sua atividade — essa era a sua habilidade. Bobagens, tudo isso. Não, a habilidade consistia em submeter em lugar de se deixar dominar por ele. Por não estar sempre correndo, os imbecis imaginavam que o seu valor se reduzia a pouca coisa. Por encontrar tempo entre uma deliberação com os representantes do Ministério da Viação e uma reunião de engenheiros para ir ver um quadro interessante em casa de um colecionador, os homens sensatos declaravam que não era um homem “sério”.

Mas, que ideia escondida traria consigo para se submeter a esse jugo? O poder? Não lhe concedia o menor valor. O que procurava era, precisamente, o que achou: novos pontos de vista, acréscimo de experiência, conhecimentos diferentes. Não queria se contentar com um “mais ou menos”. O que ouvia dizer ou afirmar, o que lia, as opiniões que lhe eram transmitidas, não lhe bastavam. Tinha necessidade de ver e de compreender por si mesmo. Queria saber como vivia o povo, em que condições trabalhava. E o soube. Queria, nesse momento especial da história, nessa época característica, conhecer um pouco, para sentir os efeitos sobre sua própria personalidade. Queria conhecer os problemas econômicos, a interdependência das classes sociais, as correntes políticas, a atitude dos partidos, as relações entre o capital e as mercadorias, entre o

produtor e o consumidor. E o soube. Tinha refletido, meditado, discutido infindavelmente com os seus amigos. Tinha filosofado, arquitetando teorias sobre teorias. Agora, queria ter certezas, ver onde realmente estavam, ele, seus sonhos, sua classe social, a nação.

Nunca se soube nada de positivo sobre as circunstâncias que provocaram o seu irreparável rompimento com Otto Kapeller, o duelo à pistola, no qual o jovem industrial sucumbiu. Todos se perderam em conjecturas diversas. Quando, seis meses mais tarde, Irlen preparou sua expedição à África, inventaram mesmo a história pueril que Otto, sabendo desse projeto, a ele se havia oposto para não perder o homem que lhe era indispensável e que, finalmente, chegara a ameaças e insultos. Muita gente se espantou que Irlen tivesse aceito esse duelo, ele que tantas vezes exteriorizara o horror que lhe inspirava esse meio bárbaro de liquidar uma desavença. Sua atitude para com os operários tinha lhe feito ganhar muitas simpatias. Foram os que mais se magoaram com ele. Se era verdadeiramente o que parecia ser, constituía aos olhos deles uma traição, para com os outros e para com ele mesmo, tudo sacrificar às ideias antiquadas que a sua casta mantinha sobre honra. Naturalmente, tratava-se de outra coisa do que uma simples desavença. Mas, de quê? Enigma. Em todo caso, havia obedecido a razões peremptórias. Não foi senão muito mais tarde que, através de certas alusões, a verdade filtrou. Correu o rumor de que uma mudança inquietante tinha transformado Kapeller. Insinuava-se que no momento em que, tendo-se tornado senhor absoluto, se sentiu todo-poderoso, uma reviravolta completa se produziria no seu caráter. Nesse momento, Irlen havia escrito a Robert Waldstetten, filho de um seu primo e um dos membros mais moços do seu grupo, residente em Dresden: “Estou assistindo a uma metamorfose que transtorna completamente as ideias que me tinha feito sobre a constância da soma de qualidades que chamamos um caráter. Você pode crer que é um fenômeno alucinante. Estou apavorado. Você jamais imaginou a influência que os preconceitos de casta, a questão dos salários, as ações industriais, podem ter sobre o desenvolvimento dos tecidos adiposos de um indivíduo? Pois eu, já. Caminhamos para o reinado dos pescoços de touro, dos rostos lívidos, inchados de banha. Prevejo uma

luta de morte entre os Césares obesos e os Brutus a quem o ódio conserva a magreza”.

Possuíam-se, evidentemente, informações autênticas sobre o seu último encontro com Otto Kapeller, posto que este tivera lugar em público. Era no mês de janeiro de 1911, no momento da grande greve. Tinha sido, aliás inutilmente, requisitada a força armada. O chefe do batalhão que fora enviado imediatamente de Colônia, havia avisado que daria ordem de atirar contra qualquer agrupamento. O tom arrogante do seu manifesto havia exasperado Irlen. Ao cair da noite, como algumas centenas de grevistas penetrassem num dos pátios da fábrica, em meio a um silêncio angustioso, o oficial fez avançar o esquadrão, pronto para atirar. Irlen precipitou-se à janela de um dos edifícios vizinhos e gritou com voz estentórea: “Parem! Não precipitem nada! Não veem que essa gente quer entrar em entendimentos?”. A voz desdenhosa de Otto Kapeller se fez ouvir da porta do prédio fronteiro: “Silêncio aí em cima!”. E depois de um pesado silêncio: “A menos, comandante, que o senhor não queira começar pelo diretor Irlen?”.

A única pessoa que soube por que Irlen exigiu satisfação pelas armas, como é costume dizer, foi Joseph Kerkhoven.

Irlen escreveu a amigos de Viena avisando que chegaria dois dias depois. Tratava-se, ainda, de um modo de adiar a sua volta à casa. Em Paris, não visitara ninguém. Na última tarde planejava ir visitar o pintor Girard que conhecia de antes. Ao subir, na velha casa de Montmartre, a íngreme escada que levava ao *atelier*, foi acometido de palpitações tão violentas que teve de parar no patamar e se debruçar à janela para respirar um pouco. Era a primeira vez. Que sucedia? Nunca, nem mesmo no decurso das mais extenuantes expedições na floresta virgem, seu coração o incomodara lembrando que trabalhava. Sem dúvida, suportava mal aquele calor de fornalha de Paris e sobrecarregara demais os nervos, enquanto, nos trópicos, tomara o hábito de poupá-los cautelosamente.

À noite, indo tomar o trem na estação do Este, teve de se agarrar de repente, com as duas mãos, num desconhecido. Balbuciou desculpas. Tinha a fronte levemente molhada de suor. O estranho fitou-o com espanto. Irlen se recompôs, respirou profundamente e teve um sorriso contrafeito. Sobreveio uma tonteira. Durante cinco segundos sentiu a cabeça vazia como um guizo, a garganta tomada pela angústia. E eis que aquilo recomeçava. Mas, que estaria acontecendo? Um espectro se insinuava junto dele. Fosse o que fosse, seus pensamentos começaram a girar em torno dele mesmo. Lembrou-se, de súbito, de que já tivera no navio dois ou três ataques dessa natureza. Parecia-lhe que em Boma, certa vez... Sim, em Boma também. Tomara quinino. Lá, quinino era quase um alimento.

No carro-dormitório, tomou o pulso. Cento e dez pulsações. Jogou a cabeça para trás e refletiu. Bem, como é que se chama aquele espectro? Existiam uns três capazes de amedrontar. Qual deles era? Falou aos seus amigos de Viena sobre um negro Avisibba que lhe salvara a vida à margem do Rio Ituri, num dia em que fora mordido por uma cobra venenosa.

— Lá existem sucos de plantas que só os iniciados conhecem — disse ele. — O homem colheu a erva, reduziu-a entre os dentes a uma papa verde que estendeu sobre a imperceptível mordedura enquanto murmurava algumas palavras em tom solene. Já ouvira falar de curas desse gênero, mas nunca acreditara. Em geral, não há salvação: inútil cauterizar porque o veneno é fulminante. Nesses lugares, acontece de a gente se tornar indiferente à morte. No entanto, sentia-me curioso de saber o que ia suceder. Tinha a impressão que aquele momento ia decidir se o país me admitia, me aceitava ou não. Talvez vocês compreendam esse sentimento.

Irlen se deteve. Sentia um barulho no ouvido como se estivesse junto a uma cascata. Seu olhar imobilizou-se. Uma multidão de vermes, negros e rendilhados, dançavam diante dos seus olhos (ou, talvez, lá dentro). Por um instante, não teve mais consciência de possuir membros, suas articulações pareceram se desconjuntar. Lentamente,

uma angústia o invadiu dos pés ao peito. Tinha, porém, tanto domínio sobre si mesmo que os convidados quase nada notaram. Uma vez passado o acesso, enxugou sorrindo o suor que lhe cobria a face e o pescoço e retomou a sua narrativa.

Na manhã seguinte, foi procurar o Professor K..., notável especialista em doenças internas. Durante duas horas o médico examinou-lhe cuidadosamente o coração, pulmões, fígado, baço, urina, a conjuntiva, a garganta, os reflexos das pálpebras e das rótulas. No final, no tom indulgente e paternal que os médicos experientes tomam com os doentes predispostos à hipocondria, o doutor lhe assegurou que ele era o homem em melhor estado de saúde do mundo.

— Comandante, se o senhor não me tivesse dito, o senhor mesmo, que estava com quarenta e quatro anos, eu, a julgar pelo seu organismo e pela sua constituição, no máximo lhe teria dado trinta e cinco.

Receitou-lhe um remédio, aconselhou-lhe repouso, banhos alcalinos, e, ao deixá-lo, apertou-lhe a mão como se o estivesse felicitando. É verdade que Irlen se descuidara de dizer que estava de volta da África equatorial. Pensando nisso, sentiu que conseguira enganar o médico.

Ficou três dias sem sentir coisa alguma. Por um pouco mais, teria acreditado que bastara o médico negar o mal para que este fosse conjurado. Há doenças que o simples medo é suficiente para provocar. Assim julgava Irlen. Recusou o convite da Sociedade de Geografia para pronunciar uma conferência e, como os repórteres houvessem descoberto sua residência e o assaltassem com pedidos de entrevistas, à noite do terceiro dia partiu para Berlim com o espírito bastante tranquilizado.

Desúbito, porém, tudo recomeçou. O primeiro sintoma foi a impossibilidade em que se viu de ficar fechado. Durante o dia inteiro perambulava pelas ruas como se o diabo estivesse atrás dele. Sufocava, à noite. Imagens confusas rodopiavam-lhe no cérebro como numa torre. Certa vez, estremeceu, o ouvido atento. Ouvira uma voz. Uma

voz lhe sussurrara: “A África está se vingando”. Por quê? Impossível dizer. Dir-se-ia que lhe arrancara segredos antigos. Quando, com a aproximação da manhã, sentiu de novo a cabeça livre, mergulhou, lápis em punho, no cálculo de uma integral. Queria ver se ainda podia confiar no seu cérebro.

Não sentia disposição para coisa alguma. Muitas pessoas de suas relações teriam tido prazer em revê-lo. O que o impedia de fazer visitas era a recordação do que lhe sucedera em Viena. Quando o garçom lhe trouxe o almoço, veio café em vez do chá que encomendara. O sangue lhe subiu à cabeça, ficou num estado de inexplicável superexcitação e, com a fisionomia desfeita pela cólera, descompôs o homem estupefato. No meio do acesso, pôs-se a tremer e comprimiu a testa com a mão.

— Desculpe-me — murmurou. — É que... não me sinto bem.

O garçom se retirou, pálido e desconfiado. Ao fim de alguns momentos, um outro empregado trouxe o chá. Irlen não o tomou. Estava sentado à janela, espiando, lá embaixo, a Praça Guilherme I. À sua volta, casas de pedra. Como lhe parecia tolo olhar as pessoas do alto! Moviam-se como aqueles escaravelhos de livros infantis que andam apoiados nas patas traseiras.

Seria consequência da perturbação do seu espírito? Lembrou-se do pequeno galago que aprisionara na floresta virgem e que tão ternamente ficara preso a ele. Dera-lhe o nome de Kiri-kiri. Um dia, o macaquinho enlouquecera. Não enraivecido, mas verdadeiramente louco, como um ser humano. Era comovedor ver a sua tristeza, o seu modo realmente humano de soluçar baixinho e de rodopiar furtivamente com um aspecto desolado. Um espírito doente num macaco — que é então o espírito? Que é ele no homem, se a natureza, na sua impenetrável crueldade, ataca o frágil vaso em que ele mora? E assim acontece com todas as destruições de que ela se torna a autora. Faz um vaso de uma maravilhosa delicadeza e fica malvadamente à

espreita do lugar onde se produza a primeira rachadura para trazê-lo de volta ao estado amorfo.

Pediui ligação para o Dr. Ahrens, médico-chefe do Instituto Frederico Guilherme. Conhecia-o há vários anos. Era um homem em quem se podia ter absoluta confiança e muito reputado pelos seus conhecimentos. Escrevera um trabalho sobre psicopatologia que chamara a atenção dos especialistas. Muito surpreendido por ouvir a sua voz, marcou encontro com Irlen às três horas e recebeu-o numa peça, grande e sombria, de um apartamento da Rua dos Caçadores. Irlen o pôs a par da situação. Silenciar sobre a África era impossível, dado que o Dr. Ahrens tinha conhecimento da sua viagem. No entanto, cada palavra lhe custava um esforço. Dir-se-ia que recitava uma lição aprendida de cor. Vinha pedir a opinião de um médico, se bem que o motivo fosse sem importância. Por preguiça mental, em última análise. O corpo é covarde... Um pequeno sorriso, por parte do médico. Escutava-o atentamente. E não se deixava enganar. Por debaixo daquilo, havia alguma coisa. Disse ele: — O resultado negativo do meu confrade de Viena devia ser suficiente. Meu confrade é um homem eminente. O que ele não pôde encontrar, também eu não o encontrarei. De qualquer modo, vamos fazer um exame de sangue.

Irlen concordou. Talvez fosse uma boa medida, replicou com o olhar perturbado. Sem dúvida, no campo do microscópio, descobrir-se-iam protozoários. Não era assim que eram chamados aqueles animaizinhos? Logo no primeiro trimestre, apanhara malária. Ninguém escapava. E não ignorava que existiam diversas variedades — variedades ainda pouco conhecidas e, por isso mesmo, mais perigosas. Sabia-o bem e para isso estava preparado.

— Ora, esperamos que não haja nada disso! — exclamou o médico-chefe sem grande convicção. — O senhor sente calafrios? — perguntou abaixando-se como que por acaso para apanhar no tapete um alfinete de segurança.

— Não. Por enquanto não.

— Um momento, caro amigo.

Segurou a nuca de Irlen entre o polegar e o indicador, apertou-a de leve.

— Sente dor? — Não.

Os dois se olharam em silêncio. Era um silêncio pejado de todas as possibilidades existentes entre a vida e a morte.

Foi tirar sangue na manhã seguinte no laboratório de bacteriologia. Um médico assistente picou com a ponta do bisturi o lóbulo da orelha de Irlen e recolheu na lâmina uma minúscula gota de sangue. Era tudo. À noite, comunicar-lhe-iam o resultado. No caso de ter febre, o Dr. Ahrens lhe prescreveu duas gramas de quinino, dose a ser repetida nos quatro dias subsequentes. No momento, julgava inútil dar-lhe uma injeção, pois, segundo todas as probabilidades, suportaria aquela dose. Fato estranho: Irlen não esperou pelo resultado. De volta ao hotel escreveu algumas linhas ao doutor pedindo que enviasse o resultado para o endereço do seu primo, o Conselheiro Waldstetten, em Dresden. Um negócio urgente o obrigava a partir imediatamente. Mero pretexto. Jamais estivera em muito bons termos com o conselheiro e, como já dissemos, era somente com seu filho Robert que mantinha amizade. Mas, assim mesmo, uma hora antes, a ideia de ir vê-lo ainda não lhe ocorrera.

Telegrafara. Encantado de poder ter Irlen só para si, Robert veio buscá-lo na estação. Sua mãe estava fazendo uma cura de águas em Marienbad, o conselheiro ficava preso o dia inteiro no ministério pelos seus negócios. Passaram a noite na Ópera, depois ficaram ainda muito tempo conversando. Irlen não se sentia mal. O brilho de seus olhos espantou Robert. Julgou, no entanto, que eram seus pensamentos que lhe acendiam esse fogo interior.

— Você ainda está mais formidável que antigamente, tio Irlen — disse em meio da conversa. E não pôde deixar de se rir do seu entusiasmo.

Não podia pensar em dormir. Robert dera-lhe o manuscrito de sua tese de doutorado — um estudo histórico sobre o caráter endógeno do Trágico no destino dos Hohenzollern. Leu alguns trechos. Interessou-se. Enquanto ref letia, a mão seca, estranhamente emagrecida, desenhava uma sombra escura no branco do papel. Um anel antigo, feito de elos de ouro, adornava seu anular. Seus dedos tinham um ar decidido, um pouco como se fossem cinco pessoas de uma mesma família que, depois de uma reunião movimentada, voltassem tranquilamente para casa. “Que sutileza, que arte neste estudo”, pensou. “Quanta nobreza, e que estilo! Mas, como poderá sair bem disso? Todas essas ideias são ideias assimiladas. Por mais que faça para torná-las suas, jamais conseguirá”. Os primeiros alvares da madrugada filtravam pelos intervalos das cortinas, quando pela décima segunda vez se apurou, tentando sacudir o peso que lhe oprimia o peito como chumbo.

Apenas havia se sentado à mesa para o café, Robert já lhe entregava uma carta trazida pelo expresso. O envelope tinha gravado o emblema do Instituto de Berlim. Irlen o depositou junto à xícara e pareceu esquecê-lo, enquanto conversava com Robert sobre sua tese. No fim de alguns momentos, o rapaz deixou de escutá-lo e, lançando um olhar de soslaio sobre a carta, disse: — Você não a quer ler? Provavelmente é uma notícia importante... — É possível — disse Irlen amavelmente. — Mas seja dito entre nós, creio que é preferível que eu não a leia.

Com um sorriso despreocupado, apanhou a carta, rasgou-a pelo meio e, depois, em pedacinhos cada vez menores. Com mão nervosa fez uma bola de todos esses pedacinhos de papel, levantou-se e atirou-a no fogo.

— Há muitas cartas que é melhor nem mesmo abrir — disse num tom desinteressado. — Sabe-se de antemão que trazem desgraça.

Robert tomou um ar surpreso. A entrada de seu pai, que vinha enfim cumprimentar o hóspede, impediu-o de responder.

Irlen ainda não havia trocado vinte palavras com o conselheiro e já sabia que partiria naquela tarde mesmo. Não podia tolerar aqueles: “Então, estás de volta? De onde vens? Onde vais? Que fazes?”. E ainda: “Levas a vida facilmente, sentado no teu camarote, observando tranquilamente os outros, enquanto nós labutamos”. Ou então: “A mim também não me desagradaria viver a correr mundo”. Isso tudo no tom jovial de um professor que não sabe bem se deve aprovar ou não a traquinada de um aluno com quem os outros estão em geral satisfeitos. Robert estava pisando em ovos.

— Se você me permite, deixo-o com papai — disse, virando-se contrafeito para Irlen, e desapareceu.

O conselheiro tinha tanta segurança em si mesmo em relação a Irlen, que tomava o seu tom de superioridade como um sinal de cordial benevolência. No fundo, considerava-o como um desertor que procurara refúgio numa vida de aventura, sem conseguir, no entanto, vencer como desejava. No seu meio, as pessoas achavam que, do ponto de vista social, afastar-se, fosse apenas por um momento, do caminho que fora traçado pela família e pelo destino, era passar recibo abertamente do próprio fracasso. Em tais condições, era tão difícil entrar em entendimentos que era preciso, de cada vez, fazer um esforço para o conseguir. Fez um esforço e perguntou pela tia Viktorine, mãe de Irlen. Quanto este lhe confessou que não a havia ainda visto, se bem que duas semanas e meia se tivessem passado desde sua chegada à Europa, o conselheiro arregalou os olhos. Não sabia bem o que dizer. Por um lado, tinha vontade de censurar essa falta de consideração que não podia compreender — e não tinha direito de o fazer, dado sua idade, sua situação? Mas, por outro lado, Irlen o intimidava um pouco. Para demonstrar, de um modo qualquer, seu descontentamento, dirigiu suas críticas para assunto mais espinhoso: o casamento de Ernst Bergmann com sua Senhorita Martersteig. Espantava-se que Irlen não se tivesse oposto a esse casamento que datava de antes da sua partida. Como Irlen se conservasse em silêncio, o conselheiro se pôs a falar a torto e a direito. Ernst era certamente uma cabeça. Tinha feito caminho com uma

rapidez espantosa. Mas parecia, apesar disso, que lhe faltava um pouco de espírito prático. Vivia nas nuvens. Podia ser que, de um modo geral, nada se pudesse dizer contra o nome dos Martersteig, se bem que... Irlen o interrompeu observando secamente que apenas conhecia Marie, que dela não havia guardado senão uma vaga lembrança. Em todo caso, o pai tivera uma bela situação, e acrescentou, levantando-se bruscamente: — É um homem a quem devo muito.

O conselheiro fingiu ter esquecido esse fato importante.

— Ah, é verdade! — disse, batendo na testa. — Durante um certo tempo, você manteve com eles relações muito estreitas. Não era ele... — Um dos nossos mais eminentes professores de direito político, certamente — disse Irlen, olhando as unhas com grande atenção.

— Mas, em política, sem bem me lembro, não se podia contar muito com ele... Tinha tendências radicais, não? Um democrata? Ou minha memória me estará traindo? — Não, não o está traindo. Não poderia fazer de outra maneira, senão ser da oposição. Um espírito extraordinário e um grande caráter. Se não o tivéssemos perdido tão cedo, teria prestado ao país um grande serviço. Se bem que, pelo que se vê, nunca pudesse contar com a gratidão pública.

A alusão era bastante clara. O conselheiro tossiu. Franzido o sobrolho, disse com indiferença: — É questão de opinião. E eu fico com a minha. De qualquer maneira, a filha, esta Marie, não possuía um tostão, e não somente isso, mas os negócios do pai estavam tão embrulhados que o seu sobrinho teve de pagar cinco mil marcos de dívidas que tinha deixado. Naturalmente isso produziu mau efeito. Esse casamento foi um erro. O nosso bom Ernst poderia conseguir outra situação, contraindo um matrimônio em condições mais razoáveis.

Sacudiu af litivamente a cabeça. Não era aquele caso particular, era a ordem em perigo que provocava o seu descontentamento de criatura intransigente. Estávamos na época em que o funcionário começava a

se tornar todo-poderoso e a desempenhar já, na sombra, o papel de ditador.

Durante a sua longa viagem no expresso, Irlen caiu numa pesada sonolência, perturbada pela angustiosa visão de seu primo, o conselheiro, que tinha surgido para estabelecer o caráter subversivo de suas opiniões e que ficava de sentinela no corredor, com um fuzil de baioneta. “Se ao menos essas pessoas não fossem tão convencidas”, pensava ele desacoroçadamente, e o mal físico que sua consciência queria negar refugiava-se em sua alma. “Se ao menos não tivessem essa terrível couraça de suficiência! Cheira a cadáver e tem gosto de cola! É a mania deles e é o que nos vem matando a nós. Ah! Se ao menos alguém pudesse nos livrar disso!”. E então, como se olhos que sonhavam sem conseguir o sono quisessem mergulhar em visões diametralmente opostas, o macaquinho Kiri-kiri lhe apareceu, exibindo uma tristeza emocionante, simplesmente porque havia apanhado uma noz vazia. Depois, foi a vez de uma árvore, um desses gigantes milenários, tais como só se vê naqueles países — uma paineira, cinzenta, solene, que se levantava no crepúsculo como uma pilastra de catedral. À volta de seu tronco espinhento, os inumeráveis ouambouttis, anões negros, reluzentes de óleo, dançando em roda. E, enquanto mantinha os olhos fixos neles, iam diminuindo cada vez mais até se tornarem microscópicos, não maiores do que protozoários... Chegou à casa de sua mãe como um pobre lobo ferido que se arrasta até a primeira toca que encontra para se refugiar.

CAPÍTULO II

Marie Bergmann soube por seu marido que Irlen havia telegrafado de Gênova. Empalideceu de emoção. Há anos esperava a notícia de seu regresso. Tinha sido uma ansiedade de cada instante que, sem que o percebesse, mantinha o seu espírito alerta. Por isso, sentiu mais vivamente ainda a alegria que sucedeu a essa angustiosa espera.

Vira Irlen pela primeira vez em casa de seu pai, quando tinha apenas seis anos. Ninguém havia prestado atenção à avidez com que, sentada

num banquinho no canto mais escondido do quarto, tinha bebido cada uma de suas palavras. Irlen falara com ela amavelmente e alguém lhe dissera: “É seu tio Irlen, Marie. Cumprimente-o”. Ninguém soube jamais que, ainda muito tempo depois, todas as noites, depois de ter feito suas orações, murmurava medrosamente emocionada: “Tio Irlen, tio Irlen”. Cada vez que ele voltava, arranjava jeito de avistá-lo, pelo menos por um instante. Depois, muito tempo se passou e contava ela já quatorze anos quando veio a revê-lo em Bad Ems, onde Irlen viera em visita a seu pai por ocasião de uma estação de águas. Enfim, mais tarde, quando já noiva, estando em Dresden em casa da viúva do senador Irlen, pôde pela primeira vez chamá-lo realmente de tio. Não teve a impressão que ele desse a menor importância ao fato de ela ter se tornado sua parente por afinidade. Pelo contrário, parecia que, aos olhos dele, Marie Martersteig era mais do que Marie Bergmann. Aos olhos dela, porém, a superioridade de Ernst Bergmann sobre todos os demais consistia simplesmente no fato dele ser sobrinho de Johann Irlen que, de certo modo, aparecia a seus olhos como o intermediário entre as potências superiores desse mundo. (Não esqueçamos que tinha apenas dezoito anos quando ficou noiva, tendo apenas concluído seu curso ginasial). Conhecia bastante minuciosamente a vida de Irlen. Tinha seguido com interesse, nos últimos anos, tudo o que a seu respeito aparecera nos jornais, sua expedição à África tendo sido muito comentada. A Senhora Irlen lhe lia, de quando em quando, trechos de cartas do filho. É verdade que este raramente escrevia à sua mãe. Suas relações não eram de grande intimidade. Quando, a pedido dos netos, a velha senhora veio se instalar na Vila Bergmann, ficou bastante surpresa ao ver que, ao lado de seu apartamento, haviam preparado três grandes quartos para Irlen. Era Marie quem havia tido a ideia e que a executara. Pouco a pouco levava o marido a concordar com ela. Queria proporcionar, ao viajante de volta à pátria, um lar, sem se preocupar em saber se ele se fixaria ali ou se estava apenas de passagem. A Senhora Irlen passava, aliás, a maior parte do ano viajando. Era uma mania sua. Não podia permanecer muito tempo no mesmo lugar. Ela mesma se apelidava “a incorrigível viajante”. Estivera no Japão, na China, no México. Tinha amigos em todos os cantos da

Alemanha que visitava constantemente. O filho dela tinha herdado, em parte, esse gosto pelas viagens.

Ernst Bergmann não nutria nenhuma particular simpatia por seu tio Irlen. Estimava-o muito, inclinava-se de boa vontade ante a superioridade de seu espírito, mas muitos aspectos de seu caráter lhe eram e permaneciam estranhos. A atitude política de Irlen lhe era mesmo bastante antipática porque, apesar de muito moço, tinha opiniões nitidamente conservadoras e se opunha abertamente a qualquer atentado contra a ordem estabelecida. Além disso, recebera educação católica e não podia aceitar uma natureza tão francamente protestante como a de Irlen. Reconhecia isso com toda a lealdade. Contudo, fazia questão, escrupulosamente, de não perturbar a veneração de Marie por Irlen. Era excessivamente reservado para fazê-lo, tinha a alma grande demais e, além disso, venerava Marie e não queria se arriscar à menor crítica ou ao mais leve protesto contra ela. Às vezes, porém, acontecia-lhe pensar sobre a natureza desse sentimento. Parecia-lhe difícil explicá-lo. Era, sem dúvida, um sentimento simples demais para seu espírito habituado a problemas filosóficos. Não se tratava de afeição, nem de necessidade de idealizar, de transportar para um amigo de seu pai o amor que por ele tivera. Não era nada disso. Ou, pelo menos, não era só isso. O pai, é verdade, fora tudo para ela. Sua imagem presidira a toda a sua formação moral e, quando a morte lhe roubara esse pai idolatrado, no pedestal vazio, havia tentado pôr aquele que mais se lhe assemelhava. Nenhum elemento erótico existia nisso. Reta como era, isso seria de todo impossível. Dada a sua personalidade, um intransponível abismo fatalmente a separava da pessoa de Irlen. Disto, Ernst tinha certeza. Interrogá-la de pouco serviria. Saía tão dificilmente fora de si mesma que não era possível obrigá-la a se expandir. Abria então olhos tão espantados que se tinha a impressão de ter sido indiscreto. Ficava-se logo com vontade de retirar o que fora dito.

Marie poderia ter-lhe respondido: “Venerar alguém, acreditar nele, não chega como explicação? É simplesmente a felicidade, o milagre”. (Afinal de contas, era culpa dele não compreendê-la. Será necessário

explicar coisas como essas?). Sim, o desejo de venerar alguém pode causar grande sofrimento. Mesmo a uma criança. Quando a vira pela primeira vez, parecera-lhe que ele personificava, como o Conde de Almaviva, o que podia imaginar de mais nobre no mundo. (O pai a levava, poucos dias antes, à *As bodas de Fígaro*). Ficava sentada, os olhos pregados nele, desejando sinceramente se levantar e fazer-lhe três reverências como nos contos das *Mil e uma noites*. Uma vez, fez certa observação que jamais esqueceu. Há frases que, mesmo sem ter nada de particular, ficam em nós para sempre. Ela o revia, no seu uniforme azul escuro com duas filas de botões. Saía do quarto vizinho que estava às escuras e onde esquecera um livro. E dizia a seu pai: “Quando atravesso um quarto escuro, sinto em mim o universo inteiro”.

Essas palavras lhe pareciam terríveis. Terríveis e verdadeiras. As verdades realmente verdadeiras possuíam sempre para ela qualquer coisa de amedrontador. Mais tarde, deixou de apelidá-lo de Almaviva para chamá-lo de Hyperion. Não se tratava de simples exaltação. Nem tampouco era efeito das leituras. Isso não estaria de acordo com o seu modo de ser. Eleva-se a pessoa que se admira o mais alto que se pode por necessidade de levantar os olhos. Será isso coisa assim tão difícil de compreender? Não, Marie não pertencia à classe dos que se entorpecem com ficções. Pelo contrário, às vezes era nelas que retomava consciência de si mesma. Quando se sentia abatida, recorria a esse auxílio: o milagre podia se dar. Aos dezesseis anos correu a seu respeito uma anedota divertida. A mãe de sua melhor amiga, a Senhora L'Allemand, esposa de um conselheiro, ocupava-se ativamente com obras filantrópicas. Pensava, outrossim, ter o dom da palavra e por isso gostava de se fazer ouvir em reuniões públicas. O pai de Marie, que tinha muito espírito, dela havia dito um dia: “Essa honrada senhora tem qualquer coisa de um guarda-civil a quem se ensinou a ser humano e que vai prendendo as pessoas por bondade”. Marie, testemunha de sua absorvente atividade, não podia deixar de pensar em alguém que percorresse, munida de um espanador, o local de um incêndio espanando as cinzas num tremendo desejo de ser útil. Um dia, a Senhora L'Allemand levou Marie, junto com sua filha Tina,

amiga de Marie, a um *meeting*. De pé na tribuna, proferia seu discurso com voz estentórea, e com tanta força e um tal fluxo de palavras que Marie, envergonhada, sentia vontade de se esconder num buraco. Apertada entre outras duas pessoas, não podia fugir dali e não achou outro meio de escapar àquele burburinho de palavras senão ficar repetindo mentalmente: “Eis que de novo enches vales e bosques com tua claridade doce e brumosa e que enfim libertas minha alma de todas as suas prisões”.¹ Mais tarde, confessou tudo isso a Tina.

Conhecia Ernst Bergmann desde os treze anos. Frequentava a casa dos L’Allemand, posto que os dois irmãos de Tina eram seus amigos. Sempre lhe fora simpático. Durante anos a fio viu nele apenas um companheiro de jogo, um camarada um pouco mais velho do que ela. Que, por sua parte, ele pensasse nela com sentimentos diversos, que uma paixão pudesse ter nascido nele — paixão que lhe transtornaria a vida —, nunca havia sonhado. Era insensível e fria como todos aqueles que ainda não acordaram para a vida sentimental. Tinha antes jeito de menino enérgico, um pouco sonhador, do que de mocinha. Nunca tivera namorados. Era tão pouco faceira que lhe bastava saber que não era feia para se sentir satisfeita. Adorar alguém — disto, sim, era bem capaz —, admirá-lo secretamente, tecer em torno dele as mais belas imagens e maquinar durante dias inteiros projetos para conseguir captar um olhar seu — a isto se limitavam sua imaginação e seus desejos. É provável que Ernst Bergmann tivesse ficado gostando dela desde o seu primeiro encontro. Via nela um ser de uma esfera superior, uma inacessível Diana. A nobreza que punha sempre nos seus atos e a ideia que fazia de sua responsabilidade e de sua honra, fizeram-lhe trancar em si mesmo esses sentimentos, como se se tratasse de rigoroso segredo. Era rico, herdeiro único de uma grande fortuna. Parecia-lhe que suas riquezas complicariam, mais do que auxiliariam, a conquista de Marie. Sabia como era orgulhosa, educada com simplicidade, dando pouca importância ao dinheiro e ao luxo. Mas o destino o ajudou. Um dia, teve que partir para uma viagem bastante longa e veio lhe dizer adeus. Num momento de exaltação, beijou-a na boca. Marie ficou a princípio muda de espanto. Depois, sorriu, perturbada e feliz, e devolveu-lhe o beijo. Tomava por amor o

sentimento de profunda afeição que ele lhe inspirava. Quando se casaram, uniu-se a ele como a um irmão a quem quisesse afetuosamente.

Semanas se passaram. Ela pensava: “A verdade é que ele não virá mesmo nunca. Que pode uma pessoa como Irlen vir fazer numa cidadezinha desinteressante como esta?”. E no entanto esperava, dia após dia. Dispunha flores nos vasos, e modificava-lhes por mais de uma vez o arranjo, perguntando-se se estariam a gosto dele. Punha-se às vezes diante do espelho para examinar-se a si própria da mesma forma como o teria feito a crítica mais rigorosa desse observador que não existia senão na sua imaginação. Não se tratava de vaidade, e sim de temor. No receio de desagradar aquele cuja opinião representava tudo para ela, acabava por fazer de si mesma um juízo altamente injusto. “Além de ser mulher”, pensava, “sou uma mulher irritável, dupla razão para que ele deixe de achar em mim qualquer encanto”. De pé, junto à sua pequena biblioteca, acariciava de leve as lombadas lisas dos volumes, conjecturando se ele concordaria com a escolha dos seus livros. Compartilharia de sua predileção por este ou aquele? Todos os dias à mesma hora saía pelas encostas a passeio com a filha, ora só, ora em companhia da governante. E um pensamento a perseguia: “Como fazê-lo interessar-se por Aleid?”. A criança chamava-se na realidade Adelheid, Johanna Adelheid, donde tirara esse nome pouco habitual de Aleid, destinado a impedir quanto possível às pessoas criarem-lhe diminutivos ou apelidos (as duas sílabas representando sério obstáculo às tentativas de avós e tias). Uma linda criança, ninguém poderia negá-lo, com seus cabelos castanhos de tonalidades acobreadas, lembrava um pequeno querubim veneziano. Ocorria-lhe então que ele não apreciava crianças. Estava presente uma vez em que uma senhora da sociedade apresentara-lhe seu filhinho de três anos. Seu rosto exprimira então tamanho sofrimento e temor que a jovem mãe, sem qualquer formalidade, apressara-se em afastar quanto antes o pequeno personagem causador do incidente. “É pena”, refletia ela. “Como chegar a interessá-lo ou a causar-lhe prazer?”.

Acima de tudo, Irlen preocupava-se em ocultar de sua mãe o seu estado. Não ignorava a dificuldade de uma tarefa dessa natureza. Era uma mulher fria, que se ocupava de preferência dos seus interesses particulares do que dos outros. Dispensara aos filhos os cuidados que exigiam seus deveres de mãe, e não fora mais além. Johann exercia sobre ela um ascendente incontestável; num certo sentido orgulhava-se mesmo dele; entretanto, no que dizia respeito ao seu modo de vida, aos seus princípios, às suas opiniões sobre as coisas e as pessoas, sentia que um mundo os separava e não fazia mistério dessa opinião. A única criatura que tinha um lugar no seu coração era Ernst Bergmann. Depois da morte da filha e do genro, pais de Ernst, ambos desaparecidos em um naufrágio no Mediterrâneo, procurara desempenhar junto a ele o papel de mãe: vã tentativa, pode-se dizer, tratando-se de um rapaz de dezenove anos já feitos; o simples fato de experimentá-lo, no entanto, não deixara de causar surpresa entre aqueles que a conheciam melhor. Desde essa época, seus sentimentos para com o homem tranquilo, bem educado, delicado e nervoso, dotado de um caráter firme, que era o seu neto, nada haviam perdido do carinho que os inspirava; achava-o perfeito sob todos os pontos de vista; era a única pessoa a quem ouvia com atenção. A notícia de seu casamento causara-lhe a princípio indignação; logo, porém, se convencera de que Marie era realmente uma companheira digna de Ernst. E como, por outro lado, não se entendia mal com ela, resignara-se com a situação. “Ou esta ou outra, é melhor que seja a que vai mais ou menos do que a que não vai de todo”, costumava dizer. Fizera na cidade uma multidão de novas relações das quais dera conhecimento a Irlen desde o primeiro dia. Havia entre outros os Gaupp, uma gente encantadora; ele, o Professor Gaupp, era um teólogo (não havia de que se assustar, trata-se de uma ciência como outra qualquer); pensava convidá-los um dia para tomar chá, eram ambas pessoas muito cultas; ela fora, quando solteira, uma Hiller, de Hillesheim. (Lembra-se daqueles Hillesheim que em 1907 tiveram um ruidoso processo acerca de uma herança?). Irlen tentou amavelmente recordar-se, porém sem o conseguir.

Nele, nada observou de particular, nada percebeu. Ali continuava, figura alta e imponente, a testa coroada de cabelos brancos, um broche de ouro antigo ao pescoço, cheia de dignidade e cortesia, imagem viva da saúde, da satisfação do mundo e de si mesma. Tristeza e preocupação eram-lhe desconhecidas.

Irlen desfez as malas — ter de abaixar-se continuamente foi um martírio —, fez imediatamente a relação de determinados objetos que colocou no quarto que dava para o jardim e era um pouco menor que os outros. Eram papéis, cadernos de anotações, desenhos, montes de fotografias a classificar. Ao fim de uma hora não suportou mais e foi obrigado a deitar-se, o corpo alagado de suor. Quando seu pulso se acalmou e desapareceram as moscas volantes que dançavam diante de seus olhos, voltou ao trabalho até sentir-se desfalecer novamente. Pensara em tomar um criado, depois desistira à lembrança de ser fiscalizado por olhares estranhos. Mandara deixar seu cartão no andar de cima, onde moravam os Bergmann, que manifestaram a intenção de vir vê-lo no dia seguinte; ele porém pediu-lhes que esperassem até o domingo. No intuito de evitar entrevistas demasiado longas com a mãe, evitava comparecer às refeições nas horas regulamentares; para isso alegou um trabalho urgente a realizar, um artigo destinado a um congresso anual de geografia.

Os dias ainda eram toleráveis; pior que tudo eram as noites, quando a febre o queimava; o termômetro chegara a alcançar 39,7° e era aquele terrível formigamento nos braços e nas coxas, e a angústia das crises de sufocação. Tomava agora o quinino às colheradas; há muito que ultrapassara a medida normal, e assim mesmo as doses mais fortes já não produziam qualquer efeito. Pensou em partir. Mas para onde? Não tardaria a sucumbir a uma daquelas crises. Internar-se em um sanatório, submeter-se às experiências dos médicos, infligir-se a si mesmo uma reclusão de muitos meses, tendo em vista um resultado incerto? Talvez que o tempo, a natureza, tomassem a si o encargo de curá-lo. A doença tinha suas fases, suas curvas próprias; uma melhora se fazia às vezes sentir precisamente no momento em que se julgava não poder suportar a próxima crise. O fato era conhecido. (Nesta

época, acreditava ainda que o seu mal fosse o impaludismo agudo). E, no fim das contas, se a natureza se revelasse impotente, que esperar da ciência, cujas regras e experiências são puramente aproximativas? Cada um morrerá da morte que lhe reserva o destino, eis tudo.

Apenas, o difícil não é morrer, e sim encaminhar-se para a morte.

Para a visita do jovem casal, marcou o espaço entre cinco e sete horas da tarde, período em que se sentia mais seguro de si mesmo. À chegada dos visitantes, desculpou-se por não se ter apresentado em sua casa, alegando ressentir-se ainda da fadiga da viagem e sentir dificuldade em dispor-se a sair de casa.

— Um ambiente encantador, este que vocês me arranjaram — disse, fitando Marie com olhar perscrutador, como se não estivesse certo de vê-la aceitar esse “vocês” pouco polido.

Não dispunha, porém, da fórmula que lhe permitisse dizer separadamente “você” a Ernst e “a senhora” à moça. Marie sentia-se extremamente contrafeita. Por diversas vezes, preparou-se para dizer qualquer coisa que não fosse uma simples tolice ou uma banalidade, mas fracassou lamentavelmente. Por fim, contentou-se em ficar simplesmente sentada e tomar conhecimento da presença dele a seu lado. Ernst falava da vida na faculdade, das diferentes agremiações de estudantes e das influências às quais estes se achavam sujeitos. Timbrava em não formular a menor crítica, apresentando os fatos com a maior objetividade e a maior clareza possíveis. Falava bem, com uma voz suave cujo timbre discreto era agradável ao ouvinte. Marie observava-o atentamente e mesmo com uma certa dose de curiosidade, como se de certa forma o visse através dos olhos de Irlen. Abaixo dos cabelos louros, cuidadosamente separados por uma risca, a testa lisa e estreita fazia pensar numa folha de papel imaculado. A testa era o traço mais marcante e mais nobre de sua fisionomia. A boca era grande e não tinha beleza; quando sorria, os lábios descobriam gengivas pálidas. Dir-se-ia que cada sorriso exigia dele uma decisão própria. “Ele é extremamente simpático”, foi a conclusão do exame

inquieto de Marie; e soltou um pequeno suspiro de alívio. Irlen ouvia o sobrinho com um interesse polido. Uma ou outra vez dirigia uma pergunta a Marie e então fitava-lhe, não os olhos, mas a boca. Esse fato, ela já o observara por parte de outras pessoas; habitualmente deixava-a indiferente; desta vez, serviu para exaltar nela a consciência de seu valor próprio. Tinha um sorriso extremamente sedutor; os lábios arqueavam-se numa curva graciosa que deixava à mostra os dentes grandes (sem chegar ao extremo de afirmar que o fato de ter dentes grandes constitui na mulher um sinal de inteligência, posso dizer que as mulheres tolas possuem em geral pequeninos dentes de rato) e seus traços se iluminavam de uma alegria de viver física ou voluptuosa que era quase comunicativa. Ela percebeu sinais de cansaço na fisionomia de Irlen e fez sinal ao marido. Retiraram-se. Já em casa, Ernst perguntou-lhe: — Não o achas bastante envelhecido? — Não sei — respondeu Marie, tomada de surpresa. — Foi esse o efeito que te fez? Acho-o uma figura imponente.

— Com efeito, faz lembrar os cavaleiros que se veem esculpidos em certos túmulos da Idade Média.

Marie refletiu um instante, após o que tomou-lhe a cabeça entre as mãos, ou antes limitou-se a passar-lhe de leve os dedos pelas faces e pousou-lhe sobre a fronte um beijo leve como um sopro. Era uma carícia típica, que representava a expressão exata dos seus sentimentos.

Entre algumas dezenas de cartas empilhadas sobre a escrivaninha de Irlen, havia uma a que não queria deixar de responder imediatamente. Os amigos tomavam conhecimento de seu regresso e todos desejavam notícias. Paciência, teriam de esperar; entretanto, não podia fugir ao apelo daquele amigo de vinte anos, em vésperas de tomar uma deliberação bastante grave que o comprometeria pelo resto da vida. Escreveu-lhe uma carta extremamente amável e minuciosa e depois que, com sua caligrafia arredondada, ágil e leve, cobriu páginas e páginas consagradas exclusivamente aos assuntos de interesse do amigo, passou a falar de si mesmo, e acima de tudo da dificuldade que experimentava em reatar com o passado os laços que há dois anos

atrás tão abruptamente cortara. Sobre seus sofrimentos físicos, nem uma palavra. Para quê? Se estava incapacitado para agir, nada mais lhe restava senão abdicar, à semelhança dos reis de Esparta que só conservavam sua dignidade enquanto se mostravam vigorosos e capazes de pegar em armas. Reconhecer-se enfermo equivalia a renunciar e passar a direção de seus negócios a outras mãos mais habilitadas. Se me sinto doente, trato-me, faço-me tratar, mas já não espero que os outros contem comigo para nada. O comboio deve respeitar o horário, os viajantes não se podem permitir esperar pelo companheiro que se atrasou em caminho.

No íntimo, nunca até agora acreditara numa doença séria. Quando, na manhã seguinte, despertou do torpor costumeiro sentindo na nuca uma dor surda, correspondente a um endurecimento que a palpação lhe revelou, teve a impressão de mergulhar num buraco cheio de um líquido viscoso. Não tinha suficiente fortaleza de espírito para deixar de atribuir a esse sintoma a importância que ele merecia, e nem era inexperiente a ponto de, diante da evidência, insistir na hipótese de uma enfermidade benigna. Um pouco mais tarde, tirando a camisa encharcada de suor, observou sobre o peito três manchas cor de tijolo, do tamanho de um palmo cada uma.

Dois dias mais tarde, Marie despertou por volta de três horas da manhã com a impressão de ter tido durante o sono o espírito constantemente preocupado com Irlen. Alguma coisa nele a inquietava, sem que pudesse definir o que fosse. O alto conceito em que, durante todos esses anos o tivera, não fizera senão confirmar-se, excedendo mesmo às suas expectativas. Era incapaz de definir suas impressões; tudo aquilo era tão natural, e o que é natural dificilmente se enquadra em fórmulas. Sua presença despertava nela uma sensação de perfeita harmonia; não se lembrava de ter jamais gozado uma tão perfeita felicidade espiritual. Coisa estranha, a imagem física de Irlen apagava-se quase por completo de sua memória; longe dele, tinha de fazer um esforço para recriá-lo em pensamento, fato esse que não lhe sucedia habitualmente; pelo contrário, era capaz de descrever, muito tempo depois e em seus mínimos detalhes, uma pessoa que lhe era

totalmente indiferente, encontrada ao acaso. Seria essa sensação da imagem assim diluída no domínio da sensibilidade, que a tal ponto a inquietava? Não saberia dizê-lo.

De repente, ouviu gemidos abafados; a voz parecia vir de baixo, do jardim. A noite estava quente, deixara uma das janelas escancarada. Sentou-se na cama e prestou atenção; voltou a ouvir os gemidos. Deslizou sem ruído para fora do leito, correu para a janela e debruçou-se. Ouviu-os ainda. As copas das árvores erguiam-se silenciosas e sombrias; o repuxo murmurava. Pôde então localizar o ruído: vinha do quarto de dormir de Irlen, através da janela lateral. O lamento monótono repetia-se a intervalos regulares. Voltou para o quarto, enfiou rapidamente o roupão, chegou até a porta nas pontas dos pés para não acordar o marido que dormia no quarto ao lado, atravessou correndo o vestíbulo, arrancou o cadeado da porta de entrada; descalça, desceu precipitadamente a escada atapetada e embaixo tocou a campainha duas, três vezes, tão demoradamente que a ponta do dedo que apertava o botão ficou dolorida. Apareceu finalmente uma criada os olhos inchados de sono. Afastou-a, no intuito de ir acordar a avó, mas esta já se levantara; acabava justamente de sair de seu quarto, perguntando indignada a razão de ser de toda aquela confusão em plena noite.

— Corra para junto do tio Irlen, vovó — falou Marie ofegante. — Acho que ele precisa de ajuda.

Irlen estava deitado no divã, de pijama, encolhido sobre si mesmo, os joelhos apertados contra o ventre. Arrastara-se até ali, fugindo à fôrnalha em que se tinha transformado seu leito, e contemplava o sangue que brotava de um ferimento que trazia na coxa. Era um ferimento imaginário, qual o de Cristo na cruz. O sangue derramava-se em um tanque de mármore e formava um poço escarlate cuja superfície era ondulada por largas ondas concêntricas. Esse movimento provinha de uma multidão de seres de longa cauda que serpenteavam em torno uns dos outros como se fossem enguias; se chegava a distingui-los, é que seus olhos tinham as propriedades de

um microscópio. Via-os aumentarem de volume, e não tinha dúvida de que se alimentavam do princípio vermelho desse oceano de sangue, já que nos pontos onde, sendo mais numerosos, aglomeravam-se em massas compactas, o líquido rubro transformava-se numa pasta viscosa e acinzentada. Sentia necessidade de gritar, mas a garganta não emitia mais que sons guturais abafados; e quando, ao tentar inteirar-se do que o impedia de gritar, levou a mão ao maxilar inferior, constatou que os músculos estavam rijos como pedra. Ouviu baterem quatro badaladas no sino da catedral da cidade e constatou com uma sensação de melancólica satisfação que ainda era sensível à fuga do tempo. Bruscamente fez-se luz no quarto; alguém ligara o comutador. Moveu a cabeça e reconheceu a mãe. Na entrada, sentada numa cadeira, Marie não fazia um movimento. Quando raiou o dia, a crise tinha passado.

Com uma energia inesperada, a Senhora Irlen tomou o caso entre as mãos. Foram inúteis as tentativas de Irlen para tranquilizá-la. Em vão esforçou-se por fazê-la acreditar tratar-se da recordação que habitualmente deixam os trópicos, e que o paroxismo da crise fora debelado (três dias antes acreditara nisso ele mesmo, embora já não o fizesse agora).

— Não temos no alcance da mão tantos médicos eminentes? — contestou-lhe ela.

E apenas terminado o almoço, quis telefonar ao Professor L... Irlen suplicou-lhe que não o fizesse. Para provar que não se descuidava da questão, contou-lhe a consulta que fizera a Ahrens, em Berlim.

— E então? — quis saber a senhora. — E então? — Deu-me instruções muito minuciosas. É apenas questão de um pouco de paciência.

Seus dedos comprimiam as veias do pescoço; temia uma explosão de cólera como a que nos últimos tempos tivera no hotel, no caso dela continuar a insistir. Ela desistiu de prosseguir na discussão e, sem levar

em conta a resistência encontrada, por volta de nove horas telefonou ao médico. Responderam-lhe que estava de viagem ao Cabo Norte e não era esperado antes de dez dias. Ia informar-se sobre o nome do seu substituto e principal auxiliar, porém voltou atrás no seu intento. Desligou o telefone, voltou para perto do filho, que estava mergulhado na contemplação de uma caixa de especiarias graciosamente esculpida, proveniente da região de Avático, e falou-lhe no tom amável e insinuante que lhe era próprio: — Penso que já te falei nos Gaupp, não? Pois bem, eles têm uma filha de doze anos que estava há longos anos parálitica. Depois de haver experimentado uma série de especialistas famosos, dirigiram-se a um médico daqui, um médico de bairro como se encontram às dúzias, e acredite que o tal doutorzinho está pondo a criança novamente boa. É um caso extraordinário, os Gaupp estão exultantes, só falta colocarem o homem num altar. Tenho vontade de chamá-lo, Johann. De qualquer maneira, mal não te poderá fazer, e você deve reconhecer que não pode ficar sem um tratamento qualquer. Não me recordo seu nome, mas é fácil indagar com os Gaupp.

O futuro iria provar que a cura da menina Gaupp não era fato tão milagroso como o proclamava a Senhora Irlen. O próprio Joseph Kerkhoven descreveu o caso a Irlen, no curso de uma de suas primeiras visitas. Sob pretexto de uma nefrite crônica, haviam obrigado a criança a guardar sistematicamente o leito. Ele suspeitara da exatidão do diagnóstico e, após ter examinado e observado minuciosamente a doente, formara uma opinião inteiramente diversa. Um dia, fez levantar-se a menina, cujos músculos começavam já a atrofiar-se e que estava francamente anêmica, deu-lhe “resolutamente” (fora sua própria expressão, “resolutamente”) uma alimentação conveniente e habituou-a a fazer exercícios de ginástica com regularidade. “Foi arriscado”, concluiu baixando os olhos, “mas foi bem-sucedido. A ideia veio-me como que por acaso; foi uma dessas inspirações que nos chegam não se sabe de onde...”.

A Senhora Irlen conseguira seu intento; esgotada sua capacidade de resistência, Irlen cederá e concordará em receber a visita do Dr.

Kerkhoven, muito embora passada a grave crise daquela noite se sentisse infinitamente melhor que antes e recobrasse novas esperanças. A calma extraordinária do jovem médico e a extrema suavidade de suas maneiras tomaram-no de surpresa. A cada nova visita, sua presença proporcionava-lhe um bem-estar cada vez mais sensível; daquele homem emanava uma força apaziguadora, uma serenidade misteriosa como até então não lhe fora dado conhecer.

Viu-se forçado a confessar que destruíra a carta do Dr. Ahrens sem ao menos tomar conhecimento do seu conteúdo. “Escreverei ao Instituto”, foi a lacônica resposta de Kerkhoven. Passados dois dias, recebia a resposta com a designação da doença. Nela se indicava o tratamento apropriado, ditado pelos mais modernos conhecimentos científicos sobre o assunto; não se fazia objeção a que o doente fosse tratado em sua própria casa; e, para maior segurança de diagnóstico, aconselhava-se ainda fazer uma punção suboccipital. Durante longo tempo conservou o papel na mão. Por três vezes, repetiu a meia-voz o complicado nome latino. *Trypanosoma ougandense castellani*. “Hum!”, murmurou para si mesmo, enquanto sua fisionomia se ensombrecia.

Foi buscar o medicamento prescrito na farmácia do hospital, pois queria ao mesmo tempo certificar-se não ser ele nocivo à visão. A questão foi longamente debatida; por fim, um interno de meia-idade consultou seus apontamentos e forneceu a fórmula de um preparado equivalente do qual não se deviam temer resultados nocivos, a julgar pelos comunicados publicados pelo Instituto de Hamburgo sobre o estudo das doenças tropicais. Quando Kerkhoven chegou à casa de Irlen, ali encontrou Marie. Já da última vez isso acontecera; cruzara com ela na porta e se apresentara. Dificilmente se poderia explicar o motivo por que desde logo ela se colocou na defensiva em relação a ele; talvez influíssem para tanto seu aspecto rústico e o relaxamento de seus trajes. Quando ele penetrou no quarto, surpreendeu-a a expressão daquele olhar perdido ao longe. Enquanto se levantava para deixar os homens a sós, observou que também Irlen a fitava com curiosidade. Ao sair, ouviu-o perguntar: “Então, alguma resposta de Berlim, doutor?”.

Decidiu esperar Kerkhoven no jardim. Enquanto passeava lentamente de um lado para outro entre dois olmos, o chapéu de palha preso ao braço por uma alça, recordava mentalmente palavra por palavra o que Irlen lhe falava da África no momento em que o médico entrara. “Esse país não obedece às mesmas leis que os outros continentes; seus habitantes, sua fauna, sua flora, seus rios, suas montanhas, tudo escapa à regra habitual. Certos geólogos pretendem ser a África um astro estranho ao nosso planeta, que nele foi precipitado e a ele se incorporou, sem deixar de ser um corpo estranho. A hipótese é plausível. Tudo ali está como que hipertrofiado; a vida e a morte escapam à nossa medida comum. Um destes dias poderei mostrar-lhe fotografias de formações rochosas, de fenômenos os mais estranhos; tem-se a impressão de que, para medir a própria força, procurou a natureza esculpir primeiramente em pedra todos os gigantes da fauna e da flora, aos quais concedeu mais tarde uma forma viva”. Sentia ainda no ouvido o som de sua voz, a um tempo clara e rouca, revia os dedos cruzados das mãos de um moreno terroso e as pontas do bigode louro cortado rente que tremiam imperceptivelmente à medida que ele falava (enquanto os cabelos tinham embranquecido, o bigode conservara-se louro, o que representava para ela matéria de constante surpresa).

“Pergunto-me o que pensará ele das mulheres”, ref letia ela, e uma expressão de ardente gravidade descia sobre seus traços. “Para ele, evidentemente, uma mulher não passa de uma pessoa como as outras; julga-nos friamente, sem curiosidade, sem prevenção contra nós ou a nosso favor. No fundo, isso não deixa de ter um certo encanto, ao mesmo tempo que nos coloca inteiramente à vontade; para mim, não deixa de ser algo lisonjeiro que me permita ficar a seu lado sem que minha presença pareça incomodá-lo... Mal tenho coragem de formular este pensamento, e no entanto...”. Sorria para si mesma e, quando Kerkhoven saiu da casa, chegara quase a esquecer o motivo que a fizera esperar por ele. Dirigiu-se rapidamente ao seu encontro.

— Poderia dizer-me, doutor, que doença tem o tio Irlen? — perguntou abruptamente.

Kerkhoven baixou sobre ela o olhar, como se ela lhe chegasse à altura da cintura e não acima do ombro, como na realidade acontecia.

— Certamente que posso, minha senhora — replicou, fazendo um visível esforço sobre si mesmo. — Trata-se da doença do sono.

Marie sentiu um leve arrepio correr-lhe pelos ombros. Cerrou os olhos um instante e falou em tom velado: — O nome não me diz nada... É... alguma coisa de grave? Há perigo de vida? Kerkhoven fixava o topo de uma árvore (seu olhar parecia passar por cima da árvore, exatamente como passara por cima de Marie).

— Infelizmente, não lhe posso dizer senão o que tenho lido eu mesmo sobre o assunto — respondeu-lhe. — Se há perigo? Se quer que lhe fale francamente, sim. O que se deve acima de tudo temer é a desorganização completa do sistema nervoso. O germe é um dos mais perigosos parasitas que se conhece, e o agente transmissor um mosquito, o *Glossina Palpalis*.

— E existirá algum remédio eficiente que possa salvá-lo? Procurava encontrar o olhar dele que fugia sempre. Subitamente, teve consciência da extrema timidez daquele homem.

— Soube de alguns casos de cura — respondeu com circunspecção; seus lábios descorados revelaram dentes muito fortes, porém algo estragados (os dois incisivos eram sensivelmente apartados um do outro); de qualquer maneira, a evolução é sempre muito lenta. É difícil por enquanto avaliar a resistência do organismo; disso depende tudo mais.

Marie respirou profundamente.

— Acha o senhor — acrescentou hesitante —, que sozinho... quero dizer... o senhor me responderá com toda franqueza, não? — A senhora deseja saber se convém chamar outro médico em conferência —interrompeu Kerkhoven bondosamente —; no caso presente, de nada serviria; mas em absoluto farei oposição. (Passeava o olhar em

torno de si, como que à procura de auxílio). O que quero dizer, minha senhora, é que se fosse meu irmão eu não o faria; e isso em consideração à natureza particular do doente. Compreenda-me bem: se falo de um irmão, não se trata, no caso presente, de pura imaginação de minha parte. O médico mais eminente, qualquer que seja ele, em última instância fica sempre de fora... fica à margem. Compreende o que quero dizer: à margem... Para ilustrar a expressão, seguia desajeitadamente com o dedo o contorno da cabeça da moça. Marie seguiu-o com um olhar espantado até vê-lo alcançar o portão do jardim, com o andar de alguém que não gosta de sentir-se observado pelas costas.

CAPÍTULO III

Desde os primeiros dias de suas relações com Irlen operou-se em Kerkhoven uma transformação marcante. Fora até então — ou pelo menos parecera ser — um homem ponderado, dotado de espírito prático; agora, parecia presa de uma agitação febril. Tinha às vezes o aspecto de alguém a quem foi transmitido um grande mistério, uma notícia inesperada e de incalculável alcance. Completara há pouco trinta e quatro anos, e há oito praticava em sua profissão; era como se, assustado, interrompesse bruscamente sua marcha por um caminho sem escolhos. Imagine-se um mecanismo cujo funcionamento impecável viesse a desarranjar-se sem que fosse possível descobrir a causa: uma pequenina roda quebrada, uma mola partida, sabe Deus o quê. Aquele que tem a tarefa cotidiana claramente determinada e estritamente regulamentado o emprego do seu tempo, faz mal em deter longamente o pensamento em temas perturbadores, e especialmente em preocupar-se incessantemente daquilo que se passa no corpo e na alma dos outros homens; assim fazendo, coloca-se na situação de alguém que se detém a refletir diante do espelho enquanto em torno de si a casa se incendeia.

Que sucedera, afinal? Na realidade, nada mais que seu encontro com um homem cuja personalidade agia como se fora um foco luminoso.

Logo à segunda visita, além de tratar de questões de saúde, tiveram uma conversa que perturbou sensivelmente o equilíbrio moral de Kerkhoven, equilíbrio este que, como ele próprio então o reconheceu, achava-se já seriamente abalado. A causa dessa impressão não foi a natureza do assunto tratado, nem tampouco o caráter da discussão, e sim o ambiente em que ela se desenrolou. Era como se uma rajada de ar puro varresse tudo permitindo respirar livremente. Pelo fim de semana, Irlen mandou chamá-lo, por volta das dez da noite; as dores de cabeça o alucinavam. Kerkhoven ficou tranquilamente a seu lado até às onze horas; passadas as dores, conversaram até meia-noite e meia. A caminho de casa sob a chuva que caía, Kerkhoven deteve-se sob um poste de iluminação, como que petrificado. “Tudo aquilo que fiz e pensei até hoje, tudo o que dei a impressão de ser e o que fui realmente, não passaram de ilusão e tempo perdido”. Esta verdade acabava de feri-lo como se fora um facho de luz e punha fim a todas as indecisões que trabalhavam surdamente em seu espírito. O melhor, então, era deitar-se ali mesmo e morrer imediatamente. Ao mesmo tempo constatava, com uma surpresa juvenil, que conhecia nas redondezas perto de setecentas ou oitocentas pessoas das quais umas vinte ou trinta bastante a fundo e com suficiente intimidade, mas que aquele homem parecia-se tanto com eles quanto um mamífero com um inseto.

Não era dotado de facilidade de expressão, ou melhor, não tinha mais audácia para manifestar seu pensamento do que, por exemplo, um operário de instrução mediana. Muitas coisas passavam por sua cabeça, sem que se sentisse capaz de formulá-las; Irlen era a primeira pessoa que encontrava capaz de adivinhá-las sempre e, para sua estupefação, de exprimi-las em palavras. E subitamente as palavras pareceram também acudir-lhe. Nunca até então tivera claramente consciência de sua solidão; em presença de Irlen, esta lhe apareceu com a nitidez de uma chapa fotográfica. Timidamente procurou explicar o fenômeno; Irlen ouviu-o acenando com a cabeça, como se Kerkhoven acabasse de enunciar uma verdade profunda, e no fim declarou que aquilo representava uma característica da época.

— Todos aqueles que hoje em dia exercem uma profissão levam vida solitária — explicou; — alguns sofrem com isso, outros nem chegam a percebê-lo. Contam com suas associações corporativas e, na falta de convívios mais elevados, resta-lhes a modesta compensação das relações mundanas, que se encontram em todas as camadas sociais sob a forma corrompida que lhes é própria: as castas opõem-se ferozmente umas às outras, tanto no mundo dos operários como entre a nobreza e a burguesia. Nisso está a nossa desgraça; eis porque nos tornamos tão pobres. Raros são atualmente os homens de mais de trinta anos que têm um amigo; há vinte anos atrás, era preciso ser quadragenário para ficar reduzido a essa indigência; em 1930, um jovem de vinte e cinco anos já será um solitário. Aos vinte anos já terão esgotado todas as experiências eróticas e estarão perdidos para o amor tanto quanto para a amizade. O casamento por sua vez passa a figurar como uma dessas tristes compensações a que aludi.

Kerkhoven tinha o aspecto de um homem ingenuamente compenetrado do sentimento da própria culpabilidade. (Talvez julgasse que Irlen o acreditava celibatário; só alguns dias mais tarde é que mencionou a mulher). Num momento em que pensou que Irlen não o estivesse observando, lançou-lhe um olhar que parecia querer transpassá-lo. Tinha a impressão de que há muitos anos o conhecia, de que há muitos anos aquela cabeça estreita de índio, aqueles olhos azuis profundamente encravados, aquele aperto de mão breve, seco e rude que esperava sempre, à chegada e à saída, como se fora a ratificação de um entendimento indispensável, lhe eram familiares. Parecia-lhe absolutamente incompreensível que suas relações fossem tão recentes.

O casamento de Kerkhoven constituía um caso inteiramente singular, um caso “kerkhoveniano”. Alguns meses se passaram antes que Irlen tomasse conhecimento da situação, já que Kerkhoven não se decidia a mencioná-la senão através de vagas alusões. A história não deixava de ser interessante. Desde o tempo de estudante revelava-se antissociável e fugia sistematicamente ao convívio dos companheiros: não por orgulho, e sim porque, sendo de humor taciturno, aborrecia-se em companhia deles. Por outro lado, sua timidez natural paralisava

qualquer movimento nesse sentido. Não podia, em geral, suportar os divertimentos habituais aos estudantes, e nada lhe repugnava mais que aqueles desregramentos obrigatórios e aquela falsa glória que se media pela quantidade de álcool absorvida. Gostavam acima de tudo de falar de si mesmos, e a ele nada podia ser mais desagradável; quando alguma circunstância chamava a atenção sobre sua pessoa, fechava-se sobre si mesmo como um ouriço. Em sociedade sentia-se dominado por um aborrecimento quase doentio: se acaso era forçado a comparecer a alguma reunião, era tomado de pânico e dissimulava seu embaraço sob uma polidez afetada que produzia um efeito dos mais penosos; timbrava em dar a cada um seu título completo e à menor falha desculpava-se com tanta cerimônia quanto o infeliz criado do conto de Tchekhov, que espirrando no teatro, respingou toda a calva de seu patrão. Cometia evidentemente uma infinidade de “gafes”, às vezes ridículas. Entretanto, tendo firmado uma certa posição, adquiriu maior dose de segurança e mais desembaraço.

Enquanto acadêmico de medicina conhecera uma jovem italiana, Nina Belotti, natural de Trentino: bonita rapariga, extremamente viva e graciosa. Aos dezoito anos, tomara parte no movimento irredentista e vira-se implicada, sem saber bem como, num processo de alta traição; para escapar à prisão, teve de empreender um fuga precipitada pela fronteira suíça. Renegada pela família, que lhe recusou os próprios meios de subsistência, formou o projeto de fazer o curso de enfermeira na Alemanha. Nunca soube fornecer uma explicação razoável para o fato de se ter envolvido na luta política; possivelmente em consequência de alguma aventura amorosa, ou simplesmente para dar expansão a um temperamento ardente. Não sabia dizer ao certo o que esperava do movimento. Quando insistiam, respondia com os mais sovados lugares-comuns da cartilha revolucionária: a liberdade deve ser comprada com sangue, os opressores merecem a morte, e outros argumentos no mesmo gênero. Kerkhoven ouvia-a sempre sem protestar. Nem lhe passava pela cabeça a ideia de esclarecer as convicções de Nina ou de empreender sua educação.

Era de uma ignorância deliciosa, sem o mais leve toque de artificialismo, sem sombra de pretensão. E assim é que ela lhe agradava, assim desejava que fosse e que continuasse a ser. De que mais pode precisar uma mulher, além de uma dose razoável de bom senso, principalmente quando possui todas as qualidades físicas capazes de satisfazer ao homem? Durante muitos anos vivera em sua companhia; só depois de reunir uma certa clientela é que se decidira a casar. Antes hesitara, pesara todas as responsabilidades, lutara bastante para vencer certos escrúpulos; nunca tivera ocasião de lamentar sua decisão. Ela lhe era inteiramente devotada; ao mesmo tempo criada, amante, governante e secretária. Era corajosa, tinha coração generoso, e nem uma sombra de egoísmo. Não tinham filhos.

Uma coisa perturbava suas relações: a admiração sem limites que ela professava por ele. Neste ponto, era surda a todos os protestos, e chegava a perder o senso da realidade. Admirava tudo que ele fazia e dizia; admirava-o quando fazia a barba e quando lia o jornal, quando de mau humor ou bem disposto, quando examinava um doente ou quando jogava xadrez (gostava desse passatempo e, ao confessá-lo a Irlen, jogaram algumas vezes juntos); admirava-o de dia e de noite. Nesse sentimento fazia entrar a objetividade do visitante que num jardim zoológico extasia-se diante de um leão particularmente majestoso. Que podia ela fazer para deixar de ver nele um grande homem? Sua convicção não tinha uma base concreta; o mundo exterior não lhe fornecia qualquer ponto de apoio; não obstante, a seus olhos continuava a ser um grande homem. Evitava naturalmente exprimir essa opinião em público — quando mais não fosse, para evitar a cólera dele — mas, sempre que em sua frente se falava em obras notáveis, em realizações científicas ou profanas de qualquer espécie, fossem as de um poeta, de um aviador ou de um pugilista, tinha de fazer um esforço sobre si mesma para não se entregar a divagações entusiásticas em louvor do seu Giuseppe.

Suas ideias eram as de uma criança; para ela, Kerkhoven era de certa forma a única pessoa de importância, como o pai é a única pessoa importante aos olhos da criança que ele conduz. Ao mesmo tempo

havia nela um pouco do respeito supersticioso que a camponesa italiana professava pelo médico. Ele não o ignorava e de bom grado lhe perdoava, pois amava esse lado popular de sua natureza, tanto quanto amava sua língua e seu coração simples que nenhuma influência da civilização fora até então capaz de corromper. (Muitos anos mais tarde, quando já não passava de uma criatura vencida pela vida, cujas trevas intelectuais só de longe em longe um clarão fugidio vinha dissipar, costumava repetir, no mesmo alemão estropeado, todas as vezes que os ecos do sucesso de Kerkhoven chegavam até ela: “Eu sempre disse que isto ia acontecer”, e sua fisionomia iluminava-se de uma alegria comovente).

Quando alguém se põe a fazer de nós conceito tão alto que, mesmo julgando-nos com a maior indulgência, não podemos deixar de rejeitar essa opinião para o campo do mero delírio imaginativo, suas palavras acabam tendo para nós o mesmo sentido que o chilrear inarticulado de um passarinho. Se a criatura a quem ligamos a nossa vida pretende, com toda boa-fé, elevar-nos constantemente acima do nível em que desde o início e definitivamente nos colocamos, um sério perigo ameaça nossa vida em comum. Via de regra, é o amor-próprio que se sente atingido; aqui, sucedeu algo de mais grave. Quando, através das confidências hesitantes e prudentes que Kerkhoven aos poucos lhe fazia sobre seu próprio passado (que só então pareceu revestir-se da importância que de direito lhe cabia), Irlen pôde inteirar-se plenamente da situação, impressionou-o a estranha semelhança que pode existir entre os acontecimentos marcantes de um só destino humano. Tal constatação não era entretanto fato novo para ele; por mais de uma vez tivera ocasião de fazê-la. Muitas coisas estavam escondidas nas quais não se devia tocar e, no entanto, animadas por uma candura insensata, aquelas mãos escavavam sem cessar para desenterrá-las.

Kerkhoven não se julgava mais do que aparecia aos olhos dos outros: um insignificante médico de província cujo nome figurava nos anuários ao lado do de centenas de outros profissionais. A nada mais aspirava, convencido como estava de que nada mais conseguiria. Essa

opinião derivava de sua própria feição moral, do hábito de manter-se sempre na sombra, de diminuir-se constantemente aos próprios olhos. Sua modéstia, ou que outro nome se queira dar a esse traço de caráter, era uma enfermidade crônica a afetar o sentimento do próprio valor. Evitava cuidadosamente procurar a causa dessa anomalia. Certa vez em que Irlen fez, a esse respeito, uma alusão imprevista que o perturbou e forçou-o a lançar os olhos sobre aquelas “coisas enterradas”, foi como se, dentro dele, se tivesse desimpedido uma caverna dos pesados blocos de pedra que lhe vedavam a entrada. Esta sensação não lhe deu mais trégua nem descanso; esta e outras mais. Assim é que muitas pessoas carregam anos a fio um pesado fardo, a ponto de lhe esquecerem o peso pela força do hábito.

Eis aqui uma cena tomada ao acaso em seu consultório. Abre a porta da sala, corre os olhos pelos doentes que esperam pacientemente. Cada um preocupa-se com o próprio caso e reflete sobre a melhor maneira de atrair a atenção do médico. Estão ali cinco pessoas: uma mulher de rosto coberto por um véu preto, que vê pela primeira vez; um operário de cabeça enfaixada (uma barra de ferro fendeu-lhe o crânio); um velho de barba hirsuta e aleijado de um pé, que tosse e escarra sem cessar; um menino descalço, o rosto recoberto por um eczema, e ainda um tal de Schnaase, artista de cabaré, sífilítico, que há seis semanas comparece diariamente e recusa-se a consultar um especialista a pretexto de ter mais confiança em Kerkhoven. No momento em que, com um gesto, convida a moça de luto a entrar para o seu gabinete, surgem na sala outras duas mulheres, uma jovem que imediatamente se deixa cair numa cadeira, cobrindo os olhos com o lenço e outra de mais idade, evidentemente a mãe, que examina as pessoas presentes com o desprezo peculiar aos pequeno-burgueses enriquecidos. Com um ar importante, volta-se para Kerkhoven e pergunta-lhe se não pode atendê-las em primeiro lugar. Quando ele indica com um gesto as pessoas que já se acham à espera, ela se volta, indignada como uma prima-dona a quem se oferece um papel de figurante.

Hoje são estes, amanhã, outros. No final, dir-se-ia serem sempre os mesmos. Certa vez, diz a Irlen: — Há nessa contínua mudança uma

uniformidade que funde o caso particular com a massa e faz desta soma de sofrimentos uma mistura indistinta.

Irlen não responde, parece refletir. Kerkhoven desejaria exprimir-se com mais clareza, porém não encontra as palavras necessárias. Eis o que gostaria de dizer: “Ainda quando se trata de uma enfermidade definida, que recebeu uma designação exata, e foi objeto de discussões em congressos, de controvérsias em publicações técnicas... Ou então de um desses casos excepcionais que deixam a ciência a tatear nas trevas e levam-na até às zonas fronteiriças onde a ausência de todo e qualquer caminho faz menear a cabeça às maiores sumidades, levando-as a ouvir com atenção a enumeração dos sintomas feita por um colega dos mais obscuros; aí, sim, há interesse em lutar, em enfrentar um inimigo que eventualmente permite mensurar as nossas forças com as suas. Digo eventualmente... porque, meu Deus, bem sei que não podemos nos vangloriar de nossas possibilidades; à força de trabalho estafante, sentimo-nos como que anquilosados; dos resultados do esforço grandioso que um número incontável de sábios despendem em incontáveis laboratórios e clínicas, não nos coube senão uma parcela ínfima. Ler e trabalhar para si mesmo, quem pode? E no entanto, aquilo que se deixou de ler ou de aprender, é preciso suplantá-lo pela experiência. Ao menos é o que todos dizem. Mas o que é, afinal, a experiência? Uma sucessão de fracassos. Não obstante, ela confere uma certa dose de segurança ou pelo menos a coragem desesperada de não levar em consideração a própria carência de conhecimentos, ou ainda a coragem mais nobre de erguer, como uma defesa contra a vaidade e contra os crimes derivados da ignorância, a confissão da própria incompetência”. Eis aí aproximadamente os termos em que se exprimiria, se fosse mais eloquente. Irlen, entretanto, parece compreendê-lo; em sua fisionomia parece estampar-se uma resposta que é mais ou menos esta: “Creio, amigo, que tomou um caminho errado”.

Pouco mais do que um simples trabalhador braçal, eis o que desde cedo deliberara ser no âmbito de sua profissão. A culpa cabia toda, naturalmente, a ele só. Fora por sua própria escolha que enveredara

por aquela estreita existência burguesa. (E só agora, tanto tempo depois, é que começava a vislumbrar a razão dessa atitude; começava a compreender a si mesmo e, por mais longe ou mais fundo a que essa pesquisa pudesse levá-lo, já não temia mais o que até então evitara acima de tudo, o exame do seu próprio “eu”, exame que o faria descer até o âmago do seu próprio ser; ao mesmo tempo reconhecia que jamais teria chegado a esse ponto, se não houvesse conhecido Irlen).

Poderia naturalmente ter-se especializado em qualquer terreno, evitando assim paralisar-se no exercício da clínica geral. Essa especialização, porém, exigiria ainda muitos anos de estudos, e para isso faltavam-lhe os meios necessários. Queria acabar logo, e conquistar sua independência. Enquanto acadêmico, tivera com um chefe de serviço um incidente desagradável. Um grave erro deste último acarretara a morte de uma doente; nem por um momento cogitou de assumir a responsabilidade do fato; sem se perturbar, lançou-a toda aos ombros de Kerkhoven que não podia defender-se ou que, supunha-o com razão, era demasiado tímido ou excessivamente respeitador da autoridade para fazê-lo. As circunstâncias permitiam supor uma negligência por parte de Kerkhoven. Não se enganara o médico em seus cálculos; Kerkhoven não teve uma palavra para se defender. Altivo e taciturno como era, é provável que a experiência o tenha afastado de uma carreira capaz de reservar-lhe outras desagradáveis surpresas do mesmo gênero, antes de ter podido assegurar-se uma independência difícil de conquistar. Além disso, concebia a medicina mais ou menos como uma arte cujos milhares de facetas fundiam-se em um todo homogêneo, e o alto apreço em que a tinha impedia-o de especializar-se neste ou naquele de seus ramos (a placa na porta de seu consultório não mencionava qualquer especialização). Uma secreta tendência de seu espírito a procurar em tudo o lado humano sustentava nele essa ilusão, da qual entretanto, alguns anos mais tarde, poucos vestígios iriam restar.

Não pudera prever que sua vida se tornasse essa triste mediocridade. Da profissão que escolhera, fizera uma imagem inteiramente diversa. Que era ela hoje para ele? Quando tocou no assunto com Irlen, um

amargo desânimo parecia inflamar nele uma eloquência desusada. Procuravam-no para atender a um panarício, um dedo endurecido pelo frio, uma inflamação de pálpebras, um zumbido no ouvido. Queixavam-se de dores no abdome, de dores no peito, de dores nos membros, de náuseas. As crianças tinham varicela, sarampo, coqueluche e caxumba; os velhos eram gotosos e asmáticos. Empregadas vinham consultá-lo sobre uma possível gravidez; senhoras casadas que não queriam filhos simulavam doenças cardíacas. Pediam sua opinião para uma erupção cutânea, para um sopro no pulmão ou ainda para uma dor de garganta, um intestino delicado, um bócio exoftálmico.

Despachava um para a policlínica, outro para o dentista; um dia rasgava um abscesso, no outro engessava uma perna quebrada. Alguns queixavam-se de que não lhes receitava o bastante; outros de que as prescrições saíam excessivamente caras. Pediam-lhe cataplasmas, purgativos, poções de efeito imediato; atribuíam-lhe poderes mágicos. Falavam de anúncios que tinham encontrado em jornais e perguntavam se podiam confiar no preparado em questão. Havia os que sabiam mais do que o médico; tinham lido folhetos científicos e prospectos de propaganda, e discutiam sobre toda e qualquer prescrição. Estes tremiam de medo à ideia de tomar um simples pó laxativo, aqueles reclamavam o cirurgião pela mais banal dor de estômago. Conhecia criaturas que a morte rondava de perto e não renunciavam às ocupações estafantes, às paixões que lhes esgotavam a vitalidade; outras que o chamavam às pressas, em plena noite, por causa de uma hemorragia do nariz. Davam menos trabalho os doentes que vinham ao consultório do que os que devia visitar a domicílio; menos aborrecimento os pobres que as pessoas de recursos. Os burgueses endinheirados davam a entender que tínhamos a obrigação de curá-los, uma vez que pagavam para isso. Dir-se-ia gozarem de um direito todo especial à saúde, à longevidade, e habitarem uma região sagrada onde o médico devesse exercer as funções de agente de polícia e protegê-los contra a dor e a morte. Era como se a ciência não progredisse senão para seu proveito, já que, em verdade, era com o seu precioso dinheiro que se levantavam os institutos científicos,

compravam-se aparelhos caros e pagavam-se as gordas remunerações dos professores. Muitos deles eram bastante entendidos; ao ouvi-los falar em bactérias, em estreptococos, em radiografias, toxinas e análises de urina, o médico chegava a julgar-se um imbecil. Tudo aquilo lhes parecia tão seguro como um título do Tesouro e tão simples quanto as regras de um esporte qualquer.

Não. Decididamente, fora bem diversa a ideia que sempre se fizera da própria profissão. Muito embora tivesse por hábito diminuir-se aos próprios olhos e estivesse sinceramente convencido da própria mediocridade, acreditara poder tirar dela maior satisfação. Não podia supor que fosse ficar indefinidamente a marcar passo, que seu trabalho seria tão disperso, de qualidade tão inferior. Pensando bem, poderia ter chegado a coisa melhor do que um simples posto de sanitarista (e esse pensamento era como que um desmentido a todas as suas declarações anteriores). No labirinto monumental que era o edifício de sua própria ciência, alojara-se por engano três ou quatro andares mais baixo do que devia. Agora, para voltar a subi-los, todos os caminhos se achavam vedados, as fechaduras corridas, e nem mesmo se sentia capaz de exhibir os documentos que lhe seriam exigidos para galgar um andar que fosse. Não tinha direito de queixar-se, a escolha fora sua. Não lhe restava, agora, senão resignar-se e aceitar humildemente as raras mensagens das regiões augustas que chegavam até o seu acanhado setor. A própria palavra de Irlen, que tivera o dom de transtorná-lo e ressoava ainda nele como um eco registrado num disco fonográfico, não poderia, parecia-lhe, alterar esse estado de coisas.

No futuro, Joseph Kerkhoven iria recordar muitas vezes a impressão causada por um breve diálogo com Irlen, travado na porta do vestíbulo, à luz de uma lanterna que seu interlocutor trazia erguida sobre suas cabeças. Durante a violenta tempestade que se desencadeara, um curto-circuito queimara as instalações elétricas e Irlen pedira que lhe trouxessem uma lâmpada. Na memória de Kerkhoven, os menores detalhes daquela cena ficaram gravados para sempre. Havia falado sobre a possibilidade, no homem, de mudar bruscamente de natureza, e procurado determinar se essa

transformação tinha origem em fatos patológicos ou prendia-se exclusivamente a fenômenos psíquicos. Irlen estava estendido a fio comprido, como lhe recomendara Kerkhoven, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, o que atenuava as dores atrozes que sentia na nuca. Contou-lhe que um caso deste gênero desempenhara importante papel em sua vida e fora mesmo a causa indireta de sua viagem à África.

— De repente, não foi só a pessoa em questão que estava em jogo — prosseguiu Irlen em voz abafada, como se falasse a contragosto, sob o efeito de um impulso exterior —, e sim minha situação frente a todos aqueles que me tocavam de perto. Todas as minhas convicções viram-se abaladas; o mundo que me cercava parecia ter perdido seu centro de gravidade; foi uma crise em que minha própria vida esteve em jogo. É preciso que eu lhe conte o fato em detalhes; na verdade, nunca me senti tão disposto a fazê-lo como agora.

— Isso parece agitá-lo — disse Kerkhoven. — Já é tarde, não deve cansar-se tanto. É certo que tudo isso me interessa vivamente; gostaria de saber principalmente o motivo que o levou a empreender essa funesta viagem, quero dizer, o que esperava dela. Mas por hoje basta; é preciso que descanse.

— Pois bem, fica encarregado de lembrar-me em outra ocasião. Basta mencionar o nome de Otto Kapeller. Não é possível permitir a um fato desta importância ficar perdido no fundo da consciência; é preciso de longe em longe trazê-lo para o presente, *sine ira*,² como se fora um objeto, para constatar que nos libertamos de sua influência e que o seu poder maléfico foi definitivamente conjurado.

Kerkhoven levantou os olhos, surpreso; aquelas palavras tinham o sentido de uma ameaça. Depois de um silêncio assaz penoso, pôs-se de pé para despedir-se. Irlen afastou a coberta que jogara sobre os joelhos e tomou a lanterna.

— Deixe — disse Kerkhoven. — Conheço bem o caminho.

Mas Irlen insistiu em acompanhá-lo até o vestibulo. Quando abriu a porta de saída do apartamento dos Bergmann, chegou até eles o som abafado de um piano.

— Bergmann costuma tocar até tão tarde? — perguntou Kerkhoven.

— Não creio — respondeu Irlen. — Penso que Ernst não tem qualquer propensão para a música. Deve ser Marie; toca muito bem. Curioso que nunca me tenha falado a esse respeito. É uma pessoa que não gosta de fazer valer os próprios talentos.

— A Senhora Bergmann lhe quer muito bem — observou Kerkhoven. Irlen parecia ter o espírito ausente. Ergueu até a altura do ombro a lâmpada, protegida por um globo de vidro fosco, e pelo espaço de cinco ou seis segundos fixou sobre Kerkhoven um olhar penetrante. A luz vinda de cima acusava as linhas daquele rosto, acentuava e fazia contraírem-se os traços característicos da fisionomia, o nariz adunco, os espessos tufos de sobrancelhas, as têmporas fundas, frementes como uma tênue membrana, entre as quais a fronte, pura como a de um adolescente, levantava-se em cúpula quase imperceptível, a boca de lábios finos, o queixo anguloso que avançava, autoritário; máscara ativa, modelada ao acaso pelo instante fugidio.

— Há uma força em si, Dr. Kerkhoven — falou então Irlen —, uma força poderosa, creio. É preciso que a faça sair de si mesmo, sem o que ela se perderá.

— Pensa assim? — replicou Kerkhoven num tom carrancudo, sob o qual transparecia certa emoção. — Sobre que baseia essa opinião? — Por enquanto, apenas sobre a constatação de que faz o possível para refreá-la. Tem algum motivo especial para isso? — Não... não propriamente — respondeu Kerkhoven hesitante, como que em protesto.

— Procure refletir sobre isso. Gostaria muito que o senhor... bem, reconheço que é difícil... gostaria que não se deixasse vencer por essa dificuldade: as consequências serão surpreendentes.

Kerkhoven fixou na parede o olhar ausente que lhe era habitual.

— Tentarei — disse sem amabilidades. — Obrigado, comandante. Boa noite. Amanhã, recomeçaremos as injeções.

Pôs-se a refletir profundamente. No trajeto de volta para casa, pelas ruas estreitas e desertas da cidadezinha; no leito antes de adormecer; em sonho; de manhã ao despertar; durante o almoço e o consultório, quebrou a cabeça para adivinhar qual seria essa força de que falava Irlen e que ele devia “fazer sair” de si mesmo.

Provavelmente, suas raízes eram muito mais fundas do que ele mesmo o julgava.

Talvez lhe faltasse também coragem. Tinha medo, e não queria confessá-lo. Não gostava particularmente de esquadrihar o próprio íntimo; prendera-se a certos hábitos de vida que lhe traziam comodidade e a eles se apegava desesperadamente. Eis a única razão por que obstinadamente se negava (para desespero de Nina) a fazer uma viagem de férias ou a ir uma noite ao teatro. Pelo amor de Deus, nada de novidades; acima de tudo, não vamos sair da nossa rotina cotidiana. (Ao se fortalecerem pouco a pouco os laços de sua amizade com Marie Bergmann, essa repugnância de rústico por tudo o que podia interromper o curso monótono dos dias tornou-se objeto de alegres caçadas por parte dela; nem de longe podia suspeitar da existência daquele temor secreto que o paralisava, tal como se uma força desconhecida, sem nome, estivesse à espreita, prestes a atirar-se sobre ele e despedaçá-lo).

Existem estados de espíritos dos quais uma lei imanente parece fazer decorrer certos acontecimentos que a eles correspondem exatamente. A natureza pretende assim mostrar-nos que, para amoldá-la a nosso gosto, é preciso ter atingido a um certo grau de maturidade ou de aptidão. Três incidentes que se sucederam no espaço de alguns dias produziram sobre Kerkhoven efeito semelhante à remoção de uma parede num aposento demasiado estreito. A princípio, não tivera outra

consequência senão aumentar a profunda perturbação em que o lançara a conversar com Irlen. O primeiro dizia respeito à moça de véu negro que o procurara no consultório. Era viúva de um funcionário dos correios; ainda relativamente jovem, pusera no mundo três crianças. O marido morrera tuberculoso; ela morava com a mãe e desta recebia seu sustento. Queixava-se dos filhos: não lhe davam qualquer espécie de satisfação, eram de caráter mau e invejoso; no fundo, não tinha o menor desejo de levar avante essa vida miserável, mas seu confessor apelara para sua consciência e ela decidira-se a procurar um médico. Na primeira e na segunda visita, limitara-se às prescrições usuais e propusera interná-la num sanatório, ao que ela se opusera categoricamente. Da terceira vez, depois de uma consulta ao seu fichário, teve a impressão de tê-la examinado muito superficialmente e disse-lhe bondosamente que devia auscultá-la de novo. Quando a viu em sua frente, pálida e franzina, a pele sem brilho, o busto despido e sem relevo, os ombros caídos, o olhar vacilante, produziu-se um fato curioso. Apertando contra a testa as costas da mão esquerda, cerrou os olhos e disse: — Está bem, pode vestir-se.

Surpreendida por não ter sido auscultada, a moça obedeceu após certa hesitação e perguntou com um sorriso triste: — Terei chegado ao ponto em que se possa dispensar auscultar-me, doutor? Mais do que o sentido, o tom em que essas palavras foram ditas pareceu assustá-lo. Protestou vivamente, com um gesto da mão: — Oh, não, como pode pensar nisso? Nesse momento, a mulher ergueu para ele um olhar onde se estampava uma confiança infinita, como se, compreendendo embora estar perdida, adquirisse ao mesmo tempo a certeza de ter encontrado por fim o conselheiro que lhe faltava. No seu humor operou-se então uma transformação surpreendente, cuja causa Kerkhoven em vão procurou determinar, pois não admitia ter concorrido de algum modo para ela. Essa transformação acarretou no estado geral da doente uma melhora não menos extraordinária. Kerkhoven verificou com surpresa que a temperatura, que se mantivera febril durante várias semanas, passara repentinamente a ser normal.

Irlen percebeu sua preocupação e tentou fazê-lo se desabafar. Aquele homem interessava-o cada vez mais, sem que soubesse dizer ao certo por quê. Atraía-o como um bloco de mármore bruto atrai o escultor; ou melhor — já que esta comparação deixaria de levar em conta a vitalidade, o poder ativo de que sua simpatia estava impregnada —, como uma criança de bons dotes morais, mas de caráter e inteligência inteiramente incultos, atrai o educador. Quando a febre e os espasmos musculares não o deixavam totalmente embrutecido, e os desfalecimentos não lhe tiravam de todo o uso da palavra (o que, aliás, se tornava cada vez mais raro, a doença parecendo de certa forma generalizar-se; a princípio intermitente, evoluíra aos poucos para uma forma crônica menos aguda), as conversas com Kerkhoven traziam-lhe um prazer sempre renovado. Mais até que prazer: a satisfação daquele que serve de guia, que desbrava um caminho até então desconhecido. Para grande surpresa de Marie e da Senhora Irlen, as visitas diárias de Kerkhoven, que há muito haviam deixado de ser exclusivamente profissionais, prolongavam-se frequentemente até muito além de meia-noite.

Bastou uma ligeira instigação por parte de Irlen para que Kerkhoven contasse, embora de maneira desconexa e imprecisa, o episódio ocorrido com essa cliente. Andava de um lado para outro da sala a passos largos e, à medida que falava, o fato perdia aos poucos para ele seu caráter enigmático.

— À força de trabalhar na sala de anatomia, vai-se perdendo aos poucos o hábito de ver, no cadáver, um corpo humano — resmungou à meia-voz, como que falando para si mesmo. — Tem-se ali um campo de experiência, e mais nada. Já não nos lembramos de que esse coração bateu um dia, que esse cérebro pensou, que essa boca sorriu e esses olhos viram, que ali estava, em suma, uma pessoa humana com um nome e uma vida própria. É simples, não? Apenas uma peça de material científico, de material de estudo. Nada mais simples. Imagine-se agora que deparamos sobre a mesa o cadáver de uma pessoa que ainda ontem encontramos na rua ou em sociedade. Podia acontecer, não? Alguém a quem houvéssemos dirigido palavras amáveis, com

quem nos tivéssemos de certo modo mesmo ligado. Nunca pensáramos encontrá-la bruscamente em nossa frente, nua e morta. E dificilmente encontraríamos coragem para rasgá-la com o bisturi. Qualquer coisa em nosso íntimo se revoltaria a essa ideia. Pois bem, essa mulher produziu-me uma impressão semelhante.

— Como assim? — indagou Irlen, profundamente intrigado. Levantara-se a meio, e apoiava a cabeça sobre o braço.

— Deixei de ver nela uma doente, para considerá-la... o quê? Não sei dizer. Um ser humano, é isso. Um ser humano.

— Talvez ela lhe tenha inspirado alguma piedade, alguma simpatia particular? — Oh, em absoluto. É uma mulher comum, totalmente desprovida de encantos. Não, não se trata de nada disso.

— Não poderia explicá-lo, de uma forma ou de outra? Para mim, seria extremamente importante... Kerkhoven sentou-se, inclinou o corpo para a frente, enfiando os braços tão fundo entre os joelhos que a ponta de seus dedos quase roçava o chão; depois fixou no relógio da chaminé um olhar concentrado. Procurou então explicar que, naquele momento decisivo, tivera uma imagem perfeitamente nítida da constituição daquela mulher, não apenas da constituição física, mas moral, a ponto de ter podido distinguir a interdependência das funções, discernir o que havia de alterado nas engrenagens daquele mecanismo. Ao mesmo tempo, tivera a sensação nítida de que uma melhora era possível, de que o mal podia talvez mesmo ser afastado, sob a condição de intervir de maneira acertada. Fato curioso: do princípio ao fim a cena fora-lhe excessivamente penosa e mesmo fisicamente dolorosa, tal como se seus olhos houvessem sido submetidos a um esforço por demais violento. Não lhe parecera em absoluto tratar-se da manifestação de uma força inerente à sua pessoa; pelo contrário, tinha a sensação quase desanimadora da própria incapacidade, aliada ao firme propósito de solucionar aquele caso, custasse o que custasse. Calou-se durante algum tempo. Irlen fitava-o como se olhasse um falso mudo que de repente se pusesse a falar

correntemente. Kerkhoven prosseguiu: — Por certo, todos dirão: “Eu poderia curar, se tivesse os meios para isso”. Não é o que pretendo dizer. A meu ver, uma inspiração superior, um raio de luz sobrenatural devia indicar-nos o caminho a seguir: só assim seríamos capazes de penetrar até a origem primeira da doença, até o princípio vital, que a ciência por si só não nos dá meios de atingir. A ciência só faz iluminar o caminho; o raio de luz nasce de fonte diversa. A mim, o que me falta é estudo, erudição. Abandonar-se à própria inspiração conduz simplesmente ao charlatanismo. Enganar aos outros, nunca; nem mesmo involuntariamente o faria.

Irlen ergueu-se e pôs-lhe a mão sobre o ombro.

— Creio que haverá uma solução — disse. — Você não está muito longe dela. Tenha paciência.

No dia seguinte, Kerkhoven tinha uma visita a fazer nas vizinhanças do quartel de infantaria. Ao deixar a casa do doente, avistou a poucos passos uma aglomeração de pessoas extremamente agitadas. O grupo estacionava diante da porta de uma espécie de barracão de dois pavimentos, junto ao qual um amontoado de escadas, pás e carrinhos de mão pareciam indicar uma próxima demolição. Dois policiais procuravam conter os curiosos, enquanto um terceiro era visto pela janela aberta do andar térreo. Ao aproximar-se, Kerkhoven ouviu gemidos lancinantes que o levaram a diminuir involuntariamente a marcha. De repente, no meio da multidão, um carpinteiro de quem tratara reconheceu-o e gritou: — Não é preciso chamar um médico, aqui temos um.

O povo afastou-se imediatamente para lhe dar passagem; ele dirigiu-se ao policial, apresentou-se e perguntou se tinham necessidade de seus serviços.

O agente de polícia respondeu-lhe que estavam à espera do médico do serviço de socorro; no entanto, enquanto esperavam, ele talvez pudesse examinar a pobre mulher que o marido bêbado quase matara

a pancada. O homem entrincheirara-se no pátio e ameaçava atirar sobre o primeiro que se aproximasse. Esperava-se a qualquer momento a chegada de reforços para dominá-lo; mas o doutor podia entrar sem receio, a porta do pátio estava fechada.

Kerkhoven encontrou uma mulher de uns quarenta anos, vestindo uma camisa ensanguentada, que agonizava sobre um colchão sujo estendido no chão. Perto da porta, duas crianças entre seis e sete anos abraçavam-se medrosamente, os olhos muito abertos pregados na mãe. À entrada de Kerkhoven no quarto, o policial perfilou-se em continência e contou que retirara as duas crianças do armário do corredor, onde os trancara o pai a fim de espancar mais à vontade a mulher. Ao que parece, o homem estivera ausente de casa durante longo tempo, e suspeitara de que a mulher o traía com um operário, sem motivo algum, aliás, pois que a infeliz preocupava-se unicamente em conseguir sustento para si e para os filhos. O tipo clássico do alcoólatra dominado pelo ciúme. Depois de se ter mantido à espreita pelos arredores, penetrara no quarto às apalpadelas e, munindo-se de um cacete, descarregara-o impiedosamente sobre a mulher. Depois disso, cozinhou tranquilamente para si uma sopa de farinha, comera até fartar-se, trancara os filhos e recomeçara o espancamento. Quando parou de bater, não tinha mais pela frente senão um monte de carne ensanguentada e palpitante que o policial apontou com uma piedade mesclada de indignação. Kerkhoven meneou a cabeça; do pescoço às coxas, o corpo era uma chaga só; o pulso estava quase imperceptível. Não garantia que aguentasse ser transportada para o hospital. Ajoelhou-se.

Um homem assomou à porta, de gorro branco, braçadeira da Cruz Vermelha. Atrás dele, surgiram dois padioleiros que depositaram no chão a maca que traziam. Kerkhoven levantou-se com uma seringa Pravaz na mão. Conhecia o outro médico, cumprimentaram-se.

— Creio, caro colega, que nada mais tem a fazer senão proceder à autópsia — disse.

Quando atingia o corredor de entrada, impregnado do cheiro penetrante do cimento, seis policiais entravam no pátio de revólver em punho, prontos para atirar. Levado por um desejo de vingança, seguiu-os. O criminoso refugiara-se no extremo oposto do pátio, sob um telheiro onde se guardava a criação. Agachado por detrás de uma porta gradeada, tinha o fuzil engatilhado.

O inquérito revelou depois que ele o roubara do quartel e transportara-o para casa dissimulado dentro de um saco de carvão. O cano do fuzil brilhava por entre as grades de madeira da porta. Ele agachara-se atrás de um caixote. Era um homem quase franzino, de ar astuto. “É preciso primeiramente ver se é possível dominar esse monstro”, disse consigo mesmo Kerkhoven. Por trás desse pensamento alguma coisa se escondia; o desejo imperioso de experimentar, por uma vez, as próprias forças. Voltando-se para o chefe da escolta, disse: — Talvez nos seja possível dominar o homem sem desperdiçar munições.

Deixe-me tentar.

O policial procurou objetar qualquer coisa, mas Kerkhoven já se distanciava, sozinho, sem tirar os olhos um segundo de sobre o homem. Ao mesmo tempo, com um gesto autoritário, afastou os soldados, que se retiraram a contragosto para o corredor de entrada. “Se fraquejar, estou perdido; é a minha vida que arrisco”, pensou Kerkhoven. Mais tarde, relatando o episódio a Marie Bergmann, disse-lhe ter tido bruscamente a impressão de que carregava nos braços a pobre mulher abatida; instintivamente, estendia os braços ligeiramente para frente, como se representasse um papel, e esse gesto fizera nascer uma visão ante os olhos do assassino. Kerkhoven não podia explicar de outra forma o êxito de sua arriscada tentativa.

— Markmann — chamou com voz firme, embora sem gritar —, larga essa arma! O monstro tinha já o dedo no gatilho; um clarão maldoso passou-lhe pelo olhar; subitamente, deixou cair a arma, arregalando estupidamente os olhos.

— Vamos, basta de complicações, Markmann — continuou Kerkhoven.

— Venha aqui imediatamente.

Efeito da voz, do olhar, ou ainda da visão que a ele se impunha, o fato é que a esse chamado o homem ergueu-se, e suas mãos como que paralisadas deixaram cair o fuzil; com os joelhos afastou o caixote, empurrou a porta e, os olhos semicerrados, os dedos amarrotando as calças, as pernas trêmulas, encaminhou-se para Kerkhoven. Este voltou-se para os policiais, que se lançaram sobre o homem. O comandante perfilou-se e, com todos os sinais da deferência devida pelo soldado ao seu superior, levou a mão ao quepe.

“Isto poderia ter-me saído mal”, pensava Kerkhoven afastando-se. “De onde me teria vindo uma ideia destas? É certo que, em outros tempos, não me sentiria capaz de tal proeza. Eis a prova de que o homem tem em si muito mais possibilidades do que ele mesmo supõe; é uma lição, uma lição a guardar...”

Uma outra não tardou a somar-se a esta, embora de aspecto inteiramente diverso. Na zona antiga da cidade, para além da ponte, morava, no terceiro andar do prédio conhecido como a “Casa dos Sindicatos”, uma jovem costureira, Berta Willig, que tinha uma filha natural, uma menina de cinco anos que a mãe idolatrava. Sua coragem, suas maneiras modestas conquistaram-lhe a simpatia de toda a vizinhança, a ponto de mais ninguém, inclusive as velhas beatas, referir-se ao seu erro ou invocá-lo em seu desfavor. Quando trabalhava fora de casa, o que acontecia com frequência, uma outra família ficava com a criança e dela cuidava como dos seus próprios filhos. A menina fora causa de não poucos cuidados para a mãe. Em pequena, desenvolvia-se mal; mais tarde adoecia com frequência, sem que os médicos pudessem dizer ao certo o que tinha. Berta Willig acautelava-se ao possível, recomendava aqueles que ocasionalmente velavam sobre a pequena Anna que tomassem todas as medidas de precaução que ela mesma adotava. Aqueles que a conheciam mais de perto

sabiam que um destino ingrato a perseguia; aos dezoito anos, num acesso de desespero, tentara envenenar-se; suas relações com o pai da criança haviam terminado de maneira indigna; enquanto ela depositava nele uma confiança cega, ele mentia-lhe, enganava-a; consumira todas as suas economias e por fim desaparecera sem deixar vestígios. Hoje, nada lhe restava além daquela criança; tudo mais era aflição e tormento; ninguém o ignorava e, como acontece às vezes entre a gente simples, cada um procurava mostrar-se particularmente amável e serviçal para com ela.

Uma noite, a pequena queixou-se de dor de garganta, recusou alimentar-se e foi imediatamente presa de violenta febre. Felizmente, Berta encontrava-se em casa; fez a menina deitar-se e pediu à mulher do encadernador, que morava no mesmo andar, que mandasse o filho chamar o médico da Assistência. Acontece que este estava fora da cidade, e ignorava-se quando voltaria. Berta lembrou-se então do Dr. Kerkhoven, que vira mais de uma vez em casa do Professor Gaupp, onde costuma coser. Sem hesitar, pôs na mão do menino uma moeda de cinquenta cêntimos e encarregou-o de ir buscar aquele médico; podia informar-se do endereço na farmácia da Catedral, já que não havia telefone naquela rua. Kerkhoven chegou ao fim de uma meia hora. Diagnosticou uma amidalite aguda, acalmou os temores da mãe, receitou compressas, gargarejos, uma alimentação líquida, e prometeu voltar pela manhã. Alguma coisa não lhe agradara no exame que fizera da criança; talvez sua constituição franzina, ou um leve sopro cardíaco que percebera. As informações prestadas pela mãe sobre as crises a que fora sujeita na primeira infância faziam pensar num mau funcionamento glandular, porém esses sintomas não pareciam ter qualquer ligação com a doença atual, e a impressão desvaneceu-se. Mais tarde, ele iria penitenciar-se por essa negligência.

— Qualquer que seja o efeito de uma impressão fortuita ou de uma súbita inspiração, preciso saber retê-las — repetia constantemente. — Aquele que não for capaz de fazê-lo poderá ser um bom massagista ou um bom enfermeiro, poderá ser capaz de formular uma receita, não será nunca um médico.

No dia seguinte, a doente melhorou bastante.

— Fica bem quietinha na cama, Anna — disse-lhe ele. — Se tiveres juízo, poderás levantar-te depois de amanhã. Quarta-feira voltarei, embora na verdade minha presença já não seja necessária.

Isto aconteceu no domingo. Na terça-feira, de fato, a menina levantou-se; já não tinha febre e Berta permitiu-lhe brincar no pátio com uma amiguinha, a despeito do tempo frio e chuvoso. Ela mesma saiu para trabalhar fora o dia todo; cosia um enxoval em casa do Coronel Warberg e só ficou livre às nove e meia da noite. Encontrou no seu quarto a filha mais velha do encadernador; Anna estava deitada e dormia.

— Aconteceu alguma coisa, Hermine? — perguntou Berta, assustada.

— Acho-a tão pálida... — Não houve nada — respondeu a mocinha. — Estava só muito cansada, e eu deitei-a.

Berta pôs a mão na testa da menina e achou-a fresca, mas a respiração não lhe pareceu regular. Entretanto, depois que Hermine lhe contou que o médico passara à noitinha e nada vira de extraordinário, o pressentimento que a atormentava desvaneceu-se. Hermine preparava-se já para sair, quando uma ideia lhe ocorreu.

— Você trabalhou o dia inteiro, Berta. Precisa dormir um pouco. Se quiser, fico neste sofá junto de Anna.

Berta não quis a princípio aceitar a sugestão; no entanto, acabou por ceder ao cansaço que a dominava, e fez Hermine prometer chamá-la de madrugada, Hermine acendeu uma lamparina junto ao fogareiro; até meia-noite conseguiu ficar acordada, depois o sono dominou-a. Quando despertou, avistou Berta de camisola na porta.

— Não a ouço mais respirar — murmurou ela.

Aproximaram-se ambas da cama da criança. O rostinho pálido estava de um branco leitoso, a respiração fraca não levantava mais o peito; só as narinas palpitavam levemente, o que os médicos designam por respiração artificial.

— Ela tem alguma coisa, Hermine — disse Berta aflita. — Levantá-lhe a cabeça depressa.

Hermine pegou a menina pelos ombros; estava gelada; quando tentaram levantá-la, a cabeça pendeu para trás como se o pescoço se tivesse quebrado e um pouco de espuma branca apareceu entre os lábios. Um grito terrível ecoou pela casa toda. Berta caiu sobre os joelhos gritando: — O médico! Chamem o médico! Quando Kerkhoven chegou — veio imediatamente, acompanhando Hermine em prantos —, a criança já estava morta. A causa parecia bem clara: uma paresia do coração, decorrente de uma infecção afetando um organismo debilitado ao extremo. Nada mais do que isso.

— Não é que eu tenha cometido algum erro — dizia mais tarde a Nina que desajeitadamente tentava consolá-lo. — Em centenas de casos semelhantes, tudo corre normalmente; faltam-me simplesmente presença de espírito e inspiração.

O acontecimento causou viva emoção em todo o bairro. De manhã até a noite as mulheres da vizinhança desfilaram ininterruptamente em casa de Berta Willig. No quarto, nas escadas, choravam silenciosamente, compreendendo que qualquer palavra de conforto seria aqui excessiva e como que uma afronta à dor. Foi um dia de luto para todas as mães. Kerkhoven exigiu que Nina também comparecesse.

— Já não se trata apenas de uma criatura que chora um ente querido — disse. — Ela foi mais duramente atingida que a mulher do Markmann.

Pelo espaço de trinta e seis horas, Berta esteve como que em rigidez cadavérica, o olhar desvairado. Kerkhoven dissera a Marie Bergmann:

— Se quer prestar-me um favor, faça qualquer coisa por esta pobre mulher.

Quando Marie, algo atemorizada, chegou à velha Casa dos Sindicatos e penetrou no quarto de Berta, Kerkhoven ali se encontrava. A gravidade afetuosa com que procurava reconfortar a moral da infeliz criatura produziu nela uma impressão profunda.

Naquela noite, à chegada de Kerkhoven, Irlen lia junto de uma lâmpada. Levantou sobre o visitante um olhar ausente, rico de pensamentos concentrados.

— Aquilo de que me falou há dias, o raio de luz de que o médico não pode prescindir, fez-me refletir bastante — disse. — Aqui está justamente em Paracelso um trecho que gostaria de mostrar-lhe.

Começou a ler: “Nem só em matéria religiosa, como em muitas coisas mais, nem sempre os que clamam: Senhor! Senhor! São os atendidos. Assim, se não fosses médico e quisesses proceder como tal. Tomas um remédio e lhe ordenas: faz isto e aquilo, porém ele não o faz, pois a medicina não te obedece, se não és o verdadeiro pastor dessas ovelhas. Os enfermos têm necessidade do médico; eis porque devem reconhecê-lo como tal, já que para eles foi feito. Assim, só aquele que ouve o chamado pode dizer-se verdadeiramente médico. Para ele, o remédio sai da terra, reconhece-o, e o investe e destitui de sua dignidade. É partindo do conhecimento do mundo, e não do homem, que se chega a conhecer o homem. Eis a combinação que faz o verdadeiro médico: conhecer o mundo e, através dele, o homem, o que é uma coisa só e não duas”.

— É curioso: o trecho que leu foi como se o estivesse seguindo em mim mesmo e não no livro — disse Kerkhoven.

Irlen replicou descuidadamente: — Sim, para um espírito como o dele, o tempo deixa de existir. Você terá observado que entende por remédio todos os meios, sem exceção alguma, a que possa recorrer o médico. Ouça mais isto: “Toda forma retira do alimento seu

desenvolvimento exterior; sem alimento, cessa o desenvolvimento, e perecemos sob uma forma abandonada. Porque existe em nós uma essência comparável ao fogo, que devora nossa forma e nossa imagem. Se nada fizéssemos para aperfeiçoar a forma de nosso corpo, ele sucumbiria sob uma forma abandonada. Eis porque devemos alimentar-nos, a fim de não perecermos por falta de forma. Eis porque nos alimentamos para constituir nossos dedos, nosso sangue, nossa carne, nossos pés, nosso cérebro, nosso coração. Aprendei portanto que toda criatura é constituída de duas espécies: uma que vem do esperma e outra do alimento. O esperma é uma criatura, tal como o é o alimento; é ele quem dá ao corpo sua forma livre, e, pela morte, o homem é condenado a consumir-se na própria forma. Cada um de nós é dono, por justiça, de um corpo que recebeu de seu pai e de sua mãe, entretanto, para que esse corpo não morra e não se perca, nós o recebemos por misericórdia, suplicando a Deus: dai-nos hoje o nosso pão de cada dia, o que equivale a dizer: dai-nos o nosso corpo de cada dia. Assim é que cada um de nós tem dois corpos, um de justiça e outro de misericórdia, e duas espécies de medicina, uma de justiça, outra de misericórdia...”.

Irlen deteve-se.

— Justiça e misericórdia representam para ele os dois elementos primordiais da forma — disse, passado um momento. — Com isso atinge a profundezas insondáveis. A forma é, para ele, o que dá ao mundo seu significado.

Kerkhoven não respondeu. Dir-se-ia que um rude combate se travava em seu íntimo.

Uma questão se impunha: como libertar-se daquele peso, como arrancá-lo de si mesmo? Aquilo era nele como um corpo estranho, envolto em sua ganga primitiva e preso em raízes profundas. Se pudesse tocá-lo, talvez se visse como que aliviado de um tumor secreto a cujos efeitos não concedera até então atenção suficiente. Devia antes tatear para localizá-lo, pois não fazia senão suspeitar de sua existência.

Seria talvez algo mais que a aventura cuja recordação nítida não lhe subira senão nesses últimos dias do fundo da memória, como se fora a aparição de uma ilha há muito submersa, imagem de horror e desolação; possivelmente duas ou três experiências mais, como a do epilético Domanek, por exemplo. Seria preciso que a revelasse um dia, esta em primeiro lugar, e só depois a que dizia respeito a sua mãe. Nunca se referira a ela. Encontrou o olhar de Irlen, e esse olhar que tantas experiências recolhera nos abismos da vida infundiu-lhe coragem para prosseguir. Quanto a Irlen, há muito que esperava que Kerkhoven se abrisse com ele; tinha a certeza de que essa expansão viria esclarecer para o próprio Kerkhoven muitos mistérios do seu ser mais íntimo. Até então, não ousara levar diretamente o amigo a um terreno que ele próprio evitava e era preciso abordar com prudência.

Entretanto, desta vez o momento tinha chegado.

— Não nasci sob uma boa estrela — começou Kerkhoven.

Sentara-se diante da chaminé e falava de frente para o fogo. Nascera em Düsseldorf. O ramo paterno de sua família era de origem holandesa.

— Meu pai foi um homem medíocre; tinha grandes ambições, que jamais chegou a realizar. Tudo quanto empreendia estava fadado a fracassar. Para mim, o que caracteriza os medíocres é exatamente pretender realizar mais do que suas forças o permitem. Entretanto, nunca desanimou, o que para mim é outro motivo de surpresa. Medíocre, mas corajoso, até mesmo heroico. Entre os pequenos, não é raro encontrarem-se heróis; a diferença é que ficam ignorados.

Um silêncio. Depois: — Tendo fracassado num invento, num banco, numa agência de viagens e em Deus sabe mais o quê, lembrou-se um dia de fabricar caixas. Montou uma fábrica, isto é, alugou um vasto alpendre, contratou operários e pôs-se a confeccionar caixas. Meus anos de infância... Sabe você o que seja uma serra circular? Minha primeira infância foi impregnada pelo rangido de uma serra circular.

Era posta em funcionamento por um motor de cinco cavalos-vapor de que meu pai se orgulhava a ponto de dar estalos com a língua a cada vez que passava ao seu lado. No fundo, penso eu, uma grande maioria dos que chamamos de homens práticos, de homens de negócios, não passam de inofensivos sonhadores. Como ia dizendo, meu pai dedicou-se a fazer caixas, pequenas caixas quadradas de madeira. Cada uma delas tinha, a enfeitá-la, uma imagem: flores, paisagens, um anão ridículo, uma mocinha com um cão. No alto da figura estava gravado: *Remember me*; embaixo, *Made in Germany*. Era fantástico! É preciso acrescentar que todas essas caixas eram expedidas para a Inglaterra. A parte mais desagradável do processo de fabricação consistia em recobrir as imagens com um verniz brilhante. Entre os sete e os nove anos, terei certamente envernizado, ao voltar do colégio, perto de vinte mil dessas imagens idiotas. Para obter o brilho desejado, era preciso apoiar fortemente o pincel e espalhar uma grossa camada de verniz. Minhas mãos cheiravam sempre a terebentina. *Remember me*; *Made in Germany*; as palavras perseguiam-me até em sonho.

Uma pausa. Seus olhos não se despregam do fogo.

— Há mais ainda — prossegue ao fim de algum tempo. — É preciso que eu não confunda lembranças diferentes. No andar térreo do prédio em que morávamos funcionava uma cervejaria. Daí procede sem dúvida o horror que me inspira a embriaguez. Todas as noites havia gritos e algazarra, e não raro uma rixa em que facas e punhais entravam em cena; então a polícia intervinha. O pior de tudo, porém, é que todos os sábados matavam um porco no pátio. Os berros de desespero do animal faziam-me estremecer até as entranhas; uma serra circular sob forma viva. Até hoje o dia de sábado conserva para mim um cheiro de sangue. Desde a tarde, o medo começava a invadir-me; metia-me na cama e puxava as cobertas por cima da cabeça e tapava os ouvidos com bolas de miolo de pão. Nada disso adiantava; logo que o animal se punha a berrar de pavor, parecia-me que era a mim que estrangulavam. Durante o dia de domingo, as manchas de sangue brilhavam no pátio; só na segunda-feira eram lavadas. A mistura era bem desagradável: a serra circular, o odor da terebentina,

remember me, o vozerio dos bêbados, os berros do porco; tudo isso junto desprende um cheiro de sepultura. Não acha? Levantou-se, atravessou o quarto (“Um belo quarto”, disse consigo mesmo, “que não ficaria deslocado num castelo antigo”), tornou a sentar-se, pegou sobre a mesa o volume de Paracelso e pôs-se a folheá-lo maquinalmente enquanto falava.

A história de Domanek. Esse Domanek era uma espécie de caixeiro empregado pelo fabricante Kerkhoven, que lhe dava um salário de fome; mas também era preciso conhecer o personagem! Joseph, então com nove anos de idade, envernizava os *Made in Germany*, em companhia de Domanek, um grandalhão casmurro, o rosto pontilhado de espinhas. Um belo dia, ei-lo que desata a falar em mulheres, a gabar-se de suas conquistas e a comentar os atrativos das pensões alegres. Joseph não compreende uma só palavra daquilo tudo; Domanek ri-se a valer; segue-se a iniciação sexual tradicional, lúbrica, obscena, concreta. O pequeno Joseph sente seu coração revoltar-se de asco e é tomado de vômitos. Domanek, que subira numa escada para pegar uma pilha de caixas, ao olhar para baixo põe-se a gargalhar de prazer. De repente, ouve-se um grito agudo; ei-lo que rola do alto da escada e começa a retorcer-se no solo como se fora um verme, a face roxa, os lábios cobertos de espuma, as mãos crispadas, distribuindo pontapés e murros ao acaso. Acode gente. Poucos dias depois, Joseph é atacado de violenta escarlatina. A seus olhos, aquilo representa uma verdadeira felicidade, como se o suor da febre tivesse o poder de lavá-lo da imundície, purificando-o à beira do túmulo. Entretanto, o Kerkhoven de hoje acredita ser impossível refazer-se de um golpe como aquele; noventa por cento dos homens, afirma, trazem na alma o estigma dessa experiência. É preciso que se diga que o golpe aqui foi mais profundo pelo fato de ter coincidido a revelação de Domanek com a crise epilética. O rapaz que despenca da escada como que ferido por um raio (sem se machucar, aliás), a cabeça torcida para trás, os olhos vidrados, os músculos do pescoço salientes, a face violácea, as convulsões: essa visão gravou-se profundamente na imaginação do menino, indissolivelmente unida à imagem obscena das relações entre os dois sexos.

— As pessoas grandes dificilmente poderão fazer uma ideia de tudo o que uma criança traz fechado dentro de si — observa Kerkhoven. — Isso serviria talvez para explicar a orgulhosa reserva que tantas delas mantêm em face de seus mestres e educadores.

O caso Domanek teve um epílogo. O velho Kerkhoven despedira-o, não querendo ter um epilético em sua casa. Ao fim de algum tempo, porém, deixou-se apiedar pelos seus rogos e admitiu-o novamente a seu serviço. Joseph evitava-o, recusava-se a trabalhar com ele, mas seu pai a isso o obrigava. Não tardou então a perceber que uma transformação radical se operava na atitude de Domanek para com ele. Sua vaidade insolente cederia lugar a um repugnante servilismo. Se Joseph deixava cair o pincel, precipitava-se para apanhá-lo. Todos os dias, fazia questão de repartir com ele o seu almoço. Quando o menino mostrava-se cansado, insistia para que fosse repousar e encarregava-se de seu serviço. E centenas de outras coisas no gênero. Joseph aceitava tudo sem agradecer. Um dia do mês de julho — nunca mais pôde esquecer esse dia —, fazia um calor sufocante; a serra rangia como um animal furioso; de repente, Domanek abandona a caixa e o pincel, curva-se por sobre a mesa, e tomando as duas mãos de Joseph murmura com uma estranha insistência: “Perdoa-me, é preciso que me perdoes. Eu sou um bruto e tu és um anjo; não merecia nem mesmo que baixasses o olhar sobre mim. Do fundo do coração, obrigado”. Essa patética declaração produziu no menino um terror indescritível; fugiu dali o mais depressa que pode. No dia seguinte, a polícia chegava para prender Domanek; ao que parece, abusara de uma menina de dez anos e submetera-a aos mais odiosos vexames.

Irlen, que até então se conservara sentado, estendeu-se a fio comprido no sofá. Sentia-se ligeiramente tonto. Kerkhoven olhou-o com inquietação e observou que já falara demais por uma noite; mas Irlen fez com a mão um gesto de firme denegação, e seu olhar que não se desprendera de Kerkhoven fez sentir a este que cometeria uma falta de consideração interrompendo naquele ponto a conversa. Fitava Kerkhoven com um olhar perscrutador. Havia naquele homem qualquer coisa que, à medida que o conhecia melhor, causava-lhe cada

vez mais estranheza. Dir-se-ia que fugia das pessoas, à medida que dele se aproximavam. Havia momentos em que se acreditava nada ignorar a seu respeito, em que a pessoa sentia-se à vontade e sossegada a seu lado; então, bruscamente, ele dizia ou fazia, ou ainda calava qualquer coisa, o que logo o tornava enigmático e fazia duvidar de todos os juízos que até então se firmara a seu respeito. A Irlen, bastava geralmente pouco tempo para “abranger com o olhar” a maioria das pessoas com que lidava; podia mesmo dizer que as conhecia de cor, a julgar pelos seus hábitos, pelos seus talentos, suas singularidades, seus defeitos. Com Kerkhoven nada disso acontecia, o que o deixava desconcertado. A que atribuir esse fato? Por que era impossível “abranger com o olhar” sua personalidade? Talvez porque sua vida não se estendesse em superfície, e sim na terceira dimensão. Não se pode abranger com o olhar uma bola; ela não oferece à vista senão certas partes de si mesma, de cada vez. Seria talvez por esse motivo que se chegava a conhecer bem uma dessas faces enquanto, como acontecia com a lua, a outra permanecia totalmente obscura; assim se explicaria também, sem dúvida, a impressão de amplitude, de volume e mistério que se desprendia da sua personalidade.

Pôs-se em seguida a falar de sua mãe. Sua ação sobre a vida da criança fora decisiva; não o diz expressamente, mas seu relato e suas atitudes dão-no a perceber claramente. O dia em que, por volta dos trezes anos, foi visitá-la no asilo de alienados, marcou para ele o fim do período da inocência da infância, o despertar para as realidades do mundo. Por essa época, seu pai já havia morrido; o trabalho dera-lhe cabo da vida, marcando sua existência como ferro em brasa. Em nossa era burguesa, o trabalho que permite ganhar a vida reveste ou revestia para certas pessoas o mesmo caráter sagrado que o serviço de Deus representava para os homens da Idade Média. Quando morreu o velho, a mulher já se achava há dois anos internada. Kerkhoven descreveu-a como uma mulher de natureza extremamente suave. Era filha de um pastor da Westfalia; em moça, vira-se tentada a deixar-se absorver pelas meditações abstratas do pietismo. Aos poucos foi-se firmando em seu espírito a convicção de que lhe cabia assegurar a felicidade dos filhos, tarefa de que o marido não se mostrava capaz.

Até esse momento, jamais fizera Kerkhoven alusão a seus dois irmãos; admitiu pouco se importar com eles e ignorar mesmo onde viviam; mais um traço curioso de seu caráter. Os constantes insucessos do marido, a situação cada vez mais precária da família acabaram por transtornar-lhe completamente o espírito. Guardava dinheiro às escondidas, enrolado em velhos pés-de-meia, para deixar ao morrer uma fortuna para os filhos. Calculava juntar quinhentos marcos para cada um; mas logo que reunia cem, gastava-os no jogo, em alguma loteria estrangeira, ou então era vítima de algum cavalheiro de indústria, pesquisadores de tesouros espanhóis, uma vez mesmo de moedeiros falsos. Todos os anos refazia seu testamento, dispondo de imóveis e capitais imaginários; mantinha correspondência com pregadores ambulantes e curandeiros, assistia a sessões de espiritismo e acreditava firmemente em aparições dos espíritos. A princípio, nenhum mal havia em tudo isso, porém, à medida que a situação se agravava, aquilo que a princípio não fora senão credulidade e atividade mal dirigida, degenerou em loucura. Tinha verdadeira adoração por Joseph. Via nele a criatura destinada a realizar todos os seus sonhos. Seria rico e famoso. Durante tardes inteiras e metade das noites, não se entretinha de outra coisa com o menino. Obcecava-a a ideia de que um destino excepcional lhe estava reservado. Nesse ponto de sua narrativa, Kerkhoven deteve-se e fixou no solo um olhar sombrio. Irlen adivinhou imediatamente a direção de seu pensamento, levado pelas alusões que o próprio Kerkhoven lhe fizera ao seu casamento e a Nina; nesse momento chocou-o mais do que nunca a impressionante uniformidade que eventualmente apresentam os destinos humanos — repetição de acontecimentos fundamentais que evidentemente têm sua origem no próprio caráter individual. Nenhum dos dois homens podia naturalmente prever com que lógica implacável aquela repetição se efetuariá até o fim para ambos, a despeito da diversidade de suas respectivas naturezas.

Suas maneiras estranhas tornaram-se aos poucos inquietantes. Visitava os professores do filho para fazer valer o seu Joseph e zangava-se com quem quer que contestasse ser o menino um prodígio de inteligência. Esforçava-se por fazê-lo conseguir bolsas de estudos e

garantir a continuação de seus estudos, para tanto importunando parentes, autoridades, diretores de escolas e administradores. Exibia seus cadernos a todos e lia suas composições em voz alta nos bondes, em meio aos sorrisos dos demais passageiros. Vendo o caminho que tomavam as coisas, ele começou a insurgir-se e a protestar; isso lhe valeu cenas tremendas em que sua ingratidão lhe era lançada em rosto. Ela era seu anjo da guarda, exclamava enfaticamente; só ela conhecia os altos destinos que Deus lhe reservava e com que ele, Kerkhoven, nem de longe sonhava.

— Não era preciso uma grande dose de bom senso para prever até onde aquilo levaria fatalmente — disse Kerkhoven, cruzando as mãos por trás da nuca e fitando o teto. — Era por assim dizer como se ela me tirasse o solo de sob os pés. Quanto mais pesada era a responsabilidade de que me sobrecarregava, menos confiança tinha em mim mesmo. Se acontecia elogiarem-me em aula, suspeitava logo de algo. Se devia recitar uma poesia, não chegava a dizer as primeiras palavras, embora a houvesse estudado cuidadosamente. Quando me ocupava de algum trabalho de certa importância, tremia à ideia de que alguém o notasse. Esse estado de coisas perdurou até em plena fase de estudos universitários, na realidade até muito mais tarde, talvez possa dizer mesmo até hoje. Sim, ainda hoje isto me ocorre. Quando por acaso alguém se lembra de fazer a meu respeito uma observação favorável, ou se, à custa de grande esforço, acontece-me realizar qualquer coisa de aproveitável, meu primeiro movimento é sempre de criticar, de desmerecer, de diminuir. Não lhe estou dizendo provavelmente nada de novo. Toda criatura normal é dotada por natureza de uma dose razoável de ambição. A minha teve as asas cortadas. No fim das contas, não era nada de grave, apenas um traço de giz para interromper o caminho. Porém eu, como a ave estúpida, jamais ousei atravessar o traço de giz. No dia em que aquela influência nefasta deixou de exercer-se, já era demasiado tarde. A entrevista que tive com ela no hospital de alienados, precisamente na época da puberdade, não podia ter tido qualquer efeito benéfico sobre mim. Esquecia-me de dizer que suas faculdades se obscureceram por completo em seguida ao incêndio da fábrica de meu pai. Era de noite;

ela precipitou-se cantando em altas vozes na casa em fogo e pouco faltou para que a fumaça a sufocasse. Depois disso foi internada. Quando fiz minha primeira comunhão, dois anos e meio mais tarde, manifestou o desejo de ver-me. Acompanhou-me a esposa de meu tutor. Uma ideia brilhante, não? Ninguém se lembrou de criticá-la. Na província, tais considerações não são levadas em conta. Aquela entrevista não era precisamente o que podia haver de mais recomendável para mim. A começar pela casa. Tive de esperar longo tempo e distraí-me observando o pátio de uma janela alta, que até hoje me parece estar vendo. Era o pátio dos homens. Um deles, de longa barba escura, não cessava de gesticular, como um ator de teatro, enquanto caminhava sozinho de um lado para outro. Mais adiante, um rapaz de cabelos ruivos permanecia inclinado para a frente, imóvel, os braços caídos, os olhos baços como que fascinados por um único ponto no muro. Não fazia um movimento. Havia ali talvez uns trinta homens dos quais não podia despregar os olhos. Davam-me a impressão de figuras de cera, às quais se tivesse insuflado uma aparência de vida. Essa sensação foi ainda mais acentuada na ala destinada às mulheres, que atravessamos a seguir. Era um pavilhão de doentes calmas. Muitas se entretinham em ler revistas despedaçadas. Levantavam os olhos e fitavam-me de boca aberta, a expressão sombria. Uma delas pôs-se a seguir-nos, rodando sem cessar em torno de nós, envolvendo-nos acintosamente com seu passo furtivo. Recordo-me de outra que tinha os cabelos negros, e ficava agachada sobre um banco, os cotovelos nos joelhos, e um olhar de onde tudo desertara, exceto o sofrimento, e mesmo esse sofrimento era vazio. Vejo-as ainda, a todas, em minha frente. Aquela alta e magra que corria incessantemente em torno de uma mesa, e a outra que ria à socapa, de um riso astucioso, como se pensasse que as companheiras ansiavam por conhecer o seu segredo e dissesse para si mesma: “Pois que esperem!”. Tenho um motivo especial para estender-me sobre este tema. Você não pode fazer ideia do que tudo aquilo representou para mim... não me refiro ao choque, embora não fosse pequeno... já nessa época, entretanto, tinha uma vaga ideia sobre meus planos de futuro... A partir desse dia, a criatura privada de razão tornou-se para mim... como direi... um ser que Deus abandonou à margem do caminho...

Melhor do que isso: um erro de cálculo da natureza, e um erro possível de ser reparado. Para tanto, é certo, é preciso ter recebido a graça, uma graça toda especial. Naquela ocasião, a graça me apareceu como requisito indispensável. Enquanto estudante, se me tivesse deixado guiar por um pendor natural... é para o terreno da psiquiatria que teria dirigido meus passos. Mais tarde, faltou-me a coragem necessária. Não ousei arriscar-me tão longe. A alma chegava quase a amedrontar-me. (O traço de giz, compreende?). Em suma, para terminar, entrei no quarto onde se encontrava minha mãe; à primeira vista, não a reconheci. Estava atirada no fundo de uma poltrona de braços; seus cabelos soltos tocavam o chão. Estendeu-me os braços, soltou um grito como se o Messias houvesse penetrado no quarto, sufocou-me de beijos e carícias... mas de que serve descrever tudo aquilo, suas frases grandiloquentes, os olhares triunfais que lançava em torno como se o aposento estivesse cheio de pessoas a quem pudesse exibir-me... Era cedo demais para deixar-me entrever o abismo... cedo demais para revelar-me essa chapa fotográfica negativa da humanidade... não me deveriam ter dado permissão... Coisas como essa incrustam-se profundamente e ficam para sempre a remoer... não se curam, como uma erupção de escarlatina... Um arranhão cicatriza-se, sem dúvida; mas feridas como essa atingem excessivamente fundo o corpo de misericórdia e ignoram demasiado o de justiça, para falar como o seu Paracelso. Somos todos marcados. Não acha você que somos marcados? — Certamente — respondeu Irlen ao fim de um longo silêncio. — Aquele que atravessa o inferno conserva para sempre a marca dessa passagem. No entanto, meu caro amigo, uma palavra como esta não lhe parece uma aberração teológica? Se o destino lhe imprime sua marca, Joseph Kerkhoven, é que ele o distinguiu... Levantou rapidamente os olhos, num movimento quase autoritário. Na fisionomia de Kerkhoven operara-se uma transformação semelhante à que se produz na expressão de uma criança que recebe imprevistamente um presente.

— Distinguir-me... a mim? — repetiu surpreso.

Irlen confirmou com um aceno de cabeça e por sobre a mesa estendeu-lhe a mão aberta.

— Eis aí... algo que eu esperava — disse Kerkhoven, com os lábios trêmulos.

Num gesto lento, apertou com força a mão que lhe estendia Irlen, e, num tom de dolorosa ironia, observou: — Em todo caso, seria conveniente verificar se meu corpo traz realmente algum sinal.

Naquele momento, Irlen sentiu que sua enfermidade era uma dádiva que a Providência lhe fazia, segundo um de seus impenetráveis desígnios.

CAPÍTULO IV

Seus encontros frequentes com Kerkhoven deixavam sempre em Marie uma impressão desagradável. Era dessas pessoas que sentem necessidade constante da aprovação alheia, sem o que passam a duvidar facilmente de si mesmas. Aborrecia-a notar que nunca ele a fitava diretamente, seu olhar passando sempre mais alto do que ela. Nada a desconcertava mais do que esforçar-se por fazer boa opinião de alguém e não encontrar correspondência por parte dessa pessoa. Gostava de demonstrar amabilidade e de encontrá-la nos outros. Um dia, armou-se de coragem e perguntou francamente a Kerkhoven (estavam no vestibulo, ele saía do quarto de Irlen e preparava-se para vestir o sobretudo) por que motivo nunca a cumprimentava como devia. Mal acabara de falar, já se arrependia de suas palavras. Tão grande foi a surpresa de Kerkhoven, que se deteve no seu gesto a meio caminho do cabide.

— Eu? Como assim? — gaguejou logo depois, descambando imediatamente para uma polidez afetada muito mais chocante que sua eventual indelicadeza. — Sinceramente, não o tinha percebido, minha senhora; terá sido impressão de sua parte.

Marie, confusa, sacudia a cabeça.

— Perdoe-me, por favor, não devia ter dito isso — balbuciou —, mas parecia-me senti-lo contrafeito... Marie afastou-se, enquanto ele tomava rapidamente o sobretudo e, inclinando-se desajeitadamente, alcançava a porta com a maior rapidez possível. No dia imediato, pareceu-lhe que ele esperava uma oportunidade de falar-lhe e simplificou-lhe a tarefa. Disse ter refletido sobre sua observação; ela teria porventura razão; entretanto, sua miopia era a única desculpa que podia encontrar para justificá-lo. (Puro pretexto; não era mais míope do que a média dos que costumam aplicar a vista nos estudos e jamais sentira necessidade de óculos). Marie sorriu levemente e replicou, não sem ironia: — Já previra isso, mas conheço uma porção de gente míope que nem por isso deixa de cumprimentar-me com gentileza... Não falemos mais nisso, doutor. Tomei uma liberdade que não devia ter tomado. Esqueça-o.

Kerkhoven refletiu um momento.

— Tenho uma confissão engraçada a fazer-lhe — disse por fim. — É que, nesse terreno, vivo perpetuamente em falta. Como sou forçado, em muitos casos particulares, a fazer um gesto excessivo de... amabilidade, acredito poder dispensar-me de formalidades na vida cotidiana. Acontece que estou sempre em déficit nesse ponto... A senhora foi a primeira pessoa a chamar-me a atenção para o fato. Para ser inteiramente franco, é também por um lado uma questão de preguiça de minha parte. Preguiça de sentimentos. Fico-lhe muito agradecido, minha senhora, por me ter aberto os olhos. Procurarei corrigir-me no futuro.

Falava com sinceridade evidente, e sua fisionomia traduzia tamanha inquietação que Marie teve ímpetos de consolá-lo. E mais uma vez censurou intimamente a própria susceptibilidade. Sentiu-se subitamente tomada por ele de uma simpatia profunda, totalmente inesperada, nascida naquele instante mesmo. Como se conservasse em silêncio e seu olhar sério o perturbasse, ele acrescentou, esforçando-se

por assumir um tom brincalhão: — Não me julgue muito severamente. Essa preguiça é talvez, no fundo, uma medida de proteção. Cada um de nós possui um certo número de qualidades que desempenham o papel de defesas, como a gordura em relação aos músculos, os leucócitos para o sangue... E, de mais a mais, eu tampouco estou satisfeito comigo. Nem um pouco, pode crer-me.

Ela não previra que sua censura abrupta iria feri-lo tão ao vivo. Era preciso que se conhecesse mal a si mesmo, para que uma simples crítica chegasse a magoá-lo a ponto de não mais poder afastar dela o pensamento. Marie recordou com um sorriso que seu pai classificava a esse tipo de pessoas de “ruminantes”. Em outras ocasiões, entretanto, parecia ao contrário satisfeito de ouvir opiniões a seu respeito, por pouco favoráveis que fossem, ou chegava mesmo a provocar, ele próprio, caçadas. Disso, só são capazes as naturezas perfeitamente seguras, solidamente firmadas em suas bases. Neste caso, porém, por que aquela confissão de descontentamento consigo mesmo? Ela julgara que nada jamais poderia abalar a segurança que sua própria força interior lhe comunicava. Aquela força serena, sobre a qual se julgaria poder repousar para sempre, irradiava segurança e comunicava-se em torno de si; nada parecia ter o poder de atingi-la. Refletindo sobre isso, ela começava a compreender o que atraía Irlen para ele: era o contraste entre aquela natureza sombria e confusa e sua natureza clara e bem ordenada. O próprio Irlen o insinuara um dia. Como se um elo místico existisse entre elas e, essencialmente diversas em aparência, se assemelhassem em sua essência íntima. Acaso não fora uma lei análoga que o conduzira até os desertos da África? Referira-se ao “valor” de Kerkhoven como a um bem de essência rara e difícil avaliação (sem esconder por outro lado a apreensão que simultaneamente lhe causavam certos aspectos enigmáticos de seu caráter), e falando em “valor” não tinha evidentemente em mente o significado habitual dessa palavra; e sim, de preferência, o do quilate de um diamante.

Como, num dos dias que se seguiram, à mesa, a Senhora Irlen emitisse diante dos netos um juízo assaz severo sobre Kerkhoven,

Marie irritou-se e julgou-se mais do que nunca responsável pela situação. “Foi por culpa minha”, disse consigo mesma. Sem dúvida, ela introduzira em casa um germe da má vontade que ali encontrara terreno favorável para propagar-se. A Senhora Irlen estava disposta a reconhecer as qualidades do médico.

— Não nego que ele seja um anjo, mas mesmo um anjo acaba por nos atacar os nervos, quando tem os modos horríveis deste homem.

Na intenção cavalheiresca de tomar a defesa de um ausente, Ernst Bergmann perguntou sorrindo: — De verdade, vovó? E supondo-se que um anjo possa chegar a ter maus modos, não seria o caso de fecharmos os olhos? A senhora sustentou que não; desejava ser tratada convenientemente pelas criaturas ao menos, já que nenhuma experiência tinha sobre o que dizia respeito aos anjos.

— Gosto que me tratem com consideração e que esta se traduza em sinais exteriores. Faço questão das aparências. A vocês, poderão parecer supérfluas: quanto a mim, prefiro um imbecil bem educado a um gênio que cometa falta de tato.

— Não se pode dizer que lhe falte tato — procurou objetar Marie. — Quanto a ser ou não um gênio, não tenho competência para decidir.

— Para poder dizer uma coisa destas — observou Ernst Bergmann com um sorriso — seria preciso que tivéssemos em torno de nós igual número de gênios e de imbecis.

A velha senhora suspirou melancolicamente.

— Afinal de contas — prosseguiu, como se sua observação quisesse atingir a toda uma época — não se pede nada de mais do que preservar um pequeno número de regras essenciais de boa educação. Será assim tão difícil? Não teimar em apresentar-se sempre como um bicho do mato. Não pregar obstinadamente os olhos no canto esquerdo da sala, quando à direita alguém o cumprimenta. E também não ficar rodando os polegares com um ar de aborrecimento mortal,

enquanto uma senhora está lhe contando qualquer coisa, seja ou não interessante. Não, meus caros netos, mesmo usando de toda a tolerância possível, e não obstante todo o respeito que tenho pela ciência, não posso admitir que isso esteja incluído... como se poderia dizer... entre os direitos inalienáveis da personalidade.

Inclinou a cabeça num gesto fidalgo, depois deixou-a pender para o lado com um ar resignado. Ernst Bergmann, sentindo quanto o tema era penoso a Marie, desviou habilmente a conversa para outro terreno. Era difícil dizer até que ponto Kerkhoven lhe era simpático. A admiração sem limites que professava pela mulher levava-o até então a ver tudo, homens e coisas, através dos olhos dela. Era entretanto inegável que se mantinha numa fria reserva para com aquele homem cuja natureza era tão diferente da sua, reserva de que só veio a despir-se em certo dia do fim de novembro, em que se viu atacado de violenta gastrite e foi tratado por Kerkhoven. Durante a convalescença, confessou a Marie ter mudado completamente de opinião a seu respeito. Reconhecia que, como médico, Kerkhoven tinha qualquer coisa de muito especial.

— Se um instrumento de música pudesse ter sentimentos — disse — vibraria entre as mãos do artista da mesma forma que eu entre as suas. De sua pessoa emana um magnetismo especial.

Marie replicou imediatamente que o tio Irlen dizia exatamente o mesmo. (Na época, o termo *magnetismo* não fora ainda usado a ponto de perder sua força, como sucede hoje). Entretanto, Ernst calara-se. Fato estranho; o entusiasmo de Marie por Irlen suscitara nele, desde o princípio, um ciúme secreto. Ao passo que não encontrava a menor objeção a fazer ao crescente interesse amigável que ela demonstrava por Kerkhoven, e se sentiria envergonhado de qualquer movimento de desconfiança a esse respeito, a ardente admiração de sua mulher por Irlen inquietava-o cada dia mais, e era-lhe às vezes difícil dissimular seu desagrado. Sabia bem que sua atitude era insensata; dir-se-ia que a desproporção que via existir entre o valor de ambos eliminava *a priori* Kerkhoven. Marie percebia tudo isso. Que mais podia fazer, senão

multiplicar as manifestações daquele carinho de que sempre cercara o marido? É verdade que por esta época o equilíbrio de sua vida começava a comprometer-se seriamente.

Confessou um dia a Irlen o embaraço que lhe causara uma observação feita levianamente a Kerkhoven, contando-lhe ao mesmo tempo o juízo severo que sobre ele fizera a avó. Sentia-se perturbada como sempre que se dirigia a ele para uma palavra definitiva sobre determinado assunto. Ouvira-a com atenção.

— É uma questão difícil de resolver — disse, depois de tê-la ouvido até o fim. — O que dá importância ao que se convencionou chamar boas maneiras é o papel que elas nos permitem desempenhar. Como simples meio de exibição individual, tornam-se com o tempo suspeitas. A posição que mantemos diante do mundo e tudo o que dela deriva é, na verdade, matéria assaz delicada. Cada um de nós desempenha um papel, quero dizer, tem para com a sociedade determinadas obrigações. Resta saber se se admitem ou não as convenções. Há em Oxford uma porta antiga sobre a qual estão gravados os seguintes dizeres: *Manners make men*.³ É possível. O que é de admirar é que as boas maneiras são muito mais correntes entre os selvagens do que entre nós. Trouxeram certa vez ao nosso acampamento uma mulher akka, pertencente a uma tribo de anões. Ela não lhe chegaria mais alto do que o ombro. Estava nua como um verme. Pois bem, posso afirmar-lhe, Marie, jamais ter encontrado em minha vida distinção igual; sua atitude, seus gestos, eram os de uma grande dama; chegava-se a esquecer que estava nua.

Calou-se por um momento, cobrindo os olhos com as mãos; para depois continuar: — Minha mãe é injusta. Ela não vê que Kerkhoven é uma exceção. Nesse terreno, é demasiado suscetível para aceitar o que não lhe agrada; tampouco ousaríamos pedir-lhe que o fizesse. Sabe Deus qual seria a sua intenção; talvez fazer de um semiplebeu um homem de sociedade. Não cometamos a imprudência de intervir. Esse homem está como que encerrado sob uma crosta de gelo; é preciso em primeiro lugar que o rompa. Não lhe sobra tempo para ostentações e

nem para preocupar-se com o nosso cerimonial mundano. Nunca teve tempo para isso. Tudo aquilo que um destino clemente, mas irrefletido, nos concedeu desde o berço, ele precisou lutar e lutará ainda até o sangue para conseguir. Não se esqueça disso, Marie; não esqueça a crosta de gelo.

Marie assentiu quatro ou cinco vezes com a cabeça, acompanhando cada gesto de um “sim, sim”, como uma aluna reconhecida. A imagem do mundo crescera subitamente a seus olhos.

Kerkhoven não era tolo e sentia a reprovação que suas maneiras despertavam na Senhora Irlen, se bem que esta demonstrasse sempre, em suas relações com ele, uma amabilidade acentuada, à qual se julgava obrigada, na sua qualidade de dama de sociedade e chefe da família. Era precisamente o que acontecia: procurava fazer-lhe sentir sua posição social, para abordá-lo, punha-se à testa de sua casta e, por suas maneiras impecáveis, mostrava-lhe o quanto as dele deixavam a desejar. Ele ria-se, caçoava; e, no fundo, sentia-se despeitado. Conduzia-se às vezes como alguém que, entrando sem desconfiança numa sala, julga sentir todos os olhares dirigidos para sua pessoa e fica obcecado pela ideia de que tem um furo nas calças, sem poder assegurar-se. Acontecia-lhe exagerar propositadamente uma falta de etiqueta, quando acreditava estar a ponto de cometê-la. Um olhar, um movimento de ombros de Marie bastavam nesses momentos para envergonhá-lo, e censurava-se então a si próprio com o mesmo ímpeto com que ainda há pouco se deixara inflamar. “Raios me partam”, dizia depois, “encontrei quem me domine, se não reagir a tempo, serei o bode expiatório dessa gente”. Visto ser impossível, com a melhor boa vontade, encontrar o menor motivo para fazê-los adaptar-se a ele, resignou-se a contragosto a tentar adaptar-se a eles. Não era fácil. Aos poucos foi fazendo descobertas interessantes: por exemplo, que uma gravata verde garrafa combinava mal com um colete de veludo negro com botões de cornalina vermelha, ou que sapatos amarelos acompanhando um terno preto e um chapéu de feltro cinzento davam como resultado um conjunto de uma extravagante excentricidade. Pouco a pouco, coletes e gravatas pitorescas foram desaparecendo de

circulação. Os cabelos deixaram de esvoaçar-lhe em torno da cabeça como uma juba; escovou-os simplesmente para trás, o que teve a vantagem de lhe pôr em evidência a testa, que era excepcionalmente bela. Exercitou-se em mostrar uma fisionomia amável ao penetrar numa sala, mesmo quando Irlen não se encontrava só, e a responder às perguntas que lhe eram feitas sem ofender as pessoas por sua distração, nem tampouco por um servilismo de pequeno funcionário *à la* Tchekhov. Fez o firme propósito de ceder o passo à dona da casa quando se encontravam na porta, e perdeu o hábito de servir-se do palito de osso que trazia no bolso. Foram outras tantas vitórias a seu favor, que no campo adversário eram devidamente apreciadas.

Nessas ocasiões, Marie sorria-lhe; era assim que, ainda menino, afigurava-se dever sorrir o cavaleiro, ao armar seu pajem em escudeiro. A atitude tomada por ela numa questão para ele tão insignificante, tão fútil na aparência, mas na realidade de tão grande alcance, posto que despertava nele a consciência de si mesmo e atiçava-lhe o amor-próprio, levou-o a fazer sobre o caráter de Marie descobertas importantes. Compreendeu que a influência oculta que nossos atos e os de nossos semelhantes exercem reciprocamente está sujeita a certas leis, tanto quanto o curso matematicamente determinado dos astros. Encontrou em Marie uma boa dose de critério, temperada de sutileza e graça, o que muito o surpreendeu. Afinal de contas, tratava-se de uma mulher, e o que é mais, de uma mulher muito jovem: teria no máximo vinte e três anos. O fato é que, uma vez vencida a timidez suscetível e a temerosa reserva que a caracterizavam, via-se subitamente brilhar uma inteligência fina, levemente temperada por uma suave ironia que exercia contra si mesma, e mantida sempre à distância, como a lâmpada que se afasta para evitar que a luz incida com demasiada crueza sobre os objetos insignificantes que deve iluminar. (Não, prefiro que não olhe; é tão pouca coisa!). Havia sempre uma parte de si mesma que ela mantinha em reserva; ao sentir que alguém tentava devassá-la, fechava-lhe todas as vias de acesso antes por medo que por indignação. Irlen dissera um dia, referindo-se a ela: “Faz lembrar um pajem encarregado de velar sobre os segredos de seu amor”.

A diferença é que ela velava sobre os próprios.

Conversava frequentemente com ela. Marie era de natureza confiante e aberta e, como todo artifício lhe era estranho, mostrava-se de humor uniforme no trato. Longe de prejudicar, esse fato só contribuía para acrescer o encanto que sua conversa oferecia. As águas límpidas exercem maior atração que as turvas. Entretinham-se quase sempre de Irlen, de sua infelicidade, de seu caráter, da extrema sedução ligada à sua pessoa. Revelou-se então um Kerkhoven inteiramente diverso do médico de feição meio burguesa que servia de pretexto às troças das rodas elegantes; era um novo homem, sob mais de um aspecto perturbador. Essa impressão inesquecível, recebeu-a Marie durante um passeio que fizeram por acaso em comum, saindo da propriedade dos Irlen, na direção de Hexenbruch. Vinte anos mais tarde, Marie recordaria ainda cada uma das palavras de Kerkhoven, cada árvore da beira do caminho deserto, os pequenos montes de folhas mortas que, reunidos pelo vento, estalavam sob seus passos, e os corvos de voo tardo e pesado cujos corpos negros recortavam-se nitidamente contra o branco leitoso do céu.

Começou por observar que suas relações com Johann Irlen haviam assumido um aspecto capital em sua vida, modificando-lhe mesmo as normas essenciais.

— Estranho acaso, o que colocou este homem no meu caminho — falou pensativo. Como Marie sacudisse a cabeça a esse termo de acaso, apressou-se em corrigir. — Naturalmente um *acaso* não tem sentido algum. Seria mais justo dizer uma *graça*.

Apenas pronunciara esta palavra, procurou retirá-la. Uma *graça*, não, a ideia não concordava exatamente com o seu estado de espírito; na realidade, sentia-se de tal maneira atingido que mais certo seria dizer que as consequências foram funestas para ele.

— Por quê? — perguntou Marie, assustada.

— Que queres? Assim foi, ele não podia prever as consequências — respondeu vagamente. Marie não se contentou com essa resposta evasiva e insistiu para que ele se explicasse.

— Há certos casos — disse ele então com relutância, — onde o médico tem a obrigação de salvar, se não quiser ser apenas um charlatão.

Marie teve um sobressalto. Deteve-se e fixou-o como se, até aquele momento, não houvesse examinado bem sua fisionomia. Continuando a caminhar, mantinha a cabeça baixa.

— O centro da questão está aí, nessa terrível moléstia — prosseguiu Kerkhoven, o olhar perdido no horizonte que aos poucos se obscurecia. — Nada poder contra ela, estudar, consultar os livros em vão. Meus colegas levantam os ombros. Alguns médicos eminentes, alegam eles, chegaram a obter tanto por cento de curas; prova de que o remédio é realmente eficiente. É verdade que na maioria dos casos tem dado resultado; entretanto, sobre a constituição especial de Irlen, fica sem efeito. Não quero pronunciar-me definitivamente, mas temo que neste caso o mal progrida irresistivelmente, embora de maneira furtiva e lenta. Que fazer? Lanço mão de toda a minha ciência, torturo meu espírito em pesquisas; em parte alguma encontro a solução desejada, tudo não passa de um lamentável fracasso. Gostaria de penetrar até o sangue envenenado, mas falta-me o poder para tanto; não sendo mágico nem feiticeiro, devo ater-me aos meus recursos de diletante. Falo claro, não? Pois bem, chego agora ao ponto mais humilhante. Ele conhece essa minha ignorância e, por generosidade de alma, finge dar crédito a essa vã gesticulação de minha parte. Dir-se-ia dotado de preciosas antenas, que lhe facultam um serviço de informações de uma precisão extraordinária; é um fenômeno inegável, que o coloca diante do comum dos mortais como... digamos assim, como um cronômetro de alto preço ao lado de um relógio ordinário. A senhora perguntou-me um dia se não gostaria de chamar outro médico em conferência, e eu respondi-lhe que seria inútil. Esta declaração poderá ter-lhe parecido prova de estranha indiferença de minha parte: é

preciso que este homem esteja perfeitamente seguro de si mesmo para assumir tamanha responsabilidade, terá certamente pensado. Confesso-lhe que logo depois dessa conversa, toda sorte de escrúpulos me assaltaram, e passei por um período de agonia. Tudo isso passou. A senhora olha-me admirada. De fato, o que vou dizer-lhe vai lhe parecer bastante estranho; hoje, que de lado algum, vislumbro a menor esperança, que nada faço, em suma, senão aguardar o milagre capaz de operar uma transformação, hoje, minha consciência está a esse respeito mais sossegada do que nunca, e se a senhora me perguntasse de novo, a mão na consciência: “Dr. Kerkhoven, pode tomar toda a responsabilidade?”, eu responderia que sim, sem hesitar.

— Como assim? — indagou Marie debilmente.

Kerkhoven calou-se um momento, pensativo e emocionado.

— É difícil explicar — prosseguiu, diminuindo a marcha. — Como lhe direi... É que conheço seu corpo melhor do que ninguém. Ele constituiu o objeto de minhas preocupações, estudei-o, examinei-o não sei quantas vezes, decifrei-lhe aos poucos a estrutura interna e externa, como se decifrasse hieróglifos. No fim das contas, porém, trata-se aqui de uma questão de paciência, de experiência, de saber e, nesse ponto, o colega a que me referi faria certamente mais do que eu. Não é bem o que quero dizer... o que quero dizer... Escute-me bem, Marie — e segurou-a pelo pulso. — Olhe um pouco lá longe, no alto da colina, a estreita faixa de púrpura que ainda se vê luzir; diga-me, nada vê nela? — Não, nada... — murmurou Marie surpresa.

— Pois bem, eu vejo. Vejo nela o corpo de meu amigo Irlen.

Marie estremeceu involuntariamente, como se lhe mostrassem um espectro. Por um segundo, teve a sensação de que Irlen estava morto e Kerkhoven via seu espírito. O tom em que pronunciou a palavra “amigo”, repetindo-a logo a seguir, como que para melhor pesar-lhe o valor (“Nunca até hoje tive um amigo; ele é o amigo”), perturbou-a até o fundo da alma. Sentiu-se subitamente pequena ao lado dele, sem

proteção, perdida na vastidão do mundo. Ao lado de Irlen, jamais se sentira “perdida”. Irlen não fugia jamais dos limites de sua personalidade, não era uma dessas sombrias naturezas elementares que projetam as demais para fora dos caminhos traçados. Tinha a impressão de que o solo fugia sob seus pés, de que ela escapara de si própria. Ingenuamente e como que fascinada, mantinha o olhar fixo na direção indicada por Kerkhoven. Apesar do crepúsculo, podia distinguir a expressão calma que cobria os traços de seu companheiro; compreendeu então que ele não divagava e, quando de novo lhe dirigiu a palavra, a cena, embora sem nada perder de seu caráter misterioso, teve realçado de modo surpreendente o seu conteúdo de realidade.

Tendo-se tornado o objeto exclusivo das preocupações e solitudes de Kerkhoven, o organismo de Irlen era-lhe agora a tal ponto familiar que podia a qualquer momento representar-se a configuração do corpo e o funcionamento de seus órgãos internos até chegar a tê-los nitidamente diante dos olhos, como se fora uma alucinação comandada por sua vontade, e comparável ao fenômeno pelo qual o pintor, à força de olhar seu modelo, chega a reconstituir-lhe a imagem de cor sobre a tela. Conseguia-o através de uma tensão de espírito que tirava sua força da simpatia de que sua alma transbordava. Com isso, resolvia-se por si mesmo um problema que frequentemente o atormentara: a afeição, os laços de amizade, poderão perturbar a visão do médico e paralisar-lhe as decisões, ou então, envolvendo-o no clarão vacilante da angústia, terão o dom de aguçar-lhe os sentidos e exaltar-lhe as faculdades? A resposta, tinha-a agora entre as mãos.

Via o corpo do amigo sob diferentes aspectos. Dir-se-ia às vezes que no lugar do coração achava-se suspensa uma lâmpada de cristal de rocha que tornava a epiderme transparente. A semelhança com um objeto exposto aos raios Röntgen era outra comparação que lhe ocorria. A rede dos músculos era um emaranhado de fitas de um vermelho rutilante, cruzando-se e confundindo-se em todos os sentidos. Por trás, os ossos, lembrando colunas e arcos, suportes e cúpulas de todos os tipos, verticais e horizontais. Os rins, o fígado, o

baço, os intestinos, o estômago e o cérebro, cada um com sua estrutura particular, como estranhos organismos desabrochados nas profundezas abissais, e fazendo pensar — pela ação recíproca de suas funções — em dínamos e reguladores silenciosos, tomavam a forma de balões, tubos ou esponjas. O cordão gelatinoso da medula espinhal em seu canal de arestas góticas, formado por anéis móveis. Os tecidos ramificados ao infinito e os postos de comando dos nervos; fios de prata, fibras de seda, grupos de pólipos, tudo vibrando de sensibilidade e envolvendo os elementos sólidos ou meio sólidos, úmidos ou secos, e despertando para a consciência os sentidos que eles ligam e separam a um só tempo. Os cachos e os sacos frouxos das glândulas. O coração, essa bomba misteriosa, semelhante a uma glândula insuficientemente endurecida. A circulação do sangue nos canais incontáveis, da aorta real aos vasos capilares mais distantes, sugere uma sinfonia purpúrea; as artérias, a carótida, a occipital, a braquial, a radial, a cubital, a femoral e tantas mais, são como que os diversos tubos de um órgão fantástico e mudo.

Alucinação de anatomia, que não dizia respeito senão a Irlen. Era a visão do corpo de Irlen, da forma organizada assumida por esse corpo cuja estrutura geral representava o *anthropos*, a espécie, o *homo sapiens*, mas cuja individualidade particular realizava um tipo único que jamais tornaria a apresentar-se. E se, estudando-o, se penetrasse longe o bastante, até o protoplasma, até o núcleo da célula, até as vibrações mais secretas dos filetes nervosos impalpáveis, como não conceber a possibilidade de daí extrair conhecimentos exatos sobre a espécie toda — se nessa pesquisa nos secundassem angústia e afeição? É um fato lógico, com efeito, que o exemplar chegado ao desenvolvimento mais perfeito contém em potência todos os outros de valor menor. Esse pensamento perseguia Kerkhoven com a tenacidade de uma obsessão. Que é que tem o verdadeiro médico, senão a capacidade de tão bem identificar-se à forma de outra criatura, que o mal que a aflige passe a projetar-se a seus olhos como uma imagem? A expressão “imagem”, porém, não o satisfazia; depois de procurar um pouco, substituiu-a pela de “diagrama”, que lhe parecia traduzir mais

fielmente seu pensamento e que foi preciso começar por explicar a Marie.

— Não nos é mais permitido duvidar do trabalho de destruição realizado pelos parasitas — disse. — A questão é saber como estancar o mal. Tenho por vezes a impressão de que as intervenções externas não fazem senão encobrir-lhe traiçoeiramente a evolução. A injeção de anteontem à noite foi seguida de vômitos violentos. O mistério perdura. Durante três semanas, julga-se constatar uma melhora; logo sobrevém forte recaída. O remédio foi muito forte? Ou muito fraco? Os intervalos entre as injeções demasiado curtos ou excessivamente longos? No fim de contas, caça-se o diabo com o auxílio de Satanás... É possível que o tratamento alimente a esses tripanossomas, ao invés de destruí-los. Como sabê-lo? Julgamos avançar, e marcamos passo sempre no mesmo lugar. Ocorre-me às vezes a ideia louca de que poderíamos combater a doença, se o doente não representasse um obstáculo. A doença, sei como atacá-la; o portador de germes, esse, escapa à minha ação. A senhora não me compreende; não importa, não é preciso que me ouça. Ontem à noite, ele pretendeu contar-me o que se passou entre ele e Otto Kapeller. Pedira-me ele próprio que o lembrasse. Sua vida, seu passado, tudo que lhe diz respeito, apresenta a meus olhos o mais vivo interesse. Resumindo, não chegara a pronunciar dez palavras e vejo-o empalidecer; não se pode mais movimentar a língua nem os maxilares, suas pupilas se dilatam, o olhar se imobiliza. Eu sabia que a crise era passageira; já tivera outras iguais. Quando me debrucei sobre ele e fixei-lhe os olhos, vi repentinamente como através de uma lanterna mágica as lesões de seus órgãos: o fígado e o baço hipertrofiados, bem como os gânglios linfáticos, os pulmões ingurgitados de sangue, a mucosa do estômago sanguinolenta, a medula dos ossos de um vermelho purpurina ao invés de cinzento, as paredes dos vasos alteradas, bem como a composição do sangue; tudo isso projetado do fundo das próprias fontes vitais sobre a retina. Haverá no mundo fonte mais profunda que o corpo humano? Jamais me acontecera uma aventura como essa; senti-me como se fosse... como dizer? Um Rafael privado do uso das mãos. De que me pode servir esse dom, se por outro lado me faz sentir

cem vezes as lacunas de meus conhecimentos? Digo lacunas, e deveria dizer os abismos! E cem vezes me faz reconhecer a minha ignorância revoltante! Se eu não chegar a conquistar ao menos uma fração daquilo que se sabe e se estuda no momento atual, permanecerei para todo o sempre o que hoje sou, um imbecil, um charlatão. Creia-me, Marie, é a pura verdade. Não se chega mesmo a saber até que ponto se é ignorante. Tropeça-se, arrisca-se, adivinha-se. É terrível.

Marie avaliava finalmente sua angústia. Não pôde deixar de pensar na crosta de gelo de que lhe falara Irlen. Que responder? A sensação da própria impotência apertava-lhe o coração. Timidamente, sentindo a necessidade de consolá-lo ou simplesmente de mostrar-lhe que compreendia sua aflição, pousou-lhe de leve a mão sobre a manga do paletó. Absorto em seus pensamentos, nem chegou a reparar naquele gesto desesperançado. Entrementes, a noite caíra. Kerkhoven tropeçou e escorregou numa vala, o que teve o dom de chamá-lo à realidade.

— O pior, a meu ver — disse Marie —, é perseverar numa situação que se reconhece intolerável.

— A senhora é inteligente e o que diz é certo; mas como realizá-lo, diga-me? — Não me admira vê-lo fazer esta pergunta; é a reação natural de qualquer criatura colocada em face de uma situação inesperada. De minha parte, não tenho solução para oferecer-lhe. Acredito, porém, que se o senhor também não tivesse uma, ao menos inconscientemente, não me teria revelado isso tudo. Tenho ou não razão, Dr. Kerkhoven? Produziu-se então um fato bastante singular. Kerkhoven enfiou a mão no bolso, tirou uma caixa de fósforos, riscou um deles e, quando a chama brilhou, ergueu-a diante do rosto de Marie. À luz desse clarão, fixou-a nos olhos, após o que meneou pensativamente a cabeça e atirou ao solo o fósforo que ainda queimava.

— Acho que é tempo de voltarmos — disse Marie, perturbada, ao cabo de um momento.

O que nesse meio tempo aconteceu a Nina Kerkhoven é um triste capítulo desta história. De há muito vinha notando que o seu Giuseppe não se encontrava em seu estado normal. A esse respeito, nenhuma intuição seria mais aguda que a sua. Intuição não será porventura o termo exato; tratava-se antes de uma fusão íntima de seus sangues, a tal ponto idênticos em essência e em polarização que mal sobrava a cada um a possibilidade de ter uma natureza própria. O fato é extremamente raro, embora tudo quanto se diz e se escreve sobre as relações entre os dois sexos seja de molde a fazer crer que se verifica constantemente. Para produzir-se, exige uma atmosfera semelhante àquela que favorece o desabrochar das flores, um calor moderado e constante. Nina em tudo se assemelhava a uma flor, e essa temperatura uniforme, que lhe era indispensável, fornecia-a Kerkhoven com sua natureza tranquila que fazia pensar num bom fogareiro de louça bem aquecido. Transplantada para um clima onde o inverno se prolongava por seis meses do ano, encontrava nele como que um prolongamento do ar e do sol do meio-dia, a preservar sua alma do frio e das intempéries.

Todos gostavam dela. As mulheres da vizinhança elogiavam-lhe as virtudes domésticas, a boa vontade e a simplicidade. Os homens reservavam sua opinião num sorriso complacente, como se sua aprovação fosse uma recompensa reservada para mais tarde. “Uma mulherzinha deliciosa”, comentavam entre si com um estalo da língua e um olhar de inveja em direção ao feliz proprietário. Como se tratasse de pessoas de posição, funcionários, professores do liceu ou da faculdade, advogados, médicos e engenheiros, Nina, de índole essencialmente burguesa a despeito de seu passado revolucionário, gostava de sentir-se admirada; essa admiração, entretanto, não devia ultrapassar certos limites. A italiana conserva profundamente arraigadas suas ideias provincianas e acredita firmemente que só à mulher cabe a culpa de tornar-se a presa de outros homens, uma vez perdido o amor de seu marido.

Não poucas coisas a contrariavam ultimamente. Kerkhoven perdera seu belo apetite, aquele apetite sadio e juvenil que trazia de volta das

visitas cotidianas e levava-o a meter logo o nariz na cozinha. *Il ficcanaso*,⁴ para saber o que havia nas panelas. Gostava de brincar com ela, assumindo uma atitude grave de profissional; caçoava de sua exuberância, soprava-lhe as faces afogueadas como se sopra um bolo ainda quente antes de comê-lo. Oh! Como sabia ser divertido, o seu Giuseppe! Quanta gente se enganava tomando-o por um *brontolone*,⁵ quantos temiam aqueles negros olhos feiticeiros, que ela via luzirem de alegria quando empilhava em seu prato os *spaghetti al pomodoro* de perfume delicioso, que ele nunca se cansava de repetir. É preciso que se diga que ela sabia como ninguém preparar os pratos de seu país, e que nada mais justo que os ruidosos cumprimentos que de cada vez lhe fazia, proclamando-a mestra de sua arte. Tudo isso porém havia cessado: por que, *Dio mio*? Podia colocar em sua frente a mais apetitosa *zuppa milanese*; não se alterava a expressão sombria de seu rosto. Quando um homem se põe a beliscar a comida em lugar de atacá-la de frente, é preciso desconfiar dele. Tem qualquer coisa em mente. Cuidado, Nina.

Estranha criatura! Tão longe levava sua vigilância, que ficava acordada noites inteiras, observando-lhe o sono. De cada vez que parava de respirar, aguçava o ouvido, para ver se falava em sonhos. Depois que seus braços a soltavam, passava horas inteiras, agitada, a refletir sobre esse carinho que com angústia sentia diminuir, sem poder explicá-lo de outra forma senão pelo hábito conjugal e pelas preocupações profissionais. Se permitia aos seus próprios pensamentos a mais breve incursão no sombrio domínio de seus temores, sentia a palidez invadir-lhe o rosto como um frio úmido e mergulhava a cabeça nos travesseiros para abafar imagens assustadoras. Vigia, vigiava... Ele estava mergulhado num sono profundo; despertava com esforço, a contragosto, como se ela não estivesse ali, como se não despertasse para encontrá-la... É verdade que sempre se mostrava irritável e ranzinza ao despertar; ao fim de uma meia hora, entretanto, seu humor se amenizava e explicava-lhe, quando necessário, com a mesma seriedade com que fazia uma demonstração científica, que, no homem digno desse nome, o fato de

mostrar-se taciturno pela manhã não significa um defeito de caráter, senão uma das expressões de sua miséria humana; é preciso ter uma cabeça oca para começar o dia gritando: “A vida é bela!”. Essas máximas duvidosas, ainda que só as compreendesse a meio, levavam-na a não fazer caso de seu mau humor; aliás, este desaparecia com o passar das horas. Agora, ao contrário, nunca mais se dissipavam as nuvens sombrias de sua fronte; por mais que juntasse as mãos e meneasse a cabeça em atitude de muda surpresa, ele nem mesmo parecia aperceber-se. Que se passava de tão importante para que mal terminado o almoço, escapulisse às pressas de casa? Apenas terminada a consulta diária, pegava o sobretudo, o chapéu, a pasta e... rua; por mais de uma vez mesmo despachara os clientes que esperavam.

“Onde vais, Giuseppe, onde vais, *caro mio*?”. Ele levanta os ombros, murmura algumas rápidas palavras. “Ao anfiteatro de anatomia? À policlínica? Para quê? Todos os dias a sala de autópsia, o hospital, o curso da faculdade; por que, Santo Deus? Já não és bastante sábio sem isso, que te falta aprender ainda?”. Acontecia-lhe então pegá-la pela nuca, do mesmo modo como se levanta um gato, e debruçando-se sobre ela começar a rir, mas de um riso que a assustava, fazendo-a encolher medrosamente os ombros e soltar um pequeno gemido, precisamente como se fora um gato. Mesmo à noite, quase não parava mais em casa; ora corria ao instituto bacteriológico, ora à biblioteca, ora a uma operação marcada, ou mais habitualmente, sempre e sempre, à casa do Comandante Irlen, situada sobre a encosta. Que se passava, Deus do céu? Se acaso lhe acontecia ficar em casa ou voltar antes da meia-noite, instalava-se em seu escritório cercado de livros que pouco a pouco se empilhavam sobre a escrivaninha, obras de biologia, de psiquiatria, de histologia, de anatomia, de urologia, de dermatologia, e lia, lia até três ou quatro horas da manhã, tomava notas, traçava esquemas, tal um estudante em vésperas de exame; esquecia o cansaço, a mulher, o trabalho profissional que o aguardava às oito horas da manhã seguinte. Quando ia ao seu encontro, e descalça se aproximava por trás de sua cadeira, pousando-lhe as mãos nos ombros para falar-lhe de sua tristeza, nas expressões harmoniosas de sua língua natal que antes o deliciavam e prendiam, ele virava a

cabeça, fitava-a como a uma estranha, e seus olhos pareciam indagar: “Quem és tu? Por que me interrompes? Que estás dizendo?”. Reprimia então um soluço, baixava lentamente a cabeça e apertava temerosamente entre os dedos o amuleto de prata que trazia ao pescoço; tinha-o consigo desde a infância, firmemente convencida de que a ele devia toda a felicidade de que até então desfrutara.

Não compreendia, não compreendia, e essa ânsia torturava-a.

Tivera sempre dificuldade em cobrar seus honorários; os clientes não se apressavam, sobretudo depois de curados. A mais modesta das contas parecia-lhe sempre excessiva. Muitos se esqueciam de que, por semanas a fio, tinha esperado diariamente pelo médico como por um salvador. A saúde tem sua arrogância. Os ricos eram os piores; o pobre é mais facilmente reconhecido. Justifica todas as pretensões, do momento que foi socorrido, e sente-se envergonhado por não poder fazer face a uma exigência moderada. Insistir na cobrança. Giuseppe proibira-o, julgando esse processo contrário à sua dignidade; fosse como fosse, era preciso esperar que os retardatários saldassem espontaneamente suas dívidas. Acontece, porém, que não era possível viver exclusivamente da renda das consultas; aliás, essa clientela em sua maioria compunha-se de indigentes. Os honorários que recebia na Assistência eram insignificantes; o único rendimento sobre o qual se podia contar era o da companhia de seguros. Entretanto, estavam descontentes com ele, queixando-se da falta de clareza de seus últimos relatórios, tendo mesmo dado a entender que o dispensariam no final do trimestre. Nina fazia verdadeiros prodígios de economia para manter o equilíbrio doméstico e proporcionar uma ilusão de conforto, embora lhe fosse preciso reunir um a um os tostões para pagar toda semana as contas do açougueiro e do padeiro. No Natal do ano anterior, chegara a penhorar seu anel de noivado; Giuseppe não o percebera, *Dio sia lodato*.⁶ Nunca poupou uma caminhada para comprar manteiga um tostão mais barato; não recuava diante de qualquer tarefa que pudesse aliviar o orçamento doméstico: — Olá, madame Kerkhoven! — dizia a viúva do fiscal de consumo do

primeiro andar, quando a via sair ainda cedo para a feira, o cesto no braço.

— Já de pé, a estas horas! E ela: — É preciso, é preciso, não tenho tempo... Consertava a roupa, cerzia as meias, cozinhava, lavava a louça e a roupa, limpava os vidros, fazia ela própria seus vestidos e chapéus e antes de chamar um operário, quando se tornava preciso um conserto, experimentava fazê-lo ela mesma. E geralmente saía-se bem.

Depois que se operara aquela inquietante transformação, Giuseppe negligenciava mais do que nunca as questões de dinheiro. Esquecia-se de inscrever suas visitas. Não havendo urgência nem perigo, não as renovava; pior do que isso, procurava convencer o doente da inutilidade de sua vinda; o corpo precisava era de repouso, a presença do médico de nada valia. Falava assim, o tolo, sem se incomodar de saber se era isso que as pessoas desejavam ouvir; dizia com raiva não poder prestar-se ao papel do “médico-polícia”, cuja presença nos arredores basta para manter à distância a doença. Os clientes mostravam-se naturalmente surpresos e dirigiam-se a outro médico o qual não se fazia por muito tempo de rogado ao ter conhecimento de que o “prezado colega” renunciara ao doente. Começava a correr o boato de que o Dr. Kerkhoven estava um pouco alterado do juízo. Seus clientes ricos, os Bergmann e o explorador doente, haviam-lhe virado a cabeça; para encontrá-lo a qualquer hora, era bastante pedir no telefone o número 2625; fora certamente contratado como médico particular da família e a esse título era pago. De pagamento, infelizmente, nem vestígio via Nina.

Irritava-se quando lhe chegavam aos ouvidos os mexericos, mas por seu lado ignorava por completo o que, em verdade, atraía Kerkhoven para aquela casa e para o Comandante Irlen. Era impossível que estivesse tão doente como se dizia; era visto às vezes sair de automóvel, ou então apoiado numa bengala, passeando na praça do Palácio ou no jardim público, quase sempre acompanhado de uma mulher jovem e bonita; tinha um rosto atraente, aquele homem, a ponto que todo mundo se voltava para segui-lo com os olhos. Se apenas Giuseppe lhe

disse o motivo por que ali passava todas as suas horas livres! Nada, nem uma palavra, como se ela tivesse por hábito importuná-lo quando alguma coisa ultrapassava sua compreensão; como se a simples promessa de uma explicação não fosse o bastante para satisfazê-la. Mas via-o tão mudo, tão mudo e tão frio!... Os problemas espirituais e a tragédia das crises morais eram coisas totalmente estranhas para um espírito simples como o de Nina. O que estava fora do alcance de seus sentidos era como se não existisse para ela. E como era impossível que germinasse nela a ideia de procurar as razões profundas da transformação operada em Kerkhoven, seus pensamentos desorientados giravam ininterruptamente em torno do mesmo ponto, que constituía o centro de sua vida. Como era pouco complicada sua alma! Que pudesse vir a perder o seu amor, era uma eventualidade que jamais considerara, da mesma forma que nunca pensara em ver os Alpes desaparecerem tragados pelo solo. Aceitava a imutabilidade desse amor com a mesma confiança tranquila e inquebrantável com que aceitava a existência palpável de Kerkhoven e a sua própria; eis porque jamais ela lhe toldara no espírito a mais leve sombra de ciúme. Outra mulher, ele, meu Jesus! Era loucura até pensar; a ideia não chegava sequer a atingi-la. Não obstante, reconhece que ele já não é o mesmo. Antes, sua presença acompanhava-a por toda parte. Quer estivesse só, quer no meio de outras pessoas, experimentava sempre a sensação de tê-lo a seu lado. Hoje, tinha a impressão de que cada dia mais se afastava atraído irresistivelmente por uma mão invisível. Breve, a distância será tão grande que seu chamado não poderá mais atingi-lo. Mas por que, por quê? Teria sido ela a mudar? Acaso deixou de ser bela, sua voz terá perdido o timbre harmonioso, sua cintura a flexibilidade? Já não serão os mesmos o ardor de seu carinho e a doçura de seu beijo? Como saber? Deve ser qualquer coisa desse gênero, embora não possa descobri-lo, pois sua aparência, sua pele, seu porte, seus gestos, seu andar não se modificaram. O espelho não mente e seus olhos ainda estão bons para julgar. Quem sabe terá cometido alguma falta; desobedeceu-lhe talvez; mostrou-se porventura demasiado ardente, ou demasiado fria, faltou-lhe com o respeito ou com a atenção, ou ainda negligenciou no zelo pelo seu bem-estar físico; sua confiança nele pode ter fraquejado, seu coração

negado-lhe ocasionalmente a veneração que ele, mais do que ninguém, tem o direito de exigir? Sim, era certamente isso; e não contente do severo exame de consciência a que imediatamente se submeteu, foi confessar-se e comungar. Todos os dias, ficava uma hora inteira diante do altar da catedral, absorta em ardente oração. Uma vez, juntou-se ao grupo numeroso de fiéis que empreendiam a peregrinação à colina de São Nicolau e, tomada de piedoso recolhimento, subiu de joelhos a longa escadaria. De nada lhe serviu tudo isso; a situação não se modificou. Resolveu então procurar uma cartomante, cujo endereço, no beco da escola, a caixeira da papelaria vizinha lhe fornecera. Envergonhada daquela despesa absurda, estendeu por sobre a mesa a nota de dois marcos. Era intensa sua emoção ao apertar na mão o ovo cru, cuja clara a adivinha deixou pingar gota a gota dentro de um copo d'água, a fim de ler o futuro nas figuras assim formadas. Enquanto a sibila distribuía as cartas, reteve a respiração; seu coração batia ao estender a mão cujas linhas deviam revelar o destino que a aguardava. O que ouviu, finalmente, foi por demais ambíguo para alimentar-lhe as esperanças; era uma mistura de palavras de conforto e advertências, de tolices e conselhos. Afinal de contas, não era tola a ponto de tomar a sério os absurdos que lhe diziam a respeito de uma moça que estava “no seu caminho” e que iria trazer-lhe “uma má notícia”. Não pôde deixar de soltar uma boa gargalhada e exclamou: — *Tante grazie, padrona, basta, basta, arrivederla.*⁷ Boa noite... A pitonisa seguiu-a com os olhos, tomada de surpresa pela nota falsa que soava naquele riso. Ainda solteira, Nina ouvira falar de certos filtros que permitem à mulher reconquistar o amor de seu marido, quando percebe que seus sentimentos por ela começam a esfriar. Guardara até de cor uma dessas receitas: a uma infusão de acônito e folhas de salgueiro, acrescentar certa porção de graxa e trinta gramas de sangue fresco extraído do próprio corpo; a medida de um dedal era suficiente para obter o resultado almejado. Sentia vontade de experimentar, mas não ousava; tolhia-a o receio da opinião de Kerkhoven, a quem não podia ocultar sua experiência. Habituara-se demasiado à atmosfera de claridade e franqueza em que evoluía aquele espírito para ousar perturbá-la com operações de magia negra.

Eu não saberia dizer como e por quem Nina teve conhecimento de suas relações com Marie Bergmann. É possível que uma de suas conhecidas a tenha informado, ao acaso de um encontro, entre duas compras. Possível, também, que o tenha sabido por um dos colegas de Kerkhoven ou em algumas das lojas onde costumava comprar. Pouco importa a maneira e o local, pouco importa que o tenham feito por maldade ou sem má intenção, propositadamente ou sem querer, com ou sem detalhes, como coisa certa ou mero diz que diz que. O fato é que um dia ela veio a saber. Desse momento em diante deixou de ser a Nina que sempre fora até determinado dia de janeiro de 1914 e tornou-se outra mulher. Tomava conta de casa como antes, fazia o trabalho como antes, atendia os doentes e acompanhava-os à sala de espera como sempre o fizera; telefonava-lhe como antes, quando era chamado para atender a um doente e se encontrava fora de casa; cosia, limpava, cozinhava e lavava a roupa como antes, mas era uma mulher diferente. Uma Nina sempre sorridente. Como era estranho vê-la sorrir todo o tempo! Um sorriso impalpável, estático, sem graça, que jamais lhe saía dos lábios; ninguém sabia explicar-lhe o sentido; digo ninguém porque, à exceção de Kerkhoven, todo mundo o notava. Quanto a ele, não reparava nisso, como em nada mais. Fato curioso também, pôs-se de repente a arranhar o alemão mais do que nunca, o que fazia parecer mais engraçado tudo quanto dizia. Era como se subitamente tivesse perdido a memória de uma quantidade de palavras e modos de expressão que aprendera no correr dos dez últimos anos. Se entrava por exemplo num armarinho para pedir meio metro de fita, ou na farmácia para dar um recado de parte de Giuseppe, ou ainda na carvoaria para deixar sua encomenda para o inverno, punha-se a gaguejar, a procurar as palavras, a entremeá-las de termos italianos, a ponto que os próprios fornecedores habituados à sua maneira de falar não sabiam mais o que ela realmente queria e que os demais fregueses presentes mal podiam conter o riso. Observara que Giuseppe demonstrava ultimamente com a *toilette* cuidados especiais que nunca tivera. Tirou então do armário seus ternos usados, revistou-os minuciosamente, escovou-os e passou-os a ferro; examinou cuidadosamente sua roupa branca e, descobrindo que muitas de suas gravatas estavam gastas, foi imediatamente comprar-lhe três novas,

sem nada dizer-lhe, nem antes nem depois; por seu lado, ele nem o percebeu. Foi aliás por ocasião dessa compra que, ao fazer o pagamento na caixa, estendeu as mãos no vazio, deu um suspiro e caiu desmaiada. Não tardou a voltar a si, desculpando-se com a proprietária da loja e afastando-se com o ar de alguém que se portou inconvenientemente. Daí por diante viu-se sujeita a violentas enxaquecas periódicas, que escondeu de Giuseppe o mais tempo que pôde. Quanto a ele, não o notou, da mesma forma que não notara o resto.

Vejo-o menear a cabeça, leitor. Vejo-o taxar de absurda a atitude de Nina, que como mulher sensata deveria ter falado abertamente a seu marido, e criticá-la por permitir que uma simples informação fortuita lance a inquietação em seu espírito, antes de procurar certificar-se de sua veracidade. É pouco provável que Joseph Kerkhoven lhe tivesse mentido; tanto quanto nós, sabia-o incapaz de uma coisa dessas. Talvez fosse precisamente essa certeza o que temia. Talvez o cristal já se achasse fendido antes que o golpe brutal o esfacelasse. O espírito mortificado pelo tormento que lhe causava essa conduta inexplicável, quem sabe já não precisava de uma confirmação formal. De um modo ou de outro, o fato é que não tomou qualquer iniciativa, aceitando pacientemente tudo quanto se seguiu, sem se defender nem protestar. O motivo exato, eu não o poderia dizer. Não resta dúvida que os homens são criaturas misteriosas.

Certo dia, a Senhora Irlen disse ao filho: — Creio que farias bem pedindo a conta ao Dr. Kerkhoven sem esperar o fim do ano. Há meses já que vem diariamente à nossa casa, e não tenho a impressão de que esteja nadando em ouro. Dizem que perdeu muitos clientes nesses últimos tempos. Não posso compreender como, sendo um médico de tanto valor. Se quiseses, encarrego-me de resolver esse detalhe.

Irlen não aceitou, mas agradeceu à mãe a sugestão e censurou-se a si mesmo por essa imperdoável negligência, tanto mais imperdoável quanto, sob a influência de um tratamento diatérmico e radiológico

que Kerkhoven instituíra quase às apalpadelas, combinando-o a um regime lácteo dos mais severos, seu estado melhorara sensivelmente no correr da última semana. Passava dias inteiros sem ter febre, dormia tranquilamente à noite — é verdade que não mais de quatro ou cinco horas —, as erupções cutâneas tinham diminuído, as perturbações nervosas, que chegaram a assumir o aspecto de paralisias parciais, não se manifestavam mais senão esporadicamente. Não lhe restava senão um cansaço generalizado, porventura decorrente da alimentação reduzida, ou talvez ainda atribuível ao esgotamento natural do corpo, uma vez que a anarquia dos diversos humores fora vencida, à parte raras tentativas de revolta prontamente subjugadas. Era mais ou menos este o aspecto sob o qual Irlen considerava o seu próprio estado, não sem certa esperança, embora sob essa esperança, no subconsciente, guardasse uma imagem nítida da evolução do mal. Dentro dele, sentia-se bem, rompera-se um equilíbrio. Tinha sede de espaço. Os órgãos nervosos e sensitivos descontrolavam-se, o coração dava uma sensação de insegurança com suas batidas desordenadas, seus movimentos fibrilares, sua dilatação acentuada. Tinha a impressão de deslizar ao longo de uma parede vertical com a lentidão de um corpo que escapasse às leis da gravidade. A vida perdia o seu caráter de unidade organizada; fragmentava-se, não era mais que a soma de momentos e segundos isolados; era como se se sacudissem juntas todas as letras que tinham servido para compor um drama e que, no fim, ao invés de uma obra do espírito, nada mais restasse além de cem mil caracteres embaralhados.

Colocou num envelope cinco notas de cem marcos juntamente com um cartão seu, e mandou entregá-lo em casa de Kerkhoven por um empregado dos Bergmann. Escrevera no cartão: “Esta quantia não pretende resgatar nem medir a parte material de minha dívida; quanto à outra parte, devo sujeitar-me à indulgência do meu credor”. Pensava ter liquidado o assunto, mas, para grande surpresa sua, Kerkhoven mostrou-se profundamente ofendido e insistiu em que recebesse de volta o dinheiro. Ao ler o cartão, julgara à primeira vista estar sendo despedido.

— Pretendias acaso incluir-me no rol dos teus clientes indigentes? — perguntou Irlen.

— Não insistas — replicou Kerkhoven. — O que me pedes é realmente impossível. Se estivesses a te afogar e alguém te estendesse a mão, não irias propor-lhe por isso uma remuneração.

Irlen impacientou-se, o azul límpido de seus olhos ensombreceu-se.

— Aí está mais um desses mal-entendidos que complicam inutilmente a vida — disse.

— É infantilidade de tua parte querer colocar nossa amizade em plano tão alto que não permita regularizar entre nós vulgares questões de dinheiro. Pareces ter em mente um tipo de benefício ideal decorrente de nossas relações, e incompatível com o vil metal. Não é assim? Vamos, reflete um pouco: de duas uma: ou esse benefício é recíproco, ou não passa de ilusão. No fundo, esperas que eu te pague em amizade os serviços essencialmente concretos que me prestas. Belo acordo! Hás de compreender que me recuso a qualquer discussão sobre o assunto. Quando se procura exagerar a delicadeza, esta se torna incômoda. Espero que este pequeno sermão não te aborreça.

— Não — disse Kerkhoven. Refletiu algum tempo em silêncio, a cabeça profundamente curvada, como se procurasse ler nos desenhos do tapete a resposta que iria dar. — Tudo o que dizes é exato — prosseguiu ao fim de algum tempo —, perfeitamente exato, mas só na aparência. Encontro-me numa situação extremamente embaraçosa, posso mesmo dizer num beco sem saída. No que diz respeito a nós dois, é possível que tenhas razão, ou antes é preciso que eu te deixe ter razão, muito embora meus esforços estejam longe de ter o valor que lhe atribuis. Estou longe de ser um luminar da ciência... Quinhentos marcos... Santo Deus, chega a ser ridículo. Enfim, vá lá... Para ser franco, não tenho o direito de protestar; pobre e soberbo... se me revoltei, foi outro o motivo; acredito que me darás razão... Serei breve. O conflito que eu temia estourou afinal. Está na sua fase aguda... Por

isso, tenho os nervos à flor da pele; não saio senão para ir ao hospital, ao ambulatório, ao instituto de química, às salas de vivisseção ou de anatomia; em parte alguma encontro segurança ou paz de espírito. Sinto-me como se fora um campo revolvido pelo arado. Uma situação anormal. Nada disso importa, porém. Eis onde queria chegar. De algum tempo para cá, é-me penoso cuidar das pessoas em troca de dinheiro. Naturalmente, isso coloca-me numa situação falsa diante da existência. É sempre lamentável observar os esforços do indivíduo isolado e desprovido de meios, a insurgir-se contra a ordem estabelecida. As convenções sociais prendem-nos como um círculo de ferro. Sacerdotes e artistas são igualmente obrigados a vender sua alma. Sacrificar-se, já é outra questão, e não raro conduz ao asilo de alienados. Meus escrúpulos... não sei se posso chamá-los assim... tu o julgarás; será talvez mera presunção de minha parte... Não te canso Irlen? — Ergueu a cabeça, receoso. — Devo estar a importunar-te com esse palavreado vazio.

Ante o gesto categórico com que Irlen afastou essa suposição, Kerkhoven tomou a garrafa de conhaque colocada sobre uma mesinha a seu lado e encheu um cálice, que bebeu de uma vez. Depois, o corpo curvado ao meio a ponto de exigir que Irlen concentrasse toda a sua atenção para ouvi-lo, expôs o seu raciocínio. À medida que falava, suas palavras perdiam o descosido, encadeavam-se sem obrigá-lo a deter-se ao final de cada frase.

Ser médico, disse, é pertencer a uma categoria especial. Desde criança, olhava o médico como um ser sobrenatural. Em sua cidade natal vivia um certo Dr. Übeleisen que lembrava o Moisés de Michelangelo. Nunca mais em toda sua vida experimentaria aquele estremecimento de respeitoso temor que o invadia quando o médico penetrava em seu quarto; o cheiro de fenol que exalava era como um odor de incenso para suas narinas. Entre o povo, ainda se encontra quem pense dessa maneira, afirmou; desaparecendo, essa confiança leva consigo muitas possibilidades de cura. Quanto a ele, nunca lhe passou pela cabeça comparar-se a um deus, nem tampouco fazer-se passar por um ser superior; pelo contrário, não está satisfeito consigo

mesmo, e é precisamente isso que o atormenta... Inclinou-se, pegou o atizador e pôs-se a traçar com ele figuras imaginárias no tapete.

— Deixemos de lado os doentes de luxo — prosseguiu —, e também os doentes imaginários, embora, para falar a verdade, não existam os doentes imaginários, e ainda esses casos numerosos onde não há o que curar, pelo simples motivo de que não se trata de uma doença e sim de perturbações das secreções; estas são necessárias, e o organismo as restabelece espontaneamente. Tomar remédios para isso, é o mesmo que atirá-los fora; e chamar um médico nessa situação é o mesmo que chamar um professor de canto. Desse erro de instinto, entretanto, é que nós médicos nos aproveitamos para viver... Há porém, a par disso, os que foram atingidos nas próprias fontes vitais, há os moribundos, os tísicos e os sífilíticos, os portadores de um câncer ou de um tumor, os pais de crianças desenganadas, os casos de tuberculose caracterizada dos ossos, dos rins, do útero... inútil seria enumerá-los. O pior é que a gente se habitua. Houve um tempo em que... no princípio, pouco faltou para que escolhesse outra carreira... Habituar-se... não sei... (Se algum colega me ouvisse, rir-me-ia na cara). A diferença é saber se a sensibilidade acaba ou não por embotar-se. É claro. E se não o faz, então é preciso dar tudo de si mesmo... Que homem é suficientemente rico para dar e dar sempre, sem se esgotar? Não me refiro aos espíritos rotineiros; esses nada entregam de si mesmos. Talvez que, afinal de contas, o verdadeiro médico não possa prescindir da rotina; é um fato geralmente aceito. Parece que não compartilhas dessa opinião. Quanto a mim, esse talento falta-me por completo. Não passo, afinal, de um diletante. Mas, que posso pretender, aos trinta e cinco anos? Teve um riso breve e, como Irlen permanecesse impassível, baixou o olhar. Nova torrente de palavras se desencadeia. Hesita, volta atrás, procura com dificuldade novos argumentos. Seria praticamente impossível esse discurso desarticulado, cortado de digressões, de desvios inoportunos. Contento-me em conservar o essencial. E este resume-se na pergunta que a si mesmo faz todos os dias, e a respeito de cada caso particular: tem ele o direito de receber dinheiro da mão de doentes condenados à morte? Digamo-lo cruamente: receber dinheiro. Será isso compatível com a dignidade moral de sua profissão? Rico ou pobre, em suma,

pouco importa. Que no fim do mês remeta uma conta pesada para este ou aquele ricoço, ou que, ao terminar um exame no consultório, faça sentir a um pobre diabo que deve deixar ali a sua cédula de cem marcos, é tudo uma coisa só. “Pois” — e aqui levanta a voz — “que espécie de trabalho faço, afinal? Que resultado alcanço?”. Atrás de frases bonitas, procura esconder a sensação da própria impotência; receita remédios que sabe antecipadamente não deverem produzir efeito algum. Uma ou outra vez, acontece-lhe acertar o diagnóstico. E daí? Em geral, não vai mais longe do que isso. O diagnóstico... quase sempre, as pessoas já vêm buscá-lo tarde demais. Esperam que a dor lhes bata à porta, quando este é em verdade o último sinal que dá o organismo ao atingir o limite de suas forças. Aí então, com a morte já instalada dentro de si, apressam-se em procurar o médico, e este deve tomar todas as precauções para não lhes dar a perceber seu verdadeiro estado, nem mesmo por um olhar. Um bom número de colegas vangloriam-se dos próprios diagnósticos. Não raro, assistem-lhes razões para isso. Apenas, parecem esquecer-se de que se arriscam na loteria do destino e, quando a sorte lhes é adversa, não gostam de confessá-lo. Ao firmar um diagnóstico, aventuramo-nos no plano do irracional, e é preciso ser dotado de poderes divinatórios especiais para que nesse ato não se insinue a parcela de fraude que o diabo mistura habitualmente às intenções mais puras. E então, uma vez constatado o mal, que fazemos? É preciso fazer justiça à ciência e aos métodos modernos; em verdade, são credores de nossa admiração. Por seu lado, o homem é um titã. Entretanto, Deus, ou a natureza, ou qualquer outro nome que lhe queiras dar, ergue em sua frente uma muralha de portas de aço e lhe diz: “Detém-te, miserável pigmeu, daqui não passarás”. É difícil falar em cura, em melhora, com convicção profunda, sim, terrivelmente difícil, quando o doente põe toda sua alma nas perguntas que faz, e sabe-se que está perdido. Todos esperam um milagre, não há um que deixe de esperar o grande milagre. O doente vive dentro de uma realidade própria, e por seu lado o médico deve agir como se o improvável fosse a regra, como se transformar todos os dias o impossível no possível fosse parte de sua profissão. Todos têm olhos tão belos, tão suplicantes. Se o médico não é capaz de livrá-los do temor da morte que os domina — e para isso

vale apenas o que é, e não o que sabe —, melhor será que escolha outra profissão. — Cita um de seus casos mais recentes. — Um homem, ainda moço, solteiro, sobre quem recai a pesada responsabilidade do sustento de seus pais e de três irmãs com as respectivas famílias, vem à sua presença depois de ter consultado uma meia dúzia de outros médicos, especialistas em doenças internas, neurologistas, psicanalistas, homeopatas; alguém falou-lhe de Kerkhoven, e ele confia que falou-se em perturbações do simpático, em insuficiência de secreções glandulares; é sujeito a síncope e sofre de uma agitação febril; tem o pulso muito rápido e vertigens constantes: o que mais o aflige entretanto é essa agitação, que não raro o conduz a uma terrível sensação de angústia, capaz de produzir-lhe a paralisia total. Kerkhoven ele próprio examinou longamente o doente, até o dia em que pôde ver claro — tanto quanto é possível ver claro num caso desses. Aneurisma miliar. Que significa? Uma espécie de pequeno tumor cerebral do tamanho de um grão de ervilha, uma verdadeira bomba explosiva. Haverá talvez mais de uma. Sim, uma bomba destinada a explodir um dia ou outro, e então, a morte passará a ser encarada como uma libertação. No caso, não há nada a fazer; a ciência não tem recursos para oferecer-lhe; o máximo que pode fazer é libertar esse homem do medo. E esse objetivo foi até certo ponto alcançado. Não lançou mão dos entorpecentes usuais; de nada serviriam no caso. É preciso que este homem trabalhe, é preciso fazê-lo dominar de alguma forma o seu medo. É esse o programa de Kerkhoven, esse o objetivo que pensa ter alcançado, que luta ainda por alcançar. Irlen dirá: “Aí tens um belo resultado”. Apenas, trata-se de um ato dos mais naturais. Não fez nada mais que o seu dever; uma obra de caridade. Está bem claro, não? — Achas que com isso tenho o direito de apresentar minha nota — indaga, levantando a cabeça e fitando Irlen em cheio nos olhos. — Dizes, é justo? Um salário real... sim, seria possível aceitá-lo, com a condição de ter alcançado resultados positivos... porém discutir o preço como o faria um negociante qualquer... Deus me livre. Bem sei o que faço, sou obrigado a fazê-lo; que queres, vivo num mundo onde esse procedimento é julgado normal; e depois, como iria manter-me, a mim e a minha mulher? Não posso lançar bruscamente uma questão desse alcance, sem atrair sobre

mim a ira de todos os meus colegas. Ademais, não tenho posição ou títulos para fazê-lo. Muitos imaginam que lhes basta exclamar: “Aqui estou, não posso fazer de outro modo”, para serem um segundo Lutero. Somos criaturas tão insignificantes... Contudo, o dilema permanece, e não lhe encontro solução. Talvez te surpreendam minhas palavras... Tudo isso parece... deixa-me ver... demasiado recente. É verdade. Antes, não tinha consciência do que se passava. Apenas uma suspeita, de longe em longe; depois que vim a te conhecer, porém... só depois de reconhecidos os sintomas, é que se pode definir a doença. Eu mesmo estou surpreendido. Não sei o que fará de mim o dia de amanhã... O Kerkhoven com quem travamos conhecimentos no princípio desta história apresentou-se-nos como um indivíduo taciturno e de poucas palavras. A necessidade que vem demonstrando ultimamente de expandir-se constantemente com Irlen e às vezes com Marie Bergmann não deve servir para contradizer essa opinião, senão apenas para demonstrar (mesmo se se persistir em ver nele um caráter de contornos bem definidos, o que se torna cada vez mais difícil) que nele as fontes da linguagem e das confidências situavam-se em regiões profundas e em certos pontos completamente obstruídas. Mulher alguma em sua vida fora capaz de fazê-lo romper essa reserva. Sua solidão era feita em parte de indolência e em parte de desprendimento, combinação encontrada com frequência nas naturezas privilegiadas. As consequências desse isolamento não tardam em se fazer sentir: fecham-se definitivamente em suas torres de marfim e, do alto desse nobre refúgio, pretendem desafiar um mundo que não tem a menor intenção de perturbar-lhes o recolhimento. No caso de Kerkhoven, sua amizade com Irlen afastou definitivamente dele essa ameaça. Tudo o que se fora acumulando em seu íntimo, no correr de todos aqueles anos, turbava: a sensação penosa de estar se aproveitando do amigo. Nunca temera dar o máximo, mas censurava-se por ter recebido demais: em tempo, em força, em simpatia, em atenção. “Como explicar que esse homem extraordinário me faça perder a tal ponto o domínio sobre mim mesmo?”, era a pergunta que se fazia interiormente, tomado de ingênua aflição. Estranho erro o seu. Conhecedor intuitivo da alma humana, pouco sabia sobre os homens, e ignorava quase que por completo as leis que presidem à aproximação das almas. Não fosse

assim, saberia que, nessa espécie de relações, dar e receber representam em suma uma coisa só, e não teria menosprezado a própria necessidade de *não ser mais um mistério para o outro*.

Pusera-se bruscamente de pé e percorria a sala a passos largos em todos os sentidos. Irlen mantinha-se ereto na cadeira, as pernas cruzadas. Kerkhoven não podia adivinhar o que lhe ia no íntimo, enquanto, em seu delírio de confidências, afirmava ser preciso enganar, em sua previsão da morte, aqueles que ela já marcara com o seu sinal. Que fazia ele senão descrever uma situação onde seu interlocutor julgava reconhecer a sua própria? Nada mais lógico do que Irlen pensar: “Aí está o motivo por que não quis aceitar dinheiro de mim”. Por alguns minutos conservou os olhos fechados e Kerkhoven, que fixava habitualmente o solo ao falar, não o percebeu. Esse pensamento não tardou porém a desvanecer-se da mente de Irlen. Só uma criatura dotada de excepcional dose de tato seria capaz, no momento em que desnudava a própria alma atormentada, de sentir que devia poupar a ilusão de alguém. Espírito forte e generoso, excepcionalmente inteligente, Irlen não se deixou levar por aquela impressão de momento, a qual teria deixado Kerkhoven seriamente embaraçado, se formulada em voz alta. “É claro que ele não teve essa intenção”, refletiu Irlen com um sorriso interior de melancolia. “O que para mim soa como um chamado de morte, não passa, para ele, de um sonho inconsciente de que minha pessoa é o objeto; com efeito, não o vejo capaz de penetrar, pelo pensamento, até a própria essência do meu sangue, fato que reputo extraordinário?”. (Tal conclusão não poderia ser mais pertinente se houvesse assistido à conversa entre Kerkhoven e Marie, no caminho de Hexenbruch).

— É verdade o que me disseram, que tua clientela tem diminuído ultimamente? — indagou Irlen.

Kerkhoven interrompeu por fim a sua marcha.

— É e não é — respondeu. — Realmente, parte de meus antigos clientes deixou-me; precisamente os que pagavam melhor. Não estão

mais satisfeitos comigo, não sei dizer por quê; acham talvez que não me esforço bastante. Em compensação, chegaram-me muitos novos, uma quantidade deles, sem que eu nada tenha feito para atraí-los.

— Que espécie de gente é? — Deixe-me ver... Assim como há homens que não podem ficar muito tempo com a mesma mulher, há pessoas que de três em três meses procuram um médico novo, na esperança de encontrar um que realize milagres. Trata-se quase sempre de casos graves.

Irlen perguntou com um sorriso: — E como te sentes, nesse papel de taumaturgo? — Deus meu, não tardam a perceber que se enganaram. Não faço milagres.

Gostaria, mas não posso.

— Então, por que te procuram? — Terão talvez ouvido falar que... em suma, que tenho métodos próprios. O instinto dos doentes é nesse ponto semelhante ao das abelhas, que sentem o cheiro do mel a muitos quilômetros de distância.

— Qual, Joseph, falas como um curandeiro barato.

— Sim, como um curandeiro... e por que não?... Será assim tão grande a diferença entre um ignorante que fez seus estudos e outro que não os fez? Até hoje não foi determinado qual deles provoca maior mal. Jesus Cristo não era formado em medicina. Hipócrates, simplesmente um homem do povo. Será indispensável possuir um diploma para ter o direito de socorrer o próximo? Assim é a praxe, mas o Espírito Santo dificilmente fala pela boca dos doutores. Vai a uma sala de aula, examina um pouco a fisionomia dos estudantes; é o caso de te perguntares com receio: *quis custodiet ipsos custodes?*⁸

— Não queres com isso convencer-me de que são esses métodos que... Não permitirei que outros digam isso de ti.

— Meus métodos... simples força de expressão. Sabes bem o que quero dizer.

— Não inteiramente. É preciso que te expliques.

— Não te agradaria examinar de muito perto a questão. De que serviria... É uma aptidão assaz incômoda. Identificar-se com outra pessoa... introduzir-se em seu corpo... representa, de cada vez, uma morte de cinco segundos... Morrer aos poucos... é horrível.

— Ah, compreendo — a fisionomia de Irlen assumiu uma expressão grave. Ficou silencioso um momento, para depois perguntar, com certa hesitação: — Então, no caso do aneurisma miliar, foi isso?... Hegel falou certa vez na visão do invisível. Para alcançá-lo, é preciso com certeza despir-se da própria personalidade... — Sim, é mais ou menos isso — respondeu Kerkhoven com manifesto desagrado.

— Entretanto, sem a tua experiência prática, terias que caminhar às apalpadelas e errarias fatalmente, não te parece? Kerkhoven teve um movimento de ombros: — Tanto quanto hoje. Bem sei que é absurdo contestar o valor da experiência, mas posso dizer que fatiga. Sufoca-se sob o seu peso.

Depois, exaltando-se subitamente, continua: — Aquele que pudesse desprezar de tal forma a própria experiência que, da substância em que se refugiasse, ela atuasse exteriormente, a título de intermediária e sem fazer sentir o seu peso, tal como o paladar ou o olfato exercem sua ação através dos nervos, este, sim, seria um grande médico! Era uma dessas palavras que Irlen dizia parecerem jorrar da pessoa como uma chama. Kerkhoven estava de pé junto da janela, o olhar perdido nas trevas que só o reflexo da neve atenuava. “Ser um grande médico”, dizia como que para si mesmo, “isto sim, valeria a pena... Fala-se tanto na profissão de médico, e no entanto, não é uma profissão comparável às demais. O médico não é um sábio, não é um artista. Que é dele, afinal? O Estado, a sociedade, o progresso, nada disso lhe diz respeito. A humanidade estava ainda no berço, e o médico já

existia. E ele a conduzirá ao túmulo. Meu campo de trabalho é o homem tal como saiu das mãos do Criador. Que importância podem ter uns poucos milhares de anos? Todas as atividades humanas deixam-se subordinar a determinadas condições, limitam-se a certas classes sociais; a minha, não. Eu represento a exceção. Entretanto, exceção ou não, preciso viver como os outros”. (Voltou-se).

— Eu teria porventura em mim o necessário para ser um homem de valor... Aqui dentro há qualquer coisa e, com as circunstâncias ajudando, poderia... Que digo eu! Isso não depende das circunstâncias... Há aqui qualquer coisa de errado, qualquer coisa que me falta.

— Ah, sim? Que poderá ser? — indagou Irlen com curiosidade.

— Sou um homem simples, uma natureza simples — replicou Kerkhoven —, e isso porque há um elemento que me falta.

— Um elemento? Como assim? — Já te explico. Falta-me a continuação de mim mesmo, aquele poder de desdobramento que é privilégio dos espíritos superiores.

Tão grande foi a surpresa de Irlen, diante dessa explicação, que se deixou ficar boquiaberto, a encarar Kerkhoven.

— Sim — prosseguiu este com um risinho forçado —, se ao menos eu te tivesse também em mim, Johann... para completar-me, por assim dizer... Deus, ao criar-me, não me fez completo. O que me falta és tu, compreendes? A resposta de Irlen estava longe de ser um gracejo.

— Bem, a isto se poderá talvez remediar.

— Não vejo como.

— Um ato de nossa vontade, um propósito firme serão porventura suficientes para fazer-nos reviver em outra criatura. Não para completá-la, senão antes para nos fundirmos com ela.

Foi a vez de Kerkhoven mostrar-se surpreso. Disse com certa rudeza: — Palavras bonitas, e mais nada.

Irlen levantou-se, apoiou as duas mãos nos ombros de Kerkhoven — gesto habitual nele — e, afetando uma alegre curiosidade que parecia encobrir alguma intenção secreta, perguntou: — E se alguém te libertasse da sujeição de certas circunstâncias... Admitamos, Joseph, alguém suficientemente convencido de teu valor para assegurar-te uma completa independência, sob todos os pontos de vista. Uma hipótese, apenas. Que farias? Kerkhoven passou repetidas vezes a palma da mão pela cabeça, com um ar pensativo. Durante um quarto de minuto ficaram assim, um em face do outro, fixando-se nos olhos. Kerkhoven respondeu afinal, libertando-se suavemente das mãos de Irlen: — Creio que seria obrigado a recusar; não só o creio, mas tenho certeza disso.

— E por quê? — Porque... emprimeirolugar, porque eu não saberia apreciar devidamente uma independência dada de presente. Para mim, seria o mesmo que nada. A situação acarretaria falsas responsabilidades. A rigor, contudo, poderia ser encarada. Eu diria, já que vamos discutir seriamente tua fantástica hipótese, que uma independência como esta de que falas deve ser conquistada com esforço, e não cair do céu como uma dádiva. A sorte só favorece aos que nasceram com ela. Criaturas como eu devem talhar o próprio destino. Parece que estou querendo dar-te uma lição. É ridículo. Como se não soubesses melhor do que eu que se trata de uma questão de caráter. Toda liberdade exige que se esteja preparado para gozá-la. É claro, não? Inclusive a menos nobre de todas elas, a independência material.

Irlen era uma dessas criaturas que, a despeito do vigor de seu espírito e de sua profunda cultura, acolhem uma palavra especial ou simplesmente impressionante de um amigo como se esta viesse enriquecer-lhe inesperadamente o patrimônio espiritual.

— É verdade — disse, apertando a mão de Kerkhoven — que toda liberdade exige que se esteja preparado para gozá-la. Esta frase bem poderia servir de epígrafe à minha aventura com Otto Kapeller.

— Sim, frequentemente te referes a ela, sendo que uma vez mesmo estiveste a ponto de contar-me... — É uma história longa, mas se queres ouvi-la, hoje sinto-me melhor que de costume. Fica para jantar.

Kerkhoven consultou o relógio: sete e meia. Queria estar às oito no hospital, onde Von Möckern, o chefe de clínica, marcara um encontro com ele. Ficar para jantar era impossível, disse, mas podia facilmente estar de volta às nove horas. (A lembrança de Von Möckern produzia-lhe um mal-estar evidente. O adversário. Pela primeira vez, o adversário assumia uma forma concreta; o fantasma que até então lhe atormentara a vida revestia agora traços humanos).

Irlen garantiu que esperaria. Com a dieta de criança pequena a que estava submetido, nenhuma diferença lhe faria. De mais a mais, estava só, sua mãe tendo ido passar alguns dias em Frankfurt. No instante em que Kerkhoven se punha de pé para despedir-se, bateram levemente à porta e Marie entrou no quarto. Irlen dirigira-se à sua escrivaninha, a fim de procurar uma carta que Kerkhoven devia pôr no correio para ele. Marie cumprimentou Kerkhoven com um movimento de olhos e perguntou a Irlen a que horas desejava jantar; a avó dera três dias de férias à cozinheira, e ela ficara encarregada de fornecer-lhe a pensão.

— Se não for transtorno, só às nove horas — respondeu Irlen, ocupado em procurar a carta sob uma pilha de papéis. — Mas o Dr. Kerkhoven janta comigo, e gostaria que lhe preparasses... — Oh, apenas um sanduíche — interrompeu Kerkhoven dirigindo-se a Marie.

Subitamente, teve a impressão de que ela não se encontrava em seu estado normal. Pareceu-lhe que qualquer coisa a preocupava. Um sofrimento secreto transparecia naqueles olhos de ordinário tão serenos. Fez-lhe uma pergunta banal, à qual ela respondeu com outra banalidade. Irlen interrompeu sua busca. Qualquer coisa despertara

sua atenção, uma inflexão de voz, talvez um silêncio um pouco mais prolongado; tanto bastou para fazê-lo levantar a cabeça, como um animal que fareja o ar. Impressão insensata, que não durou mais que um segundo. Não se voltou para olhá-los; sentia-os apenas no limite de seu campo visual; trocavam palavras insignificantes... mas havia ali qualquer coisa.

Irlen depôs sobre a mesa a pasta que trazia na mão, com toda cautela, como se cobrisse com ela uma imagem que era preciso a todo custo evitar contemplar de novo.

CAPÍTULO V

É preciso que agora nos ocupemos, ao longo de algumas páginas, do cirurgião Von Möckern, esperança da faculdade e uma de suas glórias mais recentes. Para começar, uma observação de ordem geral. Poder-se-ia acreditar que os detalhes registrados nesta narrativa, concernentes à medicina e à vida dos médicos, fossem baseados em alguma experiência pessoal. Assim não acontece, porém. Tudo se passa no plano da pura objetividade. Não poderia ser de outra forma. Sou como um espelho que guardou um certo número de imagens e rostos diferentes que nele se refletiram. Dificilmente ousaria o leigo aventurar-se mais longe num domínio de extensão tão desconcertante que desorienta e confunde o próprio iniciado, por pouco que se afaste do campo de atividade que escolheu para si. Pois em verdade se pode dizer que o espírito humano realizou aqui progressos mais espantosos do que em qualquer outra esfera. Dir-se-ia ter renunciado por muitas décadas a todos os demais empreendimentos, em favor deste único. Meu papel é aqui o de registrar os acontecimentos, de acompanhar certos destinos, de pesquisar a trama da vida de nossa época. Considerando-se os fatos sob esse ângulo, tudo o mais não passa de pretexto. O significado desses personagens ou dessas sombras de personagens, o destino a que tendem seus atos e suas vidas, não poderei sabê-lo eu mesmo se não lhes acompanhar cuidadosamente os passos em cada um dos seus tortuosos caminhos.

Von Möckern travara conhecimento com Kerkhoven no ambulatório do hospital onde este último trabalhava voluntariamente há algumas semanas, tendo-lhe sido confiados oito leitos. O chefe de clínica implicara desde o início com o seu assistente. Kerkhoven não só lhe era pessoalmente antipático (qualquer coisa em sua atitude lhe desagradava, talvez sua calma imperturbável, a falta de espírito de submissão que nele se adivinhava), mas desagradava-lhe também como médico; considerava-o um espírito romanesco (expressão depreciativa para ele), uma dessas cabeças sobre as quais não é possível contar, pois deixam trabalhar a imaginação e os sentimentos ao invés de se aterem à observação dos fatos e aos dados precisos. Nenhum defeito lhe era mais odioso. Não saberia dizer sobre que bases fundamentava suas conclusões; antes do caso Schaller, nenhum motivo existira para isso. Tratava-se incontestavelmente de uma dessas aversões congênitas, cujo desenvolvimento não é preciso aguardar em criaturas de índole e de espírito diametralmente opostos; elas existem *a priori* e traduzem-se, desde o primeiro olhar, por uma oposição irreduzível. Mas que era Kerkhoven afinal, comparado ao Professor Von Möckern? Por que motivo esse personagem eminente, admirado, bajulado, e que se encontrava no início de uma carreira brilhante, iria ocupar-se de um doutorzinho insignificante e aliás extremamente modesto em suas atitudes? Por estranho que pareça, foi o que sucedeu; aquele indivíduo perturbou-o à primeira vista e sem motivo aparente. Von Möckern fingia habitualmente ignorar-lhe a presença, o que não exigia esforço de sua parte e não chamava a atenção, pois não era de seus hábitos distinguir qualquer um de seus auxiliares. Para ele, existiam simplesmente os “casos” e o pessoal médico necessário para tratá-los. Tanto mais estranho, portanto, que a presença daquele homem o incomodasse. Não se pode deixar de pensar aqui no pressentimento nascido da inveja, na mobilização dos instintos de combate muito tempo antes da luta, muito tempo antes que o adversário se revele como tal. Dirigindo-se a pé para a clínica, as mãos enterradas nos bolsos do sobretudo e a tal ponto absorvido pelos próprios pensamentos que pisava em cheio nas poças d’água, Kerkhoven sentia-se no mesmo estado de ânimo que um recruta, ao apresentar-se para responder por uma falta disciplinar.

Durante várias semanas, cuidara do encadernador Schaller em seu consultório particular. Sofria de violentas dores de cabeça, que dia a dia mais se agravavam. Kerkhoven pensara em sinusite, numa irritação provocada por fator exógeno, em congestão, em perturbações circulatórias, e em mais uma dezena de outras causas, porém todos os tratamentos resultaram sem efeito. A única maneira de aliviar um pouco os padecimentos do doente era aplicar-lhe a mão sobre a cabeça. “Isto me faz bem”, dizia Schaller, com uma tocante expressão de gratidão. Kerkhoven sabia evidentemente não poder basear sobre esse fato um tratamento médico. Tratava-se de um simples caso de sugestão; o efeito era transitório e não atingia as raízes do mal. Entretanto, quando Kerkhoven o enviou por fim ao hospital, o encadernador mencionou distraidamente essa imposição de mãos e o conforto que ela proporcionava. Não o disse ao próprio chefe de clínica, e sim a um de seus assistentes, e isso pouco antes da trepanação que lhe pôs a descoberto o tumor suspeitado. A coisa chegou entretanto aos ouvidos de Von Möckern, e quando Kerkhoven — um pouco embaraçado pelo erro que cometera e que encarava como uma distração criminosa — veio visitar o operado, Von Möckern, de volta de sua visita de rotina, aproximou-se do leito do encadernador ainda sob os efeitos da anestesia, fez a Kerkhoven um sinal de cabeça e disse-lhe em tom seco e com um sorriso espectral em seus lábios finos e pálidos: — Diante de sistemas tão nítidos de glioma, meu caro colega, o tratamento pela sugestão não era suficientemente enérgico.

E passou adiante. O grupo de jovens médicos que o seguia como uma corte pôs-se a rir disfarçadamente. Kerkhoven enrubesceu até a raiz dos cabelos. “Ele não devia ter feito isto”, pensou consigo mesmo, “mas a lição foi merecida”. Mais tarde, assistindo à autópsia, teve ocasião de constatar que aquela trepanação fora uma verdadeira obra-prima da arte operatória, e desde então seu ressentimento cedeu lugar a uma admiração sem reservas.

Mantinha-se afastado dos companheiros de trabalho. Nenhum deles parecia aliás interessado em procurá-lo, pois eram quase todos mais

jovens do que ele. Um cumprimento, algumas palavras sobre questões de serviço — a isso se limitavam suas relações. A reserva em que se mantinha provocava igual atitude do outro lado; só sua modéstia natural era capaz de garantir-lhe certa simpatia, não obstante afirmar-se que teria certamente razões especiais para manter-se na sombra. Isso explica por que tenha passado em silêncio o caso da filha do fiscal ferroviário, caso que só voltou à tona por ocasião do atrito surgido entre ele e o chefe de clínica a propósito da pretensa invaginação intestinal da rapariga Klein. Eis o que se passou. Embora aparentando perfeita saúde, a moça estava há alguns dias em observação; dizia não poder caminhar ou manter-se de pé e queixava-se de dores nos quadris, sem poder contudo localizá-las. Kerkhoven, que assistia à demonstração, solicitou ao médico assistente a permissão de emitir sua opinião. Observara atentamente a jovem. Adiantou-se e declarou não poder concordar com o parecer geral, que via ali um caso de histeria grave; estava convencido de tratar-se de um caso de tuberculose das vértebras; a dor acusada era indubitavelmente de natureza reflexa. O médico assistente não pôde disfarçar sua surpresa: dispunha-se já a irritar-se, a responder asperamente não poder levar em consideração o diagnóstico dos espectadores, quando um olhar lançado sobre a fisionomia de Kerkhoven o fez mudar de atitude. Decidiu-se bruscamente a proceder a um novo exame, cujo resultado confirmou cabalmente a opinião de Kerkhoven. Os oito ou nove médicos que presenciaram a ocorrência não demonstraram maior surpresa que o médico assistente, mas inexplicavelmente silenciaram sobre o assunto, como se houvesse entre eles uma combinação tácita. Os fatos extraordinários não aparecem necessariamente como suspeitos e incômodos aos olhos das pessoas; desde que não representem ameaça aos seus interesses particulares (embora a perspectiva da impopularidade pudesse ser considerada como tal), estas mostram-se geralmente dispostas a render-lhe o justo tributo. Entretanto, os espíritos medíocres são capazes de discernir, com instinto seguro, aquilo que, excepcional na aparência, pode chegar a prejudicar em surdina o espírito de classe.

Se o fato chegou aos ouvidos do chefe da clínica, nunca foi possível apurar ao certo. Quando indagou o motivo do aparelho de gesso em que fora colocada a moça, o assistente fez-lhe o relatório do caso, sem mencionar Kerkhoven. De alguma forma, porém — possivelmente pela própria doente — veio ele a inteirar-se do ocorrido, colhendo informações por conta própria, pois muitas semanas depois, por ocasião da discussão em que se envolveram a respeito do caso Klein (a rapariga fora transferida para a enfermaria de Kerkhoven), lançou novamente uma observação mordaz como esta: os diagnósticos por telepatia podem acertar uma ou outra vez, mas, em regra, o método científico, exato, é preferível.

— O que não quer dizer, meu caro colega, que eu pretenda diminuir o êxito alcançado eventualmente nesse terreno — acrescentou com um sorriso inexpressivo.

Desta vez Kerkhoven conservou-se calmo. Ao ser firmado o diagnóstico de invaginação intestinal, Von Möckern assumiu uma atitude autoritária e intransigente. Após um exame minucioso, Kerkhoven não pudera constatar mais que uma diarreia banal. É verdade que os sintomas podiam induzir em erro, pois a doente era presa de crises de angústia; a ideia de ter um tumor no abdome aumentava os padecimentos reais, a ponto de produzir vômitos de muco sanguíneo, consequência da extensão psíquica das irritações intestinais. Foi essa a interpretação de Kerkhoven, exigindo dele coragem e energia para declarar a operação, não só inútil, como desaconselhável, levado por um vago pressentimento do perigo que representava. Von Möckern insistia em sua atitude obstinada. Era responsável, sem dúvida, mas sua expressão carregada parecia dizer: não permito que me tomem o lugar. Finalmente, aquela mesma força misteriosa que emanava da atitude e da fisionomia de Kerkhoven acabou por arrancar também a ele uma concessão: permitiu um prazo de seis horas. Esse prazo expirava às oito da noite, e constituía o motivo da ida de Kerkhoven ao hospital.

No correr da tarde, as dores atingiram tal paroxismo que o médico de plantão, que substituíra Kerkhoven, fez prevenir o chefe da clínica. Este, ao fim de um rápido exame, não quis mais saber de adiar a operação e fê-la praticar imediatamente. Às seis e meia tinha lugar. Aberto o abdome, não foi encontrado sinal de hérnia. Entretanto, a mulher morreu literalmente sob o bisturi. Uma embolia durante a narcose — acidente que ninguém poderia prever, naturalmente. A enfermeira referiu a Kerkhoven o caso em todos os seus pormenores.

— O chefe está furioso — acrescentou; — é melhor evitar cruzar seu caminho.

— Ainda está no hospital? — Não creio.

— Então, de nada adiantará ir procurá-lo.

— Penso que não, doutor; já não é mais preciso.

— Alguma operação marcada ainda para hoje? — Uma laringotomia, sala 11, mas provavelmente só muito tarde.

— Corre muito sangue aqui — murmurou Kerkhoven. E seu olhar perdeu-se até o fundo do corredor, que parecia ter muitas léguas de comprimento. No fundo, três silhuetas de mulher vestidas em longos roupões brancos cruzavam-no furtivamente, entre duas portas.

— Sem dúvida, doutor, é a ciência que o exige — replicou a religiosa com doçura no tom.

Kerkhoven concertou o laço da gravata, perpetuamente fora do lugar.

— Espere — disse a freira, rindo-se. — O colarinho está solto. — Ergueu-se nas pontas dos pés e ajudou-o, enquanto um clarão de jovialidade luzia-lhe por detrás dos grossos vidros dos óculos.

— Obrigado, irmã.

— Boa noite, doutor — acompanhou-o com um olhar compassivo até vê-lo desaparecer na escada.

Ao invés de dirigir-se diretamente à casa de Irlen, Kerkhoven deu a volta pelo cais. Ali ficou por longo tempo a contemplar a água, que estremecia em pequenas ondulações onde a lua punha reflexos prateados.

Depois que a empregada tirou a mesa e retirou-se, Irlen instalou-se numa poltrona, estendeu um cobertor sobre os joelhos e afastou de perto de si o abajur, pois a luz demasiado viva feria-lhe os olhos.

— Estive pensando — começou — sobre a melhor maneira de fazer-te compreender minha história com Otto Kapeller. É uma história sem incidentes. O duelo em que culminou pode apenas ser considerado como fazendo parte dela; na realidade, foi a única solução possível, e agi sob o impulso de uma lógica superior, embora aquele momento ficasse gravado para sempre como o mais sombrio de toda a minha vida. No fundo, tudo não passa da história de uma desilusão, mas isso apenas no que diz respeito à experiência pessoal. A realidade porém ultrapassou em muito o elemento pessoal e obrigou-me, num momento decisivo, a submeter a uma revisão minha existência inteira. Minhas palavras te parecerão talvez algo enigmático; é preciso que comece de mais longe. Já por mais de uma vez, em palestra contigo, fiz alusão ao meu passado; sobre certos fatos terás possivelmente ouvido falar por terceiros, e interpretado a teu modo. Não ignoras, por certo (já temos conversado a esse respeito) que, de uns dez anos para cá, nosso país representa motivo de crescente inquietação para mim. Inquietação é uma palavra como outra qualquer; no sentido em que a emprego, ela esconde muitas coisas sobre as quais não tenho intenção de alongar-me. Que não se trata de um tipo excêntrico de oposição, e nem tampouco de um patriotismo esotérico, de finalidades altruísticas, meus próprios inimigos o sabem, a respeito das lendas absurdas que circulam a meu respeito. Não sei se o nome Lagarde te diz qualquer coisa. Não? É o de um dos raros homens clarividentes da Alemanha de nossos dias. O que quero dizer é o seguinte: a questão

para nós é de vida ou morte. Nosso povo representa o próprio coração da Europa; a ruptura do nosso equilíbrio representa o desequilíbrio de todo o continente e ameaça a evolução espiritual da própria humanidade, as conquistas acumuladas ao longo de milhares de anos. Aquele que não o compreende, que vive exclusivamente para si, não tem senão uma aparência de vida. Há uma forma de conhecimento que excede a experiência; nada disso é novo para ti. A partir de uma certa época, quase poderia fixar o dia exato (foi em seguida a uma conversa com o velho Mommsen), essa estranha “presciência” passou a atormentar-me cada vez mais, mais do que o poderiam ter feito sonhos e visões, aos quais, aliás, nunca fui sujeito. A realidade, entretanto, é dotada de força bem diversa; o difícil é precisamente saber captá-la. Sem imaginação e sem a capacidade de despir-se da própria personalidade, é impossível penetrar até ela. Mas, deixemos de lado as divagações... Eis o conflito em que me debatia; de duas, uma: ou bem resignava-me a uma inação criminosa (o que para mim incluía dedicar-me a uma ocupação qualquer) e deixava-me arrastar pela correnteza, ou bem procurava remediar o mal, intervindo diretamente nos acontecimentos. Já que a interrupção de minha carreira militar cortara-me praticamente o acesso aos postos de administração pública, tornava-se preciso escolher outro caminho. Não hesitei por muito tempo; não tenho índole para isso. Aos poucos, consegui reunir em torno a mim um grupo selecionado de moços. Não tomes isto ao pé da letra; viviam disseminados à direita e à esquerda, reunindo-se aqui e ali, espontaneamente, movidos pela sua comunhão de ideias; nem sempre eu presidia a essas reuniões; de fato, como a maioria deles não entretinha senão relações epistolares, e incitava a todos a adotarem o mesmo sistema, inútil será dizer que a esse respeito começaram a circular os mais absurdos rumores. Pretendia-se descobrir ali uma espécie de associação político-pedagógica secreta ou não sei que outro tipo de conjuração. Nunca em minha vida tive ambições de preceptor, e quanto a uma conspiração, Santo Deus! Nada tínhamos para esconder. O extraordinário era essa harmonia espiritual espontânea que nos unia, como se todos a um tempo fôssemos animados de um mesmo espírito e de um mesmo impulso de ação. Éramos como irmãos dentro de uma família; raramente tínhamos

necessidade de longas explicações; bastava-nos a palavra, a palavra com sua substância e seu ritmo. Que maravilhosa experiência! Dizia para mim mesmo: não há motivo para desesperar, uma mocidade como esta representa uma garantia para o futuro. Tratava-se talvez de um desses momentos em que uma vida estranha parece acender-se dentro de nós como uma chama... os povos, como os homens, têm esses momentos de euforia... Tu me olhas com espanto, como se dissesse: alto lá, não estamos ainda tão mal... Por certo, a julgar pelas aparências, teremos atingido porventura o ponto mais alto de nossa evolução... mas, deixemos isso de lado. Ser-me-ia impossível explicar tudo o que me pesa sobre o coração desde que voltei para a Europa. Em todo caso, posso dizer que não foi a tripanossomíase sozinha que me derrubou. Muitos amigos daquele tempo conservaram-se fiéis, muitos realizaram quase que integralmente as esperanças que sobre eles fundara; entretanto, nem por isso minha aventura com Otto Kapeller deixou de ser um golpe menos rude; quem sabe mesmo não terá insidiosamente preparado o terreno aos parasitas. Não é certo, caro doutor, que existe uma relação entre as feridas do corpo e as da alma? Apenas, o corpo leva às vezes mais tempo para manifestar-se.

Fez-se um silêncio, cortado pelas dez pancadas do relógio. Ao se extinguir o seu eco, Irlen prosseguiu: — Não saberia mais dizer quem me apresentou a Otto. Lembro-me que estava sentado ao piano e tocava Debussy. Nunca mais em minha vida terei conhecido um tipo tão fascinante. Era esbelto e musculoso como um jovem atleta, louro, belo como a um homem não devia ser permitido ser. Submeteu-se sem hesitar à minha influência, como se outra coisa não tivesse feito até então do que esperar-me. Abandonou-se a mim com a docilidade do barro entre as mãos do escultor. É impossível descrever com precisão o efeito que esse gesto provocou em mim; senti-me literalmente deslumbrado, sobretudo quando me declarou que eu lhe fizera falta até então e que sem mim era incapaz de qualquer iniciativa. Aparecia-me, por assim dizer, como uma missão a cumprir; era como se dissesse: “Eis aqui o material, põe mãos à obra”. Era dotado de excepcional dose de tato e intuição. Na realidade, encarava a vida de uma maneira estranha: divertia-se em tomá-la a sério. Jogo sutil, difícil de decifrar.

Com tudo isso, poeta, embora não se apercebesse disso; seria nele uma possibilidade latente, mera tendência de sua fantasia. Sobre esse traço, que me parece caracteristicamente alemão, tenho refletido demoradamente. Conheci inúmeros outros jovens desse tipo, todos entre dezoito e vinte e quatro anos; não seriam tão interessantes quanto este de que te falo, mas em todos borbilhava igualmente o gênio da raça. Prometem coisas extraordinárias; julgamo-nos diante de uma fonte viva de onde nasce um rio de fogo. Depois, um belo dia, mais nada; silêncio e trevas. É como te dizia, um fenômeno que encontrei com relativa frequência; parece-me que nos demais povos não assume proporções tão exageradas. Otto era filho único; tinha um futuro brilhante pela frente. Não preciso explicar-te o que são as usinas Kapeller. Desde os nossos primeiros encontros ocupamo-nos da responsabilidade, quase tão penosa quanto a de um rei, que recairia um dia sobre seus ombros. Compreendi que tivera motivos para esperar-me; ali havia realmente uma missão a cumprir, pois o caminho que devia trilhar era cercado de perigos. Ali encontraria pela frente a mais segura demonstração do êxito espetacular, do progresso triunfal, da mais firme determinação de comando, do mais imponente acúmulo de capitais, do predomínio da matéria, da preponderância dos meios exteriores e do fanatismo oligárquico que no espaço de quinze anos souberam alterar a face da nação a ponto de torná-la irreconhecível. Poderia talvez dispensar estes superlativos, mas tudo isso faz parte de minha história. Sim, afirmava o coro dos meus amigos pessimistas, a Alemanha assemelha-se a um homem metido numa armadura negra. Tudo nela é sinistro, inclusive a sua própria existência; já não formamos uma nação, fomos constituídos em um Estado; deixamos de ser um povo para representarmos um grupo de prisioneiros recolhidos a uma fortaleza e reduzidos ao silêncio pela ameaça de fuzilamento. “Estejam atentos para não se entregarem de pés e mãos atadas ao guerreiro negro”, eu lhes dizia. “Não é pelo fato de ter erigido um destino em símbolo, que se vai acreditar ser impossível escapar-lhe”. Eles compreendiam-me e calavam-se. Se não me engano, foi Otto quem, um dia, preso de viva emoção, declarou-me que os ideais que, a ele e à sua geração, haviam apresentado como o patrimônio eterno da humanidade, não podiam, quando confrontados com a realidade, ser

considerados senão como grotescas quimeras de professores imbuídos de tradições humanísticas.

— Não há razão para alegrar-se pelo fato de Omar não ter incendiado a biblioteca de nossa Alexandria — exclamou certa vez em tom amargo. — Simplesmente, esse dia *ainda* não chegou.

Aquela observação teve o dom de alertar-me. “Eis aí de onde sopra o vento”, disse comigo mesmo.

— Como assim? — repliquei. — Ideais? Comecem por ter ideias; talvez que isso os dispense de ter ideais.

“A ele, justamente, ideias não faltavam; tinha a cabeça cheia de projetos, de planos, de resoluções. Expôs-me sua intenção de criar obras magníficas de assistência social, de fundar uma cidade operária, universidades populares, salas de concerto, estádios e teatros destinados a espetáculos grandiosos, e de introduzir, entre outras, certas reformas interessantes tendentes a simplificar e a intensificar a produção e a suprimir o taylorismo americano, pelo recurso à exploração do solo. Todos esses projetos, entretanto, careciam de realidade prática; eram excessivamente utópicos, visavam com demasiada exclusividade a felicidade teórica do povo. Nestas condições, objetei-lhe, a evasão para o romantismo não é senão uma tentativa de escapar a uma realidade de uma gravidade trágica. Li então para ele alguns de meus estudos de economia política, mostrei-lhe os cadernos repletos de estatísticas registradas no correr de tantos anos e constantemente verificados. Por fim, visitamos juntos Manchester e as usinas Schneider, da região de Creusot. As cartas de recomendação não representavam dificuldades para nós. Otto aprendeu a tirar proveito do que via, a julgar mais serenamente a realidade, e comissosuaexuberância recolheu-se espontaneamentedentrodeproporções justas. Não somente encontrava mil modos de demonstrar-me sua afeição e seu reconhecimento, mas acreditava não mais poder dispensar minha companhia. Partiu dele a ideia de incorporar-me às usinas Kapeller; não foi senão aos poucos

que convenceu o pai. Hesitei muito tempo. Aprendera a apreciar o justo valor da independência, e custava-me sacrificá-la de novo. Meus jovens amigos não aceitavam nem mesmo a possibilidade de uma tentação nesse sentido; minha hesitação por si só representava a seus olhos uma traição. O que me levou a decidir foi a convicção de ter pela frente um campo de ação como dificilmente se apresentaria em toda a minha vida. Concorreu também para esta decisão a certeza de ter formado em Otto, futuro senhor deste poderoso império do trabalho, um homem em cuja companhia era possível empreender grandes coisas. Tomara-me de real afeição por ele; conquistara-me inteiramente. Acreditava nele. Tanto mais amargo foi o desmoronar de minhas ilusões. Depois da morte do velho Andreas Kapeller, ocorrida sete meses depois da minha admissão na empresa, outros sete meses não se passaram antes que Otto Kapeller começasse a revelar-se sob o seu verdadeiro aspecto”.

O olhar azul penetrante que até aquele momento não se desprendera um instante de seu interlocutor, baixou afinal, vencido.

— Seu verdadeiro aspecto... Aqui sou forçado a deter-me. Acaso não devemos envergonhar-nos de imputar aos outros o que não é afinal senão um defeito de apreciação de nossa parte? Um dia, nossos olhos se deixaram enganar; com isso, criamos uma desilusão para toda a vida, esquecendo que fomos dotados de um instinto especialmente para nos guiar. Ngaljema, meu amigo etíope, o mais belo exemplar humano que me foi dado até hoje apreciar, dizia-me certa vez: “Tu... bom, tu homem bom”. “Como o sabes, Ngaljema?”, perguntei. E ele, com seu sorriso infantil que descobria uma dentadura impecável: “Eu, não saber; meu olhos, saber”. Houve desde o princípio uma série de incidentes que me deveriam ter alertado, se tivesse tido tempo de dispensar-lhes a atenção suficiente. Logo de início, o espalhafato de que Otto fez cercar o luto do pai. As cerimônias comemorativas, as homenagens, os panegíricos e os discursos pareciam não ter mais fim. Gesto ao mesmo tempo teatral e infantil, pois ninguém ignorava que as relações entre pai e filho nunca tinham sido muito calorosas; apenas, com essa pompa oficial, pretendia atirar poeira aos olhos do

mundo. Começava-se já a ridicularizá-lo, e tomei a decisão de falar-lhe. No primeiro momento, não soube o que dizer; logo em seguida pôs-se a rir e confessou-me, com um cinismo fantástico, que o papel que desempenhava nas cerimônias fúnebres era no momento a melhor maneira de conservar sua dignidade; de outra forma, todos teriam percebido que o manto de púrpura não estava bastante seguro em seus ombros. Dignidade, manto de púrpura! Devo ter feito uma cara engraçada, pois recomeçou a rir e disse-me que deixasse por sua conta, era aquela a sua maneira de fazer face às exigências e aos deveres novos que o defrontavam. Qualquer coisa em sua fisionomia chamou-me a atenção. Como se fosse uma erupção cutânea invisível... Uma certa expressão particular aos estados febris. Uma coisa era certa: um poder novo fora-lhe concedido, sob cujo peso os alicerces de seu caráter cediam como as pilastras de uma ponte ao choque dos blocos de gelo arrastados pela correnteza. Outro incidente alarmante produziu-se quando um belo dia, sem mais nem menos, despediu Quinke, um homem de toda confiança, há vinte e oito anos a serviço da casa. O motivo foi tão ridículo, que dificilmente uma pessoa de bom senso poderia tê-lo invocado. No calor da conversa, Quinke distraíra-se e, em lugar de tratá-lo por “senhor”, dera-lhe familiarmente o nome de batismo. O velho veio procurar-me, desesperado; suas economias haviam desaparecido com a falência de um pequeno banco, e encontrava-se quase sem recursos. Falei a Otto: “Se não queres retomá-lo a teu serviço — e nada te impede de fazê-lo — deves ao menos indenizá-lo”. Irritou-se.

Indenizá-lo? Nem pensava nisso; sua casa não era asilo de velhos. “Nesse caso, me obrigas a fazê-lo”, respondi. “Se isso te dá prazer, não faças cerimônia”, replicou ele. “Em todo caso, é bom que eu fique sabendo com que facilidade te deixas influenciar contra mim por um velho maluco”. Não me lembro o que respondi; provavelmente mais nada.

“Quando fiz menção de retirar-me, reteve-me e confiou-me que a vida inteira detestara Quinke. Não pude esconder minha surpresa, indaguei o motivo daquela antipatia. ‘Procura compreender’, disse,

tomando-me familiarmente pelo braço, ‘este homem conhece-me há muito tempo, conhece-me desde criança’. Mais espantado ainda, perguntei: ‘E daí?’. ‘Não quero saber de intimidade com as pessoas que trabalham para mim’, disse. ‘Haverá coisa mais aborrecida que esses velhos empregados sentimentais? Preciso, sim, de homens para meu serviço, e não de espectros românticos a recordar-me o passado’. Naquele mesmo dia, mandou-me levar em casa doze garrafas de velho Bordeaux, acompanhadas de uma carta encantadora; suplicava-me que o protegesse contra ele mesmo, que fosse seu guia, seu anjo da guarda, seu Virgílio; não esquecesse que um dia lhe dera a certeza de ser ele o meu melhor amigo. Sim, era verdade, mas eu estava por demais desorientado para voltar atrás. A confiança é um diamante que o mais leve arranhão faz baixar de valor. Encontrava-me na situação do nadador que a meio caminho da travessia percebe que tem o braço paralisado. Deixara-me enredar, não penetrara aquela alma até o íntimo, o descuido fora meu, e descuido significa culpa. Tudo o que se seguiu atingiu-me em cheio nas raízes mesmas de minha angústia, da angústia que o estado do nosso mundo atual me causava, e aprofundou-se até causar um traumatismo. Foi esse o meu castigo, e a razão de ser da catástrofe em que tudo culminou. Para que entendas o que quero dizer por traumatismo, devo falar-te de um homem que desempenhou importante papel em minha mocidade. O termo traumatismo é porventura um tanto ambíguo; é preciso ser mais modesto na escolha das expressões. Tratava-se indubitavelmente daquilo a que há pouco chamavas de ferida da alma, embora ferida tampouco fosse a palavra exata; no meu caso, intervinha um elemento salutar, como se fora um aviso imperioso que me mandava o destino... Por que me examinas assim? Não, não estou cansado; de qualquer maneira, não poderia interromper-me neste ponto. Será que nunca te falei em Gore? Helmut Gore era meu primo por parte de pai. Os Gore de Groothusen são uma velha família hanseática, muito mais antiga que os Irlen. Temos apenas três gerações alemãs, viemos do ducado de Clèves; Irlen significa olmo.⁹ Continuando: eu estava no quarto ano de ginásio, e Gore já era tenente; para mim, portanto, um homem feito, mais do que isso, o tipo ideal de homem. Uma espécie de auréola o

rodeava: era exímio cavaleiro, bom esgrimista e hábil atirador. Além disso, tinha fama de conquistador. Era o herói de uma canção em que cada quadra encerrava uma alusão a uma de suas aventuras galantes e terminava por esse estribilho, no tom da ária de Offenbach: ‘Eu sou Gore e desconheço o medo’.

“Os homens pacíficos afastavam-se de seu caminho; nunca se sabia o que podia acontecer... Tinha um físico de atleta, era capaz de levantar com o dedo um peso de cinquenta libras; a testa e o nariz eram talhe clássico; qualquer coisa chocava, entretanto, na parte inferior do rosto, onde os lábios grossos e sensuais, o queixo excessivamente largo denunciavam uma fusão desagradável dos tipos Gore e Groothusen. De cada vez que vinha visitar-nos, pegava-me pelo braço e apertava-o com toda a sua força hercúlea; tinha a impressão de que ia morrer de dor, mas sabia que o importante era não gritar, nem mesmo pestanejar. Uma vez suportada a prova, pousava-me a mão enorme na cabeça e dizia-me: ‘Bravo, garoto, continue assim’. Um dia minha mãe protestou contra a brincadeira, alegando que podia vir a quebrar-me um osso. E ele respondeu rindo: ‘Antes ter um osso quebrado do que não ter sangue nas veias. Não achas que tenho razão, garoto?’, perguntou voltando-se para mim e apertando-me contra o peito até fazer-me perder a respiração. Graças às relações importantes que tinha, fez carreira rapidamente; embora não fosse mais que capitão, deram-lhe o comando de um batalhão acampado em algum ponto da costa, em Heppens ou Bant, não me recordo.

“É estranho, quando se reflete sobre o curso de certas existências... o fenômeno é sempre o mesmo: um homem dotado de qualidades excepcionais, ‘uma cabeça’ como se costuma dizer, um belo impulso inicial, subitamente uma parada, mais nada. Que aconteceu? Já deu tudo que podia, costuma-se dizer; sim, mas, no fundo, que sentido tem tudo isso? Simplesmente mais uma tentativa fracassada do grande químico que, indiferente, realiza suas experiências sobre os indefesos seres humanos? Chegavam-nos notícias de que Gore enveredara por um mau caminho; seus superiores não sabiam o que fazer; era preciso a todo momento encobrir as faltas que cometia. A imprensa divulgara

a notícia dos maus tratos infligidos por ele aos seus subordinados; esperava-se a qualquer momento a notícia de sua demissão. Em princípios de 1887 foi transferido para uma fortaleza isolada em Kugelbake; era sem dúvida um derradeiro recurso destinado a fazê-lo voltar à razão, porém o resultado foi nulo. Só muito mais tarde é que vim a saber do infame procedimento que teve naquele lugar. Era não só o terror de seus subalternos, desde os oficiais até os simples soldados, mas também da população civil: comerciantes, funcionários, famílias de pescadores, todos tremiam diante dele. Trata-se de um país perdido, cujos habitantes vivem até hoje isolados do mundo e reduzidos aos seus próprios recursos, como se estivessem numa ilha; para apresentar uma queixa às autoridades competentes são tais as dificuldades encontradas que preferem resignar-se e esperar. Isso explica que tal estado de coisas tenha podido prolongar-se por mais de um ano a fio. Diz-se que invadia à noite as residências e mandava prender aqueles com quem não simpatizava, acusando-os de espionagem. Usava o chicote em plena rua e, de uma feita, na praça do mercado, que lançou seu cavalo contra um grupo de crianças que brincavam. O poder subira-lhe à cabeça, transtornando-o por completo. Ou quem sabe acreditava-se com direito a uma autoridade diferente, mais adequada à força elementar de seu temperamento, e sob a qual não se sentisse sufocado e aniquilado? É possível. O fato é que um dia cometeu a loucura de mandar fuzilar o redator de uma publicação local, que o acusava de manobras socialistas. Por felicidade, a sentença não chegou a ser cumprida, mas este caso foi o golpe de misericórdia na carreira de Gore. A grande custo foi possível evitar o inquérito judicial, mas o escândalo que se seguiu obrigou-o a pedir sua demissão.

“Foi por esta época que morreu meu pai. Eu concluíra o curso ginásial e queria especializar-me em ciências físicas e matemáticas. Só um ano mais tarde me decidi a abraçar a carreira militar, sugestionado principalmente por meu tio Eckbert Irlen, então professor da Escola Militar, um homem do tipo do Stechlin de Fontane, verdadeiro paladino das nobres causas. Mas estou fugindo ao meu assunto: voltemos a Gore. Tudo o que referi até agora não constitui senão o

prelúdio de meu último e decisivo encontro com ele. Um domingo, oito dias depois da morte de meu pai — lembro-me perfeitamente, era em agosto e fazia um calor sufocante —, ao voltar para casa, encontrei-o em visita a minha mãe. Isto é, não o reconheci; foi minha mãe quem me disse: ‘Gore está aqui’. Visita de pêsames. Vejo um homem sentado, rígido como um pau, a cartola no chão ao lado da cadeira, polainas cobrindo os sapatos de verniz, luvas de camurça negra, terno e gravata da mesma cor. Do colarinho transbordava um pescoço forte, que formava na nuca um rolo de gordura encimado por um crânio liso como um ovo e, na frente, um rosto... Aquele rosto! À primeira vista, julguei que o homem fora mordido por abelhas, a tal ponto tinha inchado o rosto e indistintos os traços; os olhos eram pequenos pontos baços encravados na face macilenta; os lábios completamente raspados formavam uma probóscide de onde escapavam sons fanhosos. Eu ficara imobilizado pelo espanto. Ele estendeu-me a ponta dos dedos resmungando qualquer coisa ininteligível. Sei que é Gore, porque me disseram; sei que não pode ter muito mais que trinta e seis anos. O homem que tenho em minha frente é um mastodonte sem idade. Sou forçado a admitir tratar-se do mesmo Gore por quem, aos treze ou quatorze anos, professava a mais ardente admiração, o mesmo que outrora se assemelhava a um jovem conquistador e fazia bater o coração das mulheres, aquele cuja alma transbordava de ardente ambição, Gore, o herói feliz, altivo e imperioso... E agora, esta ruína? Esta massa de gordura informe e lamentável? Calígula destronado com ar de um burguês dispéptico. Não pude suportar a ideia; fugi apressadamente, tranquei-me no quarto e chorei como uma criança. Nunca mais o vi; ignoro o que lhe sucedeu desde então. Tapava os ouvidos cada vez que seu nome era pronunciado em minha frente. Uma ou outra vez, apareceu-me em sonhos. Via-lhe o rosto desmesuradamente ampliado, qual uma cabeça de mosca no campo do microscópio; aproximava-se lentamente de mim, até não ser mais que uma enorme boca escancarada, de onde saíam estas palavras ditas em tom fanhoso: ‘Coragem, meu rapaz, coragem...’.

(Dois anos mais tarde, quando Kerkhoven presidia, na Prússia Ocidental, a um isolamento de centenas de casos de tifo, foi chamado

uma noite, por um mensageiro exausto, para atender a um oficial enfermo. Durante uma hora inteira viajaram de trenó, atravessando campos cobertos de neve e rios gelados, até chegar diante de uma miserável cabana. A escuridão era completa; ao cabo de insistentes apelos, apareceu uma velha trazendo uma lamparina de azeite cuja luz incerta permitiu vislumbrar uma peça baixa, de chão de terra batida e de uma sujeira repugnante; as paredes eram recobertas de geada; do teto, a neve derretida caía gota a gota sobre o solo de argila amolecido pelo calor do fogareiro e sobre o caixote quadrado que servia de cama. Três crianças dormiam ali e ao seu lado estava estendido o oficial, já cadáver. Um homem de muito mais de sessenta anos. O lábio superior imberbe. Do queixo em ponta, uma barba amarelada descia sobre o peito. O rosto não era mais que pele e ossos. Kerkhoven pediu ao ordenança que o acompanhava os papéis do morto. Leu o nome: Helmut Gore de Groothusen).

Irlen prosseguiu: — Agora, podes compreender a ligação... Gore, o tema; Otto Kapeller, a execução. Um, o esquema, o outro a tela completa. Combinações como essa são muito mais frequentes do que se pode acreditar na natureza. Vivemos na ideia de que a vida é de uma prodigalidade ilimitada na criação de seus tipos. Não é o que acontece; na realidade, ela serve-se de formas antigas para aperfeiçoá-las, retoma experiências abandonadas em meio. Combinações análogas fornecem tipos afins. Entretanto, a constatação de tais processos diz respeito antes ao naturalista que ao psicólogo. Foi por ocasião do caso com Dagmar que o “tipo Gore” revelou-se pela primeira vez a meus olhos, em seu estado primitivo, por assim dizer. Otto descobrira que sua irmã encontrava-se em segredo com um jovem regente de orquestra de Düsseldorf, aliás um rapaz simpático e de talento. Otto mantivera com ele relações de amizade; frequentemente mandava buscá-lo de automóvel e passava noites inteiras a fazer música em sua companhia. Ignoro até que ponto Dagmar se comprometera; de qualquer maneira, quando o irmão censurou-lhe a conduta, respondeu tranquilamente que tinha a intenção de desposá-lo. Dagmar não era um tipo de beleza, mas tinha um grande encanto pessoal e uma forte personalidade. Nutria

verdadeira adoração pelo irmão, e as transformações de que foi a primeira a observar em seu caráter causaram-lhe uma amarga decepção. Pouco tempo depois da morte do pai, tiveram uma discussão a respeito da falta de consideração com que Otto tratava a mãe: sua presença o aborrecia e, depois de uma questão provocada por motivo fútil, obrigara-a a retirar-se para uma propriedade da família, situada na região de Trèves. Passou então a entregar-se a toda sorte de desordens e excessos. Para esse fim alugara uma casa em Colônia, onde tinham lugar suas orgias noturnas; em que companhia, não é preciso dizer. Dagmar o sabia. Por essa época, eu andava sobrecarregado de trabalho; passava a metade do ano em viagem, e de tudo isso não vim a saber senão muito mais tarde e por acaso. Ninguém ousava informar-me, temendo uma natural reação de minha parte, pois de qualquer maneira cumpria-me defendê-lo e salvar as aparências.

“Quando estávamos juntos, discutíamos constantemente; mas, em regra, mostrava-se sempre tão disposto a agradar-me, cercava-me de tantas atenções, que a suspeita que, por certo, não me abandonava mais, ficava amortecida como uma brasa sob a cinza. Uma noite, Dagmar apresentou-se em minha casa. Vinha agitada, inquieta, disfarçada sob roupas emprestadas, anunciar-me em primeiro lugar estar cercada de espiões, vigiada por detetives particulares, que chegavam a ponto de interceptar-lhe a correspondência. Em seguida, expôs-me os motivos dessa perseguição, dos quais eu ouvira vagos rumores, evitando porém cuidadosamente interrogar Otto a respeito. Estava convencido de ser eu o único a poder ajudá-la, o único a ter alguma influência sobre o irmão. Entretanto, esse tempo já estava passado. Ou melhor, jamais existira.

“Que influência é possível exercer sobre uma alma privada de centro de gravidade? É uma ilusão, cujo reconhecimento nos deixa uma dolorosa sensação de impotência. Ao que parece, o irmão fizera-lhe cenas tremendas cuja simples recordação ainda a fazia estremecer; entrara furioso, como um tirano doméstico do Teatro de Kotzebue, invocando os velhos preconceitos contra os matrimônios desiguais e a

vergonha que recai sobre a família. Foi uma cena grotesca. Não que eu tenda a desprezar os preconceitos de casta, em favor dos chamados casamentos de amor; mas, afinal de contas, o pai de Andreas Kapeller não passara de um simples ferreiro de Steele. Encontrando a irmã naquela posição de recusa irredutível que se provoca sempre que se recorre a meios violentos para dobrar uma vontade, Otto ameaçou abater com um tiro o amante de Dagmar, caso este se apresentasse diante dele, e como ela respondesse com um levantar de ombros, declarou-lhe secamente que pretendia tomá-la sob tutela e interná-la num manicômio. Eis o que se devia temer, pois era homem para levar adiante essa promessa. ‘Quando foi isso?’, perguntei. ‘Ontem’, respondeu-me, fixando em mim um olhar aterrorizado, como se repentinamente passasse a duvidar de meu auxílio. Garanti-lhe entretanto que nada tinha a temer.

“Na manhã seguinte fui procurar Otto, depois de ter anunciado por telefone minha visita, pois fazia-se cercar de uma verdadeira corte de empregados e era difícil penetrar até ele. Sem perder a calma, fi-lo compreender que, se chegasse a ponto de cometer um ato de violência, podia estar certo de me ver tomar o partido da irmã. O que se passou então foi algo de inesperado. Uma cena de ciúmes e acusações. Que eu o abandonava, que traíra nossa amizade, que estava de conivência com Dagmar, e que Dagmar ela própria... era absurdo, totalmente absurdo... Que eu faltara a todos os meus deveres para com o melhor de mim mesmo, deixando-o a ele, meu amigo, inteiramente desarvorado. Era absurdo. E ainda por cima, lágrimas, lágrimas de verdade. Até hoje não me foi possível distinguir, naquela cena, em que ponto o disfarce e a comédia cediam lugar a expressão de uma dor sincera. Quem é capaz de avaliar com precisão a sinceridade de uma dor? Os maiores mentirosos são verdadeiros até um certo ponto; eis precisamente o motivo por que tão facilmente nos desconcertam — a mim, pelo menos. Pousei-lhe a mão sobre o ombro e, forçando um sorriso, citei as palavras de Petrucchio: ‘Se a brisa é capaz de atizar uma chama pequena, a tempestade tudo destrói e consome’. Fitou-me surpreso, depois baixou os olhos. Naquele momento, uma lembrança atravessou-me o espírito: Gore.

“No curso daquelas últimas semanas, suas faces tinham inchado de modo alarmante, a pele adquirira uma tonalidade esbranquiçada e malsã, o pescoço engrossara, a nuca começava a formar um rolo de gordura... Gore. Porém um Gore muito mais perigoso, muito mais nefasto que o outro, um Gore que construía um pedestal para seu próprio uso, e recitava publicamente o papel de herói. A partir daquele momento, compreendi que se tratava de uma questão de vida ou de morte.

“Bem vejo que tudo quanto te estou contando dá a impressão de que lidava, sem o perceber, com um indivíduo meio louco, com um irresponsável que eu cometera o erro de julgar normal e igual a todo mundo. Engano, meu caro. Sabes o que significava na realidade essa aparente irresponsabilidade, essa loucura revestida de aspectos imponentes? Simplesmente isto: pobreza moral. Não vás pensar que, no momento em que meus olhos se abriram, tenha passado a negar as qualidades que ele incontestavelmente possuía: delicadeza, cultura, educação, encanto pessoal, fantasia — mas o peso imenso da riqueza e do poder abatera-se sobre tudo isso, e não restara mais que um amontoado de mediocridades. Aquele organismo era excessivamente fraco para carregar tamanho fardo. Era Gore elevado à terceira ou quarta potência.

Tanta mediocridade é capaz de deixar a pessoa confusa e terrivelmente desiludida. Ela penetra o indivíduo até o osso; de qualquer lado que se lhe toque, não se encontra senão uma massa gelatinosa e informe. Eu não me sentia muito à vontade em meu trabalho, meus esforços esbarravam sempre numa resistência estranha. Há muito que não se cuidava de reformas e melhoramentos, e no entanto muitos setores exigiam atenção urgente. Homens de confiança de Otto foram nomeados para postos importantes; passou então a tomar decisões sem consultá-los e a intervir na administração invocando meu nome, o que me obrigava a contradizê-lo. Dois de meus melhores empregados, um subdiretor e um engenheiro, foram despedidos, a despeito de minha oposição, sob pretexto de terem o primeiro revelado um segredo de fabricação a uma firma rival, o outro

desrespeitado um novo regulamento. Pura invenção, que encobria uma pérfida intriga política.

“Em dezembro de 1910, pouco tempo antes da grande greve, tive de ir a Estocolmo dirigir certas negociações a serem realizadas com uma companhia sueca; no momento decisivo, quando não faltava senão firmar o contrato, Otto atacou-me pelas costas, a mim, seu delegado, dirigindo à parte contrária um telegrama que representava literalmente uma traição. Tu me dirás, com razão: por que não o deixaste então, abandonando emprego e situação e tomando o teu próprio rumo? Havia muitos motivos em contrário. Muitas vezes lutei contra a tentação de fazê-lo, mas numerosas razões me prendiam. Era membro vivo de um organismo vivo; como podia desprender-me assim levianamente? Ali enterrara muitos anos de minha vida; ali dentro estavam ideias, projetos, esperanças, o melhor de mim mesmo. É possível que tudo aquilo fosse em vão, que não passasse de uma maneira de ganhar a vida como qualquer outra, e que eu devesse ignorar as minhas responsabilidades e renunciar aos resultados já conquistados, como qualquer secretário mal pago? Impossível. Estava ali para lutar e não para divertir-me. Em todos os ramos da empresa, mesmo entre os operários mais jovens, contava com amigos, com pessoas que me eram dedicadas; conseguira captar-lhes a confiança, davam-me o seu apoio quase incondicional, pois tinham interesse em encontrar quem tomasse parte em suas discussões, solucionasse suas dificuldades, comparecesse às suas reuniões. Sentiam que aquilo não era para mim um esporte de luxo, mas que os negócios deles interessavam-me como os meus próprios.

“Tudo naquela empresa me atraía; por vezes, chegava a imaginar que me pertencia. Quando atravessava as minas, as oficinas de fundição, de laminação, onde funcionavam altos fornos, guindastes, geradores, perfuradoras, caldeiras, forjas e malhos; quando as rubras barras de ferro deslizavam pelos canais dos laminadores e os discos de metal incandescente, suspensos por gigantescos eletroímãs, passavam sobre minha cabeça, sentia uma embriaguez singular, como se pudesse comandar os elementos e a matéria; sensação que não diferia muito da

que me acometia ao abrir um volume de Goethe ou ao contemplar uma tela de Renoir. Abandonar tudo naquele momento, seria confessar-se vencido e fugir, e isto eu não podia, não tinha o direito de fazer. Tudo em mim se rebelava a essa ideia. Seria preciso primeiro que o destino se declarasse contra mim... “Mas cheguemos ao final. A greve, que desde o princípio assumiu o aspecto de uma calamidade nacional, foi em grande parte provocada pela intransigência de Otto. Com um mínimo de concessão, teria sido ainda possível negociar. Quando procurei explicar-lhe não se tratar de uma simples exposição de teorias ou de uma demonstração de força e energia pessoal, e sim de uma lei dos tempos e de necessidades que saberiam impor-se, se necessário, sem ele e contra ele, respondeu-me que correria esse risco, que, de momento, julgava-se ainda capaz de dominar essa canalha revoltada. Tanta cegueira horrorizou-me, e renunciei definitivamente a lutar. Na quarta semana da greve, uma delegação de mulheres de operários apresentou-se de manhã muito cedo em frente à sua casa, pedindo para falar-lhe. Eram ao todo umas trinta mulheres de todas as idades; esperaram durante duas horas e meia, expostas ao frio, imóveis e mudas frente à grade do jardim, de olhos erguidos para as janelas, lembrando figuras de Constantin Meunier. Naquela época, eu habitava o chamado ‘pavilhão dos oficiais’, situado no fundo do parque. Antes de mim, ali residira Dagmar, a qual, desde o rompimento de relações com o irmão, fora viver na Inglaterra, a conselho meu. Eu soubera da chegada daquela deputação, e julgava que há muito tempo Otto já a recebera; entretanto, às dez e um quarto soube por meu secretário que se encontrava ainda na porta. ‘Francamente, isso já é demais’, disse comigo mesmo, e dirigi-me imediatamente à casa de Otto, pedindo para falar-lhe. Apresentou-se o *maître d’hotel*,¹⁰ depois um camareiro, e mais outro: sentiam muito, o patrão ainda estava no banho. Respondi-lhes que pouco se me dava, que o assunto não comportava demoras, e empurrei os homens para o lado. Dois minutos mais tarde, entrava na sala de banho: uma sala, sem dúvida, toda resplandecente de mármore e ouro; encontrei-o a espiar-se na banheira, gordo e satisfeito. Divertia-se em fazer nadar um crocodilo de borracha, cuja boca abria e fechava com um movimento do dedo. Examinou-me com

um olhar zombeteiro e perguntou: ‘Então, qual é o comunicado de hoje?’. Era Gore, Gore em todo o seu esplendor. Então, compreendi que era preciso escolher: ele ou eu, pois ele e eu é impossível.

Mil léguas nos separam. Não se tratava mais de uma divergência, de uma questão entre dois indivíduos, outra coisa estava em jogo. Parece tê-lo compreendido ele próprio: as injúrias que três dias mais tarde me lançou em rosto, no pátio da fábrica, em presença de operários, soldados e oficiais, eram incontestavelmente ditadas por um raciocínio frio; a todos os presentes deu a impressão de querer aproveitar-se da situação mais favorável para despir a máscara e afrontar o mundo. Como julgar? Seria porventura um ato de liberação, ou quem sabe uma suprema e desesperada tentativa para evadir-se do mundo das aparências para o da realidade, com a covarde intenção de deixar ao destino a iniciativa da decisão. As aparências... sim, a natureza das criaturas demoníacas, dos Gores, outra coisa não é senão isso. As condições do duelo eram extremamente rigorosas: a pistola foi a arma escolhida, distância de sete passos, troca de balas até um dos adversários ser posto fora de combate. Na tarde precedente, escrevi algumas cartas, e tomando um livro dirigi-me ao jardim de inverno, disposto a ler um pouco. De repente, pareceu-me a ver uma sombra esgueirar-se por detrás da parede envidraçada. Lá fora, rugia uma tempestade de neve; levantei os olhos e avistei Otto. Estava a três passos de mim separado apenas pela parede de vidro; vestia um casaco de pele e um chapéu alto, e apertando ligeiramente os olhos, fixava-me com um olhar penetrante. Como eu me dispusesse a abandonar a leitura e ir ao seu encontro, voltou-se e desapareceu no turbilhão dos flocos de neve. Sua imagem aparecia-me assim como que no limiar de um outro mundo, e nunca mais se apagou de minha memória”.

Ao fim de um longo silêncio, Irlen levantou-se e disse com voz pastosa: — Hoje, creio que aceitarei um comprimido de veronal, Joseph.

Kerkhoven sentira que Nina não se encontrava em seu estado normal; entretanto, não cogitava de apurar essa impressão. Numa das

noites que se seguiram a estes acontecimentos, como voltasse tarde para casa e se dirigisse ao escritório, disposto a ler ainda algum tempo, percebeu que a porta do quarto estava entreaberta por um raio de luz que filtrava. “Esqueceu-se de apagar”, pensou. Aproximou-se de manso e empurrou um pouco a porta. Seus passos não faziam ruído; habituara-se a calçar os chinelos na entrada, para não acordar Nina. Lançou um olhar para o leito e viu que ela não dormia. Estava deitada, imóvel, as mãos sob a nuca, os olhos pregados no teto. Seu rosto tinha uma expressão parada; entretanto, logo que, sem precisar mover os olhos, percebeu o movimento da porta, foi como se um choque elétrico lhe percorresse o corpo; imediatamente, voltou-lhe aos lábios o sorriso mecânico que agora só abandonava quando tinha certeza de estar só e de não ser observada.

Kerkhoven aproximou-se do leito.

— Então, Nina, não te sentes bem? Ela balançou a cabeça com energia.

— Por que não dormes? Um movimento de ombros. Não sabia.

— É quase uma hora. Não estás cansada? — Cansada? Que ideia! *Non è mai stanca*.¹¹ Por que haveria de estar cansada? — Mas tu tens qualquer coisa... não queres dizer-me o que é? Surpresa, diz: — Qual, Joseph, não tenho nada, absolutamente nada.

E sempre aquele sorriso. Depois saiu do quarto. Quando voltou para deitar-se, por volta de duas horas, encontrou-a ainda na mesma posição, as mãos sob a nuca, o mesmo o sorriso estático nos lábios. Tinha, no entanto, os olhos fechados e parecia dormir. Suspeitou que ela apenas fingisse, mas achou mais cômodo não se certificar. Tinha muitas ideias a lhe agitarem a cabeça, preocupações demais a lhe torturarem o coração. Dormia, e parecia ainda estar refletindo; os espectros do dia não lhe davam descanso. E então tudo aquilo que, no seu subconsciente, dizia respeito a Nina, concentrou-se num círculo luminoso recortado entre as trevas do sono e cujo brilho intenso era

tão penoso que o momento do despertar representou uma verdadeira libertação.

Passou a observá-la, e ela sentiu-se subitamente como o peixinho vermelho prisioneiro em seu aquário, à aproximação de um ser humano. Não verá talvez mais que uma sombra, porém é o suficiente para aterrorizá-lo. O sorriso estereotipado que Nina ostentava da manhã à noite começou a preocupá-lo. Sua conversa, seu riso eram ocos como o ruído da chuva sobre o zinco. E ainda aquele olhar esquivo, e o movimento nervoso de recuo com que acolhia qualquer gesto de carinho de sua parte. Quando saía, ela beijava-o, porém no rosto, de leve, como uma serva dócil. Ele surpreendia-se, e às vezes se irritava. Nessas ocasiões, ela juntava as mãos sobre o peito e ficava imóvel, como uma pequena madona melancólica. “Vem, Nina, senta-te ao meu lado, dá-me tua mão...”. Sentava-se ao lado dele, estendia-lhe lentamente a mão direita, fixava-o um segundo de frente, depois cobria-lhe os olhos com a mão esquerda e virava o rosto. Gesto tipicamente italiano, que o comovia, mas que fazer? A afeição profunda que sentia por aquela criatura (e quanto correspondia ela ao sentido daquela palavra, como era de fato essencialmente “criatura”!) não o impedia de sentir que ela não se movia mais senão à margem de sua vida e que era difícil encontrar um terreno de interesse comum, apenas se saía da rotina cotidiana. Tem o cérebro tumultuante de ideias, o coração pesado de preocupações; é preciso conformar-se, Nina, e aceitar o destino inexorável; seu tempo passou. Kerkhoven não era por certo um homem de caminhos retos e enérgicos ajustes de contas. Quer se tratasse dele ou dos outros, não podia jamais chegar a uma conclusão; qualquer que fosse a situação, confundia-se, temia sempre tomar uma decisão, criar um estado de coisas definitivo.

A Senhora Irlen dissera um dia ao filho: — Reparaste como tem o hábito de deixar as portas abertas atrás de si? Isto deve ter algum significado.

— Por certo que tem — respondeu Irlen procurando furtar-se a deduções críticas. — Um homem que não sabe exatamente até onde

vai, procura instintivamente garantir uma retirada.

Kerkhoven tentará acreditar o mais tempo que for possível na indissolubilidade de seu casamento com Nina. Isto é, não julgará possuir a força ou a coragem necessárias para romper o vínculo e encontrará mil razões para acreditá-lo inviolável e predestinado, antes de agir de acordo com uma só delas, precisamente aquela que lhe põe diante dos olhos a sua extrema precariedade. Invocará pretextos de gratidão, de piedade, de honra, para evitar uma decisão que exigem dele um esforço demasiado intenso de energia e de firmeza de ânimo e, sob o pretexto de que sua vida está dedicada a deveres mais importantes, sacrificará, se preciso for, essa mesma vida para não ser obrigado a tomar uma deliberação. Ele não o ignora. E tem medo de si mesmo. “Todas as mulheres se valem”, reflete consigo mesmo. “E uma vez que é preciso escolher, contentemo-nos com a que dá menos aborrecimento”. Foi essa maneira de pensar, por certo não muito elevada, que o fez dizer certa vez a Irlen: — Meu casamento é o que deve ser um bom casamento: absolutamente neutro em todos os sentidos.

Irlen teve um sorriso de irônica indulgência; que mais lhe restava fazer, quando um homem tão essencialmente inteligente se punha a dizer tolices dessa ordem? Entretanto, Kerkhoven sentia-se pouco à vontade; tudo em sua vida causava-lhe ultimamente a mesma impressão incômoda de que é obrigado a vestir roupa de baixo grosseira e remendada. Estava perplexo, irritado e assustado. O desejo de ver as coisas permanecerem como estavam e o temor de não poder prolongar indefinidamente a situação vinham reavivar nele a chama quase extinta de seu carinho por Nina; e, como consequência inevitável, acreditava-se na obrigação de evitar Marie Bergmann.

Pois aqui é que se originavam seus temores. Temores vagos, sem nada de positivo, nada que faça crer num entendimento tácito; sem que nada tenha sido dito; um medo vazio e estúpido. Kerkhoven não procurava iludir-se; sentia que entre o sorriso inanimado de Nina e a mudança operada em suas próprias disposições de espírito, existia

uma relação qualquer, porém longe estava de supor que Nina tivesse ouvido falar de Marie Bergmann e que, guiados por um estranho pressentimento, já houvesse baixado sobre sua alma os sofrimentos que o destino lhe reservava. Um acaso veio abrir-lhe os olhos.

Numa quarta-feira de fins de março, ao meio-dia, estava à mesa com Nina quando bateram à porta. Era um estafeta trazendo um telegrama de Marie Bergmann expedido de uma pequena cidade situada a vinte minutos de estrada de ferro. Suplicava-lhe que fosse ter imediatamente com ela, se possível. Estava doente e recolhida a um hotel. Kerkhoven mudou de cor. Virava e revirava o papel entre os dedos. Doente? E num hotel? Por que se encontrava lá? Que teria ido fazer? Tirou do bolso sua caderneta de notas, folheou-a nervosamente, depois passou para a saleta de entrada, de onde expediu por telefone uma mensagem urgente de resposta. Podia estar a seu lado dentro de uma hora. Mas, por causa de Nina, teve que esperar muito mais.

Distraidamente, deixara o telegrama sobre a mesa; quando voltou, Nina estava de pé, o papel entre as mãos. Lia, ou parecia ler, pois seus olhos não se moviam. Fixava o papel com uma expressão de desespero impotente, como se ali encontrasse a notícia ou a confirmação de uma desgraça irremediável. Kerkhoven estremeceu. Teve que fazer um esforço sobre si mesmo para forçar seu espírito, ainda sob o peso da aflição causada pela notícia inesperada, a voltar-se para novos rumos.

— *Nina, che cosa, Nina?*¹² — exclamou, colocando-lhe a mão no ombro.

Lentamente ela levantou os olhos para ele, como que surpreendida de lhe ouvir a voz. Então, ele compreendeu tudo. Antes mesmo que ela, escorregando-lhe entre os braços, tombasse de joelhos no chão, tinha compreendido. Enquanto um suspiro profundo lhe levantava o peito, ela segurava-se à borda da mesa e gemia para si mesma: — *Morire... morire...*¹³

Com a força de que era dotado, ergueu-a nos braços e carregou-a para o divã. Ali deitou-a, como se fora um pássaro ferido apanhado na estrada, e sentou-se ao seu lado. “Isto é loucura”, pensou, “é absolutamente insensato”. Teve vontade de rir; reação puramente mecânica, pois que, por um momento, seu coração parou de bater. Não que temesse por Nina. O principal era saber como defender-se da terrível clarividência daquela mulher, quando um dia (quem sabe quando) tomasse corpo o sonho que covardemente procurava esconder de si mesmo, e que os sentidos despertos tentavam arrancar da memória. No momento, era preciso consolar, brincar, conservar a calma e a naturalidade, ganhar tempo e evitar comprometer o equilíbrio doméstico. Uma velha tática masculina. Falou em italiano, na língua que era mais próxima a Nina, mais persuasiva, mais compreensiva e que lhe permitia ademais uma certa intensidade de expressão que o alemão lhe teria negado. Todavia, no fundo do coração de Nina, qual um indicador de nível cuidadosamente regulado, uma voz assinalava, sem ilusão possível, que os tempos eram outros, que tudo estava acabado. A mão direita de Kerkhoven presa entre as suas, ouvia-o como se de fato acreditasse nele. E talvez o fizesse mesmo, naquele momento. Não podia ver o que se passava dentro daquele cérebro. Não podia saber que ele não cessava de pensar na outra que, de um hotel distante, lançara-lhe um angustioso apelo. Respondia com confiança, quase com vivacidade às perguntas voluntariamente alegres que ele lhe fazia, às censuras que lhe dirigia: — *Sì... credo... hai ragione... sì, sì... sono un po' stupida, scusa Giuseppe.*¹⁴ Entretanto, aquilo não passou de um clarão fugaz; não tardou que um véu sombrio lhe envolvesse novamente o espírito. Algumas semanas iriam se passar antes de Kerkhoven reconhecer que o estado de Nina apresentava os sintomas de uma psicose. O tempo e o destino inclemente apartavam um do outro, e não houve firme propósito, nem sentimento de dever, nem gratidão, nem solicitude capaz de alterar essa ordem de coisas.

Levara consigo um trabalho sobre doenças do sangue, que procurou ler durante o trajeto. Seus pensamentos entretanto obstinavam-se em divagar. Na véspera ou antevéspera, encontrara o Professor Bergmann

e este lhe dissera que sua mulher fora passar uns dias com uma amiga, em Odenwald. Não ligara maior importância ao fato. Marie costumava fazer com frequência essas viagens. Experimentava mesmo uma sensação de alívio, dizendo consigo mesmo: “Tanto melhor, desta forma não poderei encontrá-la e nada terá mudado”. Porém aquilo era demais: como podia atrever-se a afirmar não desejar um encontro que, no fundo, esperava ardentemente? No momento em que lera o telegrama, assaltara-o a mesma impressão que em criança, quando o arrancavam da cama pela manhã: impressão de frio, de amor-próprio ferido, de ataque imprevisto. Marie não era mulher de divertir-se em alarmar gratuitamente as pessoas. Para chamá-lo com aquela insistência, teria motivos, motivos sérios. “Estou chegando, estou chegando”, pensava, e em sua impaciência tamborilava com os dedos sobre a página aberta do livro.

Chegou às três e meia. O hotel ficava a dois minutos da estação. De aparência, era um pouco melhor que um albergue de interior. Diante da porta, um caminhão de cerveja estacionava, junto ao qual conversava um grupo de caixeiros-viajantes. Indicaram-lhe uma mulher de idade precisa. Apresentou-se. Sim, a senhora esperava o doutor, quarto cinco, segundo andar. Subiu as escadas de quatro em quatro; um corredor escuro; riscou um fósforo para ver os números e por fim bateu a uma porta de canto. Um imenso quarto de teto baixo, mal aquecido, verdadeira bolsa de ar frio; três janelas, a quarta com um balcão, móveis estofados; uma peça nua, pouco habitável; ao fundo, duas camas, e numa delas, pálida, sorrindo debilmente, quase irreconhecível, Marie.

— Obrigada — murmurou —, obrigada por ter vindo, mil vezes obrigada. Ele tirou o sobretudo, atirou-o sobre o divã juntamente com o chapéu, e puxou uma cadeira para perto da cama. As três ou quatro perguntas de costume, às quais ela respondeu maquinalmente. O que tem, não sabe dizer. Sente medo, muito medo. Não pode comer, nem beber, nem dormir, nem pensar, nem andar, sente medo, um medo atroz. Seu coração bate loucamente, suas entranhas se convulsionam, sente vertigens; não pode ficar tranquila em parte alguma ou em

qualquer posição; não faz senão virar-se de um lado para outro na cama; seus pensamentos giram desordenadamente; mas o pior são as náuseas que sente; não pode exprimir essa sensação atroz; tomou inúmeras doses de valeriana, de algocratina, sem resultado algum; dir-se-ia que alguma coisa a sufoca interiormente; é insuportável, não pode viver mais dessa maneira.

Kerkhoven fixou-a longamente.

— Desde quando está assim? — perguntou.

— Há três dias.

— Então, desde que saiu de casa? Ela hesitou.

— Sim... A Kerkhoven não passou despercebida essa hesitação: — Esta é a primeira crise ou já teve outras? — Sim, já tive outras. Mas nunca tão violentas.

— Pode dizer-me a que época remontam? — Há uns dois meses e meio. Dominei-me para que ninguém o percebesse. Nunca em toda minha vida tive de fazer tamanho esforço sobre mim mesma. Mas desta vez... — E a causa? Poderá indicar-me uma causa precisa? Mais uma vez ela hesitou.

— Penso que sim. Resulta de emoções. É... eu... — respirou com força. Seus olhos estavam úmidos. Sua boca deliciosamente arqueada contraiu-se.

— É preciso dizer-me tudo, Marie. Se quer que a compreenda... se quer que lhe dê alívio, não deve ocultar-me nada. Se prefere, esperaremos um pouco. Assim poderá refletir mais tranquilamente.

Enquanto falava e sem que sua fisionomia traísse a menor curiosidade, a menor emoção, seus olhos perscrutadores não se despregavam dela. Marie sustentou esse olhar como alguém que se apegava a um ponto de apoio qualquer para não cair. A angústia que a

oprimia abrandou-se. Aquela presença calma inspirava-lhe uma sensação de confiança. Fechou os olhos, mas suas mãos cruzadas e contraídas não cessaram de mover-se nervosamente.

— Já me sinto um pouco melhor — murmurou. — Tenho menos medo. “Que motivo a teria levado a meter-se naquele quarto infecto?”, perguntava-se Kerkhoven, perplexo. O caso que tem diante dos olhos não comporta dúvida, é uma psicose característica; resta apenas averiguar-lhe a causa... Como fazê-lo, porém? Misericórdia divina, que aconteceu? Separa delicadamente as mãos aflitas e diz: — Fala, Marie, alivie seu coração.

Suas suspeitas não tardaram a confirmarem-se: uma aventura amorosa. Um arrebatamento erótico. Um adultério. Meia hora antes, não teria certamente ousado formular essa hipótese: teria afastado com indignação e com um desprezo altivo a simples sugestão dessa possibilidade, de qualquer fonte que proviesse. Agora, pouco importava. Aqui, não estava presente o homem, e sim o médico. Aqui, tratava-se da doente Marie Bergmann e nada mais. Qualquer outra associação de ideias e de sonhos devia ser resolutamente rechaçada.

Do relato de Marie, em tom de monótona cantilena, não é possível conservar mais do que os fatos, embora com isso se lhe tire todo o caráter emocionante. Os fatos em nada o diferenciam de tantas aventuras análogas. Na vulgaridade de sua desgraça reside talvez o maior sofrimento de Marie. No mês de julho último, em casa de sua amiga Tina, de solteira L'Allemand, casada com o guarda florestal Audenrieth, conhecera um certo Von P..., homem de sociedade, esportista, imensamente rico, um misto de aventureiro e nobre. Esse homem, que já ultrapassou os cinquenta anos, apaixonou-se loucamente por ela. Esforçava-se por explicar por que não soube resistir ao assalto dessa paixão desenfreada, mas não encontra senão palavras inexpressivas. Sentia naquela época o coração vazio, a monotonia dos dias aniquilava-a; nenhuma alegria presente ou esperada; de súbito, foi como se um turbilhão a envolvesse e arrastasse em sua voragem. É assim que essas coisas acontecem. Nada se pode

contra isso... Falava à meia-voz, num tom uniforme; seu olhar procurava sobre a colcha da cama um ponto onde repousar; as mãos úmidas não se moviam mais, dir-se-ia que estavam atadas uma à outra. Desde o começo violentou-a, e com isso toda liberdade de decisão lhe foi desde então negada. Sua intenção lembrava um desses sonhos de que se procura desesperadamente despertar sem o conseguir. Inútil rebelar-se contra essa tirania. Embora ele tivesse tanto quanto ela, por questões de famílias, razões imperiosas para manter o segredo, seus ciúmes desatinados e suas exigências, que nenhuma consideração era capaz de deter, lançaram-na no pavor mortal de ver tudo descoberto. Não ousa esquivar-se; as razões mais plausíveis de não comparecer a um encontro tornam-se pretexto de tremendas discussões. É capaz de invadir-lhe a própria casa, sem temor de escândalo, uma vez que não reconhece autoridade superior à sua própria. Está habituado a vencer todos os obstáculos, vivendo perpetuamente rodeado de uma corte de admiradores incondicionais. Em outubro, anunciou-lhe que se via obrigado a passar dois meses na América. Ela respirou. Era a possibilidade de começar nova vida que surgia. Decidiu acabar tudo e, como para ajudá-la, o destino mandou-lhe Johann Irlen; perto dele, acreditou poder encontrar de novo sua energia perdida. Ele demorara-se quatro meses, em lugar de dois. Quando lhe anunciou seu regresso, ela já não era moralmente a mesma. Não obstante, não encontrara ainda qualquer possibilidade de romper. “Não pergunte por quê, Dr. Kerkhoven, não o pergunte; é a pior de todas as torturas”. Ela mesma não pode compreender.

Ama o marido. Não pode suportar a ideia de causar-lhe um sofrimento. E um sofrimento desses! Ama-o sinceramente, muito sinceramente, ama-o de todo coração. Um dedo dele representa para ela mais valor que toda a pessoa do outro.

Nesse homem que pretende amá-la até a loucura, nada há de nobre ou de elevado. Nada mais há que aquele frenesi. Ela bem o sabe, e eis precisamente o que a atormenta: entrega-se a um homem a quem não pode estimar; mais ainda, com quem nada tem moralmente em comum. Entretanto, uma força estranha impele-a para ele. Como

explicá-lo? Sente-se a última da infelizes. Ontem à noite, acompanhou-o ao seu pavilhão de caça; é ali que costumam encontrar-se. E tudo se passou como das outras vezes. Primeiramente, aquele arrebatamento sem freio... Santo Deus, de que serve recordá-lo? Depois o colapso nervoso. É sempre a mesma coisa, e cada vez pior. Não deixaria de acontecer mesmo que se comportasse como um homem de sangue-frio. A ele, porém, não se sabe como levá-lo. Suspeitas, ameaças, insultos. Depois, o delírio se apodera novamente dos sentidos. Vertigem após vertigem, física e moral. E logo em seguida, o martírio dos interrogativos. Descreve-o, como se bruscamente voltasse a vê-lo em sua frente, sentado na borda da mesa, braços cruzados, questionando-a com uma cólera fria. A cada resposta, lança uma ruidosa gargalhada e contorce-se todo como um acrobata. Não acreditava que ela lhe pertencia exclusivamente. O fato é humilhante em si, e mais humilhante ainda é que ele não o creia. Há meses que vive separada de Ernst. Por estranho que pareça, é a verdade, e Ernst se resigna. Resignar-se-ia durante anos, se preciso fosse. Dobra-se ao seu desejo e à sua indiferença. Faça ela o que fizer, nunca tem a objetar; não murmura, não se queixa, espera apenas; é feliz em tê-la a seu lado e não precisa do arrebatamento dos sentidos. Quiçá algum dia tudo mude; as naturezas podem apresentar transições bruscas; no momento, porém, demonstra uma doçura, uma paciência inacreditáveis. O outro, este, é insaciável. Não se detém senão quando uma última fraqueza, uma última humilhação apagam nela qualquer alento de vida. Entretanto, quer explicar por que se encontra ali. Ao amanhecer, ele deixou-a; não pôde mais dormir. De repente, compreendeu nitidamente que se não fugisse naquele instante seria tarde demais. Levantou-se, vestiu-se, deixou furtivamente a casa, vagou durante mais de uma hora pelo bosque até ter a sorte de encontrar um carro que a trouxe até ali. Telegrafou a Tina que dissesse que ela fora a Munique por um dia, no caso de a procurarem de casa ou do pavilhão de caça de Von P..., depois telegrafou a ele, Kerkhoven. Que fazer agora? Não se atreve a regressar a casa. Independentemente de seu Ernst. Não pode voltar para junto de Johann Irlen. Não fora Aleid, poderia talvez desaparecer, ao menos por algum tempo. Kerkhoven não se negaria a ajudá-la. Muitas vezes se perguntou a si

mesma se poderia viver sem aquele homem. Não sabe. Apesar de tudo, não sabe. Com ele, certamente que não. Sem ele, tampouco.

— Então, que fazer, Dr. Kerkhoven, diga-me, afinal de contas não posso continuar levando esta vida... Mergulha o rosto entre as mãos. Todo o seu corpo estremece. Não chora; raramente lhe acontece chorar. Desde a morte do pai, nunca mais vertera uma lágrima. Chorar sobre si mesma?... Teria sido preciso, para empregar essa metáfora, que algumas estrelas houvessem brilhado para ela no céu sombrio.

Kerkhoven passou a mão pela testa úmida de suor e disse: — Quando permitir que seu corpo se acalme, verá a situação com outros olhos, Marie.

Ela meneou tristemente a cabeça. Kerkhoven fez um violento esforço sobre si mesmo para perguntar, em voz enrouquecida, em que consistira... ou melhor, consistia, para ela, a atração. Não compreendia bem. Afinal de contas, um homem que tinha o dobro de sua idade... De parte de Marie, aquela inclinação fazia o efeito de uma exaltação doentia. Não poderia ela fornecer-lhe uma indicação qualquer? (Pergunta à qual, depois de tudo quanto ouvira, teria podido naturalmente responder ele mesmo; entretanto, foi ao homem, e não ao médico, que ela escapou, ao homem ansioso por ouvir o que mais temia). Marie fitou-o com olhos graves, entre assombrada e pensativa. Aqueles olhos exprimiam melhor a linguagem muda que a boca, a linguagem das palavras. Apoiou o cotovelo nos travesseiros, descansou a face na palma da mão e disse em voz muito baixa: — É um homem cuja potência física não conhece limites.

Kerkhoven ergueu-se, aproximou-se da janela e ficou imerso em silenciosa meditação. Olhava sem ver as casas colocadas dos dois lados da rua, e que pareciam sair de uma caixa de brinquedos. Quando, ao fim de três ou quatro minutos, voltou para junto da cama, dir-se-ia que, no intervalo, refletira exclusivamente sobre a decisão a tomar.

CAPÍTULO VI

Falando com animação e acompanhando suas palavras de olhares encorajadores, propôs-lhe levantar-se e voltar com ele para a cidade. Expôs seu plano em detalhe. Tomarão um carro que pedirá por telefone e, uma vez chegados, ele saltará em determinado local. Até lá, aliás, já será noite e ninguém poderá vê-la. Ela fará em seguida sozinha o resto da caminhada até sua casa. É indispensável que faça esse esforço sobre si mesma. No trajeto, combinarão em detalhe o procedimento a observar em casa.

É claro que naquele lugar perdido, naquele albergue deserto, ele não poderá prestar-lhe qualquer auxílio apreciável. Que saiba dominar-se por uma ou duas horas; deve compreender que é impossível continuar ali. Ademais, seria obrigado a deixá-la logo, pois tem um compromisso para aquela noite; ela ficaria então numa solidão funesta. E isso sob pretexto algum o admitiria.

O olhar de súplica ansiosa que Marie fixava sobre Kerkhoven tornou a vacilar. Receava não ter forças para tanto, murmurou. A cada instante mudava de cor; já seus dedos voltavam a esboçar o gesto de modelar uma argila invisível. Kerkhoven tomou-lhe o pulso, examinou o coração com o estetoscópio e apoiou levemente o dedo sobre as pálpebras.

— Tudo irá bem. É preciso.

— Que direi em casa quando me perguntarem? — balbuciou ela, as mãos levantadas como para conjurar o perigo.

Sim, como desempenhar os deveres de mãe, de dona de casa que a esperam? A Senhora Irlen aborrece-se sempre que a vê doente. Nessas ocasiões, não deixa de esquadrihá-la com um olhar desconfiado. Não pode meter-se na cama e fazer-se servir. Ninguém acreditará na sua doença. Acaso não se trata, de fato, de uma doença abominável, dessas que, não somente fazem a gente sentir horror de si mesmo, como desculpar aqueles que nos evitam? Kerkhoven pôs-se a rir e tomou-lhe

a mão entre as suas. Imediatamente ela sentiu que sua agitação se acalmava.

— Neste ponto deve confiar inteiramente em mim — replicou. — Não pense nisso e descanse inteiramente em mim.

Ela ergueu para ele um olhar tímido, onde aos poucos despontava a confiança reclamada. “Que olhos”, pensou Kerkhoven. “Parecem flores pálidas”.

— Ao chegar em casa — prosseguiu — deite-se imediatamente. Em seguida mande-me chamar. Esta noite mesmo, a qualquer hora. Não mencione a ninguém o seu estado anterior. Chegou de viagem, no trajeto sentiu vertigens acompanhadas de palpitações. O resto fica por minha conta. Pensarei nisso com cuidado. Falarei com seu marido e também com a senhora sua avó. Não será difícil fazê-la compreender, na medida do necessário, a gravidade de seu estado. Quanto ao Senhor Bergmann, nada temos a temer de sua parte. Velará pela senhora como pela menina de seus olhos.

O olhar de Marie não se desprendia dele, intrigado, confiante, cheio de reconhecimento. Ele conservava-lhe ainda a mão entre as suas. Pensou de novo: os olhos... flores pálidas.

Continuou com insistência persuasiva: — É preciso descansar sob todos os pontos de vista, Marie. No momento oportuno, discutiremos a conduta a seguir no assunto particular que nos interessa. Talvez amanhã mesmo possamos começar a encará-lo. Não podemos relaxar muito, por diversos motivos. Tenha ânimo, pois. O essencial é que descanse. Para isso, é preciso não se meter na cabeça que tem uma doença feia ou, para empregar sua própria expressão, uma doença abominável. Seria insensato e só lhe poderia fazer mal. Abandona-se sem remorsos ao seu estado. Não exija esforços de si mesma, pois seria pior. Pelo contrário, é preciso procurar fugir a toda e qualquer pressão, a toda e qualquer imposição. Procure afastar as preocupações e deixe que o mal siga naturalmente seu curso. É fácil, e não exige um esforço

sobre-humano, posso garantir-lhe. Dada sua natureza, não é mau que experimente uma certa volúpia em estar enferma. Isso passará logo. Se quer que lhe diga — acrescentou com acentuada entonação de malícia —, há em sua estrutura moral um segredo que ainda não pude descobrir; esteja tranquila, porém, que encontrarei a chave e isso nos ajudará. Vou descer agora. Até que a senhora se apronte, espero que o carro esteja aqui.

Marie sentia-se totalmente em seu poder. Agora, já não ousaria resistir à sua vontade. Sentia-se aliás tão pouco disposta a fazê-lo quanto aquele que se levanta de uma queda e não pode dispensar a ajuda da bengala. Receia não ter força bastante para vestir-se, e agarra-se trêmula ao braço dele. Kerkhoven dissipa-lhe os temores com um sorriso que a reconforta, e pergunta se quer que lhe mande trazer chá ou uma dose de conhaque.

— Oh, não! — afasta com angústia a sugestão. O menor bocado, qualquer gole de líquido parece sufocá-la, e traz de volta aquelas náuseas horríveis que a levam à tortura. Ele assente com um sinal de cabeça; compreende. Antes de sair, inclina-se.

Explicou as dores de que se queixava Marie e a necessidade para ela de ficar em repouso, atribuindo-as a uma perturbação gástrica de origem nervosa. Conforme ficara combinado, naquela mesma noite veio, a chamado dela, e teve uma longa conversa com Ernst Bergmann, que prometeu tomar todas as disposições necessárias ao repouso da doente. Kerkhoven recomendou que a deixassem por alguns dias o mais tranquila possível e afastassem todas as visitas. A doença estava, é verdade, suficientemente caracterizada, mas podia, insinuou, residir mais profundamente do que nos órgãos diretamente interessados; eis porque considerava útil vigiar com igual atenção o moral e o físico. Serviu-se propositadamente de expressões técnicas sibilinas; a obscuridade de sua linguagem punha-o a salvo de uma curiosidade incômoda. O jovem marido parecia querer gravar no espírito cada uma daquelas palavras.

— Marie é tão frágil — disse, angustiado. — Sempre julguei, entretanto, que fosse sadia. Acreditava que tivesse uma constituição forte.

— Mas isso é perfeitamente exato — confirmou Kerkhoven com a autoridade que de algum tempo para cá nascia nele e desenvolvia-se como uma árvore ainda nova em terreno fértil —, perfeitamente exato. Não há motivo para preocupar-se. Sua mulher é frágil, sem dúvida, mas é uma fragilidade que não faz senão vergar, sem chegar a romper-se.

A fisionomia de Ernst Bergmann iluminou-se e apertou com força a mão de Kerkhoven.

— Realmente, o senhor sabe consolar — disse, quase alegremente.

Kerkhoven, com um sorriso convencional, deixou vagar o olhar por sobre o ombro do rapaz.

Para comunicar-se com Marie era obrigado a cercar-se de mil e uma preocupações.

— Não vejo senão uma única possibilidade de salvação — explicou-lhe na manhã seguinte, em tom amável porém categórico. — E como não posso contar senão consigo, não posso garantir nada se não quiser colaborar comigo.

— Pois bem, que deseja? — perguntou Marie entre dentes, com uma impaciência doentia. Kerkhoven afastou a cadeira em que estava sentado e tomou lugar na borda do leito.

— Este homem... seu amigo, é preciso romper com ele, definitivamente. Marie conservou-se silenciosa; mordia o lábio superior.

— Não vejo outra alternativa — prosseguiu ele em tom firme. — É indispensável libertar-se dessa sujeição. Não se iluda quanto à

gravidade da situação. Devo dizer-lhe a verdade. O que está em jogo, Marie, é o seu futuro e a sua própria vida.

— Bem o sei — respondeu ela em voz apenas audível. — Creio que aceitarei seu conselho.

— Isso é demasiado vago, não basta. Cada hesitação, cada adiamento acrescenta um novo peso ao seu espírito e representa um obstáculo a mais em seu caminho. Escreva-lhe imediatamente. Não espere mais. Tome papel e tinta e escreva. Ninguém a incomodará; já tomei as precauções necessárias. Ninguém suspeitará de nada. Eu me encarregarei de mandar a carta e tudo estará arranjado.

Marie fitava-o no rosto com os olhos muito abertos, muda de espanto: — Mas... isto é impossível — balbuciou por fim. — Preciso antes refletir... — Se é impossível, Marie, e até certo ponto compreendo seus escrúpulos, receio então não poder assumir por mais tempo a responsabilidade — disse ele, sem deixar transparecer a menor emoção. — Será melhor chamar outro médico. Isto não lhe trará qualquer inconveniente. Será fácil encontrar um pretexto a dar a seu marido, e fora ele não deve satisfações a ninguém. Direi, por exemplo, que não me sinto com competência suficiente e prefiro entregá-la às mãos de um especialista. Nada mais simples.

— Dr. Kerkhoven! — exclamou Marie com uma dolorosa incredulidade. Ele levantou os ombros num gesto de pesar.

— Reconheço que estou pedindo uma medida drástica, mas qualquer outra solução seria illusória. Não percebe, Marie? Que mais a pode deter? Está sobre uma tábua em cima de um abismo, e não ousa avançar nem recuar.

Pôs-se de pé; assustada, Marie estendeu a mão para ele. Kerkhoven percebeu que ela hesitava. Sabia que acabaria por ceder. Tal como previra, sua inflexibilidade representava a salvação para ela. E quando lhe rogou insistentemente conceder-lhe vinte e quatro horas para escrever a carta, consentiu. Seu olhar tornara-se mais calmo.

Como o vento que afugenta a névoa da superfície de um lago e descobre-lhe o espelho cintilante das águas, sua influência dissipou as nuvens que perturbavam Marie Bergmann.

No dia seguinte, com um débil sorriso, ela estendeu-lhe a carta aberta.

— Quer que eu a leia? — perguntou, ligeiramente surpreso.

— Sim, gostaria que o fizesse — replicou Marie em voz baixa. Ele hesitava, o papel entre os dedos.

— Refletiu bem sobre isso, Marie? É um gesto que pode vir mais tarde a lamentar. Penso que não devia colocar tanta... veemência em sua confiança. O que vai fazer não poderá mais ser retirado. O conteúdo desta carta poderei guardá-lo para mim, mas não fazê-la esquecer de que me confiou.

— Não pretendo esquecê-lo — respondeu ela, baixando os olhos. — Considero meus segredos bem guardados em seu poder, Dr. Kerkhoven.

Ele aproximou-se da janela e leu.

Aquela carta era Marie toda inteira; sua pessoa parecia ter-se imprimido diretamente sobre o papel, como num cartão os dizeres de uma placa de cobre. Nem uma palavra sobre seu abatimento físico ou sobre o sombrio diagnóstico do médico. Servir-se daquilo teria parecido covardia a seus olhos. Tudo está acabado, porque é preciso que assim seja. Espera vê-lo resignar-se em silêncio. Se ele se rebelar e pretender conseguir pela força o que já não existe, encontrá-la-á disposta a tudo quanto sua falta de generosidade a obrigue. É preciso que a esqueça. Quanto mais depressa o fizer, mais ajuda lhe estará prestando. Nada tem em sua pessoa que possa oferecer-lhe o equivalente do que reconhece não ter sido capaz de lhe dar, porém quanto mais for altivo e total seu esquecimento, mais a terá compensado da mágoa em que sua própria fraqueza e concupiscência

a mergulharam. Nada tem a retratar; apenas não é mais, em nenhuma fibra de seu ser, o que foi até então, eis tudo. Deixou de lado um tesouro de amor do qual acreditou poder prescindir; hoje sente que é tudo quanto possui na vida. Esta carta deve ficar sem resposta; sob esta condição, a memória poderá ainda transfigurar um curto período de sua vida, no qual em nenhum momento foi perfeitamente feliz. Exclusivamente por culpa dela. Adeus, Adeus.

Agora, Kerkhoven queria saber, ouvir de sua própria boca, se falava seriamente ao aludir a esse “tesouro de amor” do qual não podia prescindir. Sua resposta afirmativa não pareceu satisfazê-lo.

— Seja como for, deve voltar para seu marido — insistiu ele —, e não deve se contentar com um meio-termo. Tenho uma ideia aproximada do que lhe vai pela cabeça. Conceder uma carinhosa amizade, uma afetuosa solicitude, adivinhar os menores desejos e outros generosos complementos do mesmo gênero. Com isso não fará senão enganar-se a si mesma, Marie. Engana-se, e engana-o a ele também.

Marie cobriu os olhos com a mão.

— De que me serviria? — disse tão baixo que ele foi obrigado a inclinar-se para ouvi-la. — Isso não poderia diminuir meu sofrimento... Isto... creio que isto está acabado para sempre.

Kerkhoven fixou o olhar subitamente entristecido na mão com que ela cobrira o rosto. O pulso delicado, o polegar apoiado na fronte, os dedos finos de unhas ovais e rosadas, a pele branca de reflexos de marfim com sua rede de veias azuladas, tudo aquilo comovia-o profundamente; nunca sentira com tanta acuidade que a mão tem um sexo, e essa constatação impressionou-o. Que associação de ideias levou-o então a pensar em Nina, em seu amor feito de dedicação e de muda paciência? Boa e humilde Nina que jamais reclamava coisa alguma para si, que se mostrava reconhecida por tudo quanto lhe concediam, por cada abraço, que aceitava tudo com doçura, o bom e o mau tempo, o bom e o mau humor, o beijo concedido e o beijo

negado. Nove anos. Viu-os tangíveis diante dos olhos, esses nove anos, qual nove altas torres de pedra, nove anos de rotina cotidiana, nove anos de tibieza, de um contentamento a quinze graus Réaumur...¹⁵ Marie retirou a mão de diante dos olhos e imediatamente ele retomou sua expressão habitual... — Se ao menos pudesse dormir bem — suspirou ela.

As drogas que ele lhe dá não produzem efeito. Ao cabo de duas ou três horas desperta e os pensamentos voltam a persegui-la sem trégua. Vigília interminável. Realmente, não é divertido ficar deitada a aguardar que se dissipem as trevas. Fará uma ideia do que seja esperar que o relógio soe a cada quarto de hora, primeiro na catedral, depois na basílica, depois na Capela de Santa Maria, mais tarde em São João, em São Pedro? As sonoras badaladas parecem despencar de muito alto, como se o céu tivesse janelas para os sinos. Ele concorda com um movimento de cabeça, e recorda-lhe o ponto de partida comum a todas essas perturbações. Emprega a palavra “concordância”, reminiscência de Paracelso. Sua natureza carece de concordância. Volta ao tema das relações de Marie com o marido. Fala dos pensamentos que se põem em quarentena, e diz que a alma pode, de certo modo, perder sua umidade como um terreno. Cita um trecho singular de Heráclito que por acaso lhe vem à memória: “O brilho enganoso da aridez é alma sábia e boa”.

Marie fitou-o com assombro. A cada dia que passa, faz uma nova descoberta naquele homem. Ele desenrola-se diante de seus olhos como uma paisagem cheia de riquezas e mistérios insuspeitados. Sua atitude, cada um de seus sorrisos, cada novo rumo emprestado à conversa atestam uma capacidade de previsão que nada abandona ao acaso e é inspirada por um instinto genial.

Sua tentativa mais ousada dos dias subsequentes foi analisar, em aparência objetivamente, e portanto com benevolência, o caráter de Ernst Bergmann; com isso provocou a oposição de Marie e forçou-a a colocar-se na defensiva. Achava-o demasiado pedante, demasiado circunspecto para seus vinte e oito ou vinte e nove anos; era, em suma,

um pedagogo de tipo aperfeiçoado, um espécime selecionado de filólogo alemão a quem desde os bancos escolares se infundiu a certeza de que um dia será nomeado conselheiro privado e que nem por isso deixa de ser durante toda sua vida um aluno exemplar, anêmico e estranho à vida. Marie enrubesce de cólera. Não, não era verdade. Ernst era um Irlen e não desmentia sua raça; dificilmente se encontraria pessoa mais distinta.

— Sim, sim — replicou Kerkhoven, arrastando as palavras. — Distinto, mas que importância pode ter ser distinto, se só se tem isso a seu favor? A distinção é algo de morto. Num homem como Johann Irlen é diferente, mas não se pode esperar que comunique a toda uma família aquele belo entusiasmo que o caracteriza. Pouco restou para o sobrinho em matéria de ardor, de espírito de iniciativa. Faria bem, o senhor professor, em abandonar um pouco os óculos e olhar o mundo pelos dois olhos que Deus lhe deu. As lentes grossas impedem de divisar as imagens, não conservam mais que os contornos. Seria bom que observasse um pouco a pessoa de sua mulher, em lugar de admirar a ideia que se faz dela.

Palavras fortes que atingiram Marie ao vivo. Imediatamente, cortou a conversa. Alguns dias mais tarde, ele voltou ao assunto. Era uma obsessão que mergulhava seu espírito numa espécie de torpor. Contudo, uma entonação especial de suas palavras obrigava Marie a prestar toda a atenção de que era capaz, exatamente como sucede quando, entre frases perfeitamente compreensíveis, alguém se lembra de inserir expressões de um idioma desconhecido cujo significado não apreende totalmente. Com o ardor de quem acaba de descobrir o nó da questão, pôs-se a explicar a ela que, em sua opinião, Ernst estava ainda mergulhado em sono erótico e cabia a ela arrancá-lo desse estado, lançando mão de toda a astúcia e de toda a arte de que era capaz. Marie ergueu lentamente as pálpebras. Sua fisionomia não traía por assim dizer qualquer sentimento; apenas em seus olhos brilhava o sorriso de uma mulher surpresa por constatar que espécie de ideias se esconde por detrás da pretensa sabedoria masculina.

— Isso... não — falou. — Isso não foi feito para mim. Nem tampouco para o casal que nós formamos... — Que diz! — exclamou Kerkhoven com impaciência. — Nesse caso, não se pode dizer que formem um casal.

— É possível — replicou ela tranquilamente. — Pelo menos, não da maneira como o senhor o entende.

Teria podido deixar o leito se, desde a segunda semana, não se tivesse resfriado. Tossia muito, os brônquios pareciam afetados. Kerkhoven deveria tê-la auscultado mas não se podia decidir a fazê-lo. Ante a ideia de mandá-la descobrir o busto, de escutar o que se passava no interior daquele corpo, retrocedia assustado. Aquilo era estúpido, incompreensível, mas não podia decidir-se; em toda sua carreira, nunca lhe acontecera coisa semelhante.

— Na verdade, seria preciso que eu examinasse um pouco isso — disse com negligência.

Fez um gesto como se a coisa não valesse a pena e pudesse ser adiada para mais tarde (ao mesmo tempo, lia-se o remorso em seus olhos; o caráter de médico era-lhe tão inerente que a mais leve negligência surgia a seus olhos como o primeiro passo para um assassinato). Marie não desconfiava ainda de nada, quando leu em sua fisionomia a verdadeira causa daquela hesitação. A resposta que interiormente formulou foi bastante eloquente: dir-se-ia que se fechava uma cortina que por distração ficara aberta. A inquietação, o embaraço, a vergonha, a contrariedade pintaram-se sucessivamente em seus traços expressivos. Era dessas mulheres que não trazem perpetuamente consigo, agressivas e amedrontadas, a consciência de sua feminilidade. A maneira pela qual lhe recordavam esse fato deixava-a pensativa e impunha-lhe uma mudança de atitude. Mas era demasiado emotiva e de natureza excessivamente fluída para que seu caráter lhe permitisse conservar-se sistematicamente fiel a uma linha de conduta. Por isso perguntava-se a si mesma, a um tempo temerosa e intrigada, o que iria acontecer, não em relação a ele, senão a ela mesma. Quando as pessoas

se encontram diante do que se costuma chamar um fato consumado, o que lhes sucede não tem, a maior parte das vezes, nada que não pertença já ao passado. A vaga que os atinge não faz senão arrastá-los para mais longe, eis tudo. Cada dia que passa contribui para o movimento; tudo amadurece insensivelmente para formar o destino. O amor é um fruto, a morte outro.

A partir desse dia, a cura fez progressos surpreendentes; ao fim da terceira semana levantou-se e voltou a mostrar-se animada, viva, sociável, mais até do que o fora até então; porém, a despeito do humor expansivo que exibia, era impenetrável, de uma nova maneira. Passava quase todas as tardes ao lado de Irlen, cujo estado inspirava cuidados depois de um acesso de delírio furioso que tivera nos primeiros dias de março (e que vinha temendo desde sua estada em Berlim). A crise tivera lugar uma noite, em seguida a uma insignificante discussão com a mãe. Arrancara a roupa e pusera-se a correr inteiramente despido pela casa, soltando gritos que forçavam os transeuntes a deterem-se na rua. (Marie ouvira os gritos; o marido tranquilizara-a com uma explicação plausível). A Senhora Irlen, que nunca perdia sua presença de espírito, imediatamente tomara entre os braços o doente espumando de cólera e, apelando para toda sua energia, arrastara-o até o leito, onde lhe aplicara compressas frias. Irlen caíra então numa sonolência que durou vários dias; o edema reapareceu. A conselho de Kerkhoven, contratou-se uma enfermeira; porém, apenas melhorou seu estado, exigiu que a despedissem imediatamente. Não podia, explicou, suportar a presença de uma estranha a seu lado; se insistissem em impô-la, arrumaria as malas e partiria. Com igual violência, opôs-se a que se consultasse outro médico. A Senhora Irlen desejava-o tanto mais vivamente quanto Kerkhoven não fizera a menor oposição. Ele porém não queria ouvir falar nisso.

— Deixem-me viver ou morrer em paz — dizia —, a menos que não desejem mais a minha companhia. Quando Joseph insiste em que se submeta o caso a um luminar da ciência, está falando contra sua convicção íntima. Conhece-me melhor do que ninguém e não vejo razão para dirigir-me a outra pessoa.

Tamanha obstinação fazia menear a cabeça à Senhora Irlen, mas teve de resignar-se. A crise parecia ter coincido com o fim do estado agudo da enfermidade. A partir desse dia foi possível constatar uma espécie de cura, melhoras que duraram muitas semanas, se bem que em certos momentos ficasse estendido no divã, cansado e indiferente a tudo, os olhos fundos, o olhar turvo e embaçado. Há muito que sua tez bronzeada cedera lugar a um cinzento de pergaminho, os pômulos salientes como promontórios, os lábios exangues, a pele do pescoço e das mãos acetinada e rugosa. Marie achava que os traços conservavam ainda seu atrativo, principalmente a fronte, larga e bela, no alto da qual os cabelos prematuramente encanecidos, atirados para trás e cuidadosa mas simplesmente penteados, formavam como que um capacete de prata polida.

Ela chegava geralmente por volta de quatro horas e ficava até perto de seis e meia. Quando Kerkhoven lhe falou da alegria que Irlen manifestara ao ter notícia de seu restabelecimento, as lágrimas vieram-lhe aos olhos. (Aquilo sim, era motivo de chorar para ela). Lia para ele, arrumava seus cadernos, copiava suas notas e sua correspondência e às vezes escrevia uma ou outra carta, sob ditado dele. Teve assim uma ocasião inesperada de iniciar-se em tudo quanto lhe dizia respeito; por uma espécie de ensinamento intuitivo viu-se habilitada a captar as tendências e a feição particular de seu espírito. Compreendeu que o interesse apaixonado que demonstrava pelos acontecimentos gerais, pelo obscurecimento do horizonte político, pelo mal-estar cada vez mais sensível da Europa, constituía o fundo de sua natureza e era um elemento de sua própria existência. Correntes impalpáveis, combinações secretas, fios que se cruzavam formando um tecido; dificilmente se poderia abranger com o olhar o conjunto, mas alguns vigias ali estavam a transmitir mensagens e advertências. E aquele homem, aquele enfermo era um deles. Marie tinha a impressão de encontrar-se no topo de um farol; em redor estendia-se o mar, sobre o qual pesava a calma enervante que precede a tempestade. Amigos vivamente alarmados procuravam-no; ele os dissuadia, retardava os encontros, deixando entrever, com o coração pesado, que temia não ter força bastante para suportar aquela espécie de emoções. Contudo,

às comunicações de um deles parecia atribuir maior peso que a todas as demais; pelo que Marie pôde deduzir de sua carta, era um diplomata austríaco, secretário de embaixada. Comunicou-lhe que o esperava no fim de abril, e rogou-lhe que interrompesse por um dia, a ser posteriormente fixado, sua viagem de férias. Da entrevista que teriam dependeriam as decisões a tomar; entretanto, contava receber de outra fonte informações decisivas. “A responsabilidade que pesa sobre nós é infelizmente inexistente e muda aos olhos das potências que temos que defrontar”, dizia ao concluir sua carta. Tudo aquilo perturbava Marie, tal como nos perturbaria a vista de um mensageiro que gesticulasse em lugar de falar, enquanto sua fisionomia anunciava uma desgraça. Fazer uma pergunta, por mais tímida que fosse, é claro que ela nem cogitava. Compreendia muito bem Irlen. Se não tivesse certeza de contar com segurança e discrição, os serviços que lhe prestava perderiam a seus olhos todo o valor. Habitava-se à presença de Marie, fato que ela constatou com alegria. O prazer que experimentava em tê-la a seu lado não fazia senão crescer; a singular euforia, a exaltação inconsciente que a animavam e faziam vibrar, e que ele observava nela naqueles últimos tempos, cativava-o; não pensava em procurar a causa. Os gestos de Marie, sua maneira de falar recordavam-lhe às vezes tão vividamente o pai que uma vez confessou-lhe o fato sorridente.

— Oh, de fato? — perguntou ela, e a alegria parecia tê-la pregado ao solo. Por pouco ter-se-ia baixado e, em seu reconhecimento, beijado-lhe a mão. Irlen informou-se ainda acerca de sua mãe, mas fê-lo prudentemente, com tato, pois o casamento não fora feliz. Há anos que Marie não a via. Vivia com uns parentes, em Königsberg.

Kerkhoven vinha quase todas as tardes, entre seis e sete horas. Ela esperava todos os dias o momento em que, no vestíbulo, a criada tomava-lhe o chapéu e o sobretudo e ouvia sua voz profunda, rica de ressonâncias. De cada vez tinha a sensação de escapar a uma decepção. Depois de cumprimentá-lo e trocar com ele algumas palavras, deixava os dois homens a sós. Sabia que costumava demorar-se muito tempo no andar de baixo. Enquanto o sabia na casa, uma sensação de

segurança a envolvia. Lutava às vezes contra a tentação de tornar a descer para vê-lo; não custaria encontrar um pretexto. Não o fazia, é claro, temendo a expressão surpresa com que Irlen a observaria. Em meio ao silêncio da casa, seu ouvido extremamente sensível permitia-lhe distinguir seus passos quando partia e fechava a porta atrás de si. (Tinha uma chave da casa, para o caso de ser chamado no meio da noite). Só então, no momento em que a chave girava na fechadura, o dia estava irrevogavelmente terminado para ela. Ficava de pé por detrás da cortina da janela, atenta aos passos firmes que se afastavam. Parecia-lhe ir longe, longe, a uma distância inacessível. Outra casa é outro mundo. A porta fechada, passos que se perdem na noite; agora é preciso ter paciência, catorze, dezesseis horas. Pela manhã, vinha vê-la, ou encontrava-a na cidade; quando tinha algum impedimento, avisava-a por telefone. Às vezes não vinha senão por dez minutos, de passagem, como dizia. Não, não se podia dizer que fosse de passagem: aquilo impunha-lhe uma longa volta, tomava-lhe tempo, mesmo quando tomava um carro. Ela sabia quantas exigências tinha o dia para Kerkhoven e quantas exigências tinha ele para o dia. Não eram, contudo, as ocupações exteriores que o assoberbavam de trabalho. A clientela, os trabalhos práticos da profissão, facilmente os teria atendido; nos caminhos muito trilhados, pode-se caminhar rapidamente, costumava dizer. Havia porém aquela outra coisa, aquele firme desejo, a vontade determinada e a resolução de conquistar o que chamava “o que há de verdadeiro”. Seria uma revelação? Um objetivo que lhe fora imposto? Uma finalidade livremente escolhida? Desprezava os termos grandiloquentes. Um estudante. Nina encontrara o termo exato: um estudante. Um principiante. Entretanto, como sua visão abrangia um campo infinitamente mais vasto, era-lhe infinitamente mais difícil que a qualquer outro estudante introduzir um plano e um sistema nessa multidão de problemas. Isso não o amedrontava, como tampouco o fazia a perspectiva de longos anos de esforços exaustivos ou a insegurança e os perigos do caminho. A par de seu trabalho no instituto de fisiologia, ocupava-se agora, principalmente, de pesquisas bacteriológicas. Não faltava a nenhuma dissecação importante e esperava de cada vez a operação com a mesma curiosidade impaciente de um aluno. Passava horas inteiras a tentar

decifrar o enigma de uma autópsia delicada e ligou-se de amizade com um velho anatomista, a bem dizer o único que lhe testemunhava simpatia, entre os personagens importantes da faculdade com quem estava em contato. Fazia esboços de peças de anatomia, trabalhava ao microscópio, lia centenas de publicações e além de tudo ia uma vez por semana a Heidelberg (partia às cinco da manhã) seguir o curso de Goldschmidt sobre física coloidal e molecular, que no momento fazia sensação. De todos esses detalhes, Marie não veio a saber senão aos poucos, mais por Irlen do que por ele próprio. Não gostava de falar sobre isso. Diante dela, limitava-se a alusões que apenas traíam sua angústia íntima. “Sou um arquiteto que destrói sua própria obra”, dizia com raiva. A incansável perseverança com que avançava tranquilamente, passo a passo, fazia-a pensar num gigante submetido a trabalhos forçados; a paciência muda, suave e muitas vezes sublime que lhe era própria, completava a imagem. “Há grandeza nisso”, dizia ela consigo; “que mais será grande, se isto não o for?”. Sentia-se comovida, transportada de admiração. Compreendia finalmente o sentido das palavras de Irlen, no dia em que lhe falara da camada de gelo a ser rompida. Era um espetáculo que a tornava humilde. Dominava-a uma fé maravilhosa naquele homem, pois sentira com que força a protegia e guiava. Vendo-o consagrar-lhe uma parte tão grande de seu tempo, desse tempo de que era tão cioso, passava por uma experiência totalmente nova. Um homem que tem tempo para gastar com a gente quando está metido num beco sem saída precisamente porque lhe falta tempo; um homem que está sempre presente quando se tem o secreto desejo de que venha; um homem que não se contenta em passar, mas que se detém tranquilamente, sem fixar prazo, chegando de certa forma com armas e bagagens, generoso e mesmo pródigo; um homem que, de cinco minutos, faz um tesouro e transforma as horas em minutos iguais a estes — eis algo de delicioso e que dava à pessoa a sensação de que ela se encontrava entre os raros eleitos.

Haviam descoberto, numa ruela, próximo à Catedral, uma pequena confeitaria onde se encontravam frequentemente pela manhã. Foi ali que pela primeira vez ele lhe falou sobre Nina, sobre a preocupação

que ela lhe causava. Sem aludir ao papel funesto que Marie desempenhara involuntariamente no obscurecimento de seu espírito, Kerkhoven descreveu-lhe sua pessoa, sua vida, a solidão e o isolamento em que vivia.

— A culpa é das circunstâncias — disse, os olhos fitos no chão. — Já não posso ser para ela o que era antes, e ela tem consciência disso.

— Ignorava que vivesse tão só — respondeu Marie . — Não tem ninguém por ela, alguma amiga? Ninguém mais além do senhor? — Ninguém.

Kerkhoven falava do assunto como de um fardo que se reconhece não poder carregar por mais tempo.

— Se eu fosse visitá-la — perguntou Marie —, que diria ela? Que acha? Palavra imprudente de que logo em seguida teve consciência; tarde demais, porém. A surpresa impediu Kerkhoven de encontrar imediatamente uma resposta.

— Se o desejar, Marie, será... — balbuciou, a um tempo feliz e receoso. Reviu mentalmente sua moradia pobre, as peças nuas impregnadas de um cheiro de remédio, Nina tímida e fechada. Que seria aquele encontro?... É possível entretanto que só a ideia inicial fosse desagradável; as consequências seriam porventura mais felizes do que do momento se podia prever. Evitou, porém, discutir a proposta; não o fez senão algum tempo depois. Marie foi realmente visitar Nina Kerkhoven, e esse dia marcou uma curva nos destinos de todos os três.

Numa das noites que se seguiram, Marie sonhou que se encontrava em casa de Berta Willig, a costureira que perdera sua filha única e que Kerkhoven lhe pedira que fosse visitar. Na realidade o fizera há muitos meses atrás, trocara algumas palavras com a pobre mulher e logo esquecera o incidente. Por que aquele sonho? O quarto que via em nada se assemelhava àquele em que habitava a costureira. Nele nada mais havia além de uma cama de criança; as paredes eram totalmente despidas. Berta Willig está apoiada a uma janela alta que lembra uma

janela de igreja e guarda um silêncio hostil; outra mulher está presente, da qual não se distingue senão o vulto, e Marie sabe, sem poder explicar por quê, que se trata de uma médica. Veste blusa branca, galochas respingadas de lama demasiado grandes para seus pés, e esforça-se por abrir um vidro de medicamento. Marie está sentada ao lado da cama da menina, a quem mostra as gravuras de um livro ilustrado. Na realidade, é o álbum de Aleid e censura-se por tê-lo trazido para aquela pequena estranha. Fato tanto menos compreensível quanto, embora podendo falar e mover-se, a criança parece, à parte isso, ser de cera. Segura-a pelo ombro e sente que a pressão de seus dedos através da camisola deixa marcas na pele, exatamente como na cera. Indignada, volta-se para a mãe e diz: “Que quer dizer isso? A criança estava morta, e agora vive de novo?”. Berta Willig não presta atenção a estas palavras; surdamente irritada, é a doutora que responde em seu lugar, sem deixar de agitar o vidro de remédio: “Isso nada tem de extraordinário, o mundo está completamente alterado, a ordem dos dias, das estações, tudo está mudado”. Enquanto pronuncia essas palavras enigmáticas, abre-se a porta para dar passagem ao pai de Marie. Para grande pesar seu, não parece reconhecê-la; contenta-se em inclinar a cabeça e repete numa voz que lhe é estranha: “Sim, a ordem dos dias e das estações está mudada”. Embora o sonho se tivesse apagado de sua memória imediatamente depois de despertar, Marie passou todo o dia debaixo dessa penosa impressão. Ernst fora passar dois dias com um amigo de Friburgo e ela devia almoçar na cidade, em casa de uns conhecidos. Antes de sair, foi como de hábito ver o que fazia Aleid e constatou, com uma sensação de alívio que a ela mesma surpreendeu, que a criança, sentada no chão, brincava tranquilamente e conversava com a ama. À tarde, teve de fazer algumas compras; tinha também uma hora marcada na costureira, e já era tarde quando tomou de volta o caminho de casa. Até o tempo que costumava dedicar a Irlen havia passado. Quis tomar um táxi, mas não encontrou, e à medida que caminhava, uma inquietação inexplicável crescia nela. Apressou o passo e chegou toda ofegante. Seu pressentimento não a enganara: Aleid estava de cama, com febre. A governante suspeitava de uma angina e ia justamente tomar-lhe a temperatura; o resultado, quarenta

graus — indicava uma doença séria. Marie sentia as pernas como se fossem de chumbo. A criança começou a delirar. Marie mandou a governante se informar se Kerkhoven ainda se encontrava no apartamento de Irlen. Por infelicidade, havia prevenido que não viria naquele dia. Telefonou para sua casa; a voz de Nina respondeu que se encontrava no hospital (“uma voz agradável”, pensou ela, em meio ao seu desespero). Quando conseguiu comunicação com o hospital, informaram-na de que acabara de sair. Tomada de aflição, gritou à criada que preparasse compressas frias, enquanto procurava na lista o endereço de outro médico, pois era impossível esperar. O sonho da noite anterior apresentava-se nitidamente a seus olhos, do princípio ao fim; seu coração estava gelado de terror. Seguiu com o dedo a lista de endereços, encontrando por fim o nome de um médico a quem consultara antes de Kerkhoven. No momento, porém, em que se voltava para o aparelho, a campainha soou: era ele. Queria preveni-la de que não iria ver Irlen naquela tarde. Algumas palavras de Marie foram suficientes para que acorresse em poucos minutos. Um exame rápido. Difteria. Não era nada de extraordinário, havia um surto na cidade. Trouxera soro. Não havia tempo a perder, a governante ajudou-o. Eram sete e meia; ficou até às oito para aguardar o efeito da injeção. Ao sair, prometeu que voltaria; talvez muito tarde, mas voltaria. Às nove e meia, Marie mandou a governante dormir, dizendo-lhe que ficasse no quarto de hóspedes. Tomou um livro e sentou-se à cabeceira de Aleid. O livro ficou-lhe naturalmente fechado sobre os joelhos. O queixo apoiado na palma da mão, não desviava o olhar da menina adormecida. O rostinho cercado de cachos dourados estava inchado pela febre, o sangue fervia ainda nas veias. Também a febre não é mais que uma floração, a floração de uma espécie degenerada; a vida quer sair de sua prisão, e revolta-se como um pássaro que escapou da gaiola e tropeça ainda contra as grades. O olhar de Marie descansava com ternura nas mãozinhas rechonchudas que se agarravam ao travesseiro, dispostas a não renunciar a preço algum àquele pedaço concreto do mundo, e, através dele, à própria vida. Refletia: “Meu Deus, esta pequenina criatura, uma verdadeira pessoa humana, fui eu quem a trouxe ao mundo”. Eterno motivo de deslumbramento das mães. Eram onze horas, quando Kerkhoven

chegou; abriu suavemente a porta e aproximou-se nas pontas dos pés. Ela fez-lhe um sinal com a cabeça. Era tão natural que estivesse presente, que não a deixasse só; aquilo fazia parte da ordem natural das coisas. Kerkhoven baixou a grade da cama e aplicou o ouvido ao peito da menina.

— Tudo corre bem — disse. — A doença está seguindo seu curso.

Puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de Marie. Ficaram assim até a meia-noite. Seria inútil tudo o que dissessem. Falar os teria distraído, causado uma decepção. Depois que deixou a casa, Kerkhoven deteve-se no meio da rua, descobriu-se com um gesto brusco e mergulhou o olhar no firmamento estrelado: há ocasiões em que as estrelas nos aparecem pela primeira vez.

Foi alguns dias depois que Irlen contou-lhes, a Marie e a ele, a história de Ngaljema, o etíope. Eis como foi levado a fazê-lo. Quando, por volta das cinco horas, Marie apresentou-se em seus aposentos, chamou-lhe a atenção o seu ar perplexo. Ela mesma não sabia dizer o que tinha. O receio que tivera por Aleid fora uma rude prova, mas já se restabelecera. Havia outra coisa; às vezes, o mundo que a rodeava afetava-a como se deixasse de ter realidade. Exagerava o que via, as impressões deformavam-se nela. Ao almoço, por exemplo, acreditara sentir o olhar de Ernst perseguindo-a com uma dolorosa censura. Simples ilusão, bem o sabia, mas na confusão em que seu espírito se debatia era incapaz de rechaçá-la. Irlen não quis aumentar sua perturbação interrogando-a. Por outro lado, pouca importância atribuía ao fato; se não se tratasse de Marie, nem mesmo teria dado atenção. Realmente, conhecia pouco as mulheres; só ocasionalmente lhe despertavam o interesse, na qualidade de membros da sociedade e companheiras de destino dos homens. Somente, aqui, tratava-se de Marie, de Marie que não considerava como outra qualquer, tanto que a deixara ocupar um lugar de relevo em sua vida íntima; queria ajudá-la a libertar-se do peso que a oprimia. Quando narrava suas aventuras na África, ela costumava escutá-lo bebendo suas palavras e, surpreendendo o olhar de admiração que lançava sobre um longo

punhal de cabo de marfim artisticamente esculpido (tirara-o pela manhã de sua coleção com o intuito de descrevê-lo no seu catálogo), observou que aquele objeto tinha uma história, que provinha de um templo de marfim dos Aruwimi, os quais trinta anos antes ainda eram considerados canibais, tendo sido provavelmente roubado do santuário para converter-se em propriedade particular do chefe da tribo, pois Ngaljema, o último chefe, confiara-o a ele como precioso depósito, pouco antes do seu dramático fim.

Estava muito calmo naquele dia e queixava-se apenas do vento do sul que soprava desde de manhã. O clima afetava-o bastante, o vento sul enervava-o. Kerkhoven dizia que seu equilíbrio era influenciado pelas variações meteorológicas, como o das pessoas atacadas da enfermidade particular que a medicina denomina ciclotimia. Começava apenas seu relato, quando entrou Kerkhoven. Com um gesto e um sorriso indicou-lhe a cadeira colocada ao lado de Marie. Marie inclinou imperceptivelmente a cabeça.

— Foi por acaso que travei conhecimento com Ngaljema, um dia em que me perdera na selva virgem, em companhia de outros companheiros — começou Irlen. — Para teu esclarecimento, Joseph, explico que Marie interessou-se por este punhal de cabo lindamente talhado, e quero contar-lhe como veio ter às minhas mãos. Buscávamos, pois, o caminho para uma populosa aldeia na nascente do rio, onde se dizia que se haviam estabelecido uns árabes caçadores de elefantes. Eu soubera que um deles, o Sheik Mehemed Ali, que vinha da costa ocidental, trazia correspondência para mim. Naquelas paragens, percorrem-se cem quilômetros para buscar uma simples carta. Não obstante, encarava o encontro com certa inquietude. Há muitos séculos, com efeito, que os caçadores e comerciantes árabes constituem o flagelo do interior africano. Embora contem, desde tempos imemoriais, com privilégios de comércio e de trânsito, não parecem contentar-se com isso. Entre eles, famílias inteiras fizeram fortuna na floresta virgem. Para obter marfim, não recuam diante de nenhuma perfídia ou crueldade; sua cupidez é algo de inacreditável. Da Núbia ao Congo, afogam o país em sangue; eu mesmo vi aldeias

incendiadas cujos lares guardavam ainda o calor da vida e onde os cadáveres ainda não tinham começado a decompor-se. Se nada conseguem obter pela força numérica e pela violência, recorrem a outros meios, os quais, em determinadas circunstâncias, revelam-se mais eficazes e mais criminosos: refiro-me ao álcool e aos entorpecentes. Foi da Europa cristã que aprenderam o seu uso e, ainda que assim não fosse, a Europa cristã nada teria a censurar-lhes, ela que, pelo espaço de três séculos, enriqueceu à custa de tráfico de carne de negros; a Europa e a América, que a superou, pertencem à mesma raça. Não acredito que um único agente de escritório que, ainda ontem, era empregado subalterno de uma casa importadora de Marselha ou de Bremen, tivesse escrúpulos em mandar degolar a uma tribo inteira em troca de um carregamento de borracha ou de uma dúzia de presas de elefante. A Europa com suas religiões, seus métodos, sua civilização, tomado cada um isoladamente ou em bloco, é o assassinato. Disse-me uma vez Ngaljema, quando já havíamos trocado o solene juramento que nos tornava irmãos: “Como podem ser bons os homens brancos, se nunca mostram os pés e estão sempre envoltos em roupas até o pescoço?”. É precisamente isto: para eles, a mentira começa já com o vestuário. É preciso dizer que a natureza concedera a este homem a melhor das razões para desprezar toda e qualquer roupagem; é impossível conceber um corpo como o seu, tamanha perfeição de formas, articulações tão delicadas, uma agilidade de pantera, uma pele moreno claro como café com leite com reflexos nacarados, o perfil etíope mais puro, como é raro encontrar em nossos dias. A raça extingue-se rapidamente. Tem uma propensão tão real a desaparecer que já não resiste a qualquer enfermidade; seus últimos remanescentes só subsistirão se confinados em regiões inacessíveis. Estou certo de que os artistas egípcios e gregos devem tê-los conhecido; há esculturas antigas em que o parentesco se revela até nos detalhes anatômicos. E que senso das formas! Observem estes ornamentos, estas figuras, a graça com que estão representados; conheço poucas coisas que a eles se equiparem.

Isto foi um parêntese. É difícil fazer-lhes compreender o que Ngaljema representou para mim. Não era contudo o primeiro com

quem eu fizera relações mais íntimas; contava já com numerosos amigos. Tomava lugar a seu lado na velha aldeia e entabulávamos conversas que se estendiam por horas a fio. A conversa é uma arte lapidar, por toda parte se encontram intérpretes e rapidamente se captam as expressões comuns aos diferentes dialetos. Basta mostrar-se amável. Quando percebem que não se tem em vista outro objetivo senão conhecê-los a eles mesmos, e que nos inspiram simpatia, obtém-se deles tudo. Olham-nos então com uma candura de crianças. Se acaso encontramos neles desconfiança ou hostilidade, não há margem para dúvida: por ali passou “o homem branco”. Ou ainda o árabe que se oculta sob o albornoz e que, por isso mesmo, dá-lhes maior impressão de um traidor, de um feiticeiro mau. No que se refere aos costumes e aos homens, eu não era precisamente um novato; porém minhas relações com Ngaljema modificaram minhas ideias, trazendo uma forma definida ao que não passava de noções e conhecimentos vindos de fora. Foi este o único interesse de meu... de minha aventura, digamos assim. Não faz muito tempo, Joseph, interrogaste-me a este respeito. Hoje posso responder-te. Tratava-se de escapar de uma vez por todas de todos os invólucros, de todas as crostas de uma existência que, como a nossa, encerra-nos numa forma de vida tirânica e niveladora. Perdemo-nos a nós mesmos. O que eu queria, era recuar suficientemente até encontrar um horizonte desimpedido. Como se me encontrasse numa atmosfera perfeitamente pura, no topo de uma montanha de mil metros. Hoje me pergunto: que necessidade tinha de olhar mais longe do que Ngaljema seguindo na floresta uma trilha aberta pelos indígenas? Ali onde nós nem mesmo suspeitaríamos existir uma passagem, ele avança como se caminhasse por uma estrada real, com o passo seguro de um rei. Um homem para quem é absolutamente natural colocar a cada instante em seus atos a totalidade de sua força e deixá-los refletir-se em si mesmo como num límpido espelho — o fato é impressionante — estabelece uma relação direta, diria mesmo absoluta, entre nós e o elemento no qual ele se move, ou seja, para empregar o termo mais geral, entre nós e a natureza. Assim, foi por seu intermédio que me foi revelada a paisagem africana, árvores, cursos d’água, rochedos, vegetação, pântanos e desertos, essa paisagem mais do que estranha onde,

perdidos entre as gramíneas de três metros de altura de um prado comum, sentimo-nos como um novo Gulliver em Brobdingnag. Foi ele e ele só quem me fez compreender aquelas milhões de pequenas paixões do deserto, como diz Stanley, com tanta beleza, naquele mesmo trecho, se não me engano, em que faz alusão à imobilidade da esfinge e à insociabilidade dessa paisagem, sobre a qual vê pairar, a despeito da intensidade do sol africano, como que uma luz lunar intensificada. É impossível descrevê-lo em palavras; essa natureza tem um solenidade quase terrificante à qual nos quedamos interditos. O que vou contar-lhes, vocês só poderão compreender se o imaginarem personificado em Ngaljema. Pois bem, passo adiante. Chegara aos ouvidos de Mehemed Ali e de seus homens a notícia de que os Aruwimi possuíam desde tempos imemoriais considerável provisão de marfim: falava-se em cento e cinquenta presas de elefante, com um comprimento mínimo de um metro e meio cada uma, o que representava um enorme valor. Há tempos propusera-se negociá-las, porém sem resultado. As propostas mais vantajosas resultavam inúteis. A última oferta do *sheik* consistira em dois mil fuzis, cem tonéis de munições e cem garrafas de aguardente. Ngaljema recusava sempre e despedia os emissários estupefatos. Confesso que também eu me admirei, quando soube; não há exemplo de uma tribo que tenha jamais resistido a tamanhas tentações. Ngaljema porém explicou-me por que não podia ceder o marfim. Era o tesouro do antigo templo de sua raça; quarenta e quatro presas haviam formado as colunas, as outras representavam amuletos sagrados. O pai de Ngaljema destruíra o edifício com suas próprias mãos para furtá-los aos olhares cobiçosos dos estrangeiros; ele e seus sacerdotes haviam enterrado todo o marfim no seio da floresta virgem, em local que só ele, Ngaljema, conhecia. Ao sentir que a morte se aproximava, seu pai fizera-o prestar o mais sagrado juramento da tribo, de que jamais revelaria esse local. Tenho razões para acreditar que o punhal que temos em nossa frente desempenhou um papel nesta cena; é um antigo punhal de imolação com o qual se arrancava do peito o coração dos prisioneiros de guerra. Você estremece, Marie, e naturalmente não quererá mais tocá-lo; posso garantir-lhe, entretanto, que nossos antepassados não o empregavam de modo diferente; o patriarca Abraão esteve mesmo a

dois passos de sacrificar seu próprio filho. Parece que Ngaljema teve de prestar juramento sobre o punhal sagrado, que lhe foi entregue como propriedade sacerdotal. Um símbolo de poder, como o cetro o é entre nós; se rompesse o juramento, toda a tribo seria castigada por isso, e ele mesmo ver-se-ia metamorfoseado em um anão com cabeça de pássaro. Contou-me a história toda, numa noite em que estávamos sentados à porta da tenda. Sob todos os demais aspectos, seu pai teria provavelmente sido um homem sensato, capaz de avaliar os perigos que ameaçavam seu povo. Privando-o de uma riqueza concreta que o levaria à tentação e à desgraça, deu-lhe com isso o desejo dessa mesma riqueza, ou seja, segundo uma fórmula comprovada, ergueu através de um mito a barreira do medo. Naturalmente, eu apoiei Ngaljema em sua resistência. Nada tinha a temer dos árabes; sua tribo era numerosa e bem armada. Só a astúcia poderia fazê-la sucumbir, e foi contra esse perigo que pus Ngaljema em guarda. Infelizmente, em vão. Por acaso já leste, Joseph, o relato da viagem em que Stanley conta como veio a conhecer Emin Pascha? E tu, Marie? Nem mesmo ouviram falar dele? É um dos livros mais interessantes que existem. Stanley está no extremo Norte, a não sei quantas centenas de milhas de distância, depois de ter atravessado a selva ao preço de fadigas indescritíveis, e ali espera por sua retaguarda, que ficou em Jambouja. Deve segui-lo dentro de um determinado prazo. Espera, espera, e ela não chega. Deixou-a sob a direção de seus homens mais seguros, mais valentes e mais dedicados. Passam-se semanas e meses, e nem notícia da coluna. Decide-se então a refazer de volta os sessenta dias de viagem através da floresta ameaçadora, e no quadragésimo ou quadragésimo quinto, não me recordo ao certo, encontra essa retaguarda, causadora de tantas preocupações; encontra-a porém em estado de completa anarquia, dizimada, desmoralizada, privada de seus chefes. Que acontecera? Em Jambouja, à beira-rio, estabelecera-se com seus homens o rei dos traficantes árabes, Tippu Tip, figura sinistra cuja fama estendia-se então a grande distância. Este homem traçara seus planos para deter a retaguarda e minar nela toda disciplina, servindo-se dos meios mais refinados. Em outros tempos, firmara com Stanley compromissos que se haviam tornado incômodos e levavam-no a desejar o fracasso da expedição e a morte de seus membros. O relato

de Stanley não deixa entrever claramente que meios teria empregado para atrair ao acampamento os indígenas e uma parte dos brancos, a que pérfidos artifícios teria recorrido para incitá-los à desobediência e para fomentar entre eles a desordem e a desmoralização; inclino-me a crer que tenha querido poupar a seus companheiros. De qualquer maneira, o fato é que esse Tippu Tip empregou um jogo verdadeiramente diabólico. Pois bem, foi de algo semelhante que lançou mão Mehemed Ali para apoderar-se do tesouro de marfim dos Aruwimi. Confesso que me encontro mais ou menos na situação de Stanley: ignoro ainda até hoje o que se passou exatamente. Tudo se desenrolou como que por detrás de um véu. Quando volto a pensar sobre isso, tenho a impressão de um longo e penoso sonho onde apenas algumas imagens ressaltam com mais nitidez. Um sonho africano, sombrio, sinistro, pesado como uma atmosfera de tempestade, e cortado por relâmpagos de febre. Influências culturais e sexuais conjugadas trabalharam para aniquilar toda e qualquer resistência entre os Aruwimi; uma tradição fatalista que remonta a várias gerações está certamente na base de sua derrota. Para começar, uma luz misteriosa fez sua aparição na floresta virgem. Os jovens da tribo começaram a inquietar-se. Vozes assustadas e queixosas arrancavam-nos à noite de seu sono. Penetravam na selva; diversos deixaram de regressar, ou só o faziam ao cabo de muitos dias, já então fatigados e taciturnos, para partir de novo quando ouviam novamente o chamado, e a luz voltava a brilhar através dos emaranhados dos cipós. Dizia-se que tinham visto o ouro que arde. Da lenda do ouro que arde diziam ter surgido um poço insondável; desse poço, dizia-se, brotava a cada setenta anos uma fonte viva de ouro líquido incandescente. Uma tarde, ofereceu-se a nossos olhos um espetáculo inesperado. Vimos umas vinte dançarinas nuas, estranhas à tribo, a dançarem numa clareira do bosque. A cena fantástica não durou mais de alguns minutos, dir-se-ia uma alucinação. De repente tudo se desvaneceu. Pessoalmente, nunca cheguei à luz misteriosa. As vozes, porém, ouvia-as. Para dizer a verdade, jamais escutara nada de tão espantoso. Dir-se-ia serem os mortos a gemer em suas sepulturas. O estranho em tudo isso é que as feras desapareceram, e já não se via mais um pássaro. O primeiro indício do enfeitiçamento de uma aldeia

é sempre a suspensão do trabalho entre as mulheres. Ao se aproximar o pôr do sol, deitavam-se de costas às portas de suas choupanas e punham-se a rir. Vocês terão certamente tido ocasião de ver um negro ou uma negra a gargalhar: é sempre uma explosão, uma alegria de demônios; imaginem porém duzentas ou trezentas mulheres estendidas no chão, a boca escancarada, a garganta negra, os dentes alvos, a gargalhada estridente, insensata, interminável. Era um ataque coletivo de riso histérico, um desencadeamento total, um espírito mau apoderara-se delas, diziam, e fazia-lhes cócegas. Ngaljema veio ao meu encontro e suplicou-me que conjurasse o encantamento. Tive de confessar-lhe minha impotência, o que abalou sua confiança em mim; percebi que começava a hesitar. Como que para culminar a catástrofe, a natureza tomou parte no malefício e apareceram os nevoeiros periódicos característicos dessas regiões. Palmeiras, bananeiras, canas de açúcar, tudo estava envolto em formas vaporosas e fantásticas que lembravam espectros; as imensas cúpulas de vegetação apresentavam-se recobertas de longas franjas, como se veem no delírio da febre. Quando subia ao alto de uma colina, eu não podia distinguir o solo de ocre vermelho do rio cor de chumbo ou do céu de um cinzento carregado; a paisagem parecia tonta de sono, o espírito deixava-se entorpecer. Fato incompreensível, jamais um dos árabes ou dos *mangemmas* do *sheik* se deixava avistar; meus homens nunca lhe puseram os olhos em cima; porém essa era precisamente sua tática, toda sua conduta obedecendo a uma série de cálculos psicológicos precisos. Esses orientais, iniciados nos métodos europeus, eram hábeis na arte de agir sobre a imaginação daqueles filhos da natureza; o pior é que meus próprios companheiros se deixaram contagiar, e eu próprio não escapei à estranha influência. Uma noite, meu criado sudanês veio chamar-me; despertando assustado, avistei Ngaljema na porta da tenda. Aproximou-se de mim, trêmulo como uma folha, e em voz baixa, quase num murmúrio, contou-me que o *sheik* lhe enviara uma mensagem. Todos os seus jovens guerreiros insistiam para que concluísse o negócio; contra sua vontade já tinham mesmo levado para o depósito da tribo quarenta fardos de algodão e sete caixotes de vidrarias. Noite após noite, vinham transportando a mercadoria; faltavam os fuzis e a pólvora, bem como um soberbo traje para ele,

Ngaljema. Perguntei-lhe severamente se já estivera no acampamento dos árabes. Sem dúvida possível, havia uma mulher branca envolvida no negócio; com efeito, a simples ideia de uma mulher branca é suficiente para enlouquecê-los. Um cérebro europeu dificilmente poderá conceber até onde é possível impulsionar a esses homens no domínio dos prazeres materiais, dos gozos sensuais, das últimas profundezas do inferno, até os mais ardentes fogos do céu. A criatura é literalmente conduzida a abismos insondáveis. Fitei-o longamente, e interoguei-o com um gesto. Ajoelhou-se, tomou-me a mão, onde pousou a fronte, ao mesmo tempo que empurrava em minha direção um objeto volumoso cuidadosamente envolto em folhas de palmeira. “Toma-o e guarda-o, Sungi”, disse. (Era assim que me chamava. Sungi significa *a lua*).

— “Quando eu tiver traído meu juramento, ficará sendo propriedade de Sungi; Ngaljema e seu povo já não terão nenhum direito sobre ele”. Antes que eu tivesse podido dizer algo, desaparecera como uma sombra. Foram essas as últimas palavras que me dirigiu. Representava para mim um irmão, um filho; era-o desde a aurora dos séculos. Pouco me resta a dizer. Alguns dias depois, um grupo de meus homens conduziu-me em grande mistério pela floresta virgem até um ponto onde, muitos anos antes, um ciclone derrubara uma centena de árvores enormes; via-se ali uma fossa quadrada, de quatro metros de largura e três de profundidade, e vazia. Sem falar, os homens apontaram-me o fundo. Julguei a princípio que me chamavam a atenção para a fossa propriamente dita. A terra recentemente revolvida, as pás atiradas de lado e o solo pisado revelaram-me que até pouco tempo atrás servira de esconderijo ao tesouro de marfim; nesse momento porém percebi que um homem estava estendido no fundo, ou antes, estava quase de pé, apoiado contra um monte de terra e vestido com um traje extraordinário, sumamente grotesco, que se compunha de uma velha cartola, como essas que usam os nossos cocheiros de fiacres, uma casaca vermelha de jóquei, debruada de um galão dourado rasgado, e umas calças de xadrez novas em folha. No primeiro momento não lhe pude distinguir os traços; embora estivéssemos em pleno dia, reinava na floresta um profundo

crepúsculo; porém as fisionomias soturnas de meus homens levaram-me a observá-lo mais de perto, e reconheci então Ngaljema. Mais tarde, meus homens contaram-me que se pavoneara em seus ornamentos europeus diante de todos os guerreiros que o seguiram até o acampamento dos árabes; o *sheik* o vestira ele próprio, peça por peça. Por que se matara, porém? Jamais o soube. Procurei informar-me entre os Aruwimi e interroguei a esse respeito o *sheik*; ninguém pôde ou quis explicar-me o motivo. Que se tenha suicidado, não resta a menor dúvida. Debaixo dessa ignóbil casaca de jóquei foi encontrada a ponta de uma longa e fina agulha enferrujada, que ele cravara no próprio coração com uma precisão matemática.

O dia seguinte era um domingo. Marie combinara com Kerkhoven que, se fizesse bom tempo, o acompanharia até uma localidade vizinha onde devia visitar um doente. Havia ali um velho castelo episcopal rodeado de um belo parque, onde ela poderia esperá-lo. De manhã muito cedo, porém, ele chamou-a por telefone para comunicar-lhe que não poderia sair da cidade, o estado de Nina exigindo que consultasse um de seus colegas psiquiatras. Durante toda a noite não cessara de chorar sem motivo; em vão tentara por todos os meios consolá-la. No momento, estava novamente tranquila; os afazeres domésticos distraíam-na sempre, mas na medida do possível queria evitar deixá-la sem vigilância. À tarde tampouco estaria livre; terminado o serviço no hospital, voltaria diretamente para casa. Marie perguntou à toa se queria que lhe enviasse alguém; conhecia uma moça, filha de um oficial aposentado, com quem tinha mesmo certa intimidade, e que estava habituada a prestar serviços desse gênero. Ao fim de um silêncio singular, Kerkhoven respondeu-lhe que não era necessário, a esposa do Professor Gaupp já lhe tendo oferecido amavelmente sua ajuda; embora estivesse já comprometida para hoje, a partir do dia seguinte passaria em companhia de Nina todas as suas horas livres. Além do mais, duvidava que Nina pudesse continuar ainda por muito tempo em casa. Isso se veria. E desligou. Marie quedou-se estarecida diante do aparelho. Refletia. Em que teria ele pensado durante aquele silêncio que lhe parecera tão bizarro? Recordaria talvez o oferecimento que ela fizera de visitar Nina e não teria querido mencioná-lo, já que ela

própria não se lembrara? Não sabia que resolução tomar. Surpreendia-se de suas próprias hesitações que traziam a presença de motivos que temia, e aos quais era preciso tirar toda a força. Era um jogo inadmissível com sombras suspeitas. Sem mais reflexão, arranjou-se de maneira a estar livre às três horas e dirigiu-se à casa de Kerkhoven. Sentia-se pouco à vontade, tinha intuição de não estar procedendo acertadamente, mas não poderia agir de outro modo.

Uma escada de pedra mal iluminada. Tremia-lhe a mão ao apertar o botão da campainha, passos ligeiros, abafados, que hesitaram antes de abrir. Logo depois, Nina estava diante dela. Surpreendeu-se. Não a imaginara tão bela. Um tipo de outro país, uma raça estrangeira, uma força misteriosa. Na frente, que obstinação! Um fogo contido nos olhos amendoados como os de uma chinesa, um porte modesto, mais que modesto mesmo, e não obstante, um ar inquietante de desafio como o de um menino obstinado a quem se castigou injustamente e que prefere cortar a própria língua antes de queixar-se ou de protestar. Os brincos de coral vermelho... um gosto algo suspeito... pés pequenos, mãos grosseiras, de dedos picados de agulha... Marie viu tudo num golpe de vista, como se seus sentidos repentinamente aguçados superassem num instante todas as suas demais faculdades. E o mesmo olhar revelou-lhe a inimiga implacável, irredutível. Tal constatação fê-la estremecer. Sim, aquela mulher era capaz de vê-la esquartejada diante dos olhos, a ela, Marie Bergmann, sem abandonar seu sorriso tranquilo e sem mesmo pestanejar. Num relance, pensou que teria feito melhor em não ter vindo.

— Sou Marie Bergmann — disse, com forçada amabilidade. As escuras pestanas de Nina ergueram-se... — Oh! *Sì... sì...* entre, *signorina, prego, prego...*¹⁶ — disse em voz cantante. Afastava-se com uma reverência desajeitada e com a mão indicava a porta aberta da única sala. Marie lançou em torno de si um olhar hesitante. Um cômodo estreito e abafado, um mobiliário vulgar, tapetes baratos, gravuras medíocres pelas paredes. Sempre acreditara que, para conhecer bem uma pessoa, é indispensável conhecer o ambiente em que vive; sabia agora que alguns escapam a esta regra, pobres criaturas

sem lar que se alojam ali onde o destino os condenou a dormir e comer; de outra forma, não se poderia deixar de lamentar Joseph Kerkhoven. Não perdoava a si mesma esse pensamento sobre o qual, não obstante, seu espírito se detinha, e abominava o luxo e o conforto que constituíam o cenário de sua vida. Seu olhar caiu sobre um livro de orações pousado sobre a mesa. Sobre a capa negra, a aliança de Nina. Seguramente que sim. Por que motivo a teria tirado? Tudo aquilo era tão estranho, e para culminar, aquele pesado silêncio... Contrafeita, tomou o assento que Nina lhe oferecia.

— *Il dottore non è a casa* — dizia esta última, falando às tontas. — Não está em casa, saiu... *Avanti...* Grande honra para mim, *signorina*. Oh! Eu sei, *Signorina* Bergmann, grrrande amiga de Giuseppe — pôs-se a rir. Um riso sem timbre, como o som do malho sobre um ferro em brasa.

Marie sentiu um arrepio correr-lhe pelas costas. “Deus do céu! Que devo responder-lhe?”, pensava. “Como dizer-lhe qualquer coisa um pouco mais sensata?”.

— Não querr esperrar? — continuava Nina em tom insinuante, inclinando-se e segurando a borda da mesa, na atitude servil da garçonete de bar que espera uma ordem. — Voltará logo, Giuseppe... *subito...* disse-me que voltaria às quattrro horas... *alle quattro... di sicuro*.

— Não... eu... a senhora se engana — balbuciou Marie (em toda sua vida jamais se sentira a tal ponto embaraçada e perplexa) —, foi à senhora que vim visitar. Queria conhecê-la, aí está. O Dr. Kerkhoven fala-nos tanto da senhora... Disse-nos que não costuma visitar ninguém, nem mesmo aos seus melhores amigos; então, pensei... Nina levou aos lábios as mãos unidas.

— *Per Dio?*... Giuseppe disse isso? — exclamou com uma surpresa mesclada de satisfação, dificilmente explicável. — *Il ladro! Sì, sì, é verdade, è vero* — acrescentou, apontando o indicador num gesto de

conjuração. — Não vou a parte alguma... *sì, sì*. É verdade. Eu sou... como se diz... um urso.

Novamente a risada breve e sem timbre. Marie esboçou um sorriso.

— Espero que não fique aborrecida comigo — disse, sempre com a sensação humilhante da inutilidade desse palavreado vazio. — Foi o Dr. Kerkhoven quem me animou, de outra forma não teria vindo incomodá-la... — em desespero de causa, mentia e representava o papel da jovem tímida que tomou certas liberdades diante de outra mais idosa. Nina bateu violentamente as mãos uma contra a outra.

— *Ma perchè?* — replicou em tom assustado. — É realmente uma grande honra parra mim, caríssima *signorina*. *Tanto piacere*. Um grande prazer. Toma alguma coisa? Café? *Ciocolata*? Não? *Peccato*. Não faz mal. Posso aprrontar em dez minutos. Não? *Mi dispiace molto*.¹⁷

Devorava Marie com os olhos. Ao mesmo tempo, inclinava o busto para a frente. Desde a chegada de Marie, sua fisionomia não deixara de exprimir uma excitação e uma jovialidade que não tinham justificativa. Bruscamente caiu no chão de joelhos, enlaçou as pernas de Marie, beijou os pés e a barra do vestido da moça tomada de pasmo e, com a voz abafada por soluços pungentes, murmurou: — *Oh, bellissima... così giovane... così gentile*¹⁸ — os olhos transbordantes de lágrimas, fitava Marie no rosto e mergulhava as duas mãos em seus cabelos.

Marie ergueu-se, toda trêmula.

— Por favor, por favor — dizia quase num sopro, estendendo os braços para a frente. Depois, tomada de piedade: — Levante-se, minha amiga, peço-lhe... realmente, não sei... o que está fazendo... Num instante, a expressão de Nina transformara-se. Subitamente, pôs-se a examinar as luvas de Marie com um interesse inquietante.

— Como é bonito! — disse com admiração — *Come una principessa.*

*Elegante, molto elegante.*¹⁹

Levantou-se de um pulo, num movimento de gata selvagem, correu até o aparador, abriu num gesto brusco uma gaveta e tirou um revólver que se achava escondido embaixo dos guardanapos e toalhas. Era um antigo revólver de tambor que Kerkhoven comprara muitos anos antes. Viera ter às mãos de Nina ao mesmo tempo que uma caixa de balas, poucas semanas antes, quando remexia numa velha mala que datava de sua estada em Heidelberg. Desde a época em que participara de conspirações ligadas ao movimento irredentista, Nina sabia lidar com armas. Limpou, pois, o revólver, carregou-o e guardou-o escondido, sem intenção definida. Por uma dessas súbitas iluminações próprias aos dementes, a lembrança da arma lhe voltara naquele momento. Aproximou-se, do outro lado da mesa, sopesando o revólver com precaução, enquanto o sorriso estático aparecia-lhe nos lábios, para surpresa de Marie que não o conhecia. Aquele sorriso estranho partiu-lhe a alma. A despeito de tudo o que a situação tinha de invulgar e de ameaçador, seu aspecto teatral feriu tão vivamente o espírito positivo de Marie que, no primeiro momento, o espanto impediu-a de perceber o perigo imediato. Nina brincava com o gatilho; jogou a cabeça para trás e disse com tom de provocação na voz: — Se eu atirar agora, *Signorina Marie*, vai morrer... Pif, paf, acabado, morta. Devo atirar? — Com um gesto de ameaça brincalhona, ergueu o braço que sustentava o revólver e fez pontaria.

Marie não fez um movimento. Eis as ideias que lhe passaram sucessivamente pela cabeça: “Kerkhoven pode chegar de um momento para outro e tudo pode ainda acabar bem; de qualquer forma, ele parece ignorar que a pobre criatura perdeu de todo o juízo; se ela cometer realmente essa loucura e atingir-me, será terrível para ele; que atitude tomará? Também pode acontecer que eu morra; essas coisas acontecem, aparecem depois nos jornais. Pergunto-me se ele chorará por mim. Eis aí precisamente o que ignoro: o que represento para ele. Na realidade, a vida não me concedeu grande coisa até aqui. Talvez

precisamente agora é que fosse começar a sorrir-me. Estes últimos tempos tenho andado tão excitada, seria porventura o pressentimento de uma desgraça pela frente; apesar de tudo, não sinto medo; apenas, a vida já é tão dura para ele, não queria que sofresse por minha causa; se ela aperta o gatilho e a bala atravessa-me o coração ou a cabeça, terá sido uma morte estúpida e vulgar”.

Logo em seguida, fato curioso, reviu o quarto de hotel onde adoecera, no dia em que chamara por Kerkhoven: os dois leitos impessoais, o pano de veludo cobrindo a mesa, a cômoda com seu espelho meio gasto que se podia fazer mudar de posição, a lâmpada pendente de um fio onde três moscas tinham ficado presas, o armário cuja porta rangia desagradavelmente ao abrir-se... Durante os cinco ou seis minutos que esses pensamentos levaram para cruzar-lhe o espírito, ouviu-se a si mesma dizer a Nina mais ou menos isto: — Deixe isto, senhora, não se brinca com essas coisas — e Nina por seu lado respondia-lhe com algumas palavras em italiano que ela não compreendia e que chegavam a seus ouvidos como que amortecidas por uma camada de algodão.

Aliás, tudo o que se passou até a chegada de Kerkhoven e durante o quarto de hora que se seguiu, pareceu-lhe desenrolar-se por detrás de um muro, o que explica que não o tenha escutado entrar. Subitamente ei-lo que surge na porta; de um salto, pôs-se ao lado da mulher que, soltando um grito agudo, um perfeito grito de pavão, correu para o quarto de dormir. Aproximou-se então de Marie, segurou-a pelos braços, gaguejou duas ou três perguntas, correu em direção à porta pela qual Nina desaparecera, bruscamente voltou para junto de Marie e, com um olhar suplicante, estranhamente sombrio, rogou-lhe que esperasse por ele; queria falar-lhe. Em seguida abandonou precipitadamente a sala. Sem atinar com a causa, Marie teve a impressão de que estava irritado contra ela, o que lhe pareceu intolerável; ademais, sentia-se extremamente fraca e desejava que alguém a levasse para longe dali. Recostando-se numa extremidade do sofá de couro negro, pôs-se a contar as cabeças douradas dos pregos que contornavam o assento; chegou até trinta e nove, após o que

sentiu-se tomada de vertigem. Ouviu como se fosse de muito longe a voz de Kerkhoven no telefone, e pouco depois o murmúrio prudente de uma voz feminina na porta de entrada, bem como as respostas breves e as instruções que ele lhe dava. Refletia: “Tudo isto é inacreditável, não se enquadra no meu feitio, não é absolutamente o gênero de coisas que costumam acontecer-me”.

Teria porventura razão, mas o destino tem às vezes seus caprichos, e pouco lhe importa que julguemos seus golpes teatrais desprovidos de bom gosto.

Kerkhoven demorou muito a voltar. Tomara diversas disposições, sobre as quais não se alongou. Tratava-se de transportar Nina a uma clínica psiquiátrica onde ficaria em observação. Esperava às sete horas a visita da colega de quem dependia a decisão final. Nina dormia agora. Fizera-lhe uma injeção de morfina, pois sua agitação havia aumentado. Não podia infelizmente ficar a seu lado até a noite, acrescentou, lançando um olhar rápido ao relógio; às cinco e meia devia ver na Rua Zell um cliente gravemente enfermo; era uma visita que não podia ser adiada, e por isso pedira à Senhora Günther, esposa do contador do primeiro andar, que ficasse com ela até sua volta. Falava em frases entrecortadas, e tinha a fisionomia transtornada de quem passou a noite em claro.

— Sim, preciso falar-lhe, Marie — disse, comprimindo os olhos com o polegar e o indicador. — Mas onde?... Em meu consultório? Preferiria que não fosse... Aqui? Não será propriamente o lugar mais indicado. Não temos escolha, porém.

— Não sei — respondeu Marie maquinalmente.

— Vivo apertado como um sapateiro — exclamou ele em tom amargo, percorrendo em largas passadas o pequeno espaço livre fronteiro ao divã. Divisou sobre a mesa a aliança de Nina, e com um movimento de ombros colocou-a no bolso do colete.

— Diga qualquer coisa por favor — murmurou Marie, sentindo que suas forças a abandonavam. — Que importa o lugar! — logo depois, com um estremecimento e um olhar em direção ao quarto de dormir: — A menos que... não sei... — Não — disse Kerkhoven com um gesto tranquilizador — não há o que temer. Ela dorme profundamente. A Senhora Günther está com ela; chamar-me-ia se fosse preciso.

— Sem dúvida — aquiesceu Marie com o mesmo tom maquinal —, mas o fato é que nem mesmo sei o que tem para me dizer.

Kerkhoven aproximou-se da porta do quarto e fechou o reposteiro grená, cujas argolas corriam sobre um trilho de ferro. Depois, sentando-se diante de Marie consultou mais uma vez o relógio.

— Tenho exatamente meia hora — disse. — Não posso absolutamente fazer esperar essas pessoas. O melhor seria que me acompanhasse, Marie; prometera-me aliás fazê-lo esta manhã. Tomarei um carro e de lá a levarei à casa.

Interrompeu-se para observar que ela parecia exausta. Marie pediu-lhe então um copo d'água, e, para dissipar-lhe os receios, sorriu, quando ele o trouxe. Torturado pelos próprios pensamentos, fixava a ponta do sapato dela, espantado de que um pé humano pudesse acomodar-se em espaço tão reduzido.

— O que quero dizer-lhe — começou bruscamente em voz quase apagada — é que o que se passou deve ser esquecido, como se não houvesse acontecido. É preciso apagá-lo de sua lembrança, é absolutamente necessário, se é que tem por mim alguma estima. O que lhe peço não é impossível. Pode-se chegar a esquecer um fato, até que ele deixe menos vestígios do que um sonho. Fala-se em certas lendas de uma erva que, ao ser ingerida, traz o esquecimento do bem e do mal. Aqui, é o mal que é preciso esquecer. Infelizmente. É necessário que o esqueça. Para tanto, um ato de sua vontade é suficiente. Basta querer, e a lembrança se desvanecerá. Tudo passará como um sonho.

— Por que dá tanta importância a isso? — murmurou Marie, agitada.

— É difícil explicá-lo — respondeu ele em voz igualmente velada e tomada da mesma agitação. — Será talvez superstição de minha parte. Tenho a impressão de estar estigmatizado a seus olhos. Não, não diga nada. Hoje, aqui, alguma coisa foi confirmada... Vejamos, como poderia exprimi-lo? A lei que preside aos nossos destinos... É preciso que saiba que minha mãe... era louca... morreu num asilo de alienados. Conte-i-o a Irlen. Eu era para ela um deus, um ídolo... exatamente como aqui. As coisas se repetem... Sempre quis ocultá-lo de mim mesmo... Certo dia, atirou-se sobre um professor meu, armada de uma faca, simplesmente porque ele me dera uma nota má; de outra vez, quase estrangulava a cozinheira que me tratava com carinho, um dia em que feri um dedo. Dir-se-ia que em minha vida certos fatos se repetem... Sou vítima do concurso de circunstâncias análogas. Tão longe vai isso, que chega a influenciar o próprio ritmo de minha vida; a curva do êxito e do fracasso, poderia facilmente traçá-la sobre um papel. O que eu quisera, Marie... o que desejo acima de tudo no mundo... posso formulá-lo muito simplesmente: nossas relações não devem por preço algum ser atingidas. Sobre esta... sobre esta amizade uma tênue película mal acaba de consolidar-se; o mais leve arranhão pode rompê-la para sempre. Eis a razão dos meus temores, Marie. Há outra coisa ainda. Sua imaginação. Sei o que quero dizer. Você não tem a imaginação comum das mulheres, que se movimenta no vácuo. Em você, as coisas adquirem realmente consistência. E é isso o que acima de tudo me amedronta. É necessário que você me liberte a mim, Joseph Kerkhoven, do invólucro em que o passado me encerra e que me considere como uma criatura nova, nascida hoje, nascida por assim dizer diante de seus olhos. De outra forma, nada conseguiremos. Compreende o que quero dizer? — Sim, compreendo perfeitamente — asseverou Marie, ansiosa.

— Vê, eu sabia que compreenderia tudo, querida, maravilhosa amiga — prosseguiu ele com uma ternura desajeitada que a envolveu como se fora uma nuvem dourada. — Está bem claro. Esta vida desperdiçada, espezinhada, que foi a minha até agora, vê-se de um momento para outro transformada, metamorfoseada. Tenho frequentemente a impressão secreta de que existe um trópico interior;

para chegar até um céu mais clemente, é preciso atravessá-lo. A ideia — eis de que depende tudo mais. Quando o homem não chega a alcançar a ideia que representa segundo o plano geral da criação, é como se fora um relógio desprovido de mostrador. É incapaz de indicar a hora, falta-lhe a direção. Um dia, ouvi a voz do espírito: “Joseph, levanta-te, chegou a tua vez”. É claro que a princípio recusei-me. Sou naturalmente preguiçoso e tenho a mente obtusa. Na verdade, para ser feliz, basta-me ver os sete dias da semana desfilarem regularmente, como soldados numa parada. Entretanto, a partir do momento em que me decidi, tudo se transformou dentro de mim. Sei que, a princípio, o caminho será áspero. Sinto-o em todo o corpo, como um enjoo de mar. O que tenho de meu, porém, ninguém poderá arrebatá-lo. Pouco importa que seja um bem imaginário. Estou protegido contra o que quer que possa acontecer-me. Não permitirei que espectros me amedrontem. Sim, que não ousem aproximar-se os espectros.

Levantou-se, aproximou-se da janela. Marie, transida de medo, disse em voz apenas perceptível: — Os espectros estão vigilantes — ele concordou com ar sombrio. — E somos obrigados a suportar-lhes a companhia — acrescentou ela, sempre em voz baixa. — Em geral, são mais fortes do que nós.

Kerkhoven parecia ter esgotado toda eloquência. Replicou em tom peremptório: — Também eu o acreditei. Eis porque cheguei à situação em que me encontro.

— É preciso contudo saber o que se ganha e o que se perde — observou Marie.

E ele: — Ora! Se fosse só isso. Há muito que minhas esperanças não têm objetivo certo.

Marie curvou a cabeça. A direção perigosa que tomava aquela conversa que bordejava o abismo começava a ser uma tortura para ela. A sala parecia girar em torno dela. Ergueu-se bruscamente como se a

respiração lhe faltasse. Kerkhoven virou a cabeça e fixou-a com um olhar tímido. As “flores pálidas” abriram-se em todo o seu esplendor: — Aconteça o que acontecer, nada receio, Joseph.

Ele empalideceu; duas palavras escaparam-lhe de peito: — Meu Deus! Mais nada. Ao cabo de um momento, disse em tom frio, como se nada houvesse acontecido: — É hora. Precisamos ir.

Haveria muito que dizer sobre o trajeto que fizeram de táxi, debaixo de uma chuva torrencial, até o extremo de um subúrbio a oeste da cidade. E, ao mesmo tempo, pouco resta a contar a esse respeito. Isto porque, todo o tempo que durou a viagem, nada se passou de extraordinário e nada de notável se disse, tanto na ida quanto no regresso até a residência dos Bergmann, no extremo oposto da cidade. Durante todo esse tempo permaneceram calados, um ao lado do outro. Não obstante, esse trajeto deve ter sido para eles de uma importância decisiva. Conserva-se uma carta escrita por Kerkhoven a Marie em 1916, de uma ambulância na frente russo-polonesa, na qual menciona longamente essa viagem como um acontecimento que teria marcado época em sua vida. Depoimento tanto mais significativo quanto, não apenas assumia na época uma tarefa pesada no exército, mas também, em virtude de sua popularidade rapidamente ascendente, a própria população civil, camponeses, juízes, habitantes das aldeias, reivindicavam as poucas horas que lhe restavam para consagrar ao sono. Dessa carta, certos períodos destacam-se especialmente: “Como se recorda uma felicidade que apenas se ousaria esperar do céu, pensei hoje, em meio aos gemidos e aos gritos dos feridos, dos mutilados e dos delirantes, naquela tarde do mês de maio, fez agora dois anos e meio, em que fomos de táxi até a Rua Zell. Lembras-te? Desde o primeiro instante não cessaste de tremer; os arrepios corriam-te pelo corpo sem interrupção; recordo ainda perfeitamente, embora a tempestade fizesse descer sobre os vidros cortinas cinzentas, do lugar onde tua emoção empolgou-me, também, como um mal contagioso, e com tal violência que mantinha os cotovelos unidos ao corpo e apertava os maxilares para evitar que meus dentes batessem. Pela primeira vez sentia a eletricidade de que

está carregada tua natureza; não zombes de mim, acaso não me mostrastes mais tarde tu mesma as faíscas que crepitavam sempre que retiravas tua roupa de seda? Mais de uma vez, também, senti crepitarem os teus cabelos, quando os acariciava. Não era tudo, porém. A inexplicável comoção física que te dominava despertava em mim uma visão do teu corpo, como se na realidade já me pertencesse; ela te despojava de todos os teus véus, eu via-te completamente nua diante de mim e experimentava a piedade alucinante que, em todo homem que não é um bruto, tempera a paixão da primeira vez em que nela se consome, essa paixão que tanto se aproxima da angústia e da morte. Tinha a impressão de que, se te tocasse, morreria naquele mesmo instante. Perguntei se querias que te agasalhasse, pois parecias vestida com trajes muito leves; respondeste-me com um movimento de cabeça. Acariciava-te o braço todo o tempo, o que parecia acalmar-te um pouco. Apoiaste a cabeça no canto da almofada e cerraste os olhos. Fui visitar o doente, que encontrei já em agonia; nada mais podia fazer por ele, senão aliviar-lhe os momentos da luta suprema; porém falava e agia como se fosse uma sombra de mim mesmo. A ideia de que lá fora me esperavas emprestava a tudo um aspecto irreal, e a meia hora que passaste ainda comigo, no interior miserável daquele automóvel, fazia-me o efeito de um mundo à parte....”²⁰

CAPÍTULO VII

N a noite de 14 de maio, Kerkhoven conduziu a mulher ao hospital local de alienados. Teve uma longa entrevista com o diretor e outra com o médico de plantão. No andar de pensionistas, conseguiu para Nina um quarto particular com duas janelas que davam vista para o jardim. Quando penetrou no aposento para despedir-se, ela estava sentada junto à mesa, ocupada em traçar com o dedo figuras imaginárias sobre a madeira. Não levantou os olhos. Ele tomou-lhe suavemente as mãos e apertou-as contra o peito. Nina deixou pender a cabeça para trás, como se o seu pescoço se partisse bruscamente. Ele acariciou-lhe os cabelos.

— Nina — chamou.

Ela dirigiu-lhe um sorriso tímido. As janelas estavam abertas, uma corrente de ar trazia o perfume das acácias; as barras de ferro sugeriam linhas negras paralelas traçadas sobre o céu de um azul intenso.

— *Vuoi portarmi fiori, Giuseppe, domani, vuoi?*²¹ — murmurou ela.

Respondeu quederaordens paraquetodos os dias lhepusesse flores frescas no quarto. Nina abraçava-se desesperadamente a ele e chorava convulsamente. Não compreendera ainda, não pudera compreender tudo aquilo. Vivia os acontecimentos num estado de semitorpor. O médico apareceu na porta e fez com a cabeça um sinal significativo a Kerkhoven. Ele desprendeuse dos braços de Nina. Do corredor, ouviu-a ainda a chorar. Sua voz, suplicante: “*Vuoi portarmi fiori?*”, ainda por longo tempo o perseguiu. Nina, Nina... A imagem de Nina, entretanto, em breve se tornava mais pálida que uma sombra contra o muro. Para apagá-la de todo não foram preciso semanas, nem mesmo dias; bastou o regresso à cidade, a noção de que em certa rua, em determinada casa, existia uma mulher cujo coração, cujo alento eram por assim dizer uníssonos com os seus, a quem se sentia unido como jamais o fora a qualquer outra criatura. Tal sentimento, porém, nada tinha de uma noção clara, arrancada da realidade; era uma impressão muito vaga, quase mística, contra a qual qualquer coisa de inexplicável se levantava dentro dele mesmo. Por quê? Que covardia ou que indecisão a motivavam? Eram onze da noite quando regressou à casa deserta. E das onze às três da manhã não deixou de caminhar de um lado para o outro, como uma sentinela, percorrendo todos os cômodos cujas portas estavam abertas, do quarto mergulhado em trevas à saleta de espera e ao consultório igualmente obscuros, passando pela sala iluminada; ia e vinha, sem descanso. Só depois que o céu tingiu-se de um pálido rubor é que se recolheu e procurou dormir. Às cinco horas, porém, chamaram-no à cabeceira de um menino doente.

Certamente, esperais encontrar a um amante transportado pela felicidade de um amor compartilhado. Marie entregou-se a ele sem reservas, sem restrições, sem condições, livremente, com a generosidade da mulher para quem dar é uma alegria, e dar-se a si mesma, quando ama, um fato inteiramente natural. Reservar-se para mais tarde, contemporizar, fazer-se valer, são para ela sentimentos estranhos, que ignora; está tão afastada de todo artifício como de todo temor burguês, e se lhe falassem de uma estratégia do amor ou dos perigos da despreocupação nesse terreno, mostrar-se-ia surpresa e ofendida. Sua alma é nesse ponto tão livre quanto o ar, tão límpida quanto uma fonte. A raiz última de sua natureza e o verdadeiro clima de sua vida, é a ternura, e dessa ternura nasce o sorriso com que abandona seu corpo ao amor. Pouco difere assim do pássaro que estende as asas para entregar-se ao espaço. Acaso se preocupa este com a temperatura, com o tempo que se anuncia para amanhã ou com o que pensarão os demais ocupantes do ninho? Eis aí, precisamente, o que desconcerta Kerkhoven. Sobre seus atos, pensamentos, decisões e sentimentos, pesa a sensação da própria responsabilidade. Está mergulhado numa atmosfera de trevas, a moral aperta-lhe a alma em seus pesados elos, vive sob a dependência de uma consciência que se erige em juiz e nunca lhe concede um momento de trégua.

É uma consciência perpetuamente atormentada. Estas próprias palavras, porém, parecem-nos ainda nada indicar de preciso; não fazem senão indicar superficialmente um estado cujas origens remontam aos seus anos de infância. Quando suas leituras de então mencionavam o amor entre homem e mulher, via naquilo qualquer coisa de sagrado, velado de romantismo e de mistério e reservado a alguns raros eleitos. À medida que o peso da terra se fazia mais forte em sua nostalgia, que desejos sensuais começavam a perturbar-lhe a pureza do sonho, o mistério convertia-se num segredo que era preciso ocultar, e seu caráter sagrado adquiria o aspecto de uma sedução diabólica. Por essa maneira de pensar se poderia responsabilizar em parte a época em que vivia, tanto quanto a vida de província, a mediocridade de sua situação, a aridez intelectual e a hipocrisia das convenções burguesas daquele fim de século. De outra forma, não

teria sido possível uma aventura como a que teve com o epilético Domanek. A influência que exerceu sobre ele foi ainda mais funesta do que o confessara a Irlen, porventura por nunca lhe ter podido medir o alcance exato; nenhum de nós é capaz de abranger de um golpe de vista a própria personalidade, como teria sido necessário então. E ele calara um número não pequeno de coisas, que homem algum teria a coragem de confessar. Com que fim, aliás? Seria ofender o pudor, sustentáculo do amor-próprio. Entre os quinze e os vinte e um anos, atravessara períodos em que a alma atormentada errava à noite pelas ruas para deter-se diante de cada janela iluminada e observar, com os olhos ardentes, o jogo das sombras contra as cortinas. Sua imaginação evocava a coisa monstruosa, oculta, secreta, pecaminosa. Havia na casa de seu pai uma janela de onde, protegido pela noite e com o auxílio de uns binóculos subtraídos de sua mãe, tinha por hábito observar durante horas a fio a casa de um casal vizinho; dominado por uma curiosidade dolorosa e malsã, vigiava cada jogo de fisionomia, cada gesto, cada olhar dos dois, esperando, o coração aos saltos, que tivesse lugar o ato secreto e culpável cujo espetáculo, se se produzisse, tornaria seus olhos cúmplices do crime. Tudo muito próximo, ao alcance da voz, e não obstante, era como se fosse um mundo longínquo, um acontecimento que se desenrolasse, por assim dizer, no mundo da lua — criaturas comuns, desconhecidas, mas transfiguradas pela visão sensual de um cérebro de cenobita. Tinha horror ao vício e à libertinagem, mas sabia exatamente onde se expandiam, e esses lugares exerciam sobre ele um fascínio irresistível. Venerar uma mulher, era evitá-la; sonhar com ela, já era muito; abraçá-la em sonhos, um crime. O amor era algo de sagrado; os sentidos o aviltavam e destruíam. Ora, na vida não nos podemos contentar com o irreal; é impossível possuir um anjo; o corpo é um animal e é preciso dar ao diabo o que lhe pertence. Assim é o homem marcado pelo pecado original, condenado a pagar pela felicidade, ou seja, a expiá-la; não ousa acalentar a fé em seu coração, sorri com receio, jamais espera do destino um favor ou uma prova qualquer de bondade; desde o princípio, pelo contrário, procura diminuir-se ao máximo diante dele, como ante o basilisco,²² cujo olhar fulmina e do qual é sempre melhor evitar atrair a atenção.

Isso, no que toca ao seu temperamento. A vida e a experiência atenuaram-lhe essas tendências em não poucos aspectos, e poliram-lhe os ângulos. A profissão de médico é mais apropriada que qualquer outra para conciliar os contrastes. À cabeceira de um doente e junto a um cadáver, tudo deixa de existir; costumes, leis, preconceitos, paixão, religião, nada disso tem mais valor. Tudo não passa de produto humano, não tem mais que a pobre medida humana e a fugitiva duração humana. À força de mergulhar o olhar no abismo de tantas almas, Kerkhoven como que se desinteressou de seu próprio abismo interior; encheu-o, por assim dizer, com as misérias e as desgraças alheias e, se acaso ainda existe, é como se as águas estagnadas o houvessem recoberto e ocultado a vista. Conheceu tantas espécies e formas de amor quantas palavras existem para designá-las. Foram efêmeros, todos: considerados subjetivamente, nenhum representou verdadeiramente o que parecia ser àqueles que o experimentavam. Ilusão passageira que dependia dos bens de fortuna, da natureza do sangue e da epiderme de cada uma das partes. Em momentos de depressão, era-se tentado a acreditar na degenerescência patológica de certas glândulas e de certos nervos; apenas essa hipótese tornara-se excessivamente banal, fora demasiado explorada, seu cinismo já nada tinha de sedutor. Seu casamento com Nina veio agregar-se ao resto; ao fim de um longo período de indecisão e de múltiplas recaídas, conseguira chegar a um compromisso entre o mundo de cima e o mundo de baixo, a um tratado de paz garantido pela satisfação mútua das partes contratantes, através de uma existência material bem regulada e que implicava na renúncia a tudo o que dizia respeito ao sonho e às criaturas de sonho.

Embora Marie desconheça essas circunstâncias, o sentimento que experimenta por ele é tão profundo, a imagem que se faz dele tem contornos tão firmes, que nada daquilo que ele faça ou deixe de fazer pode mais surpreendê-la. Dir-se-ia que uma intuição segura lhe revela os recantos mais íntimos da personalidade de Kerkhoven, cada um dos movimentos de sua alma. Nunca antes sentira tão vivamente conhecer tão de perto a uma pessoa; frequentemente assaltava-a a impressão de ter vivido com ele uma vida anterior, mas sem tê-la seguido até o fim,

a verdadeira continuação estando reservada para a existência presente. Isso, acredita, tê-la-ia preparado para desempenhar o papel que lhe compete junto a ele. Sobre esse ponto refletiu longamente. Depois de ter interrogado seu coração e tomado uma decisão, sentiu-se animada e mesmo feliz em poder servi-lo; seus desejos iam até o limite em que o coração que deles se embriaga se sente dotado de uma força sobre-humana. Entretanto, não era mulher para perder-se em devaneios. Tinha das coisas uma visão singularmente clara. Sabia que se colocava na posição do emigrante que abandona tudo o que possui para buscar, num mundo incerto, uma incerta felicidade. Nela, nem a mais leve sombra de remorso. Enquanto no mais íntimo de si mesma tomava todas essas decisões, parecia tão despreocupada como se se tratasse de um jogo. Quando Kerkhoven fazia qualquer alusão ao futuro, ria-se; era como se quisesse deixar-se levar pelos acontecimentos. No momento, queria apenas ser sua amante. Os olhos fechados, sem dizer nada. Havia nela um entusiasmo maravilhoso que comovia Kerkhoven profundamente.

Marie não se enganava: podia, é certo, comovê-lo, mas arrastá-lo consigo, nunca. Há na maioria das relações entre os homens um elemento mórbido; no caso de serem favoráveis as circunstâncias, a moléstia pode deixar de explodir; o perigo, porém, não deixa de existir. Foi assim que se desenvolveu nesse ponto o germe destruidor que muitos anos mais tarde iria tornar-se virulento e demolir todo o edifício de suas existências. O lado sombrio de seu caráter, sua morosidade mental, os laços que o prendiam à terra e à vida cotidiana despertavam nela uma dolorosa piedade. Adivinhava o que encobriam: uma mocidade sem alegria. É certo que Kerkhoven permitia que esses traços exercessem domínio sobre ele. Criaturas existem que, por uma generosa disposição de espírito, recobrem com o véu do esquecimento todos os seus sofrimentos passados, rechaçando-os através de um esforço vigoroso para o terreno do inconsciente, dispostos a transigir com cada novo dia como com um adversário leal de quem não há que temer golpes sorrateiros. Frequentemente também fazia intervir sua natureza vigorosa para neutralizar as mesquinhas perfídias e as traições da existência: fazia-o com calma,

com paciência, mas sem jamais experimentar alegria nem encontrar tranquilidade de espírito. A paixão com que estreitava Marie entre os braços era uma espécie de entorpecente, uma força obscura que às vezes o enchia de espanto. E não obstante, era tão delicado, tinha quase tantos cuidados e atenções quanto uma mulher. Estranha contradição. Não foi senão aos poucos que Marie conseguiu reunir-lhe os elementos, através de uma palavra solta, uma pergunta tímida, um esboço de confissão. Seus sentidos e seu espírito acolhiam avidamente tudo quanto lhe dizia respeito. Podia passar horas a fio, recolhida a meditar sobre um determinado traço de seu caráter, uma de suas palavras, um único olhar seu. Que temia ele? Por que se retraía tanto? Sempre aquele mesmo gesto, como se fosse preciso entrincheirar as portas e cerrar as cortinas quando ela estava a seu lado. Quando se quedava com os olhos fixos no vácuo, não fazia pensar no empregado infiel que, vestindo as roupas de seu amo, procura no teatro um lugar retirado e teme a todo instante ser descoberto? É uma felicidade roubada, não a mereceu, não tem como pagá-la. Um belo dia, o credor surgirá para apresentar-lhe a conta. E então? Oh! Ela compreende o que é isto. Seu coração oprime-se, pressente a dificuldade de sua missão. É preciso que seja para ele uma ajuda preciosa, se pretende neutralizar o veneno que traz no sangue. É esta, sem dúvida, a origem do destino misterioso que a leva a amá-lo, ela que vem do universo dos Irlen, onde tudo é claridade e segurança.

Sua liberdade de espírito, a serenidade de que faz prova, aparecem frequentemente a Kerkhoven como uma provocação. Não sente o menor receio de ser descoberta; nem mesmo lhe ocorre a ideia de tomar certas medidas de precaução. Ao chegar, não vem pálida nem excitada. Seus traços não traduzem qualquer espera lúbrica. Nenhum sorriso cúmplice os ilumina, não denotam uma sombra de remorso. Nada, nada mais que alegria. Traz a cabeça erguida, é tão natural o que está fazendo! — Que espécie de mulher és tu? — pergunta-lhe Kerkhoven oprimido.

— Não tens medo algum? Não és absolutamente como as outras... As carícias de Marie dissipam-lhe, como que por encanto, as sombras

negras da fronte. Logo que se separam, porém, assalta-o a sensação de ter cometido um crime e descuidado de seu dever, e lança-se desesperadamente ao trabalho, como se o vingador já se encontrasse de pé atrás dele, o chicote na mão. Ela sofre com isso, gostaria de vê-lo libertar-se do jugo que o oprime. Quisera poder dissipar nele essa tensão, libertá-lo dessa obsessão.

— Todos eles podem esperar, não te apresses, tu és senhor de tua vida — implora Marie, ao mesmo tempo que lhe aperta a mão direita entre as suas. Ele meneia a cabeça. Não, não lhe sobra tempo. Dir-se-ia que é obrigado a esgotar a vida de uma só vez.

— A verdade — suspira — é que tu não podes saber... vivendo como vives... nunca passaste por isso, não conheces a miséria, nem a miséria moral, nem a material... viveste sempre num jardim de flores... eis a diferença... — Então, Joseph, então — insiste ela — será preciso ter passado fome um dia para ter o direito de falar no assunto? Teremos de considerar a miséria como medida única do valor humano? Espero que não estejas querendo insinuar isso.

— Não, certamente que não. Penso em tudo que nos aguarda... O sorriso altivo e despreocupado de Marie deixa-o envergonhado. Entretanto, a ideia da luta que os espera não cessa de atormentá-lo. É preciso acabar de uma vez com essa brincadeira de esconder. Não podem conduzir-se como crianças ignorantes que alguém surpreende um dia entregues a uma brincadeira proibida. O primeiro impulso da paixão desculpa as horas subtraídas ao mundo, mas a partir do instante em que querem estabelecer suas vidas sobre essa base, como o fazem agora ou já o fizeram, Kerkhoven sente que a conduta de ambos é vil e desleal. (É provável que há dez meses, antes de conhecer Irlen, seu juízo houvesse sido menos severo). Marie compartilha desse sentimento, mas qualquer coisa se insurge nela à ideia de revelar seu segredo; para ela, é como abandonar uma ilha encantada para mergulhar prosaicamente na multidão. Não que lhe falte coragem para enfrentar a situação; lamenta apenas que o que era tão belo deva ceder o lugar a tristezas e amarguras. Por algum tempo, pelo menos.

Kerkhoven sentia que antes de tudo devia abrir-se com Irlen. Há muito que o deveria ter feito. Aquele homem acolhera-o como a um irmão; em agradecimento, ele o enganara indignamente; penetrara em sua casa à noite, como um salteador e abusara de sua amizade. Pois assim eram os fatos, encarados objetivamente; não havia como querer enganar-se... Marie baixava os olhos e ficava silenciosa. As “f lores pálidas” tinham uma expressão pensativa e melancólica. Interrompia-o então com um gesto de súplica: “Deixemos de lado as palavras duras, não julguemos, não sejamos mesquinhos...”. Pensava em Ernst. Não podia calcular como aceitaria aquilo, como o suportaria. Revia seu rosto, a fronte lisa e estreita; por detrás dos óculos, o olhar apagado a ponto de parecer negro, e, pendentes ao longo do corpo, os braços terminados por mãos de velho aristocrata. Não lhe dirá: “Arruinaste minha vida, Marie”, mas ela sabe desde o primeiro momento que isso acontece. E Aleid? Não pode começar uma vida nova separada da filha. Por outro lado, a vida de agora não lhe dá um só momento de trégua. É absolutamente necessário que conserve a criança. Mas como, se não lhe cabe qualquer direito sobre ela? Eis o que lhe dirão: “Como poderás ser uma boa mãe, se não soubeste ser boa esposa? Que razão plausível poderia ter Ernst para renunciar à menina e mostrar-se magnânimo?”. Nem ele, nem a avó, nem Irlen poderiam acolher semelhante pretensão senão com um movimento de ombros. Sim, Irlen, como os outros. Sua lembrança a inquieta; apoia o queixo na palma da mão como uma menina a quem se repreende. Acaso pode pensar em sair de casa deixando-o enfermo? Não seria dar provas de falta de sentimentos, de um egoísmo revoltante? Essas reflexões assaltavam-na de chofre, como uma pancada de chuva na estrada aberta. Sentiu-se bruscamente tão perturbada por elas, tão desolada, que inclinou o corpo para a frente e mergulhou o rosto entre as mãos. Kerkhoven passou-lhe o braço pelos ombros.

— Não, Marie, por favor — suplicou, beijando-lhe os cabelos e tentando suavemente afastar-lhe as mãos dos olhos. Ela, porém, erguera espontaneamente a cabeça. O sorriso voltara-lhe aos lábios.

— Não te zangues — disse, a fisionomia radiosa. — Sou uma tola. Isso nos acontece a todos, uma vez ou outra — fitava-o nos olhos, com aquele olhar franco de camarada que lhe era tão peculiar. — Tens razão, querido — acrescentou —, a ele, deves contar a verdade.

Kerkhoven recordava o seguinte fato. Na tarde em que conduzira Nina ao asilo de alienados, fora ver Irlen. Este sabia por Marie de onde ele vinha. Não disse uma palavra sobre o fato, mas em seu aperto de mãos colocou tudo quanto teria podido dizer. Era capaz de transmitir a esses gestos as “nuances” mais delicadas e mais inesperadas. Habitualmente, não costumava prodigalizá-lo, sobretudo nas relações cotidianas; mas desde que uma ocasião especial se apresentasse, esse gesto, tão vazio para a maioria, transformava-se num meio de expressão que ele fazia variar de acordo com o destinatário. Kerkhoven lembrava-se de ter tido a impressão reconfortante de um apoio, de um auxílio, quando Irlen lhe apertara a mão, fazendo pressão sobre o polegar como para emprestar mais força à sua simpatia, e mantendo os olhos fixos durante três ou quatro segundos sobre as mãos entrelaçadas. A simpatia muda que assim se exprimia, deixara-o perturbado; sem falar de seu pesar no tocante a Nina, seu silêncio parecera-lhe desde esse dia uma traição. Hoje, que pretendia confessar essa traição, dirigia-se para a casa do amigo com o coração pesado... Fez-lhe as perguntas de costume, tomou-lhe a temperatura, examinou a papeleta suspensa sobre o leito, depois sentou-se diante dele e disse, enquanto sua fisionomia se ensombrecia à medida que falava: — Tenho que conversar sobre um assunto pessoal, Irlen; um assunto que há muito me pesa não devido ao fato em si, senão por se ter passado nas tuas costas. Simplesmente, não encontrei coragem para... trata-se de algo que decidirá minha vida... e não apenas a minha... trata-se em suma: Marie Bergmann e eu nos amamos, e estamos decididos a arrostar até as últimas consequências.

Tirou o lenço do bolso, enxugou a testa, inclinou o busto para diante até ficar dobrado em dois e meneou a cabeça uma meia dúzia de vezes como um Buda oriental. Irlen não emitira um som e o silêncio que se prolongava inquietou Kerkhoven; finalmente, levantou o olhar. Irlen

mantinha-se imóvel como uma estátua. Fixava a porta, que lhe ficava diretamente frente, e suas pupilas pareciam imobilizadas; o azul da íris adquiria tonalidades esverdeadas. O lábio inferior estava um pouco caído, e a boca não era mais que uma fenda rasgada como se vê nas máscaras japonesas. Preocupado, Kerkhoven levantou-se de um salto e procurou aproximar-se. Então Irlen ergueu lentamente a cabeça, o que fez Kerkhoven deter-se.

— Deixa — murmurou — não é nada... vai passar. Não, não quero deitar-me. Não fales... Deixa; não te incomodes.

Kerkhoven percebeu imediatamente que a doença não tinha parte alguma naquela indisposição. Isso ainda mais o surpreendeu. Aproximou-se da chaminé, pousou os cotovelos sobre a prateleira de mármore e esperou. Os olhos presos no mostrador do relógio, podia seguir a marcha da agulha grande. Era um belo objeto de prata lavrada, tendo na parte superior um grupo de pequenos amores recostados. Subitamente, apoiou a mão sobre a boca como para reprimir uma exclamação, enquanto em seus olhos pintava-se uma surpresa quase infantil, porém extremamente dolorosa. E essa dor, ou essa piedade, ou esse sentimento, qualquer que fosse o seu nome, dirigia-se não apenas a Irlen, mas a ele próprio, à ignorância e à incompreensão de que fizera prova, como homem e como médico. Durante muito tempo perseguiu-o essa impressão. Foram precisos muitos dias para voltar a um equilíbrio mais ou menos normal. “Que brutos somos”, ralhava consigo mesmo. “Somos estúpidos, temos a mente opaca, não compreendemos nada; dir-se-ia que em toda a nossa vida não pegamos senão na enxada; ignoramos tudo quanto diz respeito ao homem, à morte e ao diabo, tudo, e criamos um infinito de complicações baseadas em nossos conhecimentos e nossas experiências, em lugar de ficar tranquilo e aprender, espécie de idiota, em lugar de arrastar-se de joelhos e aprender...”

Durante esse tempo, Irlen refizera-se. Seu rosto voltara à cor natural; só a testa mantinha-se de um tom cinzento de ferro, como se a houvessem recoberto de uma camada de tinta.

— É incrível — murmurou — que eu já não seja capaz de dominar certos impulsos. Há pouco tempo atrás, conseguia-o ainda; isso é desanimador. Dir-se-ia que minhas próprias reservas me abandonam.

Kerkhoven não respondeu.

— Agora, deixa-me um pouco só, Joseph — pediu Irlen com suavidade, a voz alterada. — Penso que será melhor assim. Talvez amanhã também. Mando-te chamar por telefone. De qualquer maneira, terás notícias minhas.

— Neste caso, boa noite, Irlen — disse Kerkhoven.

— Boa noite, Joseph.

Depois que Kerkhoven fechou a porta atrás de si, Irlen murmurou com amargor: — Ngaljema vestiu o casaco vermelho.

Mais ou menos à mesma hora, Marie estava no andar de cima, sentada ao piano, absorta em meditação. De tempos em tempos, com a mão direita apoiada sobre o teclado, apertava com o dedo uma tecla, um *lá*, um *dó*; na solidão do quarto, o som leve fazia-a estremecer, e inclinava ainda mais a cabeça. Por fim levantou-se, dirigiu-se para a porta que conduzia à biblioteca do marido e prestou atenção. Dentro, tudo era silêncio; empurrou suavemente a porta e lançou um olhar dentro da peça. Nenhum ruído. A escuridão era completa. Sentiu que o medo a invadia, e às apalpadelas procurou o comutador; uma tocha de bronze iluminou-se num dos ângulos do quarto e, a essa claridade, divisou Ernst deitado sobre o divã, a cabeça mergulhada nas almofadas, o corpo tão encolhido que se houvera podido tomá-lo por uma trouxa de roupa ali abandonada. Espetáculo inusitado num homem que habitualmente personificava o domínio sobre si mesmo e cujo porte impecável lembrava antes o de um oficial à paisana que o de um jovem erudito. Marie deteve-se, muda de espanto; os braços cruzados sobre o peito, ousava apenas respirar. Que fazer? Que dizer? Tudo quanto poderia fazer ou dizer era a tal ponto desprovido de sentido! Que palavras pronunciar, que consolo oferecer? A única

tentativa para suavizar tamanho desespero por ela mesma causado era tão singularmente vazia que a simples ideia fazia-a recuar, assustada; ademais, equivaleria a apresentar-se como culpada, e ela de modo algum se reconhecia como tal. Os óculos de Ernst estavam caídos sobre o tapete, e esse detalhe comoveu-a; dir-se-ia que voluntariamente se despojara da insígnia de sua dignidade, o que o tornava duplamente desorientado e merecedor de piedade. Marie sentou-se a seu lado e acariciou-lhe timidamente a cabeça. Pôs-se a falar ao acaso, o que lhe passava pela cabeça. Suas palavras não tinham grande sentido; o importante é que ele lhe ouvisse a voz e não a julgasse insensível ao seu sofrimento. Sempre a mesma velha história: ambos se haviam enganado no casamento. Não tinham chegado a compreenderem-se mutuamente e talvez nem mesmo a compreenderem-se a si mesmos. Entre eles só deveria ter existido amizade, como existia ainda hoje, de sua parte pelo menos, a amizade mais sincera, e não tinha outro desejo senão o de que ele a considerasse sempre como a sua melhor amiga, a amiga mais dedicada, mais reconhecida, etc., etc. Ele fez com a cabeça um gesto imperceptível de negação.

— Sim, sim, Ernst — insistia Marie num tom fraternal, candidamente insinuante.

Devia apenas habituar-se gradualmente a essa ideia, e não deixar-se dominar por seus ressentimentos. Dera-lhe mais do que saberia exprimir, reconhecia-o de todo coração. Haviam sido belos momentos, anos maravilhosos aqueles que passara a seu lado, jamais poderia esquecê-los. Porque era preciso que existisse da parte dele esse amor todo exclusivista; que iria fazer?, isto não fora reservado para eles, ela o sentira desde o começo, a princípio de maneira vaga e incerta, mais tarde nítida e irrevocavelmente, etc., etc. Argumentos no fundo insensatos, carinhosos, humanos, adaptados à situação, mas que estavam longe de atingir a sua meta e tampouco eram perfeitamente sinceros. O vencedor nunca é inteiramente sincero quando pretende poupar o vencido; apenas não se dá conta disso. Finalmente, Ernst pôde opor à sua consoladora a palavra que por um momento lhe tapou

a boca: “E a menina?”. Era como um gemido subindo do fundo de uma caverna. Marie estremeceu. Esperava por isto. Era impossível que ele acreditasse seriamente que todas as crianças que nascem são postas no mundo por esposos ternamente unidos. Aquilo fora um grito d’alma, grito de dor que não era integralmente sincero porque a dor tem, também ela, seus subterfúgios. Entretanto, Marie preferiu não responder; a lembrança de Aleid partia-lhe o coração. Sua ardente esperança (era mais que uma esperança, era quase uma certeza, pois todos os direitos divinos e humanos, assim como sua confiança na generosidade daquele homem concorriam para fortalecê-la nessa crença), sua convicção de que a criança lhe seria entregue não podia ser discutida no tumulto interior daquela primeira entrevista. Durante longo tempo guardou silêncio. Fixava dolorosamente um ponto em sua frente. Assim, chegara, afinal, a catástrofe que devia cortar prematuramente as flores. Lembrou-se de uma conversa que tivera com Kerkhoven alguns dias antes. Como que para pô-la à prova, ele observara incidentemente que a luta terminaria por paralisá-la. “Tu me conheces mal”, replicara; “a resistência só pode exaltar minhas forças; mas”, acrescentara em voz baixa, “para isso é preciso ter a consciência alva como a neve”. E ele: “Por que esse ar estranho? Acaso não tens a consciência limpa?”. “Não inteiramente”, respondera. “Já devia ter falado a Ernst, e nunca o fiz, mesmo depois que me fizeste prometer formalmente tomar essa medida. Por que não o fiz? Podes explicar-me?”. Ao que ele respondera: “Certamente não foi por covardia; nunca deste prova de covarde; apenas nunca havias experimentado o sentimento que hoje te obriga a falar; até então não lhe havias roubado o que hoje lhe estás roubando. Teria ele percebido a diferença? Não; o golpe o atingiria com a mesma rudeza do de agora, e tu te sentirias como a criança que se castiga com igual severidade por uma pequena mentira como por um roubo; não achas que tenho razão?”. Ela se lançara então em seus braços com um grito de alegria e beijara-o com mais paixão do que até então o fizera. Sim, era exatamente como ele dizia, nobre e grande coração! E no entanto, não podia afirmar que fosse inteiramente isso; na verdade não tinha a consciência alva como a neve. Sabia que uma confissão total não faria senão aumentar a desgraça daquele homem que via diante dela

mergulhado numa dor sem limites, mas ao mesmo tempo, dominada por um sentimento complexo, misto da paixão e da necessidade de torturar-se a si mesma, gostaria de confessar-lhe tudo. Talvez para revelar-lhe que não era apenas a felicidade ao lado de outro que buscava, senão o desejo de diminuir-se e perder-se ao lado desse outro que tão violentamente os separara, a Ernst e a ela. Não o fez, porém.

Depois de desferido o golpe principal, não se vai tomar um martelo menor para continuar a bater.

Era uma noite sufocante de princípios de julho. As janelas estavam abertas; de tempos em tempos, fazia-se ouvir lá fora o débil chamado de um pássaro; pesadas mariposas esvoaçavam em torno da luz. Nem Marie nem Ernst cogitavam dormir; à medida que passavam as horas, o rapaz refazia-se aos poucos; achava-se pelo menos em estado de examinar a situação. Resignar-se, não podia: todo seu ser se revoltava à ideia de perder Marie e não podia resignar-se a ela. Não podia seguir esse pensamento até o fim. Já nada havia em comum entre a renúncia e a privação; a renúncia é um ato que se executa de um golpe e a que um reflexo de heroísmo empresta certo atrativo; a privação, um estado que mata e paralisa definitivamente a vida. Que importância tinham o lar, a profissão, o trabalho, os livros, as ideias e os projetos, desde o momento em que não mais poderia ouvir os passos de Marie, ver-lhe o sorriso, sentir o contato de sua mão? Por onde começar o dia, como suportar a noite, quando já não a tivesse a seu lado? Todos esses pensamentos refletiam-se em seus olhos cheios de um terror mudo e que a ausência de óculos parecia privar da visão, quando mergulhou a cabeça nos joelhos de Marie e explodiu em soluços desolados.

— Caro, caro Ernst — murmurou apenas Marie.

Depois de ter chorado todas as suas lágrimas, levantou-se, tomou a mão da mulher que acariciou suavemente e, sem fitá-la, disse em voz enrouquecida que sabia o quanto aquele comportamento era ridículo e indigno de um homem; era loucura de sua parte nunca ter encarado a possibilidade de ela vir a abandoná-lo; incrível que esse temor jamais o

tivesse assaltado, mesmo em seus pesadelos. Por que isso? Porque nunca duvidara de si mesmo, porque considerara que aquilo que o destino lhe reservara cabia-lhe de direito, como uma espécie de privilégio.

— Pretensão insensata. A culpa cabe à educação que recebi — prosseguiu, num movimento de revolta contra si mesmo. — Julgamos ter nascido para a felicidade e, se a desgraça nos bate à porta, lançamos a culpa na Providência e assumimos a atitude de vítimas. Não há sorte mais merecida que a que é engendrada pelo orgulho... Vai, segue teu caminho, Marie; mereces melhor destino que o de esposa de um filósofo pago pelo Estado, o qual, com toda sua filosofia, não está mais adiantado que um imbecil no dia em que não tem mais senão a ela para ajudá-lo a viver.

Em seguida, com uma expressão quase desvairada: — Não teremos quiçá muito tempo para levar uma vida alegre. Tenho como que um pressentimento de que o mundo vai ser abalado... Ontem à noite, quando estávamos juntos no jardim... era uma verdadeira chuva de estrelas cadentes... Chega-se a desejar o aniquilamento total... Teremos talvez a guerra, pelo menos é o que tudo parece indicar... não deixaria de ser uma maneira de escapar.

Pôs-se a rir baixinho, como se uma alegria maligna o animasse; o riso descobria-lhe os dentes e deixava entrever as gengivas pálidas que tinham um aspecto de morte. Marie sentiu-se estremecer. Ernst não se acalmava, tinha necessidade de falar, falar. Timidamente observou que ela certamente não iria abandonar a casa naquele mesmo dia. Não pretendia de maneira alguma interferir em sua decisão, mas pedia-lhe que não se precipitasse. Tudo deve ter seu tempo, há muitas coisas para pôr em ordem; tudo deve ser feito convenientemente e sem pressa. Ele não a importunará, não lhe servirá de estorvo; se ela o deseja, partirá por algumas semanas; de qualquer maneira, as férias começarão em breve; nesse ínterim, é possível que muita coisa se esclareça para ela. Marie sacode a cabeça, assombrada. Ele ainda tem esperança, pensa consigo mesma. Não compreendeu ainda, acredita

que tudo vai passar como se fora uma doença! Tranquiliza-o a respeito do futuro imediato. E nem ela nem Kerkhoven pensam em mudar de vida imediatamente. Tanto quanto ela, ele tem deveres que excluem toda e qualquer precipitação. Dado o lugar que ocupa neste momento na existência de Irlen, não pode abandoná-lo, e mesmo se algum dia chegar a unir-se legalmente a Kerkhoven, não lhes será possível permanecerem na mesma cidade. No rosto de Ernst pintou-se uma expressão de alívio. Vendo-o tão ameno e tão conciliador, julgou o momento oportuno para abordar a questão capital que a preocupava, e sentindo o coração bater desordenadamente, pôs-se a falar de Aleid em voz tão baixa que mal podia ouvir-se a si mesma. Certamente, ele não iria disputar-lhe a menina... a esse respeito, não tinham necessidade de discutir... ele bem sabia que aquilo representava para ela uma questão vital... não eram do tipo de se disputarem por uma questão daquelas. Ernst ergueu para ela um olhar pensativo; percebia o ponto vulnerável da situação de Marie. Pelo espaço de um segundo pareceu pensar em aproveitar-se da vantagem. Sua fronte cobriu-se de um leve rubor. Imediatamente após, baixou os olhos como que tomado de medo e disse acabrunhado: — Não te atormentes, Marie. A menina deve ficar contigo; é natural que assim seja.

Marie ergueu-se vivamente, aproximou-se da janela e juntou as mãos às escondidas.

Seu agradecimento aos deuses fora um tanto precipitado. Ernst não cogitava em voltar atrás em sua decisão; apenas, não contara com os protestos da Senhora Irlen. A avó vinha há tempos pressentindo uma desgraça. Tinha bons olhos e sabia observar, embora afetasse sempre a curiosidade ingênua de uma mocinha recém-saída de um pensionato religioso, e, por sua afabilidade estereotipada, digna de uma grande dama, soubesse esconder aos que a cercavam a opinião bastante exata que se fazia sobre cada um.

Sua desconfiança em relação a Marie jamais desaparecera por completo; sua impressão sobre a moça fora sempre esta: ela é mais esperta do que parece; sua amabilidade, seu olhar franco não servem

senão para enfeitiçar os outros. Kerkhoven agradava-lhe pouco. “É certo que agora esforça-se para produzir uma boa impressão”, diz, “mas ninguém pode libertar-se por completo da má educação inicial; ele a traz no sangue e isto o impedirá de ir muito longe, mesmo que tenha o valor de um Virchow”. Estava por acaso na janela, um dia em que eles saíam juntos de casa. A atitude de Marie, sua inclinação de cabeça traíam uma intimidade evidente. De outra vez, voltando do jardim, chegara ao vestíbulo no momento em que desciam a escada, conversando em voz baixa. Avistando-a, se haviam calado. À Senhora Irlen não escapara esse fato, nem tampouco seus menores gestos ou o mais leve jogo fisionômico. Toda espécie de rumores chegavam-lhe aos ouvidos; os conhecidos começavam a fazer comentários, os empregados adotavam ares insolentes de pessoas bem informadas, como sempre acontece em casos assim. Ocorria-lhe às vezes a ideia de prevenir o neto, mas não se atrevia a fazê-lo; sua natureza demasiado passiva era outro motivo que a impedia de assim agir. Detestava os “casos”. Era amiga da paz, da vida aparentemente tranquila, dos dias sem imprevistos. Quando despertava pela manhã de um sono sem incidentes e fazia servir seu chocolate no leito, era preciso que pudesse dizer para si mesma: “Nada pode me acontecer de desagradável”. Quando sentia essa esperança, era de um humor radiante; caso contrário, mostrava-se indignada e responsabilizava a todos por isso. Assim não era de se esperar que, num assunto tão espinhoso, fosse intervir para provocar uma explosão. Deus a livrasse disso! Se não se tratasse de Ernst, por quem nutria o entusiasmo fanático que não é raro encontrar precisamente entre essas mulheres idosas, frias e egoístas, teria provavelmente, temendo as cenas e complicações que se anunciavam, empreendido desde logo a estação de águas projetada para o mês de agosto. O destino, porém, não lhe permitiu conservar-se à margem dos acontecimentos. As circunstâncias obrigaram-na a tomar partido e, uma vez envolvida nos debates, abraçou a causa do neto com toda a sua energia e com a indignação moral de uma casta de pessoas que julgam o universo em perigo logo que o ritmo da vida ameaça atingir os seus umbrais. Por ridículos que fossem, não faltava a esses sentimentos uma certa dose de grandeza.

Não vira Ernst aqueles últimos dias e, quando lhe disseram que não se sentia bem, subiu para visitá-lo. Encontrou-o só. Seu ar desvairado alarmou-a vivamente. Não foi preciso perguntar muito. Ao cabo de dez minutos estava ao corrente de tudo. Uma meia hora mais tarde, dominava já a situação e instituía-se em conselheira do rapaz. Uma de suas primeiras perguntas referia-se à criança. Inteirando-se de que pretendia entregá-la à esposa adúltera, ficou fora de si e declarou que, enquanto vivesse, não o toleraria a preço algum. Acaso desejava aparecer como culpado aos olhos do mundo ou, pior ainda, como um homem desprezível e temeroso que resignadamente engole o insulto e ainda por cima o recompensa? Só um lamentável extravio de espírito podia desculpar tamanha loucura. Apesar de sua indignação, mantinha uma atitude digna e composta. Ernst guardava silêncio. Desejaria que a avó lhe poupasse aquela cena. Não tinha força suficiente para contradizê-la e tampouco se sentia em estado de opor-se às decisões que ela tomasse, quaisquer que fossem. Enquanto permanecia ali, o olhar perdido no vácuo, Marie entrou. Vinha da cidade, e conservava ainda o casaco e o chapéu. Estava pálida e agitada: era a terceira vez que lhe recusavam a entrada embaixo, no apartamento de Irlen. Na antevéspera, mandara dizer que sofria de dor de cabeça; na véspera, havia dois homens para visitá-lo (soube mais tarde que um deles era o diplomata austríaco a quem ela escrevera); naquele dia responderam-lhe que o comandante acabava de sair de automóvel e que desde cedo fizera as malas, pois devia partir em viagem naquela mesma noite. Fitara a criada com uma expressão de incredulidade. Viajar? O tio Irlen pretendia viajar? Quisera então ver a avó, mas a criada informara-a de que a Senhora Irlen estava no apartamento do professor. Agora, ali estava, os joelhos trêmulos, e queria saber dela se aquilo era verdade, se era possível, se Kerkhoven fora informado (pois não tinha notícias dele desde a véspera; pelo telefone avisara-a de que tinha um sério aborrecimento de ordem profissional). Apenas abrira a boca para formular a pergunta, deteve-se ante o olhar glacial da Senhora Irlen. Involuntariamente moveu a cabeça num gesto de autômato para seguir com os olhos a velha senhora que passou ao seu lado com um ar majestoso e alcançou a porta.

— Que significa isto, Ernst? — indagou num sopro, com um sorriso desconcertado.

Ele deu de ombros, suspirando.

Estava agora no alto da escada, no último degrau, e agarrava-se ao corrimão, ofegante. Ali estava a placa. Olhou o relógio: quinze para as quatro. Não estava atrasado; a consulta não podia ter terminado, encontrá-lo-ia certamente. Esperou que as pancadas do coração e a respiração se acalmassem um pouco; enxugou com o lenço a testa molhada de suor, depois tocou a campainha. Atendeu-o uma senhora de meia-idade, uma ajudante de dentista que se encontrava sem emprego e que Kerkhoven contratara durante algumas horas por dia. Na sala de espera, havia duas velhinhas que pareciam vir de um asilo, uma mulher de classe média trazendo nos braços um recém-nascido cuja testa estava coberta por um eczema, e um rapazinho que, sem tirar da cabeça o boné do ginásio, assobiava com acinte. De tempos em tempos, lançava um olhar receoso para o recém-chegado e, bruscamente, parou de assobiar e retirou mesmo as mãos de dentro dos bolsos das calças.

A porta do consultório abriu-se; um homem com os dois olhos bandados saiu cambaleando pelo braço de um soldado. Kerkhoven, no umbral da porta, percorreu com o olhar os enfermos que esperavam e teve um movimento brusco de recuo: — Irlen! Este, com um gesto levemente irritado, designou as pessoas presentes. Kerkhoven aquiesceu com um movimento rápido de cabeça. Vinte minutos mais tarde, despachara a todos; fez entrar Irlen no consultório.

— Então, são estas as notícias que me prometeste? — exclamou Kerkhoven em tom de censura. — Acaso era indispensável vires pessoalmente? A escada íngreme... espero que tenhas vindo de automóvel... Esperava... julguei que fosses renunciar doravante aos meus serviços; era lógico, não? Não acho muito recomendáveis essas excursões... — nervoso, falava sem nada dizer.

Irlen sentara-se na poltrona defronte à escrivaninha. Enfiara uma das mãos por entre os botões do paletó; a outra, pousada sobre a mesa, tremia tão fortemente que o arco de ouro do anel escorregara até a articulação (seus dedos, com efeito, haviam emagrecido bastante naqueles últimos tempos).

— Ah, Joseph, nada de sermões — disse com um leve sorriso e enxugando novamente a fronte alagada de suor. — Trata-se de uma prova, de uma experiência. É necessário que, por algum tempo, eu force esta carcaça recalcitrante à obediência. Ao menos por alguns dias. Depois... depois falaremos no resto.

— Não compreendo, Irlen.

— É indispensável que eu me ausente por uma semana, Joseph. Kerkhoven deu um salto: — Como, ausentares-te! No teu estado? Oponho-me formalmente.

— Infelizmente é impossível alterar qualquer coisa em minha decisão — replicou Irlen em tom amável, mas firme. — E preciso que te resignes à ideia. As consequências que esta viagem poderá ter para mim não devem entrar em consideração. Estou certo que me acreditarás quando disser que... enfim, que ela é necessária. Estarei aliás em excelente companhia. Acompanham-me dois de meus amigos e, ademais, o empregado de um deles tem experiência como enfermeiro. Queria que tivesses a bondade de me dar por escrito algumas indicações, para o caso de me acontecer qualquer coisa... O pior que pode suceder, é que sejam obrigados a trazer-me de volta para casa pelo primeiro trem. Bem vêes que não sou excessivamente otimista. Entretanto, não tenho a impressão... não, isso se sente... creio que aguentarei. Queres ter a bondade de... é sobretudo para amparar as crises imprevistas... — Sem dúvida — assegurou Kerkhoven, procurando dominar-se. — Como não!... Tomou seu receituário, sentou-se a um ângulo da escrivaninha e pôs-se a escrever. Sem levantar os olhos, podia ver diante de si a fisionomia de Irlen. Flutuava como um fantasma entre seus olhos e o papel; descarnado, a

pele cor de chumbo, as feições devastadas; o sofrimento e as preocupações haviam-no tornado quase irreconhecível; os olhos ardentes de febre eram duas chamas azuis no fundo das órbitas mergulhadas na sombra pelas sobranceiras brancas e espessas que as abrigavam. Toda a terapêutica, todos os cuidados, todo o seu esforço, toda sua arte, tudo fora inútil. Um homem perdido, reconhecia-o com dolorosa nitidez.

A sensação da própria impotência despertou nele uma raiva tamanha que soltou um gemido e por duas vezes golpeou o solo com os pés. Irlen ergueu para ele um olhar surpreso. Teve um sorriso inexpressivo, pretendeu ter-se enganado, arrancou a folha, rasgou-a em pedacinhos e começou outra. “E este homem quer viajar”, dizia consigo mesmo, refletindo sobre uma maneira de impedi-lo. No mesmo momento, porém, uma espécie de inspiração fê-lo compreender o sacrifício que fazia Irlen. Adivinhou também a que razões secretas obedecia. Subitamente, em menos tempo do que o necessário para respirar, a calma desceu até o fundo de sua alma. “Afinal de contas, viver ou deixar de viver, será assim tão importante?”, perguntava-se interiormente, ao mesmo tempo que escrevia apressadamente. “A vida é uma ficção, tanto quanto a morte; a única coisa importante é, sem dúvida, determinar de que ela vem a ser o preço, pois certamente deve existir algo melhor...”. Pousou a caneta.

— Pronto, aqui tens. O essencial, em algumas linhas — disse, estendendo a folha a Irlen. — Posso saber aonde... — A Londres — respondeu Irlen.

Pelo tom lacônico, Kerkhoven compreendeu que ele não queria estender-se sobre o assunto.

— Espero que não tenhas vindo expressamente para isto — disse, dando outro rumo à conversa e apontando a folha escrita. — Poderias simplesmente me... — Bem sei — interrompeu Irlen. — É certo que te poderia ter chamado. Porém, como te disse, julguei que seria bom fazer uma experiência com a minha frágil carcaça... Além do mais,

nossa última despedida foi tão... tão pouco cortês, que achei-me na obrigação de dar o primeiro passo. Isso prova (fez o gesto desenvolto de afastar qualquer coisa) que não há nada entre nós.

— O contrário ter-me-ia surpreendido — murmurou Kerkhoven.

— E assim sendo — prosseguiu tranquilamente Irlen —, tenho de falar-te sobre alguns pontos referentes ao assunto em questão. Peço licença para exprimir meus... vejamos, como designá-los? Meus escrúpulos. No caso de um amigo, torna-se um dever, não te parece? — Por favor, Irlen! Não sabes a importância que damos à tua aprovação. Palavra imprudente numa situação onde se fugia a uma questão delicada para cair em outra mais delicada ainda. Kerkhoven percebeu-o tarde demais. Irlen disse secamente: — Minha aprovação? Não se trata disso; nada tenho que aprovar ou que julgar. Queria simplesmente atrair tua atenção sobre certas dificuldades de ordem material. Não ignoras que Marie não possui qualquer espécie de fortuna. Sabia disso? É claro. Porém não debes encarar esse fato com levandade. Marie está habituada a uma vida bastante folgada, de que já gozava em casa dos pais. Sem ser rico, o Professor Martersteig gozava, nos últimos anos, de uma situação regular. Conheço-a suficientemente bem para afirmar que não tem grande noção do valor do dinheiro. É dona de uma vontade forte e de muito autodomínio, sob condição, porém, de ter um grande entusiasmo a animá-la. Resta saber se um grande entusiasmo pode durar eternamente. Para uma criatura de sua espécie, é uma aventura terrivelmente arriscada abandonar a zona em que se encontra ao abrigo.

Tal como outrora, o olhar de Kerkhoven vagava em torno de Irlen sem se deter. Sua fisionomia se ensombrecera.

— Sei de tudo isso — disse. — Mais de uma vez o tenho dito a mim mesmo. Apesar de tudo, Irlen — abriu os braços e deixou-os pender ao longo do corpo — tanto pior, correremos o risco.

— Como, Joseph, que risco? O de uma união livre? Tu, casado, médico praticante; ela uma mulher divorciada? Sim, porque pelas nossas leis, não poderão casar-se enquanto tua mulher estiver internada num asilo.

E então? Que farão vocês? Kerkhoven aproximou-se de Irlen que estava sentado e apoiou-lhe com força as duas mãos sobre os ombros.

— Escuta-me, Irlen — disse em voz surda. — Trata-se aqui de assunto em que a razão não tem voz ativa. De outra forma, tudo se desmorona. Se me ponho a refletir longamente, acabo por não saber distinguir um câncer intestinal de uma cólica. Sou um homem de pequena envergadura, Irlen, de pequenas decisões; um homem que se deixou conduzir pelos acontecimentos. É preciso que a vida me agarre pelo colarinho e me atire na correnteza; de outra maneira, sinto-me perdido e não sei como orientar-me. Desta vez, bem o vês, ela agarrou-me de verdade. Dize-me, tenho acaso o aspecto de um aventureiro? Vês, tu mesmo és forçado a rir a esta ideia. Fui atingido, e no mais profundo de mim mesmo, meu caro amigo. Que sucederá depois? Não quero saber. Durante muito tempo tive minha vida determinada com antecedência; pretendo agora mudar de método; o novo será talvez mais acertado.

A cabeça apoiada na mão, Irlen tinha um ar pensativo. Que exuberância de vida, pensava com um movimento de inveja dolorosa, que força dionisiaca! — Eis o que chamo fazer tábua rasa com o passado — disse, como que falando para si mesmo. — Confesso que não me dava conta exata da situação. Enfim, conheces minha opinião. Cada pessoa traz consigo o próprio destino, ao nascer. Os esforços alheios para impedir o mal, imaginário ou real, estão igualmente previstos nesse destino. Tenho fé em ti, Joseph. Tenho em ti uma fé inquebrantável. É como se, ajudado pelos olhos do espírito, pudesse ver-te subir e te realizares a ti mesmo. Esta é uma das mais belas satisfações que tive até hoje na vida. Não nego que imaginara... sim, a princípio tomei-o por uma deserção... As criaturas de minha espécie são atacadas de uma necessidade imperiosa de absoluto... não

concebemos restrições à noção de fidelidade... Não tomes isso como uma censura, Joseph, pelo amor de Deus, mas — levantou a cabeça com um belo sorriso — o outro caminho não é dos mais fáceis, muito embora, como o podes ver, eu mesmo já o tenha seguido — ergueu-se com dificuldade. — Adeus. Breve nos tornaremos a encontrar, espero. Não te preocupes por mim. Vais me acompanhar até embaixo? Ótimo.

Kerkhoven, incapaz de dizer qualquer coisa, pegou a pasta de couro com um movimento nervoso. Na entrada, tomou a bengala e o chapéu do cabide e passou o braço pelo de Irlen. Sentiu que este estremecia e interrogou-o com um olhar assustado. Com um gesto de cabeça, Irlen indicou o espelho do porta-chapéus.

— Curioso — disse — pareceu-me que não podia ver a mim mesmo no espelho. O mesmo fato já me aconteceu uma vez. Foi antes de partir para a África, no hotel, em Marselha. É uma impressão penosa... Dado o estado de saúde de Irlen, sua viagem à Inglaterra era um ato estoico de abnegação de si mesmo e a ideia emanava de uma incompreensão total, inexplicável num cérebro como o seu, da influência que sobre a marcha dos acontecimentos podem ter a iniciativa particular e a dedicação pessoal. É certo que tinha naquele país muitos amigos influentes, tanto nos meios políticos quanto no mundo dos negócios e na indústria dos armamentos; mais de um pertencia mesmo ao círculo de seus íntimos. Antes de entrar para as usinas Kapeller, passara ali seis meses. Fora durante algum tempo hóspede de Lorde Haldane, que conhecera anteriormente em Göttingen e em quem apreciava o homem leal e o fervoroso admirador da filosofia alemã. Haldane, então ministro da guerra, empreendera a tarefa de reorganizar o exército, e Irlen, com o seu conhecimento de causa, pudera dar-lhe conselhos úteis. Por muito tempo mantiveram correspondência. Irlen sabia poder fiar-se no caráter inglês. Uma vez conquistada, a confiança é tão sólida como um carvalho profundamente enraizado. Ele e seus companheiros iam munidos de valiosas recomendações.

A despeito do conhecimento exato que tinha das complicações e interesses internacionais, a despeito do sentimento acabrunhante de que a catástrofe era inevitável, Irlen nutria, sobre o êxito da missão que se impusera a si mesmo, certas ilusões que beiravam a cegueira total. Da Alemanha, é certo, nada tinha a esperar. Nos meios onde deveria ter agido, seu nome era amaldiçoado. Mesmo entre aqueles em quem, há dez anos atrás, depositara confiança, já não encontrava mais o alto senso de responsabilidade, a autoridade que se estende até o futuro, embora não pareça dirigir-se senão ao momento presente. Não havia mais sombra de humildade entre eles. Por que se diziam ainda alemães? Eram vítimas da ilusão falaciosa que os levava a crer no poder da espada. Do outro lado, porém, aprendera-se a levar em conta as realidades e a viver a história. O que ele pretendia era despertar as consciências, fazer um apelo ao espírito europeu. Superestimava o seu próprio poder e, de um modo geral, o poder do indivíduo, e desprezava a força elementar em face da qual condutores e agitadores eram já impotentes, mesmo quando pretendiam ainda dominá-la. Não queria senti-la, nem saber que existia. Porque seu olho profético era capaz de prever todas as consequências, fechava os olhos, num acesso de revolta desesperada, para não ter de enxergá-las. Não pudera suportar isolar-se em seu canto. Tudo bem calculado, não chegara a dormir trinta horas no espaço de três semanas. Seus nervos recusavam-se a obedecer-lhe; não podia digerir alimento algum; em seu cérebro as ideias dispersavam-se, informes e fantasmagóricas; a enfermidade do corpo e a da alma confundiam-se como dois incêndios cujas chamas reunidas não apenas dobram, mas decuplicam seu próprio furor. Suportou bastante bem a travessia. Injeções fortes e estimulantes, tomadas em doses maciças, permitiram-lhe realizar aproximadamente o programa que traçara; desde os primeiros passos, porém, compreendeu a inutilidade de seu esforço. As coisas estavam muito avançadas. Recebiam-no com respeito, ouviam-no cortesmente, pareciam dispostos a aceitar certos pontos, com algumas reservas; ninguém duvidava da pureza de suas intenções; apenas não se ia além da afabilidade de uma conversa íntima. Ninguém acreditava seriamente que fosse possível evitar a guerra e, não obstante toda essa amabilidade, mantinham-se numa reserva extrema. Passou a metade

de uma noite em companhia de Lorde Haldane, em meio a uma montanha de telegramas. O resultado foi nulo. No final, chegava-se sempre a isto: os alemães querem a guerra. O jovem visconde S..., membro do Parlamento e um de seus mais entusiásticos adeptos, confessou-lhe ao fim de uma dramática entrevista: — Não sei se te puseste a caminho com trezentos anos de antecipação ou com trezentos anos de atraso; sei apenas que o momento presente é de todos o mais mal escolhido.

(Seguiu-se a catástrofe. Os amigos tiveram de conduzi-lo até o trem numa padiola. Na tarde de 31 de julho regressava à casa gravemente enfermo, presa de febre alta).

Entre as raras famílias com as quais Kerkhoven mantivera relações amistosas até um ano antes (embora já não o fizesse agora) encontrava-se a do arquiteto Frickart, uma das mais antigas da cidade, gente de bastante dinheiro e costumes patriarcais. No verão, os Frickart tinham por mais de uma vez convidado, a ele e a Nina, a visitar uma propriedade que tinham nos arredores de Berlim. Kerkhoven sentira-se à vontade naquele ambiente despretensioso. Por outro lado, uniam-nos sentimentos de gratidão: a filha mais velha sofrera durante algum tempo de histeria acompanhada de perturbações sensitivas, e ele conseguira curá-la radicalmente. Essa Helene Frickart era uma jovem de notável beleza, de puro tipo francônio; séria, inteligente, com algum talento para escultura, e muito procurada em vista de sua fortuna. Recusara porém todos os partidos, fato que muito desagradava à mãe e à irmã, pois o chefe da família queria conservar-se fiel às tradições e não casar a caçula antes da mais velha, pelo menos dentro de um certo prazo. Kerkhoven afeiçoara-se à moça; quiçá um sentimento mais profundo houvesse nascido nele, contra sua vontade. Quando percebeu, porém, que não era indiferente a Helene, assustou-se e rompeu as relações, sob pretexto de que os deveres profissionais o sobrecarregavam de trabalho. Desde então um ano se passara. Um dia de princípios de julho, a Senhora Frickart viera consultá-lo sobre uma indisposição sem importância. Surpreendeu-o sua expressão satisfeita. Não teve necessidade de interrogá-la; desde as

primeiras palavras trocadas, ela anunciava que Helene estava noiva. Naturalmente, ele quis saber quem era o feliz eleito; ela nomeou-o e enumerou todas as qualidades do rapaz, muito jovem ainda, filho do diretor de uma companhia têxtil; estava em vésperas de formar-se em direito. Kerkhoven prestou atenção. Pediu-lhe que repetisse o nome e a muito custo disfarçou o seu espanto. O jovem em questão viera procurá-lo recentemente devido a uma infecção sifilítica; tratava-se mesmo de uma forma particularmente perniciosa desse mal, tinha o corpo coberto de exantemas. Como não dispunha dos remédios necessários ao caso, e além do mais tinha horror a tudo o que desse a impressão de um trabalho mal feito ou improvisado, enviara-o a um especialista. Não havia confusão possível; não obstante, naquele mesmo dia procurou assegurar-se; tinha o endereço em seu fichário e uma pergunta foi suficiente. Sim, o Senhor Fulano de tal, diretor da companhia têxtil, era realmente o pai do rapaz. O casamento teria lugar em setembro. Helene ia ser arrojada, sem mais nem menos, nos braços de um criminoso. Mais tarde se soube que o rapaz estava crivado de dívidas e que só o casamento imediato com uma herdeira rica poderia salvá-lo de seus credores. Lembrava-se perfeitamente bem do personagem: fanfarrão, elegante, com ares de Don Juan, como se veem tantos por aí. E dizer que uma criatura como Helene não tivera faro para percebê-lo!... Ou então, seria assim que as coisas se passavam quando a moça desistia de se fazer de rogada? Depois de ter debatido seriamente a questão em seu íntimo, escreveu à Senhora Frickart solicitando uma entrevista e, quando veio vê-lo, explicou-lhe calmamente a situação e disse que, como médico da família, devia opor-se ao casamento imediato. A senhora, horrorizada, não o ouviu acrescentar que pedia que guardasse segredo junto a terceiros; saiu como se fugisse. O compromisso foi rompido naquele mesmo dia. É provável que o ex-noivo insistisse para conhecer o motivo; a Senhora Frickart censurou-lhe naturalmente o procedimento leviano e, como ele procurasse negar descaradamente, invocou o nome de Kerkhoven sem refletir nas consequências de sua indiscrição. Desde esse momento, o caso complicou-se. O noivo vergonhosamente despedido, furioso de ver frustradas suas esperanças, denunciou Kerkhoven ao sindicato dos médicos por violação do segredo profissional. Foi

intimado a comparecer e a justificar-se, o que na realidade fez. Nada se podia fazer contra ele, mas por contrariar as prescrições da corporação foi objeto de uma censura. O caso fez sensação, de que se aproveitaram os jornais. Não faltaram, mesmo entre os colegas, os que tomaram partido a seu favor, o que não impediu que a história lhe trouxesse muitos aborrecimentos; nas últimas semanas roubara-lhe toda a tranquilidade de espírito e perturbara-o em estudos importantes. Felizmente, o interesse do público não tardou a transferir-se para acontecimentos de natureza completamente diversa, aos quais é preciso dizer que Kerkhoven pouca atenção prestou. Pouco ou nada sabia do que se passava no mundo. Nesses dias em que, para dizer a verdade, ninguém trabalhava com regularidade e em que as ruas tomavam o aspecto de recintos de assembleia repletos de gente, um problema de embriologia preocupava-o entre muitos outros: quinze anos antes que a ciência oficial se ocupasse da questão, procurava realizar o transplante de elementos ovulares para determinar no animal o sexo do embrião. Acreditava ademais ter encontrado por fim um produto muito mais eficaz que todos os que se conhecia até então para o combate à tripanossomíase.

Contou a Marie o caso Frickart em todos os seus pormenores, bem como o conflito que sua decisão o fizera enfrentar. Marie não compreendia que ele houvesse hesitado um só instante, quando tudo o que correspondia à estrita justiça estava igualmente de acordo com as conveniências e com o seu dever de homem. Na rua, ouviam gritar os últimos telegramas. Kerkhoven disse: — As criaturas se prostituem; atraíçoa-se Pedro para servir a Paulo, atraçoam-se as obrigações e a liberdade, as convicções e a lei. Os homens são realmente criaturas lamentáveis. Não somente não atingem nunca a idade da razão, como tampouco querem reconhecer que outros a tenham atingido. Que se seja alguém e se faça obra proveitosa, nada pedem de melhor, contanto que ao mesmo tempo nos ponhamos de joelhos a seus pés. Vês como as coisas se passam, querida? Falta-me o solo sob os pés. Um não sei quê arrastou-me num turbilhão. É engraçado. Sinto em mim qualquer coisa que desloca toda minha vida, que a revoluciona de cima a baixo,

mas não poderia dizer-te o que seja. É como se estivesse no fogo de uma forja para ser fundido em outro molde.

— E eu? — murmurou Marie muito próxima de seus lábios. — Que fazes de mim durante esse tempo? — Tu? Também estás comigo. A fornalha te incorpora a mim.

De volta à casa com a alma repleta de uma alegria quase religiosa, Marie passeou durante algum tempo pelo jardim. Chovera, os caminhos e os arbustos estavam ainda úmidos; a capitosa fragrância das flores pairava no ar quase como uma névoa. Colheu delicadamente uma rosa aberta e nela mergulhou o rosto, e também os olhos, como para fundir-se na flor com todos os seus sentidos. Um sorriso terno, embriagado de ternura, não abandonava seus lábios; seu sangue estava saturado de felicidade. Cada dia a recolhia em quantidade tal que tinha suficiente para emprestá-la à noite. Tinha frequentemente a impressão de encher-se de um doce mel, como um fruto ao sol. A vaga de fundo não atingira ainda o ponto da margem onde procurara refúgio por um momento, breve como a duração de um sonho.

Dois dias depois, voltou para casa mais tarde do que de costume e, depois de ter tirado o chapéu e as luvas em seu quarto, apressou-se em dar boa-noite a Aleid. Esperava encontrá-la ainda acordada, pois a governante costumava esperá-la quando se demorava. A expressão inquieta da criada não lhe chamou particularmente a atenção; perguntou apenas se Ernst se encontrava em casa. Responderam-lhe que trabalhava em sua biblioteca. Quando abriu a porta do quarto da menina, deteve-se no umbral com uma exclamação de surpresa. Não havia ninguém. As janelas escancaradas, a colcha de cetim azul ainda sobre o leito, alguns brinquedos pelo chão: uma boneca, umas casinhas de madeira. Ninguém. A arrumadeira, que a seguira, informou com um tom de voz atemorizado: — A Senhora Irlen esteve aqui esta tarde e levou Aleid e a governante. Partiram de automóvel. A senhora disse que Aleid precisava passar algum tempo no campo.

Marie fitou-a com os olhos muito abertos. Sem proferir palavra, voltou-se e dirigiu-se quase correndo para a biblioteca. Ao vê-la entrar como uma rajada de vento, Ernst levantou-se da escrivaninha. Sua fronte enrugou-se como a de um velho.

— Onde está Aleid? — perguntou ela, trêmula de emoção; e como ele não respondesse: — Fale, vamos, onde está Aleid? Que fizeram vocês da criança? Ele conseguiu responder com voz pouco firme: — A avó quis... E ela, quase louca de impaciência: — O quê? Fale logo, pelo amor de Deus!... Que foi que ela quis?... Onde está minha filha? Sacudia-o pelo ombro. Ernst respondeu contrafeito: — Não sei de nada, Marie. Ela ficou de falar-me mais tarde. Disse-me... Não me deixava tranquilo... Interrompeu-se. Não podia encarar Marie de frente. Jamais vira sua mulher naquele estado. É preciso confessar que carecia realmente de imaginação, para não esperar vê-la reagir desse modo. Marie conservou-se por longo tempo em silêncio. As “f lores pálidas” mantinham-se exageradamente abertas, mal se notava o bater das pálpebras. Por um momento pensou em pôr Kerkhoven a par do ocorrido, mas rejeitou a ideia com raiva. Não, não iria correr imediatamente atrás de seu protetor para importuná-lo com problemas; não era este o papel que lhe cabia; ele mesmo carregava já um fardo bem pesado. Trataria de arranjar-se sozinha. Num tom duro e com um ligeiro movimento de desprezo de cabeça, chamou-o: — Vem! E como Ernst a fitasse, indeciso, tomou-o pela mão.

— Vamos procurá-la — ordenou. — Tenho que falar-lhe e quero que estejas presente. Quero ver se diante dela também me trairás.

Ele não opôs resistência e seguiu-a, cabisbaixo. Embaixo, a criada informou-os de que a Senhora Irlen ainda não chegara.

— Então, esperaremos — declarou Marie.

Entrou antes dele no salão. O esplendor do poente iluminava a peça. Ela sentiu que Irlen faltava na casa, como se fosse ele o verdadeiro dono, e em sua ausência a desordem imperasse. Ernst sentou-se junto

da janela e ali ficou, o olhar fixo no jardim. Marie andava de um para outro lado. O tapete espesso abafava-lhe o ruído dos passos. Finalmente, ouviram a voz da Senhora Irlen. Alguns minutos se passaram ainda antes que penetrasse no aposento. Não tinha pressa, embora a criada a houvesse informado de que a esperavam e de quem se tratava. Marie deteve-se no meio da sala, o olhar fixo na porta. Ao avistar a velha senhora, empalideceu subitamente. A Senhora Irlen distribuiu em torno de si um sorriso convencional, como se estivesse numa recepção. Parecia uma boneca de cabelos brancos. Tinha as faces lisas como porcelana. Usava um pequeno chapéu de viúva e uma mantilha de renda. Tinha um ar imponente e sedutor. Quando Marie fez um movimento em sua direção, endireitou o porte e seu sorriso de rainha desvaneceu-se.

— Espero que possamos nos entender, vovó — disse Marie. — Permite que eu continue a chamá-la assim? Nos entender, quero dizer que estou disposta a esquecer o que se passou se o mal for reparado imediatamente.

Não me deixarei intimidar pela violência. A senhora parece esquecer de que ainda sou a esposa de seu neto. Nunca ouvi dizer que se separassem os filhos dos pais porque estes haviam decidido separar-se. É singular. Se se trata de fazer pressão sobre mim, a medida é um tanto precipitada. Que esperam obter por esse meio? Exijo que mandem buscar Aleid imediatamente, onde quer que ela se encontre. Não sairei desta sala enquanto não a trouxerem, nem que me seja preciso esperar a noite inteira e todo o dia de amanhã. Quer ter a bondade, vovó, de tomar as medidas necessárias? A Senhora Irlen não se moveu. Estava assaz perplexa. Aquela criatura adotava realmente uma linguagem estranha. Entretanto, a coragem e a energia de Marie não deixaram de impressioná-la. Não estava mais segura de si mesma. Sentia-se na posição daquele que dispara um tiro para intimidar o adversário e percebe, muito a contragosto, que o golpe vira contra ele mesmo. Essas pessoas que vivem num mundo onde tudo é sacrificado às aparências, desempenham um papel, mesmo quando fazem o mal, e não lhe percebem claramente as consequências; passam em seguida a agir

mais por obstinação do que para seguir uma norma de conduta, mais por engano que por maldade. São crianças envelhecidas. Foi por pura obstinação que replicou, com sua voz clara e queixosa: — Nós não podíamos deixar-te a ilusão de poderes arrastar essa inocente criança a uma vida aventureira.

— Nós? — indagou Marie, surpresa. — Por que nós? Foi o próprio Ernst quem me ofereceu... — Não é verdade; as concessões feitas numa situação como a dele não podem comprometer a ninguém — disse a Senhora Irlen cortando-lhe a palavra. — E depois, ele é demasiado confiante para poder destruir teus artifícios.

Marie ergueu os ombros como se tremesse de frio e voltou lentamente o rosto para o marido; este ergueu-se, deu alguns passos, levou bruscamente a mão à garganta e emudeceu.

— Vejo que estou só — disse então Marie. — Sempre me considerei aqui como uma hóspede; nunca deixei de dizê-lo a Ernst. Terei porventura esperado um pouco mais que o necessário para abandonar esta casa realmente muito, muito hospitaleira. É preciso que sofra as consequências. É essa tua última palavra, Ernst — essa palavra que não pronuncias e que faz de ti um covarde, e de mim, uma mentirosa? É impossível, não te reconheço! — É insuportável — falou Ernst, torturado. — Marie tem razão, vovó... mil vezes perdão... perdoa-me. Marie, suplico-te... Com razão não me reconheces; não voltei a ser eu mesmo... Olho as pessoas, escuto-as falar e de nada sei, não compreendo nada... Estejas certa de que Aleid será trazida de volta hoje mesmo. Confia em mim.

Aproximou-se de Marie e, inclinando-se, beijou-lhe a mão. A Senhora Irlen passeou o olhar de um a outro, calma e desdenhosa na aparência, mas com a sensação da mulher mal recompensada em sua dedicação. Levara a criança para casa de uma amiga, a quem explicara antecipadamente a situação. Julgara que com isso Marie abandonaria definitivamente o marido, e então lhe seria fácil decidir Ernst a partir para algum lugar com ela e a menina. Seu plano falhara

lamentavelmente. Marie despediu a governante nessa mesma noite e fez transportar a cama de Aleid para o seu quarto. Passou a noite sem dormir, ouvindo a respiração calma da menina. Em seu íntimo, não havia paz; nela, reinava o tumulto, como lá fora, no mundo. Agora começava a compreender. Palavras obscuras martelavam-lhe os ouvidos: estava escrito que ele não encontraria repouso em parte alguma... “E eu tampouco”, dizia consigo mesma sem temor, com um sorriso... Kerkhoven fora ver Irlen logo que este regressara. Encontrou-o bastante mal, numa prostração completa. Desse sono letárgico só despertou por volta das nove da noite. Tinha as mãos, o pescoço e o peito recobertos de uma erupção papulosa; os braços e as pernas estavam literalmente descarnados. Trinta e nove graus e meio de febre. Estava deitado, os joelhos apertados contra o ventre. O coração saltava-lhe no peito como uma bola de borracha. Kerkhoven passara meia hora no telefone procurando obter uma enfermeira. Em meio à confusão e à agitação geral, fora impossível encontrar uma. Encolerizada contra o neto, a Senhora Irlen partira naquela manhã para Hamburgo; apenas Marie estava presente para vigiar o doente e dar-lhe os cuidados indispensáveis; prontificara-se naturalmente a esperar a volta de Kerkhoven, a qualquer hora que fosse. Ernst assistia a uma solenidade na faculdade.

— Quer a má sorte que justamente hoje tenha de atender a vários casos graves — disse Kerkhoven a Marie, já no umbral da porta. — Presta bem atenção, não o deixes um minuto sozinho, e às onze chama-me pelo telefone; deixei anotado o número.

Com um gesto débil, Irlen chamou-o. Aproximou-se do leito: um olhar obrigou-o a debruçar-se. Irlen balbuciou: — Dentro de três ou quatro horas, bem sei... estarei de novo... poderei certamente... acontece sempre assim... É verdade que os intervalos agora são mais curtos... Temos que conversar, Joseph, sobre vários assuntos... Que era mesmo o que queria dizer? Ainda tens tudo contigo... para as injeções e tudo mais... minha provisão esgotou-se... a morfina também, não? Então, está bem, querido amigo... Quando voltares...

não te demores muito... poderei certamente ir ao teu encontro... Teve um pálido sorriso e virou a cabeça para a parede.

Kerkhoven não pôde estar livre antes de meia-noite e um quarto. Na maioria das ruas, os lampiões de iluminação estavam apagados. Foi obrigado a caminhar, pois não encontrou um táxi em parte alguma. Andava rapidamente; a mala de socorros pesava-lhe, embora estivesse habituado a carregá-la. O vento lançava-lhe em rosto uma poeira quente. Distinguia ao longe o passo cadenciado das colunas de infantaria e o ruído dos pesados caminhões de transporte. Sons de clarim ecoaram em meio a uma atmosfera de pesadelo. Uma sirene apitou. Num banco de praça, uma mulher chorava. A noite fazia pensar no interior de uma imensa cova de toupeiras. Chegou, finalmente. Marie precipitou-se ao seu encontro.

— Imagina que se levantou! Era verdade. Irlen estava sentado numa poltrona. Fez, na direção de Kerkhoven, um gesto de doloroso triunfo: enfiar o sobretudo por cima do pijama. A cabeça continuava erguida sobre os ombros fortes, mas o rosto estava encovado; a pele formava rugas, os gestos eram bruscos e, ao mesmo tempo, a chama azul que outrora lhe brilhava nos olhos... Marie, de pé contra a porta, teve de encostar-se ao umbral, tão trêmula estava. Com um rápido “boa noite” que se assemelhava a um soluço, desapareceu.

Estará acima de minhas forças, já o pressinto, e acima dos meios de expressão da língua humana, reproduzir a conversa que teve lugar então entre os dois homens. Tentarei anotar o que dela pude fixar, certas alusões — o rumo da conversa, as ideias gerais, fragmentos de diálogos. Receio que o sentido mais profundo não escape ao verbo e, em mais de um ponto, à própria compreensão. Aqui, Kerkhoven já não nos aparece mais como o indivíduo consciente de seus atos, senão antes como o simples instrumento desse indivíduo, ou como aquele que em um passe de mágica forçou-se a escapar aos moldes de sua personalidade e a manter-se por algum tempo nesse estado, por assim dizer de semidesencarnação. Desde o início, uma inibição manifestara-se nele de maneira inegável. Por exemplo, quando ao cabo

de dez minutos que passaram em silêncio, sentados em face um do outro, Irlen pediu-lhe que verificasse se realmente não havia ninguém no quarto vizinho, esperou um minuto antes de levantar-se, para depois enganar-se de porta e não se dirigir à mesma que Marie usara para sair. (Irlen temia provavelmente que Marie não se houvesse decidido a subir e permanecesse no quarto ao lado, na escuridão. Com ela, porém, não havia o que temer: em circunstância alguma, nem mesmo involuntariamente, teria se permitido escutar atrás das portas). Outro detalhe extraordinário é que foi Irlen, às portas da morte, quem falou quase todo o tempo — e no entanto, cada jogo de fisionomia, cada gesto traía o esforço que isso lhe custava —, enquanto Kerkhoven, encolhido sobre si mesmo na poltrona, não emergia senão lentamente de suas meditações. A primeira pergunta de Irlen tivera já o poder de transtorná-lo; preferiu absorver-se em si mesmo a responder e, em lugar de refletir sobre o que poderia dizer, tinha o espírito ocupado pelo problema fisiológico que Irlen representava, perguntando-se se seria por um milagre da natureza ou das forças morais que conseguia ainda manter-se de pé, para não mencionar sua atitude, a facilidade com que se exprimia (fechando os olhos, poder-se-ia acreditar que mantinha uma conversa fácil de salão). Se não se tratava de uma graça passageira, de uma euforia, era a vontade que aniquilava o demônio da doença, uma autodisciplina que penetrava até o âmago do ser, e a energia de uma alma varonil. A pergunta que Kerkhoven secretamente temia e pela qual Irlen deu início à conversa, não era dessas que se possa colocar de lado. Não fora feita no tom que assumem, habitualmente, os doentes condenados, para fingir coragem e tranquilidade de espírito, quando na realidade o medo lhes aperta a garganta; foi com uma intenção evidente que perguntou se sua consciência lhe permitia, a ele, Dr. Kerkhoven, aliviar os seus sofrimentos. Uma frase lacônica fora sua resposta afirmativa: “Quanto tempo me resta ainda de vida?”. São muitos os que formulam essa pergunta. (A mão na consciência, doutor, dizem com um piscar de olhos de conivência, e as asas do nariz empalidecem). Aqui, porém, ela pressupunha uma resolução adotada, um veredito irrevogável. Inútil prosseguir; acabemos com isso, é uma questão encerrada.

— Estamos hoje num terreno novo, Joseph. Teremos que abstrair das convenções e dos motivos pessoais; teremos que abstrair do sentimento e de um conceito superficial de dever. Não podes esperar comover-me com a argumentação que me apresentaria um sacerdote qualquer. Dize-me então francamente: quantos dias ou semanas me dás ainda de vida? Kerkhoven procura uma evasiva. É impossível afirmar com antecedência uma coisa dessas. Médico algum ousaria tomar essa responsabilidade. Gaguejou algo nesse sentido num tom brusco, quase ofendido. Os fatos não estão ali para provar o quanto seu estado é passível de mudança? No momento em que menos se espera, pode sobrevir uma melhora. Pode ainda curar-se e mesmo recuperar a saúde. Intervir nos desígnios da Providência? Correr o risco de apagar a fagulha que pode reanimar a chama? Loucura. Loucura. (As palavras saem naturalmente aos pedaços, por sílabas, por exclamações). Passa os braços em torno dos joelhos e encerra-se num mutismo hostil. Um sorriso espectral reflete-se por um segundo na fisionomia de Irlen. Aquele homem, aquele amigo, não compreende, não compreende absolutamente. Como podem ser obtusos por vezes esses homens de gênio! Como que para apoiar esse juízo arrasador, Kerkhoven põe-se a discorrer num tom provocante e agastado sobre o preparado que fabricou naqueles últimos dias com o auxílio de um excelente farmacologista. Espera da droga um efeito seguro. Magoado com essa loquacidade, Irlen baixa a cabeça. Não pode reprimir um pequeno riso. Kerkhoven encara-o, surpreso. Raramente ouviu Irlen rir dessa maneira, como se um pensamento oculto o divertisse. Irlen reflete longamente. A emoção o empolga. Descobre em si mesmo, em relação a Kerkhoven, um sentimento inteiramente novo, análogo ao que se experimenta por um irmão menor, em relação ao qual é preciso usar de indulgência e que se deve guiar. Tal constatação, ao contrário do que seria de esperar, torna-o talvez ainda mais querido que o companheiro robusto em quem se habituara a encontrar um apoio. Inclinando-se para diante, apoia a mão no joelho de Kerkhoven. Fala sobre sua vida, passando-a em revista em estilo telegráfico. Foi vítima de uma ilusão. O profeta predisse a destruição do templo, e ele será sepultado sob os escombros. Impulso grandioso, queda lamentável. A ilusão que alimentara de formar um corpo só com o seu povo, de estar

mesclado a ele até o íntimo da alma, permite-lhe reconhecer, tarde demais, não passar de um estrangeiro entre esse mesmo povo. Esteve em comunhão com os melhores, viveu no ódio e no desprezo da massa. Embora seja loucura esperar a recompensa de um sacrifício ou de uma dedicação, julga que deveria ter havido um resultado qualquer, por ínfimo que fosse. Nada, nenhum. Só os empreendimentos sem base sólida nem forma definida têm probabilidade de colher resultados. A Alemanha está perdida, sente-o, tem o pressentimento disso. Tempos difíceis se avizinham. A partida está perdida. Kerkhoven não pode medir todo o alcance dessa palavra. Para isso é preciso ter nutrido o sonho de uma missão a desempenhar. Tudo foi inútil. Durante vinte anos, ter lutado para firmar vínculos de união, sem resultado algum. *Morituri te salutant*, Europa.²³ Que deve fazer? Meter-se na cama e ler os jornais? Se montar a cavalo, pode acontecer-lhe degringolar na lama na primeira esquina, saudado pelas risadas dos jovens soldados. Se se isolar em sua cova, alimentando durante algum tempo ainda com medicamentos sua carcaça em decomposição, morrerá de vergonha e de dor. Para que viver? Com que fim arrastar por mais tempo a existência? Para morrer no fim como uma mulher velha com a tristeza de não ter podido, no fim de contas, pagar o último preço? Um silêncio.

— Agora me compreendes melhor, Joseph? Kerkhoven parecia ter deixado de existir, estar totalmente aniquilado.

Mudando de tom, Irlen falou em seguida calmamente: — Poderás objetar: para que precisa de mim, se já tem a decisão tomada? Para que toda essa explicação, se não faltam os métodos ao alcance; basta selecionar uma e consumir o intento. Muito bem. Acontece, porém, que, em primeiro lugar, gostaria de escolher o meio mais rápido, mais seguro, menos doloroso, guiado de certa forma por um especialista. Não há motivo para zangar-se por isso. Em segundo lugar, o assunto deve ser arranjado de maneira a não despertar em terceiros a suspeita de minha participação. Isso me desagradaria. No estado em que me encontro, o fato não surpreenderá a ninguém... E por último, Joseph: ao partir, ser-me-ia agradável a ideia de receber a morte como um

presente de tuas mãos. Isso, naturalmente, não o deves tomar ao pé da letra. Não é que me amedronte o gesto final, mas insisto na ideia de que seja um dom de tuas mãos... Kerkhoven ergue-se pesadamente; atravessa por duas vezes o quarto e detém-se fora do campo luminoso do abajur. O que esse pedido tem de monstruoso aparece-lhe em toda sua força e deixa-o subjugado. Os preliminares não passam de palavreado vão, mas esse pedido é decisivo. Impossível escapar. Quer falar, mas suas cordas vocais parece que foram cortadas. Quer clarear a voz e põe-se a tossir, os esforços para dominar a irritação trazem-lhe lágrimas aos olhos.

— Que me aconselharias? — indaga Irlen suavemente, com um tom de acentuada deferência. — Morfina? Uma mistura? Morfina e escopolamina? Assim pensei. Em injeção, naturalmente. Trouxeste tudo? Fui eu quem o sugeri, não é verdade? Basta deixá-lo então sobre a mesa de cabeceira, antes de partires.

O acesso de tosse passou, graças a Deus. Kerkhoven reflete: que está dizendo aquele homem? Não chegamos ainda àquele ponto. Não deixou contudo de confirmar ou negar com a cabeça as diferentes perguntas de Irlen, manifestando portanto sua aquiescência à ideia. Haverá porventura no aposento dois Kerkhovens, um que se deixou convencer e reconhece a terrível necessidade — que não apenas a reconhece, mas há muito tempo está preparado para esse ato de caridade, para esse serviço fraternal, comovido pelo sofrimento bíblico desse pobre Lázaro — e um outro que se insurge e resiste, porque sua função é a de defender a vida contra a morte até o fim, até o último suspiro? Na verdade, sim, ali estão os dois, o homem de misericórdia e o homem de justiça. Estão em luta, não podem chegar a um acordo nesse problema essencial, e no entanto, debaixo da janela, o canto matinal de uma cotovia já se faz ouvir, se bem que ainda pesado de sono. Irlen tenta penetrar a sombra onde Kerkhoven refugiou-se como num esconderijo.

— Realmente gostaria de saber o que tanto te faz hesitar — disse com um movimento de ombros. — É contra a natureza, Johann.

— Isto nada significa. Toda a nossa vida é contra a natureza.

— Não, e talvez sim. Entretanto, tudo isso me parece uma tremenda impostura. É como se eu quebrasse aquele relógio, sob pretexto de deter a marcha do tempo.

— Nada veria de extraordinário nisso, se o relógio não passasse de uma armadilha. Acaso a morte não deve arrancar-me ao tempo? — Que sabes tu da morte? E eu, que sei sobre ela? Se ao menos pudesse saber alguma coisa sobre a vida. Ignoro se a pressão arterial depende do sistema nervoso ou periférico, se ela é devida à ação dos humores ou se é reflexa, se é regulada pelos rins ou pelo cérebro. Nem mesmo isso sei.

— Tens razão; é como se vagássemos por este mundo envoltos num manto, do qual nosso olhar não lograsse divisar mais que a extremidade das franjas.

— Acreditamos poder romper a determinação dos órgãos que querem estar enfermos — disse Kerkhoven negligentemente, sem relação aparente com a observação anterior. — Ora, cada órgão tem a vocação do martírio, como sucede com o homem inteiro. Apenas, ninguém o percebe. Há nisso um grande mistério.

Irlen concordou.

— Um dia fiz esse raciocínio — disse. — Que a vida nasce naquele ponto do cosmos em que a matéria e o espírito se confundem na intenção de destruírem-se mutuamente. A matéria sendo de longe a mais forte, poder-se-ia deduzir que não vivemos senão porque a morte assim o permite.

Kerkhoven mordeu os lábios sem conseguir pronunciar uma palavra.

“Pouco importa”, disse consigo mesmo, “se amanhã já não o ouvir mais falar”. Irlen voltou-se para ele, a fisionomia iluminada.

— Lembras-te, Joseph, de há muito tempo me dizeres que te faltava... qual era mesmo a palavra? Um complemento. Sim, um complemento. Se me tivesses dentro de ti, dizias, poderias vir a ser qualquer coisa de grande... Sim, era mais ou menos isso. Em todo caso, era elogioso para mim. Creio ter respondido que não se podia afirmá-lo com certeza, uma vez que nos faltavam até agora dados concretos sobre o assunto, ou qualquer coisa no gênero... — Sim, recordo-me — disse Kerkhoven, emergindo finalmente da sombra. — Que te levou a pensar nisso? Fitavam-se nos olhos sem pronunciar palavra.

— Os antigos livros persas mencionam com frequência os *feruhers* — prosseguiu Irlen, fechando as pálpebras com os dedos. — São chamados os “feruhers dos puros”. Representam uma parte da alma humana, mas têm vida independente do corpo. Pretende-se que não podem permanecer num corpo entregue à destruição. Tampouco podem ser destruídos, como a consciência moral ou a noção de si mesmo, que estes são possíveis de aniquilamento. Os feruhers não estão ligados a um só e mesmo organismo, podem buscar outra morada, sob a condição de ser a de um homem puro. Da parte deles, é um sacrifício livremente consentido. Eis o que me contaram a esse propósito. É maravilhoso, escuta. Antes de mandá-los à terra, seus deuses indagaram sobre o que preferiam: penetrar nos corpos e lutar contra os drujas, ou seja, os espíritos do mal, para voltarem a ser imortais e possuírem a eterna juventude, ficando a salvo de todo ataque uma vez vencidos aqueles, ou continuar no céu; neste caso deveriam oferecer aos drujas um combate eterno. Ora, eles consentiram em passar algum tempo a serviço do bem, no mundo material. Assim, cada ser vivo tem o seu feruher, mas alguns raros eleitos chegam a possuir dois ou três. Curioso, não te parece? — Sim, bastante curioso — repetiu Kerkhoven retendo a respiração. O silêncio tornou a cair.

Lá fora, o dia começava a clarear. O chamado da cotovia solitária cedera lugar a um concerto de cem vozes.

— Agora é preciso partir — disse Irlen. — Despedir-nos-emos quando tu... quando aquele pequeno assunto for liquidado.

Quando o “pequeno assunto” foi resolvido, estenderam-se as duas mãos. Irlen pusera-se de pé. Permaneceram assim, fitando-se nos olhos, até o momento em que Kerkhoven se desprende. Nenhuma palavra foi proferida. No vestibulo, onde a escuridão reinava ainda, Kerkhoven apoiou a fronte contra a parede e chorou sem ruído. Só pelo movimento convulso de seus ombros podia-se perceber que soluçava.

No que diz respeito a esse período da vida de Kerkhoven, deveríamos nos deter aqui. A cortina poderia descer neste ponto. Não há qualquer interesse em seguir os acontecimentos exteriores que se relacionam com a morte de Irlen e que perderam-se na voragem dos acontecimentos políticos; os destinos individuais desaparecem nessa voragem como um punhado de sal no oceano. Resta-nos apenas referir ainda uma singular disposição de espírito em que Kerkhoven mergulhou imediatamente após sua entrevista noturna com Irlen e que perdurou aproximadamente até a data de sua mobilização, isto é, cerca de cinco semanas. Sem transição sensível, encontrou-se logo depois num estado totalmente diverso e quase oposto, muito embora mais tarde, em plena luta, fosse possível constatar, de tempos em tempos, algumas recaídas. Semelhante fenômeno parece pouco frequente. Consultando as obras que versam sobre essas questões, não pude encontrar senão poucos esclarecimentos, e estes mesmo estão longe de concordar em todos os pontos com o caso que nos ocupa. Este faz pensar, acima de tudo, numa apraxia, num desequilíbrio patológico do espírito, na abolição do sentido exato do uso dos objetos, acrescido da incapacidade de reter determinadas imagens e de executar certos movimentos. Por momentos afetava mesmo a forma de um estupor alucinatório, se bem que as perturbações de consciência não fossem mais que passageiras (salvo uma única exceção em que essas perturbações se prolongaram pelo espaço de quatro dias). Não podia tratar-se de uma doença propriamente dita, já que o fenômeno não se manifestava senão incidentemente e em um só e determinado

período de sua vida. Na aparência, Kerkhoven fez pensar durante essas cinco semanas no homem que, percorrendo uma região desconhecida, perde seu caminho à entrada da noite. Ou ainda se poderia dizer que, de longe em longe, a realidade apagava-se nele como uma chama mal alimentada (o que o levou a cuidar do exercício de sua profissão, a ponto de sua clientela acabar por dispersar-se por completo. Os recursos vinham a faltar-lhe por esse lado, os fatos poderiam ter tomado uma orientação desfavorável — as economias de que dispunham eram verdadeiramente insignificantes —, não fora o generoso legado que lhe fizera Irlen em seu testamento, legado, aliás, que não lhe veio ter nas mãos senão muito mais tarde). Considerado do ponto de vista psicológico como uma experiência moral, o fenômeno assume proporções e formas que ultrapassam de muito o campo da patologia. Se a alma não é mais que uma resultante das reações químico-físicas, como o pretendem os sábios mais avançados, é incontestável que nos defrontamos aqui com um problema insolúvel.

Os acontecimentos decisivos desenrolaram-se entre duas visitas a Nina, como entre duas estações de controle, e isso no espaço daquelas cinco semanas a que nos referimos. É nesse lapso de tempo que se encontra a chave do mistério; mas ninguém, e Kerkhoven menos do que todos, seria capaz de nos fornecer o menor esclarecimento a esse respeito. O tempo que mediou entre as duas visitas faz pensar numa viagem da qual se regressa aparentemente tal qual se partiu, mas na realidade metamorfoseado.

No dia do enterro de Irlen, pelo fim da tarde, dirigiu-se ao asilo de alienados. “É preciso cultivar a memória dos nossos mortos”, refletiu com cinismo. O médico informou-o de que Nina está agora insensível a toda e qualquer impressão exterior, mantendo-se perpetuamente concentrada sobre si mesma, sem atender a qualquer solicitação e a grande custo consentindo em tomar algum alimento. Kerkhoven acreditava que essa atitude se modificaria em relação a ele, mas enganava-se. Pareceu nem mesmo aperceber-se de sua presença. Quando ele entrou, nem sequer ergueu a cabeça. Estava sentada na borda da cadeira, como que pronta a precipitar-se e fugir ao menor

movimento; gesto este, entretanto, que nunca realizou, embora mantivesse sempre a mesma posição. Tinha o busto levemente inclinado; as mãos, pousadas abertas sobre a mesa, com os dedos afastados, faziam efeito de objetos estranhos ao seu corpo. Seu olhar ia e vinha, passando lentamente em revista as unhas; afora isso, parecia nada mais enxergar. Kerkhoven chamou-a pelo nome. Nada. Nem o mais leve movimento. Trouxera consigo um ramo de cravos, que colocou em sua frente. Nada. Nem um sinal; fixava exclusivamente as unhas; as pupilas moviam-se maquinalmente da esquerda para a direita, da direita para a esquerda. Tocou-lhe levemente o ombro com a mão. Foi como se tocasse no encosto de uma cadeira. Sua boca já não sorria; não o reconhecia mais. Dir-se-ia uma cena dos infernos, sombria e desolada. Kerkhoven afastou-se. Durante todo o trajeto de volta mostrou-se profundamente perturbado.

Então começou aquele estado de semi-inconsciência que tinha algo de uma sonolência e o mantinha estranho a si próprio e indiferente a tudo que o cercava. Esperava alguma coisa sem saber o quê. Vagava sem rumo, falava com as pessoas sem compreendê-las. Sua atitude traía por vezes a hesitação, a atenção tensa que se observa num médium hipnotizado à distância. Havia momentos em que a memória lhe faltava; esquecia as coisas que se propusera fazer, e ia visitar por exemplo um doente curado há longo tempo, enquanto descuidava de ver outro que reclamava urgentemente sua presença. Formulando uma prescrição, pensando uma chaga, acontecia-lhe deter-se um ou dois minutos como que petrificado, perdido nos próprios pensamentos, ante a surpresa e a emoção dos presentes. Levava então a mão à fronte com um sorriso contrafeito e precisava fazer um esforço para despertar para uma realidade que lhe escapava como escapa de nossas mãos o dia que passa. Ao mesmo tempo, aplicava-se em banir do espírito de Marie a inquietação que às vezes a invadia e que só um olhar atemorizado ou um estremecimento dos lábios costumavam revelar. Razão alguma justificava, no fundo, essa inquietação. Quando não era observado de perto, parecia uma pessoa como as outras; apenas, aos olhos de Marie, ele nunca fora igual aos outros, e isso lhe permitia observar mais nitidamente a modificação nele ocorrida. Por

essa época, teve um sonho que assumia, a bem dizer, o caráter de um comentário, a tal ponto traduzia exatamente a sensação divinatória que ela experimentava. Viu, completamente isolada numa região afastada, uma bela vivenda de aspecto imponente que vira já frequentes vezes e que lhe era familiar e querida — e disso teve consciência no sonho. Fato curioso, essa casa era desprovida de janelas; não possuía mais que uma imensa porta de ferro; afora isso, os muros de pedra lisa erguiam-se de todos os lados sem solução de continuidade. Ora, enquanto se detinha a contemplar longamente a casa, com uma atenção concentrada, sentiu crescer nela uma agitação que não pôde explicar senão depois de lhe ter descoberto a causa: o interior da habitação estava em chamas; ela mesma estava interiormente devorada pelo fogo. Não se viam traços deste sobre o teto, nem sobre a fachada, nem na porta; o que não a impedia de saber que tudo ardia no interior. Diante dessa revelação de seu pesadelo, despertou.

Marie não podia dedicar a Kerkhoven todas as horas que gostaria de passar ao seu lado. Infatigável no amor que lhe consagrava, era-o igualmente em todas as outras formas do amor: acudia a um número enorme de pessoas. Suas amigas conservaram dela a lembrança de uma pessoa sempre pronta a prodigalizar-se sem restrições pelos demais. Durante o dia, enquanto tinha de enfrentar todas as dificuldades e repartir-se entre numerosas tarefas úteis, nenhum sinal transparecia nela das noites de insônia que passava, presa das visões sangrentas que sua imaginação evocava; nada deixava transparecer a sede de paz monacal que a atormentava em vista dos horrores que se abatiam sobre o mundo. Ernst Bergmann, em sua qualidade de oficial de reserva, fora obrigado a reunir-se ao seu batalhão desde a primeira semana da guerra. O processo de divórcio, já introduzido, fora suspenso. (Não foi necessário retomá-lo, pois, no mês de outubro, Ernst foi morto na frente belga). Em fins de agosto, ela teve de ir a Dresden, onde vivia sua mãe, para regular assuntos de família. Por causa de Kerkhoven, não se resolveu senão a contragosto a fazer essa viagem que, de todas as maneiras, a iria separar dele pelo espaço de oito ou dez dias. Acompanhou-a à estação. Enquanto passeavam ao

longo da plataforma, referiu-lhe o sonho que tivera. Ele ouviu de cabeça baixa. Por fim, deteve-se e tomou-lhe a mão.

— Sabes o que significa esse fogo? — disse. — Simplesmente, que todas as antigualhas estão sendo queimadas no interior da habitação.

Ela nada respondeu. Limitava-se a fitá-lo, trêmula, envolta no véu de ilusões de seu amor por ele.

Da estação, Kerkhoven voltou para casa. A tarde caía; um crepúsculo rosado estendia-se sobre as casas e os pátios. Fechou todas as janelas para não ouvir os ruídos exteriores que dominavam ainda os golpes precipitados de uma metralhadora, semelhantes aos golpes de um teredém-gigante.²⁴ Estava em seu consultório e, distraído, pegava alternativamente diferentes objetos: o bico de Bunsen, o microscópio protegido por uma campânula de vidro; desceu da prateleira o esterilizador, que examinou detidamente; percorreu as fichas de observação, executando todos esses movimentos com uma curiosidade preguiçosa, como se se tratasse de objetos desconhecidos, mas desprovidos de interesse. A sala dava a impressão de um lugar isolado, que se evita quase, de uma cozinha de bruxa despida de todos os acessórios de magia e onde ficaram apenas os acessórios prosaicos. Arrancou uma folha de seu bloco de apontamentos e escreveu em grandes caracteres: “O Dr. Kerkhoven partiu em viagem”. Fixou o letreiro do lado de fora da porta, que trancou pelo interior. Isso feito, voltou ao seu gabinete, estendeu-se no divã, estirou os membros como se fosse dormir profundamente e esperou cair a noite. Um fino raio de luz balançava-se no teto como um pêndulo misterioso. Ao cabo de um momento, essa claridade extinguiu-se. A seguir foi a vez do quarto, e por fim do mundo interior, pois passou quatro noites e quatro dias assim, sem um movimento, sem um olhar reduzido a um coração que pulsava e um pulmão que respirava. Mais tarde, foi-lhe impossível dar qualquer precisão sobre esse estado, senão que não cessara de ter a impressão vaga, porém em absoluto penosa, de vogar dentro de um elemento indefinível que não era nem o ar, nem a água, ou seja, um elemento totalmente desconhecido, ao mesmo tempo que conservava

a noção nítida da fuga do tempo. Pressentia que uma árvore teria da vida sensação análoga. Quando voltou ao seu estado normal, o sol ia alto no céu, devia ser meio-dia. Tomou às pressas um alimento qualquer, o que encontrou na cozinha. No minuto seguinte, não duvidava de que seu dever era visitar Nina no hospício. A razão pela qual essa visita se lhe impôs com a necessidade imperiosa de um gesto inadiável, permaneceu por algum tempo um enigma para ele. Não fora uma reflexão amadurecida; não fazia senão obedecer a uma injunção. Mesmo mais tarde, jamais lhe foi possível esclarecer completamente esse ponto; assim que procurava concentrar nele seu pensamento, experimentava um mal-estar moral e era forçado a renunciar.

— Na verdade, eu não poderia esperar curar aquela pobre alma desarvorada — dizia ele a Marie, referindo-lhe o ocorrido. — Era preciso que eu estivesse meio louco para que tal ideia germinasse em meu espírito. Sabia apenas que, ao defrontá-la sem que desse mostras de conhecer-me, a sensação de minha impotência afligia-me; ao mesmo tempo, experimentava uma vergonha indizível. Dizia comigo mesmo: “É inacreditável que a tua ‘força psíquica’ seja a tal ponto reduzida que a criatura que contigo conviveu durante tantos anos nem mesmo lhe chegue a sentir a ação, que ela não tome conhecimento de tua presença, que nem mesmo possas obrigá-la a fitar-se. Este fato nada tem a ver com os sentimentos, é uma questão de influência sobre o sangue de outra criatura. Se esse sangue não responde ao meu apelo, que apelo, que papel faço neste mundo? Foi provavelmente este o motivo que me levou a voltar, compreende? O desejo de experimentar. E a experiência foi bem-sucedida. Êxito passageiro, bem o sei, mas já é muito ter conseguido, como por um passe de mágica, fazer saltar uma faísca da *anima nocturna*. Pelo espaço de um segundo, pareceu-me que a natureza queria desculpar-se por sua crueldade. Não sei se me compreendes. Rompera-se em mim a crosta de gelo; eis a impressão que eu tinha.

Marie segurou-o bruscamente pelos ombros, profundamente impressionada. A imagem de Irlen, evocada naquele momento! Seria por acaso? Somos forçados a admiti-lo. O motivo pelo qual explicou a

Marie seu gesto impulsivo parecia em todo caso plausível, muito embora desprezasse o fato essencial, a verdadeira razão pela qual, naquele dia, se sentiu capaz de exercer uma influência ou, para empregar sua própria expressão, se percebeu dotado de um “poder moral” que quatro ou cinco semanas atrás não possuía. Aí é que residia o mistério, e nem de leve aludiu a isso.

Pondo-se a caminho, sentira a alma extraordinariamente leve; o próprio corpo parecia ter perdido o peso. Uma vez no hospital, teve de esperar bastante tempo pelo médico; este informou-o então de que no estado e na atitude de Nina nenhuma alteração notável se verificara; tornara-se apenas um pouco mais dócil; entretanto, não falava, não demonstrava interesse por nada, e era impossível fazê-la abandonar o quarto. No meio de sua exposição deteve-se bruscamente e fixou em Kerkhoven um olhar inquisitivo.

— Que se passa, colega? — indagou este, amavelmente. — Nota em mim algo de extraordinário? O jovem médico enrubesceu ligeiramente. Qualquer coisa lhe despertara realmente a atenção, embora não soubesse definir o que fosse: talvez uma expressão do olhar, uma imperceptível mudança de atitude. Subiram. Apenas haviam penetrado no quarto, o fato inesperado, surpreendente mesmo, teve lugar. Ao som da voz de Kerkhoven, Nina estremeceu. Seus olhos muito abertos fixavam-no como se vissem uma aparição. Subitamente, sua fisionomia iluminou-se; pôs-se de pé, aproximou-se dele com certa hesitação, inclinou-se profundamente como se fora uma criada e, enquanto um arrepio lhe percorria visivelmente os membros, aninhou-se entre seus braços num gesto de criança consolada, mas cheia de um respeitoso temor.

PARTE II

O MUNDO ATUAL: ETZEL ANDERGAST

Quatorze anos separam os acontecimentos que acabamos de apresentar dos que a eles se vão seguir. O mundo que deixamos para trás difere tão profundamente daquele em que penetramos, que nenhuma comparação seria capaz de sugeri-lo, a não ser talvez a do Epimênides lendário que, depois de ter dormido cinquenta e sete anos numa caverna de Creta, reabriu os olhos para uma realidade inteiramente nova.

CAPÍTULO VIII

Uma das leis fundamentais a que estão sujeitas as existências é a dos encontros. Nela, a bem dizer, se manifesta a determinação secreta das forças superiores a que chamamos destino. Vimos como foi necessário que Joseph Kerkhoven encontrasse Irlen, condenado à morte, para descobrir-se a si mesmo, para que seu destino lhe fosse revelado, e encontrasse a companheira sem a qual é provável que sua alma permanecesse, a despeito de tudo, adormecida. Vamos ver Etzel Andergast, jovem de vinte anos, não destituído de valor, curvado ao peso de um passado do qual nunca se pôde libertar completamente, filho de sua época e de seu mundo (ou seja, de nossa época e de nosso mundo), obcecado por todas as misérias, possuído de todas as angústias, levado a encontrar fatalmente esse mesmo Joseph Kerkhoven, num momento em que o mais grave dos perigos ameaça em suas raízes mais profundas todos os princípios de sua existência. A ele encontrará, e não a outro qualquer, porque só ele possui a força e o dom de arrancá-lo do desvario e das trevas quase sem saída para onde foi arrojado, menos por sua própria culpa (se ao menos fosse por sua culpa, haveria um indício qualquer, um ponto de partida a que recorrer) do que pelo encadeamento das circunstâncias, pela força de correntes poderosas, pela natureza peculiar de seu caráter.

Isso leva longe. E eis que novas trevas sobrevirão, e um desvario ainda mais funesto, do qual suportará desta vez a responsabilidade, e que estará a dois dedos de causar a ruína de todos os interessados, do

mestre e mentor bem-amado, da mulher e dele próprio; também isto levará longe, mais longe do que é possível prever.

Ademais, urge esclarecer um emaranhado de fios que correm em todas as direções e vão perder-se no passado. As circunstâncias que acompanham o encontro de Kerkhoven e de Etzel são em si mesmas bastante extraordinárias e não podem traduzir-se em poucas palavras. Ainda desta vez, o ponto de partida foi o desejo de conseguir o auxílio de um médico; contudo, se examinarmos os fatos de perto, se observarmos sobretudo que esse médico era um dos mais ocupados e um dos mais procurados de toda Berlim, compreenderemos que em realidade tratava-se aqui de um gesto tentado em desespero de causa. A julgar pelas consequências de uma decisão tomada sem grande reflexão e pelas relações particulares que acarretou, relações cujas consequências foram graves para ambos, esse passo parece ter sido intencionalmente desejado pelo destino. Pois não se tratava aqui de pessoas de igual situação e idade aproximada, que o acaso reúne e cuja amizade se baseia numa comunidade de interesses e ideias; tratava-se, de um lado, de um homem em pleno vigor da idade, absorvido por uma vida de uma atividade e um alcance insuperáveis, aureolado dessa celebridade quase fabulosa, expressão do reconhecimento da massa anônima mais do que da admiração de um pequeno número que levanta seu ídolo sobre um pedestal e faz soar para ele a trombeta da fama; de outro lado, de um rapaz vinte e cinco anos mais moço, de um membro qualquer dessa “massa anônima”, sem outro mérito a não ser uma confiança deliberada em si mesmo (se a isso se pode chamar de mérito), o peso de uma série de experiências de que sua alma sentia ainda o ferrete, e um espírito que aprendeu ou acredita ter aprendido a avaliar com um fanatismo sem ternura e em seu exato valor todas as coisas desta vida. É provável que, uma semana antes, ignorasse quem era precisamente esse Professor Kerkhoven; seu nome, como cem outros, não tinha para ele mais que um sentido vago. Como segue os cursos da faculdade e está sempre atento a todos os progressos, a todos os fenômenos concernentes às ciências físicas e naturais, é bem possível que tenha ouvido falar dele, à direita ou à esquerda, em termos críticos ou elogiosos. Pela pessoa do médico em particular não

experimenta, aliás, senão um medíocre interesse. Dir-se-ia mesmo que lhe tem antipatia, uma antipatia que tem suas razões de ser. Entretanto, no dia em que alguém lhe menciona por acaso aquele nome como sendo o da única pessoa a quem se pode recorrer na situação crítica presente, vai procurá-lo sem hesitação.

Antes de tudo, porém, uma questão se impõe: por que meios, graças a que recursos, a que circunstâncias favoráveis, pôde Joseph Kerkhoven criar-se na vida uma situação a que outrora jamais sonhara aspirar? Ou serão razões de ordem moral, as que explicam sua ascensão? Será esta o coroamento de uma evolução, terá sido ditada por uma lei, por um decreto da Providência? Tentarei aqui traçar a surpreendente trajetória do desenvolvimento de uma personalidade moderna, desenvolvimento esse que, por impenetrável que seja o seu mecanismo secreto, está em perfeita conformidade com o espírito de nossa época. Não deixa de ser interessante fixar a atenção sobre uma existência que, ainda quinze anos atrás obscura e confinada ao ambiente acanhado de uma cidade pequena, brilha hoje como um facho no centro do mundo. Dir-se-ia um humilde funcionário provinciano que houvesse chegado a ser um grande homem de Estado e presidisse aos destinos de seu povo, mas que, sobrecarregado pelo peso de suas obrigações e de seus trabalhos, pelas responsabilidades e pela luta, solicitado de todos os lados e a todas as horas do dia e da noite, não tem mais um momento livre para respirar, para dormir, e aos poucos chega a não se sentir mais vivo. Seria de minha parte uma vã tentativa, seria pedantismo pretender relacionar esses fenômenos a fatos conhecidos. Já não lidamos com o mesmo homem. Despertar a lembrança que dele guardamos, é o mesmo que tomar em mãos a uma de suas fotografias de juventude; os traços têm algo de estranho e de comovedor, como se fossem os de uma criatura de outro século. Quatorze anos bastam para operar num ser humano uma modificação total; do homem antigo, não há em seu corpo uma só fibra que subsista. Muitos pretendem que os anos de 1914 a 1918 transfiguraram a própria humanidade. Só o invólucro corporal impede a um elemento assim fluido de dissipar-se por completo; ele mesmo, porém, simples membrana condenada a defender-se violentamente contra o elemento fluido, não apresenta

mais consistência que a sombra que projeta. No fundo, a ideia que representam para nós o rosto e a silhueta é a única capaz de desafiar essa morte de todos os instantes, e eis aí porque, de cada vez que nos olhamos num espelho, temos a penosa impressão de encontrar a um desconhecido; o temor misterioso que então nos invade deriva unicamente do fato de tomarmos consciência da ilusão à qual nos abandonamos continuamente sobre a existência de nossa personalidade. É inútil frisar que consideramos sempre o indivíduo particular tendo por nome Kerkhoven e provido dos mesmos membros, dos mesmos órgãos, dos mesmos instintos e dos mesmos traços fundamentais de caráter; entretanto, entre o antigo e o novo Kerkhoven existe aproximadamente a mesma diferença que entre uma grosseira maquete de argila e a estátua concluída. A natureza nem sempre consegue realizar o propósito que tinha em vista ao esboçar suas criaturas, pois raramente se decide a empreender os esforços necessários para tanto; quando consente, entretanto, faz cair de um golpe todas as possíveis dúvidas quanto ao seu poder plástico e não deixa subsistir qualquer hesitação acerca da ideia que a animou. Seu corpo, que apresenta ângulos caprichosos, ultrapassa a estatura média; tem os ombros arqueados daquele que está habituado a mover-se entre as multidões: sua atitude serena e livre afirma sua superioridade; a cabeça talhada numa só peça, mantém-se quase imóvel sobre um pescoço forte; o rosto oferece-se sem reticências, antes estreito que magro, e totalmente imberbe, à exceção de uma barbicha não mais espessa que o próprio queixo; tem a pele fortemente bronzada; sobre a fronte, de tipo mongólico, o tempo passou sem deixar rastros; só nas têmporas — dir-se-ia talhadas a martelo — os cabelos, em geral castanhos, apresentam mechas grisalhas; nos olhos, habitualmente velados pelas pálpebras, o olhar parece aprisionado ou contido, ou ainda à espreita de uma presa interessante. Eis como eu descreveria Kerkhoven aos quarenta e oito anos, se não soubesse que uma tal profusão de detalhes concorre antes para confundir uma imagem do que para precisá-la. Não obstante, poderá servir como um lembrete.

Eis aqui, agora, algumas informações sobre sua pessoa e sobre o que representava aos olhos do mundo. Como tinha a reputação de ser

difícil de abordar e mesmo retraído e dissimulado (com efeito, ninguém, à exceção de Marie, sabia quanto na realidade permanecia simples e ingênuo), seus colegas, ou pelo menos aqueles que sua fama sempre crescente inquietava, descreviam-no como um indivíduo de trato difícil, altivo, selvagem e até mesmo orgulhoso (nada podia ser mais falso), convencido da própria infalibilidade (era precisamente o contrário que sucedia), desprovido de todo sentimento de solidariedade e de espírito de classe (aqui, havia algo de verdadeiro, nada lhe parecendo mais perigoso e mais absurdo que as associações de médicos). Quanto ao resto, diziam ser impossível levá-lo a sério como homem de ciência, embora não tomando a esta palavra em sua concepção mais elevada (questão a examinar, se houvesse para isso um tribunal apropriado; aliás, Kerkhoven não teria ambicionado justificar-se diante dele; seu interesse dirigia-se a outros problemas). Entre os muito jovens apenas, inúmeros o admiravam e prestavam-lhe homenagem; alguns mantinham com ele relações pessoais; os outros, os heréticos, haviam-se afastado do domínio da ciência oficial, ou ainda eram homens que lutavam para encontrar seu caminho e não sabiam como escapar ao caos das teorias, às trevas de um tema árido. O que nele os atraía era, indubitavelmente, sua magnífica segurança, a pureza que irradiava de sua pessoa, já que, por outro lado, pouco ou nada podiam lucrar com sua companhia; ela não lhes fornecia nem escola, nem sistema, nem descoberta capaz de revolucionar as ideias. Seus adversários referiam-se com ironia à sua “medicina de aproximação”; muitos levantavam os ombros e limitavam-se a mencionar um retorno à medicina romântica (como se com isso se houvesse dito tudo); em consequência, taxavam-no de enteísta e exorcista, e colocavam alguns de seus métodos no mesmo plano que a famosa experiência de Kerner, procurando curar a um louco furioso ao som de uma guitarra. Os próprios juízes mais benevolentes censuravam-no por abstrair frequentemente de toda crítica, em seu desejo de prestar auxílio aos doentes: tomavam a defesa do ponto de vista da objetividade e da estreita observação contra o da filantropia, no que não faziam mal, se Kerkhoven não agisse em última instância senão sob o impulso de sentimentos de humanidade e de compaixão; na realidade, porém, este obedecia a motivos de uma natureza muito

mais elementar. Sim, era um filantropo, se assim o exigirem, mas era-o mais ou menos à maneira de uma locomotiva, irradiando calor ao mesmo tempo que cumpre sua tarefa.

Publicara, não obstante, um certo número de trabalhos que haviam atraído a atenção do mundo científico, e aos quais era impossível doravante recusar um lugar no campo dos conhecimentos. Um deles valera-lhe a cátedra de professor; intitulava-se: *O elemento predominante nas relações mútuas entre as perturbações orgânicas e psíquicas*. Essa obra chegara até as massas e suscitara de parte do público e da imprensa uma viva polêmica. Surgira em fins de 1920, depois da grave epidemia de gripe, e nela Kerkhoven demonstrava existir uma relação de causa e efeito entre o estado moral da humanidade e a virulência dessa epidemia com caráter de peste, citando, em apoio de sua afirmação, toda uma série de sintomas surpreendentes por ele observados. O princípio de “um impulso do corpo para a enfermidade quando a alma esgotada perdeu o seu imperativo” era uma dessas palavras marcantes que não deixam de exercer uma certa influência sobre o pensamento da época. (Ainda o romantismo. Recordai este preceito de um médico “romântico”: “Se o espírito não aceita a doença, esta não pode apoderar-se do corpo”. Não há nada de novo sob o sol).

Como era de esperar, aqueles que guardam com mais frequência o anonimato, mas estão sempre prontos a julgar com o máximo rigor, censuraram-no por essa tentativa, absolutamente involuntária, de divulgação dos problemas científicos. Acusaram-no mesmo de arrivismo, e a exasperação contra ele só fez crescer quando sua atitude reduziu, de maneira mais categórica, essa acusação a zero. Ofereceram-lhe por essa época uma situação de destaque no Ministério da Saúde. Recusou-a decididamente. Durante o último ano da guerra, fora diretor geral do serviço de saúde na frente oriental, e a experiência ensinara-lhe que as imposições de um cargo público representariam para ele a desgraça. Alimentava a convicção supersticiosa de que qualquer compromisso que assumisse acarretaria como punição a diminuição da acuidade de seus sentidos, da

segurança de sua mão e de seu golpe de vista. Não obstante, em 1925 cederia às instâncias de alguns amigos que tinha no governo, e aceitara o posto de inspetor-médico geral de estradas de ferro. (O intuito era seguramente garantir-lhe uma situação, a remuneração sendo assaz elevada; a despeito de sua imensa clientela, sua renda era relativamente modesta, pois tinha despesas elevadas; ademais, a inflação devorara tudo quanto restara do legado de Irlen. Fora uma felicidade que Marie houvesse comprado, alguns anos antes, uma propriedade de rendimento bastante satisfatório que administrava com o auxílio da mãe; isso o libertava de toda preocupação a respeito de Marie e das crianças). Ao cabo de algumas semanas, porém, sentiu que a força de concentração de seu espírito, seu “poder iluminador”, como ele mesmo dizia, diminuía tão sensivelmente, que começou por pedir uma licença, a pretexto de estudar a misteriosa febre de Haff que nessa época fazia sua irrupção no istmo da Curlândia²⁵ e devastava as populações, para logo depois apresentar sua demissão. Ninguém compreendeu esse gesto e Marie ela mesma ressentiu-se, até certo ponto, com essa renúncia absurda; muito embora sempre acabasse por render-se às suas razões e reconhecesse que ele não podia agir de outra forma, no caso presente relutou em aprovar o gesto do marido e em tomar seu partido com convicção. Não que desse maior importância a essa situação que a outra qualquer, por mais honrosa e lucrativa que fosse; apenas, já nessa época operava-se em sua vida uma transformação dolorosa. Era como se um cristal puro se empanasse ou se, depois de se ter regularmente coberto de flores em cada primavera, uma árvore deixasse subitamente de reflorir, sem motivo aparente. Ela conhecia ademais a lei que presidia à natureza de Kerkhoven, o retorno misterioso de catástrofes morais sob cuja influência acontecia-lhe abandonar tudo de chofre para retomar em suas origens o estudo de uma questão com a qual ninguém se incomodava. Conhecia o fato, e já por duas vezes o experimentara, a primeira antes da morte de Irlen (nós o recordamos), a segunda imediatamente depois de seu regresso do *front*. Pressentia que essa renúncia não era mais que um prelúdio, o raio precursor da tempestade; qualquer coisa nele o revelava; há anos esperava pela explosão, procurando sempre reprimir a angústia que a

dominava. Por fim, o que temia veio a produzir-se. (Antecipo-me demais, porém. Muitos fatos desempenham aqui um papel que exige ser tratado detalhadamente; em particular suas relações com Etzel Andergast. De outra forma seria difícil compreender uma decisão que emprestou a toda a sua vida uma nova orientação, e encheu de assombro e de consternação seus parentes, amigos, e a multidão incontável de seus doentes e pessoas confiadas aos seus cuidados).

No que diz respeito a esses quatorze anos que por mais de uma vez mencionamos, podemos dividi-los em três períodos bem distintos. O primeiro estende-se até 1919; o segundo, durante o qual não teve um lar fixo, caracterizou-se por uma atividade febril e por sua união íntima com Marie; a morte de Nina, que representou para ambos uma libertação, pôs fim bruscamente a esse período, no outono de 1922, e permitiu que se casassem e constituíssem um lar regular. (Houve, entretanto, numa manhã chuvosa, o momento em que levaram ao cemitério o corpo de Nina; um corvo passou grasnando sobre sua cabeça; nesse momento pareceu-lhe que também baixavam ao túmulo sua juventude, que a recobriam de terra, e que todas as mortes de que fora a testemunha impassível e lúcida — como se assistisse ao Juízo Final — no curso desses quatro anos, fundiam-se num só e espantoso aniquilamento final). Informações pormenorizadas, como as fornecidas por uma biografia, estariam aqui absolutamente fora de propósito. O que se oferece aos nossos olhos é a imagem da existência agitada que caracteriza tão bem a época quanto o temperamento desse homem; vemo-lo mudar constantemente de domicílio, abandonar uma cidade para estabelecer-se em outra, buscando por toda parte um sólido ponto de apoio, o centro de um movimento. Marie segue-o corajosamente por toda a parte, primeiro com Aleid e o pequeno Johann Karl, nascido em 1921, depois com este apenas, quando Aleid foi internada num pensionato de Dresden. Em 1925, após o nascimento de seu segundo filho, Ludwig Robert, adquiriram a propriedade de Lindow, situada ao norte de Neuruppin; a princípio, Marie não passou ali senão breves temporadas, não lhe agradando separar-se do marido. Foi só nos últimos meses, quando teve de convencer-se de que mal lhe notava a presença, que passou a retirar-se

ali com mais frequência. Estas datas têm aqui seu lugar, porém como se fossem as notas impressas em caracteres miúdos nos livros de história. O terceiro período — de seis anos de duração — marcou a ascensão de Kerkhoven; trouxe consigo a glória, o êxito, a realização aparente de seus sonhos, mas não o que ele esperava, a saber, a harmonia perfeita entre seu ser e seu espírito. Apesar da soma prodigiosa de trabalho que produzia, apesar das provas numerosas que diariamente recebia da fecundidade desse trabalho, não sentia no coração a adesão total que justifica moralmente o sucesso. Por quê? Eis o que a si mesmo se perguntava, quando num momento, ao acaso de suas dezessete horas de trabalho cotidiano, acontecia-lhe ter dois minutos livres para refletir sobre si mesmo.

Sem a guerra, não teria chegado a ser o que era. Para reunir em tempos normais a experiência que adquirira, teria precisado de trezentos anos, como ele mesmo o dizia. Ali, os elementos eram encontrados literalmente a cada passo; bastava escolher. Era ao mesmo tempo uma clínica e um anfiteatro de autópsia um milhão de vezes ampliado. Ali se podia encontrar tudo, absolutamente tudo o que interessava ao cirurgião como ao clínico, ao psiquiatra, ao bacteriologista, ao histologista, ao dermatologista, ao urologista, ao oftalmologista, ao laringologista. De que serve enumerar? Em uma palavra, tudo. Era uma instituição de ensino universal de dimensões inusitadas, uma imensa escola de medicina prática onde se aprendia a conhecer a fundo a máquina humana e como vive e morre o homem. Carnes calcinadas, rasgadas, corrompidas, ossos esmagados, sangues envenenados, casos extraordinários de afecções de medula, de perturbações vasomotoras, de paralisias agitantes. Não havia um membro, um nervo, um órgão, uma função que deixasse de apresentar uma infinidade de exemplos de mutilações, de lesões interessantes, quiçá próprias para constituírem o objeto de uma demonstração, sem falar nas feridas do espírito e da alma, e menos ainda das simples perfurações e da morte rápida, pura e simples. Pois havia toda espécie de mortes, umas complicadas, longas e penosas, ruidosas, insolentes, sujas e vulgares e outras grandes, misteriosas, de uma qualidade tão rara que merecia que nos inclinássemos sobre elas, porque eram

geralmente de criaturas obscuras a quem o ideal e o heroísmo eram tão estranhos quanto a instrução e a educação. O povo era indubitavelmente coisa bem diferente do que se acreditava de longe, diferente também dessas multidões pouco simpáticas que eram vistas nos hospitais, nas igrejas, nas reuniões e nos cinemas das cidades, qualquer coisa difícil de compreender e impossível de definir com minúcias. Apenas, um belo dia sentíamos subitamente que fazíamos parte dele, como se recebêssemos a notícia de ter herdado de um parente a quem nunca chegamos a ver. A natureza parecia vingar-se, por essa abundância de mortes, da exuberância da vida. Em parte alguma se observavam sinais de qualquer seleção. Alguns invocarão a fatalidade. Com esta palavra, provavelmente, tratarão de consolar-se mutuamente os grãos de trigo no moinho; resta saber se os povos ceifados representam a farinha de um pão celeste. Era uma mecânica que assumia ares de divindade e entregava-se a orgias de destruição tão cegas quanto estúpidas e más. Aquele que não encarava essa carnificina com a calma indiferente de um inspetor de matadouros, corria finalmente o risco de perder a razão. E, não obstante, não pode ser médico aquele que, por um estremecimento de pálpebras que seja, deixa entrever que sofre também ele quando um ser humano se debate ante seus olhos, presa de dores espantosas, ou que uma alma desamparada o fita através de uns olhos que não têm mais brilho que uma pedra. É inegável que se pode adormecer o sofrimento; para isso, contribuíram os progressos da química com meios tão numerosos quanto infalíveis; dir-se-ia que o espírito humano tentou reconciliar-nos com as invenções de seus instintos sanguinários, enfeitando-os sem demora com uma rubrica; contudo, ninguém chegou a saber ainda o que se passa sob esse entorpecimento, e a determinar se inconsciência e insensibilidade são uma só e a mesma coisa. O escritório do diretor está fechado, é possível, mas quem sabe se nos serviços de contabilidade o trabalho não continua? Os médicos não gostam de discutir estes temas, e tampouco de manifestar seus próprios sentimentos a esse respeito. Aquele que é naturalmente duro, endurece-se; para os que têm uma alma comum, essas experiências entram na ordem dos acontecimentos comuns: eis o que me parece certo. Aquele a quem o espetáculo do sofrimento alheio faz sofrer sem

que seu olhar se perturbe ou sua mão se paralise, traz para o seu trabalho uma força de uma têmpera mais rara que a do homem de espírito de bronze a quem nada amedronta, e o resultado é de qualidade diversa. Eis precisamente o que distinguia Kerkhoven de tantos colegas e o que desde o primeiro momento chamou a atenção sobre ele. Se foi tão surpreendentemente rápido seu avanço, não é que o desejo de chegar a todo custo o tenha feito superar os obstáculos que se encontravam em seu caminho; a verdade é que tinham necessidade dele, que não podia passar despercebido, e que todos os obstáculos foram espontaneamente removidos de seu caminho.  s vezes, uma ideia estranha cruzava-lhe a mente: “Não   são a mim que isto se dirige, senão t mb m a um outro que está comigo. Que seria de mim sem ele?”. Não ousava continuar o raciocínio; logo trope ava contra um muro.

Foi uma escola sombria, a que teve que cursar. Foi como o pintor que quer representar uma dança macabra e a quem seu demônio interior, no intuito de ajudar, apresenta uma verdadeira, cruel e sangrenta visão do fim do mundo. Daí por diante foi, porém, realmente, o que outrora apenas julgara ser: um médico.

Como todos os demais médicos civis mobilizados, começou por prestar serviços nas ambulâncias. Isso não durou muito. Ao fim de dezoito meses, tendo ultrapassado os postos subalternos, pôde escolher, ele próprio, sua esfera de atividade, e elaborou, para toda a extensão da frente e da retaguarda, um projeto acompanhado de disposições apropriadas. Quando estas não iam de encontro às intenções do comandante em chefe, davam-lhe em geral carta branca; como a mão de obra e os recursos disponíveis eram ilimitados, não se cuidava de recusá-los, tanto mais quanto o êxito era sempre garantido. Assim   que lhe foi possível realizar suas ideias em uma vasta escala, seja para tomar medidas indispensáveis, seja para efetuar simples experiências. Seu interesse visava principalmente as psicoses e as neuroses, as doenças nervosas e as epidemias. Organizou laboratórios e centros de consulta, e conferências médicas ambulantes que fiscalizava pessoalmente, sem contudo renunciar a exercer ele mesmo

a medicina. Pelo contrário, consagrava a maior parte de seu tempo a ler históricos de doentes, a realizar pesquisas e observações minuciosas e a distribuir cuidados. Se pretendia chegar durante o dia a um lugar determinado, era frequentemente obrigado a passar a noite no automóvel onde se acomodava como podia, às vezes devido a um caso único que não queria perder de vista. Durante o verão de 1918 criou em plena floresta ucraniana uma colônia que se tornou quase lendária (um ano mais tarde era completamente arrasada pelo Exército Branco), e era tão afastada do mundo quanto o *blockhaus*²⁶ de um colono de uma ilha do Oceano Pacífico. Ali tentou levar a cabo a estranha experiência (que ele próprio qualificou de primeiro raio de luz dirigido sobre possibilidades novas) de mergulhar enfermos atacados de depressão mental aparentemente incurável numa euforia curativa, criando-lhes a existência que correspondia aos seus desejos, tentativa essa que um isolamento fantástico só podia favorecer. Nada mais se conhece a respeito, e os resultados jamais foram divulgados, mas a simples experiência serve para revelar a que espécie de sonhos se abandonava naquela época.

Não foram, entretanto, essas experiências, nem tampouco a organização sanitária, que o puseram em foco. Isso coube ao homem, à personalidade que era. Quando entrava numa sala cheia de doentes, estes calavam-se, intrigados; todos os olhares, mesmo os dos agonizantes, fixavam-se nele, cheios de expectativa. Entretanto, não tinha um repertório de frases feitas, não era jovial, não dava palmadas de amizade nos ombros e nem andava a distribuir palavras de conforto, fossem fingidas ou sinceras. Suas maneiras eram isentas da rudeza do homem ocupado, bem como de qualquer pressa febril, motivo pelo qual cada enfermo abandonava-se à ilusão salutar de ser o único objeto de sua solicitude. Tampouco experimentava o nervosismo que, em muitos de seus colegas de frente, degenerou no pavor mórbido de se ver vítima de simuladores, já que, pessoalmente, considerava a própria simulação como uma forma de enfermidade mental. Jamais se permitia um gesto altivo, ou olhar distraído que desvia e o ar aborrecido onde se lê: “Já conheço isso tudo, já o ouvi mais de cem vezes”. Ou ainda o sorriso irônico ou astuto que significa:

“Exageras, meu caro, o caso não é tão grave como o pintas, estou apenas fingindo levar-te a sério para te fazer prazer”. Nada disso.

O que logo de saída lhe conquistava a simpatia dos doentes, principalmente da gente do povo, e assegurava-lhe mesmo definitivamente sua admiração, era a estranha modéstia de suas atitudes, a atenção intensa que dedicava indistintamente aos seus mais humildes clientes, ouvindo-lhes bondosamente as menores reclamações. O que nele os intimidava e não raro inspirava mesmo um certo temor, eram os olhos, aquele olhar velado, amortecido, capaz de despertar bruscamente e jorrar das pálpebras, subitamente abertas, para esquadrinhar até o fundo a alma de seu interlocutor. Era como uma injeção dolorosa de consequências salutaras, pois fazia despertar uma confiança quase inacreditável. Seus subalternos e as pessoas com quem lidava fora de suas funções profissionais permaneciam evidentemente alheios a essa impressão; para eles seu olhar ficava, por assim dizer, “trancado”. Entretanto, por isso mesmo, embora contra a vontade, mantinha-os à distância e inspirava-lhes mesmo um temeroso receio.

O certo é que em torno dele, pelo menos dentro dos limites de sua esfera de atividade, a atmosfera era impregnada de uma confiança profunda e contrastava singularmente com a malevolência, a animosidade, o desespero e o ódio que não deixaram de crescer com os anos, fora e em torno de seu trabalho. Não era apenas no exército, nos hospitais e nas barracas de contagiosos que desfrutava de uma estima que tocava de perto a veneração; sua fama atingira as pequenas cidades e aldeias ocupadas. Em muitos desses lugares, organizavam-se verdadeiras peregrinações ao lugar onde elegera provisoriamente domicílio, e a rua ficava horas inteiras tomada pelos camponeses e judeus que esperavam ser admitidos à sua consulta.

Carregava sempre atrás de si uma multidão de cegos, de parálíticos, de doentes de toda sorte que lhe suplicavam a cura, e, como o tomavam por um taumaturgo, frequentemente pediam-lhe que apenas lhes tocasse a fronte ou o peito com a mão. Para os judeus daquela

região, o médico era sempre objeto de um respeito sagrado, e quando seu nome era, como o de Kerkhoven, cercado de uma auréola, tomavam-no por um profeta. Um desses judeus, prefeito de uma aldeia, levou-lhe certo dia uma sacola repleta de moedas de ouro que depositou aos seus pés sem proferir uma palavra. Numa linguagem quase incompreensível, referiu então sentir-se enfermo desde a idade de trinta anos; rogava ao médico-chefe que lhe restituísse a saúde. Não saberia contudo dizer de que sofria; provavelmente, teria raciocinado: “Eis aqui um médico afamado. É preciso aproveitar a ocasião, quem sabe não me descobrirá algo, preservando-me assim de uma doença verdadeira”.

Uma manhã, ao sair de seu quarto, Kerkhoven encontrou agachada na soleira da porta uma mulher que trazia ao colo uma criança esquelética. Com um frio de dois graus abaixo de zero, passara a noite inteira no vestíbulo. De outra vez, atravessando uma aldeia de Volínia, um grupo de mais de vinte camponesas atirou-se à frente de seu automóvel, lançando gritos alucinados. Por acaso haviam sabido que ele passaria por ali. Uma epidemia de paralisia infantil dizimara em pouco tempo três quartos da população infantil, desde crianças de colo até meninos de doze anos. Não havia um único médico em toda a redondeza e as mães dos sobreviventes imploravam-lhe auxílio, levantando as mãos para o céu. Fez deter o automóvel, percorreu uma por uma as miseráveis e sórdidas habitações. Não havia, porém, grande coisa a fazer, tratava-se de uma forma de meningite particularmente grave; distribuiu toda a quinina e todo o calomelano que trazia consigo; dada a situação do lugar, não se podia cogitar de tomar medidas mais enérgicas. Durante muito tempo depois não foi capaz de esquecer os olhares com que o seguiam aquelas mães ao se aproximar dos catres miseráveis; muitas ajoelhavam-se diante dele e beijavam-lhe as mãos, os sapatos. Tampouco esqueceu a imagem do rabino ébrio e andrajoso, trazendo num braço um leitão que berrava, no outro uma cruz, e cuja barba hirsuta deixava a descoberto dentes enormes e amarelos.

O contato frequente com o povo eslavo — contato que não ficou restrito às classes inferiores — enchia-o de assombro e de uma inexplicável aversão. A natureza a um tempo ardente e impudica, fraca e apaixonada, bestial e mística, dessa raça, a tristeza infinita das estepes e das almas, tudo o que esse mundo tem de vasto, pesado, desmesurado e amorfo inquietava-o e ao mesmo tempo exercia sobre ele uma invencível atração. Mencionava-o frequentemente em suas cartas a Marie, mas ela defendia-se com todas as suas forças contra o que chamava: o monstro asiático. “Não quero nem mesmo ouvir falar dele”, escrevia, “repugna-me e me faz medo; tampouco me interessa compreendê-lo; o céu me preserve de ter de me ocupar dele”. Kerkhoven compartilhava dessa impressão, mas havia nele um desacordo: na zona de sombra, o seu “eu” sonhador e caótico, o elemento essencialmente “kerkhoveniano” de sua natureza, sentia-se atraído, estimulado, via ampliar-se o seu domínio psíquico; o outro (poderei dizer o “irleniano”, o que passara pela chama da morte de Irlen?) reconhecia o perigo e mantinha-se em guarda.

Os meses que transcorreram entre novembro de 1918 e fevereiro de 1919 assemelharam-se a um sombrio túnel entre duas ruas. Uma, devastada e doravante impraticável, que ficava para trás; a outra nova, que era preciso antes de tudo encontrar. Se, no curso das primeiras semanas, vemo-lo baquear como a árvore aos golpes do lenhador, não é tanto porque o organismo se tenha enfim rebelado contra o tremendo acúmulo de trabalho a que fora sujeito durante anos a fio; digamos de preferência que sua vida sofrera uma violenta comoção, a qual, numa natureza rígida como a sua, ameaçada desde logo em sua totalidade, podia acarretar uma suspensão provisória das funções vitais, e mesmo porventura uma morte temporária. É provável que, sem a catástrofe geral, não se houvesse sentido atingido até o mais íntimo de si mesmo. Entretanto, o espetáculo da desagregação do país, do obscurecimento da existência, a sensação da inutilidade do sacrifício e da abnegação exigiam que se submetesse a um exame implacável tudo quanto fora assistido e vivido. E eis que bruscamente tudo se convertia em dúvida — a prática e o ensino, o conhecimento e a ciência, tudo desmoronava como um castelo de cartas. A noção da

instabilidade de todas as coisas invadia as próprias trevas de seu esgotamento; punha-se a duvidar dos valores que lhe pareciam solidamente estabelecidos, sentia vacilar o solo em que pisava. Depois que o pior momento foi ultrapassado, depois que lenta e laboriosamente conseguiu desprender-se das ruínas, divisou um raio de luz e renasceu para a esperança, tomando uma resolução singular. Vivia nessa época em Leipzig o farmacologista Heberle, antigo discípulo e amigo do famoso Naunyn, verdadeiro original que possuía uma espécie de instituto próprio no qual não ocupava mais que um número limitado de auxiliares. Ali pronunciava, quatro ou cinco vezes por ano, conferências que provocavam sensação no mundo dos entendidos; não apenas os estudantes, mas ainda os clínicos de longa prática e autoridades incontestes da faculdade ali compareciam em massa. Lembrava vagamente um velho alquimista, muito embora fosse estritamente um homem de ciência, tão preciso quanto os instrumentos de que se servia para pesar e medir, e fundamentalmente avesso a toda e qualquer fantasia científica. O que não se podia pesar, medir e contar não valia a seus olhos a pena de ser examinado. Há um ano, Kerkhoven trocara com ele certa correspondência em torno de uma determinada questão de toxicologia; solicitava-lhe agora permissão para trabalhar durante três meses em seu laboratório. A resposta foi: “Sim, venha”. Desde a primeira entrevista, Heberle compreendeu o que ele procurava. Desta vez, não se tratava mais, evidentemente, de noções elementares, como há cinco anos atrás; Kerkhoven ultrapassara já a fase do aprendizado, mas ao reconhecer a evolução que se operava nele, e o caminho em que suas tendências íntimas ameaçavam conduzi-lo, procurou instintivamente o domínio dos fatos incontestáveis. Foi como se fizesse uma pausa e procedesse a uma revisão geral. Que temos à nossa disposição? Com que podemos contar? Em sua escrivaninha pusera de lado um manuscrito intitulado: *A obediência à enfermidade*. Sua intenção era não publicar essa obra, o que realmente nunca chegou a fazer. Era um trabalho igualmente revolucionário, tanto como programa quanto como profissão de fé, e que teria levado ao índice seu autor. Não era esse temor que detinha Kerkhoven, senão que desejava guardar para si esse escrito que continha o esquema de toda sua evolução ulterior. A obra era dedicada

à memória de Irlen. Na parte introdutória, encontravam-se frases que se diriam escritas sob ditado de Irlen. Quando leu esse capítulo a Marie, ela tomou-o pelos ombros e fitou-o, tão profundamente perturbada como no dia em que ele falara em romper a crosta de gelo.

Heberle, então com quase setenta anos de idade, concebeu por Kerkhoven um interesse que aos poucos se transformou num afeto paternal. Se se esforçou por dissimulá-lo a Kerkhoven, não o fez por falta de sociabilidade ou de boa educação (era um velho amável e, não, em absoluto, o indivíduo intratável, que muitos se obstinavam em ver nele). Devia-se procurar a razão disso na reserva em que se mantinha o próprio Kerkhoven; desde a perda do único amigo que tivera, nunca mais se deixara ligar intimamente a criatura alguma, e, no caso presente, um temor do qual jamais se pudera desfazer com respeito a seus semelhantes levou-o a erguer em torno de si barreiras difíceis de afastar. Estas não tombavam senão em presença de uma criatura enferma. Entre eles se estabeleceram, não obstante, relações intelectuais impregnadas de cordialidade, tais como só podem florescer entre homens animados de uma admiração recíproca e que veem cada um, na vida e nas opiniões do outro, um trágico fracasso. Heberle recusava-se obstinadamente a considerar a medicina prática como uma arte; desse terreno bania toda ideia preconcebida, toda fraseologia, e não enxergava mais que um pretexto fácil para os pescadores de águas turvas. Tampouco queria ouvir falar em intuição profissional, quando para isso se devia fazer a menor concessão aos princípios científicos.

— Se tem vontade de fazer trabalhar a imaginação, faça-o. Mas, proclame então que é um artista — dizia. — Para o verdadeiro médico, a intuição não tem senão um valor momentâneo e heurístico.

Entretanto, não era em absoluto intransigente e, quando mencionava como um sacrilégio a intrusão na medicina de uma psicologia desprovida de leis, acontecia-lhe sorrir como um sábio e velho sacerdote que, no fim das contas, atribui mais importância às questões humanas que às questões clericais. Quando um dia Kerkhoven lhe

comunicou suas ideias sobre as relações do olho com as doenças cardíacas, ouviu-o como se ouvisse uma história, e ao final indagou: — É curioso, extremamente curioso, mas onde está a prova? Sobre que se baseia? Quais os dados que lhe permitirão trabalhar? E como Kerkhoven guardasse silêncio, pousou sua mão pequena e lisa (uma mão de corcunda) sobre a de seu interlocutor e prosseguiu: — Recordo-me bem, pode fazer cinquenta anos, que o jovem Naunyn veio um dia procurar-me, muito cedo, em meu refúgio, despertando-me sem piedade para comunicar-me ter descoberto os cílios vibráteis fosforescentes do epitélio interno dos equinodermes. Era exato. E era um resultado. Podia ser visto e provado. Havia motivo para estar contente.

Foi mais ou menos por essa época que Kerkhoven empreendeu contra um dos pilares da ciência oficial o ataque que nunca mais lhe foi perdoado. Em conferência que pronunciou na Sociedade de Médicos da Caridade, falou no contágio das enfermidades epidêmicas, chamou a atenção para a inexatidão das estatísticas, em particular daquelas que dizem respeito ao tratamento seroterápico da difteria, referindo-se mesmo ao pouco valor das informações prestadas pelas cifras. Em meio aos meneios de cabeça reprovadores da assembleia, opôs à noção de contágio a de uma disposição coletiva periódica provocada por um enfraquecimento generalizado. Contra toda expectativa, encontrou em Heberle um defensor; creio que sua surpresa a essa constatação ultrapassou a de todos os demais. Heberle terminou sua breve alocução com estas palavras: — A exposição que vem fazer-nos nesta tribuna o meu ilustre predecessor não teve, é certo, o poder de convencer-me; por outro lado, entretanto, é-me impossível refutar suas alegações, pois para tanto não me parece suficiente nossa experiência, pelo menos a ponto de fazer cessar toda contradição pelos próximos três séculos. No entanto, se alguma das pessoas presentes se dispuser a fornecer uma demonstração incontestável, do ponto de vista clínico e fisiológico, estou certo de que o orador que me precedeu abjuraria seu erro em toda humildade. Até então, considero de meu dever afirmar que uma constatação, mesmo repetida um milhão de vezes, não se torna por isso uma lei da

natureza, da mesma forma que a probabilidade mais sedutora não representa a verdade.

Silêncio consternado. Kerkhoven estava de pé contra a parede da sala, só, os braços cruzados, a cabeça baixa.

E foi assim que seguiu o seu áspero caminho. Só.

CAPÍTULO IX

E tzel acreditara ser mais fácil avistar-se com Kerkhoven — na qualidade de médico, naturalmente — do que na realidade o foi. Embora a consulta não começasse senão às nove, já uma hora antes a sala de espera estava repleta. Duas moças vestidas de enfermeira escreviam os nomes e fiscalizavam a ordem de entrada dos clientes. Um certo número de casos já atendidos estavam confiados ao Dr. Römer, assistente de Kerkhoven; um longo corredor, característico das residências de Berlim, conduzia ao seu gabinete. A casa ficava situada no fim da Avenida Transversal. Era uma sólida construção de dois andares que datava de meados do século XIX e à qual um largo portal emprestava um falso ar de palacete renascentista. Até a Revolução, fora sede de um banco agrícola. O apartamento de Kerkhoven situava-se no primeiro andar; é preciso dizer que ali não se encontrava senão da meia-noite às sete da manhã e, assim mesmo, nem sempre. Desde que tomara a direção do antigo sanatório Werther-Francisco para doenças nervosas, e o ampliara de acordo com suas ideias e planos, com o auxílio de subsídios fornecidos pelo Estado, passava ali duas ou três noites por semana, num cômodo sumariamente instalado.

Andergast chegara tarde. Não fazia questão de ser recebido logo; no fundo, desejava ficar por último. Era desagradável, quando se tinha assuntos importantes a tratar, saber que outros estavam à espera. Para evitar cair em reflexões ociosas sobre o resultado de sua empresa, dedicou sua atenção às pessoas que o cercavam; havia ali de quinze a vinte rostos, e duas vezes mais ombros, olhos, mãos, pernas e pés. Com a aguda percepção do mundo que o caracterizava e a curiosidade

insaciável que por ele experimentava, cada gesto, cada expressão fisionômica, a atitude, o penteado, o estado das unhas e do calçado representavam preciosos dados de informação, os quais, associados a certa dose de perspicácia, permitiam determinar facilmente a profissão, o modo de vida, o caráter e o temperamento das pessoas. Sabia entretanto que esse divertimento não oferece interesse senão até o instante em que, defrontados com a realidade, percebemos quase sempre nos termos dedicado a um jogo enganoso. A dama ultra elegante que tem o rosto coberto de uma camada de cosmético, olhos de um verde marinho e unhas vivamente coloridas, não seria talvez a figurante de cinema ou a cantora de cabaré de subúrbio que aparentava, senão a empregada do balcão de uma casa de modas ou ainda a digna esposa de um vendedor de automóveis. Nunca se podia estar certo de não se equivocar. As distinções se faziam cada vez menos acentuadas. As burguesas tinham o aspecto de mundanas e lhes copiavam as atitudes; os fabricantes de bebidas alcoólicas não se distinguiam dos pastores, os repórteres dos diplomatas, e vice-versa. Uns galgavam um degrau com pouco esforço, outros pagavam caro para alcançar o imediatamente inferior; cada um se esforçava por parecer diferente do que era. Devia haver, entretanto, um meio de determinar se o senhor calvo que no canto se reclinava, de pernas cruzadas, em sua cadeira, cheio de gravidade afetada, não era mais que uma nulidade enfatuada da noção da própria importância, um desajustado que procurava iludir-se a si próprio, ou se algum motivo não justificava, apesar de tudo, o ar de complacente superioridade que o afetava. E no fundo, aquele senhor pálido, de meia-idade, vestindo sobrecasaca, com uma nobre “testa de pensador”, sentado junto ao busto de Helmholtz, poder-se-ia jurar que seu cérebro elucubrava um novo sistema filosófico e, no entanto, considerações mesquinhas sobre a carestia da vida, dissensões familiares ou um incidente desagradável no escritório podiam igualmente constituir o tema de suas preocupações. Aquele homem que tinha o aspecto de um fanfarrão ridículo matava-se provavelmente de trabalho por sua família; a matrona de aparência bonacheirona era, quem sabe, uma língua viperina, e o tagarela, que não cessava de importunar o vizinho, um inventor genial. Por que não seria possível introduzir-se em cada um

deles e obrigá-los a reconhecer a própria impostura, conhecer em sua verdadeira medida o mérito de cada um, a vida que levava em público e sua existência oculta? Ao mesmo tempo que tranquila e friamente examinava aquelas fisionomias prodigiosamente estranhas, nas quais a expectativa, a incerteza, a esperança, o medo e a tristeza pintavam-se com espantosa nitidez, Etzel procurava fazer-se uma ideia do poder dos homens, que podia forçá-los a revelar seus segredos mais zelosamente guardados. A expectativa geral, o amolecimento da vontade de todos aqueles desconhecidos, comunicavam-se a ele, como se houvesse sido tocado do espírito que reinava na sala, e experimentava um vago temor. Por pouco ter-se-ia levantado e partido. Nada tinha em comum com um homem que forçava o cofre-forte de aço para esquadriñar a alma que ali estava guardada debaixo de chave. Muito hábil teria que ser para consegui-lo. Aliás, era absurdo deter-se nesse pensamento; nada viera buscar para si mesmo, estava ali para tratar do caso de outro e sua pessoa não estava em causa.

Assim o acreditava. E nessa firme convicção se manteve até que o “cofre de aço” foi forçado.

As transformações de nosso ser mais íntimo por via de regra não se operam de um golpe e inopinadamente. Resultam de uma lenta evolução que se verifica sem o nosso conhecimento e independentemente de nossa vontade. Correntes diversas se reúnem e um acontecimento qualquer, que não tem necessariamente relação imediata com a transformação em questão, concorre para provocar o estado de dolorosa receptividade sem o qual a vida não é mais que um mecanismo. Na manhã anterior, Kerkhoven recebera de Lindow uma carta de Marie. Carta estranha, alusiva, impregnada de nostalgia e resignação e cheia de melancólicas reflexões. A princípio limitara-se a percorrê-la rapidamente, mas as palavras se haviam implantado em seu espírito e perseguiam-no em meio às suas ocupações; a tal ponto que, horas mais tarde, tirou a carta do bolso para relê-la, desta vez com mais atenção que da primeira. Era esta a sua Marie, tão corajosa, tão alegre que nunca se deixava abater? Por que aquela disposição triste e sonhadora, aqueles suspiros — chegava quase a ouvi-los —, aquelas

queixas sobre a fuga do tempo, o vazio da primavera, tão vazia e tão fria, o gelo que invadia seu corpo e sua alma? (“Sabe, querido, meu querido, que sempre estou gelada; este ano porém é como se meu sangue se houvesse paralisado dentro das veias”). Não o ignorava ele. Frequentemente, isso lhe havia causado preocupações. Atribuía-o a perturbações circulatórias crônicas que periodicamente a afligiam. Teria sido preciso que fosse passar alguns meses no Sul, mas não queria ouvir falar em viajar sem ele e, para ele, aquilo era um sonho irrealizável. O que o assustava um pouco naquela carta, era a falta de ânimo, a fadiga geral que revelava. “Uma mulher feliz não escreve assim”, refletia. E sacudiu novamente a cabeça, pois até aquele momento tivera precisamente a certeza de que ela era feliz. Se Marie houvesse podido surpreender-lhe os pensamentos, teria sorrido com seu sorriso ternamente irônico, fugitivo e discreto, como se sorri de um filho muito querido, um pouco leviano, que se regala à hora da mesa e desdobra-se em elogios à boa cozinha, sem se importar em absoluto com as preocupações e os sacrifícios ocultos que a vida impõe incessantemente. Pois é preciso notar que Marie levava tão longe o respeito a essa ilusão bem digna de Kerkhoven, que teria julgado cometer uma traição para com ele se se permitisse manifestar seus sentimentos mais abertamente do que através desse sorriso, supondo que ele o notasse. Sob esse aspecto, Kerkhoven lembrava um personagem de lenda que soergue as pálpebras uma vez ao ano para verificar se tudo continua em seu lugar no quarto em que se encontra: a mesa, o fogareiro, o cofre, a mulher. E o papel de Marie consiste em colocar-se, no instante preciso em que o gigante bem-amado abre os olhos, no lugar exato em que se encontrava da última vez. É fácil: é só prestar atenção para surpreender o momento indicado; é impossível prevê-lo com antecedência de uma hora ou de um minuto que seja; só depois que por um movimento satisfeito de cabeça constatou que tudo se encontra em seu estado habitual, é que se pode considerar afastado o perigo. Aquilo é extremamente divertido para Marie, se bem que um pouco amargo, também, e não se pode culpá-la se essa amargura se acumula gota a gota e acaba por formar um depósito no fundo de sua existência.

Kerkhoven procurara esquecer a carta, apenas. Era como quando se dá um corte no dedo: não se pode dizer que incomode, mas ao mesmo tempo não deixa de incomodar. Quando, ao cair da tarde, voltou às pressas à casa para tomar uma xícara de chá, teve a alegria de encontrar Marie. Decidira-se bruscamente a seguir sua carta, lamentando tê-la escrito. “É uma bobagem”, pensou. “Não convém assustá-lo”. Imaginava a cara que teria feito ao lê-la (admitindo que tivesse tido tempo de lê-la com atenção); conhecia tão bem aquela expressão desorientada do olhar, a fisionomia consternada e interrogativa daquele que é acusado injustamente. Pôs-se a rir involuntariamente. Sem refletir mais, tomou o pequeno Opel, que ela mesma dirigia, e ao meio-dia estava na cidade. Depois de ter feito diversas compras, dirigiu-se à sua costureira que lhe apresentou os novos modelos de Paris, entre os quais um vestido de meia-estação bastante tentador. Convenceram-na a experimentá-lo; ficava-lhe como uma luva, tornando-a mais esbelta ainda — se bem que sua silhueta fosse naturalmente elegante — e rejuvenescendo-a de cinco anos — muito embora ninguém lhe atribuisse mais de trinta anos, trinta e dois no máximo. A vendedora, a gerente, as jovens costureiras exprimiram sua admiração em termos apenas moderados pelo respeito devido à sua arte, e ela, docemente excitada pelo desejo de renovar-se aos próprios olhos (o que entrava sempre em grande parte em seu gosto pelas coisas belas), esqueceu suas prudentes resoluções e sucumbiu à tentação. Feitos alguns reparos insignificantes, vestiu-o imediatamente para apresentar-se com ele a Joseph. No íntimo, porém, apostava que ele não o notaria. Se, contra toda expectativa, o fizesse, estava disposta a penitenciar-se. Não foi preciso. Foi em pura perda que por duas ou três vezes postou-se ostensivamente em sua frente, em pura perda que lhe sorriu implorando quase sua atenção, e que se estirou diante dele como uma criança que quer crescer; ele nada viu. Ao mesmo tempo, ela sabia que um dia, dentro de seis meses talvez, ele perguntará com surpresa: “Não é novo teu vestido, Marie? Onde o compraste? Vai-te às mil maravilhas”; e demonstrará grande espanto quando souber há quanto tempo o tem visto, sem ver. Que importa, porém? Ela não permite que seu pensamento se detenha nisso por mais tempo do que o comporta a comicidade de um fato constantemente repetido. Receia

sempre arrancá-lo ao círculo mágico dentro do qual vive mergulhado; já adquiriu certa habilidade na arte de passar despercebida. Não perturbá-lo, eis o que vem sendo sua linha de conduta de muitos anos para cá; para adaptar-se a ela, tem assumido um papel quase tirânico em relação às crianças. Quando Aleid era pequena e viviam menos bem instalados, vigiava sempre para que a menina não fizesse muito ruído, brincando ou rindo, quando ele trabalhava em casa. Nos discursos do Buda hindu, encontram-se constantemente referências ao “respeito sincero e profundo” devido à pessoa sagrada. Um respeito sincero e profundo era precisamente o que ela procurava inspirar, por ele, a todos aqueles com quem lidava: filhos, empregados, indiferentes, independentemente dos sentimentos que sua própria pessoa e suas realizações pudessem produzir. Não raro assaltava-a agora a impressão deprimente de que muito pouco lhes restava a dizer um ao outro. Fora de seus deveres profissionais, Kerkhoven se tornara a tal ponto taciturno que ela, com a necessidade que sentia de conversar, de expandir-se, sofria, como se sofre de sede ou de fome, de não o poder fazer. E em sua presença constrangia-se ao silêncio. Fazia agora três semanas que não o via; essa longa separação a atormentava, muito embora naquele ano houvesse passado todo o inverno com ele (ou pelo menos sob o mesmo teto que ele). Tinha um peso no coração, mas hesitava em confiar-se. Estava sentada junto à janela, o queixo na mão, o braço apoiado ao parapeito. Ele caminhava de um para outro lado e, com a agitação própria ao indivíduo que lança mão de tudo quanto lhe possa ser útil, inclusive daquilo que não parece tocá-lo senão de longe — quantas vezes já se aproveitou de noções vagas e aparentemente dispensáveis —, relatava-lhe a descoberta de um sábio alemão do instituto de química de Xangai; esse sábio conseguira demonstrar a existência do *protactinium*, metal misterioso, mais pesado que todos os outros metais conhecidos, o qual, devido a um fenômeno de desintegração contínua, tinha a propriedade de brilhar na escuridão, e que há longo tempo constituía o objeto de pesquisa dos cientistas. Marie parecia interessada, mas aos ouvidos só lhe chegava o som das palavras. De quando em quando, detinha-se diante dela e observava-a com um ar a um tempo distraído e carinhoso, com

aqueles olhos estranhos cuja mirada, quando ela conseguia captá-la, conservava ainda o dom de penetrá-la até o íntimo de seu ser.

Assim mesmo, acabou por confiar-lhe: acredita estar grávida. Não tem ainda certeza, mas é muito provável. Ora, encara o fato sem qualquer alegria; não pode explicar a razão precisa, mas é indubitável que, nesse momento de sua vida, não o deseja. Encontra-se no fim da mocidade, não há como negá-lo, é possível que o destino lhe reserve algo de mais excitante que o parto e o ofício de nutriz. É uma possibilidade, não se pode afastá-la de todo; uma tênue esperança, como essas que só nos romances se realizam. Impressão tola, mas real. Sente nascer nela um ligeiro movimento de revolta à ideia de ter de submeter-se a um acaso estúpido que lhe ordena gerar, conhecendo embora que alma e corpo não estão plenamente de acordo sobre a questão. Tudo isso, porém, seria facilmente desprezado. O que lamenta não é o amor de suas comodidades. Nada lhe é mais odioso nem mais contrário à sua natureza. Também não é que não se sinta com forças para assumir a responsabilidade. É verdade que não pode considerar como nulas e desprezar as experiências passadas, inclusive as experiências físicas, e seus partos foram sempre difíceis, exigindo de cada vez longas semanas de convalescença. Para cada novo filho, é preciso ser mãe de uma maneira diferente, mostrar-se novamente disposta a isso; se a mulher não faz senão resignar-se, contra a vontade do corpo, falta-lhe então o impulso, a disposição, a verdadeira coragem. Pensa nele também, nessa nova carga que virá acrescentar-se às outras, não apenas no sentido vulgar da palavra, senão porque tudo quanto ele ama representa ao mesmo tempo um fardo, um peso, um tropeço em sua vida. Ademais, durante meses e meses, acabou-se para ela o papel de sua companheira. Já agora... A insinuação é feita em tom hesitante. Logo se detém com um movimento de pálpebras reticentes, e sorri para não dar a perceber que se queixa, pois que nunca, desde que vive ao lado dele, houve entre ambos o que se costuma chamar uma “cena”. Corajosamente, sorri, com esse sorriso que lhe é todo peculiar; como se fora uma aluna que dá a entender ao mestre que o admira, que nada lhe será difícil realizar do que exigir dela. E espera com uma curiosidade contida. Sim, porque essa

repugnância, esse desgosto, essas considerações que reconhece serem egoístas e indignas dela, uma só palavra, um gesto dele bastariam para afugentar como se jamais houvessem existido. Eis o que espera. A bem dizer, é esse o motivo da sua presença ali. Fugiu, para, junto a ele, encontrar refúgio.

Kerkhoven, silencioso, fita aquele rosto que se volta para ele num gesto franco de entrega total, e do qual nem um traço se alterou no decurso dos últimos quatorze anos. Conhece todas as expressões, os pensamentos secretos que inevitavelmente vêm refletir-se nas “flores pálidas”. Nesse ponto se assemelha a um homem que recebe um dia, em herança, uma grande fortuna, e, despreocupado do futuro, passa a viver à larga, sem nunca mais ter o cuidado de verificar o que lhe resta de capital; deixa-se embalar pela doce ilusão de que sua riqueza durará eternamente. Esse mesmo Kerkhoven que, como médico, sabia interpretar os mais íntimos movimentos da alma, com um instinto que tinha algo de prodigioso, que era capaz de vislumbrar o perigo e o germe do mal onde observadores menos perspicazes não logravam descobrir os mais leves sintomas, era cego em relação à criatura que lhe era mais cara no mundo e deixava-se iludir por aparências sustentadas pelo orgulho. O que costuma ser encarado como regra geral parece aqui particularmente estranho, por se tratar de uma personalidade que, tanto no terreno físico quanto no moral, apresenta-se como inimigo e negador de toda e qualquer regra. Também Marie rebela-se de todo o seu ser contra as regras e normas admitidas: desde criança parecia-lhe odiosa a ideia de que, do nascimento à morte, todos os seu anos teriam trezentos e sessenta e cinco dias e cinquenta e dois domingos. O acréscimo de um trecentésimo sexagésimo sexto dia, quando ocorria um ano bissexto, era um fraco consolo nesse deserto do Gobi aritmético. Tinha horror a tudo o que era antecipadamente regulado; tudo que se assemelhava a um programa perdia para ela qualquer atrativo. Também para as pessoas se pode chegar a ser um “programa”, honesto e conscienciosamente estudado; mas, nesse caso, a beleza e o sonho se desvanecem. O conhecimento que Kerkhoven tinha dela estacionara certamente em um determinado ponto. Exigia tanto de si mesmo, a vida exigia tanto dele, que

simplesmente não tinha mais o direito de conceder a Marie aquilo que seu coração desejava com ardor tão intenso que, não o obtendo, se consumia. Ela ali estava, sua imagem ali estava, ali estava a noção de sua presença; isso devia bastar. Também ela dizia consigo mesma: “Isso basta, é mais do que bastante”, e apesar de tudo, não bastava. No mais íntimo de sua consciência, onde se localizava “a espera”, isso não bastava. Ele representava a seus olhos o diretor de cena, e ela desempenhava o papel que lhe designara, docilmente e com uma sinceridade que iludia. Nada disso impedia porém que ele ignorasse, tanto quanto o primeiro estranho de passagem, tudo o que naqueles últimos tempos se produzira na pessoa e na vida de Marie. Se a houvesse observado, se houvesse ao menos manifestado esse desejo, ela teria podido falar-lhe de coisas singulares, coisas fugidias, difíceis de conceber, que pressupunham uma generosa compreensão. E, também, de outras de uma lamentável vulgaridade que lhe perturbavam a vida cotidiana, como se fossem as relações com a mãe, que transformavam sua vida em Lindow num verdadeiro suplício. Foi neste ponto particular que mais claramente se evidenciou o quanto ele se encontrava longe dela, longe como aquele a quem se dirigem cartas constantes sem jamais obter qualquer espécie de resposta. Temendo para ela a solidão do campo, onde estaria isolada com as crianças, sem qualquer outra relação de família, envidara todos os esforços para que a sogra fosse instalar-se em Lindow. A esse respeito fora procurá-la nada menos de três vezes em Dresden conseguindo finalmente vencer a resistência da Senhora Martersteig, habituada à vida da cidade e extremamente conservadora por índole. Marie teve naturalmente de aparentar a maior satisfação possível pela ideia; não tinha qualquer motivo razoável para opor. Desde o seu primeiro casamento, não vira a mãe mais que três ou quatro vezes; isso a fazia experimentar um certo remorso e levava-a a aquiescer. Não obstante, seguiu as manobras de Joseph com um assombro inquieto, como se ele devesse prever aquilo que vagamente a inquietava e acabou realmente por produzir-se. Era no entanto mais uma dessas coisas que guardava consigo, a um tempo por orgulho e por respeito pelo marido.

E agora, fitando-o, esperava o que ele ia dizer, se a palavra ou antes a resposta ao seu pensamento viria transformar em confiança e mesmo em alegria seu abatimento, a tristeza que a esmagava. Kerkhoven sentiu essa urgência que a atormentava e percebeu que entre ambos havia algo extremamente delicado que lhe impunha o maior cuidado, pois, sentia-o, o momento em que poderia afogá-lo ainda em germe estava irremediavelmente ultrapassado. Estava excessivamente perturbado para poder pronunciar de momento uma palavra de consolo ou de incentivo; nem mesmo conseguia imprimir à sua atitude aquela segurança que Marie, com o entusiasmo de uma jovem de dezoito anos, esperava dele em todas as ocasiões, bem o sabia.

Fazia lembrar um cavalo que estaca subitamente, por ter encontrado um obstáculo em seu caminho. Só aos poucos recuperou seu autodomínio e pôs-se a falar-lhe com bondade. Concordou que estava um pouco surpreso, mas era insensato, criminoso da parte dela assustar-se por um motivo desses; antes lhe caberia a ele inquietar-se por vê-la em tão más disposições. Marie apoiou a cabeça em seu ombro, sem falar.

— Vais ficar na cidade? — interrogou ele, consultando o relógio com certo nervosismo. Ela fez com a cabeça um sinal afirmativo.

— Gostaria imensamente de ficar um pouco a teu lado — disse ela — ou pelo menos — corrigiu apressadamente — de estar no mesmo lugar que tu.

— Ótimo — disse ele, pousando-lhe um beijo na fronte. — Tratarei de voltar logo.

Saiu. Quando ficou só, Marie olhou a porta pela qual ele desaparecera e seus olhos se encheram de lágrimas que conteve, fazendo com a cabeça um movimento irritado.

Etzel Andergast entrou, tomou o assento em frente que Kerkhoven lhe indicava com um gesto e esperou a primeira pergunta. A consulta chegava ao fim, Kerkhoven estava fatigado e deixou escoarem-se

muitos minutos antes de voltar-se para o seu visitante; no intervalo, ocupou-se em tomar algumas notas numa folha de papel, não sem lançar, de quando em quando, um olhar penetrante ao rapaz sentado em sua frente. Convidou-o então a falar. Algumas frases bastaram para despertar-lhe a atenção. Jamais lhe haviam exposto nada de tão estranho e, além disso, de maneira semelhante. Nenhum sinal de timidez, nada de frases feitas, nenhum sintoma exterior de emoção; a exposição era seca, fria e precisa. Kerkhoven apoiou o queixo na mão, inclinou a cabeça de lado e, as pálpebras semicerradas, tomou posse da imagem de seu interlocutor. Naquele jovem, tudo era singular: por exemplo, vestia-se com apuro, mas trazia ao mesmo tempo uma barba de pelo menos três dias; suas articulações eram delicadas, as mãos longas, finas, espirituais, mas tinha o peito e os ombros de um carregador, a tal ponto eram largos, maciços e musculosos; sentado, os cotovelos unidos ao corpo, sua atitude traía a impaciência do prisioneiro encarcerado, impaciência essa que contrastava com a impassibilidade de máscara de sua fisionomia: a frieza e a insensibilidade pareciam ter espalhado como que uma crosta sobre esse rosto, alheio, ao que tudo indicava, à doçura, ao devaneio e a todos os demais sentimentos no gênero. A impressão que produzira era tanto mais desconcertante quanto, a despeito dos sinais de fadiga que nele haviam deixado uma noite passada em claro, era um rosto harmonioso, quase belo, com linhas firmes e regulares, olhos suficientemente expressivos e que dificilmente se poderiam esquecer, uma vez fitados; eram cinzentos, de um cinzento temperado de verde; neles se acendiam incessantemente reflexos irônicos e malignos; refletiam um mundo de experiência e uma juventude astuciosa; por instantes, luzia neles um brilho mórbido e agressivo, e a íris ficava toda pontilhada de ouro. Em outros momentos ainda, eram os olhos de um caminheiro destemido, honesto e despreocupado, disposto a rir da própria miséria. Ademais, seriam provavelmente muito míopes, como o constatou desde logo Kerkhoven, a julgar pelas piscadelas constantes e pelo olhar velado; para ler e escrever, usaria certamente óculos, de pelo menos dez dioptrias; era esquisito que não os usasse constantemente, isso poderia prejudicar-lhe seriamente a visão; era preciso falar-lhe a respeito, em ocasião oportuna. De onde viria aquele

indivíduo? Quem seria? Que representava? Era sem dúvida uma caprichosa reunião de elementos simpáticos e antipáticos, sob aparências tais que se experimentava quase a impressão desagradável de defrontar-se com um mistificador, um comediante que se ria das pessoas em plena cara.

O que o traz ali é uma longa história. Pergunta se poderá relatá-la convenientemente e na ordem cronológica dos fatos. Escusa-se antecipadamente da confusão de sua exposição, mas tudo parece dançar ainda em sua cabeça. Ainda por cima, há duas noites que não dorme. Entretanto, não é de sua pessoa que se trata; com efeito, jamais se teria decidido a tomar semelhante iniciativa por conta própria. Certos acontecimentos dolorosos colocaram uma família em situação tal que a palavra desespero seria bem pálida para traduzi-la. Como essas pessoas o interessam de perto, tomou a si o encargo de ajudá-las, e ali se encontra. É preciso que alguém intervenha antes que ocorra uma nova desgraça e que esse alguém tenha autoridade sobre uma alma totalmente desamparada. Sabe que se dirigiu à pessoa indicada, embora a coragem para fazê-lo só lhe tenha chegado na véspera, quando Eleanor Marschall lhe disse: “Vai procurar o Professor Kerkhoven, ele te ouvirá e te ajudará”. Eis o que se passou. Há três dias, na noite de 11 para 12 de março, seu amigo Roderich Lüttgens, moço de vinte e três anos, filho do conhecido redator e deputado socialista, matou-se com um tiro na cabeça. Kerkhoven ergueu a fronte. O nome de Eleanor Marschall já lhe despertara a atenção. Ouvira falar dela como tendo fundado em Britz, perto de Tempelhof, uma colônia para a juventude. Tratava-se de uma moça americana cuja fortuna e extravagância constituíam há alguns meses o assunto favorito de certas rodas. Os jornais haviam comentado o caso Lüttgens como um acontecimento particularmente trágico, em função sobretudo da personalidade atingida. Como chefe de um partido político, — e aliás criatura perfeitamente inofensiva — Lüttgens era objeto de interesse geral e, pela dignidade e moralidade perfeita de sua vida, conquistara a estima de seus próprios adversários. Não deplorava apenas a morte de seu filho único: no mesmo dia, fora-lhe também arrebatada a mulher. Por doze horas a fio, ela fizera apelo a todas as suas forças para

dominar-se e, com uma energia surpreendente, tomara todas as disposições necessárias, procurando inclusive, contava-se, levantar o ânimo do marido e das duas filhas; depois, o sofrimento reprimido derrubara-a subitamente sob a forma da ruptura de um aneurisma. Percebendo pela expressão de Kerkhoven que este encontrava-se mais ou menos ao corrente dos fatos, Etzel Andergast, contente em poder abreviar seu relato, fez com a cabeça um movimento de alívio, e manteve-se por algum tempo em silêncio, a expressão preocupada. Como era de se esperar, falara-se em dissentimentos entre Roderich e os pais, prosseguiu. Isso era inteiramente falso. As relações entre pai e filho, de modo particular, sempre haviam sido impregnadas da maior cordialidade; eram como dois irmãos de idades diferentes, um carinhoso e indulgente, o outro cheio de respeito e confiança. Para gosto dele, Andergast, havia mesmo em tudo aquilo um certo exagero. (“Como assim?”, perguntava-se Kerkhoven intimamente. “Como é possível demonstrar excesso de confiança ou de afeto?”). Em todo caso, é impossível encontrar um motivo mais ou menos plausível para o suicídio de Roderich; eis porque é levado a mencionar aqueles boatos estúpidos. Ele mesmo viu-se totalmente tomado de surpresa e não pôde explicar o gesto. (“Estará sendo integralmente sincero no que diz?”, refletiu Kerkhoven; seu ouvido, sensível às mais leves inflexões da voz e da entonação, acreditara discernir nessa afirmação uma ligeira ênfase que dava margem a supor que Andergast sabia na realidade mais do que queria dizer. Não obstante, portou-se naturalmente como se de nada suspeitasse).

— Afinal de contas — disse Andergast — não há motivo para surpreender-se; os moços e moças de hoje habituaram-se ao gesto de puxar o gatilho, mal sentem uma coceira no polegar.

Na noite de domingo, estive com Roderich numa reunião bastante numerosa; por volta das onze voltaram para casa; antes de deitar-se, o amigo pusera-se a rir tão alto na escada, por uma tolice qualquer, que Etzel tivera de recomendar-lhe cuidado para não despertar a família; logo depois, cada um se recolhera ao seu aposento. Um quarto de hora depois, a detonação ressoava.

Em resposta a um olhar surpreso de Kerkhoven, Etzel explica-lhe de passagem que, desde o mês de novembro, os Lüttgens haviam-lhe cedido um quarto no sótão de sua residência da Rua Lessing, e que ele aceitara essa hospitalidade, ao menos por um certo número de dias ou semanas, pois que, de fato, não tinha domicílio fixo, vivendo alternadamente em casa de um ou outro amigo, frequentemente também na Colônia Marschall. Esse fato carecia naturalmente de importância, não o mencionava senão para explicar suas relações com os Lüttgens, pois não fora amigo apenas de Roderich, senão também de suas irmãs e, mais particularmente, da mais velha, Hilde; mencionando-a, chegava ao ponto decisivo da questão.

Julgo conveniente não reter, do relato de Andergast, senão o essencial, sem me demorar em pormenores mais ou menos interessantes, dado que não é minha intenção entregar-me a um estudo de costumes ou de caracteres e sim, simplesmente, a um registro de fatos. Dessa forma, o leitor não terá que rezear ver os fatos dramaticamente aumentados e pintados de acordo com as disposições particulares de um terceiro que neles esteve envolvido. E o que este relato possa perder em interesse palpitante (cada vez mais me convenço não haver nada de mais enfadonho do que o que se convencionou chamar de “interesse palpitante”), ganhará em precisão e rapidez.

Na noite de terça-feira, por volta de uma e meia (os funerais de mãe e filho tiveram lugar à tarde, em meio a uma considerável afluência), a campainha do telefone soara na residência dos Lüttgens. O Dr. Lüttgens tomara um soporífero enérgico e não a ouviu; apenas Hilde estava acordada, e atendeu ao aparelho. Uma voz débil chamou queixosamente duas, três vezes por Roderich, e quando Hilde, o coração apertado, perguntou irritada quem falava, não recebeu resposta. Vinte minutos mais tarde, a campainha tornava a soar; Hilde voltou ao aparelho e imediatamente a voz se fez ouvir, reclamando Roderich, suplicando, quase chorando. “Pelo amor de Deus, não sabe que...”, murmurou Hilde transtornada; e logo em seguida: “Quem é você?”. Apenas perceptível, a voz só fez exclamar: “Hilde, oh, Hilde”.

Voz espectral que parecia vir de um outro mundo. Hilde não era supersticiosa, nem facilmente acessível ao medo; seu primeiro pensamento foi que alguém estava fazendo com ela uma brincadeira grosseira e estúpida; uma mulher, a julgar pela voz, que em seguida lhe pareceu reconhecer. Ficou um tempo ao lado do telefone, esperando. Em seguida levantou o fone para comunicar-se com o serviço de informações e averiguar quem a teria chamado, mas interrompeu o gesto e disse em voz alta: “Deve ser Jessie Tinius”. Estava de pé, e refletia, a mão na testa. Bruscamente, tomou uma resolução. Cinco minutos mais tarde estava pronta para sair; subiu ao sótão e bateu à porta de Andergast. Este estivera embaixo com ela até a uma hora, e aprontava-se para dormir. Pediu-lhe que a acompanhasse, e em duas palavras colocou-o a par de suas intenções. Sem fazer qualquer pergunta, ele aquiesceu com um sinal de cabeça; enfiou o sobretudo e poucos minutos depois estavam na rua e dirigiam-se a um ponto de táxi. Rumaram para a Rua Nuremberg. (Um pouco antes, Hilde verificara o endereço numa carta de Roderich). Nem um nem outro falava. Tardaram muito a abrir-lhes. Em cima, no quarto andar, na porta da esquerda, havia uma placa de metal: Carola Breitenfeld, e abaixo desta um cartão de visita: Jessie Tinius. Tocaram repetidamente a campainha. Nem um ruído no interior. Foi preciso que Andergast golpeasse a porta com os punhos para que uns passos arrastados se fizessem ouvir. Uma criatura de aspecto relaxado, vestindo camisola e blusa verde (a Senhora Breitenfeld, evidentemente), indagou encolerizada o que vinham eles fazer àquela hora numa casa onde todos dormiam. Deixo de alongar-me sobre as negociações que se seguiram e sobre a maneira pela qual Andergast penetrou quase à força no quarto de Jessie. Tomou o braço de Hilde e reteve-a com energia. “Cuidado, aqui cheira a gás”, exclamou. De um salto, estava na cozinha, onde molhou na torneira uma toalha com a qual cobriu o rosto de maneira a que só ficassem a descoberto os olhos, e voltou correndo ao quarto de Jessie onde abriu rapidamente as janelas. Havia chegado exatamente a tempo de evitar uma desgraça. Em meio às insuportáveis lamentações e invectivas de Carola Breitenfeld, praticaram na moça a respiração artificial, conseguindo reanimá-la. Para isso, Andergast não teve necessidade de auxílio médico. Suas

instruções eram breves e práticas. Às quatro da manhã deixava a casa, ficando Hilde em companhia de Jessie. Dormiu durante quatro horas; ao café, comunicou o que se passara a Hedwig, irmã de Hilde, e às nove estava de novo na Rua Nuremberg. Evidentemente, Jessie não podia ser deixada só. De mãos postas, suplicava-lhes que não a confiassem a estranhos; tampouco tinha necessidade de ir para o hospital; queixava-se apenas de violenta dor de cabeça e náuseas, provocadas pela intoxicação. Hilde era indispensável em casa; o pai reclamava-lhe a presença e Hedwig, que tinha apenas dezesseis anos, estava completamente desorientada sem a irmã. Depois do duplo falecimento, as duas empregadas tinham fugido, aterrorizadas. Deixar Jessie entregue à Breitenfeld enfurecida era impossível; apenas virassem as costas, teria recommençado sua tentativa fracassada, desta vez com precauções dobradas, sem começar por chamar pelo telefone. (Esta circunstância poderia despertar dúvidas quanto à seriedade de suas intenções, mas a verdade é que agira sob o impulso de uma espécie de loucura, como se a morte do amigo não passasse de um sonho; agarrava-se desesperadamente a um nome, era um adeus, mesclado porventura de um clarão de esperança, uma advertência: ainda estou viva, ainda posso ser salva). Hilde e Andergast decidiram portanto transportá-la para a casa dos Lüttgens. Hilde acreditava dever tomar essa disposição em honra à memória do irmão; não teria pensado ou agido de outra forma, se Jessie fosse sua cunhada legítima. E, no entanto, não a vira mais do que duas vezes na vida, a primeira pelo Natal, no baile dos politécnicos, onde Roderich a apresentara como uma amiga, a outra por ocasião dos funerais, onde ela se mantivera isolada, toda vestida de negro, muito pálida. Jessie protestou fracamente; ao meio-dia, a mudança estava feita. Instalaram-na num quarto vago do sótão, contíguo ao de Andergast, e Hilde, Hedwig e o rapaz revezaram-se no cuidado de vigiá-la. Tinham boas razões para agir às escondidas do dono da casa, o que aliás não exigiu grandes esforços de dissimulação, pois este estava apático, completamente indiferente a tudo o que se passava à sua volta. As duas irmãs achavam-se a tal ponto absorvidas pelos afazeres domésticos, pelas visitas a fazer e a receber, que Andergast foi obrigado, embora a contragosto, a fazer companhia a Jessie durante todo o dia de quarta-

feira, a noite de quarta para quinta, todo o dia de quinta e ainda a noite que se seguiu; durante todo esse tempo não pôde abandoná-la senão pelo espaço de uma hora. No primeiro dia, não cessara de chorar. Andergast passava o tempo a caminhar de um para outro lado no quarto, em silêncio, ou sentado ao lado da janela, também sem falar, mal-humorado. “Que fazer com esta doida?”, refletia. “Tudo isto é muito cacete e ninguém sabe quando terminará”. Se acaso lhe dirigia a palavra, Jessie não respondia; apenas seu rosto tinha uma crisão dolorosa. Pela tardinha, dormiu um pouco; a noite, passou-a de olhos abertos. Hilde arrumara no sofá uma cama improvisada, onde Jessie se estendeu vestida, recusando-se obstinadamente a trocar de roupa. Pela manhã, pediu cigarros e fumou o dia inteiro, tal como na véspera chorara o dia todo. Não poucas vezes fez menção de levantar-se e partir, mas Andergast fez-lhe ver com um ar carrancudo que não podia dar-lhe permissão para isso. Ela submeteu-se, o olhar hostil. Conhecia-o naturalmente há muito tempo. Muito a contragosto seu, Roderich convidara-o frequentemente a acompanhá-los. Ela temia-o. Tomava-o por um homem mau e pretendia que ele exercia sobre Roderich uma influência nefasta. Ele não o ignorava. Não era a primeira vez que fazia semelhante experiência. Podia tratar-se de um mal-entendido, capaz de inspirar, no máximo, piedade. Agora, tomava-se subitamente de interesse pela moça, interesse que não dizia respeito apenas ao seu “caso”, mas também à sua pessoa e tingia-se portanto de simpatia. Era pequena, insignificante, e tinha em suas atitudes qualquer coisa de infantil; de uma vez porém que, ao passar a seu lado, lançou o olhar sobre aquela figurinha encolhida sobre o leito, o rosto voltado para o solo, a testa mergulhada no braço dobrado, sentiu-se tomado de compaixão à vista daquela nuca estreita que fazia pensar num ramo de árvore descascado. Pôs-se a refletir sobre as possibilidades de lhe prestar auxílio. Não podia ficar indefinidamente de plantão ao lado dela, como esses agentes que patrulham a vizinhança de certas pontes para impedir que as pessoas se atirem à água. Era absurdo, urgia sair sem demora daquela situação ridícula e embaraçosa e libertar Hilde e Hedwig daquele encargo. Não via senão um meio ao seu alcance: arrancar-lhe da mente aquelas ideias mórbidas de suicídio, despertar nela uma esperança, mostrar-lhe um

objetivo a alcançar. Recordou então que suas relações com Roderich não tinham tido outra razão de ser, senão o desejo de amortecer pelos sentidos e pelo espírito esse impulso para a morte. “Sou para ela um narcótico”, dissera-lhe certa vez o amigo, e acrescentara: “Aí está, vê? A ligação que nos prende uns aos outros, a supor que tenhamos entre nós alguma espécie de ligação”. Elaborou um plano definido, mas logo foi forçado a reconhecer que subestimava a dificuldade da tarefa e enganara-se acreditando poder convertê-la com máximas de sabedoria comum. É certo que lograva obter algum domínio sobre ela, e conseguia, empregando astúcia ou brutalidade, fazê-la abandonar as posições em que se entrincheirava e ridicularizar a obstinação estreita em que se fechava, pois conhecia suficientemente a mentalidade daquelas criaturas, sua linguagem, seus preconceitos, os horizontes limitados em que se encerravam. Do ponto de vista social, ela pertencia a um tipo assaz generalizado, o da artista com pretensões burguesas. Como mulher, com o misto de astúcia e inocência que a caracterizavam, com seu cinismo e sua suave pureza de Ofélia, não era destituída de atrativos para os novatos. (É forçoso convir que não faltavam lições de experiência a este jovem de vinte anos para poder fazer tais reflexões e estabelecer tais distinções; adiante veremos o que na realidade sucedia). Entretanto, como já dissemos, toda aquela estratégia não pôde levá-lo muito longe. Percebeu que a resolução de morrer estava mais profundamente arraigada na moça do que a princípio o acreditava, e correspondia a uma orientação imposta à vontade pelas raízes mesmas de sua natureza, a menos que não se quisesse ver ali uma loucura, uma crise psicopática. E o exemplo por ela oferecido era menos o de um destino isolado do que o de um número avultado, um número assustador de outros destinos — constatação essa que não o surpreendia, muito embora, d e c a d a v e z , o atemorizasse. Não bastava aqui “levantar o moral”, fazer o papel de mentor e apresentar argumentos repisados e lugares-comuns de moral; era preciso dar provas de energia, agir com discernimento. Uma vez estabelecido este ponto, interessou-se pelo jogo e disse consigo mesmo: “É indispensável fazê-la mudar de ideia; não vou permitir que me escape assim por entre os dedos”. Recusou-se portanto a voltar para o seu quarto, quando Hedwig veio substituí-lo na segunda noite,

e mandou-a deitar-se, não sem antes presenteá-la com um beijo. Pouco antes, Jessie tentara mais uma vez escapar à vigilância que lhe era imposta e que provocava nela uma surda revolta. Quando lhe perguntou onde pretendia ir, teve um movimento de ombros; ele fingiu então não fazer objeção ao seu intento. A moça segurava já o trinco da porta, quando ele lhe passou subitamente o braço pelos ombros, fazendo-a recuar alguns passos e, colocando-se no seu diapasão, recitou em voz lacrimosa e burlesca: “Eu sou tão tolo, tu és tão tola, vem, vamos morrer”. Ela se pôs a rir, pela primeira vez. Até aquele momento, não comera absolutamente nada; conseguiu induzi-la a tomar algum alimento; havia pão e manteiga no armário, abriu uma lata de sardinhas e pôs água a ferver para o chá num fogareiro elétrico. Cedendo às suas instâncias, comeu e bebeu com apetite regular, sem que seu olhar, úmido como o de uma malaia, se desprendesse dele, cheio de temor e desconfiança. Não obstante, prestava atenção ao que ele dizia; seu rosto assumia aos poucos uma expressão atenta; não tardou a dignar-se responder às perguntas que fazia, a refutar as razões que invocava, procurando modificar-lhe a opinião sobre sua pessoa e defender o que ela chamava o seu “maldito direito”, o único que ninguém poderia contestar-lhe, a ela ou a mais ninguém. Aos poucos excitava-se, respondia com vivacidade às suas objeções; se o via vacilar ou surpreendia-o em contradição consigo mesmo, aproveitava-se habilmente de sua vantagem, e era a vez de Andergast, surpreso e zangado, esforçar-se por reconquistar as posições perdidas. Passava aliás de um assombro a outro; chocava-se contra uma maneira “natural” ou “popular” de encarar os fatos que não tolerava nenhum equívoco, nenhuma reticência, contra a resolução intrépida de ver as coisas como elas são (ou o que ele entendia como tal) que, como tudo que é simples e sentido, dava a impressão de as estar vendo e comentando pela primeira vez. Uma palavra, uma forma de expressão, um fato, surgiam ao acaso da conversa, os quais, se aos olhos dela não assumiam qualquer importância particular, lançavam, não obstante, uma luz crua não apenas sobre sua própria existência, mas sobre toda uma classe da sociedade, sobre meio milhão de Jessies, por assim dizer, como se, entre as trevas de onde elas surgiam e as trevas para onde se

encaminhavam, se houvesse podido ver, no cone de luz de um projetor, emergir pelo curto espaço de um instante uma longa fila de espectros. Ora, nada podia servir melhor aos intuitos de Etzel Andergast. Encontrava-se inesperadamente na posição de advogado do diabo. Quando ela o interpelava, irônica e agressiva: “Que quer que eu faça? Diga-se sinceramente o que devo fazer, sem cerimônia”, ele retinha a respiração, mordida os lábios, e tomando as mãos da moça apertava-lhe os dedos até fazê-la gritar. Não tinha mais como recuar. Ela insinuava-se aos poucos em sua simpatia, participando, em consequência, de sua própria vida e, impondo-se à sua solicitude, apelava para o seu sentimento do dever. Se desiludisse aquela expectativa, deixaria patentes, de um lado sua presunção, de outro sua fraqueza. A morte, o derrotismo eram demasiado poderosos à sua volta e nem todas as criaturas eram romanos que preferiam arrojarse sobre suas espadas a ver-se reduzidos à escravidão; capitulavam em massa, entregavam-se de pés e mãos atados, covardes, servis e pusilânimes. Traição. Deserção. Precisamente por isso não perdoava a Roderich, a ponto de nem mesmo desejar ouvir falar-lhe no nome; junto aos seus restos mortais sentira-se tomado de cólera; teria desejado sacudir o morto pelos ombros e gritar-lhe aos ouvidos: “Por que, seu idiota?”. Seu derradeiro gesto assumia por assim dizer o aspecto de um ato de preservação. Jessie fixava-o, os olhos dilatados de espanto, enquanto, calmo e insensível, ele expunha suas ideias. Seu ódio contido intimidava-a enormemente. “Preferiria que me batesse”, pensava. Em seguida, Etzel voltou a representar; fez-se de novo carinhoso e implorou, suplicou, prometeu-lhe sua amizade e todo o auxílio de que ela pudesse precisar. Isso não fez senão amedrontá-la ainda mais. Não tinha necessidade de sua ajuda, pedia apenas que a deixasse sossegar um pouco daquela avalanche de palavras. E, durante um minuto inteiro, sacudiu a cabeça: não, não e não. Para que toda aquela comédia? Por que se incomodava com ela? — Acho que mentes como um dentista — disse ela. (Sem mais nem menos, tinham passado a tratar-se por “tu”). Sentia instintivamente que não era sua sorte pessoal que o interessava, mas que ele queria experimentar suas forças, cumprir uma espécie de proeza esportiva cujo sentido, aliás, lhes

escapava. Isso a irritava e fazia redobrar de fanatismo em sua resistência.

— Quererás por acaso resgatar-me a vida — lançou-lhe com ódio —, ou tens quem te pague por ela? — porém, ao mesmo tempo, os lábios trêmulos, estendia-lhe as duas mãos juntas.

— Sim, irei cobrá-la ao presidente do Reich — replicou ele secamente. Fosse o esgotamento ou simplesmente o efeito dessa presença humana, o fato é que sua atitude perdia pouco a pouco aquela áspera frieza que era tão antipática a Jessie e que a ofendia; encontrava as palavras que a comoviam e lhe iam direto ao coração. Nada podia acontecer de pior; sentiu subitamente que sua desgraça se fazia ainda maior, a desgraça de não ser nada e de não ter ninguém por ela, de não poder viver e não ter o direito de morrer, e acabou por onde começara, numa torrente de lágrimas inesgotável, irresistível.

Cem páginas não bastariam para reproduzir integralmente a conversa que tiveram, pois estendeu-se, com breves intervalos, pelo espaço de vinte e uma horas. Etzel aproveitou-se de uma dessas interrupções para chamar pelo telefone a Eleanor Marschall. Se Neil, como a chamavam os íntimos, não estivesse presa ao leito por uma infecção de garganta, teria acorrido ao seu apelo pois, desde quarta-feira, ele a informara da transferência de Jessie para a residência dos Lüttgens e das dificuldades criadas por essa situação. Declarara que toda aquela questão era uma estupidez inqualificável, a maior asneira que se poderia ter feito. Quando lhe explicou a situação embaraçosa que se criara, respondeu: — Arranjaste um prisioneiro que nunca mais te há de largar; pelo amor de Deus, não insistas nessa loucura, não percebes que está fazendo o possível por provocar aquilo que mais desejas evitar? Foi então que o aconselhou a procurar Kerkhoven. Ouvira contar a seu respeito coisas extraordinárias; havia operado, em casos semelhantes, verdadeiros milagres. De volta ao sótão, encontrou Jessie que, de joelhos diante de Hilde, suplicava a esta que lhe desse um veneno fulminante.

— Para que fazer essa despesa? — disse brutalmente Andergast. — Basta te atirares ao Spree ou te enforcares numa árvore do Tiergarten.

Não sabia mais o que dizia, tinha a cabeça transtornada. Hilde, tomando-o à parte, segredou-lhe que o pai suspeitara de algo; quando se elevavam as vozes, estas se faziam ouvir através do assoalho. Deus sabe o que podia acontecer, se viesse a saber que a amante do filho encontrava-se na casa e em que circunstâncias viera; infelizmente, não pensara antes nessa contingência. Concordaram em misturar ao chá de Jessie uma forte dose de bromureto. Ante a resposta brutal de Andergast, ela estremeceu e apoiara a mão sobre a boca. Estava agora sentada ao lado da mesa, com seu vestido negro, seguindo com os olhos os dois outros e deixando-os dispor dela à sua vontade. O medicamento teve o efeito desejado: adormeceu. Hilde passou o resto da noite ao seu lado e por várias vezes ouviu-a suspirar dolorosamente em seu sono. Em lugar de ir deitar-se, Andergast saiu da casa à meia-noite, perguntou num bar por Lorriner — era onde a essas horas o encontrava habitualmente — e, não o encontrando, errou ao acaso pelas ruas até de madrugada. Aos vinte anos, dispomos de uma reserva de forças às quais é suficiente dar uma direção diferente para que elas se renovem.

Kerkhoven pediu-lhe que esperasse quinze minutos na sala de espera, após o que o acompanharia. “Pelo menos é um homem que não faz complicações”, pensou Andergast, e sua surpresa se repetiu agradavelmente quando o médico reapareceu pontualmente e fez-lhe com a cabeça um sinal de que estava pronto. Embaixo, tomaram um automóvel. Durante o trajeto, Kerkhoven não abandonou o seu mutismo. Fato curioso, aquele silêncio nada tinha de penoso para Etzel Andergast. Não experimentava qualquer mal-estar ou embaraço; tampouco sentia, como costuma acontecer nesses casos, a necessidade de dizer alguma coisa, para evitar sentir-se subitamente mergulhar com o companheiro num buraco sem saída. De acordo com suas observações, o temor ao silêncio, que acomete a maioria das pessoas, provém de que cada um receia os pensamentos do companheiro como uma ofensa que não é possível evitar senão falando, interrogando

incessantemente. As criaturas mais imbuídas do próprio valor não estavam, segundo sua experiência, isentas dessa atitude suspeitosa cuja causa primeira era porventura uma ferida feita ao amor-próprio em suas fontes mais secretas. O homem a seu lado estava isento dela, e o fato de senti-lo, de sabê-lo, equivalia a receber um presente inesperado, de tão raro que era. Mais raro ainda em sua existência cheia de agitação, de palavras, de lutas contra a suspeita e a pretensão humana. Fechou os olhos com a impressão de que o homem a seu lado dava-lhe permissão para repousar, que ele compreendia melhor do que ninguém o estado em que se encontrava, que intimamente mesmo lhe ordenava, através de uma força só a ele conferida, de abandonar-se sem resistência. Aquilo lhe fazia um bem infinito. Era um homem extraordinário, aquele que tinha ao seu lado.

Hilde Lüttgens estava ao pé da escada do sótão e reuniu-se a Kerkhoven e a Andergast quando estes subiram. Em voz baixa informou-os de que Jessie dormira até as sete da manhã, não tocara no almoço e tornara a reclamar cigarros, dos quais fumara pelo menos uns vinte. Não dera uma palavra, porém, e a julgar pelas aparências, estava presa de uma extrema agitação, motivo pelo qual não a deixara por um minuto a sós. Kerkhoven ouviu sem nada dizer, e a seguir pediu que o conduzissem até ela. Hilde subiu na frente, entreabriu a porta e fez sinal para sair a sua irmã, que se achava em companhia de Jessie. No limiar da porta, Kerkhoven inclinou-se diante dos três jovens, dando-lhes a entender por esse gesto que já não necessitava deles. As moças desceram para o andar de baixo; Etzel sentou-se sobre o parapeito da janela do patamar e esperou para reconduzir Kerkhoven, quando este saísse do quarto, bem como para prevenir qualquer incidente capaz de revelar ao velho Lüttgens a presença do médico estranho. Abrira um livro, mas não lia. De tempos em tempos, seu olhar fixo mergulhava no pátio, que uma névoa impregnada de fumaça cobria de um véu tão espesso que diluía as silhuetas de duas mulheres ocupadas em sacudir um tapete e amortecia o ruído desagradável das pancadas e do vozerio que se fazia ouvir, nos intervalos. Ao cabo de três quartos de hora, a porta se abriu dando passagem a Kerkhoven e Jessie. Andergast ergueu-se e aproximou-se

deles. A fisionomia de Jessie se transformara. Avistando-o, deslizou sobre ele um olhar que não se deteve, como se não lhe fosse permitido desviar a atenção de Kerkhoven. Este colocou com precaução a mão sobre o braço da moça e disse, numa voz cujas ressonâncias profundas tornavam-no quase irreconhecível: — A senhorita tem tudo quanto necessita, não? Caso contrário, podemos passar em sua casa para apanhar o que for preciso.

Depois, voltando-se para Etzel e no mesmo tom profundo: — Estou muito satisfeito, a Senhorita Tinius decidiu-se a vir comigo. É preciso dizer que ela poderá ser-me de grande utilidade numa questão assaz delicada. Queira ter a gentileza, Senhor Andergast, de prevenir as Lüttgens que desejamos despedir-nos delas.

“Aí está”, refletia Andergast enquanto descia, “este homem parece fazer tudo o que bem entende”. Tinha a impressão de que o Kerkhoven que ficara em cima e aquele que o defrontara no consultório não eram o mesmo homem. Esta impressão tinha algo de perturbador, como se fora o passe de um prestidigitador, e como tal assombrava e desconcertava. (Enquanto não se conhecia o truque, evidentemente). Subindo com Hilde, disse: — Eis aqui um homem assombrosamente mais forte que nós todos, um homem que conhece o terreno onde pisa.

Quando Hilde e Hedwig se aproximaram de Jessie, desenrolou-se uma curta cena muda, que Andergast seguiu com um olhar crítico e curioso (talvez por querer descobrir o “truque”). A separação das duas irmãs provocou, com efeito, uma recaída que Kerkhoven evidentemente desejara, a fim de pôr à prova o poder de resistência que insuflara na moça. Esta cruzou os braços sobre o peito e apoiou-se à parede, passeando os olhos apavorados de uma a outra, e depois em direção à escada, como se calculasse as possibilidades de uma fuga. Sem se aproximar dela, Kerkhoven disse à meia-voz, mas com uma severidade inesperada e por isso mesmo intimidante: — Domine-se, minha filha. Já terá esquecido o que me prometeu? É preciso compreender enfim que deve alguma consideração a seus amigos, de

cuja paciência já abusou um pouco, não lhe parece? — Sim — murmurou Jessie, e teve um sorriso submisso.

Pelo que Etzel pôde julgar, o olhar daquele homem exercia sobre ela maior domínio ainda que suas palavras, e, mais ainda que o olhar, o poder de sua presença; uma presença da mesma natureza da de certas árvores, de certos animais poderosos. Onde estava portanto o truque? É provável que não houvesse nenhum. Talvez que naquele homem não fosse preciso nem mesmo procurar a rotina; talvez que suas relações com a ciência não fossem senão exteriores; talvez que sua maneira de ser médico não tivesse senão longínquas relações com a de todos os demais membros da corporação, da mesma forma que a existência dele, Andergast, não tinha mais que longínquas ligações com as existências que na aparência cruzava. Com aquele homem, tudo era possível. Incontestavelmente, havia nele qualquer coisa que intrigava. Não devia rechaçar sem reflexão a ideia de confiar-se a ele. Confiar-se, que palavra estúpida! O que devia fazer era plantar-se em seu caminho, detê-lo, gritar-lhe: “Olhe um pouco para mim, vê se te posso servir para alguma coisa”. Servir para quê, o futuro o dirá. Dirá também se vale a pena fazê-lo. Quem sabe se não se deterá para ouvir-te? Quem sabe se, com seus olhos de adivinho, não será capaz de enxergar o que ninguém mais vê, nenhum daqueles pelo menos que vive fora do trópico,²⁷ na zona funesta do êxito e dos negócios: os bem-nutridos, os isentos de preocupações, os acionistas, os defensores da lei? Desejo intenso, inexplicável, que súbito germinava nele. Esperança vã, insensata, enigmática, como se aquilo que jamais se havia produzido, mesmo nas horas do mais amargo desespero, pudesse produzir-se agora. Se cedesse a esse impulso suspeito e a ele se abandonasse, facilmente se poderia perder, e então, quem garante que não caísse numa armadilha? Aquele que uma vez queimou os dedos, passa a desconfiar do fogo. A despeito dessas reflexões, pelas quais se esforçava por recuperar seu sangue-frio e se amedrontar, voltava sempre à ideia de saber como arranjar-se para se encontrar com Kerkhoven, ou antes para aproximar-se dele e com ele estabelecer outras relações que esses breves contatos tão cedo terminados quanto iniciados. Não será preciso dizer que compreendia exatamente a

futilidade do desejo em si; era o mesmo que pretender que o ministro da justiça fosse convidá-lo todos os dias para almoçar, simplesmente porque um dia, quando não era mais que um garoto, chegara quase a arriscar a própria vida para defender a inocência de um homem condenado à prisão perpétua. Era porém impetuoso em seus desejos, tinha uma vontade difícil de dobrar e não podia resignar-se a abandonar sua esperança. Acompanhou Jessie e Kerkhoven até o automóvel e, no último momento, quando este último tinha já um pé dentro do veículo, perguntou-lhe para onde conduzia Jessie e se esta teria autorização para receber visitas. A intenção que percebeu numa entonação estranha da voz, o cintilar de alguns pontos de ouro na pupila, revelaram a Kerkhoven o pensamento secreto que aquela pergunta ocultava; durante alguns segundos fixou o rapaz, o que lhe permitiu observar o frescor de seus lábios e a beleza juvenil da curva de sua fronte. E, enquanto amavelmente fornecia as informações solicitadas (“Estará em minha clínica particular, venha vê-la quando quiser, é claro”), sentia com uma acuidade prodigiosa e muito mais conscientemente que há duas horas, em seu consultório, a atração quase inquietante que sobre ele exercia aquele rosto. Acrescentou com vivacidade: — Venha ver-me também, a mim: estou lá todos os dias, conversaremos um pouco.

Andergast, a cabeça descoberta, sem sobretudo, seguiu com os olhos o automóvel até vê-lo dobrar a esquina. “Não posso fiar-me nesta conversa”, monologava, “não é bastante formal; este homem tem muito que fazer para se recordar de um convite tão vago; se o tomasse ao pé da letra, ele iria mirar-me com assombro”. Em sua impaciência imperiosa, toda demora se lhe afigurava um contratempo, toda espera parecia-lhe diminuir as possibilidades de realização. Estava dominado pela mesma febre que um estudante em vésperas de exames; chegava a não se compreender a si mesmo. Àquela atroz miséria moral, estava acostumado. Já era crônica nele. Mas aquele desejo impetuoso de querer “plantar-se no caminho” de um homem a cujo respeito, em suma, ignorava tudo, de quem não tinha direito de esperar nada e que tinha todos os motivos para responder com um pontapé a essa importunidade, que podia significar, até onde conduziria? No dia

seguinte Hilde veio ao seu quarto contar-lhe que seu pai passara uma noite ruim, e que ademais parecia sofrer muito, o que a deixava bastante atemorizada. Andergast aconselhou-a a telefonar ao Professor Kerkhoven; se este consentisse em examinar o doente, já seria meio caminho andado. Hilde achou o conselho razoável e dirigiu-se imediatamente ao telefone. Ao cabo de um momento, voltava muito contente: não pudera falar pessoalmente com o professor, mas este mandara dizer por um assistente que estava pronto a vir, com a condição de que Lüttgens não estivesse ainda aos cuidados de outro médico, caso em que não poderia intervir, senão em conferência com este último. Garantira que médico algum o visitara ainda. Pelo fim da tarde, Kerkhoven chegou. Desde meio-dia, Andergast estava embaixo, junto das moças. Jogava xadrez com Hedwig. Cada toque de campainha fazia-o levantar a cabeça. Durante o tempo que Kerkhoven passou em companhia de Lüttgens, consultou pelo menos vinte vezes o relógio. Ao fim de meia hora, Kerkhoven saiu. Deu a Hilde algumas instruções provisórias e tranquilizou-a. Andergast acompanhou-o até o vestibulo. Trocaram algumas palavras, depois saíram juntos. Kerkhoven parecia ter esperado por isso. Deu um endereço ao chofer e fez partir o carro. Tudo se passara muito naturalmente.

E foi assim que tudo começou.

Nenhum homem, nem mesmo dotado do mais vasto campo de ação, está em condições de abarcar em seu conjunto todos os diferentes setores da vida. Pelo contrário, quanto mais extensa for a esfera por ele percorrida, mais quantidade de espaço inexplorado encontrará nela. O movimento prodigioso e ininterrupto do mundo social é causa de que este jamais deixe de ser misterioso, de um mistério que perturba e atormenta acima de tudo precisamente ao observador mais experimentado. Todo pretenso conhecimento, toda noção, por autêntica que seja, todo fato isolado focalizado de per si, induzem em erro; não permitirão jamais senão o conhecimento aproximado de um espaço restrito, de uma transformação passageira, enquanto permanecem ocultos os fenômenos decisivos e o jogo das combinações. Essa incapacidade de penetrar as profundezas secretas

das coisas e das criaturas assemelha-se à nossa impotência em atravessar a massa terrestre. O poço mais insondável, o perfurador mais poderoso, não chega a atravessar a camada superior, a epiderme; o interior permanece envolto em mistério. Há certos espíritos que são esmagados pela impossibilidade de levantar o véu.

Com os anos, a vida acumulara em Kerkhoven uma quantidade prodigiosa de materiais. Não estava em sua natureza passá-los pelo crivo ou pô-los em ação, e nem tampouco deles extrair conclusões de ordem prática ou teórica. Faltava-lhe tudo o que seria necessário para isso. Não era um intelectual. Era, por assim dizer, a pedra de toque dos fenômenos e dos processos no centro dos quais seu destino o colocara. Na reação que provocavam nele, verificavam-se o estado de agregação, a afinidade, o conteúdo, o valor dos demais, e era-lhe preciso, de certa forma, “experimental”, os outros homens em si mesmo antes de poder compreendê-los. Não sei se estarei sendo injusto afirmando que não possuía senão em fraca medida a faculdade de definir e de analisar, defeito esse não apenas atinente ao seu espírito, senão ao seu próprio caráter. Seria talvez este o motivo porque muitos duvidavam de seu valor como cientista. Tinha poucas ideias, e muita intuição. Raramente um problema lhe cativava cerebralmente a curiosidade, mas, uma vez interessado, entregava-se a ele sem reservas. Perigo constante, contra o qual a sensatez do seu bom gênio encontrara não obstante meios de protegê-lo: em primeiro lugar, pela lentidão, direi mesmo pela preguiça de suas reações, depois pelo estranho amor sensual que nele despertavam todos os fenômenos. (Se tivesse que traçar dele um retrato moral, faria derivar todas as suas demais qualidades destes dois dados fundamentais). É certo que a tragédia da família Lüttgens e o caso de Jessie Tinius no qual, tal um mensageiro dos dramas antigos, o jovem Andergast obrigara-o a desempenhar um papel ativo, não representavam, em sua clientela, nada de excepcional ou de extraordinário. Quase diariamente defrontava-se com casos semelhantes e seu condicionamento social, seu determinismo, suas formas típicas nunca deixaram de constituir o objeto de suas reflexões angustiadas. Assumiam inegavelmente o caráter de uma epidemia, de um fato clínico, como se o organismo de toda a sociedade houvesse

sido lesado em uma de suas funções vitais. (Desde uma de suas primeiras entrevistas com Andergast, referiu-se a esse fenômeno como a uma “afecção coletiva” da noção de realidade, contagiosa em consequência de uma paralisia geral das forças de resistência). Sim, havia no corpo da nação como que um foco purulento, um tumor canceroso que cirurgião algum, fosse ele dotado de poderes sobre-humanos, poderia atingir, e, quanto a tratá-lo pelos raios-x, de nada teria servido uma montanha de *radium*, pois estamos ainda longe de influir sobre as almas pelas irradiações das forças atômicas, como sobre um tumor traiçoeiro. Não existe doença capaz de perturbar tão profundamente a consciência do médico quanto aquela cuja natureza reconhece, sem poder curá-la ou aconselhar um remédio eficaz. A impotência da ciência e da força humana basta para fazê-lo desesperar, quando se trata de um caso isolado, porém sua aflição redobra ao defrontar-se com um pânico contagioso, cuja semelhança dos sintomas torna ainda mais assustador que o caráter incoercível de sua evolução. Pode acusar o tempo, responsabilizar as instituições humanas, a degenerescência de instintos primordiais, o enfraquecimento de certas funções de defesa, mas de que lhe servirá tudo isso? Deve haver em tudo uma perturbação cósmica, refletia às vezes Kerkhoven; nos astros reinará possivelmente uma anarquia contra a qual seria tão inútil tentar insurgir-se quanto o seria para os pequenos infusórios de uma gota d’água pretender resistir à agitação das ondas levantadas pela tempestade.

Ora, nesta esfera onde a vitalidade estava em perigo, onde se morria clinicamente e onde Kerkhoven tinha às vezes a impressão de que toda a mocidade estava marcada e cada vez menos se defendia contra a morte e cada vez mais contra a vida, ou antes contra a obrigação de viver, contra a existência encarada sob esse ângulo (uma das mais trágicas fatalidades que poderiam afligir a história, refletia), eis que entrava bruscamente em cena Etzel Andergast. Este moço revelava uma energia extraordinária. Demonstrava conhecer a localização exata do mal e, armado de certo modo até os dentes para a luta, parecia disposto a enfrentá-lo. Na ingenuidade de seu ardor belicoso, deixava transparecer com uma cândida impudência que gostaria de tê-lo como

aliado, a ele, Joseph Kerkhoven. Ou acaso se equivocava Kerkhoven sobre o sentido de sua atitude? Não seria apenas a necessidade a impulsioná-lo, ali onde lhe parecia ver uma exigência? Um brado de socorro pode ser mais imperioso que uma ordem. O papel de cruzado que tão bem desempenhava não seria, porventura, mais que uma farsa, e quem sabe se ele mesmo não seria do número dos que, anêmicos, esgotados, haviam atingido o término de todas as coisas antes mesmo de se ter posto a caminho? Era pouco provável e, não obstante, Kerkhoven não conseguia afastar completamente essa suspeita; não poucas vezes acreditou ter diante de si uma natureza abalada em suas próprias raízes, que em torno de si erguera muralhas tão altas que se diriam inexpugnáveis. Em outros momentos, parecia-lhe jamais ter defrontado outro ser humano cujas forças se encontrassem a tal ponto intactas, cuja natureza fosse tão transparente. Essa constatação deixava-o desconcertado; com surpresa, perguntava-se o que o teria atraído tão irresistivelmente naquele rapaz, a ponto de, depois de com ele não ter trocado mais que algumas palavras, não estranhar vê-lo subitamente instalar-se a seu lado após a visita ao velho Lüttgens, revelando, a despeito de sua rudeza e de sua fria reserva, uma familiaridade singular, quase infantil.

Como se, para ele, não existisse entre ambos nem distância, nem diferença de idade ou situação; como se fosse a coisa mais natural do mundo, sancionada por uma lei inteiramente recente, embora ignorada da grande maioria, que um estudante insignificante se “plantasse no caminho” de um homem célebre, altamente colocado e de uma certa idade, com a intenção exclusiva, ou pelo menos com a única intenção aparente, de formular-lhe trinta e seis perguntas por minuto, como um repórter de jornal, e, segundo a natureza da resposta, de menear a cabeça com um gesto de aprovação ou sacudi-la em atitude de dúvida, de crítica ou de surpresa. E que perguntas! “Acaso será possível conhecer jamais a fundo um caráter?”. “O que se costuma chamar um caráter, existirá realmente?”. “Será possível transformar alguém?”. “Podem-se conceber circunstâncias em que um estado de espírito negador da vida se torne contagioso? E quais são elas?”. “Por que se torna a ciência completamente estéril desde o

momento em que o homem quer fazer dela o guia de suas ações?”. “Uma doença mental corresponde a uma realidade, ou não passa de simples hipótese, hipótese insustentável desde que para julgá-la se penetre até o fundo da natureza?”. “De cada vez que inscrevemos o sinal ‘menos’ diante de um valor humano, não será preciso procurar-lhe a causa num certo orgulho matemático que pretende esconder com a ajuda de ideias e raciocínios a insuficiência da imaginação?”. Etc, etc.

Todas essas perguntas são lançadas numa voz forte que a um só tempo ordena e implora; exprimem-se sob a forma mais concisa e deixam sempre subentender: “Não me faça esperar, é preciso que eu saiba imediatamente; nada de desculpas, de evasivas, não te deixarei antes que me tenhas dado tua opinião”. Kerkhoven estava atordoado. A custo podia seguir aquele ritmo vertiginoso. Era como que um ataque súbito, imprevisto; lembrava os interrogatórios a que eram submetidos os espões durante a guerra. Apenas tiveram tempo de responder às pressas a uma pergunta e já surgia uma outra, lançada com a mesma violência contida, com a mesma insistência imperiosa e suplicante. Aquilo era novo para ele, prodigiosamente novo e interessante.

Segundo todas as evidências, as relações desse rapaz com o mundo exterior que o cercava estavam a tal ponto tensas que seus nervos, sua sensibilidade, suas faculdades receptoras e seu equilíbrio psíquico corriam a cada instante o risco de romper-se. Sua determinação em conter os próprios sentimentos, o ceticismo que rechaçava para o íntimo de seu ser e que chegava quase a destruir-se a si próprio, serviam apenas para aumentar o perigo. Eis qual era na realidade a posição de seu espírito: “Não vás imaginar que acredito em ti; não faço senão tentar a sorte contigo, como fiz com tantos mais; o assunto uma vez encerrado, como de praxe, com protestos de pesar e nobres conceitos, desapareceu”. Ou então, ligeiramente mais conciliador: “Um tipo da tua espécie poderia ser-me de utilidade, mas para isso seria preciso que primeiro nos conhecêssemos, e sei que gente assim não tem tempo para as realidades da vida”. Mas Kerkhoven não seria quem era, se não fosse capaz de compreender o que havia de inexprimido, de contido por trás dessa angústia, que se comunicava, aliás, com

veemência há muito tempo acumulada. Sua calma imperturbável bastava para impor silêncio às vozes agudas, provocantes, maldosas e revoltadas que se levantavam naquele homem. “Tu te exaltas sem motivo”, dizia claramente sua atitude. “Afirmo-te que terei o tempo necessário. Estou aqui para isso”. Andergast não se surpreendeu, pois, embora arregalasse os olhos e sentisse as palavras lhe morrerem na garganta, quando, ao fim dessa estranha entrevista em plena rua, Kerkhoven convidou-o a comparecer no dia seguinte às três horas em sua clínica.

— Em primeiro lugar, poderá aproveitar a oportunidade para visitar a Senhorita Tinius, e depois... enfim, veremos.

Andergast, que segurava a porta do automóvel, disse num tom simultaneamente tolhido e impertinente: — Foi uma bela proeza a que realizou ontem, professor... Eu daria bem dez anos de minha vida para saber como conseguiu entender-se com Jessie.

Kerkhoven sorriu e acenou-lhe com a mão em despedida: — Bem, até amanhã.

Esta observação sobre Jessie Tinius não era uma palavra lançada à toa, com intenção bajulatória. Pensara instantaneamente em Lorriner, pois a decisão a tomar a seu respeito pesava-lhe na consciência. Essa lembrança cortava-lhe a respiração e lhe ensombrava o horizonte, independentemente de diversos outros problemas angustiantes como, por exemplo, o que dizia respeito a Neil Marschall. Teria porém preferido que lhe cortassem um pedaço da língua a ter de fazer qualquer alusão ao assunto com Kerkhoven, se bem que as ocasiões propícias não tivessem faltado e que Kerkhoven parecesse estar esperando por isso. Fitava-o às vezes como se dissesse: “Vamos! Que se passa? Diga-me o que o preocupa!”. Nessas ocasiões, Andergast se voltava e, com o ar provocante que lhe era habitual, jogava a cabeça para trás com um gesto brusco. Não, era preciso que ele se arranjasse sozinho, acontecesse o que acontecesse. E nesta posição se manteve até o dia em que simplesmente não lhe foi mais possível prosseguir. No

entanto, aquilo era mais forte do que ele: tinha necessidade de procurar aquele homem, de estar a seu lado. Todos os dias, duas vezes por dia, e mais ainda se possível. E aquele homem acolhia-o, encontrava tempo, fabricava tempo para dedicar-se a ele. Andergast encontrava-se em presença de uma força indomável, ante a qual todas as objeções desmoronavam por si mesmas. Pela primeira vez, sim, por Deus, podia dizer que pela primeira vez, encontrava-se face a face com um homem, em toda a acepção da palavra. Um homem tal como sempre o imaginara. Ter encontrado um homem! Bem sei que a espécie conta com mil e novecentos milhões de exemplares, segundo informam os recenseamentos; entretanto, se fosse possível passá-los por uma peneira, a esses mil e novecentos milhões, para separar, como se costuma dizer, o joio do trigo, encontraríamos uma montanha de joio e um punhado de trigo. Recordava-se de ter lido em alguma parte uma palavra sublime, segundo a qual se deve esmagar o homem que não pode ser adorado. Onde encontrá-lo, porém, esse homem capaz de ser adorado? Que secretos recônditos teria escolhido para esconderijo? De que serviam aliás essas pretensões exageradas? Para que chegar logo ao extremo de adorar? É suficiente que o homem tenha olhos, olhos humanos, uma voz humana. Sim, podeis sorrir à vontade — uma alma humana. E isto, Kerkhoven possuía, indiscutivelmente. Esta qualidade e outras mais haviam-lhe conferido a dignidade de homem. Estava no alto, num ponto elevado, de forma a obrigar que se levantasse os olhos para vê-lo. E levantar os olhos para um homem, era algo de reconfortante. Alguns poderão sorrir, julgando bem primitivos esses sentimentos. É possível. Sou um pouco primitivo, também eu. Terão certamente ouvido falar de Pitágoras e da anca de ouro que seus discípulos acreditavam encontrar nele? Pois bem, também este homem possuía uma “anca de ouro”, reservada aos eleitos, àqueles cujas palavras se difundem exclamando como os discípulos de Pitágoras: *autos epha*, foi ele quem o disse.

CAPÍTULO X

A té aquele domingo de princípios de abril em que, com grande susto de Kerkhoven, Etzel Andergast apresentou-se na clínica com uma ferida aberta na cabeça, suas relações conservaram-se dentro dos limites traçados pelas circunstâncias, a diferença de idade e o trabalho profissional absorvente de Kerkhoven. Não podia dedicar-se ao rapaz na medida em que este provavelmente o esperava e certamente o desejava. Mas, nem por isso deixava de vê-lo quase diariamente, e, embora sobrecarregado a ponto de ter de economizar seus minutos, dispunha sempre de meia hora para consagrar-lhe. Não é voz corrente que, independentemente de seus próprios afazeres, os espíritos superiores capazes de organizar o próprio trabalho podem ainda regularizar sem esforço aqueles que aos inábeis aparecem como irrealizáveis? Na verdade a superioridade sabe criar o tempo necessário; da ordem interior nasce a facilidade.

Levado pelo extraordinário interesse que Andergast demonstrava pela organização e pelos doentes da clínica, e que provavelmente derivava de um dom particular, Kerkhoven determinara que ele pudesse circular livremente na casa e ter ingresso, não apenas ao quarto de Jessie, como ainda às enfermarias. Concessão muito natural, em se tratando de um estudante e futuro naturalista. Andergast conhecia as horas de visita de Kerkhoven e esperava-o nos lugares por onde devia passar; juntos percorriam então uma parte do vasto recinto. Esperava-o depois algum tempo mais e deixava o estabelecimento em sua companhia, ou então acompanhava-o através dos jardins, dos pátios e dos corredores até a porta do gabinete de consultas. Acontecia-lhe também, por volta do meio-dia, hora habitual de terminar a consulta, percorrer distraidamente de um para outro lado a Avenida Transversal, onde estava situada a casa. Quando o automóvel de Kerkhoven encostava à porta, entabulava com o chofer uma conversa técnica sobre a capacidade de rendimento de certas marcas e certos tipos de motores, o que constituía sempre um assunto inesgotável. Quando Kerkhoven surgia na porta, saudado respeitosamente pelos que se encontravam por perto — saudação que ele retribuía a seu modo, a um tempo como um alto personagem desejoso de passar incógnito e um fugitivo ansioso por escapar aos

seus guardiões —, Andergast aproximava-se com certa hesitação, tirava o chapéu com os olhos baixos e, a cabeça inclinada, esperava a decisão a ser tomada a seu respeito. Kerkhoven lançava de cada vez sobre ele o mesmo olhar inquisitivo, após o que apertava-lhe rapidamente a mão e subia só no automóvel ou fazia passar primeiro o rapaz, dizendo: — Vamos, a caminho! Andergast não tardara a perceber que sua maneira impetuosa de interrogar não agradava a Kerkhoven. Para fazê-lo abandonar a reserva em que se mantinha, era preciso agir com mais moderação, antes abrindo-se a si próprio em confidências do que precipitando-se sobre ele como para um assalto à mão armada. Passou pois a controlar-se e conformou-se com uma tática previamente traçada. A falar de si mesmo, não podia, é certo, resolver-se; se a isso o obrigasse, preferiria esquivar-se e desaparecer para sempre. Entretanto, sabia demasiado sobre os outros para ter necessidade de falar sobre si. Por uma lógica bem característica dos Andergast, via nisso uma compensação perfeitamente suficiente e capaz de afastar todo e qualquer tolhimento. Realmente, conhecia de maneira surpreendente os ambientes, as existências, as situações, os destinos, as pessoas, as mais diversas. Por onde teria andado? Para encetar uma conversa, começava geralmente por referir-se a um ou outro de seus camaradas, pois sabia que Kerkhoven ouvia-o então com extrema atenção; os quadros sucediam-se em seu relato, mais ou menos pitorescos; com um vigor extraordinário e impiedoso esboçava em alguns traços uma fisionomia, uma casa, uma família. Tal como uma esponja que se embebe de líquido, impregnava-se de fatos e acontecimentos, absorvia em si tudo quanto dizia respeito às coisas humanas, estupidez e desgraça. Era difícil compreender que aos vinte anos e meio houvesse podido adquirir uma sabedoria tão profunda e que parecia tanto mais inesgotável quanto jamais se repetia, e que o que se resolvia a relatar não era evidentemente senão uma parcela ínfima de sua experiência real. Sempre que Kerkhoven, surpreso, interrogava-o a esse respeito, respondia com um movimento de ombros nada haver de extraordinário naquilo. “Os dias são curtos, é verdade, mas o ano é longo, e pouco a pouco as coisas se acumulam, basta manter os olhos abertos”. Essa explicação pouco satisfatória cortava as asas a qualquer outra investigação. Mas Kerkhoven

mostrava-se incrédulo quanto a esse pretenso papel de espectador; sentia no rapaz o entusiasmo vibrante daquele que tomou parte ativa na ação. Pouco a pouco, chegou a imaginá-lo como um indivíduo que leva duas ou três vidas diferentes, que assume imediatamente a tonalidade do ambiente em que se coloca, adota as maneiras e a linguagem alheias e leva o mimetismo à perfeição, sem perder com isso sua independência de espírito, nem abdicar de seu livre arbítrio. De qualquer maneira, uma figura pouco banal. Kerkhoven não tardou a descobrir que comparecia assiduamente às reuniões políticas, que era encontrado entre a assistência de quase todas as aglomerações populares, que se costumava vê-lo “flanando” pelas tribunas do Reichstag, na Biblioteca Nacional, na Santa Casa, no Instituto de Biologia, mas também nos *dancings* e cabarés suspeitos, em certos cafés dos subúrbios frequentados por pequenos repórteres, atores sem trabalho e escritores revolucionários. Por toda a parte tinha amigos conhecidos, encontros marcados. Em parte alguma ficava por muito tempo isolado e sem relações, pois demonstrava tanta habilidade para lidar com gente de qualquer espécie e de todas as classes com desenvoltura — para não empregar um termo mais enérgico —, em travar relações e, se necessário, em conseguir acesso aos círculos mais fechados. Tudo isso, porém, não eram senão aparências.

Kerkhoven combinara certa vez com Marie almoçarem juntos num restaurante da cidade. Por casualidade, encontrou-se pouco antes com Andergast e levou-o consigo. Desejava que Marie o conhecesse. Já por várias vezes o mencionara, no decorrer de suas conversas, e tinha curiosidade em saber a impressão que o rapaz lhe produziria. Dava importância à opinião de Marie que frequentemente confirmava a tendência inicial da sua própria opinião e lhe dava realmente forma. Desta vez, aconteceu o oposto. Para grande surpresa sua, a impressão de Marie foi francamente desfavorável. Não será mau observar, para nosso governo, que o destino fornece às vezes à criatura certas advertências e indicações, quando tem intenções de ameaçá-la; dir-se-ia que, movido de compaixão, faz-lhe ouvir, por uma via indireta, como lhe é habitual: “Ainda é tempo de tomares as medidas

necessárias para te defenderes; hoje não te aplico senão um golpe ligeiro. Tanto melhor se o percebes; se não o fizeres, a culpa será tua”.

Marie, formada de uma matéria mais sensível e mais próxima dos elementos que os dois homens — e que não importa qual outro homem — sentiu porventura o “golpe”, e o estremecimento de um secreto pressentimento que correu sobre o puro espelho de sua alma. Kerkhoven e Andergast estavam já instalados, quando ela chegou. Desculpou-se pelo atraso junto ao marido, com delicada atenção. Andergast erguera-se vivamente. Enquanto o casal conversava, antes que ele tivesse sido apresentado, dez ou doze penosos segundos convencionais escoaram-se, que em outra ocasião não teria deixado de aproveitar para compor uma máscara de insolência cortês. Não teve tempo para isso. Seus olhos fixos sobre Marie tinham a expressão daquele que vê uma mulher pela primeira vez em sua vida. Apresentava um ar espantado, um pouco estúpido mesmo, e um olhar que Marie cruzou por acaso e que lhe causou um ligeiro arrepio. Não pôde defini-lo, mas não teve senão um desejo: esquecer bem depressa aquele olhar maldoso, desconfiado e ao mesmo tempo impregnado de profunda surpresa. Evidentemente, fizera-se da esposa de Joseph Kerkhoven uma imagem inteiramente distinta, a tal ponto que sentiu a princípio fugir-lhe o uso da palavra e levou um certo tempo a recobrar seu ar despreocupado, onde havia agora um bom humor simulado e uma franqueza que, em relação a Marie, tinham algo de forçados.

À noite, Kerkhoven interrogou Marie: — Que te pareceu ele? Um pouco estranho, não é certo? Marie ergueu os olhos do livro que estava lendo. Parecia querer descobrir de quem se tratava.

— Ah, sim — disse. — Teu jovem amigo... Não sei, Joseph. Para falar com franqueza, não me agradou. Há qualquer coisa nele, não nego. Se o encontrasse na rua, diria comigo mesma: “Quem será este homem?...”. Mas, nunca poderia ter confiança nele. Amedronta-me um pouco. Parece-me que tem tanto sentimento quanto uma lâmina de navalha.

— Tu me espantas — replicou Kerkhoven. — O que acabas de dizer me surpreende.

— Por quê? — Um juízo tão pronto... O sentimento... não me parece entretanto que seja qualidade primordial a teus olhos.

— Oh, sim, Joseph; sobretudo quando se sente tão nitidamente sua ausência.

— Te parece? Quanto a mim, tenho antes a impressão de um recalque mórbido. Uma criatura que nunca encontrou carinho. A meu ver, é esta a chave de muitas naturezas da mesma espécie. Tu te surpreenderias ante a força, o ardor, o ímpeto... nunca encontrei nada de semelhante.

— É possível — respondeu Marie com indiferença. — Certamente tens razão... Apenas, esses moços de hoje... são todos tão... tão desapiedados. Tenho sempre a impressão de que acabam de firmar uma sentença de morte — falo em sentido figurado, naturalmente — e ao mesmo tempo cantarolam: “Beijo-lhe as mãos, minha senhora”... Por acaso não é assim? — pôs-se a rir. — De onde vem ele? — indagou. — Em que categoria de pessoas se deve classificá-lo? — Gostaria de saber. O pai parece ter sido um alto funcionário. A mãe vive em Baden-Baden. É uma família da Alemanha do Sul. Tenho às vezes a impressão de já ter ouvido este nome há muitos anos, associado a algum acontecimento sensacional. É impossível arrancar qualquer coisa dele. Em tudo o que diz respeito ao seu passado, a questões pessoais, encerra-se num silêncio obstinado que poderia dar o que pensar... Enfim, deixemos isso de lado. Que estás lendo, minha querida? Não estava longe o dia em que Kerkhoven obteria informações detalhadas sobre a vida anterior de Etzel Andergast; entretanto, só chegaria a isso gradualmente e devido a esforços perseverantes.

Estávamos na manhã do domingo a que nos referimos. Eram oito horas quando um táxi parou diante do portão da clínica de

Kerkhoven. Andergast desceu do carro, pagou ao chofer que se afastou imediatamente; cambaleando, lançou um olhar em torno de si, apoiou-se à pilastra do muro, e, os braços jogados para trás, firmou-se no parapeito de pedra. O porteiro Gottschmann, que o via frequentemente em companhia do professor, avistara-o e correu em sua direção. Quis a sorte que o chefe de clínica, o Dr. Marlowski, por ali passasse naquele momento. Reconhecendo Andergast (que lhe fora apresentado por Kerkhoven) transportou-o com o auxílio de um enfermeiro para um quarto desocupado do corpo central do prédio. Quando Kerkhoven chegou, por volta de meio-dia, o Dr. Marlowski referiu-lhe os fatos nestes termos: — Chegando à porta, avistei-o, pálido como um cadáver. Por debaixo da bandagem, o sangue escorria-lhe pelo rosto. O curativo parece ter sido feito por ele mesmo; era preciso ver que curativo! Perguntei a Gottschmann: “Que aconteceu?”. O jovem Andergast voltou-se então para mim e, balbuciando, pediu-me que o levasse para um lugar qualquer; bem sabia que não devia ter vindo para cá, mas estava certo de que o Professor Kerkhoven o aprovaria, e ademais era-lhe impossível recorrer a outro lugar. Pedia apenas que lhe fosse feito um curativo, após o que partiria. Como se fosse possível, no seu estado. Não compreendi grande coisa de toda essa história, é verdade; mas, afinal de contas, ele precisava de cuidados e como eu não podia contar com a sua aprovação... Parece não querer, por coisa alguma, explicar como arranjou o ferimento e diz que, sob sua proteção, estará ao abrigo de perguntas embaraçosas. Foi um golpe fortíssimo. Naturalmente, deseja vê-lo? — Por certo. Qual é a natureza do ferimento? — perguntou Kerkhoven.

— É uma ligeira fratura do osso parietal. A pancada foi desferida com um objeto contundente. Ligeira comoção, acompanhada de sonolência. Um pouco de temperatura. Quando penso que nestas condições foi capaz de fazer um trajeto de automóvel, sozinho... Kerkhoven não se deixou enganar por aquele belo ato de energia que escondia alguma coisa, alguma coisa que o preocupava. Acreditava não se enganar supondo — todos os indícios eram favoráveis a isso — que, no fundo, Andergast procurara refúgio ao seu lado sem mesmo se

aperceber plenamente do seu gesto. Aquele jovem que submetera todos os seus atos ao mais rigoroso exame da razão e subordinara sua existência, tanto quanto era possível julgar, à procura de objetivos práticos, perdera, sob a influência de um choque exterior, todo controle sobre si mesmo e, exclusivamente guiado por seu instinto, correria a refugiar-se no único lugar onde podia esconder-se, a si e ao seu ferimento. Esconder-se, quer dizer, não estar exposto a um interrogatório, poder calar-se e saber que um homem estenderia sobre esse silêncio sua mão protetora. Estava bem claro. A conduta posterior de Andergast só fez confirmar essa suposição. A expressão de sua fisionomia revelava um estado de constante alerta, que não se relaxava senão quando Kerkhoven estava a seu lado. No terceiro dia, passava já regularmente bem e a cura fazia progressos satisfatórios. Disse então bruscamente, como se tomasse uma resolução heroica: — Prestou-me um grande serviço, mestre, um enorme serviço. Deveria agradecer-lhe, mas de nada lhe valeriam meus agradecimentos. É uma mercadoria da qual já deve ter farta provisão. Pelo contrário, pretendo fazer-lhe um pedido. Antes assim, pensará o senhor. Em suma, quero pedir-lhe que tenha paciência comigo.

Fato curioso, estas palavras em que colocava aparentemente todo o ardor de sua alma, toda a afeição de que era capaz, vinham ainda carregadas de desafio, de resistência, de orgulhosa reticência. Apenas, a designação de “mestre” surpreendeu Kerkhoven. Naqueles lábios, a palavra assumia um sentido absoluto. Era uma homenagem irrestrita. Era como o momento em que, nas lendas antigas, o cavaleiro dobra o joelho diante de seu soberano. Doravante, Etzel manteve aquela apelação. Era a única pessoa a chamar Kerkhoven de mestre, a única também que tinha direito para tanto. E que, assim, o consagrou como seu mestre. Daí resultou para Kerkhoven uma longa série de obrigações e quase o sacrifício de si mesmo.

Kerkhoven não fez qualquer esforço para desvendar o mistério que encobria o ferimento. Por enquanto, aquilo não lhe interessava. Não gostava de perseguir as pessoas, de interrogá-las e arrancar-lhes confissões. Por mais louvável que fosse o motivo ao qual houvessem

obedecido, não estava em seus hábitos arrasar os pacientes sob sua argumentação ou intimidá-los discutindo com eles. Mesmo como médico, nada tinha de um juiz criminal, e menos ainda de um detetive. Seus métodos eram mais complicados e penetravam mais profundamente. Baseavam-se num cálculo que, ao invés de reduzir um caso a um tipo geral, procurava estabelecer-lhe os traços particulares e a singularidade. Não procurava classificar, ou seja, contentar-se com um conceito estabelecido, e sim infundir vida nova a noções estereotipadas sobre a doença e os desvarios do espírito. Assim fazendo, procedia como o poeta que faz esquecer a ideia de onde brotou sua obra, emprestando-lhe uma forma concreta original. Para aplicar esse método, o essencial é poder esquecer.

O acontecimento ignorado que, naquela manhã de domingo, provocara tão funestas consequências para Andergast era, em sua opinião, um dos elos, porventura insignificante, de longa cadeia que era preciso seguir de volta até o primeiro elo, se se quisesse descobrir a ligação entre os acontecimentos e conhecer a situação em seu conjunto. E subitamente esse propósito assumiu a seus olhos a maior importância. As razões que o determinaram a intervir sem tardar foram as seguintes: 1) a simpatia; 2) a noção de sua responsabilidade em relação à pessoa em questão; 3) o senso que tinha naturalmente da própria responsabilidade em todas as circunstâncias; 4) a intuição do alcance de seus atos, dado que se tratava de um domínio dificilmente acessível e onde sua intervenção lhe parecia exatamente necessária.

Seu primeiro passo foi comunicar-se com Eleanor Marschall. Ela veio vê-lo e conversaram longamente. Estava ao corrente do acidente (ou do acontecimento, qualquer que fosse este) de que fora vítima Andergast, mas parecia ter, também ela, razões para não falar. Quando Kerkhoven a interrogou diretamente sobre este ponto, mostrou-se visivelmente embaraçada e desviou a conversa. Revelou-se sumamente hábil na arte da conversa e deu provas de um real talento de narradora. Seu tom era o de uma dama de sociedade que, na realidade, não o é, mas que sabe exatamente como se comportam as pessoas da sociedade. Agradou-lhe a princípio, e logo deixou de agradar-lhe.

Teria trinta e dois ou trinta e três anos. Era uma dessas mulheres que não ouvem senão pela metade o que se lhes diz. Aplicam todos os seus recursos e todas as suas faculdades em inspirar uma alta opinião de si mesmas, e ao mesmo tempo desprezam o meio mais seguro de alcançar esse resultado, que é o de prestar atenção às opiniões alheias. Voltaremos contudo a nos ocupar dela, e estas observações são prematuras. As ligeiras alusões feitas ao passado de Etzel despertaram a atenção de Kerkhoven. Uma luz se fez subitamente em seu espírito. No dia seguinte, escreveu uma carta circunstanciada à mãe de Andergast. Este foi o seu segundo passo, e o mais decisivo. Escusado é dizer que nada deixou transpirar da presença de Etzel na clínica. Através de certas alusões do rapaz, compreendera que ela era uma criatura enferma e sempre alvo dos cuidados daqueles que a rodeavam. Parecia ter havido no passado uma ruptura entre mãe e filho, ou pelo menos um afastamento, e toda intervenção devia ser cercada de prudência. Procurou dar uma ideia das relações que um singular concurso de circunstâncias criara entre ele e Andergast, bem como do interesse que alimentava por sua pessoa e por seu destino. À medida que crescia esse interesse — e devia confessar que raramente tivera motivos tão poderosos para atrair a um jovem para seu lado — mais se sentia conquistado, afirmava, e mais se inquietava pela obstinação imposta pelo rapaz a toda e qualquer tentativa no sentido de desvendar-lhe o passado; dava a impressão de não ter a consciência muito limpa. “Uma tal disposição de espírito dá motivo a conjecturas”, escrevia. “Dir-se-ia um endurecimento em plena evolução. A objeção de que a juventude do rapaz afasta qualquer perigo de estabilização, pouco ou nenhum valor apresenta; o peso específico das experiências realizadas por um adolescente de vinte e um anos em nada difere do das experiências de um quinquagenário, e o afetam mesmo mais profundamente. Além do fardo do dia presente, apenas podemos carregar conosco o dos que o precederam; de acordo com a minha experiência, o clima moral onde se produzem todos os incidentes da vida está determinado em todas as idades dentro de um período de cinco a sete anos”.

Essas diferentes razões impelem-no a dirigir-se à pessoa mais indicada para esclarecê-lo; alguns poucos dados lhe bastariam e facilitariam uma tarefa à qual não se podia mais furtar, no ponto a que as coisas haviam chegado. Na pior das hipóteses, poderia naturalmente fiar-se nas próprias forças para fazer luz sobre a questão, mas este processo, mais rápido, poupar-lhe-ia muito tempo e trabalho; precisava encontrar a chave do enigma. (As alusões mais que discretas de Eleanor Marschall não fizeram senão indicar-lhe o caminho e lançar um breve clarão sobre uma lembrança ainda informe).

Cinco dias mais tarde, recebia a resposta da Senhora Andergast, cinco páginas de uma caligrafia miúda que lhe ocuparam o espírito por mais tempo do que volumosos tratados científicos jamais o haviam feito.

Ainda não terminara a leitura e já a lembrança se precisava, como se não esperasse mais que um derradeiro impulso para invadir completamente o campo da consciência. A questão datava de uns quatro anos antes e dizia respeito ao indulto de um certo Maurizius, assassino condenado à prisão perpétua. Esse Maurizius pertencera outrora às melhores camadas da sociedade e gozara de uma reputação assaz favorável como jovem cientista e professor da faculdade. Por isso mesmo o processo causara na Europa uma tão grande sensação que, ao cabo de dezenove anos, a remissão da pena ocupara durante algum tempo a atenção geral com o mesmo interesse de um acontecimento público. O elemento mais interessante no caso não era contudo a personalidade do detento nem o fato jurídico de sua libertação, e sim a parte que nela desempenhara um rapazola de dezesseis anos e meio. Chamava-se esse jovem Etzel Andergast. Por indiscrição de um repórter, que conseguira ganhar a confiança de uma pessoa da família, o caso fora publicado num certo número de jornais; era novelesco e impressionante como uma aventura de Sherlock Holmes. Kerkhoven recordou uma conversa que na ocasião mantivera num grupo de amigos e na qual fora o único a combater a opinião generalizada de que era impossível a um jovem de dezesseis anos e meio ter agido com a audácia, o discernimento e a lógica que os jornais lhe pretendiam

atribuir. Um de seus clientes, professor do liceu de Frankfurt, afirmava-lhe pouco depois que não se podia pôr em dúvida a veracidade do relato; ocasionalmente, tudo quanto a imprensa estampava era verdadeiro, palavra por palavra. O assunto caíra em seguida no esquecimento, para ele e para todo mundo. E eis que agora surgia a confirmação. Capricho dos meios e das vias indiretas. Outrora, tomara conhecimento dos fatos, recebera um pequeno choque que lhe despertara passageiramente o interesse, depois tudo caíra novamente no oceano da indiferença; surgia agora o herói em pessoa, desligado ainda de seu ato, de seu destino, mas envolto em sua atmosfera; finalmente, eis que surgia em cena o testemunho autêntico.

Examinemos um pouco a natureza desse testemunho.

Etzel, filho do procurador geral Andergast, vem a saber, em seguida a uma série de circunstâncias aparentemente fortuitas, que o promotor do processo Maurizius, o magistrado cuja ambição e cuja poderosa eloquência mais contribuíram para condenar o acusado, é seu pai; mais ainda, que a atitude draconiana do Barão Andergast foi a causa de sua rápida ascensão na magistratura. Etzel teve uma infância solitária; seus pais divorciaram-se, não vê a mãe desde a idade de nove anos. Não sabe dizer ao certo se tem ou não afeição pelo pai; admira-o e teme-o. Recebeu dele uma educação exemplar e reconhece o que deve a ele, à sua situação e a si próprio. Ao mesmo tempo invade-lhe o coração o desejo secreto e nostálgico de conhecer a mãe, sentimento obscuro e afetoso de uma alma ainda não desabrochada. Sophia Andergast ter-se-ia ressequido ao lado desse homem insensível que nada conhecia além dos códigos, se, desde os primeiros anos do casamento, seu coração não houvesse encontrado a salvação numa ligação apaixonada. O Barão Andergast descobre o caso, obriga o amante — depois de já ter em mãos as provas do adultério — a jurar sobre sua honra que Sophia nunca lhe pertencera; no momento em que, de posse desta palavra de cavalheiro, o barão intenta promover contra ele um processo de falso testemunho, a pobre criatura mete uma bala na cabeça. Aturdida, aterrorizada, Sophia consente num divórcio cujas condições humilhantes proíbem-lhe, acima de tudo,

aproximar-se do filho. O acordo carecia de valor legal, mas a vergonha, o horror que tomou por seu antigo marido, a doença, o desgosto da vida, o hábito da solidão, impedem-na de insurgir-se contra ele; com uma certeza ditada pelo fatalismo, espera que chegue sua hora, enquanto sua imagem vai aos poucos empalidecendo na memória do filho. Em seu lugar fica apenas aquela obscura nostalgia, a qual — detalhe curioso — parece mesclar-se, em Etzel, confusamente aos dados que ele recolhe sobre o assassino Maurizius, como se também aqui a inocência expedisse seus misteriosos mensageiros. À medida que indaga, que se informa, que lê, incansavelmente, os antigos relatórios dos debates, fortalece-se nele a convicção de que um crime judiciário foi cometido e que esse Maurizius agoniza há dezenove anos por detrás dos muros de uma cela, vítima de uma sentença injusta. Acima de todos os raciocínios, a intuição guia-lhe os passos. Acredita, naturalmente, ter descoberto a verdade através de um desenvolvimento lógico e de sutis deduções, mas engana-se; foi a capacidade intuitiva de seu espírito que o fez chegar até ela. O pai de Maurizius, que há anos a fio pleiteia em vão a revisão do processo, confia-lhe um dia, sob o selo do segredo, que a testemunha principal de então, Gregor Waremmme, cujo depoimento arrasador constituiu o eixo do processo e do julgamento, vive sob um nome suposto, em tal rua em tal casa de Berlim. Etzel inflama-se. A partir desse dia, tradição, dever de obediência, receio paterno, tudo isso se evapora; decide ir ao encontro daquele homem e arrancar-lhe, a qualquer preço, a confissão de seu falso testemunho. Reúne algumas centenas de marcos, foge de casa às escondidas e chega à cidade desconhecida; aí, com o nome de E. Mohl, faz-se locatário de uma família algo suspeita, consegue descobrir o misterioso Waremmme, ou mais exatamente Warschauer, e põe-se a aossá-lo, a envolvê-lo num cerco; consegue por fim perturbar-lhe a serenidade, usando de requintes de astúcia e representando magistralmente o seu papel. Lança mão de todos os recursos de seu cérebro engenhoso: simula hipocritamente ser fraco, estar doente, ameaça, suplica, enraivece-se, humilha-se; chega mesmo a recorrer ao seu encanto juvenil, tenta uma investida escabrosa contra a concupiscência senil de seu adversário, no intuito de forçar-lhe o mutismo, de obrigá-lo a se abrir, para fazer sair de sua concha e de

suas trincheiras a esse Waremme-Warschauer perigoso, mau, usado pela vida, que não está ligado a nada ou a ninguém, que não tem um Deus, que traiu os instintos primordiais da criatura humana, a esse renegado até a medula dos ossos. No fundo, é sempre o mito antigo que retorna: o pigmeu em luta contra o gigante, Davi contra Golias. E Davi triunfa.

Entrementes, sucede o inesperado. O Barão Andergast também ele chegou, a seu modo, à convicção de que Maurizius é inocente. Ao seu modo, isto é, por vias subterrâneas, mantendo-se no anonimato, forçando-se a si mesmo e sem fazer alarde, porém com uma total sinceridade e com a superioridade do profissional empenhado em reconstruir o histórico de um processo. Etzel informara-o por carta das razões de sua fuga. A princípio, o barão não se deteve em considerá-las; em seu íntimo, recusava-se a tomá-las a sério. Tomou providências para perseguir o rapaz, depois voltou atrás em sua decisão, e suas hesitações, suas meditações penosas, seu ressentimento olímpico, sua orgulhosa indiferença voluntária não fizeram senão impedi-lo mais irresistivelmente ainda a estudar o velho arquivo do processo.

A imagem dos debates apresenta-se novamente ao seu espírito, as testemunhas voltam a depor, o acusado entra em cena, todas as circunstâncias dos debates assumem um realismo imediato espantoso, e, por um processo simultâneo, a imagem do filho ergue-se ao mesmo tempo diante de seus olhos, como criancinha, como menino, espectro surgido de sua alma atormentada, visão amável e graciosa, ser desconhecido que traz a marca de uma enigmática ferida, fantasma que se torna uma obsessão. Não pode afastar essa sombra acusadora. O Etzel de sonho mostra-lhe as folhas amarelecidas, abala dentro dele a crença obstinada na imutabilidade da ordem social, fazendo-a aparecer como suspeita, desacreditando-a e cercando-a de dúvida e inquietação. O Barão Andergast sente o solo fugir-lhe debaixo dos pés.

A única maneira de escapar a esse tormento crescente é enfrentar o detento Maurizius; vai procurá-lo na prisão. Por três vezes o visita.

Resultado funesto: aprende a conhecer aquele que esteve no banco dos réus, o homem de alma torturada, vítima daquela mesma ordem à qual ele dedicou um culto, vítima dele mesmo, pobre criatura desnorteada. Chega então a sua vez de colocar-se no banco dos réus. Deixando o cárcere, depois da última entrevista, sente-se tomado de horror ao refletir sobre o mundo em que vive. Em casa, encontra à sua espera Sophia, que vem reclamar o filho. Não se sente mais com força para resistir-lhe; a fraqueza que então o envolve já lhe é costumeira. E o pedido de indulto para Maurizius, que pleiteia e obtém, é como se fora um resgate pago a Sophia, um perdão solicitado em silêncio ao filho. Acredita ter feito com isso tudo o que lhe era possível fazer e nem de longe desconfia que deixou de fazer precisamente aquilo que devia. Etzel chega de volta. Conseguiu o que desejava: Waremme-Warschauer confessou o falso juramento, Maurizius é inocente, a sentença pode ser anulada e o condenado reabilitado. É preciso agir com presteza, sem perder um minuto. Ao ser informado da presença de sua mãe na cidade, mal dá atenção à notícia, pois nada conta agora para ele, fora dessa preocupação exclusiva. É nesse estado que se apresenta diante do pai. Cada fibra de seu ser vibra de ardor, cada fibra proclama a verdade que o exalta.

Maurizius é inocente, tem disso a prova. E o Barão Andergast: — É bem possível, mas já não importa. Maurizius foi indultado e abandonou a prisão.

Etzel não pôde crer no que ouvia.

— Indultado? Como assim? Que significa isso? Acaso solicitou esse indulto? Não se trata de uma questão de justiça? Lançam-lhe uma miserável esmola ao invés de pagar a dívida que têm para com ele? O Estado? A dignidade da lei? Ou que outros lamentáveis pretextos ainda? O Barão Andergast, a tranquilidade em pessoa, calmo como a morte, finge não perceber o arrebatamento agressivo do rapaz, e não encontra para opor-lhe senão um sarcasmo rasteiro, que deixa de atingir seu objetivo, e os restos instáveis de uma autoridade minada pela noção da impossibilidade em que se encontra de defender sua

posição de homem, de pai, de funcionário. É um combate em que se empenha a caminho da retirada, o desespero emboscado detrás de cada uma de suas palavras. Etzel não ouve senão as palavras. O mundo está às avessas. Todo o sentido da vida não é mais que um contrassenso. Subitamente, torna-se presa de um desvario. Perseguido pelo pai aterrorizado, cujo espírito já se deixa desgarrar, lança-se através dos cômodos da casa, rompe os vidros com os punhos, símbolo miserável do desespero com o qual gostaria de destruir o mundo, e por fim tomba ao solo, gritando: — Vão buscar minha mãe.

Sophia vem. Leva-o para a casa da generala, sua avó, onde ela mesma está hospedada. Evidentemente, está a par do que se passou, mas não conhece senão os dados gerais, e muito tempo passará antes que possa compreendê-los inteiramente e encadeá-los como devem ser. Durante sete anos viveu na inquietação a respeito do menino, durante sete anos esperou que chegasse a “sua hora”. E, mal a encontrou, já esta lhe foge das mãos. No primeiro momento, ele lançou-se ao seu pescoço e soluçou como uma criança; agarrava-se desesperadamente a ela, não lhe permitindo abandonar o quarto e não tolerando outra qualquer presença. Entretanto, passado esse primeiro movimento, sua alma e sua boca cerraram-se no silêncio; seu espírito e seu coração enregelaram-se, morrendo para o mundo, para ele mesmo. Passa a ser sujeito a inexplicáveis desmaios que o deixam por vinte, trinta minutos, rígido como um cadáver. Vêm os médicos, falam em epilepsia, em perturbações da consciência; um deles julga mesmo constatar sintomas de embrutecimento. Também essas crises passaram, mas então veio o pior de tudo. Quem é então esta criatura, este filho que deixou criança e em quem encontra agora um estranho? Que lhe fosse preciso encontrar primeiro o caminho de seu coração, havia-o previsto; apenas, esse caminho parece não existir. Aquele jovem endurecido, implacável, de dentes cerrados, quem é ele? “Não posso falar-lhe hoje do que então se seguiu”, terminava a carta. “Talvez de outra vez o faça, trata-se de coisas excessivamente dolorosas, que tocam de perto o íntimo de nosso ser. A chaga ainda está aberta, mas espero encontrar a força necessária para enfrentá-la, pois sua carta, senhor, foi o primeiro raio de luz a chegar até mim em muitos anos.

São fatos que não se contam como outros que se conhece por ouvir dizer e sem ter participado diretamente deles; nestes, estive envolvida e não posso dizer ainda exatamente o que se passou. Tenho esperança de que talvez o senhor possa ajudar-me a compreender. Encontrei-me na situação da pessoa que antecipava com alegria penetrar num jardim cujas árvores via todas as noites em sonho magnificamente floridas e que, quando enfim consegue penetrar, já não encontra as flores imaginadas. Tudo está murcho e desolado”.

Kerkhoven guardou a carta dois dias, antes de se decidir a respondê-la. Fê-lo imprevisivelmente, altas horas da noite, de volta de uma visita a uma menina de quinze anos gravemente afetada por uma intoxicação causada pela cocaína e acompanhada de alucinações. Este caso perturbava-o, estava excessivamente agitado para dormir; sentou-se pois à mesa de trabalho e escreveu à Senhora Andergast nos seguintes termos: “Minha senhora: sou-lhe tanto mais reconhecido por me haver exposto em detalhe uma situação assaz delicada, quanto devo considerar sua carta como uma prova de confiança que poderia ter recusado ao estranho que sou para a senhora. Suas palavras fizeram-me cair a venda dos olhos; enfim posso enxergar com clareza, e mais uma vez sou obrigado a confessar que nossa experiência de bem pouco nos serve quando se trata de compreender o coração humano. O homem é um ser prodigiosamente misterioso; a menos de ser dotado de faculdades divinatórias, é quase impossível decifrá-lo. Sua observação sobre o jardim florido que não se abriu senão depois de tudo fenecido, comoveu-me profundamente. Imagem bem simples, mas que transmite com surpreendente exatidão um fenômeno que na realidade tem o valor de uma lei, se bem que apenas comecemos a entrevê-lo. A catástrofe à qual faz alusão no fim de sua carta e que com razão acredita não ter terminado até o dia de hoje, não foi uma manifestação isolada, senão um fato geral, natural e inelutável. Peço-lhe que não veja nesta constatação, algo dogmática, uma falta de sentimento e de imaginação de minha parte; a explicação ou simplesmente a interpretação que julgo de meu dever fornecer-lhe, só poderei fazê-lo estendendo o mais possível, para além das personalidades, o alcance de minhas observações.

“A senhora fez com seu filho a experiência que todos os pais realizam com os seus. A maioria passa por ela sem percebê-la, e mesmo quando não se recusam a constatar os fatos, não se mostram tentados a procurar-lhe a causa. Entre essa maioria não a posso incluir, minha senhora: sua carta forneceu-me um alto conceito da perspicácia de seu golpe de vista e de sua fortaleza de alma; não obstante, ter-se-á porventura equivocada quanto à natureza dos acontecimentos que se desenrolaram. Ouso esperar poder apresentá-los sob um aspecto novo, que lhe permita enxergar as coisas com outros olhos, com menos desalento, dentro do quadro de uma evolução da humanidade em busca de um molde novo. Servindo-me dos fracos meios de que disponho, ofereço aqui à história dessa evolução uma contribuição que poderia trazer por título: desmoronamento moral e transformação de caráter nos adolescentes de dezessete e dezoito anos.

“Cometeria um grosseiro engano quem quisesse encontrar no empreendimento do Etzel de dezoito anos a consequência de uma inspiração única baseada num estado de espírito e de ânimo absolutamente singular. Aquilo que se convencionou chamar de bom senso recusa-se naturalmente a qualquer outra interpretação. Tudo o que parece contrário aos usos surge ante ele como suspeito. Para ele, só os feiticeiros podem operar milagres, nunca a natureza — a natureza dos milagres eternos. Quanto a mim, estou convencido de que, empenhando-se em luta contra o dragão com a intrepidez de um São Jorge, Etzel comportava-se como um moço digno deste nome, como o teriam feito outros cem mil moços em seu lugar, apenas com um pouco mais de lógica em suas decisões, um pouco mais de consequência em seu raciocínio, um pouco mais de entusiasmo em seus sentimentos. Ora, este “pouco” a mais ou a menos é que representa o elemento decisivo. Ter ou não consciência das próprias sensações, tudo depende disso. Os raios que emite essa consciência parecem incluir-se dentro de um círculo nitidamente delimitado que não se estende sensivelmente senão nas criaturas de eleição. De outra forma não seria possível explicar que aos quarenta anos o homem já não saiba mais o que foi aos vinte, e mesmo que o rapaz de vinte haja esquecido até um certo ponto o adolescente que era aos quinze, que as

emoções, os desejos, as paixões que então o animavam não tenham deixado mais que um leve estremecimento à margem de seus sonhos e a tal ponto se encontrem envoltos em impurezas que um grande número de psicólogos acreditam necessário romper-lhes o invólucro para resolver o enigma da personalidade. Sobre estas considerações levantou-se mesmo toda uma terapêutica. Frequentemente tenho feito esta observação: cada indivíduo considera seu antigo “eu” com desprezo, como uma forma imperfeita da qual tem o direito de envergonhar-se e dentro da qual foi condenado a ser presa de extravios culposos. Por que isso? Por que, atingido um certo estágio, passa-se sistematicamente a rejeitar a personalidade que até a véspera foi nossa? Como se fosse necessário que cada ‘hoje’ aniquilasse e devorasse o ‘ontem’, para que pudesse existir um ‘amanhã’! Se apenas aprendêssemos a olhar de novo para trás! O presente nos apareceria quiçá mais suportável e o futuro menos sombrio.

“A nenhum jovem de dezessete anos terá surpreendido o feito de Etzel. Os homens de peso, estes, não podiam deixar de surpreender-se. E, duvidando que ele o tenha realizado, procuravam com isso justificar-se a si mesmos. Aliás, que podiam os moços ter encontrado naquilo de extraordinário? Acaso não são todos eles capazes do mesmo gênero de entusiasmo? Quase todos estão prontos a fazer, sem reserva, o dom de si mesmos; se soubéssemos escolher o momento adequado para dirigir-lhes o apelo capaz de atingi-los, nem um deles se recusaria a atender. Estão impregnados desse espírito de independência, dessa coragem moral que a vida destrói à medida que faz valer suas pretensões a subsistir e a inserir-se na ordem social. Se não chegamos a nos compenetrar desse fenômeno e das dificuldades que ele acarreta, é devido ao fato de processar-se com uma lentidão encoberta. E isto representa uma felicidade. Se acontecesse de outra maneira, a maioria das pessoas de bem faria saltar os miolos aos dezenove anos. É certo que muitos foram marcados desde o seio materno, que muitos tiveram uma infância abandonada que os transformou para todo o sempre em devedores da sociedade, embora em seus credores também. Entretanto, quando a falência é declarada, de que serve ter uma dívida a cobrar? Quantas criaturas conheci,

vencidas antes do tempo, trazendo no sangue o veneno de uma fraqueza atávica e irremissivelmente condenadas ao vício, ao crime, ao suicídio? Quantas? A estas, porém, não as faço entrar em conta. Refiro-me apenas àquelas que tiveram um desenvolvimento normal. E o que por toda a parte encontro, então, é essa atitude intransigente, essa maneira de encarar as coisas em seu conjunto e não em uma de suas partes, esse desprezo da utilidade presente em proveito da utilidade futura que vai até o ascetismo, em suma, tudo aquilo que nós, homens de quarenta, cinquenta e sessenta anos não podemos compreender porque já o esquecemos, e que não queremos compreender para não correr o risco de ver desabar o teto que protege nossas cabeças. É absurdo que o que constitui na realidade a dignidade do homem pareça contrário à razão, ou, para nos atermos ao caso que nos ocupa, que os Etzel sejam considerados como anormais.

“Não quisera, senhora, passar a seus olhos como um homem desejoso de elevar até o pináculo a adolescentes de tenra idade, já bastante empenhados em fazê-lo por si, ou ainda como surdo ao alarde com que eles apregoam sua mocidade. O fato de não ter atingido a maioridade não constitui um privilégio em si, mesmo num mundo em que os pais se veem forçados a esclarecer seus filhos sobre a inutilidade de pretender confiar na justiça. Entretanto, essas perguntas que nos atacam os nervos nos confrangem o coração, essa desapareção de todo respeito, essa frieza glacial das fórmulas, essa desconfiança ilimitada relativa às instituições estabelecidas pela história, não representam elas, em grande parte, a expressão do desespero desencadeado por nossa própria culpa? Nessa idade, colocamo-nos sempre na defensiva. Poderia citar-lhe casos de jovens que sofrem de ver o mundo no estado atual a ponto de se flagelarem a si mesmos e de se odiarem entre irmãos, e que, para vingarem-se, cometem uma vilania qualquer, uma traição infame, seja mesmo um crime. Conheço um moço que amava a poesia com paixão capaz de fazê-lo passar horas inteiras a ler versos em voz alta no silêncio de seu quarto, mas que, se um colega fazia o mesmo em sua presença, cuspiam no chão com desprezo e cobria de ridículo aquela ‘ladainha’. Um outro conduzia à estação a mala de um velho empregado que seus pais haviam despedido por uma falta

insignificante; porém, como um companheiro de classe que o encontrara em caminho fizesse a conversa recair, no dia seguinte, sobre esse assunto, enrubesceu e jurou por todos os deuses não ser verdade, chegando ao ponto de nomear uma família onde teria estado em visita àquela hora precisamente. Um álibi para seu pudor. Sob muitos pontos de vista, esse pudor da mocidade poderia ser-nos útil para nossa educação. Há, na alma dos adolescentes de dezessete anos, uma agulha que, precisa como a da bússola, embora também agitada como ela, acha-se invariavelmente voltada para a perfeição. Acredito reconhecer nela um instinto elementar da natureza humana, o instinto moral primitivo que, digam o que disserem os mecanicistas, é inato em nós como o instinto da fome ou o da reprodução. Apenas, é mais vulnerável e mais exposto aos perigos, e, para não sobressair exteriormente sobre a sordidez do mundo ambiente, necessita de um invólucro protetor. Esta idade é, na realidade, mais reservada do que o supõem os educadores mais experientes. Não encontraria dificuldade, se o desejasse, em fornecer-lhe as explicações necessárias; muitas delas são já lugares-comuns, familiares a qualquer psicólogo improvisado: o despertar dos sentidos, o esforço moral indispensável para sofreá-los, ou ainda o abismo cavado entre a liberdade e os vínculos sociais. Não se leva em conta o fato que deve passar em primeiro plano, a saber, o fato de que o mundo não se revela progressivamente ao espírito, permitindo-lhe com isso habituar-se a ele, mas manifesta-se brutalmente a um ser que não está preparado para isso e arrasa-o, abatendo-se sobre ele com todo o seu peso. Esta questão leva-nos a um continente desconhecido cujos habitantes, não somente não falam a nossa língua, mas ainda por cima encerram-se num mutismo hostil. Sua aparente franqueza não nos deve levar a crer que se confiam a nós; o pretenso interesse que nos testemunham, a nós mais velhos, é na realidade uma tática hipócrita complexa, e sua sede de aprender, uma armadilha a mais. Iludem-nos a ponto de não nos apercebermos que possuem *a priori* uma intuição do mundo de uma intensidade e de uma riqueza tamanha que, comparada ao nosso conhecimento empírico da existência, produz o mesmo efeito que uma floresta virgem ao lado de uma horta. É uma ciência inconsciente, digamos assim, com perdão pelo paradoxo, e praticamente inutilizável; não se

manifesta como uma função, resume-se numa disposição da alma e do espírito. Não é possível aplicá-la à vida prática sem ver esvair-se a inocência que constitui um de seus elementos essenciais. Quando falo em 'ciência' emprego, na falta de outra expressão mais exata, a primeira que me vem ao espírito. Quero referir-me a um estado em que a receptividade é mais intensa, e mais sutil a faculdade de refletir ideias e sentimentos. Mesmo nas naturezas privilegiadas, ele é efêmero e desaparece na maioria das vezes sem deixar rastro. Vejo nele o verdadeiro princípio genial da vida do adolescente, o reservatório de tudo quanto fará de extraordinário pela vida afora. Rigorosamente falando, não lhe resta mais nada a aprender da vida, não pode mais tomar qualquer decisão referente ao seu destino nem produzir obra alguma cujo germe já não estivesse nele nesse momento em que suas faculdades se achavam tensas e exaltadas ao máximo.

“Rogo-lhe, minha senhora, não acreditar que, falando-lhe desta maneira, tenha a intenção de ensinar-lhe algo de novo. Acontece precisamente o contrário. Sou eu quem deseja aprender; gostaria de resumir minhas ideias esparsas, as luzes que aqui e ali fui recolhendo, enfrentar de uma vez por todas os fatos sob uma forma concreta, e dessa maneira, procedendo por reconstituição, chegar a encontrar a imagem que Etzel lhe deve ter oferecido em seguida à catástrofe. Seria para mim o único meio de poder compreender o Etzel atual, de fazer uma ideia dos anos desde então decorridos, muito embora permaneça estranho aos acontecimentos desenrolados, de penetrar no labirinto onde se encontra prisioneiro e, espero, de ajudá-lo a escapar. Acredito-me capaz disso. E por que não? Que havia de grande em tudo quanto realizei até agora, se não tivesse o direito de considerar-me capaz de consegui-lo? Refaço portanto o caminho, às apalpadelas, até o dia em que pela primeira vez se manifestou a atimia a que se referiu em sua missiva. Ele subira mais alto que muitos outros, e a queda não podia ser senão mais profunda. Contudo, esse desmoronamento não teria assumido nele o aspecto de uma catástrofe, se não se encontrasse na idade em que a vida está sujeita às catástrofes. A decepção daquele que pela primeira vez põe à prova a solidez das bases da sociedade humana é inegavelmente a mais terrível de todas. O fato de se reclamar justiça

já não exerce impressão sobre nós, estamos desenganados e essa reivindicação aparece-nos como assaz pueril, muito embora seja velha como o mundo, tão velha como o mundo, tão velha quanto ilusória. Entretanto, descobrir-lhe por assim dizer a ideia no próprio coração, fazer dela sua razão de ser e ver-se em seguida rechaçado pelo tribunal da humanidade, é uma prova que é preciso atravessar, e aquele que o fez sente que em si mesmo alguma coisa partiu-se para sempre. Para poder resistir a esse golpe, é preciso, acredito, ter uma natureza de bruto. Há um momento atrás, víamos uma alma inteiramente devorada de um fogo sagrado; já agora, o que temos pela frente é uma pobre criatura desorientada, perdida. Já não há mais tumulto, nem exaltação, nem mesmo trevas propriamente ditas; apenas o vazio. Que não o interroguem, que não o tratem com carinho, nada quer aceitar, de nada se quer ocupar. De nada, senão de estar vazio e continuar vazio. Seus olhos estão bem abertos, ninguém o poderá mais enganar, é uma criatura acabada, envelheceu. E é tão jovem ainda! Recorro ao seu testemunho, minha senhora, para confirmar se não foi assim que as coisas se passaram. Um entorpecimento da alma, eis o que deve ter sido, e o que continua a ser. Tudo o que ele teria de alado, de terno, de ingênuo, desapareceu como desaparece uma paisagem risonha à entrada do comboio no túnel. Não faço evidentemente a menor ideia acerca da duração e dos sintomas desse estado; limito-me a esboçar aqui as formas que me são familiares. Contudo, se em mim mesmo sou capaz de evocar o caráter e a natureza de Etzel, sei que todas as imagens que posso ter recolhido nos livros empalidecem ao lado do sofrimento que foi o seu. Sei igualmente — não tinha necessidade de vê-lo escrito em sua carta — que o seu mal está longe de estar curado. Há porém um ponto sobre o qual não devemos nos criar ilusões: também para ele está longe de ter terminado a tempestade que o derrubou. Ademais, um rapaz de vinte e um anos é um velho, comparado a um adolescente de dezessete; cada década de nossa vida tem sua infância, sua maturidade e sua velhice, de onde deriva, é certo, essa consequência maravilhosa de podermos ser criança e velho a um só tempo. O tempo passou sem que sua fuga lhe trouxesse qualquer benefício. Na superfície, sua vida deixou-se envolver pela fria razão que invencivelmente penetrou em direção ao centro. Precisava, em

suma, ‘vir a ser’ alguma coisa; era o que se esperava dele, não é certo? E que poderia vir a ser, pergunto eu, ele que acabava de deixar de ser? Não há perplexidade mais nefasta do que a do jovem de dezoito ou dezenove anos que, depois de precipitado de tão alto, deve ainda ‘vir a ser’ alguma coisa.

“O que tenho ainda a dizer-lhe, senhora — pois devo terminar — resume-se numa frase: quero tornar-me o guia desse jovem. Quero orientá-lo. Quero forçá-lo a expandir-se e a libertar sua alma do cárcere onde está prisioneiro, pois só por isso espera, estou certo. Propus-me esta tarefa e usarei todos os meus recursos para levá-la a cabo. Nada receie. Não se atormente.

Há nele uma força insensata, a força do instinto de conservação, uma força animal capaz de enfrentar a vida e uma força espiritual que não aceita a morte sob qualquer forma que seja. Aprendi por experiência o poder que é capaz de exercer o homem sobre outro homem. Numa época em que os anos pesavam-me bem menos sobre os ombros, tive um amigo que fez por mim, com meios infinitamente mais amplos, é verdade, o que vou tentar fazer agora pelo seu Etzel. E, assim agindo, não farei mais que pagar uma dívida ao destino, já que tudo quanto possuímos é a título de empréstimo.

“São quatro horas da manhã, o relógio acaba de soar, e minha pena obedece-me apenas o necessário para apresentar-lhe ainda uma vez minhas saudações respeitosas”.

Kerkhoven, que se levantava diariamente às seis e, às seis e meia, tomava o café da manhã, dormia ainda às oito horas do dia seguinte. Quando o soube pela empregada, Marie assustou-se um pouco. Os indivíduos excessivamente meticulosos podem lançar um alarme geral desde que infrinjam, de leve que seja, os seus regulamentos. Marie aproximou-se sem ruído da porta do quarto de dormir, entreabriu-a e, ouvindo a respiração tranquila do marido, afastou-se. Ao atravessar o escritório, seu olhar caiu sobre a escrivaninha, onde havia uma quantidade de folhas escritas. Aquela escrita firme, clara, quase

caligráfica, exercia sempre sobre ela uma atração particular; a ordem e a nitidez que a caracterizavam eram motivo de um prazer estético para ela; assim é que tomou a última página e leu a frase final: “São quatro horas da manhã, o relógio acaba de soar”. Ali estava a explicação para aquele sono prolongado. Surpreendida pela extensão da carta, sentou-se, leu um trecho aqui, outro além, e, sentindo-se cada vez mais interessada, retomou desde o começo e leu até o fim. Kerkhoven deixara a carta da Senhora Andergast aberta ao lado da resposta. Marie leu-a igualmente, com muita atenção e, tendo terminado, releu a carta do marido. Por certo, sabia que cometia uma indiscrição; não estava em seus hábitos revistar a correspondência de Kerkhoven; neste ponto, era mesmo tão escrupulosa que costumava guardar numa gaveta da escrivaninha o menor pedaço de papel que não lhe fosse destinado e encontrasse rolando, muito embora não passasse às vezes de um bilhete garatujado a lápis. Aqui, porém, a tentação era mais forte. “Se sua pobre cabeça já não estivesse cheia de uma dúzia de casos análogos, ter-me-ia certamente falado sobre este”, refletia como para escusar-se e, por seu lado, decidiu reparar sua indiscrição confessando-a ao marido. Entretanto, sentia algo próximo do medo. Aquela carta a uma desconhecida enchia-a de um temor respeitoso. Tinha a impressão de ser transportada sobre uma alta montanha onde, numa atmosfera mais límpida, a imagem de Kerkhoven aparecia-lhe mais pura e mais verdadeira que nas sombrias vielas da vida cotidiana. Estava mergulhada em seus pensamentos. As “flores pálidas” abriam-se muito grandes e miravam através da janela o céu de abril de um azul lavado. “Longe dos olhos, longe do pensamento”, refletia. “Onde estás, Joseph? Volta a dar-me novamente deste alimento magnífico que distribuis com tanta liberalidade. Não achas que posso ter fome, também eu?”. Teve medo, sacudiu a cabeça num movimento vivo e breve, levantou-se e voltou ao quarto de dormir. Perdida em seu devaneio, fixou durante um momento, de pé ao lado da cama, a fisionomia do homem adormecido; a seguir, inclinando-se, beijou-o na fronte. Não fizera senão roçá-lo de leve. Não obstante, despertou imediatamente. Ela já o previa: um terror indizível ia pintar-se em suas feições, como acontecia de todas as vezes que o despertavam. E assim sucedeu. Ergueu-se bruscamente e fitou-a como se visse um espectro.

Um segundo apenas, após o que voltou a si, a ela, mas assim mesmo o coração de Marie confrangeu-se dolorosamente. Por detrás desse terror havia uma tortura, semelhante à que afligiu o homem na origem do mundo, à angústia da criatura em face das potências telúricas.

Ao almoço, confessou-lhe ter lido as cartas: — Ainda bem — disse ele. — Espero que agora estejas curada de tua aversão por Andergast.

Pelo seu ar hesitante, Kerkhoven percebeu que se enganara. Ela mesma não saberia explicá-lo, pois era feita de tal modo que seu espírito absorvia, com uma avidez doentia, para em seguida elaborar, tudo quanto chegava até ela, acontecimentos e personagens. Era um apetite cuja violência aumentava sem cessar, uma autêntica febre nervosa. Sobretudo no campo, em Lindow, acometia-a frequentemente a impressão de ter sido abandonada pelas criaturas e de dever pôr-se a caminho rapidamente para voltar até elas, para que de novo a acolhessem ao convívio dos vivos. Quase nunca, aliás, podia escapar à obsessão do isolamento. “Se isto durar ainda alguns anos”, refletia às vezes, “ao atingir os quarenta estarei como um desses originais maníacos dos romances de Dickens”. Dada precisamente sua natureza, e em vista de tudo quanto sabia agora a respeito de Etzel Andergast, era natural que se interessasse por ele: uma criatura excepcional, que seguia por caminhos excepcionais, todo fremente de vida ardente e vivida — como poderia ficar indiferente diante de um ser tão pouco comum? No íntimo dela mesma, porém, uma resistência invencível se elevava, uma revolta contra ele, que se negava a agradar-lhe, a admitir esse “absoluto”, essa “exigência” sem trégua, esse estado de antagonismo permanente. Sua natureza tem um lado demasiado sombrio, sente-se claramente a crispação de todo o seu ser. Carece de frescura, de generosidade e de franqueza. Essa opinião, ela não a fornecia abertamente, contentava-se em deixá-la entrever; quando devia exprimir uma reserva sobre alguém, fazia-o com uma timidez e uma precaução amáveis e evitava o tom agressivo. Era, entretanto, incomparavelmente mais hábil em discussões que Kerkhoven; era quase sempre impossível influenciá-la e, menos ainda, convencê-la, e a

maior parte do tempo ele se contentava em replicar negligentemente, acabando por refugiar-se num silêncio cheio de filosofia.

— O que há de curioso — dizia ela — é que quase todos os fanáticos da justiça são de uma injustiça provocante; de onde vem isto? Segundo todas as probabilidades, gastam por conta dessa teoria uma tal quantidade dessa decantada justiça, que pouco lhes resta para usar em sua vida particular. Quando, em criança, ouvia falar num justo, representava-me sempre em imaginação uma figura que se assemelhava ao profeta Jeremias, com uma barba terrivelmente longa e olhos injetados de sangue, brandindo seu punho ossudo, não muito cuidado é certo, e de trato pouco agradável.

— Isto é provavelmente verdadeiro — respondeu Kerkhoven sorrindo.

— As grandes coisas e os grandes homens não são cômodos de lidar, reconheço-o. Ouve, porém — disse, desviando a conversa. — Acontece uma coisa a Andergast... Em poucas palavras contou à mulher, que era toda ouvidos, que Etzel chegara alguns dias antes na clínica, gravemente contundido, que aí fora cuidado, achando-se atualmente em vias de pronto restabelecimento.

— Vês algum inconveniente em que eu o convide um destes dias para jantar conosco? Creio que isso lhe faria bem; sentir-se-ia honrado.

Marie não via inconvenientes. Perguntou apenas, levemente surpresa, porque lhe escondera até então o acidente. Tudo quanto dizia respeito a esse Andergast causava-lhe um estranho mal-estar.

— Oh, não tive intenções de esconder nada — disse Kerkhoven, levantando-se após o inevitável olhar ao relógio. — Apenas queria antes ver claro em mim mesmo. Tu leste a carta... Resta-me agora empreender a parte mais importante. É uma tarefa difícil. Esconder-te algo? Não, Marie — tomou-lhe a mão e beijou-a —, antes seria preciso que aprendesse como fazê-lo... Todos adivinham o que se vai seguir. Etzel Andergast terá de esforçar-se rudemente para defender suas

posições. O primeiro ataque não tardará muito. Antes de desencadeá-lo, Kerkhoven teve uma nova entrevista com Neil Marschall. Não abandonara a esperança de obter dela algum esclarecimento sobre o misterioso Lorriner. As pesquisas que realizara em segredo permaneceram infrutíferas. Tampouco foi capaz de localizar-lhe o domicílio. Por mais contraditórias que fossem as indicações a seu respeito, um fato continuava certo: era um homem de quem era preciso desconfiar. Segundo todas as aparências, tinha algo sobre a consciência e portanto razões de sobra para esconder-se; o atentado contra Andergast era, indubitavelmente, o menor de seus crimes. Muito embora, no decurso dessa entrevista, Neil Marschall se expandisse mais que da vez precedente, trancava-se em mutismo sempre que o assunto recaía sobre Lorriner. Não houve meio de conduzi-la a uma alusão que fosse sobre a natureza das relações entre esse indivíduo e Andergast. Kerkhoven tinha a impressão de que ela receava algo, ou então de que estava ela mesma implicada no caso. Uma natureza de dupla face, pensava, ao mesmo tempo que a ouvia com um polido interesse, esforçando-se por encontrar a chave daquela criatura esfuziante em sua agitação incessante, e desejosa de conquistar simpatias. Referia-se a Etzel Andergast no tom de uma educadora profissional, com uma compreensão psicológica verdadeiramente sutil, ria-se frequentemente de suas comparações realmente picantes, corrigia uma expressão excessivamente forte, inseria uma anedota, fazia as mais sensatas observações sobre as situações e os caracteres, sem deixar de desculpar-se a todo momento, com sua bonita voz de curso fácil e melodioso, por atrever-se a falar a um Joseph Kerkhoven de assuntos que eram para ele como o ABC.

— A senhora é excessivamente modesta, Senhorita Marschall — disse ele.

— Oh, não — replicou ela indignada —, não o sou em absoluto. Por que injuriar-me? Apenas tenho discernimento e sei o que se deve às altas personalidades. (Sorriu do trocadilho).²⁸

Sente-se muito satisfeita em tê-lo conhecido; teria tanta coisa a dizer-lhe, mas falta-lhe o dom de exprimir seus sentimentos em palavras. (“Eu diria precisamente o oposto”, pensa Kerkhoven). Não pode imaginar a alegria que experimenta à ideia de vê-lo ocupar-se de Andergast; eis exatamente o que lhe faltava: uma autoridade. Sim, é um fenômeno, esse Andergast. De uma força de vontade capaz de fazer saltar um rochedo que lhe impeça o caminho; não se pode ter noção de tudo o que sabe essa criatura, da perfeição com que o conhece. E contudo, até onde o levará isso? Não é possível deixar de temer a esse respeito. Ter de si mesmo uma opinião tão alta e tão profundo desprezo pela humanidade, até onde poderá conduzir esse estado de espírito? É uma força, sem dúvida. Mas a força, por maior que ela seja, se não encontra resistência, tende a desagregar-se, a volatizar-se. Seus receios serão porventura exagerados? — Não — responde laconicamente Kerkhoven —, mas sobre o que se baseia para emití-los? Poderá citar um fato preciso? O olhar de Neil Marschall se ensombrece, seu rosto expressivo, de faces acetinadas, faz-se mais pálido. “O rosto de uma amazona”, reflete Kerkhoven; segundo todas as aparências, é uma inimiga irreconciliável, que nunca deixa passar a ocasião de atacar, que nunca ataca antes da hora; tem um maravilhoso autodomínio. Neil Marschall põe-se a falar em surdina. Ei-la obrigada a falar de sua obra, do que realizou, de si mesma, e isso a aborrece, ou parece aborrecê-la. O Professor Kerkhoven não ignora por certo que ela é, de todo o seu coração, com toda a sua alma, a amiga dos moços. Seus jovens irmãos e irmãs não formam com ela senão uma só e mesma família. É um clã, por assim dizer. O clã Marschall. Sua vida não tem outro sentido nem outra finalidade que esse serviço a que se dedicou. É a sua maneira particular de fazer política, de pôr em prática seus princípios comunistas. É o seu elemento. É incrível, dir-se-ia que se põe a fazer a apologia de Neil Marschall. Entretanto, por que não falar de si mesma uma vez, por exceção, sem tolhimento? É um pequenino reino que ela domina. Um pequeno reino e um grande povo. Com suas leis próprias, sua administração própria, é um pequeno mundo independente e destinado a tornar-se uma potência: — Meu Deus, como o devo estar aborrecendo — disse interrompendo-se e levando ao rosto suas mãos de menina. —

Conceda-me apenas vinte minutos mais... Eis aonde quer chegar: há algo que a inquieta. Trata-se de uma moça a quem estima, por quem nutre sincera amizade: Emma Sperling, também conhecida por Pierrot. Uma dançarina. Muito jovem ainda. Deliciosa. E, por fantástico que possa parecer no estado atual dos costumes, inocente como um recém-nascido. Ela mesma, Neil, pode atestá-lo. Não gostaria que Andergast... ele nada respeita... Infelizmente, Emma parece ter um fraco por ele. A maneira como ele se comporta a esse respeito é enigmática, parece não ter qualquer escrúpulo nesse terreno. Também o pobre Roderich Lüttgens recebeu um rude golpe. Suspira, ao ver que Kerkhoven a fixa interrogativamente.

— Havia algo com Hilde... algo que, sem dúvida, interveio em sua futura resolução. Sabe, meu ilustre amigo, a impressão que me causa tudo isto? — disse ela pondo-se de pé, com um brilho estranho nos olhos. — Tenho a impressão de um jogo de marionetes, de uma tragédia de anões num teatro de fantoches; são dez, vinte, trinta, todos misturados, e acaba-se por não saber em que peça atua esse personagem e em qual aquele outro. É um *chassé-croisé*²⁹ divertido, enormemente divertido, sem dúvida, mas também de uma gravidade de causar medo.

Tinha uma risada clara. Dirigindo-se para a porta, estendeu a mão a Kerkhoven e, como todo bom diplomata, foi só então que formulou seu pedido: que Kerkhoven procurasse convencer Etzel a renunciar francamente a Emma Sperling. Isto, caso atribua ainda algum valor à amizade de Neil Marschall. Por seu lado, escreveu-lhe a esse respeito, mas teme que ele não lhe dê atenção; é necessária a intervenção de uma instância superior. Essa visita deixou em Kerkhoven impressões complexas e confusas. Uma personalidade deslumbrante, de uma inteligência aguda, e não obstante tão dúbia, tão pouco segura de si mesma. Um temperamento inflamado, mas que não atraía, e disso se ressentia visivelmente. Uma natureza originariamente puritana que se violentara a si própria, que se torturara moralmente para chegar a despir-se de seus preconceitos. Em suas relações com as criaturas, Kerkhoven julgava-as de acordo com sua atitude em face da verdade,

isto é, aquilo a que atribuía mais importância era um modo deliberado e seguro de apresentar os fatos, sem enfeitar nem adulterar a verdade. A leve suspeita que lhe passara pelo espírito, durante as declarações de Neil Marschall a respeito da “jovem dançarina inocente”, confirmou-se quando, naquele mesmo dia, veio a conhecê-la em visita a Andergast. Por certo, não acreditava que Neil falseasse deliberadamente os fatos. Antes via nela uma mulher que era obrigada a viver cegando-se moralmente, e de certa forma sob uma luz artificial. Ignorando que houvesse alguém no quarto de Andergast, entrou abruptamente, depois de ter batido à porta e deteve-se, meio estupefato, no limiar. Eis qual a posição dos personagens: Etzel, de pijama, a cabeça enfaixada, estava deitado numa espreguiçadeira de vime e fixava o teto com uma expressão de desdém e enfado. No centro do quarto, uma jovem de uns vinte anos aproximadamente, bastante bonita, com um ar de perfeita distinção, as mãos cruzadas nas amplas mangas de sua capa de *renard bleu*, o rosto voltado para o solo, com um ar obstinado que permitia deduzir que uma disputa acabara de travar-se. Não pareceu notar a entrada de Kerkhoven e não se moveu, mantendo uma imobilidade de estátua. Andergast ergueu-se com certa dificuldade, como se o curativo lhe pesasse extraordinariamente, e fez as apresentações com o formalismo enfático de um estudante escravizado aos ritos de sua associação. Kerkhoven esteve a ponto de rir-se. Emma inclinou a cabeça, com um ar de tão negligente condescendência que Andergast fulminou-a com um olhar de cólera. Ela contentou-se em sorrir. Kerkhoven, porém, notou que aquele sorriso não lhe abandonava mais a fisionomia; era um sorriso estereotipado, o mais estranho que se possa imaginar. Ao mesmo tempo, o olhar permanecia grave, quase triste, tingido de uma sensualidade de efeito magnético; o sorriso pairava nas comissuras dos lábios como o da Gioconda, o que emprestava à boca uma extraordinária fascinação de esfinge; nas faces surgiam duas covinhas permanentes que se diriam praticadas por um instrumento. “É uma mulherzinha decidida, sem dúvida alguma”, pensou Kerkhoven. “Em seu lugar, minha cara Neil Marschall, eu procuraria evitá-la, e acreditaria em tudo menos na sua inocência”.

— Vai-te, Pierrot — disse Andergast, dirigindo-se a ela. — Ao mestre não interessa tua presença aqui.

Depois que ela partiu, uma confissão involuntária escapou a Etzel: viera trazer-lhe notícias de Lorriner. Ela e Neil pareciam subitamente dominadas pelo receio tolo de que ele, Andergast, não soubesse defender convenientemente a própria pele.

— Na verdade, isso se vê — disse Kerkhoven ironicamente, preparando-se para retirar a bandagem.

Andergast enrubescou e pareceu arrepender-se de sua franqueza. Com um ar mal-humorado resmungou: — Um lobo não é o mesmo que um cachorrinho de salão... apenas, compete a este não provocá-lo.

No espaço daqueles dias, um concurso de circunstâncias levou Kerkhoven a acreditar que tudo quanto fazia era ineficaz, tudo demasiado insignificante e de alcance muito restrito. A consciência do dever cumprido, da tarefa cotidiana realizada, por mais árdua que fosse, não podia bastar-lhe; que representava isso, com efeito, ao lado de tudo o que restava por fazer, e da certeza de que tudo o que fazia era inútil? É impossível manejar a própria barca; somos guiados e conduzidos por outros, e aquilo a que chamamos o mundo ou o tempo é, na realidade, um elemento inquietante, ligado à nossa pessoa por uma relação cuja constância é possível verificar, mas que permanece totalmente inexplorado. Kerkhoven sentia-o com uma intensidade particular quando em presença de enfermos ou de desajustados: os criminosos, os condenados, as vítimas do destino. Estar sem defesa! Não poder modificar o próprio destino! E, acima de tudo, aquele encadeamento inexorável entre causa e efeito! Em sua qualidade de técnico, fora chamado a fornecer um atestado ao tribunal de Moabit acerca de uma jovem criminosa, uma desesperada a quem o irmão seduzira e que pedira ao médico da sociedade de seguros que a fizesse abortar. Evidentemente, este limitara-se a despachá-la de volta, mas algum tempo depois ei-la que volta à casa, tendo experimentado em vão pílulas e poções, e mesmo saltado do alto de um depósito. Carecia,

porém, do dinheiro necessário para pagar os serviços de uma profissional. O médico respondera-lhe: “Não posso atendê-la, arrisco-me a ser preso”. Que fazer, com efeito? Os médicos não são livres de agir como o desejam. Quando a rapariga — tinha dezoito anos — ajoelhou-se a seus pés e suplicou-lhe que consentisse assim mesmo, já que não podia, nem devia, nem queria dar à luz aquela criança, aborreceu-se e mandou-a ao diabo. Então, pronta como um raio, ela tirou de dentro do casaco um facão de cozinha, mergulhou-o no peito do médico e pôs-se em fuga soltando gritos alucinados. O homem morreu em consequência do ferimento.

Fatos como esse aparecem diariamente nos jornais, dirão os leitores. Sem dúvida, é a eterna história. É o romance-folhetim. Acresce que, no caso em foco, eram sete pessoas vivendo dentro do recinto de um secadouro, numa superfície de quatro metros quadrados. Isso basta para dar uma ideia da situação. Fica assim explicado o mau humor de Kerkhoven ao partir naquela noite para a clínica, onde tinha algumas disposições a tomar; queria também ver um instante Andergast, que no dia seguinte devia deixar seu refúgio, mais ou menos restabelecido. Esse instante prolongou-se por horas. Subitamente, sentiu-se impelido a ficar. O profundo silêncio que o cercava, a dolorosa agitação interior que o atormentava e, diante dele, aquele rosto jovem que parecia rir-se de sua impotência e rechaçava, vigilante e rebelde, até o simples olhar que o roçava, tudo isso o retinha. Falou dos debates, do ambiente da burocracia oficial, da vã algazarra de todo o mecanismo judicial, da ré que se poderia confundir com uma colegial de quatorze anos, a tal ponto era raquítica; referiu-se ao presidente da mesa, que sofria visivelmente de uma insuficiência hepática, e que tratava o assunto como um inspetor de alfândega que despacha os viajantes. Andergast parecia mediocrementemente interessado por tudo aquilo, como se incidentes daquela natureza costumassem fazer parte de sua experiência cotidiana. Sentia que Kerkhoven tinha um propósito em mente e, para escapar-lhe o mais tempo possível, pôs-se a relatar um processo que acompanhara, ao cabo do qual um homem fora condenado a oito anos de prisão; o juiz, impassível como uma pedra, procedia à enumeração dos *consideranda*³⁰ da sentença, enquanto o

réu, cuja inocência era manifesta, tombava ao solo entre gritos de terror, os olhos virados e debatendo-se como um possesso. A assistência estava emocionada; um médico fora chamado, os próprios policiais pareciam consternados, mas o juiz continuava a falar, a falar, e parecia nada enxergar nem ouvir da trágica cena. Kerkhoven limitou-se a opinar com um movimento de cabeça. Bruscamente, disse: — Devo confessar-lhe, Andergast, que tenho mantido correspondência com sua mãe.

Etzel inclinou-se para trás e nada respondeu. Suas orelhas ficaram rubras.

Por fim, disse: — Bem, mestre... e então? — Mais nada. Como, por um lado, lhe faltasse confiança em mim — não sei por que razão, aliás —, e de outro eu alimentasse o desejo... por simpatia por sua pessoa admitamos... Não se podem firmar relações amistosas quando uma das partes se fecha deliberadamente no silêncio... — Nunca me interrogou diretamente, mestre.

— Sabe muito bem que eu não poderia interrogá-lo sem ter a certeza de que me responderia.

— Como poderia eu adivinhar... Kerkhoven interrompeu-o com um gesto.

— Não, Andergast, não volte a representar o papel do escrupuloso que não deseja ser importuno. Eu não lhe daria crédito. Sua atitude, nesta questão, assemelha-se bastante à de certos doentes cuja enfermidade é patente, e que não obstante asseguram a quem quiser ouvi-los que se encontram em magnífica saúde. Trata-se provavelmente de uma forma de orgulho, como se dissessem: “Eu, Fulano de tal, dispenso seus conselhos e sua piedade”.

— Não, é falso — disse Andergast, encolerizando-se subitamente.

— Pois bem, de que se trata, então?... O rapaz fixava o espaço diante de si com um olhar sombrio.

— Acaso ouviu falar de Valentina Visconti? — perguntou, desviando os olhos. — Antes de morrer, exclamou: *Rien ne m'est plus, plus ne m'est rien*.³¹ Ao ver Kerkhoven inclinar a cabeça com um ar algo irônico, Etzel ergueu a sua num gesto de desafio e disse: — Evidentemente, é idiota. Mas não percebo em que tudo isso possa interessar-lhe, mestre. É uma pena vê-lo desperdiçar assim o seu tempo.

Kerkhoven inclinou-se para frente e tocou com a mão o braço de Andergast. Esse contato, por mais leve que fosse, fez Etzel perder a sua segurança. Olhou em torno de si, como que à procura de um apoio, e em seguida, os olhos fixos nos de Kerkhoven: — Minha mãe — disse, com um movimento de ombros. — Pelo muito que sabe, ela! Que lhe poderá ter escrito? Provavelmente referiu-se àquela ridícula história passada... — Deixemos isso de lado, Andergast. Bem sabe que não tenho gosto pelas exumações e tampouco pelas manobras inquisitoriais. Gostaria apenas que se explicasse a fundo sobre certos pontos, sobre o atrito com sua mãe, por exemplo, se é que atrito houve... Não? Tanto melhor. Digamos, então, sobre o acontecido... Pois bem, discuta-o, se preferir, como se fora consigo mesmo; limitar-me-ei a ouvir. Que diz de minha proposta? Poderei ajudá-lo uma vez ou outra, fazendo uma pergunta...? “Lá vem ele com um de seus truques”, pensou Andergast, furioso, debatendo-se como uma raposa presa na armadilha.

CAPÍTULO XI

Não, não fora um atrito, e nem tampouco uma discussão. Receia não poder explicar. Há casos em que a ternura se torna exigente e opressiva em demasia. É às vezes conveniente que permaneçamos materialmente estranhos uns aos outros. Compreende o mestre o que ele quer dizer? Bem. Também ela o compreendia, mas não pudera regular sua conduta de acordo. Uma mãe! Este fora sempre o seu maior sonho, o bem supremo desta vida. Ao contato desse sonho, toda realidade, mesmo a mais perfeita, é forçosamente reduzida a migalhas.

Compreendera desde logo que espécie de mulher ela era, quanto era superior às demais. Oh, sem dúvida! Um caráter. Uma personalidade. E, com isso, uma mulher que sabia alguma coisa, que aprendera alguma coisa, não uma dessas pretensiosas como se costumam encontrar entre as altas camadas da sociedade. Se se tivessem encontrado um ano mais cedo ou mais tarde, seu encontro poderia ter tido consequências felizes. Assim como fora, porém... Também ela vivera à espera de muitas coisas, de uma ao menos estava certa: a posse de um filho, com tudo o que a palavra “posse” implica. Sua expectativa fora frustrada. Ele não era um filho. Era uma criatura deplorável, um ser anormal desprovido de sensibilidade. De que serviria tomar entre os braços a esse monstro vencido, afagar-lhe a cabeça, velar constantemente por ele? Vai confessar algo de espantoso: que o mestre não o ouça é demasiado horrível, demasiado inumano. Sua mãe era então para ele uma criatura excessivamente carnal. Tinha um odor de carne e de sangue. Tinha uma penugem sob as axilas. Não podia afastar de si a ideia de que ela compartilhara do leito de seu pai, de Trismegisto, há dezoito anos atrás, num dia preciso que era talvez possível determinar.

— Esse pensamento, não podia suportá-lo, não podia. Compreende isso, mestre? — Sim, Andergast, compreendo. O homem é um bruto, não é certo? — De fato, é um bruto. Mas é mais ainda do que isso.

— Eu o sabia. Maldição! Tinha-o todo o tempo diante dos olhos. Guardou um longo silêncio.

— Não deve acontecer que a criança tenha uma mãe morta para ela, quando na realidade está viva — disse, como que falando para si mesmo.

A seguir, veio o desfile dos médicos. Ela poderia ter-se poupado esse trabalho. Se um raio cai e limita-se a apagar as lâmpadas, não se vai chamar os bombeiros por isso. Sempre detestou os exageros; ela devia saber disso. A educação que recebeu não foi de molde a habituá-lo aos pequenos temores burgueses. Por outro lado, quando criança, sempre

teve aversão pelos bombeiros; o incêndio era para ele um espetáculo mais belo que o jorrar da água das bombas. E ademais, como disse, não havia sombra de fogo, tudo era escuridão. Mas os médicos! Como eram ridículos com o seu oco palavreado. Faziam-se ideias simplistas a respeito de tudo, muito embora estivessem postados “nos cumes da ciência”. Não podia deixar de pensar nas palavras de Molière para quem a medicina não passava de “pomposa verbosidade”. Foi uma época difícil. Por princípio, teria desejado morrer, mas na prática verificava que isso de nada adiantaria; quer se destruísse a si próprio ou permitisse que o matasse a enfermidade, os médicos continuariam a ter razão em um e outro caso, e ele não queria vê-los triunfar. Não, sua morte nada teria vindo provar, pois raramente serve para provar qualquer coisa. Sobretudo uma morte voluntária. De nada lhe teria adiantado. Sente-se demasiado preso. Desertar voluntariamente da comunidade é pura tolice. Se ao menos fosse como na colônia jônica de Massilha, onde aquele que desejava abandonar a vida devia expor seus motivos frente a um areópago de seiscentos membros, escolhidos entre os melhores cidadãos; e, só depois de aprovados esses motivos, e reconhecido que o indivíduo não podia mais absolutamente continuar a viver, é que o autorizavam a beber cicuta, e organizavam em sua honra uma bela cerimônia fúnebre.

— Esses costumes tinham algo de bom, não lhe parece, mestre? Ergueu-se bruscamente, percorreu por diversas vezes o aposento; deteve-se depois ao lado de Kerkhoven, descansou nele um olhar pensativo e, com um gesto meio familiar, meio distraído, puxou o cordão negro que pendia do colete de Kerkhoven, tomou o pequeno relógio de ouro que examinou com um sorriso ausente e depositou-o sobre a mesa em sua frente, tornando a sentar-se. Estranha preliminar. Kerkhoven deixou-o fazer tranquilamente. Sentia-se como um pai de cujo bolso o menino tirou alguma coisa para brincar. Ao mesmo tempo, tinha a sensação estranha de que, pelo fato de lhe terem tirado o relógio, também o tempo se havia desligado dele, o tempo, aquele tirano que o forçava a dividir o dia e a noite em frações, essas frações em outras ainda menores, de forma que realizava mil e uma coisas em

detalhe e que a quantidade substituía a amplitude e a abundância do trabalho.

“Não me enganara a respeito desta criatura”, pensava. “É na realidade um número excepcional; como tudo isso está bem observado! A única coisa que faltava, é que ele me fornecesse o diagnóstico do seu caso: uma neurose imaginativa, caro colega... Ao que eu responderia: ‘Tem toda razão, meu caro colega, mas um dos aspectos do caso parece fugir-lhe: quero referir-me à absoluta originalidade do personagem que o ilustra, a qual poderia obrigar-nos a modificar, embora contra a vontade, o nosso diagnóstico’”.

Reflexões sarcásticas, destinadas a dissimular a emoção íntima do homem que era demasiado médico para a elas se abandonar sem protesto. Para dizer a verdade, não procurou averiguar o que tinha o poder de emocioná-lo a tal ponto. Não era a linguagem a responsável, apesar de sua estranheza, nem tampouco a franqueza que transparecia em cada uma daquelas palavras, se bem que fosse esse o sinal característico do personagem. Não podia ser, em suma, senão a expansão finalmente conseguida de uma alma que, aos poucos, se despia de sua resistência e que essa libertação progressiva começava por abalar em seu mecanismo, a tal ponto fora forçada a pressão que por tanto tempo suportara. Meses depois, Etzel disse um dia a Marie: — Se naquele dia o mestre não me houvesse sustentado como o ímã a uma agulha de aço, não sei o que teria acontecido; houve um momento em que tive ímpetos de agredi-lo.

— Apesar de tudo, era preciso pensar em fazê-lo continuar os estudos — disse Kerkhoven. — Você não tinha mais de dezessete anos e interrompera-os por sua livre determinação. Nisso consistia provavelmente a primeira dificuldade.

Etzel concordou, embora, a seus olhos, aquilo não representasse propriamente uma dificuldade.

Já naquela época, estava decidido a não se deter ante o futuro. De qualquer forma, não tinha a intenção de cruzar os braços e ficar contemplando o céu. Fez, portanto, o que dele se esperava. Representou o seu papel e, fato estranho, tudo corria muito melhor quando fingia do que quando agia seriamente. Moralidade: é tolice obstinar-se num propósito; deixe-o de lado, e ele se arranjará por si. Assim, dezoito meses mais tarde, completava o seu curso, tal como se houvesse compartilhado de um piquenique, isto é, refletindo que poderia igualmente ter ficado em casa. Ei-lo que antecipa os fatos, porém. Evidentemente, não podia voltar a esse cárcere que se chama liceu; já não suportava a cidade, e outra qualquer ter-lhe-ia parecido igualmente odiosa. Por que razão era preciso que se ocupassem dele, ao invés de deixá-lo em paz a cuidar de seu jardim? Aqui intervinha a figura de Camill Raff, seu antigo professor de curso primário. Sua mãe sabia que Raff fora o único de seus mestres a exercer sobre ele alguma influência. O que ignorava, porém, é que esse tempo havia passado. Continuava a apreciá-lo, ou antes, já não o apreciava mais. Achava-o menos intolerável que a maioria dos outros, um sujeito decente, eis tudo. Daí, porém, a exercer alguma influência... Depois da morte da mulher, Raff abandonara o ensino; já muito antes vinha sendo, por assim dizer, posto em quarentena. Sua situação era pois medíocre, e quando a mãe de Etzel propôs-lhe assumir o cargo de preceptor do filho aparentemente extraviado, aceitou prontamente. Raff acreditava, sem dúvida, que iria encontrar ainda o Etzel da fase das ambições, digamos antes, da fase ascendente, da fase pré-histórica. Nem por isso, contudo, houve qualquer espécie de atrito; tudo caminhou às mil maravilhas. Decidiram ir viver na Suíça. Que seja, a caminho para a Suíça! Instalaram-se numa pequena aldeia escondida nas montanhas como uma migalha de pão espalhada entre os travesseiros. Quando se está doente, não se tem sempre migalhas de pão pela cama? Se não fossem as montanhas... céus! Breve o compreenderá, mestre. Era inverno. Não sabia como passava os dias, nem quantos se passaram. Naquela época, estava como que atacado da doença do sono. Aconteceu-lhe dormir mais de dezesseis horas a fio. Nos intervalos, fazia o trabalho prescrito, conversava com Raff, com a mãe; fora eles, não havia mais ninguém. Uma prisão branca, eis a impressão que

tinha. O céu, a terra, as muralhas montanhosas, as árvores, as casas, os sonhos, tudo era branco. Certo dia, seria já no mês de março, entrou no quarto da mãe. Raff estava com ela, sentados os dois muito juntos um do outro. À sua entrada, Raff ergueu-se vivamente e dirigiu-se para a janela. Sua mãe conservou-se imóvel, de cabeça baixa. Na penumbra, não lhe distinguia mais que a silhueta. Deteve-se, passeando o olhar de um para outro; depois, como nenhum dos dois dissesse uma palavra e nem mesmo parecesse notar-lhe a presença, fez meia-volta e saiu. No seu quarto, sentou-se para refletir no que devia fazer. Estava bastante bem informado sobre o passado de sua mãe. Muito embora, em suas conversas, ela evitasse sempre insistir sobre o que sofrera e se referisse aos fatos mais dolorosos como se fossem o fardo comum a muitas outras mulheres, ele compreendera que, de dez anos para cá, vivera como uma santa. Não apenas compreendera, mas esperara por isso. Não poderia ser de outra forma, quando se trava conhecimento com sua própria mãe, *mater renata*. Eis porque não tinha para ele nem idade nem sexo, e não fosse a mácula, dificilmente negável, de ter coabitado com Trismegisto para concebê-lo a ele, seu filho, teria aparecido a seus olhos revestida de uma pureza celestial, como a lua no azulado céu noturno. É evidente que de outra forma não se poderia conceber a sua vinda a este mundo. Era esta a constatação que o atormentava e onde as chamadas concepções filosóficas pareciam dispostas a ultrajá-lo. Raff na janela, a graciosa silhueta recortada na penumbra. Não era preciso quebrar a cabeça para compreender. Na manhã seguinte, tirou do armário sua sacola de turista e, quando a mãe veio vê-lo no quarto, disse-lhe: “Vou passar algumas semanas nas alturas, não te preocupes por mim; lá em cima, no desfiladeiro, há um albergue, onde ficarei para assistir ao degelo e às avalanches”. Ela calou-se. Compreendera tudo. Não tentou demovê-lo de seu intuito, não perguntou nada, e tampouco mostrou-se surpresa ou ofuscada. Em silêncio, ajudou-o como um camarada a arrumar suas coisas, verificou que levasse bastante roupa de lã e quando, completamente pronto, viu-o dirigir-se para a porta com um simples gesto de cabeça, sem estender-lhe a mão, seus lábios fendidos pelo frio esboçaram um sorriso. Mais nada. Ele sentiu-se grato por essa atitude que coincidia com a sua própria. Nas ruas da aldeia,

encontrou-se com Camill Raff, com ele trocando algumas palavras, como se partisse apenas por algumas horas. Empreendeu então a escalada em direção ao Julien; caminhou durante dois dias e meio, pela picada que fora aberta para o correio. O albergue em que se instalou trazia a insígnia: “Ao pico Lagrev”; a aldeia chamava-se Bivio. A paisagem era de uma grandiosa amplitude. As plataformas sucediam-se umas às outras, erguendo-se em direção ao céu; todo movimento repetia-se no nível imediatamente superior, numa forma simplificada, até atingir a uma nudez majestosa; dir-se-ia um poema heroico, concretizado no espaço, cada sílaba representada por um bloco de granito, por uma cratera gelada, cada pausa por um abismo. Em suma, teve a sensação de compreender aquele mundo das alturas, pois se apresentava clara e nitidamente recortado contra a limpidez do firmamento; o mundo de baixo continuava sombrio e confuso como antes, com a diferença de que agora estava longe. O quarto que ocupava não era maior que um ovo. Nas paredes espessas, as janelas lembravam as aberturas de uma fortaleza. De dia, deixavam passar uma luz de um azul intenso e, à noite, um pesado silêncio. Não pôde ficar preso entre essas quatro paredes. Não abriu um livro, muito embora houvesse trazido vários; depois do café, calçava os esquis e partia, os olhos protegidos por vidros enfumados, dentro da solidão branca, deslumbrante. Embaixo, começara a esquiar com Raff, mas não demonstrava ainda grande habilidade. Cá em cima, porém, aquilo pareceu andar sozinho; ao fim de três dias, descida alguma parecia-lhe demasiado abrupta. Parecia-lhe que seu corpo se alongava e crescia uma polegada a cada hora que passava. Pela primeira vez, aliás, tinha a consciência de ter um corpo, e essa sensação enchia-o de alegria — na medida em que a alegria era compatível com a situação —, dessa alegria que se sente, por exemplo, ao aprender como empregar uma ferramenta salva de um naufrágio. Aprendeu a conhecer os sintomas atmosféricos, o significado da névoa e das nuvens, a graduação diferente fornecida pela incidência da luz nas rochas, segundo a hora e a natureza da pedra; o granito negro, o basalto cinza, o pórfiro vermelho e, por cima de tudo, descrevendo um arco imaterial, as cúpulas esverdeadas das geleiras. O que lhe foi revelado, na verdade, não foi a grandeza, o poderio das formas, a transparência cristalina do

ar, e sim a montanha como tal, a montanha em sua forma primitiva, e a influência elementar que sobre ela exerciam metal e mineral, águas e raízes, como se essas correntes magnéticas passassem imediatamente para o sangue e para o sistema nervoso, e como se a criatura passasse a estar organicamente implicada no sistema circulatório das seivas terrestres. Assim fazendo, ela não se segregava da comunidade humana. Pelo contrário, só então se agregava verdadeiramente a ela, não em seu núcleo central e confuso, mas pela margem; só então sentia-se, como São João no deserto, fugindo ao inimigo que encontrava em seu irmão, e para quem o mundo só apresenta forma e figura, e só adquire sentido, quando encontra o irmão no inimigo. Naturalmente, só a solidão do deserto seria capaz de exercer semelhante efeito.

Passou vinte e dois dias nas montanhas. Era o início de uma experiência da qual não se podia prever ainda a envergadura, ao mesmo tempo que o encerramento de uma fase — a fase do aprendizado, da orientação. Encontrava pela primeira vez um ponto fixo, ou pelo menos um ponto de partida, que lhe dava a sensação de contar com um sólido ponto de apoio.

Estava suficientemente alto para poder olhar para baixo. Além de cada mundo, havia ainda outro, além de cada vale, outro mais alto, por cima do cume nevado, a abóbada azul, e o conjunto não representava, em suma, senão um todo só, tal como o imaginava quando menino: o universo com todos os seus astros não era mais talvez do que a gota de sangue de um ser cujas proporções desafiavam a compreensão.

A terceira semana se passara. Uma noite de tempestade, um mensageiro, enviado por Sophia, chegara com uma carta que não continha mais que algumas palavras: o pai agonizava. O vento destruíra os cabos elétricos, motivo pelo qual não pudera telefonar; acrescentava ter julgado de seu dever informá-lo pela via mais rápida, embora não pretendesse interferir em nada em sua decisão. Uma hora depois, tomava o trenó. Chegou no dia seguinte ao meio-dia. Do que se passou nele, durante essa viagem noturna, enquanto a tormenta de

neve fustigava-lhe o rosto, o vento atravessava cobertas e agasalhos, os cavalos perdiam cem vezes o caminho dentro do turbilhão de neve levantada pelo vento e, ora à direita, ora à esquerda, como lagoas em ebulição, escancaravam-se precipícios onde redemoinhavam os flocos brancos, enquanto as raras aldeias encolhiam-se, temerosas, dentro das trevas e as avalanches no alto avançavam com seu fragor de trovão — de tudo isso, não contou uma só palavra a Kerkhoven. Referiu somente o pedido que, apenas chegado, fez à mãe, quase de um fôlego; e seu interlocutor teve a impressão de que a fúria dos elementos desencadeados tivera o poder de perturbar naquela noite a mente do rapaz.

O que pediu à mãe foi nada menos que isso: que partisse com ele, aproximando-se ambos do leito mortuário, e estendesse finalmente ainda uma vez a mão ao homem que lhe devastara o coração, lhe destruía a vida e lhe arrebatara o filho. Colocou-a em face desse dilema inquietante: ou me acompanhas, ou doravante nossos caminhos estarão definitivamente separados. Que ideia era aquela? Que intenção ocultava? Seria a sobrevivência daquela revolta quedatavado momento emquesurpreendera suacumplicidade com Camill Raff; seria maldade, ciúmes, ou simplesmente um capricho de déspota? Veria nesse gesto um ato de reparação, uma renúncia ao velho ódio inexpiável e aos laços recentemente contraídos? A presença de sua mãe tornaria acaso menos impressionante, para ele, a morte do homem temido, admirado e odiado, agora que reconhecia que essa morte, por qualquer ângulo que fosse considerada, tornava-o pela primeira vez verdadeiramente responsável pela própria existência? Ou tratava-se de um obscuro desejo de vingança recalcado, dirigido a ambos, ao pai e à mãe, e que desafiava toda e qualquer explicação? Kerkhoven compreendia aos poucos: não os motivos tomados isoladamente, mas o ato instintivo em si mesmo. E recebeu como que uma iluminação súbita que lhe permitiu fazer uma ideia mais ou menos completa da feição moral do rapaz. Como era de esperar, a mãe recusou-se. Não demonstrou qualquer emoção; talvez estivesse mesmo mais surpresa que afetada. Habituada como estava a controlar-se, nem um traço de sua fisionomia revelou ter compreendido a extensão da

perda que ia sofrer. Confessou mais tarde ter sido este o dia mais triste de sua vida, pois parecera-lhe que a própria natureza se voltava contra ela e que o filho apenas conquistado, já meio afastado, é verdade, tornara-se pela segunda vez e agora para sempre propriedade do pai, o filho de seu pai, e isto de uma maneira tanto mais irrevogável quanto, desta vez, era a morte que trazia a solução definitiva à situação. No dia seguinte, declarou a Camill Raff que era preciso que tudo terminasse entre eles. Foi ao encontro de seu velho amigo André Levy, em Basileia, partindo em seguida para Baden-Baden, onde se isolou fora da cidade vivendo uma existência de monja, tal como o fizera antes de encontrar Etzel; com a diferença que, agora, tinha menos energia e sentia mais vivamente o peso dos anos.

Etzel está ajoelhado diante de um cadáver. Não encontrou o pai vivo. Agora, está de joelhos ao lado do caixão. É a primeira vez que vê um defunto. Que esse primeiro morto seja o próprio pai, eis um espetáculo dotado da força primitiva de um mito. Há muito vem sendo acossado pela tentação de duvidar de si mesmo, que agora o invade e deixa-lhe o cérebro vazio. “Terei agido bem em relação a este homem? Por que motivo e com que direito me erigi em juiz diante dele? Acaso tinha contas a prestar-me? E quem tem o direito de pedir contas a outrem? Existirá a responsabilidade? Num caso como este, não fará estourar o invólucro da personalidade? Não o terei precipitado para fora do que representava o sentido de sua vida, e exigido dele, sozinho, o que não é lícito exigir senão da humanidade inteira, em sua qualidade de organismo moral? Precipitá-lo para fora do que representava o sentido de sua vida... isto seria o maior de todos os pecados, o pecado mortal puro e simples; pai, em tuas mãos entrego meu espírito. Como é possível encontrar, como poderei eu encontrar o acesso ao verdadeiro sentido da vida? Eis uma pergunta que Caim terá provavelmente formulado a Adão e a Deus. Oh, boca que tantas regras e tantas leis soubeste enquadrar em fórmulas de bronze, como é intimidante teu brusco silêncio!”

Seguiu-se uma estranha história, que ele referiu como se não tivesse tomado parte nela, levantando de vez em quando os ombros, como

alguém a quem não surpreende ver o destino tentar exhibir-se em golpes sensacionalistas. Sem embargo, não era possível atribuir-lhe exclusivamente a fatalidade de que fosse a antiga amante do pai a iniciá-lo nos mistérios do amor, como se costuma dizer em termos pomposos. Tratava-se indubitavelmente de uma mulher livre, e é mesmo possível que tenha cedido a algum apetite perverso, por mais ingênua e inocente que aparentasse ser. Sem qualquer prólogo, levou-o para longe do cadáver do pai e, antes que pudesse perceber o que se passava, estava deitado ao lado dela.

Naturalmente, Etzel não suspeitava em absoluto de sua ligação com Trismegisto de que só no dia seguinte tomou conhecimento; deixara-se tontear por aquele chilrear de passarinho. É possível, também, que ela tenha querido jogar seu último trunfo contra o amante desaparecido; apenas, parecia não perceber que esse trunfo era assaz macabro. Deus sabe o que fora obrigada a suportar da parte de Trismegisto. Sem esse golpe teatral, teria sido uma aventura rústica e silvestre, tornada um pouco mais picante e um pouco mais perturbadora devido a essa vizinhança, a essa quase presença, do pai defunto; a ela mesclava-se, também, um elemento incestuoso, alguma coisa de obscuro que lembrava a fábula antiga. Talvez que, ao morrer, Trismegisto assim o houvesse disposto: a amante encarregar-se-ia da inocência do filho. Pensamento diabólico; entretanto, quem poderia afirmar ou negar algo naquele homem? Porventura quisera cumprir alguma tenebrosa vingança, ou quiçá se tratasse de uma simples medida educativa. Em todos esses pontos, mostrava-se terrivelmente complicado e cheio de intenções preconcebidas. Todavia, também a mãe estava em jogo, à sua maneira; não poderia explicá-lo satisfatoriamente, mas sabia que estava em jogo, como o anjo que as antigas imagens representam cobrindo a face com as mãos.

Terá de narrar também como se passaram as coisas? Não há grande interesse nisso. Em todo caso, se o mestre o deseja... O morto estava em seu caixão, numa das dependências do sanatório. Com efeito, o Barão Andergast passara os dois últimos anos de sua vida internado numa instituição de neuropatas; uma decrepitude cerebral

incontrolável tornou imprescindível essa medida. Quando Etzel afastou-se de junto do cadáver, avistou junto à porta uma mulher vestida de negro que o observava com curiosidade, enxugando de quando em quando as lágrimas no lenço que trazia na mão. Era curioso. Não lhe parecia mais uma jovem, teria trinta anos pelo menos e, aos seus olhos de dezoito, tinha um aspecto respeitável. Entretanto, quando lhe dirigiu a palavra, percebeu que, apesar de tudo, era jovem, mais jovem que ele, dengosa como uma gatinha que se perdeu numa casa desconhecida. Enquanto de sua boquinha em forma de coração desfiava, à meia-voz, um rosário de tolices, lançava olhares enviesados sobre o cadáver de uma brancura marmórea, como se lhe sobrassem razões para tremer diante daquele homem imóvel. Uma vez fora do quarto, desfez-se porém o sortilégio; uma vozinha suave e sem alma assaltou-o com dezenas de perguntas tolas, formuladas numa incrível linguagem anglo-alemã. Repetiu um sem número de vezes que conhecera “cordialmente bem” o defunto e que o considerava “one of the greatest men of the world”. Etzel, sobrecarregado de pensamentos soturnos, deixava-a falar; era como se ouvisse um chocalhar de guizos. Não sabia aonde ir. Deixara suas coisas num hotel ordinário, próximo à estação; não conhecia ninguém na cidade, e tencionava partir no dia seguinte, depois do enterro. Assim, quando Violet Winston o convidou a ir até sua casa, seguiu-a como um desocupado que não tem rumo certo e a quem se oferece um abrigo; o resto seguiu-se naturalmente. Um pequeno presente, uma certa embriaguez, uma leve esmola da carne. Em seguida, o assunto foi encerrado, e assumiu em sua vida o lugar que lhe cabia. (“Eh, grande louco, grande pedantezinho”, pensava Kerkhoven, apiedado e divertido). Em suma, uma decepção. Inútil dizê-lo, estava na ordem natural das coisas. (“Por que não, meu grande filósofo?”, pensava Kerkhoven). Eis o que quer dizer: nunca foi atormentado pela inquietação sexual, como a maioria de seus camaradas a quem ela obcecava desde os quinze anos ou mesmo desde os treze. Nunca compreendera a urgência dessas questões, que não lhe causavam senão mal-estar: os ares misteriosos e repugnantes de uns enojavam-no tanto quanto a maneira positiva e hipócrita com que os outros tratavam o assunto; quanto a ele, tinha outras coisas mente. De raro em raro apenas, um sonho perturbava-o, ou sentia um

formigamento no sangue em suas horas de inação. (Raramente, porém, ficava inativo). Nenhum mérito nisso; era uma questão de sorte, nada mais. Uma doença do crescimento, que parece tê-lo poupado. Sabe que a maioria dos moços mentem, quando se fazem passar por cordeirinhos brancos, mas por que mentiria ele, que tão cedo se tornou a pior das ovelhas negras? Tudo isso carece de importância. E não se faz senão exagerar o valor dessas coisas... Nunca mais viu Violet.

Kerkhoven fixou sobre o rapaz um longo olhar perscrutador. Constatou, não sem satisfação, que o corpo, tanto quanto a fisionomia, sofrera uma transformação sensível graças aos dez dias passados na clínica. Os traços eram agora mais firmes, a expressão mais pura, mais leve o brilho dos olhos, os movimentos, os gestos, mais desembaraçados, tinham perdido o excessivo nervosismo que os caracterizava. Para isso teriam contribuído, é certo, o repouso e o prolongado isolamento. Entretanto, quanto ao essencial, não se podia negar, como na maioria dos casos tratados, o resultado da modificação na alimentação, adaptada às exigências do indivíduo, base sobre a qual se apoiava a terapêutica nervosa de Kerkhoven.

O axioma “dize-me o que comes, eu te direi quem és”, inspirara-o desde cedo, antes que outras descobertas, feitas no mesmo sentido por pioneiros isolados, trilhando vias diferentes, viessem confirmá-lo e atenuar um pouco os sarcasmos dos especialistas.

Seja dito de passagem que Andergast não estava na clínica como um doente comum; ignorava mesmo que durante todo aquele tempo tivesse vivido segundo as prescrições de Kerkhoven; o que comia e bebia era-lhe indiferente, como sucede a todos os indivíduos subjugados por uma tensão de espírito anormal. Era destituído de necessidades como um trapista; não tinha olfato nem gosto, fato que, mais tarde, representou constante motivo de contrariedade para Marie. A profunda simpatia que animava Kerkhoven, feita a um tempo dessa curiosidade ultrassensível do grande médico e da emoção humana, como jamais sentira tão intensa, permitiu-lhe constatar os efeitos de

uma como que renovação corporal, da qual fazia derivar esperanças muito precisas. Logo, porém, sem que houvesse solução de continuidade em seus pensamentos, reportou sua atenção para o relato de Etzel, pois o que o rapaz contara até aqui não passara evidentemente de um prólogo, de uma entrada em matéria.

Etzel voltara a ver a mãe ainda uma vez, por pouco tempo. Os pormenores dessa visita, Kerkhoven só iria tê-los meses depois, através de uma carta de Sophia. Ao que parece, cada minuto de coabitação representara para ela uma tortura. Etzel chegara marcado por acontecimentos que ela ignorava. Havia diversas questões de ordem material a regular. Estas forneceram pretexto para várias entrevistas, no decurso das quais deu provas de uma frieza imperturbável. Foi preciso procurar o advogado encarregado de administrar a herança do pai e da avó, a quem fora igualmente confiada a tutela de Etzel. Até sua maioridade, este receberia uma pensão mensal de trezentos e cinquenta marcos. Houve um momento penoso, aquele em que se procedeu ao exame da situação de Sophia, para constatar que sua renda fora até então apenas suficiente para viver. Como ela se recusasse a discutir o assunto, Etzel procurou sozinho o advogado e, após uma curta explicação, obteve que se entregasse a sua mãe uma renda anual conveniente, retirada da parte que lhe cabia. Alegou que lhe bastava ter o suficiente para não morrer de fome, e de bom grado abriria mão do excedente, se a lei o permitisse. Tratava as questões de dinheiro e de propriedade com ares de grande senhor, maneiras essas que não vieram a modificar-se com o correr dos anos.

Pouco depois, passava os exames finais, e foi então que realmente defrontou-se com o vazio. A pergunta voltava a se impor: como tornar a encontrar o sentido da vida? Da vida em geral, queria dizer, não da sua em particular. Sentia nitidamente que, para encontrar esse sentido, não era o bastante exigi-lo. A exigência de cada um chocava-se automaticamente contra outra exigência contrária, a ele via-se reduzido à impotência frente a uma falange de fileiras cerradas. Aquele que se recusava a depor as armas e tomar docilmente posição nas fileiras era marcado com ferro em brasa e renegado como traidor da

comunidade. Ambiguidade perigosa e sedutora a dessa expressão: subtrair-se à sujeição de toda lei. Sente-se tentado a ceder. Entretanto, não distingue em tudo isso nenhuma finalidade, e nada lhe repugna mais que a experimentação. Bebeu até o fel a ignomínia daqueles que são obrigados a retroceder a meio caminho. Tentou uma vez, não será mais capaz de recomeçar. Se se submete e aceita que o mundo caminhe como possa, que o progresso das instituições humanas se efetue com a lentidão desesperadora das lesmas, que a sociedade seja um Moloch de maus instintos que só de raro em raro alguns fenômenos elementares conseguem despertar de seu torpor, que o indivíduo em nada possa contribuir para modificar a situação e deva esforçar-se, em consequência, por salvar a própria pele — se compreende tudo isso e renuncia a ficar fiel a si mesmo, terá garantida sua sorte aqui embaixo, é inegável. Contudo, qual terá sido, afinal, o sentido de toda essa exaltação, se a história termina sem maior alarde? Evidentemente, não irá demonstrar o quanto de desejável e meritório existe num gesto leal de abdicação: peço-lhes humildemente perdão, senhores e senhoras, comportei-me como um exaltado, queiram ter a bondade de indicar-me a estrada de Canossa³². Diante disso, recebe no ombro pancadinhas emocionadas e ouve palavras confortadoras: ainda bem, meu rapaz, em tempo criaste juízo; aos dezesseis ou dezessete anos é permitido, rigorosamente falando, exceder um pouco os limites, mas a partir de agora é preciso entrar no sério e renunciar às aventuras quixotescas. O filho pródigo perdoado balbucia um agradecimento feliz; tem vivo ainda na lembrança o que deixou para trás e apressa-se em pôr-se a salvo, reservando as pequenas escapadas para mais tarde, quando for menos perigoso.

Não, a ele não dobrariam com essa facilidade. Não pode ceder. Não pode. Em seu peito subsiste essa inquietação que nada tem o poder de acalmar, contrariamente ao que aparentam suas maneiras, aquela frieza simulada, e ainda aquele cinismo de que se recobre. Decide-se a forçar a entrada da última porta que a vida mecanizada deixou aberta entre a profissão e a vocação. Não ignora tratar-se de um novo desfiladeiro das Termópilas, ao longo do qual a flor da juventude derrama até a última gota de seu sangue; de qualquer maneira, é

preciso tentar. Uma só precaução a tomar: evitar ser crédulo e dar o devido desconto em todas as belas frases relativas às conquistas da técnica e aos milagres do progresso. No momento de tomar a decisão é que começou a sentir-se realmente embaraçado. Se pretendesse ser carpinteiro ou sapateiro, não tardaria a se aperceber (fato estranho) que já não existe nem uma nem outra profissão. Não se tem mais o direito de criar, não se pode senão fabricar alguma coisa, ou então pagar operários e máquinas para esse fim. Não se penetra mais até o âmago das coisas, não se lhes atinge mais as raízes profundas, já não se exige nada que seja um todo integral, já nada se pode fazer de um só bloco. Aqui e ali, espalhados pelo planeta, existiram porventura ainda alguns espíritos universais, ictiossauros que resistiram à ação do tempo; não obstante, a matéria já os toma de assalto e ameaça submergi-los em seu ímpeto avassalador. Que fazer? Reflete: esperemos que alguém ou alguma coisa tome a iniciativa por nós. Isto é, entreguemo-nos, de pés e mãos atadas, ao acaso. No ponto em que estão as coisas, porém, esperar é um crime. Calcula que a vida, quando se atinge a velhice, compõe-se de vinte e quatro mil dias; destes, já deixou para trás sete mil; cada novo dia desperdiçado é um dia a menos, e em pouco se vão trezentos e sessenta e cinco. Tomar um lugar na fila simplesmente por não saber o que fazer, tomá-lo como advogado, professor, funcionário, Deus sabe o que mais — isso nunca! Nessa perspectiva, nada encontra capaz de atraí-lo. Antes preferiria fazer-se fogueiro, ou alistar-se na Legião Estrangeira, ou ainda inventar uma pomada para clarear a epiderme dos negros, o que poderia fazê-lo ganhar milhões. O vazio o oprime, torna-se-lhe intolerável; é impossível introduzir-lhe o menor significado. Observa irritado os mesmos sintomas reproduzidos na fisionomia de pessoas de sua idade. Por toda parte encontra o mesmo esgar, que traduz o furor de que estão possuídos e indica que estão prontos, tamanho é o ódio que os inflama, a vender um punhado de ideais e a própria alma por um prato de lentilhas. Que geração é essa? Que época é essa, que de tão perto bordeja a infâmia mais clamorosa? É o nada repleto de um silêncio mortal. Há o recurso aos livros; neles, quiçá se encontre algum esclarecimento, alguma indicação. Um dia, estabelece uma lista de cerca de trezentas obras e se propõe lê-las, todas. Passa noites em claro,

noites de febre e de insônia. É a vez do princípio vivo evaporar-se, dissipar-se em opinião, em interpretações; o espírito de afirmação puxa de um lado, o espírito de negação de outro, sem que se mova do lugar o carro ao qual estão atados. Em sua sede de aprender, lança-se ao estudo da filosofia, da história e das religiões, da sociologia; acumula documentos e noções, não consegue encontrar uma clareira e perde-se nas trevas. Volta-se para a biologia, campo ilimitado onde a ciência não tarda a esbarrar no mistério; a ameba na gota d'água tem a audácia de pretender comparar-se à estrela no éter (representação concreta que lhe é, como vimos, familiar, mas que, no momento em que pretende conquistar a noção de ordem e estabelecer a escala dos valores aparece-lhe como impudente e demagógica). Um só ponto deseja esclarecer: como pode a justiça emanar da lei? Indubitavelmente, é possível aprofundar o sentido da lei, inclusive mesmo de uma lei permanente e universal, mas, por outro lado, é evidente que não existe mais justiça na natureza do que na sociedade humana, a menos que o Criador, em seus impenetráveis desígnios, lhe tenha fixado a realização ao cabo de um prazo tão longínquo que dê tempo à criatura de desesperar, ao longo dessa busca penosa. Sendo assim, porém, em que consiste a missão dessa mesma criatura? Que entender por bem comum, do qual terá de lançar mão para si e para aqueles a quem quer servir? Como comunicar-se aos outros, dar-se a conhecer? Como começar e prosseguir, a quem tomar por guia? Como evitar a incerteza torturante de mil encruzilhadas, e fazer saltar as sete fechaduras e cadeados do futuro incógnito e obscuro? Durante alguns minutos manteve-se em silêncio. Parecia refletir e recolher suas lembranças. Tudo era tão recuado no passado! Principalmente para ele, aos olhos de quem um ano representava um espaço enorme, tão repleto de atualidades até as bordas que o passado não encontrava lugar para acomodar-se. Kerkhoven, sentado, tinha o corpo inclinado para a frente, e os braços entre os joelhos. Andergast teve um riso curto.

— Por que se ri? — perguntou Kerkhoven.

— Não posso deixar de rir, de cada vez que me ponho a refletir sobre mim mesmo — replicou ele. — Haverá algo de mais cômico no mundo do que um indivíduo que se toma a sério, ferozmente a sério, em todas as circunstâncias? Acontece isso consigo, mestre? Não me parece. Não costumam fazê-lo os espíritos superiores, e acredito que os grandes homens têm em si como que um lacaio representativo para as ocasiões importantes, com o objetivo exclusivo de não escandalizar os espíritos mesquinhos.

Esfregou os joelhos com a palma das mãos e meneou a cabeça várias vezes em seguida, como um ancião.

Admite que, a partir desse ponto crítico, sua vida adquiriu um ritmo algo aventuroso. A resolução de escapar a essa maldita existência de encarcerado veio-lhe de um dia para outro — faz dois anos em junho, se bem se recorda. Começou por pensar vagamente em viagens de descobrimento e em expedições reveladoras, uma espécie de exploração social a ser empreendida por sua iniciativa exclusiva, um caderno de notas em mão e guardando as distâncias, tal um Haroun-al-Raschid em edição modernizada. Coisa impossível, essencialmente cômoda e ilusória: lava-me a cabeça, mas não me respingues de água! Espião por motivos de ética, conserva sempre traços dessa atividade; certa amiga sua, uma judia tuberculosa — hoje falecida — chamou-o certa vez de “espião de Deus”. Por que o mestre o fita dessa maneira? Sim, há um fundo de verdade naquela observação, que já hoje não lhe parece tão infamante como naquele tempo, quando por esse motivo invectivou assaz brutalmente a pobre Sonja Hefter.

Convém, entretanto, não se afastar demasiado de seu tema. É quase meia-noite e está ainda no começo; só agora compreende a felicidade de fornecer ao mestre uma ideia de sua vida insensata, onde os fatos estão de tal forma emaranhados que é preciso desembaraçá-los, um a um, para poder compreendê-los. Acima de tudo, existia essa avidez de saber tudo, de aprender tudo e, se possível, tudo de uma vez, de nada deixar escapar, de lançar-se de pés juntos à água e nadar, mas sobretudo de não se deixar levar pela correnteza, de manter-se à tona a

qualquer preço. Desde a “fase Waremmé” iniciara-se na arte de entrar em contato com as pessoas. Restava-lhe apenas aperfeiçoar o método. Para tanto, não seria preciso usar de grande astúcia; é surpreendente constatar o quanto as criaturas são geralmente ávidas umas das outras, independentemente da idade, condição social e sexo. Ao terminar o período introdutório, antes de se estabelecerem as relações, há uma sensação de alívio: agora tenho-te em meu poder, Deus seja louvado! Por que essa ânsia de “ter em seu poder” a outro? O futuro o dirá. Raramente a intenção é boa, mais habitualmente prende-se à sensação de alívio experimentada ante a certeza de que o outro é um pobre diabo como nós; nesse ponto, respiramos e podemos desprezá-lo tranquilamente ou, no caso de nos surpreender o resultado, investimos contra ele como um cão raivoso e alarmamos com isso toda a vizinhança. Eis aí por que ninguém quer ficar isolado, cada um procura proteger-se juntando-se a um grupo; ora, não é mais costume investir contra o indivíduo isolado e sim contra todo o grupo, donde não ser mais necessária a coragem individual para defender-se, bastando para tanto a coragem coletiva, uma coragem de baixa qualidade.

A experiência revelou-lhe que, nas relações com os outros homens, quer se trate de conselheiros de justiça ou de salteadores de estrada, não existe melhor regra que a de rebaixar-se, de diminuir-se, fazer uma careta amável e estender a pata. Conhece o sistema, por já o ter posto em prática. Isso se tornou necessário, para que ninguém se lembrasse de latir nos seus calcanhares. Foi assim que, por exemplo, conseguiu aproximar-se daqueles que vivem isolados, evitando a luz do dia. Nada têm de diabólico, são mesmo em sua maioria criaturas inofensivas; apenas seus nomes não figuram nos guias sociais e dificilmente se pode entrar em relações com eles. Criaturas inofensivas, por certo, mas que são como sombras; seu espectro já cruzou sua vida enquanto não passava ainda de um garoto. O cargo de procurador, que era o de seu pai, nunca lhe permitiu dormir tranquilo; promotor público, o título soava bem, e fazia estremecer os que o ouviam. Naturalmente, não podia deixar de chegar o dia em que fosse desejar saber o que havia de real, de prático, nas relações entre o

direito e a sociedade — *audiatur et altera pars*.³³ Eis o que urgia descobrir, se não queria pôr-se a falar nessas coisas como um cego fala das cores. Como abordar a questão, porém? Aí estava a dificuldade. Tratava-se de círculos rigorosamente fechados; não era como um escritório comercial, onde bastava empurrar o trinco para que a porta se abrisse. Aqui, era preciso apresentar credenciais.

Pesquisando em casa, retirou das estantes paternas pilhas de arquivos empoeirados entre os quais havia um bom número de processos dos quais esperava obter certos esclarecimentos e revelações. Ao final, porém, acontecia como quando se tem fome e nos apresentam um papel onde está escrito: pão e manteiga. Registrou, não obstante, uma série de nomes e endereços, tomou várias providências inúteis e às vezes comprometedoras. O acaso pôe-no em contato com um receptador de má reputação a quem propõe comprar as obras de direito da biblioteca do pai. Como nunca lhe ocorre protestar contra o preço ínfimo que lhe propõem, é bem visto pelo velho patife, que, naturalmente, supõe tratar-se de mercadoria mal adquirida. Esse indivíduo adquire nele tal confiança que o faz travar conhecimento com vários de seus “clientes”. Etzel sabe insinuar-se, tem o dom de passar despercebido; desconhece o medo e sua sede de saber é incomensurável e ilimitada. Não ignora, é certo, o risco que corre. As falsas aparências sob as quais se apresenta não lhe serão de grande utilidade em casos graves. Por maior que seja a reserva em que se fecha sua verdadeira personalidade, ela não bastará para lhe preservar o nome de uma nódoa à qual, de momento, não liga talvez importância maior, mas que mais tarde poderá custar-lhe mais caro do que possa pagar. Pois, acompanha-o a impressão de que, em tudo o que realiza, tem o destino nas mãos como o equilibrista ao trapézio. Um movimento desastrado, um gesto em falso, e ei-lo precipitado no abismo.

Certas zonas atraem-no particularmente, onde se desenrola a vida mesquinha da gente humilde, os quintais e as ruelas de subúrbio, tudo o que há de duvidoso, de ambíguo, de suspeito, todos os rejeitados e os naufragos da vida. Conheceu um homem que ocupava uma espécie de

posição de confiança entre as prostitutas; era para elas o advogado, o confidente, o amigo fiel e considerava-as a todas como se fossem membros de uma família da qual ele era o chefe. Etzel conserva dele uma pilha de poemas manuscritos nos quais esse trovador das tabernas e dos bordéis canta os destinos e celebra as almas dessas Madalenas. Acontece a Etzel deixar-se sustentar por um batedor de carteiras e a dar conselhos a algum charlatão sobre a melhor maneira de tratar uma oftalmia. Deixa-se levar a discussões apaixonadas com não importa que desclassificado que se intitula anarquista e cujas teorias são quase sempre tão oportunas quanto a entrada de um elefante numa loja de cristais. Rebaixando-se ao nível intelectual de seu parceiro, é como se representasse a habitual comédia do pigmeu iluminado, na qual se compraz porque ninguém é capaz de desmascará-la. Passa noites e noites em antros de tavolagem e em lugares suspeitos vigiados pela polícia, aproxima-se dos malandros mais perigosos, atento às suas gabolices violentas, e vangloria-se ele próprio de proezas indescritíveis, muito embora de uma feita, provavelmente denunciado por algum deles, pouco tenha faltado para que o matassem de pancada. De outra vez, um desses vagabundos toma-o à parte e, ante seu bando reunido, acusa-o rosto a rosto de querer divertir-se à custa deles. E ele, levado pela necessidade de defender-se e por uma suscetibilidade de que ainda hoje se espanta, desarma o indivíduo, deixa-o atônito e pensativo depois de lhe ter feito uma exposição fiel e completa de quem é e do que se propõe. Jamais poderá esquecer a cena. Sentado em sua frente, o homem lembrava um ídolo gigantesco; pousando-lhe as duas mãos enormes sobre os joelhos, fitara-o durante pelo menos dez minutos sem proferir palavra; por fim, não dissera mais que isto: “Some-te daqui, carcaça”. Há ainda outra lembrança que o persegue: o momento em que surpreendeu duas garotas, apenas saídas da infância, armadas de longos punhais, empenhadas em duelo regular por causa de uma terceira que servia de testemunha. A cena passava-se numa carroça de mudanças vazia, e os atores eram silenciosos como sombras.

Pôs toda sua consciência a serviço da tarefa de sondar essas existências de renegados, que se desenrolam à margem da sociedade

burguesa. Não pôde encontrar uma demarcação nítida. Onde termina o papel da fatalidade, até que ponto influem os erros de administração, a fraqueza do regime? E em que ponto começa a responsabilidade das vítimas? Que procurava ele, ali, em última análise? A gente dessa espécie faz pouco da compaixão alheia; os planos de aperfeiçoamento do mundo não passam de um vão palavreado. O defeito capital está na engrenagem; querer remediá-lo é o mesmo que pretender curar pela oração alguém que partiu a coluna vertebral. Chegados a esse ponto do debate, todos os tribunais manifestam a própria incompetência e, em última análise, todos os caracteres fogem à nossa apreciação. Chegando a essa constatação, Etzel experimenta satisfação igual à do doente que vê o termômetro marcar trinta e nove graus de febre e sente que o delírio vai começar. Por toda parte a mentira, em tudo um lado roído pela ferrugem. Pensando bem, a mentira resulta, no fim de contas, em benefícios. Por toda parte, culpabilidades; mas, refletindo bem, a culpabilidade individual torna-se global, impossível de ser delimitada, e volatiliza-se. Toda demonstração nos provoca vertigens e, antes de o percebermos, fomos transportados ao tempo de Adão e Eva e à Idade da Pedra. Não raro a juventude aparece a seus olhos como uma espécie de loucura; toda reflexão conduz a uma surpresa, toda conversa é absurda e irreal, e quando a Medusa descerra os lábios, cada um grita mais alto para não ouvir o que ela diz e para dissimular a si próprio o pânico de que está tomado. Foi então que disse consigo mesmo: “Nada tens a fazer aqui; vive-se apertado como numa cova de toupeiras e as trevas daqui lembram as do inferno. Não podes te instalar nesta porção de mundo que se decompõe; não fazes senão desperdiçar teu tempo, brincas com o fogo no qual estas pobres almas se consomem, e com isso imaginas ser um grande personagem...”.

Era um beco sem saída. Às vezes voltava a sentir a atração dessa zona sinistra, fronteira do mundo social. Por quê? Não o saberia dizer. Seria porventura sua consciência, que não lhe dava repouso? Ou quem sabe um hábito vicioso que não podia abandonar, como seja o de tomar cocaína ou de fumar ópio? Conhecia um rapaz cuja paixão era frequentar os matadouros e ver abater os animais; esse espetáculo produzia-lhe uma excitação sensual. Não pretende dizer que com ele

se passe algo de semelhante. Sabe, apenas, que não é um mero diletante e está comprometido até a alma. Um dia, teve uma revelação; compreendeu onde estava seu verdadeiro lugar. Encontrou um colega de escola, membro de uma associação de rapazes na qual foi introduzido. Daí começou tudo. A consciência do perigo que seu isolamento podia representar decidiu-o. Perguntou-se a princípio se seria capaz de viver entre outros camaradas. Era uma experiência nova para ele. Descobriu o encanto de poder comunicar-se com os outros. Diz-se e escreve-se tanta coisa sobre a mocidade, como se esta fosse uma porção favorecida da humanidade, com seus privilégios e problemas particulares. Estranhava que houvesse jovens capazes de apregoar esses disparates. Quanto aos velhos, era preciso que o remorso lhes pesasse bem forte na consciência para que consentissem em ser o eco desses pândegos. Um átomo de amor-próprio bastaria para fazer rejeitar o papel de capacho. Em todo caso, cabia-lhe o direito de supor que os membros de sua geração enfrentassem os mesmos problemas que ele; esperava, contudo, que pudessem oferecer-lhe um conselho para escapar ao grande cataclismo. Ora, sucedia precisamente o oposto. Os fatos que se seguiram demonstraram que eles precisavam tanto de sua ajuda quanto ele das deles. Era mais amadurecido do que sua idade o deixaria supor; tinha meios de impor respeito, não apenas a outros mais jovens ou da mesma idade que ele, como também aos mais velhos. Isso prendia-se, talvez, ao fato de nunca se entregar totalmente, de ser tão frio e ter o raciocínio tão ligeiro. Criaturas assim são preciosas. Pertencia à classe desses homens a quem os destinos se revelam como aos adivinhos as correntes subterrâneas de água. Era uma questão de dom natural e não de mérito pessoal. Sem fazer um movimento, em pouco estava envolvido no labirinto dos acontecimentos, mais multiforme e mais revelador do que jamais o poderia imaginar. Quase sempre, começavam por pedir-lhe o seu testemunho; era um papel de importância capital, tão poucos são os testemunhos íntegros em nossos dias. A experiência realizada no caso Waremme só agora adquiria seu verdadeiro sentido. Era preciso contemporizar com os acontecimentos; pouco a pouco estes se revelavam por si. Não obstante, a isso tampouco se pode denominar uma façanha. O sistema de “não se entregar” tem seu lado bom, mas

aqui era preciso abaixar as cartas na mesa e entregar-se sem reticências. Deve abandonar seus hábitos de camaleão e aceitar a responsabilidade de tudo o que diz e de tudo o que empreende. Já não lhe assiste o direito de economizar em benefício próprio e, qual um tesoureiro ávido, de contar duas vezes a receita de cada dia, conjecturando com inquietação se o negócio prospera ou não. Acabadas as restrições, as segundas intenções, a busca de interesses pessoais. É preciso que todos renunciem a isso. É preciso que aprenda a ser leal, e à própria custa o aprende. Para qualquer lado que se volte, a miséria. Miséria do corpo, miséria do espírito, miséria material. Envergonha-se de estar ao abrigo das necessidades materiais. Como está sempre pronto a ajudar os que precisam e que dispõem de recursos limitados, encontra-se frequentemente em situação embaraçosa e experimenta ganhar a vida. Surpreende-se ao verificar o quanto isso é difícil. Tudo está ocupado; para obter o lugar mais humilde, é uma luta de vida e morte. Soluciona provisoriamente o problema fazendo-se secretário, repórter, ou dando aulas particulares. É acusado de roubar o pão de outros mais necessitados que ele. Por outro lado, esse trabalho estúpido rouba-lhe um tempo precioso. Ao mesmo tempo que se entrega a essa concorrência desenfreada sente-se tomado de medo, de inquietação; o objetivo em jogo parece-lhe demasiado mesquinho. De que objetivo se trata, aliás? Da vida, por certo. E, em seus momentos de heresia, está próximo de aceitar que nem todas merecem o sacrifício. É o antigo orgulho que ressuscita. Esse mau momento não tarda a passar. Pode considerar-se feliz enquanto não perde a coragem. Está sempre comprometido de vários lados; suas relações se estendem graças aos bons serviços que presta. Há muito que estes não se limitam mais a uma cidade exclusivamente. Qual um conspirador sob a ameaça de uma ordem de prisão, muda de domicílio cada semana; passa uma noite sobre o banco de madeira de um vagão; toma sua motocicleta e devora distâncias a uma velocidade desenfreada de Hanover a Magdeburgo por exemplo, ou ainda empreende uma excursão aérea com um piloto amigo. Vozes diferentes reclamam-no de todos os lados, e palavras de conforto não bastam: a presença é muitas vezes uma questão de vida ou de morte para quem chama. Estar presente, chegar no momento oportuno, eis o

que importa. Então, tudo se simplifica, derrete-se o gelo, a crítica transforma-se em simpatia, a criatura humana torna-se extraordinariamente dócil e flexível. Uma coisa emociona-o até o mais íntimo de si mesmo: é esse levantamento em massa das almas cujo impulso fogueiro adivinha, como se se tivessem posto a caminho de uma peregrinação em busca de um astro desconhecido. Sente que elas o arrastam consigo, e não pode defender-se. Se ao menos pudesse deixar-se levar de roldão! Mas, exigem que seja ele a indicar o caminho, como se fora um marco sinalizador. Ora, esse caminho, ele o desconhece totalmente. Pensa: “Que querem de mim? Não tenho a menor noção do que pretendem, eu mesmo não passo de um pobre diabo”. Entretanto, não o largam; depositaram nele suas esperanças. Por quê? É inexplicável; sua pessoa nada tem de extraordinário. Que esperam dele, pois? Nunca se viu coisa assim. Quando se quer a todo custo eleger um bispo, deve-se escolher ao menos alguém que saiba rezar a missa. Reúne-se ora a um grupo, ora a outro. Fato curioso: jamais pediram que esclarecesse suas opiniões, quando raros são aqueles que escapam a essa exigência. No seu caso, todos o omitem porque cada um imagina que não pertence ao seu clã. Será ele de fato um camaleão? Um barco que navega conforme o vento? É bem possível que não preste senão para isso. Basta-lhe ter encontrado em todos eles a mesma vontade de ferro, a mesma deliberação de destruir a qualquer preço as máscaras e os princípios obsoletos de um mundo atolado como um carro num lodaçal. Pretendem limpar o terreno, pôr ordem em tudo, modificar e renovar. Entretanto, armado apenas de uma blusa de couro e de uma gaita, ninguém pode pretender criar uma humanidade nova e, muito menos, com belos discursos políticos. Se não romper com a política, ela o esmagará. O mestre terá ouvido falar no congresso de Friburgo? Era uma espécie de congresso universal da juventude; embora a ideia de um congresso soe um pouco ridícula, esse foi não obstante algo de grandioso. Nomes dos mais credenciados ali se reuniram para deliberar e tirar conclusões. E, apesar de tudo, percebeu que a solução não estava ainda ali, naquela eterna coqueteria ora com a direita ora com a esquerda, nas infindáveis disputas e na confusão babilônica. Não tardou a pôr-se em marcha o fanatismo, como um tanque de ferro, tudo esmagando à sua

passagem, espírito e inteligência. Quiseram atraí-lo a um grupo radical, mas ele fugiu, seguindo seu rumo próprio, como fazia no passado. Assim é que cada vez mais se comprometeu, encarregando-se de assuntos de toda espécie. Tinha nessa época uma vasta correspondência; escrevia cartas às centenas, seu quarto era um verdadeiro escritório. Levantava-se frequentemente em plena noite, perseguido pela noção de que, enquanto ele repousava tranquilamente, alguém ansiava por notícias, como um faminto por um pedaço de pão. E que cartas recebia! É preciso que o mestre veja algumas delas; cartas de camaradas, de jovens operárias, de asiladas, de caixeiras de loja, de criadas. É inacreditável o que pode escrever essa gente; uma mãe, um mestre, um padre dificilmente receberão confissões semelhantes. Agora que conheceu o mestre e teve com ele certa convivência, pode calcular o que com ele se passa em larga escala, baseado na própria experiência. O desespero é facultado a todos; difícil é não desesperar em face de tanta miséria. É uma felicidade que tenha esse coração de Andergast, um coração frio, como o do herói de Hauff. Põe-se a rir e, enquanto ri, torna-se extraordinariamente pálido.

Kerkhoven não atentou para esse riso, nem para essa frieza de coração. Percebia a agitação do rapaz e fingiu ignorar essas tentativas feitas para simular impassibilidade. Disse tranquilamente: — Gostaria de poder afirmar que você exagera, mas não posso. Contudo, sei que a natureza humana, em todas as circunstâncias, mesmo nas situações absolutamente desesperadas, é capaz de criar satisfações compensadoras. Os retrospectos são sempre tendenciosos, inclinados como são em sua maioria para a negação. Existe um tolo orgulho específico da síntese.

— Percebo onde quer chegar — disse Etzel com hesitação. — Creio ser essa sua opinião... a meu respeito.

— Nossa opinião é seguramente idêntica — respondeu Kerkhoven com afabilidade. — Sua alusão foi muito clara, quando se referiu aos cordeiros e às ovelhas negras. É claro que não se refugiou no ascetismo. E realmente não esperava isso de si.

— É como se me dissesse: “Que o diabo te carregue, menino ingênuo!”.

— Em absoluto, não faço senão constatar a ação do tempo sobre um temperamento moral particular. A soma das tendências espontâneas e a mentalidade da época são mais fortes que o natural, eis a verdade.

— Eis aí um postulado correto — observou Etzel em tom admirativo.

— Seria preciso riscar do dicionário a palavra “amor”, hoje transformada numa fórmula vazia de sentido.

Kerkhoven sorriu.

— Audaciosa afirmação! Bela maneira, sem dúvida, de dispersar aos quatro ventos os escombros de um século. Realmente, é possível que muita coisa se haja modificado nesse intervalo. O amor é um molde que varia de acordo com as épocas. Enquanto perde conteúdo, lucra por outro lado em relação a outros conceitos de vida.

— É preciso sempre saber exatamente com quem se lida — disse Etzel.

— Quando alguém nos fala em paixão, cumpre desconfiar dele e de nós mesmos. Quase toda paixão é uma loucura à qual nos deixamos arrastar em parte por gosto. O pior de tudo é ceder à languidez que precede a tempestade; em seguida, é ser covarde e resvalar para o sentimentalismo; em terceiro lugar, vem a decepção de se ver a servir vinho espumante quando já antegozávamos o *champagne*. É sim ou não. Tergiversar é odioso. Uma vez definida a tendência do gosto pessoal, a escolha da companheira não faz grande diferença, a meu ver. Por que razão introduziu-se a mentira no amor? É que estamos saturados de literatura, da boa e da má, e pretendemos enfeitar a natureza com o romanesco, coisa de que em absoluto não precisa, pelo menos entre as pessoas sadias e normais.

— Está certo, é a sua maneira de encarar os fatos — respondeu Kerkhoven, com a mesma tranquila afabilidade. — É uma maneira sensata e franca de encarar as coisas. Um ponto de vista novo, inegavelmente. Os que pensam de outro modo estão bem atrapalhados. É como se se enforcassem no laço armado pelos próprios sonhos. Um Deus está morto — é pelo menos o que se proclama — e do céu se faz uma caserna.

Etzel ergueu para ele um olhar surpreso. Ali estava mais uma daquelas palavras *à la* Kerkhoven: bastava ouvi-la para que em torno tudo se esclarecesse. Cedendo a um movimento de revolta, disse que, naqueles assuntos, sabia estar perfeitamente de acordo com seus amigos e amigas. Era uma combinação tácita pela qual o indivíduo vê reduzida sua parte, é inegável, mas por outro lado, limitando-se assim, chega mais fácil e mais logicamente ao gozo de seus direitos naturais; pelo indispensável é que nos devemos guiar. Não se trata de uma vitória de grande envergadura conquistada sobre a sociedade. Não, esta, em absoluto, não se esforçou por defender seus privilégios. Com efeito, não se trata de um regime antiquado e estúpido, de um cadáver pintado? O olhar de Kerkhoven faz-se mais autoritário e mais perscrutador. Em realidade, parece aprovar tudo o que diz o rapaz e com ele concordar sinceramente. Ao mesmo tempo, porém, conserva uma misteriosa atitude de defesa, como se fora presa de uma lembrança dolorosa, fato que a Etzel não escapa e não deixa de inquietar.

— Tudo isso está muito bem — diz Kerkhoven —, mas se Etzel quiser examinar-se com lealdade, será forçado a admitir que o simples fato de racionar os sentimentos não basta. Não lhe acontece às vezes pensar que expulsou de sua porta os demônios com os quais é penoso coabitar, sem dúvida, mas cujo assalto ao coração humano é o único meio capaz de vivificá-lo? Baixando os olhos, Etzel replica que não o percebeu. Kerkhoven surpreende-se ou finge-se surpreendido.

— A vontade utilitária, erigida em autoridade, passa como um vento glacial que vasculha a vida e deixa-a semelhante a um campo ceifado

rente — observa.

Etzel põe-se de pé e passeia pelo quarto, as mãos nos bolsos das calças.

Kerkhoven prossegue: — O organismo jovem secreta uma certa dose de carinho e cria, em compensação, uma necessidade imperiosa desse mesmo carinho, à qual é vão tentar resistir; a origem está no suprassensível. — E, como que para desculpar-se, alega que este é um problema do qual é preciso ocupar-se constantemente, quando mais não seja por se achar estreitamente ligado a outro, de importância quase idêntica.

— Ah, sim? Qual? — indaga Etzel, curioso. Aproxima-se da mesa e toma distraidamente o relógio de Kerkhoven que ficara ali.

— Descobri — continua Kerkhoven — que essa ânsia elementar de carinho, quando a fazemos desviar de seu caminho natural, transforma-se em homossexualidade. E as uniões daí resultantes realizam-se sob o signo de um Eros, seja sublimado à força de sutileza espiritual, seja socialmente criminoso. Há na natureza humana um elemento que contra isso se insurge; trata-se do que poderíamos chamar de uma consciência biológica.

Uma chama acendeu-se no olhar de Etzel.

— Uma consciência biológica... é assombroso — murmurou —, assombroso.

— Observei isto num só caso, um caso único em seu gênero, é verdade — prosseguiu Kerkhoven. — O homem em questão... Devolhe quase tudo o que sou... Seria preciso um dom especial para descrevê-lo... Em suma, um caso de trágica esterilidade, eu deveria dizer de santa esterilidade, que o conduziu a bem dizer a uma morte expiatória, a uma morte de mártir. E eu, como simples testemunha que era e, apenas, um daqueles que o cercavam de simpatia, sentia-me às vezes assaltado por uma angústia fatídica, como se o estivesse traindo.

O que o homem pode fazer de mais nefasto é renegar os fundamentos instintivos de sua natureza. Esta palavra não é minha, formulou-a um grande sábio. Esta fatalidade não ataca apenas ao ator, senão também à testemunha. Seja conduzindo, seja deixando-se levar, acaso poderemos sempre dizer com segurança onde conduzimos e quem nos guia? Etzel tornou a sentar-se lentamente. Conservara na mão o relógio de Kerkhoven e maquinalmente dava voltas à corda. Kerkhoven pensou: “Vai quebrar-me a mola”. Os dedos afilados de Etzel agitavam-se, inconscientemente atormentados. Seus lábios estavam contraídos. O que o mestre acabava de dizer sobre essa angústia fatídica e sobre a fatalidade que pesa sobre as testemunhas atingira-o rudemente. Havia um fundo de verdade naquela observação. Os olhos querem ter visto tudo, os sentidos conhecido tudo. O companheiro é como um deus feito à nossa imagem; em seu sangue, é o nosso próprio sabor que sentimos. Entretanto, seja entre os grandes ou entre os pequenos, são raros aqueles que o destino aprisiona dentro de seu próprio sexo; o rebanho atém-se a uma ordem prefixada, faz da anomalia a regra, e da necessidade uma oportunidade e um prazer. O que Kerkhoven dissera a respeito da traição era igualmente verdadeiro. Recorda ter experimentado com frequência a sensação de cometer uma perfídia para com um ser desconhecido que, das profundezas do passado, encaminha-se ao seu encontro. Procura afastar esse sentimento. São ideias que passam com a rapidez com que chegam, uma superstição de origem imemorial.

Há, entretanto, um ponto sobre o qual o mestre se engana totalmente: conduzir a outrem, eis o que jamais desejou. Como poderia cogitar de fazê-lo, ele, Etzel, que tem tanta necessidade de ser conduzido, ele que se sente perdido, exatamente quando não tem ninguém a orientá-lo? Pensar que, às vezes, lhe acontece sonhar que tem a seu lado um guarda ou um guia imaginário, um guia de uma superioridade incontestável, de uma sabedoria incomparável. Porque está convicto de que, sem esse guia, não lhe resta senão estender-se a fio comprido no solo e deixar esvaziarem-se as suas veias na terra, como um símbolo apenas, um sacrifício! Como a tantos outros, devora-o a nostalgia do chefe. Acontece nessas ocasiões que, por pura impaciência, nos

entregamos a alguém que sabe pouco mais do que nós onde está a salvação, simplesmente porque esse alguém por um momento nos pareceu capaz de fazer-nos avançar um passo. Não fora assim, e ter-se-ia confiado a Jürgen Lorriner? Um ligeiro estalo.

— Pronto! Quebrou-me o relógio! — exclamou Kerkhoven com uma indignação simulada.

Retomou-o das mãos de Etzel e bateu-lhe de brincadeira sobre os dedos. O mais curioso é que não experimentava qualquer irritação e sim, antes, contentamento, sem que ele mesmo pudesse explicar a razão.

Mais tarde, já não se lembrava qual dos dois pronunciara em primeiro lugar o nome de Jürgen Lorriner. Em todo caso, naquela noite o assunto não foi adiante. E isso não apenas devido ao avançado da hora. Apenas pronunciado esse nome, Etzel mergulhou numa meditação silenciosa que Kerkhoven não teria receado interromper, se não fosse reforçada por uma espécie de mutismo físico. Era impossível defini-lo com muita exatidão. Não se tratava certamente de cansaço; aquele homem não conhecia cansaço. Não obstante, seu rosto estava de uma palidez assustadora; o olhar incerto e fixo na porta revelava um estranho nervosismo, como se a qualquer momento aquela porta fosse abrir-se para dar passagem a uma aparição temida. Finalmente, esse estado exasperou-se até assumir as proporções de uma crise febril, com dentes que batiam e punhos convulsivamente cerrados. Via-se que estava furioso, como se tivesse praticado uma inconveniência. Kerkhoven aproximou-se dele e manteve-o quase abraçado. Só então passou o acesso.

Kerkhoven estava quase certo de que um impulso mínimo teria bastado para levar Andergast a falar sobre suas relações com Lorriner e sobre o próprio Lorriner. No ponto a que haviam chegado, era supérfluo provocar esse impulso. Não podia prever que este viria de fora, violentamente, apenas alguns dias mais tarde, e não sem envolvê-

lo também a ele, Kerkhoven. Fato estranho, porém: desta vez, não foi Etzel a chamá-lo. Sua intervenção foi provocada, em tempo, por Marie.

Naquele dia, Etzel comparecia pela primeira vez à mesa de Kerkhoven, para o almoço. Até o último momento, Marie hesitara em tomar parte na refeição, só o fazendo a instâncias do marido. Não vinha passando bem ultimamente. Até então, nunca um começo de gravidez deprimira-a àquele ponto, e via nesse fato um mau prenúncio. Sentia falta dos filhos e, não obstante, tinha razões poderosas a impedirem-na de empreender a viagem ao campo. Por outro lado, fazer vir os meninos só por um dia era assaz complicado, muito embora Kerkhoven lhe recordasse de que não os via há várias semanas. Preocupava-se também por Aleid; e no entanto, a um simples telefonema, a menina teria vindo de Dresden passar o domingo, por exemplo. Faltava-lhe, porém, a coragem necessária para fazer esse gesto. Toda sua energia se desvanecera, já não tinha ânimo para nada. Que acontecera à Marie de outrora? Ela mesma não se reconhecia mais. Que interesse poderia apresentar para aquele jovem Andergast, que, embora não lhe parecendo totalmente insignificante, desconcertava-a em tudo e constantemente chocava suas noções de cortesia, de discrição e de bom-tom? Joseph, invariavelmente, protestava com energia, chegando mesmo a afirmar que se podia perceber claramente que Etzel recebera uma educação esmerada. Boa alma! Precisamente neste ponto não podia falar com autoridade, a despeito dos incontestáveis progressos que fizera. Recordava-se, com um sorriso, das violentas diatribes da finada Senhora Irlen. Não fazia muito observava-lhe ele que, não fora o bom meio de que provinha, Andergast poderia ter-se perdido por completo; que, tratando-se a bem dizer de um menino sem mãe, cedo demais penetrara nas zonas glaciais da existência; que, na idade em que os outros meninos de seu mundo não conhecem mais que carinhos, ele fora obrigado a adaptar-se às circunstâncias e manter-se na defensiva, e a aprender que um menino de sua idade devia firmar-se solidamente nas pernas para não correr o risco de tropeçar na própria sombra. E Marie refletia: “Tudo isso pode ser verdade, mas não constitui motivo para que eu lhe salte

ao pescoço, como as virgens germânicas abraçavam os guerreiros que voltavam à pátria vitoriosos. Não posso suportá-lo, eis tudo”.

Sabia que entre Joseph e Etzel Andergast houvera uma explicação decisiva. Kerkhoven a isso aludira discretamente, segundo sua reserva habitual e, também, por se achar na obrigação de guardar segredo. Ela ouvira com atenção, sem desviar os olhos do olhar sempre esquivo do marido (era sempre assim: raramente olhava as pessoas de frente). Instintivamente, sentia que se tratava de coisas que exigiam de Kerkhoven a mais intensa simpatia, mesmo sem levar em conta a pessoa em questão. Ora, o que a inquietava, precisamente, era que essa simpatia se referia exclusivamente ao próprio indivíduo em causa. A fisionomia de Kerkhoven deixava transparecer claramente que estava sob o império de uma impressão dominadora. Agia como um homem incuravelmente obcecado por uma imagem ou por um fato, e que, sob esse fascínio, não pode desprender os olhos de um ponto determinado. Não se lembrava de ter observado nele esse fenômeno senão uma única vez, na época de sua amizade com Irlen e da enfermidade que prostrara mortalmente a este último. Entretanto, aquele jovem de vinte e um anos, por mais extraordinário que pudesse ser seu destino, por mais problemático seu caráter, por mais sedutora sua personalidade (com relutância concordava em encontrar nele algo de atraente), como se poderia compará-lo a Irlen? Naquela época, o médico despontava em Kerkhoven; a amizade e a missão de médico se haviam prestado um mútuo apoio, elevando-se reciprocamente. Mas, aqui... Um Joseph Kerkhoven, um homem sobre quem o mundo inteiro tinha fixos os olhos, não podia fazer-se amigo de outro que estava longe ainda da maturidade. Era incomparável com seu temperamento e sua concepção de amizade. Um esclarecimento, uma orientação, uma ajuda, estava certo que prestasse, muito embora dificilmente visse onde encontraria tempo para tanto, ele que não dispunha do seu para dedicá-lo aos filhos, para não falar na mulher. Tampouco existia no caso qualquer obrigação profissional, pelo menos no sentido mais estrito da palavra. Daí, dizia ele, derivava precisamente a sensação de bem-estar que a presença desse rapaz lhe proporcionava. Não tinha necessidade de doar sua simpatia, sua confiança, a complacência com

que o encarava e nem tampouco de pesar as próprias palavras, quando de todas essas precauções fizera uma segunda natureza no trato com a maioria dos homens. Para isso, Kerkhoven apontava razões claras como o dia.

— Sou o homem que entrou na caverna graças a algum “Abre-te Sésamo” milagroso, mas que já agora não pode mais escapar. Não porque tenha perdido a palavra mágica, e sim porque os outros companheiros de prisão não lhe permitem mais fugir.

Marie sabia disso há muito tempo. E, não obstante, como era triste ouvi-lo de sua boca! Onde ficava ela? Ele na caverna de Ali Babá — e ela? Em que regiões se desenrolava sua vida? Fato estranho: todos os seus temores e angústias secretas, tudo aquilo que, pouco a pouco, como se fora um pressentimento de perigo, lhe vinha perturbando progressivamente a tranquilidade natural, tudo isso incarnava-se na pessoa daquele rapaz e inspirava-lhe um rancor instintivo para com ele. Em seu íntimo, refletiria certamente: é uma loucura, é uma injustiça. Sabemos entretanto que não estava em muito bons termos com a justiça e, quanto a loucuras, podia perfeitamente permitir-se uma, ela que era de hábito tão sensata.

Etzel — prodígio dos prodígios! — chegou com três rosas magníficas que ofereceu à donadacasa com uma profunda reverência. Marie corou ao aceitá-las e esforçou-se por ser o mais amável possível em seus agradecimentos. Com efeito, as pessoas sobre as quais fazemos um juízo desfavorável colocam-nos em extremo embaraço quando nos cumulam de gentilezas. Acresce que Marie era muito sensível às pequenas delicadezas dessa natureza. Ia mais longe ainda, tachando-se a si mesma de corruptível nesse terreno; era bastante oferecer-lhe uma flor, para cair em suas boas graças. Assim é que, desde o princípio, se mostrou em boa disposição de espírito, muito mais do que o esperava Kerkhoven, que com isso experimentou tal satisfação que a cumprimentou por sua boa aparência e pela elegância de seu vestido. Novo prodígio, pensou Marie; que dia será este, em que todos os Saulos se convertem? Etzel estava irrepreensivelmente trajado: terno

impecável, sapatos lustrados. Parecia muito mais à vontade que por ocasião do primeiro encontro, embora deixasse transparecer o mesmo temor respeitoso. Desta vez, ela não se mostrou tão fria. Pelo contrário, as atenções delicadas que ele lhe manifestava em tudo quanto fazia e dizia, como se não devesse esquecer por um instante essa presença que impunha o respeito, até certo ponto lhe agradavam; esforçava-se por ser amável. Por seu lado, Joseph lhe parecia mais próximo, por já não julgar tão incompreensível sua simpatia particular por aquele rapaz. Ao mesmo tempo, porém, não podia evitar de rir-se um pouco dele. Gostava tanto de rir! Quando o fazia, sua pele tornava-se rosada e literalmente transparente. Facilmente lhe dariam então vinte anos. Andergast tinha uma maneira divertida de arregalar os olhos quando se inflamava e, às vezes, acompanhava esse gesto levantando no ar a mão espalmada, com os dedos muito abertos. Quando ela ou Kerkhoven diziam algo que lhe despertava o interesse, tirava rapidamente do bolso o estojo dos óculos e, colocando-os, fixava com uma curiosidade cômica a boca daquele que falava, para em seguida voltar a encerrá-los cuidadosamente no estojo com um “hum” de satisfação, de surpresa ou de dúvida. Falou, entre outras coisas, sobre os círculos universitários e sobre os conselheiros privados cuja companhia frequentara, os quais conservavam ainda o culto de uma educação superior e mantinham vivo um certo ideal. Em Berlim, renunciara a esse gênero de relações. Porém, fora da cidade, para ser agradável a este ou àquele amigo, e também para completar sua visão do mundo, cultivara algumas relações desse gênero. Com efeito, não é preciso devassar um pouco o que se passa no Olimpo? Havia, por exemplo, a Senhora H..., viúva de um historiador da literatura, que recebia às quartas-feiras, e a Senhora E..., viúva de um filósofo, que também tinha o seu “dia”, às sextas-feiras. Vigiam-se mutuamente, cada uma contando e anotando as pessoas que procuravam a outra. Uma ou outra vez também a Senhora H... comparecia à recepção da Sra. E..., ou inversamente; a visita era tão cerimoniosa como se fosse a viúva de Numa Pompílio que aparecesse para tomar chá com a viúva de Marco Antônio. Cada uma delas tinha o seu ídolo particular, espécie de gênio mais ou menos frustrado, em cuja presença os demais *habitués* não ousavam falar senão em voz baixa. E, quando um deles se

lembrava de ler um trecho em voz alta, era uma cerimônia sagrada, que não podia realizar-se senão à luz mortíça dos candelabros. De uma vez, compareceu a uma dessas reuniões uma bailarina célebre, que nada tinha de etérea, antes pelo contrário era um tipo maciço. Pôs-se a ler um interminável estudo sobre a religião e o ritmo. É penoso verificar que os gansos agora já não se contentam de grasnar, mas que também arrancam as próprias penas para com elas escrever.

Estavam tomando café quando Kerkhoven foi chamado com urgência ao telefone. Apenas saíra da sala, a expressão de Etzel transformou-se por completo no espaço de um segundo. Desprendendo o olhar da porta que se fechara sobre Kerkhoven, fixou-o sobre Marie e falou-lhe em voz baixa e rapidamente: — Tenho um grande favor a pedir-lhe, minha senhora. Não esperava ter a oportunidade de formulá-lo. No caso em que eu não procure o mestre amanhã pela manhã — ele mesmo poderá informá-la se o fiz ou não — diga-lhe que lhe escreverei logo que possa. E que então lhe explicarei alguma coisa... E ainda que lhe agradeço por tudo quanto fez por mim. Na verdade, daqui até amanhã, não posso saber... entretanto, minha senhora, por hoje isso me parece suficiente. Não quero dar um falso alarme... — Não compreendo... Receio não ser a pessoa indicada para transmitir essa espécie de mensagens — replicou Marie, desconfiada.

— Não diga isso. Eis o que se dá: — e sua voz assumiu um tom de ódio concentrado — é preciso que termine de uma vez com ele, de qualquer maneira que seja.

— Com quem? Terminar com quem? — Com... Ah, naturalmente, a senhora não está a par... esse nome não lhe significará nada... com Jürgen Lorriner... Levou rapidamente a xícara aos lábios, pois os passos de Kerkhoven já se faziam ouvir, bem próximo.

Ainda cheia de desconfiança, Marie suspeitou tratar-se de algum caso insignificante, indevidamente exagerado. Os moços gostam de dar-se importância. Refletindo melhor, porém, pareceu-lhe inadmissível que esse rapaz reservado, tão orgulhoso, e provavelmente tão cheio de

amor-próprio, a tivesse solicitado com tanta urgência, se tudo não passasse de uma banalidade. Revia sua fisionomia de uma expressão tensa, e o cunho de sinceridade e de veracidade que transparecia em suas palavras. Em suma, a história começava a preocupá-la. Quando às sete horas, Kerkhoven telefonou para preveni-la de que era obrigado a ir, tarde da noite, até Neubabelsberg, não podendo pois precisar a que horas estaria de volta, ela o reteve no aparelho, embora o sentisse visivelmente apressado e, um pouco envergonhada por não guardar o segredo até o dia seguinte, como se comprometera a fazê-lo, transmitiu-lhe o recado de Andergast.

— A que horas foi isso? — perguntou ele depois de um silêncio.

Ela recordou-lhe os poucos minutos em que estivera a sós com Etzel. No momento, não ligara maior importância às suas palavras, mas agora sentia que não tinha mais direito de guardar silêncio.

Kerkhoven encontrava-se então na Santa Casa. Depois de ter desligado o aparelho, ficou por um momento imóvel, o ar preocupado. “Aquela animação excessiva da hora do almoço não me impressionou bem”, refletiu. O endereço de Lorriner estava inscrito em sua agenda, e não teve dificuldade em encontrá-lo: Rua Glasgower, 10. Ficava longe, na Zona Norte, perto da Rua Meuniers. O mais prudente era seguir para lá imediatamente. Ignorava o domicílio atual de Etzel, que lhe comunicara não estar mais residindo com os Lüttgens. A julgar pelas alusões inquietantes feitas por ele a Marie, era provável que se encontrasse em companhia de Lorriner. Quanto a estarem ambos na Rua Glasgower, era o que precisava averiguar. Poucos minutos antes das oito, o automóvel se detinha diante do número 10 da Rua Glasgower. Era um enorme prédio de construção moderna, todo em tijolo, completamente novo, cujo interior reluzia ainda; as escadas, os corredores, faziam pensar num hospital. Como havia uma quantidade de pequenos apartamentos, não era muito fácil orientar-se. Enfim, no quinto andar, no fundo de um corredor longo como uma pista de corrida e parcimoniosamente iluminado, encontrou a porta que buscava. Enquanto procurava a campainha, chegaram-lhe aos ouvidos

gritos abafados, estranhos, todos no mesmo diapasão e lançados a pequenos intervalos regulares. Dificilmente se poderia distinguir se saíam daquele aposento ou do vizinho. Mal apoiara o dedo sobre o botão da campainha, quando a porta se abriu violentamente e uma mulher, visivelmente assustada, quis fugir apressadamente. Chamou-a, e ela recuou como sob o efeito de um choque elétrico. A peça de onde surgira lembrava ao mesmo tempo uma cozinha e um depósito: era um compartimento estreito, repleto de caixotes, de livros, de roupas penduradas em pregos pelas paredes. Sobre um fogão via-se pelo menos trinta garrafas vazias. Atrás dessa peça, ficava provavelmente o quarto de dormir, e já agora Kerkhoven não podia duvidar de que os gritos proviessem daquele local. Naturalmente chegavam-lhe agora mais distintamente, alguns mais prolongados, mais agudos, mais selvagens, mas, em seu conjunto, eram de uma lúgubre monotonia. “Hum”, murmurou Kerkhoven consigo mesmo. Julgou perceber o significado daquilo tudo. Como a cozinha-depósito estivesse iluminada, pôde distinguir o rosto da pessoa com a qual por pouco não esbarrara. Era Emma Sperling, também conhecida por Pierrot. Também ela pareceu reconhecê-lo. Fixou-o com um ar desconcertado, os olhos espavoridos. Fato estranho: nas comissuras dos lábios, o sorriso astucioso de Gioconda não se desvanecera.

— Venha — sussurrou ela, emocionada. — É uma sorte que tenha chegado, venha.

— Andergast está aí? — perguntou ele.

Ela assentiu com um gesto de cabeça. Então, ele entrou.

CAPÍTULO XII

Eis o quadro que defrontou: um homem, nu como um verme, corria pelo aposento, sem fazer mais ruído que um fantasma. Era bastante alto, extremamente magro — na verdade, não tinha mais que a pele sobre os ossos. Sua fisionomia estava a tal ponto contraída que não permitia que se lhe distinguíssem os traços; ademais, os lábios

apareciam cercados por um tênue fio de espuma branca. Tinha a mão esquerda convulsivamente crispada sobre o peito, e com o braço direito alçado brandia um atizador. Os gritos que lançava morriam de cada vez em um murmúrio inarticulado de demente, semelhante ao balbuciar sem nexos daqueles que falam em sonho. O quarto parecia ter sido palco de um saque: o armário, a mesa e as cadeiras virados, o espelho quebrado, quadros e cortinas aos pedaços, roupas, calçados, cigarros e moedas espalhados pelo solo. A cama desmontável fora afastada para junto da parede; e atrás dela, no canto, Andergast estava de pé, perfeitamente imóvel, os braços cruzados sobre o peito.

A serenidade de sua atitude e de sua fisionomia contrastava singularmente com o frenesi do homem nu; dificilmente se perceberia, à primeira vista, que procurara ali um refúgio, servindo-se do leito como barricada, a tal ponto dava a impressão de um espectador interessado e mudo. Impressão, é evidente, totalmente enganosa; a verdade é que, reconhecendo a inutilidade de gritar por socorro ou de empenhar-se em luta com aquele possesso, escolhera a solução mais sensata, que era a de fazer o menor ruído possível, preparando-se ao mesmo tempo para o pior.

Ao avistar Kerkhoven, seus olhos se iluminaram; à parte isso, nenhuma outra alteração se processou em sua atitude. Possivelmente, os seguintes pensamentos cruzavam-lhe o espírito: “Ei-lo que surge, por mais um desses atos de bruxaria que lhe são peculiares; estou curioso por saber como sairá desta embrulhada”. Emma Sperling entrara atrás de Kerkhoven e fitava ora a este, ora a Lorriner em sua nudez, ora a Andergast. De seu rosto desaparecera todo e qualquer sinal de angústia; em seu lugar, pintava-se agora o sorriso satisfeito e emocionado do espectador de uma luta de boxe.

Não houve, por parte de Kerkhoven, imposição física propriamente dita. Tampouco lançou mão de injeções calmantes ou de outros recursos análogos. Não foi preciso ir tão longe. Como conseguiu acalmar aquele energúmeno, é dificilmente explicável. Não se pode falar em hipnotismo direto, pois faltava-lhe a possibilidade de entrar

em contato com ele: a base de operações, por assim dizer. Impossível fazê-lo aquietar-se. Deste modo, será preciso admitir uma outra forma de sugestionamento da vontade, uma extrema concentração dessa força, resultante a um tempo da disciplina, da experiência, da ciência, do instinto, o que não nos deixa entrever, é certo, se exercia conscientemente essa faculdade extraordinária ou se ela se desenvolvia apenas no momento de aplicar-se e, então, o impulsionava. Etzel, que seguia o processo com uma curiosidade ardente, teve a impressão de que a última hipótese era a verdadeira e que Kerkhoven ele próprio não passava do instrumento de uma força interior que o dominava.

Mais tarde, nunca lhe foi possível esclarecer a questão. Repugnava-lhe falar sobre coisas que escapavam à sua faculdade de compreensão. Faziam-no experimentar o mesmo constrangimento que se visse alguém segurar num ferro em brasa sem queimar as mãos.

Por um momento, a situação pareceu agravar-se, quando Lorriner, encarando o recém-chegado, voltou-se para ele com furor redobrado e avançou em sua direção para golpeá-lo na cabeça com o atizador. Kerkhoven detivera-se junto à porta, e tendo observado a localização do comutador elétrico, apagou a luz. Assim que a obscuridade se fez, os gritos lancinantes cessaram como por encanto e um silêncio de morte caiu bruscamente. Aparentemente, o louco furioso não ousava mover-se de seu lugar. Então, do fundo do silêncio e da escuridão, a voz sonora de Kerkhoven ergueu-se, pausada, severa, perfeitamente distinta, quase ritmada: “Lorriner... Lorriner... pode ouvir-me, não?... Vou tornar a acender a luz... Vai vestir-se e sair comigo... Compreende o que lhe digo, Lorriner? Deixe esse atizador. Ordeno-lhe que deixe o atizador. Um homem como você sabe o que significa uma ordem...”. O que importava não era tanto o sentido das palavras, senão a entonação e o ritmo das mesmas, a maneira insinuante e penetrante de pronunciá-las, de uma energia surpreendente. Quatro minutos depois, voltava a fazer-se luz no aposento. Lorriner ali estava, abatido, o olhar fixo, os braços pendentes como trapos. Kerkhoven aproximou-se e suavemente tirou-lhe das mãos o atizador, sem encontrar resistência. Em seguida, levantou do chão a mesa e as cadeiras,

recolheu a roupa de Lorriner que se espalhava pelo chão — camisa, calça, paletó, meias, colarinhos — depositou-a primeiramente sobre o leito, para depois estender-lhe peça por peça. Ajudou-o a vestir a camisa, após o que fê-lo sentar-se numa cadeira, ajoelhou-se e, com a habilidade de um enfermeiro experiente, ajudou-o a calçar as meias, os sapatos, as calças. Amarrou-lhe então os sapatos, abotoou-lhe o cinto e o colarinho. Enquanto procedia a essas diferentes operações, falava sem cessar, e numa linguagem muito simples, como um homem do povo, com ditos alegres e pequenas máximas de sabedoria popular. Não haveria interesse nem utilidade em registrar essas palavras, pois que aqui mais uma vez o importante estava no tom, no efeito auditivo em suma, e que já frequentes vezes experimentara em face de bruscos acessos de paranoia ou de demência. Contudo, não se tratava em absoluto de um método que se pode ensinar e transmitir; o caráter do paciente e outras circunstâncias guiavam-no conforme o caso. Por outro lado, para alcançar êxito, era preciso que as disposições de momento lhe permitissem o domínio absoluto de suas energias interiores. Às vezes refletia: “Se, a par de tudo isso, eu fosse ainda cantor ou violinista, seria preciso que pudesse, através de uma ária ou de um adágio bem executados, deter com facilidade o paroxismo de um enfermo; isso representaria a elevação, a gradação lógica e porventura o remate do que procuro realizar servindo-me de meios parcos”. Pensamento herético, indiscutivelmente, ou ainda ideia retrógrada, ante a qual os cientistas sérios menearão a cabeça com comiseração, pois eis-nos aqui beirando os exorcismos baratos e a tentativa da guitarra de Justinus Kerner, a que em outra parte aludimos.³⁴ O processo de Kerkhoven não tinha, aliás, o menor parentesco com não importa que considerações teóricas; agia segundo a lei de sua natureza, que em si mesma reunia todas as demais naturezas humanas. Mas, assim procedendo, não desprezava essas riquezas de valor comprovado e que representam o produto das descobertas de seu tempo. O que perturbava mais profundamente a Etzel e lhe inspirava em relação a esse homem uma admiração vizinha da exaltação, era a simplicidade e a humildade de suas maneiras, despidas de afetação, de pretensão doutoral e de tudo que esta acarreta

consigo, a ponto de subjugar imediatamente as pessoas através de uma espécie de magnetismo. Assim, foi com pequena surpresa que viu Lorriner — que até o momento em que Kerkhoven lhe amarrou os sapatos conservava fixo diante de si um olhar entorpecido e idiota — desatar subitamente em soluços que se assemelhavam a uma tosse lancinante. Reação habitual, mas que desta vez vinha romper, de maneira pungente, uma tensão de duração invulgar. Ainda de joelhos, Kerkhoven ergueu os olhos para esquadrihar a fisionomia daquele homem que não teria mais de vinte e oito anos, fisionomia sulcada de rugas, marcada pelas paixões, e onde uma mecha úmida colada sobre a testa completava o quadro de devastação.

— Estamos prontos? — perguntou Kerkhoven, pondo-se de pé. Lorriner levantou-se igualmente com um movimento hesitante e pesado, e Kerkhoven estendeu-lhe o paletó para que enfiasse as mangas. Isso feito, o rapaz engoliu várias vezes em seco e por fim, designando Andergast com um gesto de cabeça, disse com voz entrecortada que em vão procurava firmar: — É preciso que ele venha também... esse cão, esse vagabundo, é preciso que ele também venha, esse miserável comediante... tenho ainda umas contas a ajustar com ele... é preciso que venha.

Kerkhoven assentiu com um movimento de cabeça.

— Por certo que virá conosco — replicou, e lançou um olhar sobre Andergast que se tornara lívido ante o insulto.

Quando se aproximaram os três da porta de saída, Emma Sperling havia desaparecido. Etzel apagou a luz e fechou o apartamento. Ele e Kerkhoven tomaram Lorriner pelos braços e o carregaram para fora.

Aqui se deve encaixar a história de Lorriner. É indispensável conhecer como e em que circunstâncias o destino de Etzel encontrou-se estreitamente ligado ao seu. Desde logo, entretanto, renuncio a traçar ponto por ponto o relato desse desenvolvimento, tanto no que concerne à pessoa de Lorriner quanto no que diz respeito às relações

entre ambos. De outra maneira, ver-me-ia forçado a refugiar-me num terreno moral e espiritual abstrato, privado de todo e qualquer elemento tangível, e a contentar-me com os resultados incertos, com os dados exíguos de uma análise psicológica. O desenvolvimento... que significa, em suma? Apenas uma forma esvaziada de seu conteúdo. Qualquer esboço representa maior substância. Ali, nada adquire o poder de símbolo: a amplitude fictícia que empresta ao mundo destina-se a substituir-lhe a imagem verdadeira e, em lugar de uma representação viva dotada de volume e significado, o que vemos é um desenrolar aniquilante de fatos no tempo. Não se acredite encontrar aqui a exposição de uma estética, senão meramente a da noção experimental das modificações introduzidas em nossas percepções.

Comecemos pelo pai. Foi o seu temperamento arrebatado e levado a extremos que determinou a orientação do filho na vida. O tipo do burguês radical obcecado pela política. Sua estreia na carreira foi feita soando o alarme contra os judeus que faziam parte da associação de estudantes alemães. Fez-se jornalista a serviço das ideias de Naumann e distinguiu-se como orador no seio desse partido de socialistas nacionais, que abandonou depois de dissolvido para juntar-se aos socialistas extremistas. Publicou então, contra o cristianismo e o imperialismo, um panfleto cujo tom venenoso chocou aos próprios membros de seu partido. A seguir, esse antigo teólogo abandonou a Igreja Protestante e pôs-se a pregar uma religião original, espécie de monismo ortodoxo. Pouco tempo antes da guerra, retomou, qual filho pródigo, o caminho da direita. O feroz inimigo da dinastia transformava-se no arauto entusiasta da ideia patriótica e partidário inflamado do armamentismo. Figurou então entre os mais firmes sustentáculos da associação pangermanista. Depois da catástrofe, transferiu-se primeiramente para o campo comunista, depois para o populista, acabando por reconciliar-se com a Igreja. Percorria todo o país fazendo discursos e conferências e difundindo um pequeno jornal incendiário. Separou-se da família, julgando-se traído pelos amigos e perseguido por todos. Caiu na miséria e morreu numa aldeia de pescadores do Mar Báltico

onde fora pregar o ódio, como o fizera por toda parte. Uma natureza desmedida.

Essa incoerência e essa intemperança que marcaram sua personalidade, herdou-as o filho mais velho. O caráter do pai transparecia nele, à medida que mais se antagonizavam. A mãe não era mais que uma sombra inconsistente. Em criança não conhecera a paz nem o carinho; a noção de pátria era-lhe totalmente estranha. Como única riqueza possuía uma beleza invulgar. Professores e camaradas tudo faziam para agradar-lhe. Aos dezoito anos, lembrava um jovem deus das lendas nórdicas. Era inevitável que os teóricos racistas que se incluíam no número de seus amigos descobrissem nele a prova de sua nova doutrina de salvação. (Diga-se de passagem que sua avó era judia, fato que ocultou deles, ou que eles julgaram oportuno esconder do público). Todavia, com o tempo essa beleza mesma se lhe tornou importuna, para não dizer que passou a enxergar nela uma tara. Compreendeu que o impedia de ser apreciado como o desejaria ser, que transferia o centro de gravidade de sua personalidade. Não podendo chegar a convencer àqueles que o rodeavam das qualidades superiores de que se julgava dotado, retraiu-se, a alma amargurada. A bem dizer, já então pouco restava daquele seu encanto original. Nada é mais capaz de deformar a uma fisionomia humana do que uma vã ambição. A par disso, praticou voluntariamente no rosto um corte profundo cuja cicatriz o desfigurava. Havia nele traços simultâneos de flagelado e de flagelante. Até atingir os vinte e um anos, jamais tocara numa mulher; todo oferecimento nesse sentido — e não faltaram — parecia-lhe uma afronta. E quando, mais tarde, deu-se a reviravolta, suas relações sexuais passaram a ser orientadas por um secreto desejo de vingança. A instabilidade e a versatilidade que revelava em suas relações com o mundo que o rodeava provinham-lhe do pai, que planava sem trégua, qual um mau demônio, sobre a vida do filho. Quando tinha dezessete anos, ocorreu em sua vida um fato que desejo referir porque nada poderia retratar com mais fidelidade a estrutura mental desse fanático e fazer compreender melhor a orientação posterior de seu espírito. Trata-se, sem dúvida, de uma cena do Apocalipse, mas ela representa ao mesmo tempo um detalhe desse

grande painel que é a vida, e não me encontro aqui para pintar o mundo sob cores risonhas.

Frequentava ele a escola pública de uma pequena cidade da Alemanha Central, onde uma parente de sua mãe o acolhera por compaixão, já que ninguém se ocupava dele, e nem tampouco de seus irmãos e irmãs. O mestre-escola — chamá-lo-ei Buchwald, pois talvez existam ainda pessoas que tenham interesse em não vê-lo designar pelo seu verdadeiro nome —, o mestre-escola Buchwald, portanto, produziu, por uma bondade amena, uma impressão inolvidável sobre a alma abandonada do menino. Pela primeira vez em sua curta vida, eis que alguém o tratava sem aspereza, sem impaciência, sem cólera e, longe de comprazer-se em castigá-lo, não tinha para ele senão palavras de doçura. Representou a salvação de sua infância e até em seus anos de mocidade Lorriner devotou-lhe um sentimento de gratidão e mesmo uma secreta adoração. Foi por isso que sua atenção foi duplamente despertada quando em 1917 — cursava então o segundo ano superior e vivia numa cidade universitária das redondezas — chegou-lhe aos ouvidos uma notícia que circulava então em todos os jornais e enchia o país de horror. Buchwald tornara-se réu de numerosos assassinios. Uma noite, sem motivo aparente, matara a mulher e os quatro filhos, após o que abandonara a casa e pusera fogo a uma série de granjas e estábulos vizinhos. De volta à cidade, com os três revólveres de que previamente se munira, atirara contra as janelas iluminadas das casas; e quando os moradores, alarmados pelas sirenes e por esse pérfido bombardeio, se precipitaram para as ruas, pusera-se a fazer fogo contra todos quantos encontrava pela frente, matando doze pessoas e ferindo quinze. Só depois de esgotadas suas munições é que foi possível dominá-lo e dar-lhe destino conveniente. Que se teria passado com aquele homem tão pacato, que todos sabiam incapaz de ver sofrer um animal? Só pouco a pouco é que as investigações e os interrogatórios conseguiram lançar alguma luz sobre o motivo do crime, já que Buchwald negara-se, durante muito tempo, a falar. Entretanto, depois que o tribunal tomou conhecimento de certas cartas escritas por ele a alguns amigos e a seus chefes antes do crime, este pareceu explicado: o desespero acumulado em sua alma

irrompera bruscamente naquele acesso sanguinário. De ano em ano viera crescendo nele a convicção de que a vida é intolerável. Faltaram-lhe forças, ao que parece, para suportar por mais tempo o espetáculo da miséria, da iniquidade, do pecado, da dor. Era preciso que o mundo deixasse de existir. Como não era possível exterminá-lo, tornava-se imperioso destruir a raça humana. E foi o que tentou fazer. Há anos vinha concebendo o plano do seu crime. Suas declarações registradas no processo eram de uma lógica aterrorizante. Muito embora em suas cartas predominasse o tom de pretensiosa jactância daqueles que se erigem em juízes, os médicos atestaram tratar-se de um indivíduo normal e plenamente responsável. “Os homens são excessivamente numerosos”, escrevia por exemplo: “Seria preciso suprimir a metade deles, porque seus corpos são malsãos por natureza. De tudo o que o homem já produziu, o homem é o que há de pior. Estou saturado de desespero; ninguém viveu como eu com o machado e o punhal à cabeceira. Não creio em nenhum Deus, e quero ter o diabo por aliado. Se quiserem martirizar-me antes de minha morte, eu lhes ficarei agradecido. Estou habituado ao martírio, e, como o Salvador, posso recusar a oferta de vossa piedade, pois já estou libertado”. Alguns trechos dessas cartas foram dados à publicidade. Sua linguagem teve uma influência perniciosa sobre o jovem Lorriner, que era ele mesmo um espírito desarvorado, numa época desarvorada, e o número de seus semelhantes era tão incontável quanto as folhas que a tempestade faz revoltar. A isto vieram somar-se as lembranças de infância; era bem ele, aquele mesmo mestre tão suave que o tomava pela mão, quando o via entristecido, e o protegia contra a arrogância e a injustiça dos demais. Assim, esse Buchwald, esse Amok desesperado, oferecia a imagem de um herói que esgotou as derradeiras consequências de seu sofrimento e de todo sofrimento, que traduziu em ato o instinto apenas adormecido nos espíritos mais fracos. É preciso não esquecer que, nos espíritos essencialmente frios dessa época, a noção de herói confundia-se com a de Heróstrato, transformação essa das mais funestas. Até aqui, a despeito de sua enormidade, o fato aparecia como uma ocorrência semelhante a tantas outras. Só mais tarde é que veio à luz o seu lado monstruoso. Este ficou sepultado nos arquivos, e dele só tomaram conhecimento as pessoas que lidaram de perto com o

assunto. Um amigo de Lorriner, mais do que ele, que trabalhava numa clínica de psiquiatria, estava a par dos pormenores recentemente trazidos à luz. E, conhecendo o interesse que Lorriner nutria pelo antigo mestre, permitiu-lhe percorrer o material documentado. Jamais existiu um caso onde a aparência e a realidade formassem um contraste tão flagrante. Dir-se-ia um paradigma da ambiguidade, a ser suspeitada em todo e qualquer acontecimento, um exemplo típico do duplo aspecto que cada caso apresenta e da incerteza daquilo a que se convencionou chamar história, exemplo esse destinado a mostrar que amplitude de informações deve possuir aquele que pretende aprofundar-se no estudo das ações humanas. Para um caráter desorientado em suas próprias raízes, aquilo representava nada menos que um convite para lançar-se, de cabeça baixa, no caos, já que qualquer outra atitude implicava em limitação, e toda limitação em compromisso com a mentira. Por acaso descobriu-se um diário que Buchwald escondera entre duas vigas de um sótão; este livreto forneceu a revelação de seu segredo. Eram confissões de um psicopata, expostas com a crueldade introspectiva que caracteriza os cérebros enfermos. Em seus tempos de jovem professor, violara vacas nos estábulos dos camponeses vizinhos; mesmo depois de se tornar esposo e pai fora incapaz de vencer esse instinto hediondo. A lei chama a isto de vício contra a natureza. Esta, porém, frequentemente se ri de nossas leis, como que pretendendo retribuir-nos o pouco-caso com que encaramos as suas. Era como se lhe houvessem ordenado de envilecer-se, de confundir-se com a própria essência da terra. Segui-lo até o limite de seu pensamento sobre este assunto, era tocar o fel do mundo, era cair na pior das abjeções, aquela que nenhum olhar humano poderia jamais suportar. Muito embora ninguém o tivesse pressentido, ele acreditava que todos tinham conhecimento de seu segredo, que o comentavam por trás de suas costas. Em todas as palavras que lhe dirigiam, julgava vislumbrar desprezo. Aos poucos, foi-se acumulando nele a consciência da própria indignidade, o remorso de haver lançado sobre a mulher e os filhos a nódoa de uma ignomínia que nada seria jamais capaz de lavar. Sentiu que era preciso arrastá-los consigo na morte, depois de se ter vingado daqueles que mais o haviam impelido para a infâmia, em lugar de apiedar-se dele e de libertá-lo do pecado.

De posse dessas declarações inequivocamente traçadas, preto no branco, os juízes compreenderam finalmente com que espécie de indivíduo estavam lidando, pois ali se distinguiam nitidamente os sintomas dessa forma particular de loucura: as alucinações aflitivas, as explosões de sensibilidade, os instintos exasperados até a morbidez, exatamente como o descreviam os compêndios. Isso esclarecia e aliviava ao mesmo tempo. Para Jürgen Lorriner, porém, o caso era diferente. Segundo suas próprias expressões, odiava a toda a humanidade. Naquele pobre louco, apenas sua fantasia de poeta fizera-lhe enxergar um coração humano. A figura radiosa que pairara sobre sua infância não passava agora de um espantalho grotesco. Não há figura radiosa capaz de sustentar o olhar crítico da realidade. Tudo não passa de uma fraude miserável. A única possibilidade que nos resta, é ter descoberto a tempo essa fraude para não arriscar de se deixar enganar por ela mais tarde. O mundo é todo ele baixeza e sordidez. É preciso combatê-lo. Nesse intuito esforçemo-nos por atingir um posto categorizado.

Alguns traços bastarão para assinalar o curso exterior de sua vida. Jamais cogitou de realizar estudos regulares ou de escolher uma profissão. Queria impor-se à própria custa, desempenhar um papel e conquistar o poder, de qualquer maneira e em qualquer lugar que fosse. Queria o poder a todo preço. A época conturbada em que vivia oferecia mil tentações aos espíritos aventureiros. Por toda parte se apresentavam as ocasiões propícias. Aquele que nada mais tinha a expor além da própria vida e que estava disposto a arriscá-la podia facilmente fazer fortuna se dispunha de certa dose de habilidade e, sobretudo, condição indispensável, se estava disposto a fazer pouco-caso da vida dos outros. E Lorriner respondia plenamente a essas condições. Envolveu-se em luta nos países bálticos, tomou parte no “putsch”³⁵ de Kapp, esteve implicado nas conspirações dos separatistas renanos, contribuiu para derrubar o governo soviético de Munique. Fez-se membro de sociedades secretas que aterrorizavam o país através de feitos sanguinários. Inesperadamente, separou-se dos antigos amigos, chegando mesmo a traí-los; fugiu do país e, passando pela América do Norte, pelo Japão, pela Sibéria, chegou até Moscou e,

durante três anos inteiros, não se ouviu mais falar nele. Certo dia, reapareceu na qualidade de emissário russo, passando a desenvolver uma atividade intensa, pronunciando discursos, escrevendo folhetos, fomentando revoltas locais. Dono de imensos capitais de que podia dispor a qualquer momento, vivia como um proletário, dando com isso um exemplo brilhante que lhe conquistava centenas de partidários. O número desses adeptos assumiu proporções enormes, suas palavras inflamavam as massas. Por toda parte onde aparecia, era como se o cercasse um campo de ação magnético, e mesmo os mais indecisos deixava-os atônitos e perturbados. Tinha todas as qualidades essenciais ao demagogo vitorioso: a coragem levada até o extremo limite, essa fria brutalidade que transforma uma fraseologia oca em revelação deslumbrante, a intransigência nas afirmações que rejeita toda e qualquer opinião divergente e um rigor quase inquisitorial para demonstrar que, através da morte e das carnificinas, o mundo renasceria para uma vida nova. E ei-lo que desaparece novamente de circulação. É verdade que, desta vez, não traiu nem aos seus, nem a si mesmo, pelo menos na aparência. Tampouco se afastou do território nacional. Mas, em torno de seu nome, fez-se subitamente um silêncio surpreendente. À meia-voz circula uma história de mulher à qual estaria ligado um roubo de documentos de que ele teria sido vítima, e através do qual o governo fora informado de uma conspiração de grande envergadura. Seus amigos negavam o fato e explicavam seu afastamento alegando uma enfermidade. Com efeito, permaneceu quase sete meses hospitalizado numa grande cidade do interior do país. O mal que exigia um tão longo tratamento era uma debilidade nervosa geral, designação vaga na qual se podem incluir muitas coisas sem que estas figurassem em qualquer anamnese, cada sintoma podendo exercer ao mesmo tempo o papel de causa e de efeito; era a alma a trair o corpo, ou inversamente. No mesmo hospital encontrava-se, por essa época, Sonja Hefter, a amiga de Etzel a que em outro local nos referimos,³⁶ tuberculosa ao último grau. Etzel ia vê-la diariamente. Isto se passava pouco antes de sua instalação definitiva em Berlim, que ele vinha adiando precisamente por saber que Sonja estava nas últimas. No hospital, teve conhecimento da presença de Lorriner.

Como já ouvira referências à sua pessoa e tinha desejos de conhecê-lo, escreveu-lhe algumas linhas, que um jovem interno encarregou-se de transmitir. Duas horas antes, Sonja Hefter entregara a alma a Deus. Assim, uma sombra sinistra pairava sobre esse primeiro encontro. Outra impressão veio acrescentar-se à dessa morte, algo de puramente exterior, ao que tudo indica, mas nem por isso menos difícil de esquecer. O hospital era um estabelecimento dos mais modernos, respondendo em tudo às exigências da ciência atual, dotado dos melhores médicos, dos últimos aperfeiçoamentos técnicos, de um corpo de enfermeiros dos mais competentes. Faltava-lhe, porém, um necrotério. Os leitos dos agonizantes eram empurrados para o corredor e aí ocultos por trás de um biombo. O corredor transformava-se assim num verdadeiro reino do pavor. Quando alguém era informado de que ia “para o corredor”, sabia que sua última hora havia soado. Não se tratava de um corredor isolado. Por ele circulava todo o pessoal do hospital, médicos, enfermeiras, irmãs, estudantes, convalescentes e centenas de visitantes. Aconteceu, por exemplo, que um velho transportado para o corredor sem ter sido para isso preparado saltou da cama, derrubou o biombo e voltou para a enfermaria com passo vacilante, implorando socorro. Outro moribundo, há muitos meses parálítico, recobrou subitamente o uso de seus membros, a tal ponto era intenso o seu pavor da morte; atravessou correndo o corredor e foi esconder-se muito mais longe, numa depressão do muro, de onde o retiraram morto, depois de uma busca de várias horas. Etzel assistira ao vizinho de leito de Sonja suplicar ao médico, torcendo as mãos em desespero: “No corredor não, doutor, no corredor não!”. Mais tarde, de cada vez que recordava essa cena, um arrepio percorria-lhe o corpo; e, no entanto, não se julgava um indivíduo de sensibilidade exagerada. Lorriner, com quem desde o primeiro encontro comentou o fato, levantou os ombros e disse: — Que quer? Está tudo superlotado. Este é o mal, justamente: tudo está superlotado, as profissões, os parlamentos, os restaurantes, os trens, os próprios cemitérios. E apesar disso, as criaturas fazem todo o possível para não morrer. É incompreensível.

Por um momento manteve os olhos fixos num ponto do vácuo, tornou a encolher os ombros, ou mais precisamente o ombro direito apenas, o que emprestava a esse gesto um ar de desprezo ainda mais acentuado, e pôs-se a falar em frases breves e cortantes, numa voz arrastada e sem timbre. Contou que na Rússia fora uma vez procurar um homem a quem tinha uma notícia importante a comunicar. Conhecia o endereço, porém ignorava em que andar e em que quarto habitava. Quando chegou, era de noite. Mais de novecentas pessoas estavam alojadas no edifício. Provisoriamente, ao que se dizia, mas viviam ali. Tinham-se instalado em todos os degraus, em todos os corredores, em todos os cantos disponíveis. Havia gente encolhida nos parapeitos das janelas, dentro de tonéis e de caixotes de carvão, corpo a corpo, ao lado uns dos outros, amontoados uns sobre os outros; mulheres com recém-nascidos ao seio, casais enlaçados, crianças no colo das mães. De espaço a espaço, ardia uma vela de sebo, aqui e ali um fogareiro com uma marmitta em cima. Da adega ao sótão, o ar estava empestado de exalações densas e asfixiantes. Abriu caminho em meio dessa deprimente promiscuidade, passando de quarto em quarto, saltando por sobre troncos, cabeças e coxas, chamando pelo homem a quem buscava e que não pôde encontrar. Não, não fora uma alucinação. Aquele espetáculo, vira-o realmente com seus próprios olhos. Agora, um contraste assaz instrutivo. Para embarcar no navio que devia tomar em um dos portos do Pacífico, tivera de percorrer a cavalo com um grupo de amigos uma parte do território da Califórnia. Chegaram assim a uma cidade chamada Baddie. Há setenta anos atrás, contara com cem mil habitantes. Agora, porém, depois que os terrenos auríferos há muito haviam deixado de produzir, estava completamente abandonada e deserta. Era o cadáver de uma cidade, não uma ruína, é certo, mas um cadáver bem conservado que a extraordinária secura da atmosfera pudera manter dentro de aparências fictícias de vida. Largas avenidas asfaltadas, praças belas e amplas, numerosos hotéis, teatros, bancos, igrejas, palácios, moradias luxuosas, ao lado de habitações humildes: e tudo isso vazio. Nem uma alma em parte alguma. As portas das casas, das lojas, achavam-se abertas em sua maioria e serviam de refúgio às serpentes, aos pumas, aos lagartos, aos gatos, aos ratos e aos camundongos. Incrível. Os delírios dos alienados não são

mais que uma pálida cópia do que todos os dias temos debaixo de nossos olhos... Etzel fixava a cicatriz do rosto do rapaz e via em seus frios olhos azuis a expressão a um tempo ameaçadora e desconfiada daquele que mede cuidadosamente o terreno em que pisa. E quando Lorriner, voltando a dirigir-lhe a palavra, pôs-se sem transição a tuteá-lo, não experimentou a menor surpresa.

Foi sobretudo graças a Etzel que Lorriner pôde abandonar o hospital uma semana mais tarde. Assim como existem as transfusões de sangue, transferência de um excedente de saúde para um organismo debilitado, pode haver igualmente um influxo de animação, de entusiasmo, de vigor renovado para um corpo cujos nervos se acham esgotados. Foi suficiente que Etzel chegasse, que se pusesse a falar, que se mostrasse tal como na realidade era, para que o outro readquirisse a consciência de si mesmo. “Eis aqui”, refletia, “alguém que precisa de mim, sinal de que valho ainda alguma coisa; eis aqui alguém — e não de todo insignificante, ao que me parece — que espera qualquer coisa de mim e se mostra disposto a servir-me; por detrás dele estão os seus companheiros, homens novos, de classes novas, formando uma matéria ainda intacta. Isso significa que não joguei ainda todos os meus trunfos e posso recomeçar tudo outra vez”. Por essa época, Etzel chegara a um ponto de onde já não distinguia o caminho a seguir. Perdera o rumo, estava desorientado. Sua confiança em si mesmo ameaçava abandoná-lo. Já não tinha meios para avançar, girava sempre dentro de um mesmo círculo. Sabia exatamente o que lhe faltava: uma criatura em quem pudesse depositar confiança, a quem pudesse submeter-se, em direção à qual pudesse levantar os olhos, alguém que o aliviasse do fardo que um orgulho prematuro o fizera tomar às costas. O homem necessita de uma certa dose de experiência, que o instinto não logra substituir. Com a fórmula “fazer como se”, cai-se facilmente no gênero “cavaleiro de indústria”. Num caso como o seu, porém, é fácil encontrar aquele a quem se procura, porque na realidade não há escolha e o primeiro a chegar é bem-vindo. Detalhe curioso: esse que se encontra por acaso acredita por seu lado ser aquele a quem buscávamos, e emprega todo seu esforço e o melhor de suas energias em corresponder à imagem ideal e em enquadrar-se

numa moldura em geral demasiado grande para ele. Aplica-se em estirar-se ao máximo, e não raras vezes acontece-lhe realmente sobrepujar-se a si mesmo, até que um dia desmorona, esgotado pela tensão de todo o seu ser. A confiança dos discípulos em seu mestre é uma tirania todo-poderosa. As qualidades que desde sempre haviam destinado Lorriner ao papel de mentor voltaram a agir com a mesma energia inicial: vontade de ferro, inflexibilidade, rapidez e firmeza de decisão, e um olhar que não se enganava sobre o partido a retirar eventualmente dos indivíduos. Etzel conduziu-o em triunfo aos novos amigos a cujo círculo acabava de aderir, acossado como vinha sendo por uma espécie de pânico moral. Esses jovens não pertenciam nem à direita nem à esquerda; tampouco se podia classificá-los de moderados. Faziam parte de uma organização internacional, de uma chamada liga universal que contava com numerosos partidários em todos os países, embora sem grande influência política. No grupo de Etzel, haviam predominado até então as tendências conservadoras; fizera-se mesmo causa comum com núcleos assaz inclinados para a direita que nutriam ideias patrióticas, entregavam-se a atividades culturais e civilizadoras e ocupavam-se seriamente com os problemas agrários e camponeses e com a economia social. Desde logo, Lorriner manifestou o desejo de que as tendências do grupo ficassem bem definidas e sua orientação clara. A voz vibrante de exaltação, exigia, insistindo sobre a grandeza histórica da hora presente, que se acolhessem igualmente as formações comunistas. Sua eloquência readquirira o antigo poderio. Durante uma viagem a Berlim que realizou em companhia de Etzel, expusera a este os planos que tinha em mente. Estavam sós num compartimento de terceira classe; era já noite. Etzel ouvia-o entregue a um estranho abandono, como se representasse para ele uma grande felicidade sentir-se rebocado por uma ideia, amparado e guiado por alguém mais forte do que ele. “Uma experiência”, dizia consigo mesmo, “que seja! Tentemos uma experiência; se ela tiver sucesso, se tu te revelares à altura, não serei eu a impor objeções; mas Deus se apiede de ti, se não o conseguires, se não fores realmente aquele que meus olhos se habituaram a procurar...”

Ao mesmo tempo, cheio de fervor, de um fervor de crente, estava suspenso aos lábios de Lorriner. Não obstante, vigiava (dir-se-ia mesmo que com a respiração presa) todos os jogos de fisionomia, o menor movimento do homem a quem se entregara sem condições. Mais tarde, foram os seus próprios passos que passou a fiscalizar, todas as suas conversas, suas relações, sua correspondência e, na medida do possível, seu próprio sono. Por que tudo isso? Deixar-se-ia apenas impulsionar por seus instintos detetivescos? A verdade não é só essa. Será preciso procurá-la mais longe. Ora, não conhecemos ainda suficientemente bem o nosso personagem.

É comum encontrarem-se, entre os jovens, temperamentos políticos (e Lorriner, por sua natureza, incluía-se entre eles) cujo radicalismo baseia-se integralmente no desejo intenso de encontrar um termo médio de vida. É uma nostalgia secreta. No mais íntimo de si mesmos, sentem-se atraídos para o ponto morto; entretanto, a lei do pêndulo tem por consequência fazê-los oscilar igualmente nos dois sentidos e, de cada vez, até muito longe desse ponto central — a menos que, a esse movimento oscilatório, se oponha um obstáculo que os obrigue a se deterem, com o que correm o risco de perder o equilíbrio. Nenhum juízo moral seria cabível aqui; acusá-los de traição seria o mesmo contrassenso que responsabilizar a pedra lançada por um desconhecido pelos danos causados à nossa vidraça. Mais apropriado seria porventura falar em “deserção”. Kerkhoven observou certa vez a Etzel que a maioria dos conflitos, por nós considerados como espirituais ou morais, reduzem-se de fato a uma antinomia entre o estatismo e o dinamismo. “Diabo!”, pensou Etzel, “se isto é verdade — e tem todo o aspecto de sê-lo — todos os nossos juízos terão de sofrer uma reviravolta integral”.

Não tardou a se aperceber de uma coisa: Lorriner nada tinha de um inspirado. Não pertencia ao pequeno número daqueles para quem uma causa se transforma em obra a realizar, desde o momento em que a ela se consagram. Faltava-lhe até mesmo a inexorabilidade daqueles que a si mesmos propõem uma finalidade, posto que não havia nele espaço para um objetivo elevado e distante. Não criava, servia-se das

moedas previamente cunhadas por outrem. Suas ideias eram as de outros maiores do que ele. Para interpretar o sentimento das massas, valia-se de frases feitas, habilmente disfarçadas. Estava longe de ser um verdadeiro Messias; porém o desespero geral fazia dele uma espécie de salvador, semelhante a tantos outros pequenos crucificados que, entretanto, jamais alcançaram a categoria de redentores. O tempo gerou-os na dor, eis tudo o que se poderá alegar em sua defesa. Do passado de Lorriner, Etzel não soube, a princípio, mais que os rumores que circulavam a respeito e que aquele julgou conveniente repetir-lhe, embora a contragosto e através de alusões. Era impossível dissimular-se que, em virtude daquela oscilação da extrema-direita para a extrema-esquerda, uma sombra de opróbrio lhe pairava sobre o nome. Etzel nada via nisso de desonroso, pelo menos no fato em si. Contudo, era esta precisamente a razão pela qual os mais influentes dentre seus amigos recusavam-se energicamente a aceitá-lo como guia. Não podiam resolver-se a depositar nele sua confiança, e isso deu origem a acaloradas discussões.

— Não se pode tachar alguém de canalha simplesmente por ter mudado de convicções — dizia Etzel. — Todos nós temos o direito de mudar de opinião.

— É um indivíduo que abandonou sua bandeira — respondiam-lhe —, e seguirá abandonando a todas mais.

— Uma bandeira não é mais que um trapo de pano — replicava Etzel.

— E pretender ligar alguém pelo juramento prestado a um trapo de pano é um disparate. De mais a mais, o perjúrio está implicitamente incluído em todo juramento.

— Tem cuidado, Andergast! Pelo menos no tocante à fraude, não pode haver a menor dúvida.

Etzel viu-se forçado a admiti-lo. Reconhecer um erro e abjurá-lo, e abandonar uma causa apenas porque uma outra oferece vantagens mais sedutoras, são duas coisas bem diferentes. Abandonar o serviço

de um patrão e ser por este despedido, não é a mesma coisa. Existe uma diferença entre aquele que, ao cabo de uma luta interior, escolhe o seu próprio destino — um direito que lhe pertence — e aquele que, aproveitando-se das oportunidades, transporta-se ora para um ora para outro lado. Tudo isso era forçado a admitir. Acreditava, porém, poder responder por Lorriner. Os outros não achavam suficiente essa garantia. Perguntavam: — Antes de mais nada, por que nos vem ele procurar? Que pode esperar de nós? Era alguém em seu partido, e depois que caiu em desgraça, quem nos diz que sejamos nós os indicados para estender-lhe de novo a mão? Que podemos esperar dele, dessa forma? Etzel, sentindo-se encurralado, respondeu tergiversando: — Só um imbecil deixaria de fazer funcionar um mecanismo maravilhoso com que o houvessem presenteado, pelo simples motivo de que seu antigo proprietário não sabia servir-se do mesmo.

Por consideração para com ele, esse argumento não foi rebatido.

— O que seria preciso descobrir — continuou o orador — é se ele nos procura por nós ou por ele mesmo. Eis um ponto que conviria esclarecer. “Investigação não muito fácil”, refletia Etzel. “É difícil perscrutar as verdadeiras intenções de um homem baseado num ‘sim’ ou num ‘não’ de sua boca. Como se a criatura não pudesse ser ao mesmo tempo profeta e renegado, réu e Judas! Se lhe pudessem dissecar a alma, então sim”. Não obstante, disse: — Respondo por ele como por mim mesmo.

— Isso é contigo — replicaram-lhe. — Quanto a nós, é-nos completamente impossível confiar nele. A quem se terá vendido? Ou, para falar mais claramente: que pretende ele ao certo? Ao que Etzel replicou, furioso: — Em suma, que exigem vocês? Será preciso que entre na fornalha ardente, para que venham a acreditar nele? Palavras no ar, proferidas no calor do debate. Pelo menos, era o que parecia. Na realidade, porém, era esta a palavra de ordem secreta que regia todas as suas relações com Lorriner, e então, certamente, não sob a forma de interrogação como aqui, mas como um imperativo. Ouçamos, porém,

o resto da história. Era fatal que a oposição viesse a ter conhecimento do caso do roubo de documentos de que Lorriner fora vítima. A julgar pelos rumores que corriam, eis como a coisa se teria passado. Deixara-se cair nas redes de uma astuta rapariga, uma dançarina ou atriz qualquer, a qual soubera cativá-lo a ponto de fazê-lo confiar-se a ela como um colegial indefeso, e acabara por exhibir-lhe esses papéis importantes que ela não tardou em subtrair-lhe, numa ocasião em que o viu embriagado. Etzel sustentava que toda essa história não passava de uma calúnia. As coisas não podiam ter-se passado desse modo. Contudo, os adversários reclamavam esclarecimentos. Cinco rapazes foram delegados para intimar Lorriner a fazer-lhes uma exposição verídica dos fatos. Entre os cinco encontrava-se, além de Etzel, Roderich Lüttgens, com quem este já se ligara de estreita amizade. A entrevista teve lugar em casa de Lorriner, que nessa época não residia ainda na Rua Glasgower, e sim na Avenida Landsberg. Os cinco jovens sentaram-se formando um círculo em torno de Lorriner, que, os braços cruzados, a cabeça inclinada para trás, tomara lugar na ponta do divã forrado de um cretone estampado com flores amarelas. Depois que o porta-voz oficial, Peter Christians, expôs com grande calma e real facilidade de expressão a missão de que fora incumbido, Lorriner ergueu-se, inclinou-se ironicamente, encarou-os um por um, com um sorriso, e disse: — Não é pretensão o que lhes falta, senhores delegados. Vejam só quanta dignidade! Onde foram buscar tanta cerimônia? Isso faz pensar em... bem, não sei... são palhaçadas de estudantes. Dá-me vontade de rir até as lágrimas. Prestar-lhes contas! E provavelmente, para terminar, empenhar minha palavra de honra, não é? Qual, meus meninos, comigo, nada de bobagens. Não adianta. Lorriner não cederá.

Embora habitualmente se exprimisse sem tendência a este ou àquele dialeto determinado, quando se zangava descambava imediatamente para a gíria berlinense. Nenhum dos cinco fez um gesto sequer. Com um movimento de cabeça que atirou para trás sua fina cabeleira de um louro pálido, e estirando o corpo magro como para emprestar mais energia às suas palavras, prosseguiu: — Sejam louros ou excrementos o que trago na ponta de meu bastão, que têm vocês a ver com isso? Não

fui eu a impor-lhes a minha companhia. Que diz a isso, barão? Costumava chamar a Andergast de barão, com a maior seriedade, como se o título de fato lhe pertencesse. A princípio, Etzel protestara irritado, porém agora já não fazia mais atenção àquilo.

— Não — respondeu tranquilamente. — Pelo contrário.

— Pois bem, e então? Julguei que quisessem respirar um pouco de ar puro, limpar o espírito do mofo nele acumulado. Acreditei, perdoem-me o meu erro, que desejassem que todos fizessem a sua profissão de fé. É preciso que alguém seja o primeiro. Eis precisamente no que consiste a desgraça da Alemanha: tudo termina por fundir-se num sentimentalismo piegas. Vocês me fazem pensar nos garçons de restaurante que correm por entre as mesas gritando: “Cuidado com o molho!”. Olhem para os seus pratos: estão vazios, não há nada neles. Queriam saber minha resposta, aqui a têm: nego ter tido qualquer participação em toda essa história. Que importância pode ter, para vocês como para mim, o que chamam de meu passado? Não se pode fazer uma fritada sem primeiro quebrar os ovos. A única coisa que importa, é que tenham confiança em mim. Naturalmente, cada um é livre de fazer o que entende.

Caminhou até à porta com passo rápido, e disse, fazendo um amplo gesto burlesco: — Se me fazem o favor: os maus para o papo, os bons para o prato.³⁷

Seguiu-se um silêncio embaraçado. “Não se saiu de todo mal”, refletiu Etzel, e ficou-se a mirá-lo, com uma expressão de alegre admiração. O outro continuava de pé, todas as suas energias tensas, um sorriso cruel nos lábios. Tão intensa era a força primária dessa emanção de vontade, que algum tempo decorreu antes que Peter Christians se pusesse de pé. Outros dois, que esperavam apenas sua decisão, seguiram-lhe o exemplo. Tomaram seus chapéus e saíram do aposento andando grotescamente, em fila indiana. Etzel e Roderich Lüttgens ficaram sentados. Lorriner bateu a porta, rindo. Mas seu riso soava falso.

— Então, e vocês dois? — disse, dirigindo-se a Etzel e a Roderich. — Um gole para se refazerem do susto? Pousou sobre a mesa a garrafa de conhaque e três copos, serviu-se e bebeu a metade de um copo. Acendeu depois o cachimbo e pôs-se a caminhar pelo quarto com passos rápidos. Roderich Lüttgens não desprendia dele o olhar, e parecia bastante emocionado. “Hum”, pensou Etzel, “este caiu como um patinho”. Conhecía a manobra. Conhecía-a mesmo bem demais. Fora empregada no seu caso. Assim repetida com outro soava-lhe como uma paródia. Ora, Roderich, ainda rodeado pelo carinho familiar, era um noviço, e em sua ardente impaciência de viver achava-se mais exposto que outro qualquer. “Seria preciso impedir aquilo”, pensava Etzel, aflito; “porém, se o fizesse, estaria agindo mal em relação a Lorriner, e provavelmente em pura perda, já que o resultado seria o oposto do desejado”. Fazia esta reflexão com frequência. Amigo de seus amigos, sucedia-lhe muitas vezes procurar proteger algum mais fraco contra determinadas influências que para outro, mais forte, não representavam perigo. Era preciso distribuir a cada um na medida que lhe convinha. Lorriner, que habitualmente carecia de perspicácia, sentiu que Andergast procurava cercear-lhe a influência. Tinha seus planos formados acerca de Roderich. Sua situação era precária. O solo fugia-lhe aos poucos sob os pés. O apoio do pai de Roderich, em determinada questão, poderia salvá-lo. O ressentimento que guardara da cena precedente, e que se manifestava na agitação de suas caminhadas pelo aposento, voltou-se contra Andergast — em parte por ter sido ele uma testemunha de sua derrota, e aliás sem refletir nas consequências práticas que essa mesma derrota iria acarretar. Teria sido para ele uma oportunidade excepcional, a de reunir esses grupos dispersos de jovens e pisar de novo a arena na qualidade de chefe. Com isso voltaria a tomar o impulso que perdera. Ora, esses jovens não haviam tardado a perceber seus planos, reduzindo-os a nada. No momento, porém, o que mais o irritava era ter representado mal o seu papel diante de Andergast. Não se tratava de vaidade. Não era vaidoso, e seu desprendimento nesse terreno era mesmo qualquer coisa de extraordinário. Entretanto, ler na fisionomia de Etzel desgosto, decepção, aborrecimento, era-lhe simplesmente intolerável. Por quê? Não o saberia dizer. Sempre que aquele rapazola fixava sobre ele seu

olhar vacilante de míope, sentia-se como nos tempos de colégio, quando enfrentava um exame de grego, receoso de fazer um fiasco. Viver sob aquela vigilância constante, sempre em face de uma exigência muda, como diante do cano de uma pistola carregada, eis o que lhe parecia terrivelmente incômodo. Ele que era capaz de dominá-los a todos, homens e mulheres, que os fazia estremecer quando lançava a cabeça para trás com um movimento brusco, o que lhe fazia esvoaçar a cabeleira loura; ele que, com um simples franzir de cenho fazia calar toda resistência e tinha o dom de inflamar a uma assembleia de mil pessoas; ele que se impusera a um Stalin e obrigara o chefe de polícia de Nova York a desculpar-se por tê-lo detido por engano — vivia em estado de constante revolta diante de um simples estudante, perseguido pelo mesmo tolo receio de “fazer fiasco”, e apesar de quê, segundo todas as evidências, aquele garoto admirava-o como a um modelo e estava disposto a segui-lo em todas as adversidades.

— Senta-te um pouco, Lorriner, para podermos conversar seriamente — a voz de Etzel se fez ouvir subitamente, cortando o silêncio.

Lorriner resmungou, esvaziou o cachimbo e tomou assento no parapeito da janela. Possivelmente tinha interesse em que sua fisionomia permanecesse na sombra.

— No terreno que estamos pisando, devias fazer jogo limpo — começou Etzel com prudência —, ao menos com Lüttgens e comigo. Há aqui certas obscuridades... — Não estamos num cassino para falar em jogo — replicou Lorriner, irritando-se. — Nada tenho para esclarecer e não pretendo dar audiência privada.

Etzel baixou a cabeça.

— É claro — disse — é claro (brincava com os dedos), apenas, eu julgava... Parece-me, vê bem, que a integridade individual é indispensável quando... sim, sim, bem sei, são preconceitos burgueses... Sob esse aspecto, sou um tanto antiquado... Em suma, Lorriner (tornou a levantar a cabeça) parece-me que é preciso ter as

mãos absolutamente limpas para... para mandar, sem mais nem menos, os maus para o papo.

— Não entendo nada desse teu palavreado — replicou Lorriner com brutalidade. — Para mim, o incidente está encerrado. Por que quiseste ficar? Não deixei de mostrar a todos o lugar onde o carpinteiro construiu uma saída de emergência para os covardes.

— De fato, Lorriner, mas isso era para uso das galerias. Entre tu e eu, as relações são um pouco diferentes. Tenho-te na conta de um ser excepcional. Desde o primeiro minuto, conquistaste-me para o teu lado. Não pareces ter dificuldade em lidar com as pessoas; tu as arrastas contigo, eis tudo. Em tua pessoa há qualquer coisa que nos obriga a dobrar os joelhos. Entretanto, não posso crer em alguém senão quando sua imagem é absolutamente pura. É preciso que a todo momento possas provar-me ser realmente aquele que vejo em ti. Evidentemente, podes te negar a fazê-lo. Mas, nesse caso, também eu tenho o direito de recusar-me.

— Como queiras! Não vejo... Mas a que propósito esse tom sentencioso?... Em que poderá influir sobre a minha integridade o fato de me ter deixado ludibriar por uma rapariga ardilosa? — Nesse caso, podes confessar francamente que te deixaste prender na armadilha. A única objeção que nos restaria, então, seria a de que foste um desastrado e não apenas um infeliz. Nesse caso... Ah, que mulher! Diabos! Isso esclarece muita coisa. Ora, ela pretende... Não pôde prosseguir. Como uma pantera, Lorriner, de um salto, postou-se a seu lado e, apertando-lhe o pescoço entre seus punhos de aço, disse: — Tu a conheces? — perguntou em voz sem timbre.

Os dentes do maxilar inferior, avançando sobre o lábio superior, emprestavam à sua fisionomia um ricto assustador. Roderich Lüttgens ergueu-se aterrado, mas logo em seguida tornou a sentar-se. Com visível irritação, Etzel libertou-se da compressão dolorosa.

— Naturalmente que conheço — disse. — Há já algum tempo que tenho essa honra. Não foi necessário cortejá-la, nem tomar muito trabalho; a Senhorita Sperling não é o que se costuma chamar uma moça arisca. Em suma... foi bastante interessante. Ela sustenta... Antes de mais nada, porém, quero que tenhas a bondade de não voltar a recorrer às vias de fato. É um processo que não me agrada. Por outro lado, não tem o poder de convencer-me. Exercícios de ginástica, só os faço quando bem me apraz. Voltando ao assunto: ela pretende que em absoluto não te deixaste levar, que nem mesmo embriagado estavas.

— E então? — Que foi um negócio como outro qualquer... Lorriner recuou. Estava de uma palidez de cera.

— Que isso não te impressione — continuou Etzel. — Terei cuidado para que, de futuro, ela... Mas temos ainda muito que discutir... O melhor seria que, em minha presença, vocês... Não? Está bem, como queiras, não te exaltes por isso. Não fiz mais que a minha obrigação. Ouvi dizer toda espécie de coisas, mas não acreditei numa só palavra de toda a história; foi em consideração por ti que me decidi a tirar o assunto a limpo. Enfim, veremos... Embora suas palavras fossem conciliadoras e nelas nada houvesse de capcioso, o som da voz traía uma certa aspereza voluntária. Lorriner olhava fixamente para um ponto em sua frente.

— Não sei o que pensar a teu respeito — disse em tom sombrio. — Há em ti qualquer coisa de singularmente mau... Se fosse eu a dar ordens, pergunto-me se não te encostaria uma pistola no crânio. Bem, deixemos isso de lado.

E, como Etzel fizesse menção de replicar-lhe, fez com a mão um gesto de desprezo, como para afastar um objeto importuno: — Deixemos isso por ora. Um dia, essa sirigaita me pagará.

— Sim, mas toma cuidado, as picadas da rapariga são venenosas.

— Deixa-te disso, vamos — repetiu Lorriner num tom onde havia tanto de ameaça como de sofrimento.

Etzel calou-se, mas parecia impressionado. Três ou quatro minutos penosos se escoaram, após o que Etzel disse numa voz diferente e mais grave, onde nada mais subsistia daquela candura por trás da qual, de certa forma, tinha por hábito abrigar-se: — Para terminar, se me permites, gostaria de fazer ainda algumas observações. Tenho refletido muito a teu respeito nestes últimos tempos, e eis as conclusões a que cheguei. Há três possibilidades, três chaves a escolher para a decifração da tua personalidade. Em primeiro lugar: é possível que sejas um neurastênico. Nada mais que isso, mas com todas as consequências que acarreta. Uma fraqueza que assume aparências de força, muita vontade, muita ambição, mas tudo isso mórbido, doentio. Nesse momento, não me refiro apenas ao indivíduo Lorriner, mas a toda uma espécie. Em segundo lugar, é possível que sejas um novo Gengis Khan. Todo comentário seria aqui supérfluo. Entre nós, pululam os Gengis Khan. *Ex oriente mors*. O lema é: “Não poupar o filho no ventre de sua mãe”. Com a diferença que os modernos Gengis Khan sabem certamente muito melhor como resolver suas questões. E eis-nos chegados à terceira hipótese. Pode acontecer que sejas realmente o indivíduo destinado a entrar na fornalha ardente. É a minha grande esperança.

Conheces a lenda. Eram três homens na fornalha, e cantavam hinos de ação de graças, enquanto eram tomadas as últimas disposições para queimá-los vivos. Exatamente o oposto do que faz Gengis Khan, e exatamente aquilo que em caso algum o neurastênico seria capaz de fazer.

Lorriner estava de pé, rígido como uma estátua, as mãos nas cadeiras, e baixava sobre Andergast um olhar acompanhado de um sorriso fugidio, maldoso e contrafeito. Etzel, por seu lado, não desprendia os olhos dele, e sorria também, com um sorriso estranhamente amável em seus olhos de míope. Durante todo o tempo que durara a conversa, Roderich Lüttgens não emitira um som. Contentara-se em olhar ora a um ora a outro, com uma curiosidade emocionada. Na rua perguntou a Etzel: — Que queres dizer ao certo com essa fornalha ardente? Etzel deteve-se, pousou-lhe a mão sobre o ombro e, ao invés de responder à

pergunta, murmurou-lhe ao ouvido, com um ar misterioso: — Receio que Lorriner não entre nela. Verás, não entrará... Esse longo diálogo vem provar com bastante evidência que a confiança de Etzel estava abalada, embora a nenhum preço o quisesse admitir. Tinha um pavor insensato das decepções e lutava desesperadamente, muito mais do que aparentava, para preservar a pureza de seu ídolo. “Parece-me que sua fraqueza está apenas no campo intelectual”, refletia às vezes, “ou melhor, que deixou de receber os elementos básicos da cultura; como temperamento e como fenômeno, porém, não há outro que se lhe compare”. Assim raciocinando, incorria no erro típico de tantos jovens, os quais com tanta paixão se empenham em criar no fundo do coração a imagem de seu ideal, que acabam por perder de vista a realidade exterior. Acrescentemos que Lorriner possuía realmente algumas qualidades sedutoras ao mais alto grau, entre as quais um desprendimento e uma generosidade inigualáveis (eis por que parecia inconcebível a Etzel que ele se houvesse vendido, como o pretendia Emma Sperling). Além disso, o desinteresse e a dedicação com que se ocupava de amigos e companheiros necessitados. A miséria do povo afligia-o a ponto de fazê-lo perder o sono e tornar-se violento. Etzel tivera ocasião de ouvi-lo falar e dar conselhos a infelizes sem pão e a desocupados. Parecia então outro homem; em torno dele se podia ver luzir a auréola que irradia o espírito messiânico dos novos tempos e do futuro. Certa vez, tiveram uma conversa teórica sobre questões de justiça. Lorriner, porém, era incapaz de manter-se no domínio do pensamento abstrato. Pôs-se a citar um caso revoltante de justiça de classe, uma verdadeira arbitrariedade, graças à qual um companheiro de partido fora condenado a dois anos de trabalhos forçados. No meio de seu relato foi presa de uma tremenda crise de lágrimas que durou cerca de quinze minutos e foi seguida por um estado de catatonia. Na ocasião, Etzel nada vira de inquietante nesse acesso, nada pelo menos daquilo que o levou mais tarde a mencionar o neurastênico como um dos tipos dominantes de sua época. Pelo contrário, esse espetáculo comoveu-o tanto quanto se houvesse provado que Lorriner era uma criatura de elite, pois que, qualquer que tenha sido a nossa origem, qualquer que seja a existência que levamos, é no sofrimento e no infortúnio que geralmente se revelam as criaturas de elite. Essa

impressão tardou muito a desvanecer-se e, enquanto perdurou, Etzel introduziu em seu trato com Lorriner maior dose de delicadeza e de solicitude que a que usava em suas demais relações. Isso precisamente porque, no caso, procurava empregar todos os meios ao seu alcance, lutando contra seus próprios sentimentos que se rebelavam, contra o número crescente de informações que recebia, e por fim contra a própria evidência de seus instintos, para preservar a pureza de sua imagem. Em consequência, sua angústia interior agravou-se e passou a sofrer de uma hesitação constante, de um desacordo torturante consigo mesmo. “Que coisa o estará retendo aqui embaixo, quando tudo nele está pronto para alçar voo?”, perguntava-se a si mesmo. E, em sua agitação, punha-se a morder a falange do dedo indicador, numa volta aos seus tiques de infância. “Dir-se-ia que age como inimigo de si próprio e que o vento se empenha em atizar o fogo”. À força de estar sempre à espreita, acabou por descobrir uma pista. As relações eróticas pareciam predominar em grande escala na vida de Lorriner. Era assaz difícil desbravar esse terreno, onde nada se passava em plena luz. Não havia franqueza nem simplicidade. Nada havia de fácil, muito menos de leve ou de despreocupado, a atmosfera era sombria, densa e misteriosa. Com a tenacidade que lhe era própria, Etzel pôs-se a seguir metodicamente as diferentes pistas. Certo dia em que esperava por Lorriner em casa deste, encontrou, numa gaveta aberta, uma pequena agenda, que foi o ponto de partida de suas pesquisas. Percorreu-a friamente e deteve-se numa lista de nomes femininos que cobriam toda a página. O nome de família não era designado senão pela inicial, e cada um se fazia seguir de um endereço. Diante de quase todos havia uma cruz à margem, aparentemente sinal de que as pessoas em questão estavam liquidadas. A cruz era uma cruz mortuária. Aquilo lembrava um pouco o memorial de um Don Juan de província, ou de um escroque em questões matrimoniais. Em sua ânsia dolorosa de perscrutar a fundo aquele caráter complicado, Etzel embrenhava-se em caminhos difíceis, nos quais não o seguiremos.

Não se tornam facilmente comunicativas essas criaturas que, a despeito da decepção sofrida, conservam-se ainda presas ao homem

que em tudo as ludibriou. Etzel acusava-se a si mesmo de subornar quando, à força de astúcia, conseguia fazê-las falar, ou quando, qual um agente de polícia secreta, recolhia informações a seu respeito entre vizinhos, locatários e patrões. O resultado total deixou-o consternado e bastante deprimido. O processo era cruel. Os métodos, mesquinhos e banais. Dir-se-ia um indivíduo que, tomado de furioso ímpeto de destruição, empenha-se em destruir as existências em torno de si. E isso sempre de acordo com o mesmo plano de ação. Sempre os mesmos juramentos, as mesmas cartas inflamadas, a mesma duração de uma suposta felicidade, o mesmo epílogo em estilo de comédia lacrimante, com golpes teatrais obsoletos nos quais só se acredita porque efetivamente se produzem: uma rapariga grávida que se afoga, uma outra que, repudiada pela família, entrega-se à prostituição; uma desesperada de dezessete anos que ameaça vingar-se derramando sangue; uma ciumenta que lança vitríolo no rosto da rival. Circunstância estranha: as vítimas não pertenciam ao proletariado, e sim, quase que exclusivamente, à pequena burguesia. Eram filhas de pequenos funcionários, de comerciantes, algumas de escolas de teatro e de música dos subúrbios, jovens enfermeiras visitadoras, quase todas inocentes e puras com cuja discricção e abnegação podia contar, e que se entregavam a ele sem defesa, uma após outra, como que contagiadas pelo mesmo mal. Viviam trinta anos em atraso sobre a sua época, e era um anacronismo que usassem saias pelos joelhos e meias de seda e frequentassem cinemas e *dancings*. Não tinham um tipo marcado, nem tampouco dons superiores. Não passavam de mocinhas simples, como as que a cada passo se encontram, que levavam uma vida modesta e laboriosa, como essas plantas que vingam nos lugares sem sol. Existe um número infinito dessas almas que não têm idade. Lorriner possuía o faro necessário para descobri-las. Toda essa maquinação assumia um caráter alucinatório.

Nada havia ali que pudesse comparar-se, mesmo de longe, às relações de Etzel e de todos os seus camaradas, de todos os rapazes que conhecia com todas as jovens e com todas as mulheres que conhecia. Pôs-se a meditar sobre o seu caso particular. “E tu, como te comportaste?”, perguntava-se, ao mesmo tempo que esquadrihava

sua vida passada. “Como te julgaria, neste ou naquele caso, um outro Etzel, um *Super Etzel*, digamos assim?”. Procurava um ponto de onde considerar objetivamente o seu próprio eu, assustado pela ideia de que talvez se julgasse a si próprio com demasiada indulgência. Verifica então não ter sido em absoluto talhado para o papel de um Santo Antônio. Possuindo uma consciência segura das leis de equilíbrio interno, procura apenas evitar que as tentações não se tornem excessivamente obcecantes. Nem sempre o consegue. É preciso contar com as excitações, com os desvarios, com os equívocos. É preciso rechaçar as reivindicações imotivadas, evitar fornecer esperanças desmedidas. É preciso não suscitar essas esperanças, e menos ainda alimentá-las. É perigoso apaixonar-se por alguém. Até aqui, conseguiu evitá-lo. Evadiu-se cuidadosamente de todo e qualquer vínculo sentimental. Sem se deixar levar por escrúpulos excessivos, nunca deixou de respeitar o *fair play*. Não se lembra de haver jamais chegado a uma ruptura violenta. O essencial é viver sem pontos de exclamação. Os pontos de exclamação passaram de moda. As pessoas se separam dentro de um espírito de estima recíproca. Quando se encontram, sorriem uma para a outra com o canto dos olhos, com um ar de compreensão amigável, por sobre o abismo criado pelas novas circunstâncias. É partidário da variação. Uma única noite pode ter a seus olhos mais preço que as vinte outras que se lhe seguirão e lhe enfraquecerão a lembrança. E tudo isso deve basear-se sobre um acordo, sobre uma decisão livre. (Mais tarde, em suas confidências a Kerkhoven, iria expressar-se em termos análogos. Era já um programa e, nesse programa, aplicava-se em demonstrar uma reserva essencialmente puritana em torno do termo e da noção de amor, como se “o amor” o interessasse tão pouco quanto uma viagem de ônibus. Parecia achar tão natural desprezar, aniquilar de certo modo, sepultando-o no silêncio, um sentimento que, em suma, vinha dominando há milênios as relações de toda a humanidade, que sua atitude resultava afinal divertida e até mesmo reconfortante).

O que a ele se revelava da vida de Lorriner parecia-lhe tão estranho, que chegava a julgá-lo monstruoso, sob todos os pontos de vista anormal e deplorável. Uma tal exibição de instintos bárbaros só pode

incitar à compaixão. Pelo menos, assim o pensava Etzel. Essa dissimulação do ardor sensual, essa espera de tocaia pela presa, essa sinistra avidez de assassinio moral, a estrita delimitação da esfera social (tal como uma fera carniceira tem sua zona determinada de ação), essa brutalidade em toda a sua barbaria e em todo o seu fatalismo, tudo isso o escandalizava como se fora um regresso ao primitivismo, uma traição àquele mundo luminoso que era preciso a despeito de tudo edificar. Impossível saber o que se passava no íntimo daquele coração. Não lhe cabia o direito de interrogá-lo e, menos ainda, o de julgá-lo. Infelizmente, nada havia a fazer. Com seus vinte e oito anos, Lorriner era um homem feito. Os sete anos que levava de dianteira sobre Etzel conferiam-lhe uma autoridade material indiscutível. É impossível querer remediar ao que pertence à própria essência do ser; os desvarios do espírito não representam em última análise senão um erro da natureza. A Etzel é que cumpria modificar-se, adaptar-se às novas circunstâncias, mas com isso desvaneciam-se admiração e entusiasmo. Em seu lugar, ficava apenas um sentimento híbrido e ambíguo, feito de reservas e concessões. Contudo, não cogitava ainda de separar-se do outro. Mesmo que o quisesse, não teria podido. Havia entre eles tantos laços, tantas coisas em comum, tantas obrigações, tanta intimidade! E, por parte dele, Etzel, tanta confiança ainda! — Não se tratara de falta de coragem — dizia mais tarde a Kerkhoven para justificar sua atitude. — Era como quando se empreende a escalada de um pico. Não se pode despedir sem mais nem menos o guia, apenas porque o formato de seu nariz nos desagrade; é preciso continuar a caminhar a seu lado, ou arriscar-se a morrer.

— Comparação falha — respondeu Kerkhoven. — Assim é que você por pouco escapou da morte, e foi o outro quem o abandonou.

Evidentemente, o grande médico sabia a que se ater no tocante às sutilezas de semelhantes vínculos.

Etzel não julgara conveniente dizer toda a verdade a Lorriner sobre os motivos que o haviam levado a procurar Emma Sperling. Tampouco

lhe dissera que seu conhecimento datava já de três semanas. Além do mais, não a encontrara por acaso, como o fizera crer a Lorriner, mas escrevera-lhe pedindo uma entrevista para tratar de assunto urgente. Não ignorava, evidentemente, os rumores que corriam, e por duas ou três vezes ouvira pronunciarem-lhe o nome associado ao de Lorriner e ao caso dos documentos, muito embora excluindo sempre expressamente a possibilidade de relações mais íntimas entre ambos. Ninguém ousava enxergar na história mais que uma intriga política, seja porque a personalidade de Lorriner se recusasse a deixar nascer essa outra interpretação (as pessoas que levam uma vida pública trazem consigo uma espécie de carimbo, que os isenta de juízos outros que os oficialmente admitidos), seja ainda que a habilidade prodigiosa de Emma Sperling houvesse sabido, desde o início, afastar qualquer sombra de suspeita. Aliás, muito poucas pessoas estavam ao corrente dos fatos, e os rumores se limitavam a um círculo assaz restrito. Quanto a Etzel, tinha motivos mais sérios que outro qualquer para não acreditar na ligação entre Etzel e a bailarina. A seu ver, a hipótese dessa ligação excluía-se, por assim dizer, quimicamente. E eis porque considerava todos esses boatos como criados pela maldade popular. Na verdade, que motivo poderia ter levado Lorriner a cometer loucura semelhante, ele que era tão astuto e tão precavido? A princípio, Etzel não teria pensado em recorrer a Emma Sperling, se não tivesse assistido a uma cena curiosa que se desenrolara num pequeno bar da zona oriental da cidade. Estava sentado a uma mesa, em companhia de Lorriner, de Roderich Lüttgens e sua irmã Hilde e ainda um certo Max Mewer, quando um grupo, formado de duas damas e dois cavalheiros, fez uma entrada ruidosa na sala. Uma das duas damas, principalmente, se fazia notar por sua exuberância, que tocava às raias da extravagância. Era Eleanor Marschall, com quem iria travar conhecimento alguns dias mais tarde. A outra era Emma Sperling; para ela se voltava a atenção curiosa de todos os frequentadores do bar. Como acabasse de alcançar um grande êxito teatral, seu nome estava em todas as bocas. Sua fotografia saíra em todas as revistas ilustradas, o que não fazia estranhar que todos a reconhecessem. Quando Lorriner a viu, deteve-se bruscamente e seu olhar temeroso e subitamente iluminado deslizou por ela para fixar-se em Eleanor

Marschall. Ao passo que Emma Sperling o examinava com seu enigmático sorriso estereotipado, sem que pelo menor movimento de sua fisionomia revelasse conhecê-lo, no rosto de sua companheira estampou-se um pavor intenso, que não durou, é certo, mais que um segundo. Logo em seguida, Eleanor voltou-se bruscamente para um dos rapazes que a acompanhavam e continuou, visivelmente perturbada, a conversa interrompida. Nem um gesto, nem um dos olhares trocados escapou a Etzel. Até aquele momento, fora ele, ninguém mais de seu grupo percebera nada. Fenômeno curioso sucedia com ele. Suas observações, que no entanto não careciam de agudeza, faziam-se frequentemente sem o concurso dos olhos. Era preciso que seus nervos fossem dotados de uma extraordinária capacidade de reação para informá-lo das modificações que ocorriam à sua volta, pois nem mesmo chegava a distinguir os rostos no fundo da sala. Não obstante, estava curioso por ver o que se ia passar e, para melhor enxergar, retirou com a maior naturalidade os óculos do estojo e colocou-os. Inesperadamente, Hilde Lüttgens pôs-se a rir. Esse riso foi como que um sinal para Lorriner erguer-se de um salto, tão bruscamente que derrubou a cadeira, e fixou-os a ela e a Andergast, com um olhar ameaçador. Etzel compreendeu imediatamente que se tratava de uma manobra falsa, de uma reação impulsiva de despistamento, e pousou-lhe a mão sobre o braço para acalmá-lo. Sentiu que ele tremia da cabeça aos pés. Rapidamente, desprendeuse com um movimento irritado. Etzel percebeu então que Neil Marschall, sentada de frente para eles, fixava sobre Lorriner um olhar grave que era como uma súplica. Ao mesmo tempo, entregava-se a uma mímica quase imperceptível, como que tentando fazê-lo compreender que se portava como um louco. “Ah, então também se conhecem?”, foi a ideia que atravessou o espírito de Etzel. Lorriner pegou o chapéu e saiu apressadamente, sem proferir uma palavra, sem ao menos despedir-se. E Etzel não tardou a fazer outra constatação. Emma Sperling começara por sentar-se ao lado de Neil Marschall. Em pouco, porém, parece sentir-se pouco à vontade. Evidentemente, era a atitude de Roderich que a perturbava. O rapaz, como que deslumbrado, não lhe tirava os olhos de cima. Ela ergueu-se bruscamente e mudou de lugar. Estava agora de costas viradas para a mesa de Etzel. Conservava o casaco de

peles; por cima da gola aparecia uma cabeça pequena de adolescente, com um penteado masculino que deixava à mostra as pequenas conchas rosadas, insolentes, das orelhas.

Foi uma verdadeira proeza induzir Emma Sperling a fazer uma exposição plausível dos fatos. Expressando-se em voz grave e rouca, parecia fazer a mais sincera das confissões; ao concluir, porém, voltou ligeiramente a cabeça para o lado e pareceu divertir-se enormemente de que se desse crédito às suas palavras. Depois de ter falado seriamente durante algum tempo e de conquistar por inteiro a atenção de Etzel, pôs-se subitamente a rir — seu riso vinha do fundo da garganta — e exclamou encantada: — Você acreditou nisso? Deveras? Você é um pequeno asno! Um tolinho encantador! Etzel procedeu como se, em toda sua vida, jamais tivesse conhecido uma criatura tão cheia de contradições. Apressou-se em aceitar tudo quanto ouvia, mostrou-se candidamente iludido e entusiasmado. Logo após, simulou um assombro ilimitado, como se aquele caráter enigmático subitamente se iluminasse a seus olhos, e exprimiu essa mudança de opinião por uma observação que parecia feita ao acaso, mas que, de cólera, fez subir o sangue às faces da moça tomada de surpresa, ao sentir-se descoberta e, por seu turno, enganada. Adotou então outra atitude: mostrou-se amuada e tentou uma nova simulação. Estava perfeitamente à altura de Etzel, e quiçá o suplantasse mesmo. Ele não tardou a percebê-lo. No entanto, ela, com seu faro instintivo de mulher, com o instinto da arrivista que conseguiu impor-se à própria custa, reconheceu nele um adversário capaz de defrontá-la.

No começo, foi uma verdadeira comédia. Ela tomou-o por um repórter que desejava entrevistá-la. Ele deixou-a durante algum tempo nessa ilusão. Quando julgou que já se tornara suficientemente ridícula com suas atitudes pretensiosas de nova estrela, afirmou secamente que era um iletrado, incapaz de escrever uma sílaba e menos ainda um artigo de jornal, e que ela teria de contentar-se em ser admirada por ele sem qualquer outra compensação. Emma esteve a ponto de explodir de raiva. Não pôde, porém, deixar de rir. Em tudo quanto dizia ou fazia, transparecia essa mistura de *clown* e de gata selvagem

que a caracterizava. Apreendia todas as situações com a rapidez de um relâmpago, como o animal habituado a se defender contra perseguidores hábeis e que se empenha em lançar mão do máximo de agilidade e de astúcia. Sua exuberância ardente atacava os nervos de Etzel. Quando se punha a gritar pela arrumadeira que se havia atrasado, parecia uma quitandeira ligeiramente embriagada. Tinha, aliás, pouco mais educação que uma quitandeira, a despeito da leve camada de verniz que encobria a realidade. Quando se encontrava entre pessoas a quem sua falta de reserva parecia escandalizar, forçava ainda mais a nota. Com as mulheres, entendia-se regularmente. Tinha para com os homens um desprezo de libertina. Considerava o homem como uma espécie de monstro cheio de insensatez, credulidade e presunção e muito mais vicioso que qualquer mulher. “Um sexo que tem o atrevimento de querer governar o mundo e que o reduz a uma tal miséria que o torna imprestável até para ser lançado aos cães, não merece nem mesmo ser levado a sério”, costumava dizer. A princípio, divertia-se à custa de Etzel. Ficava furiosa de vê-lo tão assíduo e pedia-lhe que a deixasse em paz, pois julgava-o “cacete ao mais alto grau”. Aos poucos, acostumou-se às suas visitas e mostrava-se mesmo descontente, se ele não aparecia. Não tardou a inteirar-se, através de Neil Marschall, que por sua vez era informada por seus jovens protegidos, de certos pormenores que a fizeram passar a encará-lo com outros olhos. Entretanto, sua confiança ainda não era integral.

— Parece que és um tipo extraordinário — disse-lhe certa vez. — Todo mundo o afirma.

Ele pareceu surpreender-se.

— Extraordinário? Como assim? Nada tenho de extraordinário, sou mesmo um tipo assaz comum.

— Apenas uma coisa não compreendo: se és realmente alguém, por que te ligas a um indivíduo como Lorriner? — Talvez porque ele me ajude a encontrar o meu próprio caminho.

— É ridículo. Não fazes senão perder o teu tempo.

— Tenho reservas inesgotáveis de tempo. Nesse ponto, sou um verdadeiro Rockefeller.

— Um homem que é causa de perdição para tantos não pode ajudar ninguém a encontrar o seu caminho.

— Sou uma exceção, Pierrot. Tudo em mim é ao contrário dos outros.

Minha vida está escrita em caracteres que só invertidos se podem ler.

Ela fitou-o atônita. Em seus olhos via-se luzir uma despreocupada concupiscência, como se dissesse: “Gostaria, apesar de tudo, de fazer uma experiência contigo”. O olhar dele porém replicava: “Não digo que não, porém antes quero obter certas informações, quero saber tudo acerca dessa história com Lorriner”. A rapariga não o deixava de todo indiferente. Pensava que não seria nada desagradável tê-la durante uma semana por amante. Por enquanto, tinha-a ainda sob observação; depois se veria. Cada coisa a seu tempo. Procurava saber de onde vinha, conhecer seu modo de vida, seus hábitos, suas tendências, no intuito de determinar a espécie a que pertencia, tal um colecionador de escaravelhos de posse de um coleóptero ainda não classificado.

Era de origem polonesa, nascida durante a guerra. Fora trazida para a Alemanha ainda criança. Seu pai era relojoeiro. Crescera na miséria, e não fazia mistério disso. Contava, entre outras coisas, como, com apenas oito anos, caminhara durante três horas pela neve, para ir ao encontro da proprietária do domínio que lhe prometera um colar de coral para o Natal. Quando chegou ao castelo, encontrou apenas ruínas fumegantes; seus proprietários estavam ambos mortos. Um dos soldados ali acampados deu-lhe aguardente para reconfortá-la, e o tenente presenteou-a com uma jaqueta de peles que tirou de sob uma pilha de roupa. Ficava-lhe muito larga e muito comprida, e arrastava-se atrás como uma cauda. No entanto, sentia-se feliz como uma rainha. Daí nasceu sua paixão pelas peles.

Tudo é conquista em sua vida. Mas também, tudo carece de lei. O dia de ontem não conta. Sua desordem é a de uma verdadeira boêmia. Passa o dia inteiro à procura de suas coisas. Ao levantar-se da cama, procura pela roupa; no banho, pelo sabonete; ao fazer a toalete, pelos potes de creme; no momento de sair, pelos anéis. Seus quartos lembram barracas de feira no momento de serem desarmadas. Suas contas, não as paga ou paga-as duas vezes. Administra o próprio dinheiro de maneira deplorável. Nunca sabe o que possui, nem o que gastou. Se não puder contar com a honestidade dos que a cercam, está perdida. Ao receber seu ordenado, esconde um maço de notas debaixo do colchão, outro dentro de um vaso ou ainda de uma caixa de charutos vazia. Quando precisa de dinheiro desespera-se por não encontrá-lo e revira todo o apartamento, acabando por solicitar o auxílio dos visitantes. Não se nega a dar ou a emprestar sempre que lhe pedem, porém menos por bondade natural que por inconsciência ou para fingir de grande dama. Com a mesma inconsciência, explora os amigos, e aquilo que não lhe é concedido de boa vontade, não hesita em exigir impudentemente. Durante dez anos, alimentou-se de salsichas e queijo. Agora, reclama ostras e caviar, naturalmente às custas dos outros. Tem os hábitos mais bizarros possíveis. Quando se aborrece sozinha, caminha de um lado para outro, no quarto, e faz caretas incríveis em direção a um personagem imaginário. Quase todas as semanas, tem o seu dia de humor negro. Nesse dia, não recebe ninguém, corre todas as cortinas, pinta-se com espalhafato e fica horas a fio sentada ao piano, improvisando com o indicador melodias sem seguimento. À parte seu gosto acentuado por enfeitar-se, que tem algo de bárbaro, não apresenta pendores especiais. Seus êxitos como bailarina prendem-se mais à acrobacia que à arte. A despeito de sua saúde robusta, é sujeita a ataques de hipocondria, e seus livros de cabeceira são obras de medicina. Um corte no dedo a faz sofrer horivelmente. Não se julga bonita, mas conhece o encanto sedutor de seu sorriso, o brilho nacarado de sua pele e a atração sensual que seu corpo irradia. Não dá nenhum valor ao amor; de tempos em tempos busca nele uma ocasião de prazer, no mais encara-o apenas como um meio de fazer carreira. Se bem que a ideia do casamento lhe repugne,

estaria disposta a aceitar a mão de um conde. É uma criatura primitiva; porém, todas as do seu tipo o são.

A princípio, Emma negou ter jamais tido qualquer entendimento com Lorriner. Encontrara-o algumas vezes em casa de Neil Marschall, e mais nada. A história dos documentos prendia-se às relações que tivera com um oficial do Estado-maior de Reichswehr, cujo nome fora citado com frequência em certo processo de espionagem. Entretanto, Etzel pôde provar-lhe que durante um determinado período, entre tal e tal data precisas, ela via Lorriner quase diariamente. Provou-lhe também que, a par desse oficial, frequentara também assiduamente a um certo agente bastante conhecido da polícia secreta, a serviço de uma facção da direita. Fora vista em sua companhia em Leipzig, por exemplo. Ela apertou os lábios com ar de desafio. Disse que começava a se fartar das impertinências dele e não tardaria a mandá-lo botar pela porta afora. Ele mirou-a com olhos muito abertos.

— Ah — exclamou, sem apoiar sobre a sílaba.

Mais nada. Ela sabia o motivo dessa obstinação. Um dia, sua paciência pareceu ter-se esgotado.

— Teu amigo Lorriner é um porco — disse-lhe com brutalidade. — Cumprimenta-o de minha parte e dize-lhe que não passa de um suíno. Continua a te arrastares a seus joelhos e a venerá-lo como um deus, se assim o desejas, mas ficarás sabendo o que penso a seu respeito.

E, na visível intenção de roubar-lhe todas as ilusões de um golpe, declarou-lhe com uma ironia maldosa que Lorriner lhe entregara os papéis em troca da soma de dez mil marcos; continham o plano detalhado de um golpe de Estado, acompanhado de traçados topográficos e de uma lista de proscrição que contava cerca de quatrocentos nomes. Etzel nem pestanejou.

— Estás te divertindo à minha custa, Pierrot. Em primeiro lugar, que teria feito Lorriner desse dinheiro? Onde o teria empregado? Seguramente, não o quereria para si. Depois, todo mundo o sabe

incapaz de semelhante vileza, mesmo embriagado. Que há por trás de tudo isso? Fala, Pierrot, ou te arrependerás. Juro que te arrependerás.

Ela replicou: — Basta de falatório. Guarda as ameaças para tua lavadeira.

Ele apelou então para a sua consciência. Adulou-a, exigiu-lhe detalhes e mostrou, à medida que estes eram fornecidos, o que continham de inverossímil até que, colocada ao pé do muro, ela concordou que sua memória a enganara, que se tratava de soma menos elevada. Numa palavra, os dez mil marcos ficaram reduzidos a quinhentos. Etzel riu-lhe na cara.

— E imaginas que eu vá acreditar que um Lorriner venderia sua alma por quinhentos marcos? — exclamou. — Que há por trás disso tudo, Pierrot? Que há por trás disso tudo? Ela obstinou-se. Nada mais podia dizer. Ao que parece, Lorriner encontrava-se na ocasião em dificuldades financeiras. Um dinheiro que esperava há meses não chegava. Uma família a quem prometera auxílio morria de fome. Ele mesmo estava doente, podendo apenas manter-se de pé. Essa versão tinha ao menos certa plausibilidade.

— Dera-lhe os documentos originais ou apenas as cópias? Ou limitara-se a mostrá-las sem entregá-las? — perguntava Etzel, como num inquérito judicial. Ela debatia-se e fingia não se recordar de mais nada.

Que haveria, de fato, por trás de tudo isso? O projeto que nessa ocasião formara e que Lorriner fez depois fracassar, com um simples gesto, assaz brutal, contudo (queremo-nos referir a uma confrontação entre Lorriner e Emma) — esse projeto não era executável. Seria preciso trazê-los, a um e a outro, de pés e mãos atados. Eis, em todo caso, o que não tardou a lhe aparecer claramente: Lorriner estava possuído de uma paixão insensata, verdadeiramente alucinada. No momento em que parecia cansado das conquistas fáceis e da monotonia de aventuras que não forneciam pasto novo ao seu

sensualismo instável, turvo e inquieto, Emma (bailarina e atriz!) surgira em seu caminho, qual uma aparição vinda de outras esferas. Que aquele homem sinistro, de instintos inequívocos, não tenha despertado o interesse da caprichosa Emma, de coração frio e pretensões mundanas, que ela se tenha rido de suas homenagens, caçoado de sua insistência e, votando um santo horror a tudo quanto de longe se assemelhava a uma obsessão, o tenha finalmente despachado — eis o que saltava aos olhos. Todo o romance podia ser reconstituído baseando-se no caráter de cada um dos personagens. Menos explicável, porém, era o ódio implacável que ela lhe votava. Nenhum mal lhe causara. Na verdade, toda a culpa no caso cabia a ela, não apenas por se ter recusado, como se fora um anjo em quem não se tem o direito de tocar (daí derivava, provavelmente, a convicção ardente e assaz ridícula de Neil Marschall no tocante à sua “inocência”), como, também, por ter usado de seu poder de sedução para atraí-lo a uma conspiração política e, sobrepondo-se a toda a aversão que ele lhe inspirava, para representar o papel da Dalila que desviriliza um Sansão importuno. Parecia que, ao lado dessa ignóbil missão, uma outra lhe houvesse sido confiada: a de vingar-se nele de todas as suas irmãs que ele enganara e cobrira de ignomínia. Estas coisas acontecem. Existe a solidariedade do sexo. Portanto, Lorriner teve o que merecia, refletiu Etzel, como verdadeiro Dom Quixote da justiça que era. Se bem que se recusasse a admitir que Lorriner fosse, como o proclamava Emma, uma maldição para a humanidade e, para ele, Etzel, em particular, um gênio mau — ali, pelo menos, onde ela atuava como instrumento da vingança, nada mais lhe resta a fazer senão calar e baixar humildemente os olhos. Sente-se como que paralisado. Cai debaixo das rodas e é esmagado.

Tratemos, agora, dos acontecimentos que acarretaram o suicídio de Roderich Lüttgens. Dois ou três dias depois da discussão durante a qual Etzel fora forçado a confessar a Lorriner suas relações com Emma Sperling, surpreendeu-o o aspecto abatido de Roderich. Interrogou-o diretamente e, como amigo que era, solicitou explicações que o outro se recusou a fornecer, obstinadamente encerrado em mutismo. Etzel viu-se portanto reduzido a espionar, servindo-se, como de hábito, de

meios indiretos. Acabou por descobrir que Roderich estava loucamente apaixonado por Emma. Mais um! Como corriam todos para ela! Ainda uma contradição da natureza humana. Era impossível entretanto, vigiá-los todos permanentemente, como se fosse uma governante. Maldita sejam, Pierrot! Aquela noite, no bar, é que desencadeara toda a desgraça. A partir desse dia, Roderich passou a comparecer ao teatro sempre que Emma se exhibia. Após o espetáculo, esperava entre as caixeirinhas de loja e outros exaltados na porta de saída dos artistas, simplesmente para vê-la passar. Todos os dias mandava-lhe anonimamente flores, gastando mais do que o permitiam seus recursos. Conseguiu ser introduzido na colônia por intermédio de Jessie Tinius — que desde então teve de contentar-se com sua amizade fraternal — e ali travou conhecimento com Neil Marschall. Um belo dia, encontrou Emma. Esta, pouca ou nenhuma atenção lhe deu. Visitava Neil com bastante regularidade, ou melhor, vinha frequentemente aonde estava Neil, com quem era impossível estar a sós, pois vivia, invariavelmente, cercada de uma roda de *habitués*, de auxiliares e de solicitantes. Desde esse dia, Lüttgens nunca mais faltou às reuniões. Ficava sentado a um canto, sem abrir a boca. Só Emma existia para ele. Quanto mais se avolumava sua paixão, mais sem esperança lhe aparecia. Fez todas as tolices de costume: escreveu cartas de vinte páginas que não ousava mandar, passou a metade das noites de pé, a observar as janelas da casa da rua da Igreja de São Mateus, onde ela morava, fez versos e comprou todas as fotografias que pôde encontrar. Ora, tratava-se de um desses sentimentos profundos, capazes de arrastar o homem e de transformá-lo, e não de uma mera escravização sensual como no caso de Lorriner. E menos ainda de uma tardia loucura de mocidade. Foi isso precisamente o que Etzel deixou de perceber, quando soube do que se tratava — pois Roderich acabou por abrir-se com ele. Estranha confissão! Estava estirado no leito, as mãos cruzadas sob a nuca, e expunha o estado de espírito em que se encontrava; o futuro aparecia-lhe sombrio, tinha o coração ferido, verdadeiramente desesperado. Apesar de tudo, porém, sentia-se animado, quase alegre, e aceitava sua sorte como uma fatalidade. Só isto poderá, em certa medida, desculpar Etzel de se ter inadvertidamente equivocado quanto à natureza do sentimento.

Jamais algo de semelhante lhe ocorrera e, provavelmente, jamais ocorreria. Eis porque lhe era difícil tomá-lo a sério. Não obstante, compadeceu-se de Roderich. Consolou-o como pôde e conseguiu mesmo despertar-lhe o interesse, aconselhando-o a não desanimar, pois não julgava impossível fazer qualquer coisa em seu favor. No dia seguinte, disse a Emma Sperling: — Escuta, Pierrot, conheço alguém, um bom amigo meu, que tem loucura por ti; vê se lhe dás um pouco de atenção.

No domingo seguinte, após o espetáculo, trouxe consigo a Roderich. Emma soubera entrementes que Lüttgens era o desconhecido que tão assiduamente lhe enviava flores. Isso lhe agradara e a dispusera favoravelmente. Ali estava, pois, um rapaz para quem ela incarnava tudo o que há de belo e de nobre no universo, cujo olhar resplandecia a um simples encontro com o seu, e que, a par de tudo isso, não tinha má figura e trazia um nome conhecido: era envaidecedor. Divertia-a infinitamente ver o interesse de Etzel em servir ao amigo. Coquete e frívola como era, pôs-se a atizar o fogo, em lugar de moderá-lo. Concedia pequenas intimidades que logo a seguir retirava, e uma vez, depois da partida de alguns amigos, fez-lhe um sinal e o reteve a seu lado. Mas isso foi, também, o fim de tudo. Não o recebeu mais. Não quis mais vê-lo, nem ouvir falar dele. Etzel, surpreso, perguntou-lhe o que se passara e por que o despachara tão bruscamente e sem motivo aparente. Ela replicou com brutalidade: — Serei obrigada a suportar como favorito perpétuo esse teu eunuco sentimental? Os histéricos que procurem um sanatório, e não venham deitar-se na cama a meu lado.

— Não compreendo, Pierrot. No entanto, ele tem uma amiga. Devias ter paciência com ele... Então ela pôs-se a rir como uma louca, recostando-se para trás e balançando as pernas à altura do nariz de Etzel, a ponto de obrigá-lo a recuar.

— Gosto de homens decididos que saibam amar, e não de colegas histéricos — disse numa voz cavernosa, que parecia vir do solo.

Durante dois dias, ninguém viu Lüttgens. Deixara um bilhete em casa de Etzel, pedindo-lhe que inventasse um pretexto para explicar aos pais sua ausência. Quando voltou, estava irreconhecível. Os joelhos trêmulos, as faces encovadas, o aspecto do homem que tem um crime na consciência, entrou no quarto de Etzel e ficou de pé, o olhar fixo, sem pronunciar uma palavra.

— De onde vens? — perguntou Etzel.

— Da casa de Lorriner.

— De Lorriner? Estive com ele ontem e nada me disse.

— Cheguei à noite. Dormi no divã.

— E que vais fazer agora? Pelo teu aspecto, dir-se-ia que vais partir de novo.

— Não, preciso esperar meu pai, tenho que falar-lhe.

— Acerca de Lorriner, naturalmente.

— Sim.

— E de que se trata? — Não te posso dizer.

Chegando à porta, Roderich voltou-se, o ar indeciso, sucumbido, e perguntou por fim: — Dize-me, Andergast, há qualquer coisa entre tu e Hilde? — Por que o perguntas? — Responde antes.

— Pois bem, simpatizamos bastante. Nada de sério, não te preocupes.

— Nada de sério — murmurou Roderich, com amargura. — Nada de sério, aí é que está o mal.

— Que queres dizer? Fala logo! E o outro, torturado, o olhar desvairado: — Quero dizer... que é assim mesmo que vivemos... nada

de sério... Vivemos de uma maneira tão ignóbil... — e concluiu com uma nota de vulgaridade na voz: — Bom! Que o céu te proteja, meu caro. Ver-nos-emos esta noite? — Sem dúvida.

Foi a 11 de março, entre cinco e seis horas da tarde, que Roderich teve com o pai a entrevista que não influiu menos sobre sua resolução de acabar com a vida do que o fizeram sua paixão infeliz e as terríveis cenas de ciúmes de Jessie Tinius a esse propósito. Dessa conversa, Etzel não veio a ter conhecimento senão oito dias depois da catástrofe. Em seguida a uma alusão a Hilde, foi procurar o velho Lüttgens, já então mais ou menos restabelecido, o qual não tardou a referir-lhe a conversa.

— Meu filho pedia-me que reabilitasse Jürgen Lorriner em meu jornal — começou, em sua voz fatigada e sofredora. — Estava absolutamente convencido de que os papéis subtraídos a Lorriner eram falsos. Ao que parece, este conseguiu convencê-lo de que se trata de manobra urdida pelo governo, com o fito de confundir a opinião pública. É verdade que esses processos de chantagem tão indignos, pelos quais um partido procura impelir o partido adversário a cometer inconseqüências, estão naturalmente na ordem do dia no cenário político. Como eu objetasse que, nesse caso, aos partidários de Lorriner é que cumpria tomar sua defesa, Roderich alegou que rejeitara a intervenção deles e com suas próprias mãos destruíra todas as possibilidades de salvação. Roderich não sabia explicar a razão disso, e eu mesmo até hoje o ignoro. A verdade, porém, é que não podia colocar meu jornal à disposição de Lorriner pelo simples prazer do sensacionalismo, e sem poder apresentar provas irrefutáveis. Sim, porque eu sou responsável. Tive em mãos o seu artigo, que Roderich me trouxe. Memorial arrasador, de uma extrema habilidade na defesa como no ataque. É provável que teríamos feito uma conquista de primeira grandeza. Não tive confiança, porém. Fui forçado a recuar. Meu pobre filho parecia, de certa forma, ter se comprometido com Lorriner. Foi presa de extraordinário nervosismo e, pela primeira vez, trocamos palavras ásperas. Entretanto, eu não podia fazer o que me pedia. Não podia.

Calou-se e pôs-se a cofiar nervosamente a barba grisalha. Etzel recordou subitamente que Roderich aparentava uma alegria transbordante, naquela sua última noite de vida. Uma alegria igual, um tal desdém pelo fardo da existência, que provavelmente só se consegue depois que se chega a ver claro em si mesmo, refletiu. As Emmas Sperlings, os Lorriners, as Hildes, as Jessies, os pais inexoráveis, os Etzels Andergasts cegos e estúpidos — nada disso existe mais, uma vez conquistada a paz. As torpezas, a estupidez, o fracasso, tudo isso fica para trás. Diante de si, é a paz. Evidentemente, há motivo de sobra para recuperar a alegria perdida. Agora, a morte de Roderich aparecia sob um novo prisma, ou antes, recebia uma nova luz. Fora necessário a Etzel passar por mais de um choque para percebê-lo.

A princípio, Etzel foi incapaz de um raciocínio claro ou de uma ação metódica. A morte trágica de Roderich deixara-o embrutecido, como sucede após uma enfermidade mal curada. Nada haver pressentido e quedar estarecido frente ao fato consumado. Que sofrimento! Que humilhação! Que bofetada no amor-próprio, reduzido a menos do que nada! “Para que sirvo eu?”, lamentava-se intimamente, “se diante de meus olhos — olhos que enxergam mal, é verdade — esses rapazes estouram os próprios miolos, por julgarem irrevogáveis coisas que um pouco de bom senso basta para fazer voltar às suas verdadeiras proporções? Para que sirvo, se os vejo desanimar sem motivo e nem mesmo julgam necessário despedir-se antes de sumir?”. Em suma, seu desespero era intenso, muito mais intenso do que deixava transparecer ou do que o próprio Kerkhoven o supunha. Lorriner fora passar alguns dias em Hamburgo, de onde voltou com os planos completos para o “putsch” de Neukölln, a que em breve nos referiremos e que foi a causa indireta da chegada de Etzel gravemente ferido na cabeça, à clínica de Kerkhoven. Bastante tempo decorreu antes que pudesse deitar a mão sobre Lorriner.

Dir-se-ia que este se esforçava por evitá-lo. Com efeito, durante esse período mudou por três vezes de domicílio, aparentemente para escapar às buscas da polícia. Quando, por fim, se instalou na Rua Glasgower, à sua casa começaram a afluir numerosas pessoas que não

pareciam simples visitas de cortesia. Lorriner tinha um olhar constantemente temeroso e estava muito agitado. Uma noite, ao cabo de meia hora passada em meio a um silêncio prenunciador de tempestade, Etzel pôs-se a falar nos Lüttgens. Então Lorriner pôs-se de pé num salto, agarrou-o pelos ombros, sacudiu-o até quase fazê-lo perder os sentidos e gritou-lhe numa voz áspera e cavernosa: — Ignorava que também fazias o papel de alcoviteira, cachorro... O melhor que tens a fazer é fechar essa goela, pois, se dás uma palavra mais, torço-te o pescoço.

(Evidentemente, chegaram até seus ouvidos ecos da história entre Roderich e Emma Sperling, embora durante todo aquele tempo houvesse guardado silêncio sobre o assunto. Quem lhe poderia ter contado? Fora, talvez, o estado de Roderich a chamar-lhe a atenção. Tal era a força que exercia sobre este, que bem podia tê-lo forçado a uma confissão).

Etzel ergueu-se.

— Tira as mãos de cima de mim! — ordenou em voz baixa. — Tira as mãos, estou dizendo! Podes quebrar-me a cabeça se quiseres. Cabe a mim tomar as precauções necessárias. Encostar-me a mão, porém, nunca mais o farás. Entendido? Lorriner recuou, a cabeça encolhida.

— Quebrar-te a cabeça? — murmurou com seu sorriso fugidio. — Bela ideia! Não pensara nisso ainda. Vejam só as inspirações que tem este rapazola! — Entretanto, essa alternativa não me interessa nem um pouco — continuou Etzel secamente. — *À la guerre comme à la guerre*.³⁸ A única coisa que me interessa, bem sabes qual é. No caso de o teres esquecido, pergunta-o ao outro Lorriner, aquele com quem te deitas toda noite. Quem sabe se te dirá em sonhos? Lorriner levantou os ombros quase até as orelhas. Quis responder, mas foi tomado de violento acesso de tosse. Em pleno acesso, arquejou estas palavras (dir-se-ia que as vomitava): — Quisera nunca te ter encontrado; quisera que me deixasses em paz. Etzel deixou-se cair numa cadeira e enfiou as

mãos nos bolsos das calças: — Foi uma façanha típica das tuas, despachar o pobre Lüttgens para a linha de fogo — disse.

Lorriner voltou-se bruscamente, sem nada ousar replicar.

— Sim, sim — continuou Etzel —, os bons para o papo. Sempre se tira algum benefício. É bastante encontrar alguns imbecis. Depois disso, representa-se o papel de grande homem.

(Tornaremos a ouvir esta mesma voz, em palavras semelhantes. Então, o homem acossado, chegado a um estado de frenesi, tentará eliminar o seu perseguidor; o final, já o conhecemos). Durante um momento, o silêncio reinou. Lorriner ia e vinha, enxugando com o lenço a fronte coberta de suor. Por fim, disse: — Não há passagem da tua esfera para a minha. Eu deveria tê-lo compreendido mais cedo. Vocês são todos iguais. Não há caminho, eis tudo.

— É bem possível — replicou Etzel. — Vocês por seu lado se arranjam para que seja assim. Com ódio nada se pode construir.

Lorriner deteve-se. Estendeu a mão para Etzel e, virando a cabeça, disse: — Não me deixes só, meu velho. Se tens a intenção de fazê-lo, pelo menos que não seja neste momento. Quem sabe se ainda chegarás a ficar contente comigo. Mas não me abandones.

Etzel tomou com hesitação a mão estendida; sua confiança, porém, já se desvanecera de todo.

Acontecimentos há que perduram na memória como visões, já que as verdadeiras visões ultrapassam a realidade em força e duração. Não traduzem apenas uma fração de tempo e um determinado fato, como também um estado universal. O que passa é o que a falta de perspectiva torna falaz e enganador. O que permanece é uma inteligência largamente compreensiva do destino. Quando, mais tarde, Etzel rememorava as horas passadas em meio ao tumulto da revolução mais passiva que simpatizante, mais como espectador que como ator, diante dele surgia a imagem de um homem, e esse homem era ele,

atado ao badalo de um sino colossal, oscilando com ele e com ele atirado de encontro à parede metálica de possante sonoridade.

Era um movimento de grande envergadura. Só se veio a saber que Lorriner agira por sua própria conta depois que a conspiração veio a falhar e que aqueles que até então não lhe haviam poupado sua admiração fizeram recair sobre ele a responsabilidade do fracasso. Lorriner acreditava no êxito de um golpe de força. Se este triunfasse, sua posição estaria garantida, suas culpas redimidas. Logo de início, porém, cometeu um erro, dirigindo-se em primeiro lugar a um grupo da província para angariar fundos. O comitê central sentiu-se burlado com isso. Ordens importantes foram emitidas através de subdepartamentos, tendo como resultado, por exemplo, que as unidades de assalto só foram mobilizadas quando já era demasiado tarde.

Etzel não tinha a menor ideia do golpe em preparo. Não era do número dos iniciados. Nem mesmo como aderente o contavam. Deixavam-no marchar com o grosso do rebanho. Sua atitude pouco definida a ninguém chocava, não apenas porque Lorriner o protegia ou algum outro figurão importante, senão porque, como que por uma espécie de acordo tácito, todos continuavam a admiti-lo como ele era. Além do mais, tinha amigos que, sem levar em consideração suas ideias políticas, tomavam partido a seu favor junto às famílias, nas oficinas e entre os grevistas. Às cinco e meia, ao chegar à casa de Lorriner, encontrou-o de saída, acompanhado de um grupo de adeptos de selvagem determinação. Lorriner fez-lhe sinal de segui-lo. Embaixo, esperava-os um táxi no qual embarcaram. A partir desse momento, Etzel acreditou estar sonhando. Abandonaram o carro numa rua lateral. Lorriner e seus homens desapareceram. Não pôde ouvir o que Lorriner lhe gritou. Viu-se envolvido por uma multidão de muitos milhares de pessoas que o levavam de roldão para a frente. Um cheiro de fumaça de carvão e de suor. A princípio, esses milhares de homens mantêm-se num silêncio inquietante. Súbito, do seio da massa sobe um grito coletivo, a agitação torna-se convulsiva, todos se dispersam aos quatro ventos, enquanto as luzes da rua se apagam.

Etzel avança às apalpadelas, como um cego. A rua está vazia. Dois versos o perseguem como uma obsessão, dois versos que sua avó lhe recitava para agastá-lo, quando era menino: “Sozinho pelo mundo afora, vai o pequeno Etzel”. Viaturas blindadas passam com grande estrépito pela rua agora às escuras; os homens estão eretos, carabina ao ombro, prontos para disparar. Dera-se ordem de apagar todas as luzes nas casas e de atirar sobre os que aparecessem nas janelas. Sombras deslizam ao longo dos muros. Nos cones luminosos dos projetores surgem grupos lívidos, de rostos contraídos pelo furor. Grupos de rapazes muito jovens, abrigados sob os pórticos, assobiam e lançam gritos agudos. Sobre os telhados, silhuetas humanas agachadas destacam-se como figuras em relevo contra o céu iluminado por um clarão sombrio, cruzam-se tiros, explodem granadas de mão, e aqui e ali uma voz surda ordena: “Mãos ao alto!”.

Eis aqui uma praça ondulante de bonés que seus proprietários baixaram sobre os olhos e que lembram plantas fantásticas boiando sobre uma água escura. Etzel atravessa esse inferno de loucura com relativa tranquilidade e sangue-frio. Por mais de uma vez, tem a impressão de ser transfixado por balas que não vê partirem. Nem a hora, nem o caminho a seguir o preocupam. De repente, sente que o tomam pelo braço; trata-se de uma moça que trabalha na Cruz Vermelha e que conheceu por intermédio de Hilde Lüttgens. Sem uma palavra, ela o conduz até à Rua Berg, empurrando-o para dentro de uma casa. Supondo vê-lo extraviado, conduziu-o à presença de seu amigo Lorriner. No canto de uma peça que mais se assemelha a um vestibulo que a uma sala, algumas velas ardem sobre uma longa mesa diante da qual Lorriner está sentado, escrevendo. Evidentemente, redige ordens. A todo momento, rapazes entram e saem do aposento; alguns estão imóveis em volta da mesa. Trata-se, sem dúvida, da sede do partido, de uma espécie de quartel-general. Etzel aproxima-se da mesa e, as mãos atrás das costas, demora-se contemplando a cena. Uma única vez, seus olhos cruzam os de Lorriner e, ao cabo de um longo minuto passado assim, torna a partir. Vai de encontro a uma barragem de homens da Schupo que o deixam passar, após lhe terem feito algumas questões. Depois, mergulhado em seus pensamentos,

regressa à cidade. Até meia-noite, vagueia sem rumo, após o que se põe à procura de Lorriner pelos diferentes bares, tabernas e cafés que ambos costumam frequentar. Não o encontra em parte alguma. Por volta das três da manhã, encontra por acaso um certo Kahlbaum, um dos que à tarde vieram em busca de Lorriner, e este lhe informa que o chefe se encontra num cabaré da Rua Windhuk. Para lá se dirige. O ambiente enfumaçado lembra o de uma taberna. Nem uma alma, além de Lorriner. Este tem os cotovelos apoiados na mesa engordurada, a cabeça entre as mãos. Nem mesmo cumprimenta a Etzel, quando este toma lugar a seu lado. Tem o olhar fixo e os olhos injetados de sangue. Meia hora se escoia sem que nenhum dos dois profira uma só palavra. Então, aparece o proprietário do bar, que os põe para fora. Depois de ter caminhado perto de trezentos metros pela rua inteiramente deserta, Etzel detém-se e diz, em meio ao silêncio noturno: — Então, a fornalha ardente era um utensílio inútil, Lorriner. Vamos jogá-la de lado. Compreendo que é mais prudente ficar nos escritórios da direção e combater com a pena do que trepar pessoalmente sobre as barricadas. É desagradável, não nego. Coloco-me em teu lugar e o reconheço. Os outros que deem suas vidas. Estão aí para isso.

Provocação sem precedentes. A ironia que ela manifesta exprime uma decepção definitiva, incurável. Nova ruptura. Nova recaída. É um desses momentos em que no espírito se produzem alterações cujo efeito só muito mais tarde irá deixar de se fazer sentir.

Postado diante de Lorriner, fixa-o com os lábios trêmulos. Depois, dá meia volta para prosseguir o caminho sozinho. Lorriner solta um gemido. Procura algo no bolso, tira um punho de ferro americano, levanta o braço e por três vezes golpeia com toda a força a cabeça de Etzel. Quando o companheiro, estendido no solo, deixa de fazer qualquer movimento, o assassino meneia a cabeça com satisfação. E esse movimento de cabeça significa: “Agora me deixarás em paz”. Depois, prossegue seu caminho, indiferente.

Pelo espaço de uma hora e meia Etzel ficou estendido no chão, desfalecido. Sua cabeça pendia por sobre a borda da calçada. Durante

todo esse tempo, ninguém passou por ali. Quando recobrou os sentidos, o dia clareava. Rastejando pela calçada, apoiou-se ao muro de uma casa, estancou como pôde o sangue com o lenço e arrastou-se até à Rua d'África, onde um táxi que passava o recolheu.

Durante os primeiros dias em que se viu condenado a ficar estendido e imóvel, tratou de pôr um pouco de ordem em si mesmo. Era realmente necessário. Seu espírito podia ser comparado a uma loja em vésperas de liquidação. Meditou longamente sobre o caso Lorriner. Não experimentava o menor sentimento de cólera contra ele. Refletia: “Julgando-o sem preconceitos, esse homem estava em posição de legítima defesa. Se alguém me fizesse outro tanto, perseguindo-me até fazer de mim um segundo Arnaldo de Winkelried (o que na realidade nada teria de agradável) é provável que perderia também a paciência. Olhando de mais perto, vejo que pouco ou nada compreendi da realidade das coisas, que nada aprendi de novo e que me comportei, em suma, como um imbecil”. Tendo chegado a essas conclusões, escreveu a Lorriner uma carta muito amável, muito seca, na qual o informava considerar o triste incidente como não ocorrido. Mas, no interesse de ambos, julgava preferível que não voltassem a se ver. Evidentemente, a influência crescente que o convívio e a presença tranquilizadora de Kerkhoven vinham tendo sobre ele facilitou consideravelmente essa decisão. Uma estranha timidez apoderara-se dele e acontecia-lhe frequentemente, sobretudo à noite, ter de defender-se contra a angústia que lhe oprimia o coração, como se lhe faltasse a força necessária para suportar as provações que o aguardavam. Do fundo das trevas subiam apelos que lhe chegavam a princípio quase indistintos, aos poucos se tornavam mais fortes, como uma advertência, e finalmente faziam-se impacientes, imperiosos. Respondia: “Que querem? Acaso não estou aqui? Não pretendo abandoná-los”. Por fim, tapava os ouvidos com as mãos para não ser mais condenado a ouvi-los. Trêmulo, banhado de suor, esperava clarear o dia, e quando chegava a claridade, aguardava a visita de Kerkhoven com uma dolorosa impaciência. Sendo dotado de um ouvido extremamente sensível, distinguia os passos de Kerkhoven desde que este despontava no fundo do corredor. Cravava então os

olhos na porta, sentindo o pulso acelerar-se. Finalmente, a porta se abria para dar passagem àquela silhueta alta de frente magnífica e olhar de expressão intraduzível. E essa aparição — pois verdadeiramente se podia classificá-la como tal — dissipava os fantasmas da noite e das trevas.

Se foi infiel à sua resolução de não rever Lorriner e voltou a precipitar-se num perigo mais sério que o primeiro, a causa foi um enfraquecimento dos instintos, devido à desagregação de todo o seu edifício moral. Por intermédio de Emma Sperling, que sabia por Neil Marschall de sua presença na clínica de Kerkhoven, teve conhecimento de que Lorriner abandonara sua moradia para refugiar-se num outro ponto da cidade. Lorriner tinha motivos para procurar esconder-se durante algum tempo, e o atentado contra Etzel não era o que mais o inquietava, visto não ter razão para temer de sua parte uma denúncia ou qualquer outra forma de represália. Neil Marschall acolheu Lorriner de braços abertos. Tomou todas as medidas possíveis para sua segurança. Para evitar-lhe encontros desagradáveis, instalou-o em sua própria residência, num aposento isolado, ocupando-se dele e fazendo-lhe companhia em suas horas vagas. Admirava-o com uma impetuosidade de que poucas mulheres teriam sido capazes. A par disso, em torno dele e de tudo quanto dizia respeito à sua existência, tecia uma rede de fantasias incríveis na qual ela própria se deixava envolver e que em nada concordava com a realidade. O mesmo se passava, aliás, em suas relações com a maioria das pessoas e dos acontecimentos: deixavam-se guiar pela ilusão e eram inspiradas num otimismo voluntário que derivava de sua origem americana e de sua educação. Se alguém lhe houvesse provado que desperdiçava seu entusiasmo em benefício de quem não o merecia, sua resposta teria sido um sorriso de desprezo indignado. Como era dotada de uma sagacidade e de uma faculdade de penetração incomuns, é possível admitir que guardasse, em algum recanto secreto de sua mente, a noção exata das coisas, mas não queria tomar plena consciência desse fato e evitava deliberadamente que a luz se fizesse sobre ela. Primeira ficção: Lorriner, grande gênio político que se desmantela ao chocar-se contra a inveja e a ingratidão de seus contemporâneos; segunda ficção:

esse grande homem é não apenas ignorado, como ainda ensombrecido por um amor trágico e sem esperança. O objeto desse amor encontrava-se naturalmente sob o véu de uma terceira ficção: Emma Sperling, altiva e casta criatura que tem a arte como única finalidade, sonâmbula, comovente, a quem é preciso evitar arrancar ao seu doce estado de transe. Cometeria um grave erro de apreciação quem pretendesse ver em tudo isso uma trama de falsidades, voluntariamente urdida em vista de algum fim utilitário. Se Neil se agarrava com uma energia obstinada a essas invenções poéticas, é porque representavam para ela uma necessidade vital, contra a qual não somente todas as críticas como também os fatos reais revelavam-se absolutamente impotentes. Quanto a Emma, deixava-se idealizar com uma complacência serena e feliz. Nada ganharia em destruir esse personagem de conto de fadas que encarnava aos olhos de Neil. Ademais, devia ser grata a esta por diferentes benefícios que lhe prestara. Julgava-a imensamente rica e, a par disso, tinha por ela uma afeição de animal doméstico. Contradizê-la era algo de impossível; tampouco se podia chegar a querer-lhe mal. Era uma amiga verdadeiramente dedicada, cuja única felicidade consistia em poder prestar auxílio aos seus amigos e desdobrar-se para servi-los. Fato a proclamar em voz alta e em qualquer ocasião.

Era talvez a única pessoa em quem Lorriner depositava confiança. Aceitava sua adoração com uma gravidade de paxá, resmungando às vezes um pouco. Ouvia em silêncio as admoestações que ela lhe fazia sobre sua vida desregrada, sobre a impetuosidade desastrosa de seu temperamento, e parecia mesmo contrito, por instantes. Fazia-lhe às vezes confissões comprometedoras, até certo ponto sinceras, satisfazendo com isso seu gosto de automortificação. Durante os dez dias em que ela o hospedou, teve crises de séria depressão que inopinadamente davam lugar a violenta exaltação. Não compreendia a natureza do mal que o afligia, e tampouco o mencionava a quem quer que seja. Desde a primeira noite, ele lhe deu a entender ter havido entre Andergast e ele uma explicação definitiva. A lembrança do ocorrido parecia atormentá-lo, não cessava de referir-se ao caso e acabou por confessar que a coisa não acabara bem para o rapaz.

— Como assim? — indagou ela, aflita. — Conta.

Então ele contou tudo. Neil ficou aterrorizada. Como se limitasse a relatar os fatos, sem expor os motivos, e como, muito embora o tivesse em alto apreço, e ela não pudesse escusá-lo de todo de um atentado criminoso, não lhe restava senão acrescentar uma nova fantasia à sua coleção. Conhecia as profundas divergências de opinião existentes entre ambos. Por outro lado, não ignorava que entre Etzel e Emma Sperling existiam relações que, por inocentes que fossem a seus olhos, não podiam deixar de ser para Lorriner (tal como ele as via) uma fonte de torturas morais intoleráveis, a tal ponto que acabara perdendo a cabeça e procurando desfazer-se do rival — rival nos dois sentidos da palavra. Desses dois motivos, nasceu a quarta ficção: Etzel Andergast, espírito satânico, mefistofélico, que traía o amigo e punha em perigo o personagem de conto de fadas, o ser etéreo. Foi essa versão da realidade que determinou a atitude que manteve em suas conversas com Kerkhoven.

A carta de rompimento de Etzel conduziu Lorriner a um estado de furor indescritível. A boca espumante, jurou que torceria o pescoço daquele canalha. A primeira lição podia não ter atingido seu objetivo, mas a segunda não poderia falhar. Entretanto, essa explosão serviu justamente para revelar os fios secretos que o prendiam a Andergast. Em seu subconsciente, havia esperado uma reconciliação. O ser junto ao qual podia exprimir-se humanamente, aos olhos e ao espírito do qual aparecia de certa forma como ressuscitado, retirava-se, deixava-o, abandonava-o ao seu destino tenebroso, ao seu monstruoso destino. Era um ato mau e absolutamente inadmissível. Diante de uma falta semelhante, de que valia a advertência que lhe fora ministrada? Eram coisas que acontecem entre camaradas. Neil Marschall estava inquieta. Pressentia que, mais cedo ou mais tarde, Lorriner desejaria recuperar a liberdade, e passaria da ameaça à ação. Assim, incumbiu a Emma Sperling de prevenir Etzel que o melhor que tinha a fazer era abandonar por algum tempo o país. Emma era da mesma opinião, e foi visitar Etzel na clínica.

Todos eram unânimes em prevenir a Etzel contra Lorriner, cujas atitudes inquietavam e que todos os conhecidos evitavam. Voltara a instalar-se na Rua Glasgower, onde ficava trancado o dia inteiro. À noite, errava pelas ruas. Sim, é este precisamente o termo que convém: errava pelas ruas, como um lobo, à procura de Etzel. A lembrança de Etzel dominava-o exclusivamente. Apregoava a quem quisesse ouvi-lo que em breve acabaria com ele. Era sua ideia fixa. Etzel não experimentava o menor receio. A princípio, ria-se dessas advertências. Pouco a pouco, porém, invadiu-o a sensação de estar cercado e acochado por todos os lados. Em seu íntimo, qualquer coisa se distendia e fraquejava. Consigo mesmo, refletiu: “Estás ficando covarde, E. A., (assim costumava designar-se a si mesmo: E. A.) e te deixas apavorar por um espectro; isso não pode continuar assim”. Sentia-se desamparado, e era vítima de alucinações. Dir-se-ia presa de uma vertigem moral. No dia em que almoçou em casa de Kerkhoven, informara a Lorriner de que iria procurá-lo. Era preciso “acabar com ele, de uma forma ou de outra”, dissera a Marie. A ideia de levar consigo a Emma Sperling não lhe ocorreu senão à última hora. Duvidava, é verdade, de poder pôr em prática o seu plano e contava com a recusa da rapariga. Não via, aliás, muito claramente até onde o levaria tudo aquilo. Era a velha mania de confrontação que voltava a persegui-lo. A obsessão da justiça. A culpabilidade de Lorriner, no caso dos documentos, não ficara completamente demonstrada. “Se é preciso chegar a um ajuste de contas”, refletia, “que seja ao menos um ajuste integral”. Na perturbação em que se agitava seu espírito, não percebia que, havia muito, já não se tratava mais de um simples ajuste de contas.

Teve de esperar mais de uma hora por Emma. Quando esta chegou em casa, encontrou-o sentado diante de um monte de pétalas de crisântemos. Em seu nervosismo, tirara do vaso sete ou oito dessas flores e desfolhara-as uma após a outra. Agora aquele espetáculo entristecia-o. Era a Emma, não às flores, que gostaria de maltratar. Desde a morte de Roderich, sentia por ela uma profunda aversão. Não lhe deu tempo para exprimir seu descontentamento. Ergueu-se vivamente e expôs-lhe o motivo de sua vinda. Ela conservou-se calada.

A expressão de Etzel, sua voz, seu olhar, impressionaram-na a tal ponto que o coração deixou por um momento de bater. Etzel tomou-a pelo pulso para arrastá-la consigo. Ela gritou: — Por Deus! Espera ao menos que eu me arranje um pouco.

Correu para o espelho e “arranjou-se”. Enquanto isso, refletia. Apoiou o rosto entre as mãos e lançou sobre ele um olhar receoso. Etzel estava trepidante de impaciência. Disse-lhe então: — Se não tivesses perdido a cabeça, não te seguiria. Mas, já que a perdeste de todo, vamos. A caminho! A curiosidade e a sede de sensações tinham vencido sua resistência. Todavia, se houvesse podido prever o final daquela aventura, nada poderia tê-la decidido a acompanhá-lo. Nem mesmo o medo que lhe inspirava. A fisionomia de Lorriner tornou-se terrosa, quando avistou Emma. A princípio, pareceu nem mesmo se aperceber da presença de Etzel. Recuou lentamente até à janela. Com a mão direita segurou-se ao trinco, estendeu a esquerda a Etzel e, numa voz sibilante, dirigiu a Emma três perguntas, às quais ela não respondeu senão por uma breve inclinação de cabeça. Era como se, ao mesmo tempo que julgava inútil negar, sucumbisse ao sortilégio do momento. Sua atitude tinha mesmo algo de voluptuoso e traía um sadismo cruel. Sim, é verdade que ela o enredara em suas tramas. Sim, é verdade que o fizera embebedar-se. Sim, é verdade que lhe roubara os papéis do bolso. E daí? Que mal havia nisso? Lorriner inclinou-se diversas vezes diante dela, acompanhando cada uma de suas reverências de uma risada intimidante. A seguir, voltou-se para Etzel, agitando os braços no ar: — E então, barão, que me dizes desta cadela? Olha bem para ela, para esta ordinariazinha. E não me venhas com conversas sobre integridade.

Inesperadamente, arrojou-se aos pés de Emma, golpeando diante dela o chão com a cabeça. Em seguida, arrancou a roupa que vestia. Foi o começo da crise.

CAPÍTULO XIII

Kerkhoven instalou Lorriner na ala de sua clínica destinada aos pensionistas. Temporariamente, pelo menos, não cogitava de transferi-lo para um estabelecimento público. Tinha suas razões para guardar ainda em segredo as ideias que esse caso lhe sugeriu, assim que todas as circunstâncias e a sucessão dos fatos lhe foram revelados em detalhe. Etzel inquietava-o muito mais. Tinha o aspecto do homem que se empenha com toda energia em não deixar transparecer que chegou ao limite de suas forças. Quando Kerkhoven lhe perguntou um dia se se sentia doente, refletiu um momento e disse: — Infelizmente, não.

— Como assim infelizmente? — No fundo, nunca estive verdadeiramente doente. Isso me seria talvez útil no momento presente. Dentro de mim sinto circular qualquer coisa, demasiado covarde, ao que parece, para me permitir tomar uma decisão.

— Em princípio, não deixa de haver algo de verdade em tudo isso — replicou Kerkhoven. — Se as criaturas fossem dotadas de suficiente sagacidade para sentir aproximar-se o momento crítico para suas funções orgânicas, elas obrigariam o seu ser físico a uma certa forma de sinceridade, com isso impedindo, talvez, o acúmulo traiçoeiro das toxinas fatais. A virulência dos germes não passa muitas vezes de uma consequência da preguiça de nossos sentidos. Esse fato não deixa de ter relação com o fundamento instintivo natural de que falamos ultimamente. Nesse terreno, a ciência apenas ensaia os seus primeiros passos.

— Posso dizer-lhe o que sinto, mestre? Apenas, peço-lhe que não caçoe de mim: tenho uma sensação roxa. As criaturas, eu mesmo, todas as coisas produzem em mim uma impressão roxa.

— Hum! — murmurou Kerkhoven, surpreso, enquanto duas rugas lhe apareciam na testa.

“O que há de mais lamentável em tudo isso”, refletia Kerkhoven, “é que, em seus diferentes abrigos ocasionais, tenham faltado

sistematicamente a esse rapaz os cuidados, as atenções, as precauções que tanto bem lhe teriam feito no estado em que se encontra atualmente”. Tudo isso ainda poderia ter encontrado em casa dos Lüttgens, mas havia muito que os deixara, depois de ter rompido sua ligação com Hilde. Atualmente, vivia num segundo andar da Rua Motz, em casa de uma Senhora Blaustein, irmã desse mesmo Max Mewer a quem em outro local nos referimos. Mewer, rapaz feio e insignificante, de pronunciado tipo judeu, trabalhava nos escritórios de um hebdomadário que aparecia às segundas-feiras. Em suas horas livres, preenchia junto a Neil Marschall as funções de secretário. Este emprego lhe fora arranjado por Etzel, que o sabia pobre como Jó e incapaz de desvencilhar-se por si só. Agora, em seu cartão de visita exibia orgulhosamente: Max Mewer, homem de letra, secretário da colônia independente de Britz. Em sinal de gratidão, conseguira para Etzel alojamento em casa de sua irmã, até há pouco ocupado por um engenheiro sueco. Verdadeiros quartos de grão-senhor, ambos com vista sobre um parque, assegurava Mewer. Um parque na Rua Motz valia o incômodo de uma viagem. Quando Etzel, acompanhado de Mewer, chegou ao local e olhou pela janela, viu cinco árvores raquíticas cuja folhagem anêmica disfarçava pudicamente uma oficina mecânica situada em frente, embora sem poder abafar os golpes de forja que cortavam o ar com um movimento ritmado.

— E onde está o parque? — indagou Etzel, no tom de quem não esquece os termos de um contrato.

— Um parque? Digamos um jardim — retificou Mewer, ligeiramente embaraçado.

— Mas é que tampouco vejo um jardim.

— No entanto, as árvores aí estão! Não chamas a isso um jardim? — Para ser franco... eu chamaria a isso uma forja cercada por um matagal — disse Etzel secamente. Contudo, alugou os quartos.

Kerkhoven visitou-o uma manhã, antes da hora de seu consultório. Queria ver como estava instalado, e se o quarto era diferente desses alojamentos de estudantes que representam um verdadeiro inferno para os nervos. Nunca até então o visitara em sua morada e, no entanto, estava certo de que, mesmo num abrigo improvisado, num alojamento provisório, poderia surpreender um reflexo da personalidade e da figura moral de Etzel. Com efeito. Ali se podia encontrar ao mesmo tempo a desordem da indiferença e o mais escrupuloso cuidado. Um quarto de dormir liliputiano, de teto inclinado, onde uma cama de bronze punha uma nota de ridícula suntuosidade. Não havia armário, a roupa estava pendurada em cabides ao longo de um trilho de ferro, como nas alfaiatarias. Quatro pares de sapatos metidos nas respectivas formas; os objetos de toalete, reluzentes de limpeza, cuidadosamente dispostos sobre a cômoda; o gabinete de trabalho, superlotado de móveis antiquados, onde as cadeiras e o sofá, forrados de seda rosa desbotada, estavam sobrecarregados de livros, brochuras e cadernos. Havia livros empilhados sobre o tapete gasto, nas prateleiras, pelos cantos. Muitos estavam abertos, mostrando nas margens anotações feitas a lápis. Dicionários científicos, um manual de anatomia, os *Costumes dos insetos*, de Reuter, um romance de Joseph Conrad, tratados políticos, pirâmides de cartas amarradas em pacotes. Junto à estufa, um colchão com os travesseiros afundados, como que recentemente usado. Uma desordem integral. Etzel, ainda de pijama, estava sentado na borda da janela, tomando sua primeira refeição. Como não havia um centímetro quadrado livre nas duas mesas, pousara a chávena de chá sobre o parapeito da janela; o pãozinho que a acompanhava não fora tocado. A chegada de Kerkhoven fê-lo arregalar os olhos de espanto. Apressou-se a transferir uma pilha de livros da cadeira para o sofá, a fim de fazer lugar ao visitante inesperado. Pôs-se a falar de coisas absolutamente incoerentes, correu sem motivo até o dormitório e voltou. Sua excitação era tamanha que nem mesmo sabia o que fazia. Kerkhoven tomou-o pelo braço e interpelou-o com brusquidão: — Calma — disse. — Que tem você, rapaz, por que perde a cabeça desse modo? Essa rudeza surtiu o efeito desejado. Etzel sentou-se sem dizer uma

palavra. Tendo lançado um olhar perscrutador àquela fisionomia marcada pela insônia, Kerkhoven perguntou a que horas se deitara.

— Às quatro e meia — respondeu, baixando os olhos. E, como Kerkhoven se calasse, acrescentou com um movimento de ombros que naqueles últimos tempos não sentia necessidade de dormir muito, parecendo-lhe perigoso deixar-se dominar pelo sono; três ou quatro horas era o máximo, depois disso qualquer coisa o impelia a levantar-se. Devia tomar calmantes? — Em absoluto — replicou Kerkhoven, indagando a seguir quais eram os assuntos urgentes que o obrigavam a escamotear assim suas noites de sono. Perguntou também onde estivera até tão tarde naquela noite.

— Na cidade — respondeu Etzel.

— E por quê? Aconteceu algo de interessante por lá? — quis saber Kerkhoven. — Não quero forçá-lo a confidência, mas talvez possa informar-me espontaneamente — acrescentou.

Etzel fitou-o, com um fogo estranho nos olhos.

— Um desses dias falaremos a respeito, mestre; neste momento, seria prematuro. Virei procurá-lo, esteja certo. Por acaso não o faço sempre que me encontro em apuros? Depois, ao fim de uma pausa: — Como vai Lorriner? Quais são os seus prognósticos? Que pensa fazer com ele? Kerkhoven ergueu-se e olhou o relógio.

— Eis aí algo que eu não poderia explicar em duas palavras — respondeu, o olhar distante. — Teria muito que dizer a esse respeito.

Estendeu a mão a Etzel e, designando com o queixo a xícara de chá, disse em tom reprovador: — Demasiado frugal. Por que não se alimenta convenientemente? Acaso pretende demonstrar ao corpo que não depende dele para viver? Etzel coçou o nariz. Não tinha apetite, disse para desculpar-se. E não o lastimava, pois precisava fazer economias.

Esta última observação fora feita, é certo, em tom de brincadeira. Mas, não fez senão confirmar as suspeitas de Kerkhoven, que estava convencido de que, de algum tempo para cá, as finanças de Andergast andavam em estado assaz precário. Um olhar sobre a mesa de trabalho revelara-lhe, entre outros papéis, a presença de uma cautela da Casa de Penhores. Na certa, estava completamente sem dinheiro, embora o mês não passasse ainda da metade e, quem sabe mesmo, endividado. Era de uma liberalidade excessiva. Distribuía sem contar, sem controlar, como se fosse uma inconveniência ter no bolso mais que o necessário para o dia seguinte. “Que aborrecidos são os problemas dessa natureza”, dissera certa vez a Kerkhoven. “Como é desagradável ser obrigado a refletir antes de meter na mão de alguém uma nota ensebada com que possa matar a fome ou comprar um capote para o frio. É exasperante. Não se compreende que haja criaturas que admitam essa situação, ou melhor, compreende-se tudo o que outros fazem para não admiti-la”. Assombrosa simplicidade a tua, Etzel Andergast! Faz-nos recordar um pouco o camponês Akim do *Poder das trevas*, de Tolstói. Também ele expõe ideias semelhantes de economia política no estilo de *Kannitverstan*.³⁹

Kerkhoven refletiu: “Não lhe posso ser de nenhuma utilidade em suas dificuldades financeiras. Um simples oferecimento de minha parte iria atingi-lo em seu ponto mais sensível. Jamais aceitaria contrair tal espécie de obrigação para comigo. Como encontrar um meio de ajudá-lo? Ele representa o lugar geométrico de todas as misérias, de todas as desgraças imagináveis, e é um prodígio que pessoalmente continue, a bem dizer, invulnerável a elas”. O estado moral em que encontrara o rapaz preocupava-o mais do que ele mesmo o queria admitir. Aquela imagem o perseguia, influía sobre seus atos e palavras. Sentia existir ali um desgarramento da personalidade, uma impaciência e uma perplexidade profundas, uma ferida interior cuja localização era impotente para descobrir. Que partido tomar? Que fazer com ele? Como defendê-lo contra si mesmo e impedi-lo de complicar cada vez mais sua vida? Aparentemente, havia ainda algo de misterioso, relacionado com a colônia, algo que ao mesmo tempo o apaixonava e perturbava, e que provavelmente dizia respeito a Lorriner.

Evidentemente, o caso não ficara encerrado para ele. Era preciso que levasse as coisas até o seu extremo limite. Tratava-se de uma exigência de seu temperamento. Kerkhoven revia o rosto intumescido pela insônia, as pálpebras frementes, a pele reluzente de um brilho malsão. Censurou-se pela própria apatia e por não ter tomado a sério o estado do rapaz. Sentia-se responsável por ele e, desde o momento em que constatou plenamente essa responsabilidade, aceitou-a como a mais imperiosa de suas obrigações. Essa noção recente perturbava-o extraordinariamente, como se tivesse feito uma promessa cujo cumprimento ameaçasse exceder suas forças. Considerou toda espécie de projetos. Instalá-lo na clínica, num pavilhão isolado, por exemplo, onde pudesse recuperar suas forças e ser fiscalizado sem o perceber, sobretudo no tocante a sono e alimentação, era algo de que nem mesmo se podia cogitar. Etzel jamais aceitaria de bom grado o papel de paciente. Aproveitaria a primeira ocasião para escapar. Ademais, a atmosfera de psicoses em que teria de viver era demasiado perigosa, para não falar na agitação em que o colocaria a vizinhança de Lorriner. Restava a Kerkhoven outra solução: hospedá-lo em sua própria casa. Esta era bastante espaçosa, alguns cômodos estavam mesmo totalmente inutilizados. Quando Marie ficava em Lindow, todos os quartos, exceto os de Kerkhoven, permaneciam fechados. Além de tudo, dando sobre o pátio havia duas peças, desabitadas há anos, que guardavam o mobiliário trazido do primeiro casamento de Kerkhoven. “Quem sabe lhe agradaria viver comigo”, refletiu Kerkhoven. “Não será mesmo esse o seu desejo secreto? É verdade que terei de prendê-lo mais fortemente a mim para que não seja tentado a reunir-se ao seu antigo grupo. Porém, que dirá Marie de tudo isso?”. Não encontrava a coragem necessária para tocar-lhe no assunto. A antipatia que por mais de uma vez manifestara por Etzel não teria impedido Kerkhoven de fazê-la aceitar seu projeto. Uma palavra sua, e ela teria acedido, embora a contragosto. Acaso não estava habituada a confiar nele em todas as ocasiões importantes de sua vida e a silenciar seus próprios desejos? (Seja dito de passagem que considerava esse fato tão natural que contava com ele como um fato consumado. Não se veja nisso a consequência de uma vulgar presunção de esposo, senão de uma espécie de confiança petrificada, tornada inquebrantável com o tempo,

e que passa a fazer parte integrante da própria existência. Apenas um detalhe foi negligenciado, a saber, que essa confiança foi outrora uma força viva, isto é, recíproca, e que mais tarde se descuidou de verificar se não carecia de alimento e renovação). Quando se tratava de hospitalidade, Marie estava disposta a todos os sacrifícios. O dever de hospitalidade representava a seus olhos uma tradição sagrada, que herdara do pai, e em cuja prática fazia entrar um ardor e uma generosidade quase excessivos. Muito embora soubesse de tudo isso, Kerkhoven adia sempre o momento de abordar o assunto. Marie vivia agora tão ausente, como que encerrada em uma concha. Estava constantemente fatigada, guardando o leito horas a fio. Lia durante meia hora, após o que o livro escorregava-lhe das mãos e ficava indefinidamente com o olhar perdido no vácuo, a fisionomia severa e impassível. Se indagava como se sentia, se podia fazer qualquer coisa por ela, esboçava um sorriso fugidio e suave, e logo uma gravidade imóvel, quase solene, voltava a pintar-se em seus traços. De uma vez, fizera vir Aleid de Dresden por dois dias. A exuberância da menina fatigara-a. As visitas não representavam uma tortura menor para ela e, sempre que possível, evitava recebê-las. Já não experimentava a menor curiosidade pelas pessoas que a cercavam. Mesmo aquelas por quem sentira amizade e que a haviam interessado, hoje a aborreciam. Mesmo se lhe traziam flores, deixavam-na indiferente. Kerkhoven inquietava-se com isso. O fato de não vê-la exteriorizar nem desejo, nem aborrecimento, ainda aumentava mais sua preocupação. O mais angustiante era aquela calma, aquela placidez, aquele desejo de apagar-se. Ora, um dia em que, sentado junto ao leito, tomara-lhe entre as mãos os dedos, eis que espontaneamente ela se informou sobre Andergast.

E quando respondeu que ia mais ou menos, não muito bem, que diferentes sintomas faziam temer uma crise séria, de consequências imprevisíveis, fitou-o por um momento em rosto, como se quisesse ler-lhe os pensamentos, e de fato pareceu tê-lo feito, pois disse repentinamente: — E se lhe propusesses vir morar algum tempo conosco? Não deixaria de ser uma solução. Não é lugar o que nos falta, nem pessoal para o serviço. Se for preciso, posso telefonar a Lindow

para que minha mãe me mande uma das empregadas. O que falta a esse rapaz é um lar, a companhia de pessoas que lhe deem a impressão de ter um lar. Não é essa tua opinião? Kerkhoven ficou tão surpreso que não pôde responder imediatamente.

— Tu és uma mulher admiravelmente inteligente — disse, beijando-lhe as pontas dos dedos. — É certo que a ideia me ocorrera, mas receei... Um estranho em casa representa sempre uma carga... ainda mais que agora tu... — Isso não importa, Joseph — assegurou ela —, precisamente por se tratar de um estranho. Fala com ele. Convida-o.

(Fato curioso, sua voz apresentava, principalmente quando falava baixo, o timbre de uma voz de menina, algo de muito meigo, de muito suave).

— Está, bem falarei com ele — respondeu Kerkhoven, visivelmente satisfeito. — Mas não gostarias de mandar vir as crianças estes dias? Não seria melhor esperar para depois que tornassem a partir? De outra forma, ficarás muito cansada.

Marie sacudiu a cabeça.

— Isso não pode ser adiado — disse. — Quem sabe se de outra forma não deixaríamos passar a ocasião propícia!? As crianças... não, creio que não as farei vir. Espero estar inteiramente restabelecida na próxima semana; então irei a Lindow e lá ficarei algum tempo. Não gosto de deixar minha mãe muito tempo sozinha. No estado em que me encontro atualmente, não te posso ser útil em nada, e dentro deste casarão imenso... Fez um gesto como que para pedir-lhe que não levasse em conta suas palavras, depois virou a cabeça para o lado e fechou os olhos.

Nos dias que se seguiram, Etzel não procurou Kerkhoven. Dir-se-ia que se tinha evaporado. E Kerkhoven, por sua vez, se bem que se sentindo culpado de uma grave omissão, estava excessivamente absorvido por seu trabalho para poder ocupar-se com ele. Não lhe sobrava mais um instante de folga. A clínica estava superlotada, a

consulta estendia-se por quatro, cinco e às vezes seis horas a fio. Frequentemente, via-se chamado em conferência a Praga, a Basileia ou a Roterdã. Para poupar o máximo de tempo, tomava o avião. Entretanto, só os casos urgentes ou os que lhe eram muito insistentemente recomendados podiam decidi-lo a empreender tais viagens. Tinha muita gente à sua espera. Eram pequenas multidões, verdadeiras peregrinações que diariamente vinham até ele. Quando, à uma ou duas horas da manhã, se deitava, parecia-lhe ouvi-los comprimindo-se em massa em sua porta e requisitando-o imperiosamente. Essas alucinações entrecortavam-lhe o sono de constantes sobressaltos. A situação tendia a agravar-se cada vez mais. Viu-se novamente obcecado pela ideia de uma fatalidade astral a pesar sobre a humanidade, de uma perturbação cósmica que era preciso admitir como atuando sobre o plexo solar do grande simpático, esse órgão eminentemente astral, que é ao mesmo tempo a sede da angústia. Como foi o caso da peste nos séculos precedentes, ou da febre amarela nos trópicos, chegara agora a vez da doença da alma, da epidemia moral, da desagregação da vontade e de um como que decúbito do coração. Era um novo elemento de devastação a entrar em cena. Tempo de vésperas para a Europa, um inferno para a Alemanha. Aqueles cujas raízes já se encontram afetadas, viam-se precipitados num abismo insondável. Um sintoma parecia-lhe particularmente significativo: o número de confissões extravagantes que recebia e a estranha volúpia que as pessoas pareciam experimentar ao fazê-las. Nunca até então lhe fora dado ouvir o que atualmente ouvia em quase todas as consultas. Nunca as criaturas se haviam a tal ponto desnudado em sua frente, nunca as vira pesquisarem com avidez semelhante até o mais íntimo de si mesmas, nunca assistira a essa dissecação minuciosa dos instintos individuais, nunca as vira desligar-se tão voluntariamente do mundo contemporâneo e do mundo anterior para finalmente chegarem a se sentir livres e, nesse estado de liberdade e despojamento integral, se apresentarem diante dele, a implorar desesperadamente um remédio contra esse frio mortal. Eles mesmos já nada pediam além desse veneno embriagante, tendo sentido que o debilitamento da consciência era o único recurso capaz de lhes permitir enfrentar o abaixamento da temperatura vital. Em

outros tempos, isso acontecia com uma classe restrita de intelectuais, de náufragos das profissões liberais, de fracassados que procuravam consolar-se da própria desorientação mergulhando em contemplação diante de si mesmos. Atualmente, as criaturas mais simples tornavam-se presas desse demonismo mórbido. Apresentou-se-lhe, por exemplo, uma mulher de quarenta anos, vendedora de jornais, casada há dez anos com um indivíduo que não apenas era um pederasta e um libertino, como também um hipócrita que, sob qualquer pretexto, punha-se a citar versículos da Bíblia. Isso era o pior de tudo: os versículos da Bíblia! A mulher ficou neurastênica, obteve divórcio. Mas, sendo portadora de perturbações mentais, viu-se condenada a perder a guarda dos filhos. Kerkhoven obteve que lhe restituíssem ao menos a filha mais velha, que aprendia o ofício de florista. Desde então, adquiriu confiança nele e contou-lhe as piores monstruosidades de sua juventude e de seu casamento, suas relações com seus pais, com seus irmãos e irmãs, e tudo isso tranquilamente, ingenuamente, enquanto seus olhos luziam desse fogo devorador que só aparece naqueles que se detestam a si próprios e que em si próprios procuram vingar-se de ser aquilo que são e de sofrerem aquilo que sofrem. Como esta existiam milhares, homens e mulheres. Era assustador tudo o que sabiam sobre si mesmos e as palavras que empregavam para descrevê-lo. E os sonhos que relatavam, dir-se-ia serem compostos por um grande poeta. E, no entanto, haviam desabrochado em meio da miséria que restringe e oprime, na fria e desesperadora aridez de existências que já nem mais sabiam fazer o gesto de elevar as vistas para o alto.

Se bem que, como homem, aquilo o transtornasse, como médico observava essas modificações evidentes em sua qualidade de fenômenos naturais, constituindo um símbolo do qual é preciso começar por descobrir o sentido. Com o tempo, porém, tornou-se impossível evitar que esse assalto perturbador atingisse, por extensão, a totalidade de sua personalidade, e isso o levou a inquietar-se, receando não estar à altura de semelhante proeza, não ser mais bastante jovem nem bastante ágil para resistir fisicamente, achar-se demasiado preso aos seus métodos petrificados, numa palavra, ser

demasiado “experiente” para poder renovar-se e apreciar cada novo fenômeno com uma candura ingênua. E então, nesse caso, de nada lhe valeriam os recursos profissionais. Acesso de hipocondria, se poderá dizer. Veremos que não se tratava disso, pelo menos não exclusivamente disso, que tudo nele exigia essa “renovação” de que temia não ser mais capaz, e para a qual essa exigência mesma já era um caminho aberto. Não havia preguiça nele, nem do sangue nem dos sentidos. Era homem de demolir uma casa tornada inabitável para reconstruí-la por completo. Conhecendo-se suficientemente bem, sabia que o maior perigo para ele era deixar amadurecer em si mesmo conflitos latentes e ignorá-los voluntariamente. A única maneira de evitar esse perigo era confiar-se a alguém. Não tinha, porém, amigos e, o que era pior, não tinha nem mesmo um amigo. Sua solidão representava realmente um caso único. Só de pensar sobre isso, sentia um calafrio descer-lhe pela espinha. Entre os colegas, nenhuma benevolência para com ele; quanto aos moços, de nada lhe podiam valer, nem discípulos, nem alunos, nem admiradores, e nem mesmo Marie. (Aliás, Deus sabe há quanto tempo não lhe falava de si mesmo, ou de sua vida; nesse sentido, era como se tivesse esquecido que ela existia, e nem mesmo cogitava de indagar a qual dos dois caberia a culpa por essa negligência). Não, o que lhe faltava aqui era um homem de uma perspicácia igual, senão superior à sua, capaz de compreendê-lo a uma simples alusão. Foi assim que pensou em Heberle, a quem não via há dois anos, muito embora soubesse que há dois meses o velho se encontrava em Berlim, tendo abandonado suas pesquisas científicas e adotado uma vida retirada. Dizia-se que sofria de uma afecção da laringe. Vivia em Halensee, onde Kerkhoven o foi procurar um dia, pelo fim da tarde. Heberle acolheu-o com uma alegria enternecedora. Vivia com sua única irmã. Impossível imaginar quadro mais deliciosamente antiquado que o conjunto desses dois personagens dentro de um cenário pequeno-burguês, o paletó de veludo marrom e a gravata *à la* Lavallière de Heberle, e o coque alto, os punhos de renda e as medidas obsoletas e provincianas daquela que cuidava dele e que, em todos os seus gestos e palavras, deixava transparecer que o idolatrava.

Heberle estendeu-se, com excesso de detalhes, sobre sua enfermidade e descreveu com graça as escaramuças que sustentava com a irmã sobre a questão de chamar um especialista — com “a Senhorita Carlota”, dizia, acentuando o nome e piscando os olhos com um sorriso, como se houvesse decidido, por pura gentileza, diminuir para quarenta os setenta anos dela. Ele recusava-se, não queria ouvir falar em médicos. Que Kerkhoven não se ofendesse. A ela, porém, haviam persuadido da necessidade de consultar o Professor Rahl, o taumaturgo, a estrela de primeira grandeza, a celebridade mundial do momento, um homem que sabia tudo, curava tudo, abria com seu bisturi a cabeça das pessoas como se fosse uma noz e extraía com prazer tudo quanto estivesse sobrando do nariz, das orelhas, do pescoço de cada um. Ao ouvir mencionar esse nome, Kerkhoven aguçou o ouvido. O personagem não lhe era evidentemente desconhecido, tivera mesmo frequentes ocasiões de encontrá-lo. Todos os colegas o elogiavam incondicionalmente. Os trabalhos que publicava causavam sensação e as operações que praticava marcavam época. Entretanto, por algum estranho mistério, não pudera Kerkhoven evitar, desde a primeira vez em que o vira, de pensar nesse Möckern que quinze anos antes se levantara em atitude hostil no seu caminho, o adversário sempre invencível porque sempre irrefutável, o principal inimigo, o homem do outro polo. Que acontecera, afinal, àquele herói da ciência, dantes olhado com assombro? Nunca mais se ouvira falar nele, a auréola de que lhe cercavam o nome não tardara a se extinguir. A glória precoce assemelha-se frequentemente a uma doença da infância. Não obstante, pouco importava o nome do adversário, de nada valia que se distinguisse nessa ou naquela especialidade. De tempos em tempos surgia sempre um que, ora furtivo como uma sombra, se punha a hostilizá-lo secretamente, ora fanatizado pela cólera, entregava-se a uma perseguição. Eram como que os descendentes de um só e mesmo tronco original, raça desprovida de vergonha, áspera, brutal, enfatuada de si mesma e desprovida de imaginação. Rahl parecia contar entre um dos chefes mais proeminentes dessa tribo. Kerkhoven respondeu: — Tomo o partido de sua irmã. Creio que não devia obstinar-se em recusar a intervenção. A classe dos cirurgiões é uma das de que menos temos

que desconfiar. A cirurgia é uma forma de coragem como outra qualquer. E Rahl, sem dúvida alguma, é um homem de gênio.

Heberle pôs-se a rir: — Graças a Deus não sou seu cliente, portanto você não me entregará à faca — replicou, alisando com ambas as mãos as suíças encanecidas.

Kerkhoven olhou-o sorrindo e pensou: “Parecem mãos de mulher...”. Subitamente, sentiu-se fascinado por aquelas mãos. Nunca pensara encontrar o que elas agora lhe revelavam. Era uma verdadeira visão perturbadora. Já por mais de uma vez, outras mãos haviam servido para instruí-lo sobre o que não podia ler nos olhos ou perceber nas pancadas do coração. Teve um gesto involuntário, como que para defender-se, e fez o que costumava fazer em casos semelhantes (já tivemos ocasião de observá-lo frente a Irlen): inclinou-se para a frente e enfiou os braços entre os joelhos até quase tocar o solo com os dedos. (Recordemos aqui o poder visionário que nele se ocultava; este virá a ser, em outra ocasião, decisivo para sua existência).

Põe-se então a falar, com hesitação e embaraço, daquilo que o trouxera até ali. Entra bruscamente no assunto. Indaga se também outrora existia essa degenerescência coletiva da alma ou se faltava apenas o termo adequado para defini-la. Não seria o nome a fazer nascer o fenômeno? Enquanto permanece sem designação específica, este deixa de ser identificado e muitos deles desaparecem antes de haver causado qualquer dano, simplesmente por não terem recebido um nome, como sucede quando se perde o rastro de um sintoma pelo fato de não o ter isolado claramente.

O que vai afirmar pode parecer paradoxal mas, no fim de contas, não deixa de encerrar uma pequena parcela de verdade: não importa hoje em dia um quilo de loucura a mais ou a menos, se dele se puder extrair por destilação um grama de bom senso. Com efeito, vimos comprovando constantemente que nem uma célula, nem um vaso, nem uma glândula pode ser afetada se o organismo inteiro não estiver fora de seu estado normal, donde poderemos afirmar que cada

enfermidade é um estado coletivo, quer se trate do indivíduo isolado ou da humanidade considerada em bloco. Isso nos pode levar a pensar que os grandes cataclismos históricos, as guerras, as revoluções, a decadência das nações dependem, muito mais do que até hoje se acreditou, de neuroses epidêmicas. A investigação dessas correlações exigiria, evidentemente, uma patogênese dupla, onde a doença fosse focalizada de um lado como causa e de outro como consequência, cada um desses aspectos sendo dotado de um esquema próprio e conservando-se totalmente distinto do outro, quer quanto aos efeitos, quer quanto à terapêutica. Neste caso, não se torna de uma importância capital determinar se nos encontramos diante do fenômeno-causa ou do fenômeno-consequência? Impossível contar com os fatos como ponto de apoio. A história é o que aconteceu, não o que está acontecendo. Para responder a essa pergunta seria preciso que se conhecesse o que está por vir. É essa a sua preocupação dominante, pois só ela poderá fazer com que seu trabalho e seus esforços se perpetuem, ou se desfaçam no nada. Heberle ouvira-o com atenção: — Creio tratar-se de uma questão ociosa — disse por fim —, dado que todas as evoluções se processam em curvas e espirais e que cada vida não representa mais que uma repetição, com variações insignificantes.

Kerkhoven mantém-se um momento em silêncio, enquanto ata o cordão dos sapatos que se soltou.

— É possível — responde por fim, com docilidade —, mas chegará o dia em que saberemos fazer a distinção. Aprenderemos a não arriscar nossas forças senão com prudência, a não desperdiçá-las em matéria inutilizável. E aqui está a chave do problema.

— Nesse caso — disse Heberle com ironia — voltaremos aos tempos de Esparta, lançando os fracos aos abismos de Taigeto. E que parte concede em tudo isso à caridade? Serei eu, velho apotecário empedernido, a ter de recordar a um Joseph Kerkhoven que todo médico tem um dever de caridade a cumprir? Kerkhoven, surpreso, refletiu um momento. Que lhe recordavam aquelas palavras? “Uma repetição sem variantes”... — Não — replicou com um sorriso

estranho —, não é preciso que o faça. Bem sei que não estou encarregado do futuro da humanidade. Quem teria suficiente pretensão para assumir semelhante encargo? Entretanto, seria preciso separar o que é fértil do que é estéril.

— Para tanto, seria preciso que nos reconhecêssemos com forças suficientes para fazê-lo. Reflita um pouco: suponhamos que se houvesse desvirilizado o pai de Beethoven, sob pretexto de tratar-se de um idiota e de um alcoólatra.

— Isso não vem ao caso.

— Ah! Isto significa que, se ele tivesse sido cliente seu, não teríamos tido um Beethoven, não é assim? — É bem possível.

Ambos se puseram a rir.

— Em suma, qual a sua dificuldade? Em que lhe posso ajudar? — perguntou Heberle.

— Não vejo possibilidade de ajuda. Há aqui uma questão... Quer-me parecer por momentos que abusamos dos recursos médicos, que pecamos por todas as nossas concessões e indulgências, por um ouvido demasiado atento, uma inteligência excessivamente acolhedora. Aquilo que até hoje resistia começa a ceder, o que estava encerrado vê-se forçado em seu refúgio, o abismo tem seus segredos violados. A terminologia que nós mesmos criamos é um atentado ao raciocínio e à visão de cada um. Ao diagnosticar um caso, faço-o tornar-se o que parece ser a meus olhos. Quem me diz que, assim procedendo, não estou desencadeando precisamente os germes contagiosos que pretendi tornar inofensivos? É certo que existe uma forma de contágio moral de cujo grau de atividade nem mesmo chegamos a nos aperceber. O que tomamos por contágio físico não é mais, muitas vezes, que a simultaneidade nos fenômenos constitucionais. Como saber ao certo? A natureza é de uma perfídia monstruosa. De tempos a tempos, permite-nos lançar uma vista dos olhos em suas oficinas, mas, se percebe que nos aproximamos

demasiado, bate-nos com a porta na cara. Estamos sempre limitados, por mais que nos queiramos fazer passar por grandes personagens.

— Sem dúvida alguma — confirmou Heberle, com uma serenidade baseada sobre um resignação que datava de muitos lustros. — Dou-lhe toda a razão. Essas questões progridem com uma lentidão inacreditável. Mas, ouça o que lhe vou dizer, meu caro amigo. Vejo em si realmente um homem de valor. Não pode negar que tenha realizado alguma coisa, que tenha chegado a ser uma sumidade. Não se pode envergonhar de sua obra. Não passo de um leigo na sua especialidade, mas ouvi dizer... Em suma, acredito que, tê-lo conosco, é uma felicidade.

Kerkhoven ergueu as sobrancelhas, levemente surpreso. Trata-se de uma dessas criaturas que desconhecem sempre o próprio valor. Embora sofrendo profundamente de permanecer na obscuridade, fazem pouco-caso dos elogios que recebem. O que realizaram não conta para eles, porque o que lhes resta a fazer reclama toda a energia e toda a atenção disponíveis. Não se trata de modéstia, senão do pânico desesperado que lhes inspira a fugacidade do tempo e a realidade da morte. Esta acha-se presente por toda parte e domina-os sem se fazer temida por eles. Disputam o tempo à morte.

— A que ponto cheguei eu, em sua opinião? — pergunta com um movimento de ombros. — Que representa minha posição, examinada com toda lealdade? Luto contra uma hidra cujas cem cabeças voltam a renascer, logo que uma é cortada. Serei no máximo, se o prefere, aquele que estende um lençol debaixo das janelas para amparar os que saltam de uma casa em chamas. Gesto meritório, sem dúvida, mas o necessário seria apagar o fogo, e é precisamente o que não se pode fazer. Tampouco encontro apoio em parte alguma. Não me admitem; estou praticamente só. Isso não me desgosta, porém também não estimula. Sempre foi assim; os astros o terão determinado. Os homens olham-me do alto, com um ar de compaixão. Os psiquiatras extravasam todo o seu veneno ao mencionar meu nome, e os psicanalistas, de modo particular, veem em mim uma figura sinistra.

Aqueles que fazem clínica geral tratam-me de charlatão e de feiticeiro, os neurologistas olham-me com rancor porque lhes roubo a clientela. Deus sabe que não é essa minha intenção. Não tenho senão um desejo: não ter mais o que consertar. Não ter mais reparos a fazer. Tenho horror do que se chama “fazer clientela”. Como é possível estar certo da própria eficiência, partindo dos elementos como base de operações? É como se me introduzissem numa biblioteca de dez mil volumes de cujo conteúdo tivesse que tomar conhecimento. Suponhamos que a esse ambiente de contágio e perigo se pudessem arrancar uma, duas ou três dezenas de almas, que seriam pesquisadas até se tornarem tão conhecidas como peças anatômicas, com todas as suas características, todas as influências que suportam, todas as suas possibilidades de desenvolvimento, todas as rupturas e todos os reflexos a que se acham sujeitas. Uma vez estudadas estas e guardadas em lugar seguro, outras se seguiriam. Pode imaginar o que seria então o papel do médico? Nosso trabalho passaria a ter um sentido, obter-se-iam resultados concretos... Heberle conservou-se longo tempo em silêncio. Por fim, disse, meneando a cabeça, com ar grave e pensativo: — Quimeras, meu amigo, quimeras... Voltaremos a tratar do assunto dentro de algumas centenas de anos... Estaria Neil Marschall bem informada acerca de Emma Sperling? A afeição apaixonada, o entusiasmo com que a ela se refere, serão ou não sinceros? Tudo não passará de mera afetação de mulher sentimental ou de uma cegueira voluntária pela qual não se pode responsabilizá-la e que um dia, fatalmente, cederá lugar à clarividência? Por detrás de tudo aquilo não haverá uma maquinação especial e, nesse caso, qual será ela? Ou tudo não passará de um fogo de artifício ilusório? Acreditará realmente nessa mulher ou pretende apenas representar uma comédia, valendo-se de sentimentos imaginários? Eis as questões que não cessavam de atormentar Etzel desde a cena desenrolada em casa de Lorriner. Começamos por nos perguntar a nós mesmos o porquê de tudo isso. Que lhe importava, afinal, que Neil encontrasse tantos motivos de afeto e de admiração em Emma Sperling? Que lucraria ele se Neil passasse a enxergar em sua amiga a criatura desprezível que na realidade era? Que tinha a ver com tudo isso? Nada mais natural, em suma, que uma pessoa tão imaginativa, tão entusiasta como era Neil, altruísta até a última fibra

de seu ser, se houvesse deixado seduzir por essa boneca animada, esse animalzinho raro, sem se preocupar demasiado com as consequências de seu gesto. E, certamente, tudo não passava de um entusiasmo superficial; quem sabe mesmo tudo se reduzisse ao simples prazer de encontrar em alguém a compensação da própria personalidade, à necessidade, para a criatura subjugada pela vida, de sentir a seu lado outra a quem ela não pesa. Conhecendo Neil Marschall, era-se forçado a excluir a suposição de relações eróticas entre elas.

Entretanto, a pessoa de Neil não apresentava para Etzel senão um interesse secundário. A gravidade do caso prendia-se para ele a outra questão. Para compreendê-la, é preciso começar por conhecer suas relações com a colônia. As primeiras visitas não o deixaram particularmente entusiasmado. Pensou vislumbrar ali mais uma dessas inúmeras experiências onde transparece a falsa consciência das classes superiores. A origem americana da fundadora em nada contribuía para diminuir essa desconfiança. Mais tarde, porém, sua opinião mudou. Quando se dissiparam suas dúvidas sobre o vulto do empreendimento, sobre a competência esclarecida de sua direção, sobre o espírito de sacrifício de Neil, quando viu tantos de seus amigos e amigas, sem família e pobres demais para poderem pagar um quarto — centenas de estudantes de belas-artes ou do conservatório, filhos de famílias arruinadas, jovens desempregados, literatos sem recursos, jornalistas sem rumo, todos eles moços, pois aos moços exclusivamente era a colônia dedicada — quando os viu admitidos, a todos sem distinção de credo religioso ou de opiniões políticas, sem distinguir outras considerações além das necessidades e dos méritos daquele que era amparado, então se inflamou de entusiasmo pelo empreendimento sobre o qual nos teremos de deter para algumas considerações.

Existem na mesma zona de Berlim numerosos núcleos populares do mesmo tipo, respondendo aos objetivos humanitários e pedagógicos mais diversos, nascidos da iniciativa particular ou da intervenção oficial. Entre eles se encontram semelhanças genéricas incontestáveis. Embora todos tenham a necessidade por arquiteto, em todos se

exprime idêntico desejo de libertar-se dos moldes convencionais ditados pelo hábito. O mesmo acontecia aqui, com a diferença que chamava desde logo a atenção por sua disposição extremamente racional. Consistia numa vasta extensão de terreno onde se erguiam de cinquenta a sessenta grandes pavilhões. Em cada um deles havia lugar para doze ocupantes que formavam o que era conhecido por um núcleo, submetido a um chefe de núcleo. Ao centro, os escritórios e salas de reunião, as áreas destinadas aos esportes e à plantação, bem como o prédio onde Eleanor Marschall residia com o estado-maior de seus colaboradores de ambos os sexos. Dizia-se que a edificação dessa cidade em miniatura custara-lhe quatro milhões de marcos, e que as despesas de manutenção elevavam-se a seiscentos ou setecentos mil (cifra surpreendentemente pouco elevada, aliás). Tudo isso testemunhava uma generosidade principesca que autorizava a crer que a fortuna da fundadora fosse ilimitada. Circulavam rumores que apresentavam Neil Marschall como filha única de um magnata do aço de Pittsburgh e herdeira de uma dessas fortunas fabulosas em dólares que, entre nós, só se ousa mencionar em voz baixa — rumores esses que não eram de todo infundados. Fato curioso: não permitia a seus amigos fazerem a menor alusão a esse respeito, nem mesmo brincando. Via nisso uma grosseira falta de tato que não perdoava com facilidade. Não gostava que lhe recordassem o passado, como se o luxo desenfreado em meio ao qual se criara fosse uma culpa pessoal. A esse respeito, e em muitos outros ainda, podia-se reconhecer nela a puritana e a descendente de puritanos. É provável que seus recursos lhe houvessem permitido assegurar a duração de sua obra por um bom número de anos, mas tal não era a intenção que a animava. Queria que seu esforço servisse de exemplo e despertasse em outros a coragem de tentar empreendimentos análogos. A prova de que não pensava dar à instituição senão uma duração limitada, reservando-se à possibilidade de suprimi-la posteriormente, e em todo caso de que não queria comprometer-se por tempo indefinido, encontramos-na no contrato que firmou com a administração municipal, pelos termos do qual uma subvenção apreciável lhe seria concedida ao cabo de vinte anos, em troca do abandono do terreno e das construções. O espírito que animara a colônia era o de uma célula comunista. Cada um

daqueles que ali era admitido estava obrigado a entregar uma porcentagem determinada sobre seus salários e rendimentos, por mais ínfimos que fossem, e ainda a ceder o lugar a um novo candidato, logo que as condições de sua vida melhorassem o suficiente para poder dispensar esse auxílio. No ano seguinte, devia fazer então a entrega retrospectiva de uma cotização mensal proporcional. Diga-se de passagem que nenhum procurou jamais esquivar-se a essa obrigação. Não havia ali empregados, cozinheiros, nem fiscais. Toda tarefa era executada em comum, por cada núcleo de sua vez, de acordo com uma repartição minuciosa do tempo, o que reduzia a um índice mínimo as despesas de administração. Os frequentadores assíduos da colônia, como era o caso de Etzel, por exemplo, eram encarregados de velar por dois ou três mais moços e menos desembaraçados e de fazê-lo da melhor maneira possível. A instituição toda revelava a inteligência e a sagacidade de sua fundadora, seu espírito de organização, seu conhecimento da vida e a engenhosidade essencialmente feminina de sua imaginação no que dizia respeito às questões sociais. Nada de doutrinário em sua atitude, nem uma sombra do fanatismo desses benfeitores teóricos da humanidade que se acham obrigados a demonstrar constantemente a si mesmos e aos outros a realidade de sua missão moral. Uma atmosfera de bem-estar e de liberdade natural emanava dela e, irradiando-se por toda a comunidade, conferia-lhe um sinal distintivo e inconfundível. Todos esses jovens que salvara da miséria e da ruína eram para ela como irmãos e irmãs, conhecia de perto a história de muitos deles, passagens de suas vidas, suas ideias e gostos. A muitos acolhia em sua intimidade, tuteando-os e fazendo-se tutear por eles. Enchia de favores e de apelações carinhosas aos seus preferidos. Nunca deixava de intervir, ao saber de alguém em apuros, mesmo quando o atingido não figurava entre os seus favoritos ou quando outras questões mais importantes lhe solicitavam a atenção. Todos sabiam disso. Se necessitavam de uma certa soma com urgência, recorriam a Neil. Uma licença para circular livremente, uma recomendação, um apoio junto aos poderes públicos, Neil podia conseguir tudo isso. Para apaziguar uma disputa, procuravam Neil. Uma decisão grave a tomar, Neil era a conselheira indicada. Neil sabe

tudo, tem sempre solução para tudo. Neil é uma espécie de rainha amena e acessível, seu reinado um autêntico matriarcado.

Eis aqui algo bem aos gostos de Etzel. Tinha uma íntima predileção pelo caráter humano e flexível de toda comunidade cuja alma é uma mulher. Tal sentimento provinha, sem dúvida, dessa reserva de sensibilidade que nele se acumulava, feita da lembrança da mãe que se esforçava por recalcar e dessa privação de carinho a que Kerkhoven se referira certa vez. Não perdia ocasião de tecer elogios a Neil Marschall. Sustentava que era uma segunda Jane Addams, uma forte personalidade diante da qual era preciso inclinar-se reverentemente. Raras vezes lhe acontecia levar tão longe sua admiração. Aqueles que, como ele, fizeram desde cedo experiências desagradáveis conservam para sempre o hábito de julgar tudo com reticências e nunca mais se arriscam a fazer afirmativas categóricas. Eis por que se sentem tanto mais felizes quando se lhes apresenta a ocasião de deixar de lado a prudência. Então, a sensibilidade, por longo tempo contida, deixa-se fluir livremente. Jamais criticara em Neil o que quer fosse, mesmo quando tivera ocasião de fazê-lo. Não permitia que seus pensamentos abordassem a zona perigosa. A seus olhos, ela era simplesmente tabu. E eis que, agora, surgia essa dúvida. Essa suspeita indigna. Essa sombra, ou antes essa suspeita de sombra sobre uma imagem que tivera o direito de venerar. O caso era grave. Não era assim tão fácil encontrar criaturas merecedoras de veneração. Kerkhoven, sim, por certo! Somente, Kerkhoven era o mestre, a exceção magnífica. Nada, ninguém podia ser-lhe comparado. Contudo, não era possível que tivesse de continuar sendo o único. Por si só não podia substituir a todos os demais; era preciso que houvesse, além dele, outros com quem se pudesse contar, que não nos abandonassem, que não se tornassem infiéis a si mesmos, outros cujos gestos e cujos atos não se revelassem como puro charlatanismo, quando observados de perto. Não nos deixemos espantar pelo rigor inexorável de um moço cujas relações com todas as coisas deste mundo — acontecimentos, palavras, caracteres — se achavam tensas a ponto de se tornarem martirizantes e que atingira a um momento de sua existência onde era evidente que não podia mais suportar uma decepção, da mesma forma que um

nervo irritado não suporta mais um leve contato sem provocar os mais atrozes sofrimentos. Se o caso fosse um pouco menos grave, não nos teríamos que preocupar mais com essa luta incessante contra moinhos de vento e poderíamos abandonar à própria sorte esse jovem que o leitor há de ter certamente comparado ao “leal obreiro cardador”.⁴⁰ É o caso realmente de nos perguntarmos em que pode incomodá-lo e contrariá-lo o fato de Neil Marschall e a bailarina Emma Sperling não formarem senão uma só alma e um só coração, e por que lhe interessa tanto saber se Emma guarda verdadeiramente alguma ilusão sobre o caráter da amiga. Acompanhemos o seu raciocínio: se a duplicidade insondável de Emma não é segredo para Neil, e, apesar disso, lhe devota um culto ardente, então Neil não é o que aparenta ser. Não podemos viver em contato íntimo com a mentira personificada, sem nos deixar contaminar de leve que seja e sem nos tornarmos nós mesmos uma parte dessa mentira. Em tais condições, não somente não é mais possível ter confiança nela, como tampouco em sua obra. Tudo quanto nessa obra nos seduziu e transportou de admiração deve passar por um novo exame, para nos assegurarmos de não termos sido vítimas de uma impostura. Há qualquer coisa de podre no reino da Dinamarca. Que Neil seja ou não *bona fide*,⁴¹ o primeiro ponto a esclarecer é determinar se de fato o é... Deduções que vão longe, que se poderiam qualificar de temerárias e obscuras, se não partissem da extrema incerteza em que Etzel vivia, de um esforço desesperado para encontrar um solo firme no qual pisar. No caminho por que enveredou, realizou descobertas inesperadas que não eram propriamente adequadas a fazê-lo recuperar o equilíbrio perdido. Sua clarividência, exasperada até a morbidez, descortinou-lhe perspectivas que de outra forma possivelmente nem mesmo o teriam interessado.

Ia diariamente à colônia. Conversava com os amigos, procurava um ou outro conhecido, vagava pelo jardim, pela biblioteca, pelas oficinas, prestava uma ajuda aqui, redigia uma carta ali, e para terminar, à noite, ia geralmente ao encontro de Neil Marschall na vasta sala, sumariamente mobiliada em estilo japonês, onde ela tinha por hábito reunir os seus favoritos, depois do jantar. Ficava horas seguidas

sentado a um canto, sem que lhe dessem atenção, ouvindo as conversas dos outros, a fisionomia contraída em estranha imobilidade. Se bem que seus olhos de míope se conservassem perpetuamente abaixados, nada parecia escapar-lhe do que se passava em torno, nem um gesto, nem um sorriso, nem um jogo fisionômico. Às vezes Neil se aproximava, pousava-lhe a mão sobre a cabeça e, inclinando-se para ele, perguntava, com sua voz clara que lembrava um som de campainha: — *And you, darling, what's the matter with you?*⁴² Desperta, meu coração, e canta.

Logo se punha a rir com um riso impertinente, puxava-lhe rudemente os cabelos e atraía assim sobre ele a atenção geral. Tudo isso não levava mais que dois minutos. Já se habituara com a cena, e não reagia. Fingia sentir-se um pouco lisonjeado, como um animal doméstico que é acariciado. Entretanto, quando Neil, sentada entre seus convidados, tomava a palavra sobre determinado assunto, a expressão de Etzel denotava que não perdia uma só palavra do que ela dizia. Seus olhos se abriam imediatamente e tinham um brilho ávido. O bom senso de Neil, suas observações sempre acertadas, o dom que tinha de apresentar criaturas e fatos de maneira sensível, seu talento deslumbrante de conversadora, tudo isso ele como que absorvia em si mesmo e, nos momentos em que o seu autodomínio se relaxava, sua fisionomia imobilizava-se numa expressão interrogativa. Dir-se-ia alguém que se demora à mesa depois que os outros comensais há muito já se retiraram.

Às vezes, ela lançava em sua direção um olhar oblíquo, agudo e rápido, como se aquela atitude lhe parecesse algo suspeita. Como era dotada de uma sensibilidade muito aguçada e que muito frequentemente lia com facilidade nas fisionomias alheias, como o fazem habitualmente aqueles que não têm bastante confiança em si, perdia aos poucos sua serenidade diante dele.

Uma noite de fins de maio, Etzel chegou mais cedo que de costume. O salão estava ainda vazio. Postou-se a uma janela e deixou-se ficar a contemplar o poente incendiado. Em determinado momento ouviu,

provenientes de um aposento vizinho, risadas e vozes, nas quais reconheceu a de Neil e mais outra que lhe era familiar. Aproximou-se e bateu levemente à porta. Tinha plena noção de estar cometendo uma inconveniência, mas não se importou. Gritaram de dentro: “Entre!” e ele entrou. No limiar da porta, estacou surpreso. O espetáculo que se oferecia a seus olhos podia ser, no mínimo, classificado de estranho. Frente a um grande espelho de três faces, estão Neil e Emma Sperling. Emma com seu arzinho impertinente e brejeiro, as covinhas atrevidas de suas faces e o sorriso enfeitiçante que lhe é próprio, emprega-se com ardor um pouco excessivo em mostrar à amiga alguns passos de dança evidentemente criados por ela no intuito de exhibir-se e que não primam pela decência. De tempos a tempos, lança um pequeno grito que lembra o de um animal e dirige uma careta à sua própria imagem refletida no espelho. Aparentemente, exigiu que Neil lhe servisse de parceira, pois esta se encontra a seu lado, em posição assaz ridícula, os braços levantados, a perna esquerda estirada para a frente. Seu aspecto é realmente cômico. E, quando Emma desata a rir, Neil tampouco se pode conter e uma dupla gargalhada ressoa, um riso grave e uma risada argentina. Avistando Etzel, mostram-se um pouco surpresas, mas não param de rir. Por fim, parecem não aguentar mais: Neil, afogueada, exausta, deixa-se cair numa cadeira; Emma, que, após um rápido cumprimento de cabeça na direção de Etzel, parece não mais se aperceber de sua presença, lembra-se subitamente de que é hora de partir, pois o espetáculo tem início às nove e já são oito e meia. É verdade que um carro está à sua espera, na porta. Reúne suas coisas sem cessar de falar e despede-se de Neil. Abraços e beijos. Neil parece profundamente comovida. Seus olhos brilham ainda muito tempo depois da partida de Emma. Fixa Etzel com expressão embevecida, como que contando encontrar de sua parte igual embevecimento. Isso não se verificando, muda de expressão, parece recordar sua brusca intrusão e desaprová-la retrospectivamente. Não obstante, esforça-se por não ver o que essa indiferença tem de impertinente. “Quem sabe estará apenas distraído”, reflete, e para colocá-lo ao diapásão de sua própria exaltação e da situação criada, pergunta, em tom a um tempo impaciente e encorajador: — Não é um anjo? Não é uma felicidade que exista uma criatura tão deliciosa? Etzel instalara-se numa cadeira

fronteira a ela. Levanta-se para fechar a porta, deixada entreaberta, e que comunica com o salão. Volta a sentar-se.

— Dize-me sinceramente, Neil, o que pensas dela? — lança Etzel.

Neil não compreende. O que pensa de Pierrot? Foi bem isso o que ele quis dizer? Que pergunta esquisita! Que pode ela pensar sobre uma criatura que... Mas, de que serve discutir? Ele não parece estar inteiramente senhor de si mesmo.

— Desculpa-me, Neil — prossegue tranquilamente —, se faço essa pergunta não é para divertir-me à tua custa ou para te ser desagradável. Muito menos para conhecer tua opinião oficial. Quero saber tua opinião íntima.

Opinião oficial, opinião íntima — que quer ele dizer com isso? Neil não compreende uma sílaba de tudo aquilo. Encara-o com ar assombrado. Nesse momento, parece que uma luz se faz em seu espírito. Envolve-o com um olhar transbordante de compaixão toda feminina; seus olhos têm um brilho úmido.

— Pobre rapaz — murmura. — Compreendo perfeitamente o que te faz sofrer. É preciso resignar-se, porém: as ondinas e os elfos são seres inatingíveis. Não se pode possuí-los. Foste excessivamente mimado nesse ponto, *darling*. És um tolinho guloso. Acreditas que todas as mulheres são talhadas segundo um mesmo molde. Tenho pena de ti, podes crer, mas por outro lado... acredita, é excelente para ti que te defrontes por uma vez com uma exceção e que não possas fazer o que bem entendes.

Sorri-lhe com bondade e, inclinando-se para a frente, faz menção de tomar-lhe a mão. Como Etzel a retira bruscamente, ela meneia a cabeça com um ar preocupado. Etzel corou até às orelhas. Não sente vontade de rir, não experimenta qualquer surpresa, senão apenas vergonha em constatar que uma pessoa tão merecedora de seu respeito possa emitir conceitos tão fantásticos. Eis o motivo de ter enrubescido. Põe-se a refletir sobre o rumo a tomar dali por diante. É possível que

Neil pretenda escapar-lhe a todo custo, que suas perguntas a perturbem a um grau extremo e que tenha adotado essa atitude por puro golpe de astúcia, pensando com isso tapar-lhe a boca. Entretanto, é também possível que esteja plenamente convencida do que diz e realmente não compreenda uma palavra daquilo a que até agora ele não fez senão aludir vagamente. Isto, porém, faria aparecer duas Neils inteiramente distintas: uma a quem teria de arrancar a máscara, e outra cujo encantamento seria preciso romper. Veremos qual das duas é a verdadeira. (Etzel continua a fazer do mundo uma representação demasiado simplista, como se cada caráter pudesse ser reduzido a uma fórmula). Entretanto, percebe que a paciência de Neil está prestes a esgotar-se, muito embora ela continue a sorrir-lhe afetuosamente. Com o gesto de alguém que se fartou de brincar de esconder, diz com brutalidade: — Será possível, Neil, que ignores que Emma é uma abominável bestazinha, uma criatura a quem uma falta total de discernimento leva a confundir o que é conveniente com o que é vergonhoso, e a quem as pessoas decentes não permitem transpor o limiar de suas portas, sob pena de sujar-se? Por acaso não sabes que a ela cabe a culpa pelo pontapé final no pobre Roderich, quando este já não tinha senão uma mão a firmá-lo à beira do abismo? Ignorarás também ter sido ela, com seus encantos de prostitutazinha irresistível, a culpada pelo desvario de Lorriner, a quem não demorou a trair friamente? Lorriner jamais o admitiu, teria sido impossível conseguir que o fizesse, mesmo submetendo-o a um interrogatório. Aos seus olhos, ela era com efeito... Deus sabe o quê... a grande Astarte... Então, ele se aviltou... aceitou tudo, como se fosse um escravo, um mercenário... e por fim, quando já não aguentava mais, o segredo lhe escapou... Era preciso ter assistido à cena. Agora, porém, Neil, quero que estejas a par de tudo. A mim também foi preciso algum tempo para perceber com que espécie de mulher que eu lidava, embora desde o princípio a tivesse tomado por uma cabeça de vento.

É difícil descrever o efeito dessas palavras. Neil está sentada sem movimento, as duas mãos apoiadas nos joelhos. Seu rosto muda por várias vezes de cor, passando de uma palidez intensa a um rubor apoplético. Seu bonito e obstinado queixo está ligeiramente erguido, o

que lhe confere um porte de cabeça de boneca e faz suas pálpebras se semicerrarem automaticamente. Os traços exprimem a atenção mais concentrada e a reflexão mais laboriosa, como se lhe fosse preciso usar toda sua inteligência para compreender. Esta situação se prolonga por alguns minutos. Da sala vizinha vem um som de vozes animadas; a corte está reunida, é evidente. Neil volta a cabeça para escutar. É também um meio de ganhar tempo. A seguir, ergue-se com um movimento brusco. Etzel faz o mesmo. Ela o toma pelo braço e o arrasta em direção oposta à da sala de reuniões, de lá a um aposento vizinho inteiramente às escuras e, tendo-o atravessado, a um terceiro onde acende a luz. É o seu quarto de dormir, uma peça pequena e mobiliada com simplicidade. Fecha a porta com cuidado, escuta ainda uma vez com atenção, e faz o gesto de afastar seus belos cabelos louros que lhe caem sobre a testa. Volta-se a seguir para Etzel, a quem não deixou de surpreender a enérgica determinação com que o conduziu até ali, e segura-o pelos pulsos. Seu peito está ofegante. Seus olhos lançam chispas como diamantes lapidados. Tem a boca tão próxima do rosto de Etzel que este pode sentir-lhe o hálito quente. Com voz rouca, diz: — Não ouvi nada e nada quero ter ouvido de todo esse assunto. Compreendes? Não penses que sei de alguma coisa. Tu não me disseste nada. Nada. Não me forces a repeti-lo.

Deixa cair os braços ou, mais exatamente, rejeita-os para longe de si, se assim se pode dizer, e atravessa por duas vezes a peça com largas passadas, como um homem.

“Em que bela enrascada fui meter-me”, pensa Etzel. “Ela não sabe de nada, não ouviu nada, e eu não posso esquecer-me disso”. Entretanto, não se encontra absolutamente em disposição de brincar. Neste momento, suas ideias são negras, verdadeiramente negras; de roxas que são habitualmente, passaram a um negro intenso. Que pretenderá ela dizer com isso? Estará em plena posse de suas faculdades? Neil continua de pé. Deixa escapar uma risada amarga, mas que soa forçada e algo teatral. Uma expressão de dúvida desce-lhe sobre os traços, cortando-lhe a fronte numa ruga transversal. Põe-se a falar de Lorriner como se abordasse um tema inteiramente original, como se seu nome

não houvesse sido mencionado entre eles e que o fato de estar só com Etzel lhe fornecesse a ocasião longamente desejada de fazê-lo. Teve notícias dele? Viu-o alguma vez? Sim, ela sabe, também por seu lado tentou em vão aproximar-se, Kerkhoven o tem encerrado entre grades como um louco furioso. Isso é com ele, a responsabilidade lhe cabe toda, na qualidade de médico, e aliás não poderá privá-lo de liberdade um minuto a mais que o necessário, mesmo se tiverem de entrar em jogo influências contrárias. Há nessas palavras uma advertência e mesmo uma leve ameaça. Etzel encara-a com assombro. Experimenta na região do estômago uma sensação desagradável, como se fora uma cãibra. Finge não ter ouvido a insinuação referente às influências, não compreende o que ela quer dizer com isso, e não guarda senão a estranha alusão feita a Kerkhoven. Sob aquelas palavras, não se esconderia uma obscura suspeita? Tem a impressão que sim, mas não ousa acreditar. Apoia o punho fechado contra o queixo e, fato curioso, esse gesto confere-lhe um ar provocante. Neil observa-o dissimuladamente.

— Não acredito que se trate de uma loucura incurável — diz por fim, sinceramente emocionada. — Não é possível que uma inteligência a esse ponto superior venha a extinguir-se como um fósforo que se apaga. Estou certa de que o teremos de volta. Também tu pensas assim, não? Tu pensas assim, não é verdade? Como Etzel se cala, aproxima-se de novo dele, apoia-lhe familiarmente a mão sobre o braço e diz-lhe, em tom de intimidade: — Ouve, *darling*, tu que és esperto como um cão de fila podes bem ajudar-me numa questão. Houve quem me afirmasse, e aqui na colônia é voz corrente, que Jürgen Lorriner foi sistematicamente conduzido a esse obscurecimento intelectual por um de seus amigos mais íntimos. Não cheguei a saber de quem se trata, pois ignoro as rodas que frequenta e desconheço por completo seus amigos políticos. O que há de certo em tudo isso é que se trata de um indivíduo sem consciência, tomado de uma inveja satânica e que não conhece senão um objetivo: desfazer-se daquele que era melhor, mais nobre e maior do que ele. Embora pareça incrível, pode crer que não minto. Este indivíduo conseguiu seu intento, ao menos temporariamente. Eu mesma, porém, vou providenciar para que ele

não goze por muito tempo de seu triunfo. Reflete um pouco, *darling*: não conheces alguém que corresponda às minhas indicações? Etzel tem os olhos pregados nela. Curioso como seus cabelos parecem fazer-lhe cócegas. Estranho, o modo como o vulto daquela mulher oscila diante de seus olhos. E essa vontade louca que subitamente lhe vem de cantar; gostaria de chilrear como um passarinho. Neil dá-lhe uma palmadinha leve na face: — Nossos convidados vão estranhar esse longo *tête à tête* — exclama com uma risada estridente, quase histérica. Torna a pegá-lo pelo braço, obrigando-o assim a refazer, a seu lado, o caminho já percorrido. No quarto em que se encontravam a princípio, avista no solo um objeto brilhante. Sem largar o braço de Etzel, abaixa-se e apanha-o. É um delgado bracelete de ouro.

— É de Pierrot — diz, examinando-o como se fora uma relíquia preciosa.

— Pobre querida! Sabes, *darling*, que alguém predisse para ela uma morte próxima e violenta? Só hoje me referiu esse fato, incidentemente, com a mesma alegria com que me teria participado que lhe prometeram um presente para o seu aniversário. Podes calcular em que estado me deixou essa notícia! Etzel não abandona o seu mutismo. Aquelas palavras o alcançam como se fossem um eco confuso. (Seis meses mais tarde, quando a predição veio de fato a se realizar, elas lhe voltaram à mente como um sonho no qual a própria Neil aparecia como a sibila profetisa). De braços dados entram na sala de reuniões, onde são acolhidos entre exclamações: — Afinal, Neil, onde estavas metida? Preparávamo-nos para revirar a casa à tua procura.

Rindo-se, Neil acalma os protestos gerais, distribui em torno apertos de mão, beijos e carinhos, enquanto Etzel perde-se em silêncio no pequeno grupo barulhento que lhe parece quase tão irreal quanto a cena que acaba de desenrolar-se.

Uma coisa se segue à outra. Tanto quanto o curso dos acontecimentos, o desenvolvimento dos caracteres obedece a uma lei.

Quase se poderia dizer que eles se iluminam espontaneamente, bastando para isso que se abra os olhos no momento oportuno. Etzel sabia disso, graças a uma antiga experiência, e com a energia das criaturas seguras de si, lançou-se a campo para a tarefa.

Uma certa aristocrata, Senhora M..., literata, amiga de Neil, que escrevia sob o pseudônimo de Narcisa Horn, solicitara permissão para fazer na colônia a leitura de uma novela que acabara de escrever. O pedido foi feito com toda a modéstia. Era uma mulher de sociedade, sem qualquer traço de pedantismo. Casada com uma figura bastante conhecida e influente da aristocracia, tivera ocasião de prestar diversos serviços a Neil, o que tornava impossível deixar de aceder ao seu desejo. Neil, que era dotada de um senso literário extraordinariamente agudo, tinha de sua pessoa uma alta opinião, mas reconhecia-lhe a mediocridade do talento, tendo mesmo em diversas ocasiões criticado severamente suas obras. A leitura teve pois lugar. Neil convidara todo o seu círculo de *habitués*, entre os quais Etzel. Isto se passava dois dias depois da estranha conversa que referimos. Naturalmente, ele atendeu ao convite. Cenário tradicional: a sala pouco iluminada para criar a atmosfera desejada, conversas em tom discreto, fisionomias onde a benevolência e o receio de se aborrecer cediam lugar à contrariedade apenas deixavam de se sentir observadas. Etzel conhecia bem tudo isso. Uma reunião de pura cortesia para submeter-se a uma prova cujo único aspecto agradável era a esperança de não se prolongar em demasia. Narcisa Horn passava já dos quarenta. Era de aspecto agradável, embora indubitavelmente afetasse uma condescendência que não lhe era habitual, e não cessava de afirmar que jamais se sentira tão intimidada como diante daquela audiência de conhecedores de ambos os sexos. Responderam-lhe com os protestos de praxe. Todos se instalaram, e quando cessou o ruído do arrastar de cadeiras, das tosses e dos pigarros, ela deu início à leitura. Era uma obra medíocre e, digamo-lo de início, sem o menor grão de sal, se bem que vazada em estilo moderno e condimentada de certas descrições de natureza erótica mais que ousadas, que chocavam realmente na boca de uma senhora tão distinta. Etzel sentia-se pouco à vontade, seus dedos dos pés entregavam-se a pequenos exercícios de ginástica dentro dos

sapatos. Todos os demais, inclusive os mais calejados, ostentavam um ar contrafeito. A leitura prolongou-se por uma hora e meia. Evidentemente, Neil não se deixou um só minuto enganar quanto ao valor daquela produção. Era compreensível que, por um dever de cortesia mundana, pronunciasse alguns elogios convencionais. Sua habilidade diplomática ter-lhe-ia facilmente permitido contornar a dificuldade, salvando a todos da situação embaraçosa criada. Em lugar disso, produziu-se uma cena inesperada: Neil prosternou-se aos pés da autora e beijou-lhe as mãos. Foi um momento penoso. Parecia emocionada.

— Uma obra de valor — disse, semicerrando os olhos.

Silêncio embaraçado do auditório. Irritada por esse silêncio, ela insistiu em descobrir e elogiar sutilezas psicológicas e formas elegantes totalmente inexistentes e que, em sua resolução de mostrar-se entusiasmada, inventou integralmente. Quando notou que todos, até os mais fiéis, não apenas a abandonavam, mas se mostravam frios e recalcitrantes — muito embora costumassem perdoar-lhe as extravagâncias porque todos a estimavam sinceramente —, sua exaltação atingiu um grau que a fez descambar para um ditirambo confuso, referindo-se a uma aristocracia na arte, ao gênio específico da mulher, ao mesmo tempo que sacudia a cabeça como uma bacante e ardentemente solicitava aprovações, porém desta vez mais para suas próprias palavras do que para a causa que apoiava. A Senhora M..., que sentia visivelmente a inconveniência de semelhante explosão e que, muito provavelmente, teria preferido uma dose razoável de elogio a essa efusão desmedida, ficou um momento confusa. Por fim, conseguiu arrastar Neil para um lugar afastado. Dir-se-ia porém que esta não podia mais voltar ao seu estado normal. Durante todo o resto da noite esteve agitada, explodindo sem motivo em gargalhadas ruidosas, passando de um a outro, abraçando intempestivamente a uma jovem, abordando uns e outros à queima-roupa para indagar do motivo de uma palavra ou de um olhar, citando versos de Longfellow, fazendo girar na vitrola um disco de Caruso e acompanhando-o, embora não fosse musicista e sua voz nada tivesse de melodiosa. Em

suma, uma embriaguez perturbadora tomara conta de sua pessoa e fazia-a perder toda a compostura. Por isso, Etzel deixou de acreditar que fosse o esnobismo o único motivo a inspirar as absurdas lisonjas que acumulara sobre a Senhora M..., todas elas tão grotescamente exageradas que nenhum autor do mundo poderia tê-las tomado como sinceras. Em lugar disso, refletira: “É o bastante a uma americana encontrar uma verdadeira aristocracia para perder imediatamente a cabeça”. De fato, não era a primeira vez que essa fraqueza levava Neil a rebaixar-se aos olhos de seus amigos. Não obstante, não podia ser esse o motivo exclusivo de sua atitude. Quanto mais refletia sobre o assunto, mais misterioso lhe parecia o incidente.

Na zona leste da colônia, acabavam de ser levantados cinco novos pavilhões. Evidentemente, candidatos não faltavam. Havia uma longa lista de inscrições, a concorrência era intensa. Durante todo o dia os escritórios da secretaria eram tomados de assalto por solicitantes. Quando Neil aparecia, as pessoas que esperavam precipitavam-se para ela. Tratava-os a todos de igual para igual, sem qualquer traço de altivez ou de condescendência. Ao ser obrigada a rejeitar algum pedido, a ninguém escapava a expressão de tristeza sincera que lhe ensombrecia o rosto bonito. Pálida, embaraçada ante a multidão de solicitantes, seus lábios trêmulos pareciam dizer: “Bem sei que os estou decepcionando, mas que fazer?”. Autorizara Etzel a apresentar cinco rapazes seus conhecidos, destinados a fazer parte do número bastante reduzido daqueles entre os quais seriam escolhidos os primeiros candidatos. Não lhe teria certamente feito tal promessa, se não desejasse obsequiá-lo e com isso fazê-lo esquecer certas coisas desagradáveis que se tinham passado entre eles. No fundo, temia-o vagamente e não desejava fazer dele um inimigo. Etzel o sabia, e nisso fundava suas esperanças.

Estabelecera uma lista que contava com duas dúzias de endereços. Dentre esses vinte e quatro nomes, teria de selecionar cinco. Saberria arranjar-se de forma a que esses cinco fossem aceitos. A primeira coisa a fazer era estabelecer, baseado em amplas informações, quem merecia a prioridade. Tarefa delicada, pois não devia deixar-se guiar por suas

simpatias e sim levar em conta unicamente o grau de miséria de cada um. Como chegar, porém, a uma visão de conjunto? Como fazer para não tomar de cada vez o caso mais novo como sendo o mais premente, e não esquecer o espetáculo de ontem em face do que hoje se apresenta? Conhecia perto de uma centena de casos que exigiam intervenção imediata. Os vinte e quatro que escolhera representavam já uma seleção da miséria. Era esse extrato o que devia ser novamente destilado para atingir a quintessência. Temia essa responsabilidade que arriscava fazê-lo perder de vista a noção de equidade. Era chegado o momento de mais uma vez se perguntar se essa famosa justiça não passava de um mero conceito abstrato, de uma virtude a ser esperada dos outros, enquanto nós mesmos éramos incapazes de exercê-la por ter sucumbido a uma impressão, a uma sedução, à embriaguez do poder. Impossível fiar-se exclusivamente na própria memória; era indispensável recolher provas e testemunhos. Para poder comparar e julgar, teria de contar com dados precisos sobre os quais se apoiar. Assim, com o auxílio de Max Mewer, a quem pediu conselho, ampliou sua lista, transformando-a numa espécie de quadro, dotado de um certo número de rubricas sob as quais inscreveu a idade, profissão, situação de família, condições de vida, recursos eventuais e qualidade do candidato. Com esse documento no bolso, pôs mãos à obra. Pois, embora conhecendo bem a maioria de seus protegidos, constatou com grande surpresa que sobre nenhum deles possuía dados suficientes para preencher sozinho as colunas do questionário, prova de que suas relações com eles eram bastante superficiais.

Neste ponto, sou forçado a limitar-me ao indispensável. Se pretendesse deter-me em cada uma das estações dessa viagem de inspeção, este livro se tornaria informe como um monte de areia e deixaria de ser o espelho fiel em que foi minha intenção transformá-lo. Que iríamos encontrar, aliás, de extraordinário? Ambientes tristonhos, quartos de fundos, águas-furtadas, cômodos acanhados com miseráveis restos de mobílias, leitos de limpeza duvidosa e, aqui e ali, vestígios esparsos de um passado melhor: um retalho de veludo, uma vitrina vazia, um álbum de fotografias. As coisas são como se não existissem, quando deixam de cumprir seu destino original: os

ornamentos devem conservar seu caráter de acessórios. Já nos hospitais nada disso se observa: são alojamentos destinados a uma determinada porção da humanidade que a sociedade colocou de lado, e que ao arribar ali nada possui de seu, além do que traz nos bolsos. De fato, as habitações burguesas tornam-se mais lúgubres ainda quando se empenham num esforço convulsivo para salvar as aparências. Os funcionários despedidos, os comerciantes arruinados, a gente de pequena nobreza que os ocupa são como que os retardatários de um exército vencido de que se obstinam em marcar passo com suas pernas vacilantes. Cada cômodo está ocupado por um ou mais de um sublocatário: contadores, agentes, caixeiros-viajantes, os quais arrastam, por sua vez, consigo, um reflexo do antigo esplendor e se escondem cuidadosamente para levar à caixa de penhores um relógio ou outro qualquer objeto de valor. Aqui e ali, manchas mais claras no papel da parede revelam os lugares onde outrora pendiam quadros. O piano foi trancado com um sinete de lacre, que faz pensar num sarcástico olho vermelho. Por todo lado, janelas sem cortinas, cozinhas onde não se cozinha, bibliotecas despidas de livros, cadeiras estropiadas, como que assustadas por se encontrarem em torno da mesa que se diria morta e recém-enterrada. Por toda parte, a moldura subsiste sem o conteúdo, o esqueleto sem a carne. São como mausoléus de cemitério. Aqui pensa Etzel recrutar a sua gente, nesse meio onde se está prestes a perder o último ponto de apoio, onde se representa a lúgubre comédia do “façamos de conta”, mas onde de qualquer maneira resta sempre algo a salvar, seja um pouco de orgulho, seja um grão de esperança. Pertencem eles ao número dos pobres envergonhados e dos pobres reconhecidos, a quem quer estender a mão para o salto no futuro — estudantes, técnicos, artistas, noviços de miséria, mais ameaçados porventura de sucumbir sob o fardo moral que sob os encargos materiais, se bem que a estes tampouco oponham mais uma resistência apreciável. É preciso apressar-se. Mais dia, menos dia, terão despendido até o último centavo seu capital interior e irão inscrever-se no número dos desocupados. Atualmente, não se contam ainda entre os sem-trabalho, pois consideram-se como empregadores de si mesmos. Acreditam que sua própria pessoa representa garantia suficiente e que os ideais do

mundo espiritual ainda têm possibilidade de serem resgatados. Politicamente, ainda não tomaram posição, pelo menos não todos eles. O paraíso das térmitas não os seduz, mostram-se de preferência inclinados a vingar ou pelo menos a resgatar a injustiça feita à nação. Burgueses. Mas, terá esse vocábulo desprezado perdido por completo seu sentido nobre e modesto? No entanto, descendem todos de burgueses, e no dia do grande desespero terão que juntar-se à massa. Alguns dentre eles recebem uma pequena pensão, um vale de cem marcos por mês para pagar comida, teto, roupa, estudos, condução. O aluguel do quarto consome ao menos trinta, o que deixa dois marcos por dia para o restante. Muitos, porém, não dispõem senão de quarenta *pfennigs*⁴³ e vivem de pão, chá e café, e sopa uma vez ao dia. O banho é um luxo de que não se pode cogitar, a dona da pensão cobra cinquenta *pfennigs* por cada um. Um quarto isolado, onde uma ou outra vez se possa trazer uma amiga, é coisa mais que rara. E ainda quando se pode contar com um quarto próprio! Há muitos que têm de contentar-se com uma cama. Acredita-se, de cada vez, ter chegado ao último grau da miséria. Doce ilusão! Na descida, não há limite. Aquele a quem já não resta uma camisa para vestir e empenhou seu último terno, pode ainda sair à rua, se por acaso ainda lhe resta um velho sobretudo que nenhuma casa de penhores quis aceitar. Que fazer, porém, quando as solas dos sapatos se desprendem e não se tem outras para substituí-las? E quando se adocece, quando se tem os pulmões afetados, quando falta o dinheiro para almoçar na cantina ou para pagar o infame prato de sopa dos botequins, quando em torno de nós, mãe e irmãozinhos menores passam fome, que fazer? Etzel, arvorado em agente de investigações, não tem senão uma pergunta a responder: “Qual é a personalidade daquele que se sujeita a semelhante miséria?”. Ao lado dessa rubrica, outra lhe parece indispensável: qualidade e categoria do solicitante. Aos próprios olhos, volta a aparecer como um agente secreto de polícia que assume a máscara da amizade e da simpatia no intuito exclusivo de recolher indícios esclarecedores. Os velhos hábitos são retomados. Ao cabo de três dias, sua escolha está feita. O primeiro é um certo Seyschab, de dezenove anos, pai e mãe mortos de asfixia por gás. Estudante de filosofia, ganha a vida como

revisor numa editora de livros pornográficos, com isso provendo à subsistência de um irmão mais moço. Dificilmente o consegue, porém. É um autêntico virtuose da fome. Dir-se-ia um cadáver. Vive numa água-furtada acanhada à qual se tem acesso atravessando o alojamento — um único quarto — de uma família de proletários composta de oito membros. O irmão dorme no gavetão de uma cômoda que já não existe, por detrás de um cortina feita de sacos vazios emendados. O que caracteriza esse rapaz é uma coragem tranquila, sorridente, quase se poderia dizer cheia de grandeza, e uma radiante pureza de espírito. Etzel conheceu-o na universidade e com ele conversou várias vezes. É o único a ter conhecimento da miséria daquela existência. O segundo é um jovem Conde Grüne, de vinte e dois anos. Durante uma rixa sangrenta ocorrida numa reunião de nazistas, Etzel salvou-o das mãos de um comunista que estava prestes a estrangulá-lo. Depois disso, passearam juntos o resto da noite. Grüne anda invariavelmente vestido com um velho paletó de couro de automobilista. O automóvel que combina com o traje está guardado em algum ponto da lua. Não tem qualquer meio de existência. Como se arranja para viver, é um enigma. De tempos em tempos, um tio que habita perto de Arnswalde, numa pequena propriedade campestre, envia-lhe dez marcos. Assemelha-se ao Príncipe Luís Fernando; é homossexual, brilhante matemático, patriota ardente, e sofre de enxaquecas periódicas de caráter epilético. Tem as maneiras mais distintas e as mais belas mãos que Etzel jamais encontrou num homem. Sua situação miserável não parece afligi-lo em demasia. Afirmar, e todos o acreditam sem dificuldade, que esperará até raiar o ano de 1929 e se até lá nada se houver modificado, seja em sua situação seja na do mundo, desaparecerá de circulação. Em terceiro lugar, inscreve-se uma estudante de história da arte, Helene Grätz. Ganha a vida dando aulas particulares de ginástica a crianças, o que lhe rende o suficiente para pagar o teto miserável e não morrer de fome. Está absolutamente só no mundo. Não tem qualquer espécie de parentes. É tão sozinha que se poderia acreditar não ter tido mãe. Tem um porte gracioso, delgado como um fio. Dir-se-ia que, por pura compaixão, a natureza lhe concedeu esse corpo etéreo, para permitir-lhe subsistir com um mínimo de alimento, a despeito da energia e do esforço que despende.

Ama com fanatismo “a beleza”. Sob essa designação engloba todas as grandes realizações das artes plásticas. Desde criança sonha com uma viagem à Itália. Para ver uma vez, apenas uma vez, a Capela Sistina, é capaz de deixar que lhe cortem um braço. Sabe que esse sonho é irrealizável e, provavelmente, jamais deixará de sê-lo. De três semanas para cá, perdeu todos os seus alunos, pois tendo caído de um ônibus sofreu uma fratura de tornozelo que exigirá longas semanas de convalescença. Foi desalojada de sua água-furtada: a partir de primeiro de junho não terá onde dormir. Não se sente desesperada, senão apenas atônita. Não tem a menor ideia do que lhe poderá acontecer. Enfim, os números quatro e cinco são dois gêmeos, irmão e irmã, Herbert e Anna Dedeken. Não atingiram ainda a casa dos dezoito. Etzel conheceu-os num cabaré que visitara em companhia de Roderich e Jessie Tinius. Exibiam-se como meninos-prodígios, executando danças e canções indígenas (de modo deplorável, aliás). Eis como haviam chegado a essa situação. Com seis anos, emigraram com os pais para a América do Sul. Todos os dias Herbert embrenhava-se com o pai na floresta virgem, para auxiliá-lo em seu trabalho. Nunca encontravam homens brancos, apenas, de tempos em tempos, alguns índios. Estes selvagens mostravam-se amigos, sem nada da desconfiança que habitualmente demonstravam para com os colonos. Convidavam-nos para suas festas e ensinavam-lhe seus cânticos. A solidão transformou o pai num ébrio contumaz e levou-o a maltratar cruelmente a mulher. Os gêmeos temiam e detestavam o pai acima de tudo no mundo, e defendiam a mãe por quem nutriam uma ternura cheia de ansiedade. Ela morreu ao fim do terceiro ano de exílio. Ficaram então os dois sós com o pai por um espaço de quatorze meses. Foi esse o período mais negro de suas vidas. Por fim, também ele sucumbiu ao *delirium tremens*.⁴⁴ Era preciso ouvi-los relatar como haviam atravessado a floresta e o campo para alcançar a cidade mais próxima. Um fazendeiro dinamarquês levou-os consigo para a Europa, mas logo os abandonou à sua sorte. Etzel não conseguiu descobrir onde haviam passado os anos seguintes, vagueando de um lado para outro. Soube, apenas, que tinham passado um certo período numa casa de correção, naturalmente em pavilhões isolados: ele no de

rapazes, ela no de moças. Não podiam, entretanto, viver um sem o outro, e combinaram fugir: numa noite de outono, escaparam à mesma hora e conseguiram alcançar Berlim. Aí, lembraram-se dos míseros talentos que haviam adquirido com os índios da floresta virgem e, ao cabo de terríveis provações, conseguiram, graças à intervenção de um ator ambulante que se interessara por eles, ser incluídos num espetáculo de café-concerto. Contudo, isso não durou mais que alguns meses, findos os quais estavam novamente sem recursos. Acima de tudo tinham de evitar ser localizados, pois nesse caso seriam novamente separados e internados na colônia correcional. Em fevereiro, Etzel lhes conseguira um asilo provisório, em casa de uma zeladora de prédio de apartamentos, que agora não os quer mais ter consigo. Herbert revela grandes aptidões para a mecânica e lida o dia inteiro com pequenos aparelhos por ele fabricados. Chegará certamente um dia a produzir algum invento notável, se antes disso a vida não o tiver inutilizado. Está sempre ocupado em aprender e estudar; os livros são para ele objetos sagrados. A irmã não o larga um só instante, e o mais curioso é, precisamente, o fato de agirem em todas as ocasiões como se fossem um único ser, um hermafrodita cujas duas partes estivessem separadas, como se os mesmos pensamentos lhes ocorressem ao mesmo tempo e as mesmas impressões, alegres ou tristes, os assaltassem simultaneamente. De fato, Herbert referira a Etzel que, enquanto ainda no asilo, fora acometido de uma angina, sendo que no mesmo dia e hora o mesmo precisamente ocorria a Anna.

Uma vez assentada sua escolha, Etzel convocou-os todos à colônia para a tarde do dia seguinte. Neil recebia habitualmente por volta das seis horas. Todos compareceram à hora exata. Na secretaria, porém, Mewer informou-o de que Neil Marschall havia saído. Etzel respondeu que esperaria, pois era indispensável que, naquele mesmo dia, lhe apresentasse seus amigos.

— Quem sabe a que horas voltará — replicou Mewer. — Talvez só chegue muito tarde.

— Pois bem, seja; o que não posso é mandá-los de volta. Onde podemos esperar? Chove a cântaros.

Mewer lançou-lhe um olhar enviesado por sobre os óculos de aros de tartaruga. Diante de Etzel, nunca se podia furtar a uma certa sensação de mal-estar que o deixava confuso. Sentia-se perturbado em sua frente, muito embora o admirasse e andasse sempre atrás dele; procurava-o sempre que podia.

— Pareces bem cansado, Andergast — disse. — Teus sapatos estão escorrendo água. Devias ter mais cuidado. Se queres meu conselho, vai meter-te na cama.

Aborrecido, Etzel sacudiu o paletó de couro encharcado e mirou-se de alto a baixo. Com efeito, uma poça d'água se formara em torno dele.

— Leva-os a um dos novos pavilhões — sugeriu Mewer. — É verdade que não estão ainda completamente instalados, mas não importa. Quando *Miss Marschall* voltar, mandarei avisar-te, ou antes, irei eu mesmo buscar-te.

— Obrigado — disse Etzel, voltando-lhe as costas. Uma vez fora, pôs-se à testa do grupo de seus protegidos e, atravessando a colônia, conduziu-os para o primeiro dos pavilhões ainda não habitados. Estavam todos encharcados até os ossos e sacudiram-se como cãezinhos, quando se encontraram ao abrigo do dilúvio, no grande saguão de entrada.

— Ponham-se à vontade como puderem — disse Etzel. — Agora é apenas uma questão de paciência.

Que se passava com ele? Estava exausto. Talvez que naqueles últimos dias se tivesse cansado demasiadamente. Era bem possível. Encolheu-se no chão, a um canto e deixou pender a cabeça para frente, mas logo tornou a levantá-la, resmungando: “Que significa isso? Queres ou não obedecer-me, maldita carcaça!”. Encontrava-se num estado semelhante ao do doente cuja temperatura, excessivamente elevada, não lhe

permite ter consciência de sua febre. Sem desconfiar de nada, continua a entregar-se às suas ocupações, sem compreender por que sente os membros pesados como chumbo e o corpo percorrido alternadamente por arrepios ardentes e gelados. A situação é das mais bizarras. Seis jovens, dos quais cinco são completamente estranhos entre si, internados por assim dizer num aposento que não conhecem, e condenados a uma espera de que ignoram tanto a causa quanto a duração eventual, pois aquele que os trouxe até ali e que devem considerar como seu guia encontra-se mergulhado, contrariamente aos seus hábitos, numa indiferença muda e mesmo, por momentos, em aparente torpor. Despertou neles esperanças precisas; naquela noite mesma, ao que informou, o destino de todos ia se modificar. Eis algo capaz de fornecer um bom tema para suas meditações, muito embora não se mostrem dispostos a admiti-lo irrestritamente. Nos dias de hoje, já não acontecem milagres, as próprias surpresas ocorrem raramente. Em todo caso, estão preparados contra uma decepção eventual. Cada um deles pertence a uma esfera distinta; entre eles, ao que tudo indica, não há ligação aparente. No entanto, os quartos de hora se sucedem, é preciso que alguém se decida a falar, já que o vulto no canto insiste em permanecer envolto em seu mutismo. Em torno deles reina um silêncio pesado que o ruído monótono da chuva torna mais opressivo ainda. Nenhum deles se recorda de se ter jamais encontrado em meio a um silêncio igual, à exceção talvez dos gêmeos, a quem voltam as lembranças da infância na floresta virgem. Trocam entre si um olhar e sorriem, com seu estranho sorriso de hermafrodita. Os naufragos que conseguiram atingir a margem e refugiar-se em alguma caverna, à espera de que a tempestade amaine, entretêm-se em referir episódios esparsos de suas vidas. É, pelo menos, o que estamos habituados a ler nos livros. Aqui, porém, a atmosfera é menos despreocupada: esses jovens de dezoito, vinte, vinte e dois anos são retraídos, pouco loquazes e nada têm de contemplativos. Naufrágio algum poderia induzi-los a falar de seus assuntos particulares. No entanto, aos poucos entabula-se uma conversa. Uma palavra aqui, outra ali, rompem aos poucos o silêncio, hesitantes, como que a contragosto, procurando encontrar um apoio, sondar o terreno. Alguém pergunta as horas. Outro faz uma alusão ao mau tempo.

Helene Grätz lança uma observação irônica sobre uma gravura de gosto meio duvidoso, pendurada junto à porta. Grünne tira do bolso um pedaço de pão e, percebendo o olhar ávido de Herbert Dedeken, inclina-se cortesmente e reparte-o com ele. Seyschab oferece cigarros que todos aceitam. As fisionomias tornam-se mais amenas, todos se fazem mais sociáveis. Seyschab, que nunca sai sem levar um livro consigo (dá-se com um livreiro que lhe empresta trabalhos científicos) tenta a princípio ler, mas desiste e fecha o livro. O conde inclina-se para ele e lê o título: “Psicologia do sonho”. Fita Seyschab, não sem respeito, mas não pode deixar de manifestar sua desconfiança em relação a “essas tolices”. Em poucas palavras, Seyschab expõe-lhe as ideias do autor. Grünne ouve com atenção. Os gêmeos aproximam-se deles. Seyschab desenvolve uma teoria profunda da força do sonho, deliberadamente oposta à de Freud. Trata-se de uma autêntica metafísica e, muito embora esforçando-se ao máximo por compreender, o jovem conde não consegue segui-lo inteiramente. O assunto o interessa, mas precisa de exemplos mais concretos. Então a conversa, tornada geral, passa a desenrolar-se em torno dos sonhos. Em consideração ao companheiro que dorme ou parece dormir a um canto, o tom raramente se eleva além de um *mezza voce*. (Entretanto, Etzel não está dormindo, muito embora não se encontre também inteiramente desperto. É um estado intermediário que, fato curioso, parece acentuar-lhe a receptividade. Enquanto os amigos discorrem sobre sonhos e relatam os próprios, é como se os visse a cada um com uma impressionante nitidez. Revelam-se a ele através de seus sonhos e esse fenômeno, por sua vez, lhe faz o efeito de um sonho). Grünne não compreende senão as interpretações fáceis. Como tem pouca imaginação, seus sonhos nada encerram de enigmático e não se afastam muito da realidade. Na véspera do dia de sua enxaqueca periódica, sonha sistematicamente que sofre de atrozes dores de cabeça e que abre as artérias do pulso com uma tesoura. Logo que o sangue escorre, seus sofrimentos se aplacam e, quando inundado por uma onda de sangue morno, cessam por completo. Nesse momento, sente-se reviver. Helene Grätz pergunta, espantada, por que razão o sangue aparece como motivo predominante em tantos sonhos. Eis o que costuma sonhar: alguém lhe apresenta um prato no qual aparecem

dezoito ou vinte cabecinhas cortadas de pombos que se movem ainda e olham curiosamente em torno. O sangue escorre pelo prato e, só quando cessa de correr, é que as cabecinhas se imobilizam. Herbert Dedeken refere que também ele tem um sonho que lhe ocorre periodicamente: encontra-se num barco que só pôde alcançar à custa de grande esforço e de muito perigo. Do cais, seus perseguidores o ameaçam de punho cerrado. O barco levantou âncora, mas não pode sair do porto, ninguém sabe por quê. Todos seus minutos são preciosos, sua mãe o espera. Se não chegar a tempo, nunca mais a verá. Entretanto, se o barco for obrigado a lançar âncora mais uma vez, seus perseguidores o alcançarão.

— Conta o teu sonho da corça — diz ele, dirigindo-se à irmã. — Também é um sonho onde há sangue.

Anna enrubesce e parece contrariada de ter sido interpelada. Eis o sonho: segue por uma trilha coberta de neve quando, subitamente, um lobo toma-lhe a frente e desaparece na floresta. Amedrontada, quer retroceder, e então avista uma corça presa numa armadilha pelas patas dianteiras. A parte posterior do corpo do animal está transformada numa chaga. O lobo alcançou-a e começa a devorá-la. O espetáculo da corça é de um horror inimaginável: a parte dianteira esforçando-se por romper a cadeia de ferro, a anca sangrenta e palpitante... Esse sonho volta-lhe sistematicamente de três em três ou de quatro em quatro semanas. Os outros meneiam a cabeça com ar significativo. Nesse sonho julgaram reconhecer a expressão do medo de viver, enraizado no mais profundo da alma de cada um. Para amenizar essa impressão dolorosa, Seyschab relata o seu sonho particular. Costuma ver-se a si mesmo, isto é, a um segundo Seyschab, caminhando à sua frente. Recusa-se a crer na dissociação de sua personalidade, que considera ilógico e pouco razoável. Seu outro eu, entretanto, sem levar em conta essa indignação, continua a caminhar, impávido, e a fim de puni-lo por essa insubordinação o Seyschab primitivo toma de uma pedra que lança à cabeça do renegado. A pedra atinge a ele próprio, e desperta com a dor. Todos riem, e o jovem conde mais do que todos. Aqui, sim, está um verdadeiro sonho de filósofo.

Etzel levanta a cabeça. Os sonhos que foram descritos refletem-se em seus olhos. São quadros mágicos, refletindo cada um o resumo mais sucinto de todo um destino. Como informam melhor sobre as respectivas almas se deixados em mistério, não se faz necessário interpretá-los. Da mesma forma que, para compreender um poema, não é mister fazer-lhe análise gramatical. Subitamente, parece-lhe saber tanto sobre aquelas criaturas como se houvesse vivido a vida de cada uma delas.

Era já noite quando Mewer apareceu. Tinham sido obrigados a passar a última meia hora no escuro, não tendo sido feita ainda a ligação da corrente elétrica para os novos pavilhões.

— Estás aí, Andergast? — gritou Mewer, passando a cabeça pela porta. Ante a resposta de Etzel, entrou na sala e anunciou que *Miss* Marschall estava de volta.

— Ela te espera — disse —, mas só a ti, sem os teus amigos.

Etzel, encolhido, os braços em torno dos joelhos, ergueu os olhos para ele. Não pressagiava nada de bom.

— Por que só? — indagou, desconfiado.

— Não sei. Tem alguma coisa a dizer-te.

— Que poderá ela ter ainda para dizer-me? — resmungou Etzel, levantando-se com certa dificuldade.

— Não sei, realmente. Não me parece bem-humorada.

— Pois bem, que seja. Enquanto isso, poderias fazer-lhes companhia; é aborrecido ficar sem fazer nada. Antes de serem recebidos... Mas eles devem estar famintos. Não têm fome? — perguntou, dirigindo-se a todos os cinco.

— Nem tanto assim — replicaram com certa hesitação.

— Vê se não podes conseguir uma vela, Mewer. Conversa com eles.

Canta-lhes a tua *Canção dos judeus*.

A *Canção dos judeus* era o triunfo de Mewer. Compusera-lhe as palavras. Também a música, que tinha algo de popular e soava como uma queixa, era de sua autoria. Tocava-a num pente de bolso enrolado em papel de seda. Cinco ou seis estrofes descreviam, num resumo vigoroso, o destino de seu povo. Um sofrimento milenar exposto sob a forma de um refrão popular e expresso no mesmo estilo. Ahasverus⁴⁵ transformado em trovador ambulante. É verdade que Max Mewer não correspondia à imagem imponente que nos acostumamos a fazer do Judeu Errante. Era magro e doentio. Sua fisionomia fazia dele o alvo das chacotas de ironias e desafetos. Ele reconhecia essa falta de sorte, a que chamava de sabotagem etnológica. Talvez em outros tempos houvesse esperado ser coisa diferente do que era. Acabara, porém, por compreender que não podia escapar a si mesmo; a amargura roía-lhe a alma e tivera por efeito levá-lo não só a apregoar publicamente sua raça, como ainda, ao mesmo tempo por desgosto e por cinismo, a exagerar-lhe os traços característicos. Atitude de bravata, de impudência, que não era mais sem dúvida que a expressão invertida de seu desespero em face de uma situação humilhante à qual o número de participantes conferia a amplitude de um fenômeno histórico. Foi esse mesmo desespero que, em 1920 — não passava então de um garoto — causara a morte de um irmão, doze anos mais velho que ele. Depois de ter feito toda a guerra como voluntário e recebido numerosas condecorações, viu-se excluído, na sua qualidade de judeu, de uma associação de estudantes, a que há muitos anos pertencia. A brutalidade especial de que se revestira o ato e as consequências que recaíram sobre aquele que atingira haviam despertado na época a atenção geral. Era uma noite de festa. Deviam começar por discutir o programa, após o que haveria um concerto, seguido de baile. Uma das primeiras questões da ordem do dia a ser submetida a votação era a de saber se os judeus podiam continuar a fazer parte da associação. Hermann Mewer, um dos fundadores da sociedade e membro do comitê, pede a palavra. O presidente reluta a princípio em concedê-la,

depois consulta a assembleia sobre seu desejo de ouvir ou não a Mewer.

A maioria recusa. E é depois de longa deliberação que se concorda em ouvi-lo. Apenas começa a falar quando um dos “veteranos” faz um sinal ao chefe da orquestra. Mewer tenta continuar, a orquestra abafa-lhe a voz. Deixa então a frase em meio, abandona a tribuna e passa a uma sala vizinha onde mete uma bala na cabeça. Comparecera à sessão preparado para qualquer eventualidade. Fora posto a par da conspiração e viera disposto a morrer, caso os amigos de outrora quisessem expulsá-lo de seu meio. Numa carta que deixou, assim se exprimia: “Verifico ser impossível a um homem que tem o senso da justiça viver num mundo a tal ponto desprovido de honra e dignidade. Esse é o motivo que me força a desertá-lo. A falta de consciência, a cegueira e o ódio apossaram-se dos homens de quem outrora me orgulhava em ser o camarada e, já que me é também recusado o direito de fazer justiça pelas armas, segundo o código cavalheiresco, e que, por outro lado, não desejo tornar-me um criminoso, nem deixar-me levar a uma baixa vingança, não me resta outra saída a não ser a morte”.

Pouco tempo depois do incidente, um jornalista imparcial lançava aos condiscípulos de Mewer essa pergunta sarcástica: “Podemos esperar que o debate interrompido seja retomado, e desta vez sem orquestra?”. Este acontecimento determinou a orientação futura e a disposição de espírito de Max Mewer por todo o resto de sua vida. Quando referiu a história a Etzel, este não pôde conter sua surpresa.

— Por que chegou a matar-se? — perguntou. — Não compreendo. Supõe, por exemplo, que um grupo israelita decidisse expulsar-me de seu meio, e que por isso eu fosse matar-me de desgosto. Seria uma tolice íntegra, não te parece? Iria destruir-me a mim mesmo apenas porque eles se julgavam melhores do que eu, ou mais distintos, ou sei lá mais o quê? Não percebes que isso seria a mais rematada das loucuras? Não, Mewer não compreendia. Com ar obstinado, respondeu: — Invertes as coisas, Andergast, porque não queres

admiti-las como são na realidade. Eis porque és ainda um dos poucos sujeitos decentes que conheço.

Desde a época do caso Waremme, Etzel sabia o bastante sobre os judeus. Conhecia a angústia profunda que lhes minava os alicerces da personalidade e os fazia sofrer como se fosse um mal hereditário. Evidentemente, reconhecia que o argumento com o qual defendera momentaneamente sua posição diante de Mewer era de uma sutileza impertinente e mais digna de um rábula do que de Etzel Andergast. A verdade, porém, é que toda essa questão estava longe de interessá-lo, em nada o atingia, e nem mesmo chegava a compreendê-la inteiramente. Quando obrigado a encará-la, fazia-o com a lealdade e a coragem que lhe eram habituais, embora avaliando tampouco a culpabilidade de uma das partes quanto o sofrimento da outra. Neste momento em que seu corpo tinha uma sensibilidade de esfolado vivo, em que seus sentidos estavam transtornados, seus nervos a tal ponto exacerbados que sentia ao mesmo tempo ímpetos de chorar, de morder e de distribuir murros ao acaso, também Mewer lhe aparecia sob uma luz diferente e, de repente, sentia-se capaz de devassá-lo até o íntimo, como o fizera antes em relação aos outros, enquanto descreviam seus sonhos. Teve a súbita revelação dessa luta vã, interminável, aviltante, ouviu o apelo angustioso a uma instância superior, sentiu a injustiça inexprida. Recordou a discussão que há alguns dias atrás tivera com Grünne. De acordo com o partido político a que pertencia, Grünne devia ser antissemita. Um preconceito contra o qual não se defendera prepara o caminho para isso. Ao acaso da conversa, o assunto foi abordado. Grünne exaltou-se seriamente e declarou que os judeus representavam um veneno mortal no organismo nacional. Sem eles, jamais uma catástrofe semelhante se teria abatido sobre a Alemanha. Para que o país pudesse renascer, o primeiro passo a dar era evitar que seguissem constituindo um estorvo no caminho. Por um momento, Etzel pareceu refletir profundamente. Nas palavras do companheiro, adivinhava um desespero e uma convicção sinceras. Não podia nem queria contradizê-lo, reconhecendo que nada conseguiria à custa de argumentação. Era um

terreno gelado, e amolecê-lo era uma questão de temperatura e não de palavras ou de espírito.

— Conheces realmente algum judeu? — perguntou finalmente. — Já lidaste com eles? — Que Deus me livre de tal coisa — replicou o conde; esperava que o futuro o preservasse de semelhante perspectiva.

— Tu não passas de um asno — disse Etzel. — Aposto como já apertaste a mão de, pelo menos, meio milhão de judeus. Que ideia te fazes deles? Julgas por acaso que têm chifres e à noite se empoleiram em galhos de árvores? Um dia desses trago-te um. Alguns são tipos admiráveis, posso garantir; vais arregalar os olhos de espanto.

— Muito obrigado — respondera Grünne. — Se é essa tua intenção, o melhor que tens a fazer é esqueceres de minha existência.

“Que demônio se terá apoderado dos homens”, pensa então Etzel, estupefato. “Por que motivo se odeiam a esse ponto? Porque odeiam, eis tudo. Sem conhecer o objeto de seu ódio, inocentemente, por assim dizer, como é o caso do bom Grünne e de outros muitos de sua espécie. Eis aí um fenômeno sociológico. Aparentemente, o mal é sem remédio, ou então, caso contrário, seria preciso localizar e prender a esses mestres-cucas que, em laboratórios suspeitos, temperam e acomodam o ódio para servi-lo em seguida como prato saboroso e apetitoso...”

— Começa tua canção — disse, dirigindo-se a Mewer em tom animador.

— Gostaria de ouvi-la novamente. E tu, Grünne, presta atenção. É muito engraçada. Um instante... que a luz se faça! Tirou do bolso do paletó uma lanterna elétrica e ligou-a. O fecho de luz de uma brancura ofuscante iluminou em primeiro lugar um rosto cuja expressão sombria alterara-se por completo. Seus olhos fundos ardiam como chamas dentro das órbitas. Mewer sentou-se na borda da mesa e cruzou as pernas. Pesquisou os bolsos até encontrar o pente indispensável à encenação. Acabou por encontrá-lo. Em lugar de papel

de seda, utilizou uma folha arrancada a uma carta. Etzel passeou em torno o facho de luz de sua lâmpada.

— Aproxima-te, Grünne — lançou numa voz aguda, diferente. — Não te esconda. Prometi trazer-te um judeu, e aqui o tens, e mais um concerto de quebra, com entrada grátis.

Grünne aproximou-se, curioso, mas um certo desprezo fazia-o hesitar. Todos os rostos sobre os quais incidia a luz ofuscante pareciam máscaras de gesso. Mewer disse baixo a Etzel: — É tempo de ires, não faças esperar mais à *miss*.

— Vou indo — concordou Etzel. — Começa, então. Aí está, meus amigos, a *Canção dos judeus* que lhes prometi.

Entregou a lanterna a Seyschab e mergulhou nas trevas. Da porta, deteve-se ainda para escutar. A princípio foi a terrível melodia no pente, que lembrava o troar de um saxofone. Logo depois, Mewer começou, com sua voz pastosa de tenor:

Venho da aurora do mundo e vou até o fim dos tempos. No princípio era o Verbo, se diz, mas que sentido tem isso? Sangue, lágrimas, sofrimentos, cicatrizes,

Angústia, temores; andar, mendigar, sofrer fome,

Fugir, rilhar os dentes, caminhar do Eufrates até as Flandres.

A quem pertence esta linda cançoneta? Ao bravo, ao insolente judeuzinho! Abraão, Isaac, Jacó e companhia,

Rosa rubra de Jericó...

Em Worms como em Viena, em Madri como em Roma, fui esfolado em vida. Guerra, fome e peste, era eu quem os tinha inventado.

Diziam o imperador, o Papa e o czar, e os concílios o demonstravam;
E os cães, os homens, os padres, os soldados, os cavaleiros

Cuspiam-me no rosto através das grades de minha jaula. Pagar dez
vezes, morrer cem outras, expiar mil mais,

E logo em seguida ter de beijar os pés do carrasco.

A quem pertence esta linda cançoneta? Ao bravo, ao insolente
judeuzinho!

Abraão, Isaac, Jacó e companhia, Rosa sangrenta de Jericó...

Depois dessa estrofe, Etzel saiu. De fora, ouviu ainda vagamente a
terceira, que lhe chegou aos ouvidos pelas janelas:

Pertenço à estirpe do Rei Davi, e esquecera-me disso:

Ter nas veias sangue real e sujeitar-me a humilhações tamanhas! Faço
como se não fosse eu e com isso estou recebendo o meu castigo.
Coragem! Que são dois mil anos? Um grão de areia na eternidade,

Resta-me ainda bastante paciência, paciência para uma montanha de
tempo. De pé, filho de Sião, e ergue bem alto a cabeça,

Teus verdugos são de casta inferior à tua.

Depois, o estribilho se extinguiu:

A quem pertence esta linda cançoneta? Ao bravo, ao insolente
judeuzinho!

Abraão, Isaac, Jacó e companhia, Rosa santa de Jericó...

Neil recebeu-o imediatamente. Tinha visitas, mas dera a ordem para
que a chamassem logo que ele chegasse. Ao avistá-lo, franziu a testa e
seu olhar assumiu uma estranha fixidez. Sem passar pelas
demonstrações impetuosas com que de ordinário o saudava, abordou

imediatamente o assunto, parecendo sobretudo empenhada em não deixá-lo pronunciar uma só palavra. Encontravam-se no mesmo aposento que na noite da cena com Emma, aquele onde estava o espelho de três faces.

— Tenho a dar-te uma notícia desagradável, *darling* — começou num tom frio e apressado. — Sou obrigada a retirar a promessa que te fiz a respeito de teus amigos. É com imensa pena que o faço, bem podes imaginar. Nesse meio-tempo, surgiram, porém, certas obrigações urgentes que tiveram de passar em primeiro lugar. É preciso que me perdoes... Estava já comprometida quando te fiz aquela promessa precipitada... Em suma, desta vez é impossível atender-te.

Tinha a cabeça inclinada de lado, como um melro que se apresta para abocanhar um grão, e seus dedos amarrotavam nervosamente o largo colarinho de renda. Evitava fixá-lo em rosto. Tinha medo. Passara o dia todo com medo. Sentia-se pouco à vontade em toda aquela questão. Conhecia-o suficientemente para saber o golpe que lhe estava desferindo com a sua súbita recusa. Sabia com que seriedade, com que indomável energia, ele costumava entregar-se às tarefas que se impunha. Seu instinto lhe dizia à custa de que esforços conseguira levar a cabo aquela última, e sentia que o seu “não” desferira nele um golpe tão inesperado como o do magarefe sobre a cabeça do animal no matadouro. Contudo, era isso precisamente o que desejara. Não por maldade. Não havia nela qualquer traço de maldade. Também não se tratava de uma aversão secreta. Pelo contrário, tinha por ele simpatia, ele a interessava, tinha-o em alto conceito e não cogitava de puni-lo pelo fato de ter ousado derrubar e destruir o seu ídolo, Emma Sperling, ou de ter “traído” a Jürgen Lorriner. Tampouco lhe queria mal pela vigilância crítica com que, de uns tempos para cá, a vinha observando, se bem que isso a aborrecesse e inquietasse um pouco. Cada um desses motivos teria sido mesquinho, e a mesquinha era um sentimento desconhecido para ela. O impulso a que cedera tinha raízes mais profundas, era um ciúme inconfessado pelo lugar que Etzel ocupava junto aos moços, pela confiança absoluta que lhe dedicavam. Era a inveja do artista frente a um rival, o que não quer dizer que fosse

menos destruidora que qualquer outra inveja acanhada e mesquinha. Prova-o o fato de que nos ocupamos. A inveja era, talvez, o único vício de Neil, e quando estava em causa a obra à qual dedicara a vida, sua missão ideal, sua simpatia entusiástica pelos moços, entregava-se sem freio nem medida a esse sentimento, e não recuava diante de nenhum meio capaz de fazer sentir ao suposto rival a superioridade de seu poder, embora correndo o risco de renegar, como aqui, seu papel de amiga protetora. Salvar criaturas para recolher em troca o reconhecimento e a afeição, intervir, qual deusa benfazeja enviada pelo destino, quando a desgraça atingia o seu auge, eis para que existia, ela e ninguém mais além dela.

O primeiro pensamento de Etzel foi: “Deus meu, como vou anunciar-lhes... Já tomaram suas providências nesse sentido, já se acreditam salvos... Não posso tornar a aparecer diante deles... Vão tomar-me por um trapaceiro vulgar e um irresponsável... Que fazer? Não sei absolutamente o que fazer...”. Cambaleou ligeiramente. Suas pernas se haviam convertido em dois troncos inertes. Sentia a cabeça terrivelmente oca e, ao mesmo tempo, ardente. Tinha vontade de mergulhá-la em água gelada. Moveu maquinalmente os dedos como se costuma fazer quando se tem as mãos exangues e paralisadas. Passou a língua pelos lábios, gaguejou algumas palavras acerca de uma promessa firme sobre a qual contara, e que três desses jovens estavam literalmente sem teto. Falava com o mesmo dogmatismo que o fazia afastar, depois contrair os dedos. Seu olhar tinha uma fixidez algo estúpida e, enquanto sua imaginação era presa de uma alucinação torturante que lhe fazia ver Neil girando sem parar em torno dele, uma única ideia o perseguia inexoravelmente: Como falarei com eles? Que fazer com eles?... Contam com minha ajuda... Não têm outra esperança... Era a última oportunidade...”

Neil continuava a falar. Sua voz era como uma verruma perfurando-lhe o cérebro. Respondia: sim, não, sim, não, sem compreender. Ou então sacudia a cabeça, isto é, tinha consciência de estar sacudindo a cabeça, e via-se fazendo aquele gesto vazio de sentido como se fosse um espectador estranho. De repente, percebeu que Neil desaparecera.

Ou fora ele quem partira? De qualquer maneira, viu-se sozinho. Um momento depois, estava na rua. Avançava, fazendo uma quantidade infinita de passos. Mais um instante e estava abraçado a um poste de iluminação contra o qual apoiou a testa. Um policial deu-lhe um empurrão e aconselhou-o a ir cozinhar a bebedeira em casa. “Para onde ir”, pensou em desespero. “De maneira alguma posso tornar a procurá-los... Não poderia explicar-lhes...”. Então, para onde ir? Subitamente, eis que em seu peito qualquer coisa estremece como uma pequena chama que se acende com o vento. Acaso não existia um homem junto a quem podia refugiar-se? Como pudera esquecê-lo? Diante dele, não era preciso envergonhar-se, não era preciso explicar nada, compreendia tudo, sabia tudo, via tudo... Porém, como chegar até ele? Estava muito longe... Remexeu ansiosamente os bolsos: nada. Não tinha dez *pfennigs* de seu. O último dinheiro que possuía, treze marcos, dera-o a Helene Grätz para que ela pagasse suas dívidas no padeiro e no armazém. Não se sentia capaz de caminhar até a Avenida Transversal. Teria levado horas para cobrir o percurso. Hoje podia fazê-lo. “Já sei”, pensou vagamente. “Vou tomar um táxi e pedirei dinheiro emprestado ao porteiro para pagá-lo”.

Por volta das dez da noite, tocava a campainha da porta de Kerkhoven. A empregada que veio atendê-lo informou-o de que o professor estava trabalhando e recomendara que não o incomodassem. Apenas acabara de falar, lançou um grito: o rapaz caíra rígido a seus pés, como uma massa.

CAPÍTULO XIV

Era um caso de esgotamento dos mais graves. Astenia nervosa: um termo médico como qualquer outro, naturalmente, ninguém sabendo melhor que Kerkhoven que essa designação nada exprimia de preciso sobre o que se produzira naquele organismo. Servia-se dessa fórmula como de qualquer outra, como um escultor que utiliza os pontos geométricos sobre o mármore ainda bruto.

— Com ele, é como em tempo de guerra — confiava a Marie. — De quinze em quinze dias, trazem-no ferido para a retaguarda. E essa força de resistência de que é dotado... é de pasmar.

Marie quis saber se havia perigo.

— Num caso como este, é no estágio preliminar que reside o perigo — replicou Kerkhoven. — Uma vez declarado o mal, está em vias de processar-se a cura. É como quando um gás explosivo faz saltar em tempo a rolha de um frasco, evitando que se dê a explosão.

Naturalmente, retivera Etzel em sua casa e instalara-o naquele mesmo quarto com vista sobre o pátio que, em pensamento, já há duas semanas atrás lhe destinara. Pelo telefone, requisitara uma de suas enfermeiras de mais confiança, transmitindo-lhe instruções precisas sobre os cuidados a serem ministrados ao doente. Na manhã seguinte, todos os pertences de Etzel foram, por ordem sua, removidos da Rua Motz e dispostos com o maior cuidado nas duas peças que iria habitar até nova ordem. Etzel de nada se apercebeu. No primeiro dia, com efeito, dormiu quinze horas a fio e, no segundo, dezesseis. Era um sono de chumbo, um sono impermeável, como que no fundo de um poço profundo, um sono primitivo, onde os sentidos se aniquilavam, a atividade do cérebro se extinguia e, de dentro das trevas mágicas que o envolviam, o coração palpitante tornava-se senhor absoluto do corpo. Quando, no quarto em que se achava deitado, percebeu os objetos familiares reunidos em torno dele e, pela porta aberta, no aposento contíguo, as lombadas bem conhecidas de seus livros cuidadosamente arranjados nas prateleiras, sua estupefação foi sem limites e, por um momento, pareceu duvidar da própria sanidade mental. Apertando a ponta do nariz entre os dedos, num gesto que lhe era familiar, começou por meditar sobre o lugar em que se encontrava e sobre o que lhe teria acontecido. A Irmã Ágata explicou-lhe gentilmente que tudo o que lhe pertencia fora levado para lá por determinação expressa do professor. O professor desejava que ele abandonasse a antiga moradia e passasse a viver em casa do professor, e tomara as medidas em consequência. Teria sem dúvida razões para isso. Ela não

aconselhava Etzel a opor-se à vontade dele. Não se recordava de que alguém jamais o tivesse feito. *Suprema lex regis voluntas*.⁴⁶ Sabia o seu latim.

Etzel não replicou. Continuava tão aturdido como antes e não sabia como explicar aquilo tudo. Era como se, durante o seu sono, o houvessem transportado para outro continente. Em parte, aquilo lhe agradava, representava para ele um alívio. Por outro lado, porém, sentia-se intimamente revoltado, como diante de uma arbitrariedade. O ritmo cotidiano da vida — mesmo daquela que se leva com relutância — acaba sempre por integrar-se no sangue de cada um, e toda parada nesse ritmo provoca em nós uma espécie de morte. Aquilo que ontem existia e que bruscamente perde sua ligação com o dia de hoje assume um aspecto acusador. O homem está ligado aos seus atos e à constância de sua sucessão por uma cadeia de bronze, da qual só se consegue desprender quando essa liberação se processa gradualmente. Quando Kerkhoven veio vê-lo, Etzel não ousou, a princípio, fitá-lo em rosto. Havia em sua atitude um certo ar de desafio. Kerkhoven compreendeu imediatamente o que se passava com ele. Para começar, não procurou entrar em qualquer espécie de explicação. As palavras, ali, de nada teriam servido. Quando duas vontades se defrontam, o que é preciso é lutar e derrotar o adversário. Esse procedimento não entrava nos planos de Kerkhoven. No caso de um confronto desses, aliás, poder-se-ia conjecturar sobre qual dos dois triunfaria, pois o rapaz era, nesse ponto, superior a todos os outros que conhecia, talvez pertencesse mesmo ao número restrito desses atletas da vontade a quem está destinado marcar toda uma época com o seu sinete. Ou, quiçá, tudo dependesse ainda do rumo que tomassem os acontecimentos, da capacidade de resistência de algum órgão sensorial até então desconhecido, da reserva sem dúvida rigorosamente medida das energias celulares. Nos caracteres dessa natureza, as gerações costumam ter acumulado reservas inesgotáveis de energia e de sensibilidade. Sob esse ponto de vista, alimentam-se, por assim dizer, de si mesmos, e é quase tão impossível vencê-los pela fome quanto levá-los a capitular. Para dominar a Etzel, tornava-se necessário recorrer a meios diferentes dos que, pela prática e pela experiência, se

havam mostrado eficazes. Era preciso penetrar muito profundamente na natureza criadora, até o fundo dessa segunda existência que repousa sob a existência de superfície, como o mundo das raízes sob o solo. Portanto, era necessário desprezar todo e qualquer método de tratamento, rejeitar essas astúcias terapêuticas que exploram uma fraqueza para conseguir influência, rejeitar esses processos inquisitoriais que, trazendo à luz fatos ocultos, têm por efeito segregar a personalidade e paralisar instintos que, enquanto fundidos na individualidade total, exercem ação bem menos funesta que quando se oferece à consciência um meio de explorá-los com desconfiança. “Dominá-lo”. Que expressão! Acaso seria preciso algum esforço tão especial? Estava-se ali diante de uma situação eminentemente simples, quase elementar. Que mais pretender, senão deixá-la desenvolver-se espontaneamente? Ser, existir — estava dito tudo. Estar presente. Abraçar e não fazer qualquer movimento para evitar de ser por seu turno abraçado. Acolher a outra existência e deixá-la intocada. Conhecê-la em suas profundidades mais insondáveis, com todos os seus condicionamentos e suas promessas, sem tentar violentá-la. A outra vida é a *rocha de bronze*. Quanto mais a respeitamos e estimamos, mais puro é o espelho que ela oferece à nossa própria personalidade, mais precioso o bem que representa para o mundo. Que obra-prima não se poderia modelar aqui, que tesouros não seria possível extrair de uma criatura assim! A este plano aludira em sua conversa com o velho Heberle que, melancolicamente, o taxara de quimérico: “Supunha que se pudessem subtrair duas ou três dezenas de almas à atmosfera de contágio e de perigo...”. Se conseguisse preservar aquela personalidade rara, se pudesse subtraí-la, tanto quanto possível, à força cega de um destino que parecia cada vez menos interessado em selecionar e, antes, encontrar, de cada vez, um maior prazer de Moloch na destruição em massa, se chegasse a libertá-la (por enquanto só àquela, depois se veria) da confusão e do erro, a preservá-la do esgotamento — bastante sério aliás — do seu organismo, de um sofrimento espiritual do qual, a julgar pela situação atual do mundo, não se poderia esperar vê-la livrar-se espontaneamente — não teria realizado com isso obra mais salutar do que auxiliando a centenas e centenas de criaturas já atingidas e

quebrantadas a se levantarem por um curto prazo para seguir, depois, arrastando até um pouco mais longe suas existências estéreis e sem alegria? Limito-me a registrar essa sucessão de raciocínios, sem oferecer qualquer apreciação pessoal. É fácil perceber que o personagem em foco atravessa uma crise vital. Há algum tempo já que o sabemos. Os primeiros sintomas remontam a um passado assaz distante. A eles vem agregar-se, sem dúvida, esse fenômeno misterioso de muda por que passam todos os homens em torno dos cinquenta anos e em que se pretende ver a consequência de modificações nas secreções internas. Essa hipótese nada representa, nem explica. Kerkhoven era o último homem a poder contentar-se com a simples patologia de semelhante fenômeno. Suas observações tampouco se limitavam à sua própria pessoa, que não o interessava senão na medida em que representava um elo a mais na cadeia de provas. Pressentia a existência de uma lei oculta cuja descoberta estaria reservada às gerações futuras e que, segundo todas as probabilidades, não se poderia formular senão quando fosse possível isolar da espécie a personalidade do homem superior como dado morfológico em si. Com efeito, segundo sua convicção íntima, tratava-se aqui apenas de uma modificação de forma, cujos sintomas somáticos só eram perceptíveis nos verdadeiros precursores e unicamente em épocas determinadas, ou pontos mortos, a que ele chamava postos de estacionamento da existência humana.

Perguntou a Etzel se lhe agradaria o posto de seu secretário particular. Era o projeto que há muito vinha acalentando. Etzel surpreendeu-se. Enrubescou e fitou Kerkhoven com um ar de desconfiança. Não seria aquilo uma manobra amistosa para ajudá-lo a sair da situação difícil em que se encontrava? Kerkhoven adivinhou-lhe o pensamento e sorriu. Nem por um momento cogitara em oferecer-lhe uma sinecura, afirmou. Não se podia permitir esse luxo. Ademais, não podia garantir, antecipadamente, o bom resultado do arranjo. Era preciso experimentar primeiro.

— Não tenho a menor ideia do que espera de mim, mestre, e nem tampouco do que serão minhas obrigações — replicou Etzel.

— Não é difícil de explicar. Durante a consulta, por exemplo, terá de estenografar os diagnósticos. É preciso que fale sobre isso com o Dr. Römer, para evitar conflitos de autoridade. De um modo geral, ficará ao meu lado o mais tempo possível. Não é trabalho o que falta. Tenho pilhas de notas a classificar, estou com correspondência em atraso, os registros não estão em dia, as fichas dos doentes precisam ser revistas e catalogadas, bem como os artigos que publiquei em diferentes revistas técnicas. Tenho documentos e notas para um livro cuja redação me interessa sobremaneira. Há anos que penso em escrevê-lo e não encontro tempo... Bem vê, é mais do que necessário para um serviço de secretário. Até agora faltou-me uma pessoa em quem pudesse depositar confiança e capaz de compreender de que se trata, em cada ocasião. Decido-me tão dificilmente a me aproximar das pessoas!... Quando tudo está preparado, o projeto falha, por falta de ambiente.

Etzel tinha os olhos baixos e fixos num ponto qualquer em sua frente. Não conseguia desvencilhar-se da suspeita de que esse oferecimento era uma armadilha que lhe preparavam, uma armadilha à maneira de Kerkhoven, sem dúvida, mas nem por isso menos traiçoeira. Subitamente, fitou Kerkhoven face a face e este fitou-o também. Pareceram ter-se compreendido. Com sua voz rouca, Kerkhoven prosseguiu: — Naturalmente, não é meu intuito colocá-lo numa posição subalterna. Sei com quem estou lidando. Você não nasceu para ser empregado de ninguém. De passagem, pergunto: para que nasceu você? A questão é para mim um enigma. Presumo que também o seja para você. Este fato tem seus bons e maus aspectos. Entretanto, no momento, isso não nos deve preocupar. Para lhe falar com franqueza: ofereço-lhe um amparo. Você foi rudemente maltratado pelas tempestades e aqui estou para dizer-lhe: aqui tem minha casa, considere-a como sua. É urgente que encontre um abrigo, por provisório que seja, sem o que o seu caso pode vir a acabar mal. É preciso pôr um freio a essa vida instável que só lhe pode ser funesta. O mal é que essa instabilidade obedece à lei da aceleração na queda dos corpos. Qualquer ocupação a que se sujeitar lhe trará esse freio necessário. É preciso disciplinar-se. Quem sabe, encontrará nisso alguma satisfação. Quem sabe, chegaremos a nos entender bem em

nosso trabalho em comum. Quem sabe, um caminho novo se abrirá então, imprevisivelmente. Não se pode prever nada. Não exigirei nada de você, mas esperarei tudo. Talvez se apresentem dificuldades. Mas, por que tomar por princípio que tudo deve ser fácil na vida? Seu tempo pertence-lhe, como no passado — qualquer imposição exclui a confiança —, mas o que me conceder espontaneamente ser-lhe-á contado em dobro. E agora, que pensa da minha proposta? Etzel levantou-se, fitou Kerkhoven sorrindo e, perfilando-se militarmente, disse apenas esta palavra: “Mestre”. E se poderia tomá-la por um juramento.

Kerkhoven esperou, com curiosidade um pouco inquieta, pela primeira tentativa de fuga de Etzel. Estava preparado para isso. “Um belo dia desaparecerá, por prazo mais ou menos longo”, refletia, “pois é impossível esperar que mude radicalmente da noite para o dia”. Contudo, esse dia não chegou. Kerkhoven concebeu então certa esperança, não obstante nada lhe escapar da angústia moral do jovem. Observava-o disfarçadamente, enquanto ele continuava pensativo e taciturno. Seu rosto espelhava uma sombra de tristeza, tinha o olhar apagado e as pálpebras inflamadas e vermelhas. Sentado, encolhido sobre si mesmo, dir-se-ia um gnomo surgido do seio da terra, repudiado por sua própria gente. “É preciso poupá-lo”, pensava Kerkhoven. Evitava interrogá-lo. O melhor era agir indiretamente sobre ele. Tudo dependia de poder retê-lo junto a si. Se não o conseguisse, teria visto fracassar o melhor de seus esforços. Cumprir dizer, entretanto, que essa dúvida não o inquietava demasiado. Sua força pessoal era um fato de que acabara ficando mais ou menos seguro, tal um ginasta exercitado que conhece a superioridade de seu vigor físico. Entretanto, a força não é tudo. É preciso ter a astúcia de um Deus, quando se pretende “reter” um homem. Todos se debatem desesperadamente, antes de se submeter. Todo sofrimento moral é uma forma de anarquia. A alma sem rumo aspira a encontrar um guia. Mas, logo que este lhe aparece em toda a sua pujança, ela se rebela. Kerkhoven acreditava ter reconhecido que aquilo a que os psicólogos e os críticos de seu tempo chamavam doença da juventude era de fato uma aspiração dissimulada de obedecer e receber ordens, aspiração

essa que, em certos casos, podia exaltar-se até o misticismo. No íntimo de si mesmos, odiavam e temiam uma liberdade que os condenava a uma solidão implacável. Por outro lado, não lhes escapava o fato de que o ideal da coletividade, por eles mesmos construído por temor a essa liberdade excessiva, não era mais que a soma dessas solidões sem lenitivo, cujo símbolo religioso era representado pela máquina.

Toda a pessoa de Etzel parecia gritar-lhe: “Ordena para que eu obedeça!”. Entretanto, seria suficiente o firme propósito? Não seria também necessária a graça? Não se tratava de um indivíduo qualquer. Era como se lhe houvessem confiado a tutela de um príncipe real, esplendidamente dotado. Limitando-se a essa tarefa exclusiva, que ação profunda e extensa não se podia exercer! E isso de maneira concreta, palpável. Eis precisamente o que se processava com Kerkhoven: a necessidade de julgar com seus próprios olhos os resultados de sua atividade inquietava-o frequentemente como um desejo físico. A um médico de sua categoria não é possível abranger com o olhar sua obra pessoal, porque a natureza humana está constantemente a desvendar-lhe novos horizontes, e as fronteiras entre a saúde e a enfermidade fazem-se cada vez mais sutis, a noção de cura de mais a mais problemática. Uma fratura complicada que se consegue curar, uma ablação de estômago, uma simpatectomia, são resultados concretos sobre os quais se pode apoiar, pois tendo sido realizados com êxito equivalem a restituir a vida a uma criatura. No caso dele, Kerkhoven, porém, não se trata de restituir a vida a ninguém, apenas de corrigir a orientação defeituosa das consciências. Ora, quanto a isto, nada tem podido constatar: age como que às cegas, e a situação permanece inalterada à medida que se aprofunda no campo do conhecimento. Seu esforço lhe aparece como uma luta corpo a corpo com cada doente isoladamente, até lhe ter regenerado e renovado o alento. Uma vez conseguido isso, quando o enfermo se ergue e recomeça a caminhar, assiste-o mergulhar sem alegria numa existência não renovada, enquanto a lembrança de sua “ausência” permanece no médico como uma ferida nunca de todo cicatrizada. E esses são ainda em número reduzido. Os mais numerosos, os que voltam sempre, os que não podem dispensá-lo, entregam-se ao sofrimento com uma

energia cruel. Estes não vivem nem morrem, entregam-se durante meses, anos e lustros a uma vida vegetativa, que é um meio-termo entre a vida e a morte. No fundo, não são mais que seus acusadores e os testemunhos de sua impotência... Num daqueles dias, foi convidado a realizar uma conferência, marcada para o mês de setembro, sobre as psiconeuroses da juventude. Não tinha a menor vontade de fazê-lo. Etzel foi encarregado de redigir a carta de recusa. Relutou um pouco e, por fim, indagou de Kerkhoven por que motivo recusara a oportunidade de expor suas ideias. Kerkhoven respondeu que, numa época em que em todas as criaturas a personalidade se consumia a si mesma, era um erro evocar intencionalmente o espectro da psicogênese e amedrontar as pessoas, sob pretexto de difusão da ciência. Etzel sacudiu a cabeça, depois explicou que aquilo podia ser feito com uma intenção mais elevada. Por certo, correspondia a evocar o diabo, mas a ciência não era a Igreja, não precisava do diabo. Pelo contrário, via ali uma excelente ocasião para libertar para sempre os homens do pavor do diabo de ordem vulgar em que acreditam. O diabo autêntico, eles o ignoram, como ignoram o Deus verdadeiro. Só os eleitos podem fazer uma ideia de um e de outro. Mas, para estes, esta crença já não é mais uma superstição.

Kerkhoven tinha um ar pensativo: — Hum! — exclamou por fim. — Creio perceber onde quer chegar.

É um ponto de vista como qualquer outro. Será preciso refletir sobre ele.

Etzel sorriu.

Remexendo nos papéis de Kerkhoven encontrara uma folha com estas palavras: “Os homens são como as estrelas; como estas, movem-se dentro de uma órbita determinada. A astronomia ensina a calcular as órbitas. Eu poderia igualmente imaginar uma matemática dos destinos e das ações humanas. Em torno de um corpo central, os planetas descrevem seu círculo constante; em torno dos planetas, os satélites traçam o seu. Os asteroides fantasmagóricos cruzam

impetuosamente os sistemas planetários; os meteoros, boêmios do cosmos, rompem-lhe sem cessar a ordem estabelecida. A questão que surge é esta: a que sistema pertences? Quem faz parte do teu sistema? Produzes a luz ou a recebes? É este o fator predominante na determinação da posição que ocupas na ordem humana”.

Essas palavras causaram-lhe uma impressão profunda. Mostrou o papel a Kerkhoven e comentou: — Os astrólogos o nomeariam seu sacerdote supremo se lessem isto, mestre.

— É possível — replicou Kerkhoven. — Se bem que entre essas palavras e a arte de aplicá-las não exista maior relação que entre uma equação algébrica e uma fórmula mágica.

— Quando se examinam todas as experiências da própria vida — disse Etzel com ar sombrio —, compreende-se não ter realizado, afinal, senão uma única. E a lei que regeu a esta é absolutamente impossível de decifrar. Assim é que nunca, nunca poderei divisar o meu próprio rosto. Ninguém pode saber jamais qual é o seu aspecto real. A imagem que se vê no espelho é como se fosse uma letra, isolada de uma frase. Dez mil imagens de mim mesmo refletidas num espelho continuam a nada representar de mim mesmo. Por que será, aliás, que sempre experimentamos aversão pela imagem que os espelhos nos enviam de nós mesmos? — Porque sempre nos fazemos a nosso respeito ideias estranhamente exageradas — replicou Kerkhoven —, ainda quando nos desprezamos a nós mesmos.

— É exatamente isso! — disse Etzel.

Kerkhoven não pôde deixar de rir alto ao ouvir essa dócil aprovação. E em seu riso ressoava uma satisfação tão intensa que Etzel, surpreso, o fitou. Era, metaforicamente falando, a satisfação do jardineiro que vê recompensado seu trabalho, a despeito do solo e da temperatura desfavoráveis. Sentia isso em cada pergunta, em cada olhar do rapaz: era uma forma nova de confiança familiar, tímida, cheia de uma

prudente expectativa. Exatamente como se fosse um oferecimento constante e discreto que lhe faziam.

Pelo fim da semana, numa noite em que ditava cartas a Etzel e quando a hora já estava avançada, caminhou durante longo tempo pelo aposento, mergulhado em seus pensamentos. A criada trouxe café e, quando se instalaram em face um do outro, Kerkhoven lançou, entre dois goles: — Ouvi dizer que na colônia se passaram coisas muito pouco edificantes. De há muito que Etzel estava preparado para essa pergunta, pois outra coisa não pretendia ser aquele comentário. O fato de o mestre ter podido retê-la tanto tempo contribuía para elevá-lo extraordinariamente a seus olhos.

Com isso vencera nele toda e qualquer resistência. Etzel admirava-se de ver como lhe parecia natural e normal que Kerkhoven abordasse, por fim, o assunto. Ele, Etzel, não saberia ter pronunciado a palavra capaz de provocá-lo. Tudo aquilo era ainda muito recente, capaz de arrastá-lo para muito longe e não se sentia ainda inteiramente seguro de si mesmo. Balançando entre dois dedos a pequenina colher de prata, os olhos baixos por detrás dos óculos — que esquecera —, referiu do princípio ao fim o que se passara com os seus cinco protegidos. Kerkhoven ouvia-o com grande atenção.

— É curioso, é extremamente curioso — murmurou, depois que Etzel concluiu.

— Tudo foi de uma sutileza inadmissível, não lhe parece, mestre? — Não estou certo de que seja propriamente um tema de jurisdição moral. Para fazer uma coisa destas, é preciso ser alguém... como direi... a quem falte por completo o senso da realidade.

— Precisamente. É exatamente o que acontece. E esse alguém está colocado no centro de uma realidade, de uma grande realidade, de uma realidade fundamental.

— Sem dúvida.

— Pode-se brincar com tudo, menos com uma realidade que se reconhece como fundamental — prosseguiu Etzel com os olhos brilhantes. — Caso contrário, o mundo inteiro se põe a oscilar perigosamente.

— Acredita que Neil esteja apenas brincando? — perguntou Kerkhoven, surpreso. (Pelo espaço de um momento viu-a diante de si, em carne e osso, toda vibração e entusiasmo, os olhos brilhantes, a boca móvel, com dentes miúdos, o pescoço talvez demasiado grosso, os gestos eloquentes...).

— O que suponho é talvez bem mais grave — disse Etzel com esforço.

— Bem mais grave ainda. Ela paga com moeda falsa. Afeição, entusiasmo, esperança, confiança, tudo retribui com moeda falsa. Não de modo deliberado, mas simplesmente porque não pode fazer de outra forma. Não que tenha consciência disso. Em absoluto, não o suspeita, é uma criatura que se engana sobre si mesma. E aqueles que nela confiam se veem frustrados, rigorosamente falando, de tudo quanto subsiste no mundo de sagrado. Não me venham dizer que não se apercebem disso. É verdade e, ao mesmo tempo, não é. A evidência do fato acaba sempre por penetrar até os últimos e mais secretos refolhos da consciência. Uma gota de veneno é suficiente para provocar a morte. É verdade que estão todos ajoelhados em adoração diante da fada benfazeja. Entretanto, um dia acontecerá a uns e outros o mesmo que se passou comigo. Nesse dia, tudo estará acabado. Nada lhes restará, além de seu consolo matemático, mestre. Neil, o corpo celeste. Quando se lança uma pedra no vácuo, esta descreve uma parábola, não é certo? Eis aí o consolo.

Kerkhoven nunca o vira tão comovido. Conservando uma expressão imperturbável, observava aquela fisionomia transtornada.

— Isto e o resto, as duas coisas, tudo reunido, é demais para mim — murmurou Etzel.

— Que resto? — Por acaso não vê ela em mim o gênio mau de Lorriner? Está convencida de que fui eu a causa de seu desmoronamento mental.

Com um gesto de medo lançou sobre a mesa a colher de prata que segurava ainda, desta vez na mão fechada.

— Isso foi há muito tempo, quando me vi obrigado a destruir-lhe as ilusões pueris que alimentava sobre Emma Sperling.

Contou-lhe os fatos como se tinham passado. Kerkhoven estava mal informado sobre as relações misteriosas existentes entre Lorriner e a bailarina. Etzel o pôs ao corrente de tudo. Falava apressadamente, como fazem aqueles que fogem de alguma coisa. Referiu o que Neil lhe dera a entender de modo indireto, como se a acusação nem de leve o visasse, como se não fizesse senão solicitar o concurso dele para descobrir o criminoso desconhecido. Aquilo era de uma astúcia diabólica, não é verdade? E, no entanto, a intenção era transparente como água. Era evidente que suas palavras não visavam senão a ele. Pura e simplesmente, uma acusação de assassinato. Ou algo equivalente. O raciocínio de Neil era evidentemente o seguinte: abater o inimigo com um murro ou com o auxílio de alguma arma complicada, vem a dar tudo no mesmo. Depois de reduzido o inimigo à impotência, é fácil fazê-lo internar num asilo de loucos. Por que não? Não seria a primeira vez a verificar-se o fato. Nas novelas policiais, ocorre frequentemente. No primeiro momento, quando ela lhe expôs tudo isso com seu sorriso *United States*, teve a mesma sensação de quando a telefonista dá um número errado. Engano. Desliguemos. Logo depois, porém... Interrompeu-se bruscamente e, com um gesto nervoso, afastou os cabelos úmidos que lhe caíam sobre a fronte.

— Logo depois... o quê? Continue — pediu Kerkhoven, com uma suavidade insistente.

— Daí por diante, a história é verdadeira.

— Como assim? Que quer dizer com isso? Etzel quer dizer o que disse. Tudo se passou exatamente como Neil o imaginara. Com efeito, foi sempre aquela a sua finalidade. Desde o primeiro dia. Água mole em pedra dura... Acossando a Lorriner com aquela insistência, chegara realmente a algum resultado: forçara aquela alma estritamente limitada a ultrapassar seus próprios limites. Procurou, por assim dizer, modificar aquele organismo moral, e com isso só conseguiu impeli-lo à demência. O termo preciso era esse: demência. E o que afirmara certa vez o pobre Lüttgens adquiria então pleno significado: era preciso precaver-se contra Andergast que era como um explosivo e fazia rebentar as almas.

— Era a isso sem dúvida que se referiam as enigmáticas palavras de Lorriner acerca da fornalha ardente — disse muito baixo Kerkhoven. — Eu não compreendi... — Evidentemente, era isso — cortou Etzel com ímpeto, embora sua voz não fosse mais que um murmuro. — Não se sentindo capaz de penetrar na fornalha ardente, como eu o desejava, preferiu... como diria... desertar, intelectualmente falando.

— A fornalha ardente representaria, no caso, um meio de pressão? Etzel assentiu com um movimento de cabeça.

— E o atentado sanguinário por parte dele, uma tentativa de liberação? Etzel concordou novamente.

— Bem, estou começando a compreender.

Kerkhoven levantou-se, apagou a lâmpada sobre a escrivaninha, correu as pesadas cortinas de tecido grená das janelas e retomou seu lugar.

— Para começar, é raciocínio de leigo sustentar que disputas como essa possam provocar a manifestação da demência — disse, os olhos semicerrados, inclinando a cabeça para trás. — Nem mesmo é verossímil que a tenham acelerado. É como se alguém que remasse numa canoa que começa a fazer água fosse culpar-se a si mesmo por usar um traje excessivamente pesado. No fundo, tampouco você o

acredita, Andergast. Não o julgo tão tolo. Será possível que ignore o motivo que o transformou no implacável perseguidor de seu amigo-inimigo? Etzel parecia refletir penosamente. Visivelmente, não conhecia esse motivo.

— Reconhece que, desde que eu fui procurá-lo, nem uma vez me pediu notícias dele? Sim, Etzel o sabia. Mas, para ser franco, esperava que o mestre as fornecesse, espontaneamente.

Kerkhoven não pôde deixar de sorrir. (Conservava ainda os olhos semicerrados e a cabeça inclinada para trás, e nessa posição sua fronte parecia de uma amplitude impressionante).

— Nesse momento, está mentindo, meu rapaz — disse com afabilidade.

— É a primeira vez que surpreendo Etzel Andergast em flagrante delito de mentira. Por que não confessar francamente que sentia medo? Medo do nome, da lembrança, da pergunta, de minha resposta.

Etzel calou-se, e de novo pareceu refletir com esforço.

— Medo? Por quê? — indagou, perturbado.

Kerkhoven ergueu-se lentamente. Seu rosto estava mais pálido que habitualmente. A luz crua, vinda do teto, fazia ressaltar-lhe mais fortemente os maxilares e transformava numa mancha escura sua barbicha oriental.

— Houve uma ocasião em minha vida — começou — em que, na minha qualidade de médico, me antecipei à morte. Era um imperativo de ordem espiritual e moral dos mais prementes. Tratava-se de abreviar uma agonia e, por outro lado, de preservá-lo a ele, ao amigo, de algo pior que a morte. Muito breve, quinze anos se terão passado sobre isso, Andergast, e, à parte eu mesmo, ninguém neste mundo soube jamais desse fato, nem mesmo minha mulher. Você fica sendo o único inteirado. Sobre as consequências que dele decorreram, não

posso tecer comentários. Trata-se de coisas que se afastam, num certo sentido, dos fenômenos naturais que nos são familiares. Talvez chegue o dia... não quero dizer que nunca... em suma, quero dizer que, desde então, jamais me encontrei em situação análoga, nunca mais ousei antecipar-me ao destino, nem mesmo durante a guerra, quando, em meio aos atrozes sofrimentos, um ferido suplicava-me que o fizesse. Por qualquer razão que seja, a tentação nunca mais me assaltou até há cinco semanas atrás, até a noite em que trouxe Jürgen Lorriner para a clínica.

Etzel mantinha-se rígido como uma estaca na cadeira. Sua fisionomia exprimia uma tensão tal que quase lhe conferia um ar idiota. Murmurou algumas palavras ininteligíveis. Kerkhoven nem mesmo pareceu ouvi-las. Continuou: — Dessa vez, passei toda a noite na clínica. Não para dormir. Não dormi naquela noite. Às nove horas, mandei-o embora, como deve estar lembrado. Despedindo-se, você me perguntou por que motivo eu não lhe dizia nada, se tinha qualquer coisa contra você. Não, eu nada tinha contra você. De uma coisa, entretanto, estava certo: era preciso que você se decidisse. Escolher entre eu e... o outro. E isso imediatamente. Era uma cartada decisiva, a que estávamos jogando. Às dez horas, fui visitar Lorriner, em companhia do interno Merk. Encontrei-o calmo. Estava agachado a um canto do quarto, como um ídolo de madeira. Merk acreditava tratar-se de um caso de demência traumática. Nos dias que se seguiram, com efeito, acreditamos ter diante dos olhos a imagem da síndrome de Korsakoff.⁴⁷ Meus alunos mais jovens gostam ainda de recorrer às designações científicas correntes. De qualquer maneira, podia-se confiar na eficácia do tratamento. Depois que Merk se afastou, sugeri ao doente que se deitasse. Passaram-se trinta e cinco minutos antes que se decidisse a fazê-lo. Em seguida, sugeri que dormisse. Outros cinquenta minutos se escoaram. Depois, tinha-o estendido em minha frente. Ali estava ele, o indivíduo Lorriner, a *res publica* Lorriner. Achava-me em presença da causa Lorriner contra Andergast, e da causa Lorriner-Andergast contra Kerkhoven. Um caso difícil. Eu era a um tempo acusador e juiz. A situação tinha qualquer coisa de muito simplificado, poderia dizer mesmo de simbólico. Lá

fora, fazia uma bela noite; pela janela aberta, podia divisar a lua pendurada no céu como um abajur amarelo. Refiro esse detalhe porque tinha a impressão de que há muitos anos não via nem a lua nem o céu noturno. Sentia-me como se estivesse sozinho no universo. O indivíduo Kerkhoven e o indivíduo Lorriner, isolados no universo. Podiam começar os debates. A acusação apoiava-se em provas decisivas. Principal peça de acusação: propagação consciente de uma enfermidade mais devastadora que a cólera, porque ameaça a existência espiritual e moral do nosso mundo. Pode assumir as mais variadas formas, desde a loucura declarada até a de uma lesão latente. É ao mesmo tempo uma revolução do sangue e uma perturbação do espírito, uma psicose genética e uma epilepsia emotiva. É mais contagiosa que qualquer outra epidemia conhecida e transforma aqueles a quem atinge em maníacos irresponsáveis. Seu sintoma exterior é o ódio. Um ódio que rompe todas as cadeias, desata todos os laços, tanto os humanos quanto os divinos, e cujo sombrio frenesi transforma-o num flagelo sem par na história do mundo. O maior perigo que apresenta é a atração invencível exercida sobre a juventude, que a ele sucumbe após uma resistência insignificante. Através de um entorpecimento, obtido por meio de certas toxinas verbais, provoca uma anestesia total do coração e uma alteração dos sentimentos que constituem a um tempo o fundamento e a essência da vida.

Calou-se durante alguns segundos e apoiou a mão sobre os olhos.

— Entretanto — prosseguiu —, um dos defensores presentes objetou: “Estamos diante de um caso isolado, lidamos com um representante fortuito que não passa ele mesmo de uma vítima. Podemos nos perguntar se tinha noção do seu crime, ao contaminar os demais. O contágio é inerente ao caráter do indivíduo, o qual não lhe pode ser imputado”. Era fácil rebater esse argumento. Admitamos que consegui isolar um bacilo virulento que possui, digamos, a energia irradiante de um átomo de rádio. Por que motivo hei de parar para refletir, antes de torná-lo inofensivo? As bactérias comuns já são capazes de atravessar o invólucro resistente representado por uma casca de ovo de ave. As infecções psicoespirituais são muito mais difíceis de desenraizar, os

portadores de germes conseguem burlar todas as precauções. Não nos podemos defender contra a morte de que são os veículos, senão dando-lhes por nossa vez a morte. Você me compreende, Andergast, sei que me compreende. Eu não arriscava nada. Bastava que estivesse decidido. Possuímos venenos alcalinos cujo efeito é instantâneo, e que a análise química é incapaz de revelar. Uma dose mínima na seringa, e está feita a profilaxia... Ergueu-se penosamente, e Etzel imitou-o. Fitaram-se. Kerkhoven abriu os braços e deixou-os cair dos lados do corpo com um ruído surdo. Ia e vinha pelo quarto, a mão sobre a nuca. Falou: — Não pude decidir-me. O indivíduo Joseph Kerkhoven não se atrevia. O indivíduo Joseph Kerkhoven era, aliás, incapaz de fazê-lo. Esse fato deve ser computado a seu favor ou contra ele? Não me interessa descobri-lo. Que coisa me distingue daquele que teria levado a cabo sua resolução? Apenas esse eu, esse eu anquilosado, do qual não posso escapar, esse eu preestabelecido. Quem sabe o teria feito, se meu nariz tivesse um ou dois milímetros a mais ou a menos, ou se no sistema ganglionar do meu cérebro houvesse existido um feixe centrípeto a mais ou a menos. Quem poderá dizê-lo? Etzel deu alguns passos e interceptou-lhe o caminho. Apoiou levemente as duas mãos sobre o braço de Kerkhoven e, os lábios trêmulos, disse: — A causa Lorriner-Andergast está definitivamente encerrada, não, mestre? Kerkhoven olhou o relógio, eram duas e meia.

— Diabo! — exclamou. — É mais do que hora de meter-me na cama! Ao mesmo tempo, bateram levemente. Marie apareceu na porta da sala de jantar.

— Perdão, Joseph — disse timidamente. — Não desejo interromper-te, mas é terrivelmente tarde. Não conseguia dormir, sentia palpitações e, passando pela sala, ouvi tua voz. Precisas descansar, Joseph! Não se aborreça comigo, Andergast — disse, voltando-se para Etzel. — Não costumo fazer esse papel de vigilante atemorizada, mas este homem abusa de sua saúde. Verdadeiramente é um crime.

Vestia um longo *peignoir* de veludo verde-azulado que emprestava à sua figura alguma coisa de floral. Assim parada no umbral da porta, o

ar hesitante, convencida da inoportunidade de sua intrusão, com seu rosto claro, os eloquentes olhos pálidos transbordantes de reprovação dirigidos para o marido, fazia lembrar vagamente a figura do anjo na *Anunciação* de Lorenzo di Credi. (“Flor, anjo”... O leitor irá pensar que estou exagerando e acusar-me-á de me deixar arrastar por preferências pessoais. É possível. Em primeiro lugar, porque é agradável ouvir uma voz amável, em seguida a esses comentários áridos e desesperantes. Por outro lado, aquela aparição inesperada, a uma hora assim tardia, tinha algo de irreal que libertava das coisas terrenas). Kerkhoven caminhou ao seu encontro e disse: — Tens razão, Marie, é mal feito. Íamos justamente levantar a sessão.

Vai, querida. Passarei um momento em teu quarto.

Etzel julgou ver passar, nos lábios de Marie, um sorriso de dolorosa ironia. Sob essa impressão, despediu-se do casal. Consigo mesmo pensou que o mestre se esteja descuidando um pouco de sua esposa.

No dia seguinte, Marie apareceu para o almoço. Até então, Etzel comia só com Kerkhoven. Quando perguntava por ela, respondiam-lhe que estava deitada. A verdade é que só depois da chegada de Etzel deixara de tomar parte nas refeições em comum. Até então, estas lhe forneciam a única ocasião de passar uma meia hora com o marido, e só um motivo imperioso poderia fazê-la desistir desse prazer. É verdade que era obrigada a suportar frequentes interrupções, provenientes de chamados telefônicos, seja do Dr. Römer, seja da clínica ou de algum doente particular, que de dez em dez minutos requisitavam Kerkhoven. Por outro lado, este se achava sempre demasiado absorto para se deixar levar a uma conversa mais íntima. Frequentemente acontecia-lhe não ouvir o que ela dizia. Então, fazia com as mãos um porta-voz e chamava-o em voz alta pelo nome, como quando se interpela um conhecido na rua. Ele se assustava, sorria embaraçado, curvava-se sobre a mesa e, a título de reparação, beijava a mão que ela lhe estendia, resignada. Era uma cena habitual. Não obstante, ela se sentia feliz com a sua presença. Depois que Etzel, já restabelecido, se tornara até certo ponto um membro da família, essa

reunião a três deixara de interessá-la. A presença cotidiana, à mesa, daquele estranho teria transportado-a, de cada vez, a um meio desconhecido. Há muito já teria partido para Lindow, se não lhe repugnassem tanto a perspectiva de uma mudança e se a ideia de passar uma temporada em sua propriedade não a atemorizasse.

Naquele dia, ao levantar-se, sentira-se melhor do que de costume. Fazia um tempo esplêndido de pleno verão, o calor seco tornava-a perfeitamente feliz. Por volta de onze horas, fora à cidade fazer umas compras. Com uma surpresa que a enchera de alegria, encontrara em caminho a Tina Audenrieth (de solteira, L'Allemand; já tivemos oportunidade de encontrá-la), a quem não via há seis anos. De um ano para cá, haviam mesmo deixado de corresponder-se. Tinham muito que conversar e duas horas se haviam escoado.

— Tive vontade de trazê-la para almoçar — disse, ao terminar seu animado relato.

— Foi uma pena não o teres feito — disse Kerkhoven. — Eu teria gostado de revê-la; sempre tive muita simpatia por ela.

— Creio que chegaram mesmo a flertar um pouco — sorriu Marie.

— Sim, um pouco, um *flirt* muito, muito ajuizado. Continua tão retraída como antes? — Penso que sim, e assim o espero. Aliás, breve poderás julgar pessoalmente. Vai instalar-se em Berlim e viver em Dahlem com a filha que acaba de se casar. Combinamos que viria passar uma semana comigo em Lindow. Que bom seria, se isso se realizasse! — Por que duvidar? — As coisas de que nos regozijamos antecipadamente, raramente acontecem. Além disso, Tina, como bem o sabes, é uma heroína do dever. Uma sombra passou-lhe pelo rosto, que logo em seguida se desanuviou.

— É verdade, tinha ainda algo para contar-te. Conheces uma certa *Miss*

Eleanor Marschall? Kerkhoven e Etzel levantaram ao mesmo tempo para ela um olhar surpreso.

— Veio procurar-me ontem, alegando conhecer-te. Convidou-me para fazer parte de um comitê internacional de esposas e mães. Trata-se de fundar, em algum ponto da África, um Estado novo para a juventude. Respondi-lhe: “Estas coisas não me interessam”. Quem sou eu afinal? A esposa de Joseph Kerkhoven. “Pois bem! Não é o bastante?”, perguntou-me. “Não o suficiente para explorar publicamente esse nome em meu benefício”, fui obrigada a responder. Finalmente, para me desembaraçar dela, prometi falar-te a respeito.

— Podes dar-lhe esse prazer sem nenhum receio — disse Kerkhoven.

— É uma coisa inteiramente sem importância.

Etzel sacudia a cabeça sem proferir palavra. Marie fixava-os alternativamente, com ar interrogador.

— Naturalmente, tomou-me por uma incorrigível burguesinha — continuou. — Pedir a permissão do marido! Como tomar a sério uma criatura tão antiquada? Senti positivamente que me desprezava. Contudo, é uma mulher interessante. Tudo nela é exaltação e não faz cerimônia para gratificar-nos com elogios colossais. Isso me agrada. Entre nós, esse hábito é desconhecido. Cada um se julga na obrigação moral de exprimir sem rodeios aos demais verdades que estes prefeririam ver silenciadas. Aliás, pediu-me também notícias suas, Andergast. Parecia ter conhecimento de que estava hospedado em nossa casa.

Etzel inclinou-se, sem comentários.

À tarde, por volta de seis horas, Etzel mandou perguntar, pela empregada, se Marie podia recebê-lo por alguns minutos. Esta voltou com a resposta de que a senhora o esperava. Encontrou-a em sua pequena biblioteca, sentada junto à janela aberta, de onde gozava uma esplêndida vista sobre a Praça da República e uma imensidade de

copas verdejantes. A atmosfera estava como que impregnada de uma poeira de ouro. Por cima da Porta de Brandemburgo, ecoava o ronco sonoro de um motor de avião. O quadro ficaria para sempre gravado em sua memória: a silhueta escura da mulher sobre o fundo rosa e ouro do ar, o oceano de ramas verdejantes ondulando ao infinito no enquadramento da alta janela, aquele rosto, aqueles olhos de estranho reflexo de âmbar que se voltavam para ele, amavelmente interrogativos. E uma outra coisa ainda que percebia apenas porque dela tinha conhecimento, graças a uma alusão de Kerkhoven. A silhueta não apresentava mais que uma mudança imperceptível; contudo, o fato de saber o que havia enchia-o de um respeito temeroso, como jamais sentira em presença de uma mulher. Isso o levou a diminuir o tom de voz, quando ela o convidou a sentar-se e indagou o motivo de sua visita. Marie supunha que ele tivesse alguma reclamação a fazer, no tocante às suas acomodações. Lembrou-se de que a torneira do chuveiro não funcionava e, há muito, devia ter sido consertada. Esquecera-o por completo. Censurava-se, aliás, por não ter indagado ainda do rapaz se estava satisfeito com sua instalação, o que era o menor de seus deveres de dona de casa. Enfim, ainda nesse ponto sentia os efeitos do relaxamento geral que em tudo a acometia: já não estava à altura do mais elementar de seus deveres, e bem merecia que lhe infligisse um chamado à ordem que certamente a deixaria confusa. Assim, foi grande sua surpresa quando Etzel lhe expôs o motivo da visita. De tal maneira se habituara a preencher deficientemente os seus deveres domésticos que se sentiu quase desapontada não o vendo trazer-lhe a confirmação esperada. Aquilo se tornara nela uma ideia fixa, naturalmente. Contudo, se desde o início da gravidez a rotina monótona e aborrecida do lar parecia-lhe ainda mais enfadonha, e a fraqueza física, tanto quanto um certo entorpecimento do espírito — que a fazia sofrer acima de qualquer outra coisa — paralisavam-lhe a vontade e o gosto pelo trabalho, contava ainda com bastante experiência e bastante autodomínio para manter sem grande esforço a ordem habitual. Nunca fora uma dessas mulheres que alardeiam suas obrigações domésticas e, através de ruidosas lamentações e mudos olhares de mártir, procuram demonstrar que nasceram para coisa diferente da redação de menus e

da fiscalização das despesas. Detestava essas atitudes e tinha horror a essa classe de mulheres. De fato, raciocinava, se não se sentia capaz de resolver com facilidade os problemas materiais e exteriores da existência, que papel representaria aos olhos daqueles cujo bem-estar dependia da solução desses problemas? Outrossim, que valor podia representar um esforço que exigia o testemunho dos suores que custara e, em retribuição, obtinha o remorso daqueles a quem vinha beneficiar? Pensando assim, aprendeu a aparentar que fazia tudo como que se divertindo, muito embora isso lhe resultasse, não raro, muito custoso e que, para mostrar-se em todas as ocasiões superior aos contratempos surgidos, lhe fosse preciso lançar mão de uma dose regular de força de vontade. E não era, tampouco, por simples acaso que há tantos anos contava com a mesma criadagem. Todos a estimavam e procuravam antecipar-se aos seus desejos.

Era estranho o que aquele rapaz tinha para lhe dizer. Vinha preveni-la contra Eleanor Marschall. Sobretudo, insistia em que Marie não entrasse em relações com ela. Inegavelmente, tinha qualidades sedutoras, mas, a par disso, nada que justificasse que Marie se comprometesse com ela, o que, é claro, poderia dar motivo a falsas interpretações. Antes de tomar semelhante iniciativa, refletira seriamente sobre o direito que lhe cabia de fazê-lo e acabara por convencer-se de que cumpria com isso um dever para com o mestre e sua esposa. É verdade que o mestre não dava importância a esses pequenos detalhes. Tinha o espírito muito largo, planava em regiões demasiado elevadas para poder preocupar-se com todas as mesquinhas intrigas que o rodeavam sem atingi-lo. Aliás, as naturezas puras como a sua deixavam de suspeitar o que de equívoco e de suspeito havia em Neil Marschall, que, sem ser o que se possa dizer uma criatura ruim, era, entretanto, incapaz de distinguir entre o autêntico e o superficial, o sagrado e o profano, o verdadeiro e o falso, coisa essa mais perigosa e mais funesta do que ser francamente mau. Fizera essa experiência às suas próprias custas. Podia falar com conhecimento de causa, sabia bem com quem lidava. Sem dúvida alguma, ela precisava do mestre para algum objetivo definido. Jamais agia sem ter um objetivo definido, quase sempre muito nobre, e eis

porque tentava em primeiro lugar conquistar-lhe a esposa. Quem, no entanto, se deixava enredar por ela, dificilmente se libertava desse jugo. Realmente, dava mostras de uma energia insensata, quando se tratava de dominar e subjugar alguém.

Marie escutava-o tomada de mudo espanto.

— Meu caro Senhor Andergast — disse, quando ele acabou de falar —, vejo que se preocupa inutilmente. Tranquelize-se. Para que alguém possa me subjugar, como o senhor diz, é preciso que seja muito esperto. Não sou muito fácil de seduzir.

Etzel examinava-a com curiosidade.

— Não se interessa então pelas criaturas? — perguntou.

— Sim, mas à distância, antes como espectadora.

— Então, é um luxo que se oferece? Marie riu baixo, como se houvesse previsto a réplica.

— Precisamente — respondeu. — E por que não iria permitir-me esse luxo? Acha o senhor que não me cabe o direito? Etzel teve a vaga impressão de havê-la ofendido e murmurou algumas palavras de escusa.

— Não importa — disse ela, em tom de caçoada. — Uma pequena alfinetada não faz mal a ninguém.

“Engraçado”, pensou ele, “já chama a isso uma alfinetada”. Na entonação de Marie, lobrigava uma intenção de retrair-se que o irritava, aliada a uma lassidão que o enternecia. “Sou-lhe francamente antipático”, pensou, e pôs-se a conjecturar sobre o que nele podia desagradar-lhe. Certamente não se tratava de traços isolados de caráter, senão de toda a sua pessoa. Não era fácil remediá-lo. Sabia que as mulheres, no estado de Marie, são habitualmente irritáveis e caprichosas. Não podia negligenciar essa noção, em atenção ao mestre,

sobretudo. Talvez em outra ocasião conseguisse cair-lhe nas boas graças. Contudo, se com o correr do tempo percebesse que sua presença cotidiana lhe era importuna e sua pessoa desagradável, nesse caso não poderia continuar ali por mais tempo. Teria que fazer as malas e partir o mais rapidamente possível, sem o que ela acabaria por tomá-lo por um indesejável e um parasita. Como certificar-se disso, porém? Não podia lançar mão de seus processos habituais para obrigá-la a falar. Temia sua ironia, seu sorriso cheio de subentendidos, seus próprios pensamentos. Intimidava-o, sentia que tudo o que dizia chocava-a, estava furioso de saber-se tão desastrado, e despediu-se às pressas, refletindo que a ideia daquele passo não fora particularmente genial.

Na primeira ocasião que se apresentou, mencionou a Kerkhoven a dúvida que o assaltara. Kerkhoven replicou-lhe: — Isto, meu caro amigo, são fantasias que é preciso tirar da cabeça. Foi minha mulher, ela própria, quem pensou em oferecer-lhe hospitalidade, donde se pode deduzir que suas suspeitas são falsas.

Etzel não se sentia em absoluto convencido, mas fingiu que o estava. Tanto mais quanto Kerkhoven, por seu lado, não estava seguro de que Marie, que possuía tão pouco a arte e, menos ainda, o desejo de dissimular, não houvesse demonstrado com demasiada clareza sua aversão. Quando ela lhe contou a visita de Etzel, Kerkhoven inclinou a cabeça repetidas vezes e disse que o rapaz tivera infelizmente a impressão de que sua presença não lhe agradava, e que tinha a intenção de partir, o que era de lastimar, visto como começava apenas a adaptar-se ao seu novo gênero de vida. Marie replicou, irritada, que não percebia verdadeiramente em que pudera lhe ter dado motivo de queixa. Pelo contrário, mostrara-se particularmente amável para com ele, por mais estranho que fosse o motivo que imaginara para procurá-la. Insistiu sobre a palavra “imaginara”, por acreditar que Etzel não se deixava guiar senão por motivos de razão e nunca por um sentimento. Kerkhoven não estava ao corrente da história: julgara tratar-se de uma simples visita de cortesia.

Quando Marie lhe referiu o objetivo da visita do rapaz, pôs-se a rir: — Aquele que jamais se desvia de seu caráter acaba por parecer-nos um simples farsante — disse.

A melhor maneira de sossegar Marie era ele se pôr a rir. Esquecia então todas as suas preocupações, sentia o coração leve e tinha ímpetos de tomar-lhe a mão em sinal de agradecimento. O prazer com que o ouviu, enquanto ele lhe apresentava o motivo sério e bem fundado que levava Etzel a falar-lhe, foi a maneira que encontrou de exprimir-lhe, sem ajuda de palavras, seu reconhecimento. Enquanto falava, ele tinha um olhar que a comoveu a ponto de perguntar-se se sua impressão a respeito de Etzel seria realmente justificada.

Sim, mostrara-se rígida e altiva, é bem verdade, não só daquela vez, mas desde o primeiro dia. Qual podia ser a causa? A verdadeira, não a que a ela mesma se apresentava como tal. Era muito simples: ela não fazia mais parte do grupo dos jovens, não compartilhava realmente de sua vida. Constatação dolorosa, perturbadora, sobretudo porque, naqueles últimos tempos, viera alimentando a convicção de que só um concurso de circunstâncias desfavoráveis a vinha mantendo apartada do mundo vivente, e que bastava o mais leve impulso, quiçá um simples chamado, para desencadear nela as energias interiores em disponibilidade. Acaso se teria iludido a si mesma? Sem o perceber, ter-se-ia detido em uma das pequenas estações de parada da existência? Assim, com trinta e seis anos apenas, seria uma mulher acabada? E isso sem o perceber, do dia para a noite, por assim dizer? De ano para ano viera se entregando à esperança consoladora de que o grande acontecimento estava ainda por vir, sob a forma de um impulso decisivo, de uma renovação radical. E, como o lúgubre cortejo dos dias continuasse a caminhar com seu ritmo imutável e arrasador, depositou secretamente sua suprema esperança na vinda de um momento em que sua atividade vital atingisse a plena expansão, como se a natureza costumasse distribuir seus dons sem ser à custa de árdua luta e sem exigir por eles um alto preço de resgate. Também esse prazo havia expirado, se bem que sob esse aspecto fosse uma retardatária, como tantas outras mulheres precocemente amadurecidas que

regularam demasiado cedo o ritmo de suas existências e com excessiva pressa deram por findos seus combates. Sim, tornou-se negligente, perdeu a antiga audácia, o brio, o entusiasmo e apenas ocasionalmente se entrega com ardor moderado a uma ou outra tarefa. A isso se resigna, cansando-se aliás facilmente, para o que muito contribui a pouca resistência física de que é dotada. É essa a constatação mais dolorosa. Um exemplo apenas basta para prová-lo: um homem como Joseph acolhe a um jovem em sua vida, concede-lhe uma confiança ilimitada. Não apenas este passa a chamá-lo de mestre, como por seu lado ele se põe a tratá-lo como discípulo predileto. É preciso que haja uma garantia suficiente, razões plausíveis a justificar essa atitude, que não pode ser mero produto de uma imaginação exaltada. É preciso que o indivíduo em causa seja capaz de corresponder a tais esperanças, ou Kerkhoven não seria Kerkhoven. E ela? Ela age como se aquilo de todo não lhe dissesse respeito, assume o papel de simples espectadora, toma uma atitude de suspeita, mantém-se à distância e fecha-se orgulhosamente dentro de si mesma. Eis aqui algo inteiramente estranho ao seu feitio normal; é como se fosse uma erva daninha, que se torna necessário arrancar.

Voltando de umas compras na cidade, na tarde seguinte, encontrou Etzel no vestíbulo. Ele cumprimentou-a cerimoniosamente e fez menção de passar, mas ela o deteve. Etzel inclinou-se então para beijar-lhe a mão. Mas, antes que o fizesse, tomou a dele e apertou-a. O gesto com o qual afastava uma formalidade que não era suficientemente natural para ser apenas uma formalidade, causou ao jovem um prazer evidente. Seus olhos brilharam. Ela perguntou-lhe se estava bem acomodado, se tinha algum pedido a formular; que se dirigisse a ela para tudo, agora que podia voltar a ocupar-se da casa. Naqueles últimos tempos, não se sentia bem e evitara qualquer esforço, mas esperava que ele não a culpasse por sua negligência. Etzel sacudiu energicamente a cabeça em sinal de protesto, admirado de que se pudesse supor que tinha ainda exigências, depois de tudo quanto já recebia. A princípio, julgou tratar-se de simples fórmulas de polidez, porém rejeitou logo a suposição, porque em Marie essas fórmulas convencionais não soavam como nas demais criaturas. Não havia nada

de vazio nem de superficial no que dizia, suas palavras tinham, por assim dizer, o polimento e a autenticidade perfeitos do diamante. Quando ela lhe perguntou se queria tomar um xícara de chá em sua companhia, inclinou-se mais uma vez cerimoniosamente e seus olhos voltaram a brilhar. Marie surpreendeu-se com o som da própria voz. Aquele convite lhe escapara inadvertidamente. Temia um pouco uma nova entrevista, que não podia prever onde os conduziria. Era difícil estar sossegada ao lado dele. Pegava cada palavra como se fora uma bola que não se pode deixar de devolver ao parceiro, mesmo com o risco de quebrar-lhe a cabeça. Esporte mais fatigante que divertido. A ela, não agradava viver nesse estado de alerta constante. E, realmente, foi assim que começou. Aparentemente, Etzel acreditava que essa exagerada afabilidade era ditada a Marie menos por um sentimento espontâneo que pelo desejo de ser agradável a Kerkhoven, que com isso pretendia convencê-lo de se ter queixado sem motivo da frieza da esposa. Deu-lhe a entender isso e, muito embora não o fizesse senão através de uma tímida alusão (como se lhe impusesse a uma obrigação), Marie sentiu-se tão contrariada que enrubesceu.

— Será preciso que diga sempre as coisas que não deve? — perguntou, e logo em seguida, mais calma e já com ironia: — Por acaso me toma por uma tolinha que recebe de seu amo e senhor as prescrições sobre o que deve fazer e o que evitar, como um empregado de seu patrão? Vendo-o curvar a cabeça com surpresa e confusão, teve pena dele. Sorrindo, procurou fazê-lo compreender que era falta de tato de sua parte emprestar-lhe uma intenção que ela não podia nem queria refutar, pois que, defendendo-se, conferia-lhe *ipso facto* o direito de acusá-la. Chegara ele ao ponto de por toda parte descobrir conspirações e tramas secretas? E nada mais esperar da liberdade de pensamento e da inteligência das outras criaturas, e tudo do interesse utilitário? Era esse o fruto de sua experiência? Etzel inclinou a cabeça para trás e disse em tom breve e cortante: — Sim.

Ela mirou-o assombrada. Enquanto falava, ele não deixara de fixar-lhe os lábios. Havia nas inflexões e no timbre daquela voz algo de extraordinariamente tranquilizador. Dava vontade de ouvi-

la horas a fio. Não era a primeira vez que lhe fixavam a boca enquanto falava; isso irritava-a sempre e, desta vez, de modo particular. Para escapar à ingênua insistência daquele olhar, pôs-se a mirar com interesse as próprias mãos cruzadas sobre os joelhos. Ele pôde, então, admirar à vontade a bela fronte límpida e a curva jovem do pescoço e, no conjunto, a graça juvenil de toda sua pessoa, a elasticidade e o abandono fascinante daquele corpo que se poderia tomar pelo de uma menina. Dificilmente se acreditaria tratar-se de uma mãe de três filhos, dos quais uma era quase uma moça. Que ela fosse a esposa do mestre, sua companheira, sua confidente, a pessoa que lhe era mais próxima, que com ele quase não formasse mais que a mesma carne e o mesmo sangue, este pensamento enchia-o sempre do mesmo respeitoso temor, tornando-a a seus olhos mais inacessível que uma rainha. Esta simples ideia despertava nele um desejo de jovem, um desejo místico, qual seja o de protegê-la como se fosse um cavaleiro especialmente armado para tal. Ela poderia certamente esclarecê-lo sobre o passado do mestre. Frequentemente desejara saber mais do que este deixava escapar, em seu habitual laconismo. Se lhe fosse possível abraçar de um golpe de vista o caminho percorrido por aquele homem desde sua infância, teria encontrado a solução para muitos enigmas inexplicáveis: essa todo-poderosa influência sobre as almas, essa assombrosa sabedoria, misto de candor e demonismo, esse magnífico equilíbrio de caráter, essa sedutora aliança de frieza e deslumbramento, de ligação à terra e de impulso de evasão, essa existência paralela do caos inorgânico e do luminoso cosmos (vistas aqui pelos olhos do discípulo entusiasta, não podemos esquecer). Não se chega a conhecer uma criatura como aquela, senão depois de plenamente inteirado de sua evolução. Para quem lhe ignora o passado e as origens, o indivíduo permanece incompreensível e nunca deixa de ser impreciso e vago como uma sombra. Etzel não ousava interrogar Marie diretamente, receava que ela tomasse sua necessidade sincera de saber por uma curiosidade inconveniente. E isso, ele nunca lhe poderia perdoar. Com efeito, seus nervos, tensos a ponto de representarem uma tortura, não lhe revelavam indisfarçavelmente a suspeita desconfiada, a prudente reserva de que ela jamais se desprenderia. Se queria torná-la comunicativa, era mister primeiramente captar-lhe a confiança. E isso

era um passo difícil, para o qual não dispunha de meio algum. Pelo menos, era o que lhe parecia. Refletia: se, renunciando aos seus hábitos comuns, deixasse de lado toda premeditação, todo artifício, toda astúcia, se abandonasse toda procura utilitária, toda determinação prefixada, como ela dizia, então, quem sabe?... Contudo isso tampouco era fácil. Nossa maneira de ser em relação às criaturas dita nossa atitude como o faria uma couraça moldada ao corpo. Abrindo mão dela, sentimo-nos tão desajeitados e impotentes como um recém-nascido. Uma única vez, diante do mestre, conseguira realizar essa proeza. Mas, a que preço! Assim, foi para ele um alívio quando Marie, como se houvesse adivinhado o desnorteamento e a rebelião de seus pensamentos, pôs-se espontaneamente a falar de Kerkhoven. É preciso dizer que não cogitava de esclarecê-lo sobre o que ele desejava saber e, muito menos, de alongar-se sobre o passado de Joseph. Pelo contrário, era ela que pretendia obter esclarecimentos sobre o que aquelas relações novas representavam de inquietante e absorvente para seu espírito. Tudo quanto Joseph lhe dissera a respeito e o que ficara sabendo pela carta a Sophia Andergast não lhe descobrira senão um aspecto dessas relações. Na realidade, uma verdadeira conversa sem reticências, onde se descobrem amplamente os mais íntimos recessos da alma, nunca mais tivera lugar entre ambos. Se aquele jovem, consumido por um fervor de neófito, pudesse acrescentar, à imagem fragmentária que ela trazia consigo, os detalhes de que supunha e pressentia a existência, não haveria para ela mais motivo de passar tantas horas de suas noites entregue a inúteis devaneios e, confessemolo por fim, às alucinações provocadas pelos seus ciúmes. (Traduzia isso por uma expressão assaz sugestiva. Dizia: “Roer o coração”). Seu instinto não a enganara. Desde as primeiras palavras, tudo se iluminou de uma luz maravilhosa.

Foi esse o primeiro laço entre ambos. Evidentemente, o assunto não podia ser esgotado numa tarde. Ao se despedirem, ela disse: — Voltará a ver-me, não? — Às suas ordens, senhora.

— Quando? — Digamos, depois de amanhã.

— À mesma hora? — Sim, é o momento mais agradável para mim. Geralmente, é só à tardinha que me sinto em meu estado normal. Estará livre para vir? — Em todo caso, posso arranjar tempo.

— Bom. Temos ainda muito que conversar. Não estamos senão no começo, não é verdade? — É também o que me parece, minha senhora.

E Etzel arranjou tempo. Era dessas pessoas que, embora interrompendo à vontade seu trabalho, podem chegar a fornecer qualquer soma de atividade porque são capazes de substituir, pela intensidade, a regularidade de uma produção média. Por outro lado, os dias podem ser alongados à vontade, quatro horas de sono sendo suficientes para retemperar. O dia apazado era uma quarta-feira. Depois disso, três dias se passaram sem que se vissem. No domingo, ele lhe trouxe um livro sobre o qual haviam conversado na visita precedente. Na segunda-feira, Kerkhoven comunicou-lhe que a mulher ia partir para Lindow, pois na cidade sofria demasiado com o calor, e que ficaria lá até outubro ou novembro. Quando Etzel veio vê-la, encontrou-a estendida, quase sem forças, sobre o canapé da saleta. O projeto de partida para o campo não foi mencionado. Ao que parece, perdera a vontade de realizá-lo. Etzel sentiu-a secretamente descontente por essa irresolução, sobre cuja natureza não estava provavelmente ela mesma bastante segura. Devia haver ali qualquer coisa que temia e que lhe inspirava, ao mesmo tempo, sofrimento e desgosto, a ponto de levá-la a preferir ainda a permanência na casa da cidade, onde se sentia tão incômoda e cujo ambiente a entristecia. Não podia desviar o pensamento por um instante que fosse da soma de sofrimento, de desespero e miséria que para ali afluíam diariamente. Não a afligiam menos as desgraças que apenas adivinhava e que pareciam filtrar-se através das paredes entre as quais se sentia cada vez mais só. E no entanto, era incapaz de se resolver a partir, muito embora seus olhos se umedecessem de emoção, quando evocava seu jardim de Lindow, de que ela mesma cuidava e para o qual se entregara a estudos botânicos que seguia com perseverança metódica, muito embora lá se encontrassem os filhos a quem fazia tanta falta quanto

eles a ela. Tudo isso, Etzel o sabia, seja que ela mesma o tivesse contado, seja que o adivinhasse através de suas alusões. Que se passava então? Arriscou uma pergunta tímida. Ela baixou os olhos como que para afastá-la, sem conseguir disfarçar por completo a leve satisfação que experimentava. (Então, havia alguém que o notara! Daí, porém, a exigir confissões, a trocar confidências, havia ainda um espaço). Etzel contentou-se com aquele silêncio, já em si eloquente, e ainda por ter compreendido que a reserva era um dos traços fundamentais de seu caráter. “O taciturno apresenta algo de esteticamente reconfortante”, pensava Etzel. “Ele atua sobre nós como a presença de um belo e altivo animal”. Mandou dizer que não compareceria ao jantar em comum. Em troca, porém, enviou-lhe uma cesta de resedás de cujo centro emergiam três grandes lírios rajados. Kerkhoven comentou: — É um gesto extremamente gentil da parte dele, mas não esqueças de que a ti cabe todo o mérito: fizeste dele um cavalheiro.

— Achas? — respondeu Marie em tom de dúvida, baixando sobre as flores um olhar pensativo.

Às dez horas (Kerkhoven devia passar a noite na clínica) bateram timidamente à porta. Etzel apresentou-se e, com a mesma timidez, perguntou se podia fazer-lhe companhia por alguns momentos. Marie fitou-o, assombrada.

— Tão tarde? Há muito tempo que eu deveria estar deitada. Sinto-me cansada. Entretanto, como vejo que sente remorsos —o que é, aliás, perfeitamente compreensível —, concordo, por exceção.

Ele se pôs então imediatamente a discutir, alegando que, antes de mais nada, não se tratava de remorsos; que os remorsos eram sentimentos feios e que não se deviam mencionar; se acaso existissem nele, não teria vindo procurá-la.

— Santo Deus! — disse Marie ironicamente. — Será preciso sempre exaltar-se e deblaterar desse modo! Peço-lhe mil desculpas, meu jovem

senhor. Espero que não tenha vindo a esta hora tardia apenas para discutir comigo e mostrar-se desagradável? Ele fitou-a, atônito.

— Não, não fora esse o motivo — replicou com aquele sorriso travesso que tanto agradava a Marie —, mas um outro, muito distinto.

E, ante a insistência dela: — Pois bem! Gostaria que viesse comigo, amanhã à tarde, fazer uma excursão de barco no Wannsee. — Já tem tudo arranjado. Ela certamente não se sentirá fatigada. Ademais, se o espetáculo não apresenta aquela grandiosidade que dá a cada um a sensação de monopólio egoísta da natureza, não deixa de ter sua beleza própria. Consultou a esse respeito o mestre, que se mostrou encantado com a ideia.

Marie reflete. A proposta é tentadora. Fugir da sua prisão. Uma coisa a contraria um pouco: que tenha consultado antes a Joseph. Acaso julga necessário obter sua aprovação, talvez mesmo sua permissão? Dir-se-ia realmente que ela é uma prisioneira e é preciso dirigir-se ao carcereiro que guarda as chaves da prisão. “Que ideia estúpida”, pensou consigo mesma. “Tão estúpida que chega a ser irritante”.

— Veremos — disse a Etzel, que aguardava impaciente. — Não lhe posso prometer nada, por enquanto. Antes do meio-dia, dar-lhe-ei uma resposta.

Despediu-o. Na tarde do dia seguinte, com um tempo radioso, partia com ele pela estrada de ferro do Avus.

Aqui, cabe-me preencher uma lacuna, pois o leitor se perguntará certamente em que consistiam essas entrevistas iniciais que instruíam e tranquilizavam Marie a ponto de fazê-la enxergar tudo por um prisma diferente. Na realidade, essas conversas, que giravam exclusivamente sobre a pessoa de Joseph Kerkhoven, não apenas serviram de prelúdio à harmonia que entre eles se estabeleceu, como ainda constituíram, durante muito tempo, o único traço de união a aproximá-los um do outro. Não resta dúvida que o tema em si era inesgotável. Quando Etzel se lançava nele, era difícil fazê-lo parar. A

riqueza de suas observações, a profundidade de seus argumentos, o ardor de sua admiração, surpreendiam a Marie. Quando se vive muito tempo junto a uma pessoa, o olhar com que a consideramos perde de mais em mais sua agudeza; dir-se-á mesmo que o conhecimento demasiado preciso que se tem de seu caráter dissocia em nós a imagem verdadeira, não revelando dela senão detalhes isolados, o que concorre para destruí-la. É preciso voltar a ser um estranho para poder reconstituir essa imagem. Só através dos olhos do público aprende-se a reconhecê-la. Etzel representava para ela esse público, e só então compreendeu, bruscamente, até que ponto se tornara estranha a ele. Aquele rapaz representava o estranho que criava a perspectiva ao fundo da qual a figura de Joseph se levantava como uma montanha, da qual só à distância é possível se avaliar a altura e a massa. Ouvia-o maravilhada e abandonava-se ao sortilégio. Parecia-lhe que ele lhe restituía aquele homem que quase deixara escapar do campo de seu espírito. Reconheceu assustada como era vaga a noção que tinha de sua eficiência atual, e quanto era fugaz sobre sua pessoa o reflexo da irradiação pela qual transformava as pessoas e fazia-as renascer para a vida. Ela mesma pertencia ao passado, tal era a ideia resignada que ultimamente se fazia de sua própria pessoa. Relegara-o, também, ao fundo do passado morto, e não ouvira ou não quisera ouvir o carrilhão que anunciava sua ressurreição. Seria bem isso? Era preciso refletir, era preciso esperar para ter certeza. A esse discípulo ardente é que caberia talvez responder “sim” ou “não”; a esse estranho aos olhos de quem, apesar de tudo, era preciso não se trair, nem se entregar. Que homem aquele! Era como um vinho capitoso, um vento de tempestade. Ele vivia com todas as fibras de seu ser, com cada gota de seu sangue. Por certo, vivia. Vivia. Vivia. Não havia como negá-lo.

Outrossim, falava de Kerkhoven com uma competência segura, sobretudo quando o descrevia entregue ao seu trabalho. Parecia considerar todos os fatos com o olhar de um técnico e apresentava-os com tal clareza e precisão que dava a impressão de não ter feito, até então, outra coisa em toda a sua vida. Nunca se deixava levar à ênfase ou ao exagero, razão pela qual os detalhes mais ínfimos surgiam como verossímeis. E até mesmo aquela inexorabilidade glacial da dedução e

da crítica que, em todas as ocasiões, tanto desagradavam a Marie, por corresponderem mal à ideia que se fazia da mocidade, da mocidade masculina em particular — pouco a pouco se convencia de que, a esse respeito como a tantos outros, tinha ainda muito que aprender —, essa própria inexorabilidade aparecia-lhe agora sob uma nova luz, não certamente mais agradável, mas inegavelmente digna de respeito e, por estranho que pareça, do respeito de Marie, que não podia suportar o exagero nem a vã exaltação. Aquele Andergast possuía o dom de fazer sobressair os detalhes característicos e distintivos, o traço próprio que faz ressaltar uma figura do ambiente em que vive e a impede de ser jamais, mesmo em suas manifestações mais insignificantes, confundida com as demais. Fato curioso, o traço típico incita-nos sempre ao riso, e é talvez por esse motivo que o dizemos “sugestivo”. Lembro-me de que, em criança, não podia deixar de rir quando a flecha do arqueiro acertava em pleno centro do alvo. Era pela mesma razão que Marie deixava estalar sua risada contagiosa, uma risada de menina, sempre que, com uma fidelidade irresistível, Etzel imitava diante dela uma inflexão de voz, um gesto de Kerkhoven, sua maneira alheada de olhar por cima das pessoas, essa estranha coexistência nele de lentidão e de agilidade precipitada. E a figura imponente daquele homem desenhava-se então nitidamente diante deles, como sob a luz fulgurante do magnésio. Mantinham-se sempre a uma distância respeitosa, tudo observando com uma veneração temerosa, com uma grande ternura. O tom de brincadeira cessava nos limites da zona sagrada. Ao constatar as pequenas fraquezas dos grandes homens, sente-se pesando menos os deveres que eles nos impõem pelo simples fato de sua existência. Agora, Etzel tinha frequentemente ocasião de seguir o mestre durante suas horas de consulta e em suas relações com os internados na clínica. Chegara mesmo a anotar certas observações que leu para Marie, muito embora lhe afirmasse que o essencial era impossível de restituir em palavras, impossível de reproduzir sob qualquer forma que fosse, tão elementares eram por vezes o efeito e a impressão produzidos. Eis um caso, recentemente ocorrido. Da clínica cirúrgica, chamam o mestre para examinar um rapaz, ali internado há já algumas semanas, e que se queixa de violentas dores nos joelhos, nos quadris, das quais é impossível descobrir a causa. Kerkhoven

atende ao chamado. Lança um olhar ao rapaz — um jovem de dezessete anos — conversa um momento com ele e logo lhe diz: “Apresente-se no meu consultório amanhã de manhã às onze horas, mas venha andando”. O doente fita-o com espanto e responde: “Isso não posso fazer. Não tenho forças nem mesmo para levantar-me do leito e vestir-me”. Ao que o mestre sorri, e diz, no tom mais calmo possível: “Assim mesmo, estou certo de que vai levantar-se e andar. Espero-o em meu consultório, às onze”. O médico assistente e os enfermeiros meneiam a cabeça, com ar de quem diz que o mestre toma um trabalho inútil, já que é impossível obter o que quer que seja daquele rapaz. No dia seguinte, às onze horas, o moço está na sala de espera. Veio a pé, apoiado em muletas. Levou duas horas e meia para realizar o trajeto, mas veio. O mestre entretém-se longamente com ele, porém evita falar-lhe de seu mal. À despedida, diz: “Volte amanhã, mas sem muletas”. Mesmo assombro, mesmos protestos de impossibilidade. O mestre fica impassível e contenta-se em acariciar-lhe afetuosamente as faces.

No dia imediato, o jovem aparece realmente sem as muletas. Desta vez, levou três horas a chegar, mas ali está. No terceiro dia, faz o percurso em uma hora e meia, no quarto em quarenta minutos, isto é, quase o tempo normal. Acaso esse fato não faz lembrar os milagres registrados na Bíblia: “Levanta-te e anda!”? — Sim, mas que tinha afinal esse moço? — perguntou Marie, curiosa e interessada.

— Acabou-se por descobrir — prosseguiu Etzel —, embora só durante o sono hipnótico fosse possível arrancar-lhe as confissões principais. Com dezesseis anos, veio instalar-se em Berlim, em casa de um tio por quem tinha grande afeto. Uma família burguesa em vésperas de desagregação. O gênero de vida habitual: relações numerosas, vive-se o momento presente, seguindo o lema: “Depois de mim, o dilúvio!”. O rapaz, quase uma criança ainda, conservando uma extraordinária pureza de hábitos e de espírito, é tomado de assombro ante o abismo de corrupção que se dissimula sob a fachada das conveniências. Outros de sua idade nem mesmo julgariam que o fato merecesse um encolher de ombros desdenhoso. Quanto a ele, está

aterrado. Casos como este podem ser encontrados ainda hoje, neste 1928 em que vivemos. O desfibramento, a corrupção, a mentira praticada por cada um em relação ao vizinho, tudo isso ultrapassa sua compreensão. O que particularmente o aflige, a ponto de roubar-lhe toda possibilidade de repouso, são os vínculos rompidos, as uniões infelizes que veio agora a conhecer de perto, todo esse frenesi de civilizados, a arrogância das maneiras, as ambições desmedidas. Foi em termos mais ou menos como estes que formulou mais tarde, por escrito, suas impressões. Por que motivo foi precisamente a ele que essas coisas perturbaram o espírito, só Deus o sabe. Talvez por ser dotado de temperamento religioso ou, quem sabe, por ter sido educado num ambiente sentimental de onde tais experiências estavam de antemão excluídas. Era esta também a opinião do mestre. Seus pais, ambos falecidos, haviam constituído um casal exemplar. Ora, sucede que um dia a jovem esposa de seu tio o seduz. Aproveitando-se de uma viagem do marido, penetra furtivamente em seu quarto. Ele descreve tudo, minuciosamente, encontrando um prazer sádico em torturar-se, detendo-se mesmo em minúcias, tudo entremeado de lágrimas e soluços. Naturalmente, não quer trair a mulher de quem seu tio gosta e que ele ama acima de tudo no mundo. A situação torna-se difícil de suportar, seu pecado o obceca, o sofrimento moral (é a evolução habitual) transforma-se em sofrimento físico, isto é, o corpo declara-se pronto a sofrer, aliviando com isso o fardo moral. Tem um emprego que o obriga a permanecer de pé durante o dia todo, e isso lhe fornece o necessário pretexto. Nas pernas e nos quadris manifestam-se dores intoleráveis que, na realidade, não existem.

— A esse respeito, o mestre fez uma reflexão que deu o que pensar a Etzel: este incidente vem provar que o órgão-consciência acha-se hoje muito mais desenvolvido e aguçado entre os jovens do que se quer admitir. E ainda que em época alguma houve, no seio da juventude, tantos e tão sérios conflitos de consciência como nesta nossa, que passa por ser de uma brutalidade e de uma frieza de sentimentos toda especial.

— Não resta dúvida — replicou Marie — que, sendo isso verdade, é bastante consolador. Quanto à cura, porém, não se conseguiu grande coisa isolando a causa do mal. Que fazer de um indivíduo nessas condições? Que pode o futuro reservar a esse jovem de dezessete anos que, no limiar da existência, recebeu um golpe incurável? De que lhe servirá, agora, conhecer a origem e a localização de sua chaga se, em seguida, vai ser abandonado ao seu destino? — Aí está precisamente o ponto delicado da questão — aprovou Etzel com um gesto de cabeça. Até o momento, esbarraram contra uma muralha intransponível. Agora, Kerkhoven descobriu um caminho novo. Naturalmente, ele, Etzel, não sabe dizer se outros o vêm seguindo ou já seguiram. Para Kerkhoven, em todo caso, trata-se de uma terra incógnita. Não pode avançar senão lentamente e às apalpadelas, e tem de começar pelo princípio. Nunca lhe terá falado a respeito? — Não, nunca.

— É curioso. Certamente não costuma colocá-la a par de seus projetos? — De fato, só muito raramente. Gostaria, porém, de saber de que se trata desta vez, se é que não se comprometeu a guardar segredo a respeito.

— Trata-se do despertar da imaginação. Em um grande número de indivíduos, a imaginação está degenerada e atacada de uma fraqueza mórbida. Em outros, acha-se completamente morta. O mestre chegou à conclusão de que os choques morais e as depressões psíquicas têm frequentemente por origem uma deficiência dificilmente perceptível, mas assim mesmo flagrante: anormalidade ou atrofia da imaginação.

— E como pretende remediar o mal? — indagou Marie, os olhos muito abertos de espanto.

— As experiências estão ainda no estágio inicial — explicou Etzel. — Começa-se por medidas assaz curiosas, verdadeiros testes de memória; levam-se em conta os diferentes graus de receptividade dos sentidos, o histórico da família e outros diferentes dados. O mestre acredita que o mal é curável, se atacado antes que a vida profissional haja anquilosado definitivamente o indivíduo. Retorna às disciplinas

de Santo Inácio de Loyola, a quem considera um dos mais profundos conhecedores da alma humana de todos os tempos. Naturalmente, nele apanha apenas o que lhe parece utilizável. O processo é de uma simplicidade quase ridícula, como se se destinasse a ser usado com selvagens. O paciente deve concentrar-se numa imagem, observar um objeto, um rosto, um animal, um quadro, até possuí-lo perfeitamente. É preciso que o tenha captado com os sentidos e possa descrevê-lo a qualquer momento, mesmo se a isso solicitado depois de ter sido despertado bruscamente. É indispensável que conserve escrupulosamente na memória todos os pormenores da cena em questão. Quanto mais tempo e mais nitidamente os guardar, mais elevado é o seu poder de concentração. É preciso que se desprenda de si mesmo, que se desfaça de suas preocupações individuais, que desembarace o espírito e a alma do lastro supérfluo de que se acham sobrecarregados. É como se fora um jejum psíquico, uma ablação de excrescências. O mestre reconhece perfeitamente tratar-se aqui de métodos muito primitivos, de velhas práticas rituais, durante muito tempo empregadas e hoje esquecidas e desprezadas. Mas, sabe também que foram estas as que Loyola e seus seguidores deliberadamente retomaram para com elas perpetuar a tradição. Conta estar em breve preparado para demonstrar, através dos resultados obtidos, que o método é eficiente. Exprime-se sempre com modéstia incomparável. “Se se pudesse inculcar nas criaturas o hábito e a ciência da contemplação pura, o que não passa de uma utopia irrealizável”, costuma dizer, “estaríamos em condições de tirar fora noventa por cento da medicina clássica. Outrossim, é preciso buscar a causa de quase todos os crimes no fato de que o criminoso é sempre incapaz de avaliá-los devidamente...”.

Marie fitava Etzel sem falar, com uma curiosidade que parecia absorvê-la toda.

— Há qualquer coisa que não compreendo bem — disse, inclinando-se para frente, os braços apoiados nos joelhos. — Acredito que não tenha a intenção de abraçar essa profissão. Foi, pelo menos, o que me disse Joseph... — De fato, não é essa minha intenção.

— E por que então... — Pergunta por que me porto como um diletante nesse terreno? — Não quis dizer isso. Contudo, poderia realmente tratar-se de uma paixão de amator... — Esse tipo de paixões me é desconhecido, minha senhora.

— Realmente? Pobre rapaz! Entretanto, o que queria de fato perguntar-lhe era o motivo por que se prendeu a Joseph com tamanho ardor. Acaso isso não o faz desviar de seus objetivos? — Tampouco tenho objetivos, minha senhora.

Marie voltou a endireitar-se na cadeira e levou o dedo mínimo da mão direita à boca, o que nela era um sinal de surpresa extrema.

— Como assim não tem objetivo? Apesar de tudo, deve ter uma profissão em vista? Vejamos, você estuda. Tem uma natureza ativa. Mais do que isso, você... — Sei bem o que vai dizer, minha senhora, mas nada lhe posso responder sobre esse assunto. É o meu ponto fraco. A *partie honteuse*.⁴⁸ A verdade é que, a dez passos de distância, falta-me por completo o horizonte. Da mesma maneira que existem criaturas sem nacionalidade, desterrados, proscritos que não têm direito de fixar-se em parte alguma, há também os indivíduos sem profissão, porventura mais desgraçados ainda, e aos quais é talvez ainda mais difícil prestar ajuda. Não tenho a menor ideia do que sou capaz de realizar, daquilo para que tenho disposição, do terreno onde posso ser útil, da categoria a que devo filiar-me e do proveito que isso traria à sociedade. É uma situação insustentável, reconheço, e que também principia a inquietar-me. Que fazer, porém? — Mas nesse caso, como é possível... Não posso deixar de voltar sempre à mesma pergunta... que tenha escolhido a Joseph Kerkhoven como... como modelo, ou antes como guia? Por que o chama de mestre? Não é precisamente o hábito... em relação a um médico. Qual foi sua intenção ao fazê-lo? Em que vem ele a ser seu mestre? Etzel franziu as sobrancelhas, enquanto sua fronte lisa se enrugava.

— Eis como se deve entendê-lo: mestre arquiteto, mestre de obra. Quando, pela primeira vez, lhe vi as mãos, compreendi que entre elas

qualquer um podia depositar tranquilamente seu destino. São como uma caixa-forte. Não costumo sonhar muito a miúdo. Quando o faço, meus sonhos não apresentam grande significado. Pois bem, um dia sonhei — foi pouco tempo depois de conhecê-lo — que corria um grande perigo, do qual não poderia escapar senão correndo a toda velocidade. E eis que, de súbito, antes de ter retomado o fôlego, me encontro aninhado em suas mãos. Isso me conferia uma prodigiosa sensação de confiança. Quando se examinam suas mãos, uma após outra, elas nos dão a impressão de serem filhas gêmeas de sua fronte. E, em sua cabeça, reina a mesma perfeita ordem que num planetário. Nem uma falha. Tudo está em seu lugar e em sua posição. Em quem mais encontrar tal perfeição? É um caso único. Não podemos deixar de invejá-lo e, tampouco, de odiá-lo.

— Como, odiá-lo! — exclamou Marie, os olhos arregalados de espanto.

— Se a irradiação mágica cessa um instante que seja, somos imediatamente forçados a odiá-lo.

— Não compreendo.

— Tanto melhor para si. Isso... isso toca de perto ao inumano.

— Está dizendo absurdos, Etzel.

Ele sacudiu energicamente a cabeça, num gesto de negativa. Tinha um ar melancólico. Marie adivinhou vagamente o que se passava em seu íntimo. Estava tão friamente seguro de si mesmo que era capaz de tomar uma direção totalmente imprevista e de renegar o que possuía de mais sagrado. Sentiu isso. E teve medo. Sempre lhe acontecia ser tomada de angústia ao se defrontar com o imprevisível de cada natureza. De outra vez, mais tarde, quando ele caiu no excesso contrário e referiu-se, com um entusiasmo próximo do fanatismo, à ação salvadora que Kerkhoven tivera sobre ele (“agarrou-me simplesmente, como se fosse um gigante, um mago todo-poderoso, e arrancou-me do lodo: ‘Aproxima-te, aborto, vou te fazer passar por um

bom banho de oxigênio, um banho lustral”)), ela sentiu-se igualmente intranquila e esteve a ponto de dizer-lhe: “Vamos, vamos, deixemos de lado essa impetuosidade, esse nervosismo, um pouco mais de calma...”. Nesse dia, cedendo às suas instâncias, falara-lhe por sua vez de Kerkhoven e dos tempos passados, quando ele lutava ainda para encontrar-se a si mesmo e ao caminho a seguir. Falara-lhe de seu casamento com Nina, do que Nina representara para ele, do primeiro casamento dela, Marie, de Irlen, e do que sua amizade fora para ela, da doença e da morte de Irlen, e de como essa morte planava sempre, como uma divindade fatídica, sobre sua vida e a de Joseph. Contou-lhe os anos difíceis até à morte de Nina, e os anos difíceis depois. Falou-lhe de sua união íntima que cada tempestade vinha consolidar, tanto que nem as provações, nem as horas sombrias, nem a felicidade, nem o êxito os haviam jamais atingido separadamente, senão sempre aos dois indissolivelmente unidos, como se assim estivesse determinado desde a origem dos tempos. Etzel ouvia como uma criança, sem lhe tirar os olhos de cima. Marie falava sem um gesto. Sua atitude era absolutamente isenta de afetação. Pela superfície das “flores pálidas”, as imagens do passado pareciam deslizar, serenas e precisas. A voz, também ela cheia de simplicidade, conservava sua inflexão igual e melodiosa. A sombra de tristeza que pairava sobre suas considerações era atenuada pelo claro sorriso que desabrochava a miúdo e pela vivacidade colorida do relato.

— Sua exposição foi maravilhosa — murmurou ele ao cabo de um prolongado silêncio. Meneava a cabeça da maneira que lhe era peculiar e lembrava um ancião com longa experiência da vida. Logo em seguida teve lugar a explosão a que aludimos.

Nem sempre as horas correm assim harmoniosamente entre eles dois.

E não poderia ser de outra forma. As maneiras de Etzel põem à prova a paciência de Marie. Não que seja indelicado. Pelo contrário, insiste mesmo em exibir um certo excesso de gentileza que ela denomina de polidez de curso de dança, se bem que jamais tenha tomado uma lição de dança em sua vida (Deus a preserve!). Seus cumprimentos são

irrepreensíveis. É desembaraçado e observa os usos da boa sociedade. Sempre com um ar de superioridade enfática que parece dizer: posso oferecer-me o prazer desta pequena comédia. É isso precisamente o que a irrita.

Educação da alma, eis o que lhe falta. E ela não faz rodeios para dizê-lo abertamente. Não tem por hábito servir-se de meias palavras, ainda mais quando está irritada. Então, seus olhos se põem a cintilar e suas palavras traem um ardor que ninguém teria suspeitado nela. Procura explicar-lhe o motivo por que lhe ataca os nervos. Etzel discute, obstina-se, replica, quer ter a todo custo razão. Quando condescende em ouvi-la, é com um ar que diz antecipadamente: “Sei melhor do que você”. Nessas ocasiões, franze a testa e sacode a cabeça com uma expressão contristada. Marie detém-se então em pleno meio da frase e mira-o fixamente, sem nada dizer, com um olhar que trai a sua estupefação. Isso como que o chama à realidade. Fica assustado, cora até às orelhas e agita-se na cadeira, confuso.

— A senhora é terrivelmente severa comigo, muito mais severa que o mestre — observa, de cabeça baixa.

Ao que ela retruca: — Que quer você: se o homem não é capaz de divisar as árvores, por seu lado a mulher não sabe divisar a floresta.

Não tarda a descobrir que, a despeito de toda a sua liberdade de espírito e de sua experiência prematura, Etzel acha-se imbuído de preconceitos e ideias falsas. É o que ela chama de ortodoxia da heresia. Evidentemente, sabe bem que não se trata de um herético, não ignora quem ele é e o que é, conhece seu peso específico e sua inexcedível originalidade. No entanto, toda atitude mental não implica, no fundo, em superstição? Acaso todos os fanáticos não serão, em última análise, uns pedantes? Ao mesmo tempo, é um ingênuo, sim, é precisamente isso; cândido em sua sinceridade sem contemplações. É o que a faz reconciliar-se com ele. Não fosse isso, e não poderia suportá-lo. Não procura esconder de Etzel essa opinião. Não faz questão de uma franqueza que não solicitou. Procura fazê-lo compreender que teria

mais vantagem em esperar modestamente que lhe pedissem a opinião, ao invés de estar sempre a quebrar lanças contra tudo e contra todos, indiferente às complicações que disso possam resultar. Acaso o cenáculo de que faz parte terá suprimido definitivamente as noções de delicadeza, de reserva, de tato, de finura? Marie calcula, avalia. Quer ser justa. Não pretende generalizar. Interessa-lhe ver nele o indivíduo Etzel Andergast, e não o que sua geração lhe depositou aos ombros, nem tampouco o que ele lhe possa dever de más ou boas maneiras. Ele lhe interessa extraordinariamente. É outro fato que não procura esconder. Foi encarregado de trazer-lhe uma mensagem de fora. É preciso que o portador esteja à altura de sua missão, que se mostre agradável e sociável. Ora, isso não acontece. Pelo menos, nem sempre. Um jovem decidido, corajoso e intrépido, não resta dúvida. São qualidades a que atribui muito valor, que correspondem à sua expectativa, que lhe inspiram estima e confiança. Mas, a educação disciplinada faz sentir vivamente sua falta. Tudo nele se encontra ainda em estado bruto. Seu espírito, perfeitamente incorruptível, é incapaz de perdoar uma fraqueza, ou mesmo de aceitar uma concessão. Nele, tudo é rígido e inflexível. Está sempre pronto a atirar-se à luta, ainda quando não haja sombra de inimigo à vista. Faz-lhe lembrar os cavaleiros de outrora que, levando ao extremo o seu desprezo pelo conforto, tinham por hábito dormir completamente armados. Respira uma atmosfera rarefeita e compraz-se no voo. Em terra, arrasta-se pesadamente como a ave de rapina que não sabe caminhar. Ela quer vir em seu auxílio, ele foge a essa ajuda. Não parece perceber o que ela gostaria de vê-lo modificar em si mesmo — e, afinal de contas, é tão pouca coisa! Quiçá não tenha compreendido ainda a linguagem em que lhe fala. Parece desconfiar das expressões que emprega. Faz com que as pessoas se sintam pouco à vontade a seu lado. Tem qualquer coisa de hostil que mantém os outros à distância, como acontece àqueles que nunca tiveram um lar, nem pai, nem mãe, nem irmãos. Não pode deixar de pensar no que lhe disse Joseph acerca da afeição de que foi privado e, aos poucos, esse pensamento se torna mesmo para ela uma obsessão. Irrita-a e atormenta-a sem cessar, pela mesma razão provavelmente por que a irrita e atormenta o personagem ele próprio. Etzel é de uma frieza que fere a epiderme como o faz uma

queimadura. Às vezes, depois que ele abandona o aposento, sente essa frieza como um sentimento físico. E apieda-se dele como de um inválido. Quando expõe suas ideias, o que de tempos em tempos acontece, ela experimenta como que uma contração no estômago diante dessa gélida inflexibilidade. “Seria preciso derretê-lo”, reflete, “colocá-lo sobre uma estufa”. Sua atitude em relação ao mundo exterior é algo que não pode admitir. Aquele desprezo simultâneo pela vida e pela morte lhe causam horror. Vê nisso uma forma de barbaria, um paganismo neoalemão.

— Sei que é adepta do humanismo — observa Etzel em tom de mofa.

— Nós, de nossa parte, o rejeitamos.

Assim, sem mais nem menos, o humanismo é deixado de lado, considerado letra-morta.

— Desgraçado povo! — exclama ela juntando as mãos, transtornada por essa declaração.

— A prova disso está nas ruas — insiste ele em tom enfático. E ela: — Realmente? Naturalmente, isso só se verifica quando há derramamento de sangue. Será rubro ainda o sangue de vocês? Ou negro como tinta? Quem sabe a atitude dele será de mera bravata. Discute-se, não raro por piedade, por uma convicção já de há muito abandonada, ou ainda porque se nega, ao adversário, o direito de atacá-la. Uma mulher, e sobretudo uma mulher como aquela, fina, delicada, culta, educada ao extremo, que pode saber, afinal, de todos aqueles assuntos? Etzel nunca se sente inteiramente à vontade quando deve abordá-los com ela. Experimenta então a sensação do marinheiro com quem o passageiro de primeira classe procura entabular conversa e que se vê obrigado a explicar os termos mais correntes de sua profissão. A seus olhos, o interesse, a curiosidade de que dá mostras, não passam de distrações de amador ou, na melhor das hipóteses, de um reflexo daquele temor nervoso que se insinua sorrrateiramente nas criaturas ao abrigo de necessidades imediatas. Enquanto ela persistir

em manter-se na defensiva e a observar as regras do bom-tom e das convenções, não poderá abrir-lhe sem reservas seu coração. Pois, como arremate final, corre o risco de vê-la empunhar o *lorgnon*⁴⁹ e ficar a examiná-lo com uma curiosidade mesclada de volúpia. Não, é absolutamente necessário que se mostre diferente do que de fato é. Tem de simular sempre um pouco. Sem dúvida, é uma mulher extraordinária, que cada dia o surpreende por um novo aspecto de seu caráter e de seu espírito. Mas, quem sabe, não será seu intuito prendê-lo em suas malhas para que lhe sirva de passatempo? Vê-se que falta qualquer coisa em sua vida. Por outro lado, é ambiciosa, embora de uma maneira elevada e desinteressada, que não costuma encontrar nas outras mulheres. Marie adivinha-lhe os pensamentos, descobre-lhe as restrições secretas. Não pode provar-lhe que se engana. Que prova fornecer, que não seja humilhante? São suspeitas contra as quais não tem outra defesa senão calar-se e conservar-se fiel a si mesma. Não vá ele julgar que procura conquistá-lo. Deve manter toda a sua reserva para não dar motivo a falsas interpretações. Não seria a primeira vez a suceder-lhe coisa semelhante. Entrega-se com demasiada facilidade, donde se desprendem os mal-entendidos, favorecidos pela ilimitada fatuidade masculina. De sua natural amabilidade, já foram deduzidas conclusões que a aterraram. Sendo uma criatura incapaz de jogar com cartas marcadas, esquece que raros são aqueles que acreditam no jogo franco e leal. Assim sendo, sejamos prudentes. Apenas Etzel ressentido aquela frieza pouco habitual; indaga, inquieto, se lhe terá dado algum motivo de descontentamento. Aí está: o cachorrinho que arrasta a cauda em sinal de remorso. Ela procura disfarçar, evitar discussões, mas ele não quer ceder. E, tão solícito, tão comunicativo, tão dócil se revela que não tem remédio senão perdoar-lhe tudo. Apenas, é preciso não lhe permitir tornar-se demasiado afoito. É preciso conservar bem apertado o freio. Quanto a ele, é a primeira vez que se vê obrigado a se esforçar, verdadeiramente, para não estragar a boa opinião que uma mulher faz dele. Outra experiência nova para ele: a de que não basta ter uma aparência relativamente agradável e “bancar” eventualmente o valentão, para poder dormir sobre os louros. Pouco a pouco, começa a ver claro e percebe com quem está lidando. É como se houvesse

penetrado num jardim encantado, situado longe do mundo e apresentando a possibilidade de surpresas as mais emocionantes. Nenhum mérito lhe cabe nesse passo. Foi lançado ali por acaso, e agora resta-lhe encontrar um meio de não se extraviar. É um mundo desconhecido, rodeado de cercas espinhosas. Para surpresa sua, descobre finalmente a verdadeira esposa de Joseph Kerkhoven. Encerrada numa inacessibilidade claustral, é a guardiã de seu jardim secreto. Não o gênio familiar serviçal e ativo, não a dona de casa armada do molho de chaves, como a imaginou. É a dama. O cavalheiro e a dama. Coisa rara. Por Deus! Também aqui, aquele homem soube escolher o melhor. Também esta sorte houve o destino por bem conceder-lhe! Um dia, na sala de espera de Kerkhoven sobrevém uma discussão entre dois adversários políticos, dois rapazes que ali se encontram por acaso: no correr da disputa, um deles abate o outro a tiros. Verdadeira cena de faroeste entre dois adversários histéricos e cheios de ódio. Durante a conversa que Etzel e Marie mantêm sobre o assunto, ela experimenta, como em sonho, a impressão de que ele lhe escapa cada vez mais e termina por esvair-se em fumaça. Qualquer gesto para retê-lo é inútil. Está tão longe que seria preciso gritar para se fazer ouvir dele. Então, ela se cala e fica imóvel, a fisionomia consternada. Sente a mesma impressão de frio glacial que costuma acabrunhá-la ao longo de um dia sombrio e interminável. Etzel acredita ter novamente incorrido em alguma falta. Com ar contrito, indaga a causa de seu silêncio.

Ela sacode a cabeça, e pede-lhe que a deixe só, pois se encontra muito cansada. Obedece com relutância e, no dia imediato, volta a insistir sobre o assunto. É absolutamente preciso que lhe diga por que estava tão contrariada na véspera. Marie sorri. Contrariada? Não é o termo exato. Sua falta de percepção deixa-a quase comovida. Deixa vagar sobre o rosto de Etzel olhos inquisidores, que em seguida deslizam lentamente em torno da sala para se fixarem, por fim, sobre a esmeralda que traz no dedo. Em voz baixa, interrompendo-se a cada frase, confessa que não tem muita esperança de se fazer compreender por ele. O mundo no qual viveu outrora não estava ainda corrompido até a medula pela mentira, nem envenenado até a última gota de

sangue por esse frenesi que faz os homens levantarem-se uns contra os outros. Em outros tempos havia um Deus cuja mão caridosa dispensava suas dádivas mesmo entre aqueles a quem a esperança e a graça tinham abandonado, entre os mais ínfimos e os mais miseráveis. Existiam então imagens e formas suficientes para enriquecer o coração dos homens que as acalentavam, e luzes que, desafiando o ódio e a loucura, ardiam inextinguíveis no céu interior. Não lamenta a desapareção desse passado, que fatalmente teria de escoar-se. O que lhe parece intolerável é a ideia de que, doravante, nada mais justifica sua própria existência. É uma existência sem norma, sem maior realidade que uma sombra. Esse fato deixa-a envergonhada e humilhada. Sente-se inferiorizada diante dos outros, diante dos filhos, diante de si mesma. E isso não apenas por sentir-se incapaz de participar dessa vida que perdeu para ela todo o encanto e todo o valor, e à qual, como mulher, como esposa e como mãe, acha-se duplamente ligada, senão muito mais ainda por sentir-se culpada em relação a essas potências de quem tudo recebeu e que por sua vez começam a perecer em sua alma. Não passarão afinal de sombras mortas, esses guias, esses deuses, esses astros de sua juventude, ou o mundo que a rodeia não será mais que um reino de sombras? Cala-se bruscamente, assustada. Que está fazendo? Abrindo seu coração sem reservas? Que insensatez! No desejo apaixonado que a consome, toma sobre os joelhos um álbum de reproduções de pintores venezianos e põe-se a folheá-lo. Etzel aproxima-se, como que para examinar também ele as imagens. Na verdade, porém, trata-se de um movimento inconsciente de míope. Desejaria estar mais próximo de suas feições, seguir-lhe todos os jogos de fisionomia, pois para ele é uma surpresa ouvir tudo aquilo de sua boca. Impaciente, coloca a mão espalmada sobre a página aberta. Que ela deixe de ocupar-se um pouco daquilo, que ouça também um pouco o que ele tem a dizer. Marie consente em fazer-lhe esse prazer, não obstante reconheça a inutilidade daquele gesto. Etzel lhe diz, então, que ela está iludida por uma falsa dedução. Não existe solução de continuidade entre duas épocas. Essa interrupção não passa de uma ficção enganosa de que a imaginação se serve quando nos priva do momento presente, o que está sempre pronta a fazer, com sua perfídia habitual. A noção de época é filha espúria da noção de calendário. É

uma noção que, biologicamente, não tem razão de ser, um dogma histórico falso. Tudo o que cria e tudo o que é criado é, em si mesmo, relativo. Tudo o que vive é infinito e imortal. A morte é um erro de concepção.

— Tudo isso não passa de uma série de conceitos subversivos— interrompe ela. — De que servem esses aforismos ousados? De qualquer forma, não há lugar para mim no seu mundo.

— Se assim fosse, haveria motivo suficiente para mandá-lo ao diabo. A verdade, porém, é que isso não acontece. É a senhora quem procura desafiá-lo.

— Se o faço, é porque ele me inspira horror.

— Não é justo o que diz dele, minha senhora.

— E por que não? Rigorosamente falando, vocês todos não passam de assassinos. Aquele que não mata, tolera o crime, o que será, talvez, ainda mais grave. Com ou sem derramamento de sangue, a lei é matar. Diga-me: não é para causar horror? Lembra-se da maneira como se referiu, ontem, àquele bruto que fez saltar os miolos de outro, simplesmente porque não lhe agradava sua opinião? Eu mal podia acreditar no que ouvia. Como se pudesse haver mais de uma interpretação para semelhante abominação. Como se pudesse haver prós e contras. Como se essa calamidade valesse a pena de ser discutida. Fenômeno social, dizem vocês... As expressões grandiloquentes não lhes fazem falta, quando pretendem nos persuadir de que as convenções e a honra são conceitos obsoletos. Como detesto essa facilidade em recobrir qualquer expressão de bestialidade, de sadismo com o manto roto da psicologia! Esse respeito ancestral do homem pelo que vocês, do sexo forte, chamam de “ação” e por que se deixam todos mais ou menos entusiasmar, mesmo os mais nobres! Como detesto tudo isso, como o detesto! Etzel procura acalmá-la, pois ela está fora de si, tem o rosto em fogo.

— Acaso não vem sendo a política, desde tempos imemoriais, uma ocupação inumana, minha senhora? Não fomos nós a inventá-la. Não fizemos senão arrancar-lhe a máscara.

— Ah, sim? Minhas felicitações! Onde está o benefício, porém? Que velhos perversos, comodamente instalados em poltronas confortáveis, concluem tratados sanguinários e se entreguem a um sórdido tráfico de almas, ou que um bando de energúmenos sem escrúpulos e de inconscientes amotinem a plebe e implantem o terror, que lucraremos com isso? A que ideal obedecemos? A menos que não se queira ver um ideal na fórmula: *Ôte-toi que je m'y mette*. A política... É ela a principal culpada desse embrutecimento de alma que caracteriza a juventude de hoje. Em que consiste afinal essa política? Em palavras ocas. Ou ainda, como já disse, em assassinatos. Bela paternidade para conduzir-nos ao futuro. Não lhe parece? — Cada um de nós representa um elo na cadeia, minha senhora. Nossa tarefa é passar o fardo de mão em mão.

Essa frase a comove por sua humildade. Fita-o longamente em silêncio. Por fim, confessa que o que, acima de tudo, a faz sofrer é vê-lo desperdiçar à toa tanta energia mal empregada, tanta riqueza moral que lhe fará falta um dia, no momento do ajuste de contas final. A alma daquele que se entrega exclusivamente à política fenecerá necessariamente, como a daquele que se ocupa unicamente do fenômeno social. Não sabe dizer por quê, mas está convicta disso; a sua convicção é inquebrantável. Se ele refletir um pouco, encontrará uma prova flagrante em sua própria vida, ou pelo menos num fato de que veio a saber por acaso. Etzel ergue a cabeça com um gesto brusco. “Que significa isso? Que pretende ela insinuar? Que sabe ela ao certo?”.

— Penso em sua mãe, Etzel — lança corajosamente.

Ele curva novamente a cabeça, não sem antes lançar-lhe um olhar maldoso. Cuidado, Marie! Estás brincando com fogo, não vá ele queimar-te os dedos. Marie, porém, nada receia. Há muito que lhe guarda um ressentimento nesse sentido. Por mais de uma vez fez o

propósito de apelar para a consciência dele. Confessa-lhe a indiscrição cometida há meses, quando leu às escondidas a carta de Joseph e a de Sophia Andergast. A fisionomia de Etzel se ensombrece, seus lábios se contraem. Marie inclina-se para ele, os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos abertas como taças, numa atitude que traduz amizade e confiança e pede outro tanto em troca. Está completamente transformada. Já não tem mais nada de duro nem de amargo. Desapareceu o ardor combativo dos olhos, os traços estão mais suaves, o sorriso é encorajante, quase sedutor.

— Não quero saber o que se passou, não tenho a esse respeito a menor curiosidade. Mas isto não pode ficar assim, Etzel. Uma mãe não se abandona à toa, como uma amante que deixou de nos interessar. Que pode ter de tão grave a censurar-lhe, que essa própria censura já não a tenha feito expiar? Lembro-me de ouvi-lo ultimamente mencionar uma doença da imaginação. Pois bem, e se a aplicássemos um pouco ao seu caso? Não sei grande coisa acerca de sua mãe. Sei apenas que me sinto profundamente penalizada, cada vez que penso nela. Aquela carta a Joseph, nunca mais poderei esquecê-la. Quando lhe escreveu você pela última vez? Não se recorda? Quem sabe não lhe terá escrito de todo? Prometa-me que o fará, amanhã mesmo. Ou melhor, ainda hoje. Quer prometer-me isso? Ele se volta, resmunga qualquer coisa entre os dentes, amarrota a gravata, remexe-se em todos os sentidos, e finalmente acena com a cabeça num gesto afirmativo.

— Ótimo — exclama Marie satisfeita. — Aperte aqui.

Etzel a encara com um olhar ao mesmo tempo recalcitrante e timidamente admirativo, lança um profundo suspiro e estende-lhe a mão.

CAPÍTULO XV

Marie nunca veio a saber o que Etzel escrevera à mãe. Não o esclareceu, e ela, por seu lado, nada perguntou. Uma vez, de

passagem, contou-lhe ter recebido uma resposta, oito dias depois. Marie sentiu que aqueles laços não seriam novamente rompidos. As ideias e os sentimentos de Etzel pareciam ter tomado agora rumo diferente, e também a ela, Marie, parecia olhar com outros olhos. Aquele ar simultaneamente recalcitrante e timidamente admirativo com que a fitara, quando lhe arrancara aquela promessa, tornou a aparecer com frequência nos dias que se seguiram. Aproveitava todos os momentos livres para ficar ao lado dela. Inteirava-se de seus planos, do emprego de suas horas, acompanhava-a em suas compras na cidade. Quando o mau tempo ou o seu estado de saúde a impossibilitavam de sair, encarregava-se de executar as suas comissões. Quase todos os dias, enviava-lhe flores frescas. Mas, como ela não queria vê-lo fazer gastos tão exagerados, acabou por proibir-lhe esse luxo custoso, o que muito o aborreceu. Ora lia para ela em voz alta, ora contava-lhe alguma aventura passada com ele ou com algum de seus camaradas, ou ainda alguma história de amor na qual estivera envolvido, porém apenas quando de um gênero leve e divertido. Quando era obrigado a acompanhar Kerkhoven à clínica e, nem à tarde, nem à noite, dispunha de um momento livre, chamava-a pelo telefone e conversava com ela durante um bom quarto de hora.

De tempos em tempos, enviava-lhe um bilhete com uma nota relativa a um livro, ou um comentário apressadamente traçado referente a alguma de suas conversas anteriores. Parecia não ter senão um único objetivo: distraí-la e conservar-lhe o bom humor. Como, a despeito de tudo, não descuidava de nenhum de seus deveres, nem adiava qualquer das tarefas que devia realizar, seria lícito supor que houvesse firmado algum contrato secreto com um bando de gnomos para que lhe concluíssem o trabalho em segredo. Insensivelmente, Marie habituou-se àquela presença constante e, sem o querer, tornou-se para ela necessário, indispensável, vê-lo comparecer pontualmente, esperá-lo sem nunca ver frustrada essa espera, sentir entre eles uma compreensão, uma aliança palpável, trocar com ele palavras e respostas, dirigir-lhe apelos que não ficavam sem eco. É preciso a certeza dessa receptividade para que a palavra se torne fluida e a ideia

amadureça, para que a alma possa recolher-se e expandir-se. Enfim, encontrou alguém que dispõe de tempo para dedicar-lhe.

Vejamos há quanto tempo isso não lhe acontece. Para ela, parece remontar a uma época anterior ao mundo. Era jovem, então, e seus olhos se erguiam assombrados para o homem exausto e torturado que se detinha a seu lado para consagrar-lhe um tempo sem limites. Quanto lhe era reconhecida por essa dádiva de que conhecia o preço e que fazia dela uma criatura de eleição! Depois, pouco a pouco, o tempo devorou esse homem, sugou-o fibra por fibra; esse tempo de que era outrora o mestre soberano. Por fim, o homem desapareceu por sua vez, para transformar-se também ele numa sombra. É impossível viver com uma sombra; não se pode interrogar uma sombra, a sombra não responde ao teu sorriso, não nota que a estás fitando, não vê tua mão estendida, esquece tua presença quando sentada à tua mesa, mesmo quando te estreita entre os braços. Como fazê-lo compreender que ainda a tem a seu lado, a ele perpetuamente empenhado em salvar, em ajudar e em despertar a milhares de outras criaturas? Tina Audenrieth, que vinha frequentemente ver Marie e travara conhecimento com Etzel numa de suas primeiras visitas, tornou a encontrá-lo várias vezes. Achava-o simpático, e não era de todo insensível ao cuidado que ele dispensava em agradar-lhe. Uma coisa a surpreendia: o lugar que ocupava na casa, sua posição junto a Kerkhoven. Marie explicou-lhe a situação. Contudo, surpreendia-a mais ainda o ardor apaixonado com que cercava Marie de atenções constantes, como se fosse para ele a coisa mais natural do mundo desempenhar esse papel de escudeiro, de pajem, de defensor, de protetor. Era como que uma tomada de posse, uma espécie de tirania doméstica que, ao ser observada mais de perto, deixava transparecer ainda uma embriaguez inquietante. Tina evitava examinar as coisas de tão perto. Sua preocupação tinha outra origem. Quando a mencionou francamente à Marie — pois a velha amizade que as ligava autorizava, naturalmente, uma sinceridade recíproca — assim se exprimiu: — Quer-me parecer que, com todas as atenções que te vem cercando, presta um favor às avessas a teu marido.

— Como assim, Tina? — indagou Marie, alarmada. Tina sorriu.

— Ora, minha querida amiga! — exclamou, e pelo tom de sua voz podia-se deduzir que não acreditava na surpresa que Marie só exprimira, a seu ver, para não ser obrigada a confessar que estava de acordo com ela. As palavras de Tina fizeram Marie refletir. Foi imprudência de sua parte? Seja como for, referiu a Etzel a maneira como a amiga apreciava o seu procedimento. Com isso não fazia senão seguir um impulso natural, o que bem demonstra o grau de familiaridade a que chegara com ele. É possível, também, que esperasse vê-lo refutar imediatamente a censura. Ora, Etzel limitou-se a fitá-la com o ar de quem não compreende. Realmente, era demasiado absurdo. Muito embora fosse considerado um mestre na arte das sutilezas e das hipóteses fantásticas, jamais uma ideia semelhante lhe passara pelo espírito. Pelo contrário, estava convencido de que, servindo a Marie, estava servindo a Kerkhoven e agindo de acordo com o seu desejo. Eis o seu raciocínio: o mestre está sobrecarregado, o fardo que carrega pesa-lhe cada dia mais sobre os ombros. Só a força sobre-humana de que é dotado permite-lhe conservar-se de pé e prosseguir sua extraordinária carreira. Pensando bem, um homem como ele não devia ter qualquer espécie de laços familiares, que representam um peso e uma sombra em sua vida, pois que deve viver a acusar-se, constantemente, de negligência em relação aos filhos e à mulher, a esta principalmente. Realmente, não seria quem é, se não sentisse o quanto ela sofre por vê-lo afastar-se dela sem que possa fazer nada para impedi-lo, apesar de toda a sua boa vontade, de todo o amor que certamente lhe dedica. Portanto, a melhor maneira de atender aos seus desejos é ocupar-se de Marie, procurando reconfortá-la um pouco no abatimento em que vive mergulhada, e ajudando-a a esquecer essa solidão. Hipótese das mais lógicas, à maneira Andergast, e de cuja legitimidade estava aliás plenamente convicto. Quem sabe não chegaria mesmo a ser uma hipótese, ou antes, as coisas estavam de tal maneira que a realidade concordava facilmente com essa teoria, tão engenhosa quanto sedutora, e a ela se adaptava progressivamente, à medida que se desenrolavam os acontecimentos. Com efeito, Kerkhoven sentia-se muito satisfeito que uma tão grande harmonia se

houvesse firmado entre eles e não desprezava a menor oportunidade de fortalecer em Marie a opinião favorável que concebera de Etzel. Quando, eventualmente, ela retomava sua atitude de crítica, queixando-se da presunção do rapaz, caçoando de seu ar “entendido”, ele não percebia que suas objeções haviam perdido muito da força de outrora e que, provavelmente, já não as formulava senão pelo prazer de vê-las rebatidas. E era o que Kerkhoven se apressava em fazer. “Que Etzel sofra a influência de Marie”, pensava, “eis um acaso tal como não se poderia desejar melhor”. Afirmava ter observado, baseado em certos indícios, que suas relações com Marie exerciam sobre ele uma influência salutar — opinião que Marie ouvia, naturalmente, com prazer. Quando, entrando na sala, encontrava-os juntos, um clarão de alegria lhe iluminava os traços. Frequentemente, demorava-se mais tempo do que pretendia, ou do que lhe permitiam suas ocupações, apenas para ouvi-los conversar (sem perceber, no entanto, que essas visitas rápidas e fortuitas interrompiam mais do que estimulavam a conversa, antes animada) e para gozar, embora por breves momentos, o prazer de estar em sociedade, de que há muitos anos se vinha privando. De cada vez que, por acaso, se apresentava para conversar com ela durante cinco, dez minutos no máximo, ou mesmo apenas para certificar-se (recordo aqui a imagem do gigante que abre os olhos periodicamente) de que ela ali estava, para verificar o que fazia e quais eram as suas disposições, sentira remorsos. É verdade que, nessas ocasiões, ela sorria-lhe reconhecidamente, e perguntava-lhe, brincalhona como sempre, com um tom de melancolia na voz: — Estás bom? Gostas de mim? Fala, Joseph, diz qualquer coisa amável. E aninhava-se em seus braços, como que para neles buscar proteção e calor. Ele passava levemente a mão pelos cabelos sedosos e secos que crepitavam docemente a esse contato, fazia-lhe um gesto de cabeça cheio de afeição distraída, murmurando algumas palavras indistintas que pretendiam ser provavelmente as “coisas amáveis” que ela pedira, e não tardava a partir. Entretanto, ainda muito tempo depois, podia-se vislumbrar em seus olhos o pálido reflexo do remorso que nele provocava o olhar inquisitivo e cheio de expectativa de Marie, seu modo de virar a cabeça, um estremecimento de sua boca. Graças a Deus, tudo aquilo estava acabado, agora. Sabia-a acompanhada,

“atendida” por assim dizer. Estava perto dele, o que lhe dava a impressão de achar-se também ele “atendido”. E, ao mesmo tempo, sentia-se libertado daquela sensação de culpa tão pesada e incômoda que nos assalta quando não podemos ser para alguém aquilo que deveríamos e poderíamos ser — sensação por vezes tão violenta nele que lhe perturbava a exatidão do golpe de vista profissional.

— Observou-lhe a expressão quando me estendeu a mão e beijou-a na testa? — perguntou um dia Etzel, emocionado, depois que Kerkhoven se retirou da sala. — Depois disso, poderá acreditar ainda por um instante que tenham fundamento as absurdas suspeitas de Tina Audenrieth? Deve reconhecer, Marie, que o mestre aprova inteiramente nossa amizade... Ou não terei o direito de falar em amizade? Nesse caso, queira perdoar-me... Quero dizer que, de modo algum, se opõe a que me permita vê-la com tanta frequência. Isso lhe convém, ele o aprova e não deseja que seja de outra maneira. Acredito mesmo que se sinta aliviado.

Marie, não querendo admiti-lo ou negá-lo, preferiu calar-se. E a fórmula “aliviar o mestre” ficou sendo uma ficção caridosa que tornava a vida mais fácil, no sentido de que, sob sua proteção, por demais complacente, deixava de colocar-se o problema da responsabilidade.

Num dia que, desde o momento do despertar, Marie sentiu que lhe iria ser desagradável e funesto, ela escorregou na escada no momento de sair e rolou três degraus. Não teve forças para levantar-se. Uma dor aguda no ventre quase a fez perder os sentidos. Por felicidade a criada que a acompanhara até à porta ouviu o ruído da queda e o grito fraco da patroa. Desceu a escada às carreiras, inclinou-se sobre a moça estirada ao solo e pediu auxílio. Carregaram-na para o quarto. As dores fizeram-se mais agudas. Poucas horas depois, Marie tinha uma *délivrance* prematura. Nem Kerkhoven nem Etzel encontravam-se presentes no momento, apenas o Dr. Römer, que a criada chamara às pressas e que fez transportar imediatamente Marie para uma clínica particular, situada na Rua Burgrave, onde ele mesmo a acompanhou numa ambulância. Procedeu-se, sem demora, à intervenção necessária

e, quando Kerkhoven, informado do acontecido, chegou à clínica, às duas horas, tudo estava terminado, e Marie já desperta do sono da anestesia. Ficou sentado ao lado dela até às três horas, segurando-lhe a mão entre as suas e sem desfitar os olhos do rosto lívido, de pálpebras obstinadamente cerradas. Nos traços exageradamente acentuados julgou divisar, a par do sofrimento físico, o reflexo de outro, exclusivamente moral, que mais ainda o inquietou. Ao regressar, à noite, verificou que o estado geral era satisfatório, embora o rosto estivesse afogueado de febre e os olhos revelassem um brilho desacostumado. Entretanto, a temperatura era normal.

Pelo quarto, espalhava-se um perfume embriagante de rosas. O ramo de que provinha estava sobre uma mesa de canto — uma verdadeira montanha de rosas, um incêndio de reflexos purpúreos. Marie designou-o sorrindo e disse: — Etzel.

Kerkhoven comentou: — Estava verdadeiramente transtornado. Perguntou-me logo quando poderia vir ver-te. Respondi-lhe que não muito cedo. Esperasse ao menos uns dois dias, e ainda assim teria que refrear a língua e conversar o menos possível.

— É verdade que sua companhia é um pouco fatigante — reconheceu Marie. — Mas, assim mesmo, permito que venha ver-me amanhã à tarde; diga-lhe isso de minha parte.

No dia seguinte, disse ao marido: — Tenho uma confissão a fazer-te, Joseph. O acidente que me aconteceu foi um desses que inconscientemente provocamos. Uma verdadeira conspiração secreta. A alma, à força de incitar o corpo, acaba por corrompê-lo. Não que o corpo fosse chamado a intervir efetivamente. Uma omissão de sua parte é suficiente. Foi assim que omiti de ser vigilante. Compreendes? Sempre resisti à ideia de ter essa criança, bem sabes que não a desejava, e agora... agora, parece-me que cometi um crime.

Cobriu o rosto com as mãos, e
seus ombros estremeceam convulsivamente. Não chorava

verdadeiramente, nem mesmo soluçava, mas estava completamente transtornada. Não tinha o dom das lágrimas. Raramente o pranto lhe servia de alívio para algum sofrimento moral. Para libertar-se dele, precisava de um abalo semelhante, muito mais torturante que uma efusão de lágrimas, na qual, apesar de tudo, sempre se saboreia um pouco a própria dor. Kerkhoven consolou-a o mais carinhosamente que pôde, mas a sensação de sua impotência moral oprimia-o como um aro de ferro a lhe apertar o peito. Entre todos aqueles que o rodeavam, tanto em sua vida particular como na profissional, ela era a única pessoa diante de quem experimentava essa sensação de impotência. Seria falta de abandono e de confiança de sua parte, em relação a ela, cuja alma só numa atmosfera de abandono e confiança se expandia? Ou seu espírito, apaixonado e límpido, em muito superior ao dele, que resistia à sua influência e com isso a paralisava? Ou ainda se apresentaria ele a seus olhos a tal ponto inseparável de seu próprio “eu”, que nada mais conservasse para ela do mágico anonimato sem o qual o médico fica sendo um indivíduo qualquer, equiparado ao professor ou ao funcionário? Era seguramente o que acontecia: viviam demasiado próximos um do outro. Recordou que Etzel lhe dissera certa vez: “É às vezes salutar que permaneçamos materialmente estranhos uns aos outros”. Palavra luminosa. Para Marie, não seria talvez mais que um jogral, um personagem essencialmente fácil de delimitar. E como poderia ser de outra forma, se ele se sentia impossibilitado de dar-lhe o que outros recebiam dele, se aquele tolhimento paralisante se fazia sempre sentir, mesmo quando tentava apenas consolá-la? Vendo-o assim, imerso em penosa meditação, ela examinou-o com uma estranha curiosidade, como se procurasse sondar-lhe o íntimo. Quando se levantou para partir, na fisionomia e no olhar de Marie acendeu-se uma chama fugidia. Com o ardor que lhe era peculiar, estendeu-lhe os braços do fundo dos travesseiros e disse, num tom de súplica penetrante onde vibrava uma advertência ansiosa: — Tem cuidado comigo, Joseph. Ouve, tem cuidado comigo! Por certo, ficou um momento confuso. Em seguida, porém, sacudiu a cabeça repetidas vezes, com energia. Não compreendia.

Durante os seis dias que passou na clínica (seu organismo vigoroso em pouco se refez do choque causado pela grave intervenção), Marie teve tempo de sobra para refletir sobre o futuro imediato. De boa ou má vontade, tinha que se decidir a partir para Lindow. As circunstâncias impediam-lhe adiar por mais tempo a partida. Sua mãe escrevia-lhe cartas impacientes. Evitara-se informá-la sobre o acidente, pois de outra forma teria ocorrido imediatamente e não faria senão retardar a cura de Marie pelo excesso de sua solicitude e a ruidosa veemência de sua compaixão. Lindow tornara-se para Marie uma segunda pátria. A paisagem, sobretudo no outono que se aproximava, falava-lhe de perto ao coração. Se bem que não lhe suportasse facilmente o clima rude, amava suas linhas austeras, sua grave simplicidade, os lagos onde o céu se refletia e as florestas solitárias. De cada vez que falava a esse respeito com Etzel, exteriorizava-se mais do que de costume. Dir-se-ia um poema, composto e escrito por ela. Sua imaginação, com efeito, não transformava tudo, a ponto de, sem essa transformação, cessar de todo a vida e o movimento? Etzel ouvia-a como se se propusesse gravar no espírito cada uma de suas palavras e cada uma das imagens que elas evocavam. Interrompia-a para interrogá-la avidamente e afirmava sorrindo conhecer agora todos os caminhos e atalhos, as coisas e as pessoas que ali a cercavam, sem, contudo, poder em absoluto se representar a existência que ela levava. Com o faro apurado de que era dotado, sentia desde muito que Marie lhe ocultava alguma coisa. Desde que era seu hóspede, via-a uma ou duas vezes por semana fazer preparativos de partida e, logo em seguida, abandonar o projeto. Por fim, armou-se de coragem e decidiu-se a interrogá-la diretamente: não merecia que tivesse segredos para com ele, declarou-lhe entre amuado e brincalhão. Ao que ela replicou, não sem certo ar provocante, que se ele lhe arrebatasse os segredos, já não teria mais grande coisa para lhe dar. Não obstante, sentia ela mesma o desejo de comunicar-se. Algo de anormal se vinha passando nela naqueles dias. Era como se tudo o que havia de escondido em seu coração quisesse vir à luz, toda rigidez desfazer-se em suavidade. Como era impossível que, tateando ao acaso, Etzel descobrisse a verdadeira pista, achou mais prudente não deixá-lo por mais tempo extraviado. Sabe Deus o que acabaria por

imaginar! A princípio, não lhe quis confiar senão uma coisa: a lembrança de sua aventura sentimental com Robert Suermondt, seu vizinho, aventura que, abstração feita da tristeza de que para sempre a sobrecarregara, enriquecera um dia sua vida. Não tardou, porém, a sentir que esse incidente, referido isoladamente, não tinha base para sustentar-se. Desligada de tudo o que há muitos anos vinha ocorrendo entre a mãe e ela, e que acabara por transformar-se em verdadeira tortura moral, fazia o efeito de uma invenção sem consistência, colocada ao lado de uma realidade tornada sinistra pelo seu próprio excesso de banalidade. Etzel chegara logo depois do jantar. Lera-lhe uma carta desoladora em que o Conde Grünne despedia-se dele e da vida. Fizera saltar os miolos na véspera, muito antes do prazo que havia fixado. Ocuparam-se do caso até cair a noite. Só então Marie começou a narrar sua história.

Robert Suermondt era, antes da guerra, um ator de sucesso, festejado pelo público. Encarnava quase sempre tipos muito próximos da natureza, caracteres rústicos, viris, o que aliás serviu para consolidar-lhe a reputação, pois seu próprio temperamento comunicava a esses personagens um incomparável cunho de verdade. Bastava-lhe, de fato, mostrar-se tal qual era na realidade para agir poderosamente sobre os espectadores. De outra maneira, falhava-lhe por completo o efeito. Não obstante, não só jamais permitira que a profissão lhe enchesse a vida, como ainda, com o correr dos anos, desenvolvera-se nele uma invencível repulsão por tudo o que dizia respeito ao teatro. Um belo dia — contava então quarenta anos apenas —, abandonou bruscamente a carreira, comprou aquela propriedade na província de Marche, abdicou do seu nome famoso, tal como antes retirara a maquiagem do rosto, e retomou o nome burguês que trouxera do berço. Nem a perspectiva do lucro material, nem o apelo dos antigos admiradores puderam decidi-lo a retomar, por uma hora que fosse, a detestada profissão de comediante. Qualquer que fosse o número de dias que lhe reservasse o futuro, formara o propósito de acabá-los na pele de um agricultor, jardineiro e caçador. Não procurava ninguém, cortara definitivamente todas as amarras com o passado. Duas ou três vezes por ano, fazia uma aparição à mesa do albergue da aldeia. Fazia

aproximadamente um ano e meio que Marie o conhecera por acaso, na prefeitura local, onde comparecera para resolver um negócio. Vira-o entrar intempestivamente, completamente coberto de neve, acompanhado de três enormes cães de caça, e fazer uma cena tremenda a propósito de uma regularização de distribuição d'água. No final, escusou-se polidamente diante dela. Aquela voz magnífica tivera, porém, o dom de penetrá-la até os ossos. No auge da exaltação, tinha a sonoridade de uma trombeta de prata. Ele acompanhou-a durante uma parte do trajeto de volta. Marie convidou-o a vir visitá-la, o que ele não tardou a fazer. Passou a vir buscá-la para passeios a pé ou a cavalo. Ela recusara-se a acompanhá-lo à caça. Esse exercício fazia-lhe horror. Quando o conheceu melhor, surpreendeu-a sua atitude em face da natureza: era uma comunhão que ultrapassava, pela profundidade de sua paixão, tudo quanto houvera podido imaginar. Na realidade, não falava senão de pedras, de plantas e animais, porém sempre como que incidentemente, e em observações sucintas. Falava da água e das nuvens, das camadas da Terra, das energias contidas nos metais, dos fenômenos atmosféricos e das conexões existentes entre esses fenômenos e esses estados, de um lado, e a vida, o caráter e o destino do homem de outro, chegando ao ponto de afirmar que o homem jamais podia ser dissociado desses elementos. Sua ciência nada tinha de uma seca erudição livresca, nem tampouco de uma observação superficial. Era como se a própria essência dos elementos se houvesse revelado a ele. Sabia tudo por visão direta e, quando recolhia um pedaço de madeira na beira da estrada para explicar a textura das fibras lenhosas ou aplicava o ouvido a um formigueiro para ouvir, como dizia, o trabalho interior do universo, ou ainda quando, em um monólogo entrecortado, falava da paisagem, de sua estrutura subterrânea que servia de ponto de apoio às linhas exteriores, de seus movimentos secretos, de seu ideograma, como o chamava, do que lhe parecia ser seu cérebro e seu coração — dir-se-ia que analisava uma criatura humana. Ou melhor não, era ainda outra coisa: sua palavra era criadora e pacificante. Tinha um gênio áspero e selvagem e um modo altaneiro de encarar sua época e as pessoas que o cercavam. Era capaz de gestos de rudeza e brutalidade e tratava seus empregados com extremo rigor, muito embora também fosse rigoroso consigo mesmo.

Costumava dizer: “Ninguém tem tanta necessidade do chicote como aquele que se compraz em fustigar os outros”. Entretanto, seus olhos tinham não raro uma doçura infantil. E seu rosto, maciço como o de um Rubens, adquiria uma expressão sonhadora, ausente, essa mesma expressão que se costuma observar nos homens que são, dentro de uma certa medida, os sócios de si mesmos, e que não podem vencer um temor secreto em face do enigma de sua dupla personalidade. O que atraía Marie para ele, o que lhe tornou inesquecível a lembrança de sua companhia só muito tempo depois veio a perceber. Muitas coisas se haviam acumulado para atingi-la particularmente nessa época de sua vida em que se encontrava numa incerteza, numa indecisão perigosa, como nunca até então experimentara. Sim, muitas coisas e não apenas aquele naturismo transbordante que o fazia aparecer aos seus olhos como um espírito ou um gênio da terra, um personagem de mundo primitivo e de lenda. Em face do símbolo que encarnava, sentia-se mais perplexa que diante de outro qualquer, pois, confessava abertamente, não ligava grande importância a esses deuses e demônios setentrionais, sob qualquer forma e qualquer encarnação que se apresentassem. Uma coisa, porém, a emocionava até o íntimo naquele homem: era o seu formidável mutismo.

Jamais encontrara em sua vida um mutismo tão completo. Pois as observações que fazia, suas interpretações profundas dos mistérios da árvore e da flor, do fruto e da fonte, do voo dos pássaros e do fogo, não eram senão o impenetrável invólucro protetor de um mutismo que em si mesmo representava um elemento misterioso e desafiava qualquer tentativa no sentido de rompê-lo. Nunca falava de si mesmo ou de sua vida, ou ainda de seu passado. Jamais a interrogava sobre sua existência ou sobre o que lhe acontecia. Não lhe interessava saber quem ela era, de onde vinha, o que pensava. Ela tinha sempre a impressão de caminhar durante certo tempo ao lado de um desconhecido que, ao cabo de cem passos, a tivesse enfeitiçado por completo e cuja mão, à despedida, lhe escapulia como a de um fantasma.

Tudo isso dera-lhe muito o que pensar — essa mão que, depois de se ter deixado tomar, retirava-se sub-repticiamente como um animal medroso; esse olhar parado que esquecera o interlocutor antes mesmo que este houvesse voltado as costas, a sensação de entorpecimento em que a deixava quando partia, como se para ele estivesse morta e não tivesse o direito de reviver antes de revê-lo. Era precisamente essa inocente infidelidade de “homem da terra” que exercera sobre ela uma força ao mesmo tempo de repulsa e atração — atração espiritual e angústia física —, cuja alternância torturava-a ao mais alto grau. O isolamento em que sua imaginação o envolvia, experimentava-o ela própria em seus sonhos. A inacessibilidade de uma alma que voluntariamente se excluía do mundo do amor e nele não encontrava mais acesso, despertava nela uma compaixão tumultuosa, ao mesmo tempo temerária e acabrunhante, que era condenada à inatividade, pois que em sua presença se tornava tão muda, tão interiormente muda quanto ele na dela. “A compaixão é muitas vezes um estado tão próximo do amor que se deixa de perceber a diferença”, acrescenta Marie. A não ser quando se ama. Nesse caso, sente-se. Era, em todo caso, um sentimento inquieto, desconhecido para ela, ao qual, desconcertada e semivencida, deixava aos poucos adquirir domínio sobre si. Não obstante, sabia bem tratar-se de uma trama urdida por ela mesma, uma verdadeira trama de sonho, estendida por sobre o abismo de sua vida. Não que pretendesse com isso fechá-lo, senão apenas afastá-lo temporariamente de diante dos olhos. Foi este porventura o motivo da notícia de sua morte tê-la atingido com um golpe tão rude. Numa manhã do último mês de dezembro, tendo derrubado uma árvore nas proximidades de casa, quis carregá-la e levantou nos ombros o tronco que pesava bem setenta e cinco quilos. Ao cabo de alguns passos, tombava fulminado por uma congestão, como se a árvore o houvesse matado por vingança. Sua morte apresentava algo de inacreditável. A ideia de que podia morrer como os outros homens aparecia como antinatural a Marie. Em primeiro lugar porque, com seus cinquenta e sete ou cinquenta e oito anos, não aparentava mais de trinta e oito, e ainda porque, transbordante de vida e de força, parecia escapar à fatalidade do envelhecimento. Sem ele, o campo tornava-se um cemitério. Era como se o deus que lhe insuflara

uma alma houvesse desertado. Desde a morte de Irlen, nunca Marie se havia sentido tão desgraçada. Tinha a impressão, aliás, de que era a mesma experiência a renovar-se, em outra época e num mundo diferente, experiência que lhe estava reservada segundo uma lei psicológica que determina a repetição dos fatos do passado.

Foi somente então que o iniludível encontro cotidiano com a mãe se tornou para ela um suplício apenas tolerável. Não é possível compreender esse fenômeno sem fazer uma ideia exata do caráter e da pessoa da Senhora Martersteig, viúva do professor. É uma senhora de sessenta e quatro anos, alta, magra, de figura imponente. A cabeça, de porte altivo, é coroada por uma bem cuidada cabeleira grisalha, e o rosto de feições nobres conserva ainda traços de uma grande beleza passada. Tem o aspecto de uma duquesa. E é como de fato a chamam seus amigos: a duquesa. Nos dias de mocidade, teve seu retrato pintado por Lenbach e Lavery, detalhe que se apraz em recordar sempre que se apresenta oportunidade. Amolda suas atitudes ao personagem que acredita representar. Por certo, ninguém a terá jamais visto em *négligé*. Quando sai do quarto pela manhã, poderia, sem outros preparativos, ir fazer uma visita de cerimônia, e é assim que passa todo o dia, pronta para fazer ou receber uma visita, consciente da própria dignidade, como se realmente fosse a grande dama de nobres tradições e solene passado que aparenta ser. Mesmo a vida simples e o ambiente rústico de Lindow nada puderam alterar nessa atitude. Sempre e em toda parte encontra-se em seu imaginário um palácio ducal. À saudação do administrador, às demonstrações de respeito dos empregados, responde inclinando a cabeça amavelmente, mas sempre com condescendência. Insiste em dar a mão a beijar à filha. É ela quem dirige a casa, fiscaliza os estudos do pequeno Johann e, ultimamente, tendo-se interessado pela administração da propriedade, alivia Marie em grande parte desse encargo. Sua atividade, sem ser de todo a de uma abelha-mestra, apareceu-lhe contudo aureolada de um grande mérito, tão grande, que Marie jamais será capaz de avaliá-lo devidamente e que nada mais lhe resta a fazer senão ressaltá-lo a todo propósito por uma palavra, um olhar, uma expressão fisionômica: “Sim, mãezinha, tu és uma pérola, tu és a mais

ajuizada, a mais hábil, a mais ativa, a mais instruída de todas as mulheres. Não saberia como arranjar-me sem ti”. Bem, isso seria ainda suportável. Mas, exige também que seja expressa tacitamente, mas sem exceção, a estrita observância da etiqueta que consiste em formular as perguntas de praxe sobre o estado de saúde das pessoas, seu sono ou digestão, em manter conciliábulos intermináveis para deliberar se uma janela deve ser aberta ou fechada, se é ou não conveniente aquecer a cama para preservar-se dos resfriados, se é amanhã ou depois, ou apenas na próxima semana, que irá pagar a visita do subprefeito e da mulher, se os saís de banho de que se serviu até então são eficientes ou se é preciso experimentar outra qualidade, e assim por diante. A pessoa se presta. Aquilo entra por uma orelha e sai pela outra. No fundo, ela é boa, e é preciso ser indulgente para com suas fraquezas. Uma dezena de fórmulas estereotipadas bastam para responder-lhe com todo o respeito que é devido a uma mãe. Entretanto, isso ainda não é tudo. O que ninguém pode mais suportar, o que cada ano, cada semana, cada dia, se suporta menos, é essa avalanche de palavras que nada consegue deter e que não gira senão em torno do “eu”. Casos, casos e mais casos. De manhã à noite, em casa, na rua, à mesa, na sala de visitas, os casos se sucedem sem ponto, sem vírgula, sem pausa, mais aborrecidos, mais destituídos de interesse, mais vazios uns que os outros. Uma comporta por onde se escoam todas as ideias que lhe passam pela cabeça. Começam sempre por estas palavras: “Lembras-te, Marie?”, ou então: “Conheceste Fulano (ou Sicrano)? Não? É preciso que te conte a seu respeito um caso bastante curioso”. Ou ainda: “Já que estamos no assunto (nenhum assunto foi abordado), vou contar-te como se fez o noivado da jovem Baronesa Mayern, uma prima dos Mayern da Boêmia, gente imensamente rica, com Stark, o joalheiro da corte. É uma história das mais engraçadas, é preciso que a ouças”. (A história nada tem de divertida, e Marie não tem o menor desejo de conhecê-la. Aliás, já ouviu pelo menos três versões diferentes do mesmo caso). De qualquer forma, o repertório é de uma riqueza surpreendente. Não se trata apenas de histórias de pessoas de outras épocas, de príncipes e de princesas, de acontecimentos familiares, de relações de sociedade, de viagens, festas venezianas, assassinatos, incêndios, senão também de biografias de cães, de gatos, de canários,

de papagaios, acompanhadas de uma multidão de episódios e traços característicos, ou antes, do que ela imagina como tal, pois que todos tendem a mostrá-la como centro de cada um dos cenários e de cada um dos acontecimentos e a servir como prova da alta estima de que sempre gozou junto a todas as criaturas de Deus, bichos e homens. Os anéis que traz nos dedos, o colar que lhe envolve o pescoço, um chale de seda, uma caixa de bombons com enfeites de esmalte, cada objeto tem sua história, está mesclado ao passado, de maneira quase sempre longínqua. É bastante citar um nome, uma data, o título de um livro. Antes que se tenha tempo de tomar fôlego, começa uma história. Quer seja ou não adequada, quer se prenda ou não ao tema abordado, ela surge inevitavelmente e, também inevitavelmente, se refere ao papel de primeiro plano que Adrienne Martersteig desempenhou na vida, à maneira como se comportou em tal ou qual circunstância, ao tributo de admiração que por toda parte lhe foi prestado. Às vezes perde o fio do discurso, confunde pessoas e fatos, perturba-se completamente, quer voltar ao ponto de partida que não encontra mais e acaba falando apenas porque as palavras se multiplicam em sua boca como proliferam os cogumelos. Conta de uma maneira muito viva, imita vozes e expressões, repete o que ela própria disse e o que lhe responderam, e estoura num riso franco nas passagens que julga divertidas. À evocação de lembranças particularmente enternecedoras, cerra os olhos, enquanto uma expressão de êxtase quase mórbido reflete-se em seus traços cansados, porém ainda belos. É impossível a Marie escapar. É uma catarata de palavras a precipitar-se interminavelmente, dia após dia, noite após noite. Se procura refúgio junto aos filhos, ou se tranca no quarto com um livro ou a pretexto de cartas urgentes a escrever, sabe bem que isso não passa de uma trégua. Não pode deixar a mãe sozinha durante noites inteiras. Não pode pedir-lhe brutalmente que se cale. Tem que passear com ela uma ou duas horas todos os dias. No ano anterior, quando adquiriu o hábito de fazer longas caminhadas com Robert Suermondt, não faltaram censuras e ares ofendidos. Os anos nada lhe fizeram perder de sua autossuficiência. Pelo contrário, seu egoísmo desprovido de imaginação, egoísmo de mulher idosa, ultrapassa todos os limites. Marie tem a impressão de ser esmagada, afogada por essa torrente

inesgotável. As horas que é obrigada a passar com a mãe, todos os dias e todas as noites que Deus manda, representam para ela verdadeiros castigos do inferno. Uma roda de fogo parece girar-lhe incessantemente dentro do cérebro. Fica ali, incapaz de pensar ou de ler, sem ouvir nada, sem ver nada, e à meia-noite, exausta, vai deitar-se. E é sua mãe... É uma exceção, bem o sabe. Um caso raro. E deve haver alguma razão para que lhe tenha sido destinado, a ela. Não será preciso dizer que, quando em presença de Etzel, evita alongar-se sobre os detalhes humilhantes dessa situação e desse sofrimento. Tudo o que pode calar, cala. Quer apenas explicar-lhe por que não experimenta qualquer espécie de nostálgica impaciência ao pensar no lar distante. Naqueles últimos tempos, tem refletido longamente a esse respeito. Também a ele, Etzel, não parece existir uma estranha polaridade entre esses dois acontecimentos de sua vida? De um lado o ser taciturno, indiferente aos assuntos dos homens, de outro a criatura loquaz, destruindo as coisas humanas à força de se ocupar delas, cada um com seu destino bem marcado, e ela entre os dois, impotente em face de um e de outro. Que sentido pode ter esse encontro? Sim, porque sente que significa qualquer coisa de preciso para ela, para seu caráter, para sua vida, embora não possa chegar a saber o que seja. O que agrava a situação é que, num dos casos, a morte veio tudo cortar, no outro, a pessoa em foco é sua mãe. Volta sem cessar ao assunto, a esse antagonismo que a natureza firmou entre mãe e filha, ao mal-estar místico de ter nascido de um corpo cujo espírito e cuja alma lhe sopram em rosto um hálito de putrefação, ao qual não está ligada senão pela devoção filial, sentimento inferior quando não emana de um coração verdadeiramente amoroso, que não procede talvez nem mesmo da sensibilidade, e sim, apenas, de um esforço da vontade. Sente que o pai revive nela. É a ele que pertence, a ele deve o que é hoje. Quando lhe evoca a imagem, a mãe se lhe torna duplamente estranha. No mesmo instante, porém, o dever de piedade filial transforma-se em imposição moral, à qual é impossível subtrair-se. Contudo, não pode imaginar o pai e a mãe formando um único ser. São dois partidos inimigos, e ela está do lado do pai. Para realizar-se plenamente, faltou à sua mãe um filho. Teria sido a compensação... Etzel não se cansa de olhá-la. “Como é bela”, pensa consigo mesmo. “E

eu que não o tinha percebido...”. Parece-lhe que seria preciso levantá-la, a ela e ao leito no qual se acha recostada, tão imóvel e misteriosa, e transportá-la a mil léguas dali, para um lugar onde não possam atingi-la os tormentos e as angústias que a acabrunham.

Marie deixou a clínica numa segunda-feira. Não tendo podido libertar-se a tempo de seus afazeres, Kerkhoven pediu a Etzel que acompanhasse a mulher no trajeto para casa (o que ele teria feito de qualquer maneira). Tratava-se, porém, de precaução supérflua, a companhia da enfermeira tendo sido amplamente suficiente. Pelo telefone, Marie afirmou ao marido sentir-se perfeitamente bem, não sendo preciso que lhe mandasse um acompanhante. Ainda mais sendo Etzel, que não faria senão complicar as coisas. Não obstante, sentiu-se contente quando o viu chegar. Sentira grande dificuldade em levantar-se da cama e vestir-se. Seu estado de fraqueza provocava-lhe vertigens frequentes, fazendo-a cair a todo instante nos braços da irmã. Etzel achou-a tão abatida que perguntou ao médico que a atendia se o trajeto de automóvel não lhe poderia fazer mal. O médico tranquilizou-o. Apenas, era preciso que a Senhora Kerkhoven se cuidasse bastante em casa.

— Cuidarei disso — declara então Etzel em tom peremptório, ante o qual Marie não pôde deixar de soltar uma risada.

Queria ocupar-se de tudo e era difícil convencê-lo de que não se tinha necessidade de sua ajuda. Seu olhar que não largava Marie, acabou por enervar a esta, que aproveitou de um momento de ausência da irmã para perguntar-lhe o que o desagradava nela.

— O que me desagrada? — replicou ele espantado. — Não se trata disso.

Apenas, a senhora me parece tão magra, tão magra... é incrível.

E para não parecer excessivamente tolo, pôs-se a sorrir com um ar entendido. Marie corou. Quando o ascensor os deixou no vestíbulo, tomou-lhe o braço. Passo a passo, encaminharam-se para o automóvel.

A irmã que a sustinha do outro lado, adiantou-se para abrir o portão. Repentinamente, Etzel estacou e perguntou assustado: — Que há consigo, Marie? Sente-se mal? Está toda trêmula... Ela murmurou precipitadamente: — Não é nada... deixe-me... não fale... E continuou a andar, de cabeça baixa.

Na terça e na quarta-feira, não se referiu a Lindow. Já na noite de quarta, entretanto, comunicou ao marido que partiria na sexta. Naturalmente, não em seu pequeno Opel. Se Joseph não pudesse ceder-lhe o automóvel por um dia, preferia tomar o trem. Sentia-se perfeitamente bem. Mas, para prevenir qualquer eventualidade, telefonara à mãe para que lhe enviasse a Senhora Jänisch, uma velha empregada que a servia há doze anos. Kerkhoven replicou que o automóvel estava naturalmente à sua disposição, sendo que mais tarde poderia mandar buscar o Opel. Marie olhava-o como se esperasse alguma coisa mais. Nada foi dito, porém. Durante os dois dias, nunca reteve Etzel por muito tempo a seu lado. Sempre, ao cabo de um quarto de hora, pedia-lhe para sair. Preferia estar só. Ele obedecia sem protestar, embora não compreendesse por que motivo ela o despedia. Não podia ser pelo desejo de estar só, pois que Tina Audenrieth passara a seu lado toda a manhã e uma parte da tarde dos dois dias. Vieram ainda outras visitas. Marie parecia voltar a recebê-las com prazer. Só a ele fechava sua porta. Etzel vagava como uma alma penada. De pé junto à sua mesa de trabalho, fixava com um ar ausente as cartas e papéis de que estava sobrecarregada. Às vezes, batia na testa com o punho cerrado. “Olá, E. A. Estás aí? Estão à tua procura! Pareces-me um pouco embrutecido, meu caro”. Não comparecia mais às refeições. Comprara uma motocicleta e, sempre que tinha um momento livre, fugia a toda velocidade, como se tivesse o diabo nos calcanhares, através da cidade até os subúrbios vizinhos. Na quinta-feira ao meio-dia, encontrou no quarto um bilhete de Marie: “Venha ver-me às cinco horas”. Quando chegou, ela tomava chá com o marido, acontecimento desusado, pois jamais vira o mestre a seu lado numa hora daquelas. Marie sentiu-se irritada ao vê-lo arregalar os olhos de espanto. Estendeu-lhe a mão com um olhar severo, muito embora sua fisionomia estivesse radiosa. Só poderia estranhar esse contraste quem

não conhecesse a mobilidade de sua fisionomia, sempre de mímica expressiva. Levantou-se para servir o chá e oferecer o prato de bolinhos. Ao mesmo tempo, não parava de falar, com seu ar amável e animado, sem parecer censurar a seus dois convidados por se mostrarem tão pouco expansivos. Etzel tinha a impressão de encontrar-se diante de outra mulher. Ela movia-se de outra maneira, falava de outra maneira, andava de outra maneira, tinha em si algo de vaporoso e de alado. Seus olhos espelhavam um brilho acariciante, como os de alguém que se propõe fazer algo de divertido, sem saber ainda ao certo o quê, e que se sente feliz exclusivamente por estar vivo. Suas faces estavam levemente rosadas, em torno de sua boca de contorno gracioso fremia por momentos um sorriso discreto, seu corpo vibrava como sob a ação de descargas elétricas e essas vibrações comunicavam-se imediatamente aos que a cercavam. Por mais de uma vez, Etzel fitou Kerkhoven de soslaio, tentativa assaz divertida, por certo, para assinalar o próprio embaraço àquele que era por ele responsável e fazê-lo compreender que alguma coisa ali estava fora de seus eixos. “Não enxergas nada? Não percebes nada?”, inquiria o olhar. Não, Kerkhoven realmente não via e não percebia nada, nem mesmo as expressões significativas de Etzel. Antes da chegada deste último, tivera com Marie uma conversa que continuava a ocupar-lhe o espírito. Em vista da partida iminente e da longa separação que provavelmente acarretaria, decidira-se a vir tomar chá com Marie entre duas consultas. E surgira inesperadamente. Marie voara ao seu encontro, lançara-se em seus braços com uma exclamação de alegria, como se não esperasse mais nada além de sua vinda.

— Convidei Etzel — disse em seguida — mas, vamos mandar dizer-lhe que não venha.

— Oh, não faça isso, querida — retrucou ele. — Aliás, não posso ficar muito tempo contigo.

Estas palavras arrefeceram-lhe sensivelmente o entusiasmo.

— Sabes que estou tramando algo contra ti — continuou ela em voz pouco segura, procurando o olhar que ele só aos poucos lhe entregou, hesitante.

— Deus me livre! Que poderá ser? — perguntou ele, tomando a cabeça entre as mãos.

— Adivinha.

— Não posso, Marie; bem sabes que não entendo nada de charadas.

— Eis qual foi a minha ideia: que dirias de conduzir-me pessoalmente a Lindow, amanhã? Que te parece? Poderias voltar imediatamente. Isso me daria tanto prazer! É impossível? Diz, Joseph (com angústia nos olhos, pois pressentia já a negativa, sendo todo ele uma negativa), é realmente impossível? — Sim, minha querida amiga, realmente impossível.

E como ela se calasse, afastando-se dele para sentar-se à mesa, posta para o chá, e retirando com um gesto maquinal o abafador do bule: — De que serviria enumerar-te as razões? De qualquer modo, não te convenceriam. Receio que, ao dizer “impossível”, essa palavra não tenha para ti nenhum valor probatório. Talvez esteja exigindo de ti demasiada paciência, demasiada indulgência. Mas, onde encontrá-las, se não for ao teu lado? É preciso que compreendas o que isso significa, Marie. E que saibas que, além de ti, não tenho nada nem ninguém sobre quem me apoiar.

— Senta-te, Joseph — disse ela amavelmente. — Posso servir-te o chá? Pôs-se a falar de Tina Audenrieth e contou uma divertida história de crianças que esta lhe referira naquele dia e da qual seu neto fora o protagonista.

Apenas concluía, a criada anunciava o Senhor Andergast.

O pensamento de Kerkhoven retardava-se sobre a conversa anterior, e Marie não o ignorava. Era uma de suas “reações lentas”.

Descontentamento, dúvidas, pensamentos acusadores assaltavam-no alternadamente, inspirados por sua “consciência pesada” que não podia, apesar de tudo, tranquilizar-se por completo. Repuxava em vão a cadeia que forjara com suas próprias mãos e fazia inúteis esforços para afastar, ainda uma vez, o sacrifício pessoal e adiá-lo para mais tarde, para não queimar todos os trunfos de uma vez só. Marie podia seguir-lhe no rosto o que se passava em seu íntimo e que ele nunca saberia esconder. Sentiu-se penalizada, mas não quis permitir que essa piedade a afligisse. Decididamente, recusava-se a deixar-se levar pela piedade, não queria mais sucumbir ao sofrimento. Com um movimento brusco, voltou a cabeça e continuou a conversar com Etzel. Kerkhoven ergueu-se, beijou-lhe a mão inclinando-se com um ar suplicante, depois pousou as duas mãos sobre os ombros de Etzel (este teve a impressão de que dois blocos de granito abatiam-se sobre seus ombros, muito embora se tratasse de uma pressão afetuosa, persuasiva e reconhecida) e partiu sem dizer uma palavra.

Ao cabo de um longo silêncio, Marie disse: — Amanhã, é sério.

— Sim — disse Etzel —, bem sei. Vai partir.

— Passaremos muito tempo sem nos ver, me parece — disse ela. Ao que, Etzel replicou: — Sem dúvida. E ela: — É pena.

— Sim, talvez seja uma pena.

— Por que talvez? — Porque não há necessidade.

— Sim, há necessidade, e sob muitos aspectos.

— É a senhora quem o diz. A senhora quer que seja assim, mas não vejo a necessidade. Devemos inclinar-nos diante de uma necessidade inelutável. Eu mesmo já o fiz, não poucas vezes. Neste caso, porém, ela só é inelutável em sua imaginação.

— Que tolice, Etzel. Naturalmente, não seria uma catástrofe se eu ficasse, mas não há nenhum motivo razoável e plausível para isso, o

que acarreta a necessidade inelutável de partir.

— Não resta dúvida, neste ponto cabe-lhe toda a razão, minha senhora.

Não há um motivo razoável e plausível para que fique.

— Então, por que esse ar sinistro? Etzel fez girar a xícara que tinha diante de si sobre o pires, como se fosse um pião. Subitamente, apertou-a na mão com tamanha violência que a xícara espatifou-se em pedaços.

— Que está fazendo? — exclamou Marie assustada.

Os dedos do rapaz sangravam. Marie lançou em torno de si um olhar ansioso. Etzel tirou o lenço do bolso e com ele envolveu a mão. A seguir, levantou-se e pôs-se a caminhar pela sala, em silêncio.

— É melhor que torne a sentar-se — disse Marie em voz baixa. — Fico tonta de vê-lo mover-se assim, de um lado para o outro, sem parar — disse Marie em voz baixa.

Etzel deteve-se junto à janela de costas para ela, a mão ilesa no bolso da calça.

— Por que motivo não quis receber-me ontem e anteontem? — perguntou, como se falasse para fora.

Marie não respondeu.

— Por quê? Por quê? — insistiu, enraivecido.

— Contenha-se, Etzel — advertiu Marie. — Procure dominar-se, peço-lhe.

— Não quero que me escreva, Marie. Entendeu? Não quero. Marie sorriu.

— Não pensava mesmo em fazê-lo, menino malcriado.

Ele voltou-se com um gesto brusco e passou a mão pela testa.

— Devo retirar-me agora? — perguntou. Ela inclinou a cabeça.

— Sim, é melhor. Melhor também que nos despeçamos agora, e não amanhã, na confusão da partida.

Etzel deu alguns passos em sua direção. Por sua superioridade, pela naturalidade de suas maneiras, ela dominava-o de maneira inexprimível. Fitou-a como que subjugado por um encantamento, e furioso com isso. Marie estendeu-lhe a mão. Num gesto maquinal, ergueu a mão direita enfaixada, deixou-a cair e estendeu-lhe a esquerda, sem que seu olhar se suavizasse. Ela levantou-se ainda segurando-lhe a mão e, enquanto um sorriso se esboçava em seus lábios, disse: — Até à vista, Etzel.

Ele encaminhou-se para a porta, segurou o trinco, voltou-se mais uma vez, os olhos pregados no solo, e desapareceu sem dizer uma palavra.

Kerkhoven escreve a Marie: “Faz seis dias que partiste, e nem uma linha. Que significa isso? Nada de grave, espero. Não pude chamar-te senão duas vezes por telefone e foste tão lacônica quanto, infelizmente, eu mesmo sou sempre forçado a sê-lo. São duas horas da manhã. Andergast acaba de sair. Trabalhamos até à uma hora, depois ficamos conversando. É um hábito que se formou. Ei-lo mais uma vez numa fase ruim. Sombrio e taciturno, como frequentemente se mostrava nos primeiros tempos. É precisamente nesse ponto que posso constatar o quanto se tem desenvolvido moralmente. Percebe-se que chegou a conhecer-se melhor e alcançou maior domínio sobre si mesmo. Que lhe terá o futuro reservado? Temo perdê-lo em breve, não sei por quê. Não que ele haja tomado qualquer decisão a respeito, ou que eu a sinta iminente. Apenas, sinto-o preocupado e inquieto. Ser-me-á difícil passar sem ele. Muito embora se tenha revelado mais útil do que eu o imaginara não é isso precisamente o que importa. Acima de tudo,

habituei-me a essa fiscalização automática e metódica com que ele me faz passar constantemente. O que não quer dizer que tenha chegado ao ponto de renegar meus sentimentos. Pertencço ao mundo pré-histórico e me localizo ao lado dos que têm o coração sensível. É possível que me faça falta tua influência, influência que parece ter sido maior do que eu mesmo o julgava. Tua falta se faz sentir, aliás, por toda parte. Sem ti, a casa parece que não tem alma. Às vezes, dirijo-me maquinalmente para a porta do teu quarto, como um animal extraviado para o abrigo. E, no último momento, me lembro: ela não está. Não digas que só à distância te quero. Isso não é verdade. E continuaria a negá-lo, ainda que pusesses sob os olhos provas tais que me forçassem a calar e me fizessem enrubescer de vergonha. Chamaste um dia a isso ‘um amor em função inversa de suas manifestações’. Ainda pensarás assim? Mesmo que afirme que todo meu ser repousa sobre essa mútua compreensão, a tal ponto que, se perco a noção desse sentimento, assalta-me a mesma impressão de desoladora impotência de alguém que se visse encarcerado por motivo de dívidas? Trata-se, é bem verdade, de uma tara original. O fato de jamais ter sabido imunizar-me contra esse veneno, determinou minha atitude na vida. Pobres de nós, culpados sem o merecer. Contudo, se me faltasse a possibilidade de assumir pecados, tampouco me seria possível extirpar o pecado nos outros. Desde que partiste, tenho constantemente a impressão de que há uma nuvem entre nós, de que me tornei culpado de alguma negligência para contigo. Liberta-me desta dúvida, acena-me com um gesto, Marie. Bem sei o quanto sofreste estas últimas semanas. Outrossim, tenho consciência da lamentável incapacidade de que dei prova, sem que nada pudesse fazer para modificá-la. Considera, porém, que, nestas coisas, a natureza faz as mulheres heroicas e os homens miseráveis. Escreve-me”.

A resposta de Marie chegou três dias depois, e essa carta teve as consequências mais estranhas que se possa imaginar. Conhecemos Kerkhoven como sendo um homem de realidades, que jamais demonstrou qualquer veleidade de dissimular intimamente um fato cuja evidência é patente e nem tampouco, como fazem os neuróticos e os histéricos, de afastar dele o pensamento para não ter de adotar

medidas que viriam alterar por completo toda a organização de sua vida. Ora, por mais incrível que possa parecer, forçoso é reconhecer que, para não ser forçado a deduzir as consequências da carta de Marie, o que equivaleria a deixar de lado todos os seus afazeres, Deus sabe por quanto tempo, decidiu, ou alguma coisa decidiu por ele, fingir não ter lido o que na realidade lera, ou emprestar um sentido totalmente distinto aos termos da carta, deturpando-os quase involuntariamente. Quando, meses mais tarde, na fase mais sombria de toda sua existência, voltou a ter essa carta entre as mãos e pôde então convencer-se de seu verdadeiro sentido, foi como se lhe tirassem uma venda dos olhos e não pôde senão repetir: “Ah, meu amigo, que tinhas feito, então, de teus sentidos e de tua inteligência?”. Outrossim, não devemos esquecer-nos de que esses Hércules do trabalho têm qualquer coisa de próprio a que eu chamaria a obsessão patológica da linha reta, um pedantismo mórbido capaz de cegá-los momentaneamente e, em certas circunstâncias, de torná-los cruéis e brutais.

Na manhã em que recebeu a carta, estava de saída para o consultório. Encontrando-se já atrasado, guardou-a no bolso, sem abri-la. A consulta prolongou-se até meio-dia. Uma série de casos, todos eles de extrema gravidade. Em seguida, partiu para Tegel em companhia do Dr. Römer e de um médico estrangeiro. Tratava-se de atender a um caso urgente de morfinomania, num casal de emigrados russos, de nome bem conhecido, que outrora haviam pertencido à corte do czar. No trajeto de volta, lembrou-se da carta e abriu o envelope. Estava preocupado e fatigado. Percorreu rapidamente as primeiras linhas. “Ontem, minha mãe partiu para Dresden e não estará de volta antes do Natal. Tivemos uma discussão bastante violenta, durante a qual fui obrigada a lhe fazer ver que seria melhor separarmo-nos por alguns meses. E isso foi feito. As despedidas foram assaz comoventes. No final, presenteou-me com uma pulseira de ouro, joia de família, um belo trabalho antigo. Sei, porém, que não poderei usá-la. Assim, estou de novo só”. Nada de inquietante, portanto. Está só, o que significa que conseguiu o seu desejo... Aliviado, prossegue na leitura, distraído por uma dezena de ideias diferentes, obcecado pela lembrança dos rostos

que haviam desfilado diante dele, das palavras ouvidas... Se o seu cérebro não estourar, com tudo isso... essa vida que leva, esse acúmulo de horrores, esse mundo em agonia... Mas, que é isso que tem diante dos olhos? Ora, vamos, Marie, Marie! De repente, sentiu-se incomodado ao perceber, a seu lado, a presença do Dr. Römer, que se mantinha em silêncio. Tornou a guardar a carta no bolso, com a intenção de lê-la em casa. Etzel pretextara um encontro para não vir almoçar. Estava, pois, sozinho à mesa e engoliu a refeição às pressas, sem saber o que comia. A seguir, dirigiu-se ao seu gabinete de trabalho. Uma pilha de telegramas. O telefone, uma, duas vezes. Um grito de alarme aqui, outro mais adiante. Ah, é verdade, a carta... Era um dia sombrio de outubro, teve de aproximar-se da janela para ler. Logo de início e de propósito deliberado, pôs em guarda sua consciência, tomado de terror e pânico em face da intimação, como faz um capitão de navio que avança com cautela, prevendo os escolhos. Desde já adivinhava tudo. Mentalmente, cerrava os olhos e os ouvidos, e confusamente implorava: “Oh, fazei que não seja verdade!”. Leiamos com ele.

“Tua longa carta foi para mim uma boa surpresa. Assim, é preciso emudecer e não dar sinal de vida, quando se quer ouvir mais uma vez a voz querida! Onde estiveste todo esse tempo, Joseph? Onde te mantinhas oculto, criatura acorrentada? É possível que não tenhas presenciado o terrível desmoronamento moral que nestes dois últimos anos transformou-me na sombra de mim mesma? É possível que seja realmente amor esse sentimento que não vê das coisas senão o lado luminoso e continua a vê-lo depois que o brilho empalideceu e o coração se consome a suspirar nas trevas? Pobres de nós, culpados sem o merecermos, escreves. Nós? Oh, meu amigo! Oh, Joseph! Acaso não sentiste a angústia com a qual outrora eu procurava resistir e que não era senão a consequência de outra angústia maior, a de morrer de frio a teu lado? Existirá de fato essa lei que faz com que cada homem coloque a vida de sua mulher, a vida no sentido mais baixo, como no mais elevado, abaixo do apetite momentâneo dos sentidos? E pretendes que ainda possa haver entendimento entre nós, e que eu te liberte de tua própria angústia, como se também isso te custasse

demasiado esforço! Penso em ti com uma ardente nostalgia, mas também com lágrimas amargas. Diante de mim existe uma porta que quero transpor mas, no limiar, ergue-se um sinistro personagem que se chama ‘impossível’ e que me impede o caminho. Tenho dentro de mim algo que me consome. Estendo os braços para tocar, apertar e reter contra o peito um ser, mas não faço senão enlanguescer em desespero. É duro para uma mulher ter de dizer estas coisas. Realmente, devemos parecer sempre diferentes do que somos. Não quero mais ser aquela que compreende tudo, que é capaz de tudo perceber e guardar. Não quero mais distribuir sorrisos maternais e manifestar um respeito todo filial, não quero mais estar só, quero ter o marido que o destino me reserva, não o médico, não sua obra, não sua nomeada, não seus quartos de hora parcimoniosamente dosados, não sua frente carregada de nuvens e seus olhares ausentes. Quero-o a ele, ao homem inteiro, ao seu corpo e ao seu hálito, ao seu coração e à sua carne. Não fiques aí a meditar, querido meu, a quem meu corpo e minha alma pertencem até em suas derradeiras fibras. Deseja-me tanto quanto eu te desejo, e verás dissiparem-se os teus temores. Compreendes-me, afinal?”.

Não. Ele não compreendeu. Com um gesto receoso de suas mãos trêmulas, tornou a dobrar cuidadosamente a carta e trancou-a na gaveta da escrivaninha. Ato esse bastante significativo. Eis o que sucedeu. Para começar, deixou que o verdadeiro teor da carta resvasse para o esquecimento, substituindo-a em sua memória por outra semelhante, embora bem menos categórica e apaixonada. Essa nova versão conduziu-o, ao longo de suas desesperadas tentativas de evasão, às deduções que se seguem: sem dúvida alguma, estamos aqui em presença de uma perturbação do equilíbrio, de uma superexcitação nervosa provocada pela intervenção cirúrgica que não podia deixar de alterar por tempo bastante longo um organismo sensível como é o dela, uma estrutura moral a esse ponto delicada. A solidão do campo parece ser-lhe funesta. Para cúmulo da infelicidade, e como se seu coração desarvorado pretendesse levar a tragédia até o ápice, eis que, além de tudo isso, tem uma disputa com a mãe. É preciso tomar uma medida qualquer. O melhor seria trazê-la de volta, mas ela recusará a

sugestão, quando mais não seja para provar aos seus próprios olhos a lógica de seu procedimento. Não tem um momento livre. Sem o que iria buscá-la. Telefonar-lhe? Que lhe poderia dizer, nas circunstâncias atuais? Escrever-lhe? Sim, ainda é o melhor. Andergast será o portador da carta. Saberá tranquilizá-la. Diante dele, voltará a controlar-se... É a solução mais razoável.

Tendo encontrado essa escapatória, sentiu-se aliviado. Em sua cegueira infinita, parecia-lhe ter contornado com isso a dificuldade capital, tanto mais quanto, à medida que a primeira impressão se diluía, considerava a carta transtornada e transtornadora de Marie como sendo um sintoma passageiro, a marca de uma superexcitação momentânea incompatível com o alegre bom senso que lhe era habitual. Eis-nos, pois, diante de um homem a quem uma experiência profunda ensinou que, em casos semelhantes, não há fórmula mais ilusória ou mais tola que a de “ganhar tempo”. Pois bem, vemo-lo proceder como um otimista que se deixa embalar por doces ilusões, simplesmente por não desejar, a preço algum, encarar a situação de frente. Enquanto se entrega sem medida a toda a humanidade, espera precisamente de Marie, sua companheira, seu segundo eu, que lhe poupe preocupações. Há aqui um mistério que não estou em condições de desvendar. A carta que escreveu a Marie foi, é fácil prever, uma carta confusa. Constava de uma série de afirmações e adjurações insignificantes, num conjunto indigno dele, prova de que quando abandonamos os altos cumes, por momentos que seja, imediatamente degringolamos a muitas milhas de profundidade. Às dez horas, Etzel apareceu. Uma hora e meia passou-se em considerações sobre o trabalho do dia, após o que Kerkhoven apresentou seu pedido. Num tom tranquilo, no qual não restavam mais traços da perturbação em que, poucas horas antes, se encontrava, disse que Marie parecia presa de uma crise de abatimento, para a qual o alertara uma carta recebida pela manhã. Esperava que seu estado melhorasse rapidamente. Nas circunstâncias atuais, privada da própria companhia da mãe, nenhuma vantagem lhe podia trazer a solidão de Lindow. Gostaria que Etzel a convencesse a voltar para Berlim, com as crianças. Sim, com as crianças, por certo. Há meses não via os filhos:

— Deixe-me ver... sim, desde fevereiro... é uma vergonha! — Tudo isso lhe diz na carta da qual Etzel deverá ser o portador. — Agora, você conhece minha mulher — prosseguiu. — Com toda sua independência de espírito e uma natureza eminentemente equilibrada, é, não obstante, sujeita a alterações de humor assaz inquietantes. Nessas condições, perde a serena confiança que tem em si mesma e assusta-se como uma criança perdida na escuridão. Esse estado nunca perdura por muito tempo. Graças ao seu espírito extraordinário, não tarda a recompor-se, bastando para isso proporcionar-lhe uma distração qualquer. Acima de tudo, porém, é preciso evitar tratá-la como uma doente. Seria um erro de tática.

Até então, Etzel não demonstrara, por uma palavra, um gesto, um olhar sequer, sua aprovação ou sua surpresa. Nada, em sua fisionomia impassível, revelava o que se passava em seu íntimo. Apenas suas orelhas e sua fronte tingiram-se de um leve rubor. Sentiu-o e isso deixou-o contrariado. Simulou ter-se lembrado de algo muito urgente e, tomando uma folha de papel, anotou qualquer coisa. Felizmente, Kerkhoven não se lembrou de olhar: eram rabiscos desprovidos de sentido. Quando, um pouco surpreendido por aquele silêncio persistente, Kerkhoven perguntou se queria encarregar-se da missão e partir para Lindow, na manhã seguinte, Etzel levantou a cabeça e respondeu, as sobrancelhas alçadas como se tal pergunta lhe parecesse fora de propósito, dado que estava ali para cumprir ordens: — Naturalmente, mestre! E, quando Kerkhoven acrescentou: — Não é preciso apressar-se em voltar. Se lhe parecer necessário demorar-se dois ou três dias, fique.

Respondeu, no mesmo tom breve e seco: — Sim mestre.

— Bem; então, por hoje, vamos nos dar boa-noite.

— Boa noite, mestre.

Quando Etzel entrou em seu quarto, o relógio da igreja soava meia-noite. Acendeu a luz e mirou-se rapidamente no espelho. Sua

fisionomia conservara a expressão de fria submissão com a qual julgara poder despistar Kerkhoven. Fora tudo demasiado rápido. Precisava antes refletir. Enquanto, a cabeça entre as mãos, procurava concentrar-se e “pensar”, percebeu que tudo já estava de há muito resolvido. Esperar até o dia seguinte não tinha sentido. De que lhe serviria ficar a revolver-se no leito sem dormir? Abriu o armário, de onde tirou um gorro, uma echarpe, sua blusa de couro e suas luvas, enfiou alguns objetos de “toalete” numa bolsa de encerado e saiu do quarto e da casa. Sua motocicleta estava guardada num galpão, no pátio. Tinha a chave consigo, bem como a do portão externo. À luz do farol, encheu com um bidão o tanque de gasolina, empurrou a máquina pelo corredor até a rua, saltou para o selim e partiu em meio aos estampidos do motor. Atravessou a Rua Frederico, a Rua Pavimentada, passou diante da estação de Wedding, tomou a Rua do Moleiro e a Rua Scharnweber na direção de Kremmen. Conhecia regularmente o caminho. Sessenta e sete quilômetros. Quando o trânsito estava livre, podia-se percorrê-los em uma hora e meia. As estradas tornavam-se cada vez mais desertas, o nevoeiro cada vez mais denso. A princípio, conservava uma velocidade média de oitenta quilômetros. Depois de Hermsdorf, foi obrigado a diminuir para quarenta e, por fim, para trinta. A neblina condensava-se numa parede acolchoada na qual o farol se esforçava por abrir um cone enfumaçado que tudo parecia engolir à sua passagem — aldeias, campos, bosques, o céu e a própria obscuridade natural da noite. Tinha a impressão de estar envolvido por uma massa pegajosa, mistura de água e fumaça, móvel e compacta, gordurosa e malcheirosa. Na região de Schwante, não foi mais possível avançar. Praguejando, deteve-se e saltou. A luz do farol refletia-se, como se fosse num espelho côncavo, sobre o fundo da névoa flocosa e ondulante, projetando-lhe a sombra desmesurada e caricatural contra uma parede móvel. O solo estava tão escorregadio que a máquina, sacudida pelos abalos do motor, derrapava sem cessar. Aproximou seu relógio de pulso do foco luminoso: eram duas e meia. De repente, percebeu a loucura de seu ato. Se chegasse realmente em plena noite, que faria? Acordaria os criados? E para quê? Trazia alguma mensagem para a senhora? Uma desgraça, então? Será preciso despertá-la? Não? Neste caso, para que tanta algazarra? Que quer dizer

tudo aquilo? Há qualquer coisa de errado consigo, meu caro senhor. Que responderia a tudo isso? Tudo não passara de uma rematada loucura. Partir como um bólido, sem refletir... Ficou assim perto de meia hora, parado na estrada, sem saber o que fazer. Ao cabo desse tempo, a cerração pareceu dispersar-se um pouco. À beira da estrada, distinguiu os contornos de uma casa que lhe pareceu enorme. Mas, ao aproximar-se, descobriu ser uma pequena cabana de madeira semidestruída, sem porta nem telhado, mas que, de qualquer forma, representava um abrigo. Até mesmo um monte de palha havia, úmido e pouco asseado sem dúvida, mas suficiente para impedir o contato com o solo. Não sem esforço, transportou para lá a máquina, prendeu-a pela corrente a uma viga de madeira, atirou-se sobre o monte de palha e mergulhou num sono de chumbo, do qual só despertou ao cabo de cinco horas.

Antes de dirigir-se à casa de Marie, lavou-se num albergue da estrada. Eram dez horas, quando bateu à porta. A Senhora Jänisch, que o anunciara, indicou-lhe o caminho através do longo corredor. Achou-se numa sala espaçosa e bem mobiliada. Móveis de cedro escuro, cortinas e estofados de tons suaves, uma estante cheia de livros, sobre outra um quadro de flores e uma fotografia de família, provavelmente o pai de Marie, a julgar pela semelhança. Nas jarras, entre folhagens, rosas de fim de estação e cactos plantados em vasos. Sobre a estante do piano de cauda, a *Sonata em Lá bemol maior* de Weber. Ignorava que Marie tocasse piano. Jamais mencionara esse detalhe, nunca vira o instrumento aberto em seu apartamento da cidade. Por que nunca lhe falara àquele respeito? Teria que lhe perguntar, era absolutamente indispensável que soubesse. A carta... Ah, é verdade, a carta! Tinha-a consigo, no bolso interno do paletó. Precisava dela para justificar sua presença. Ouviu um ruído ligeiro e estremeceu. Não era nada, apenas uma acha de madeira que estalava na chaminé. Passou a mão pelo rosto: felizmente, barbeara-se na véspera, à tarde. À Marie não agrada vê-lo de barba crescida. Considera isso uma falta de compostura. É preciso conformar-se com esses pequenos caprichos. Que se passa com ele, afinal? Por que o coração bate dessa maneira, com uma violência que se faz sentir até a extremidade dos dedos? Aperta o

punho cerrado contra o queixo e, para bem firmar sua impassibilidade, tosse ligeiramente. De súbito, um ardor, uma contração na garganta. Ouve passos. Os passos dela. Ninguém no mundo caminha como ela, tão suavemente como se, entre a planta de seus pés e o solo, se estendesse uma camada de ar elástico. Sobretudo, é preciso não olhar para a porta por detrás da qual avançam os passos. Olhar para outro lado, a fim de não se trair. Para fora, através da janela aberta. Ei-la já ali. Muito pálida, os olhos dilatados, fica de pé, imóvel. Também ele está de pé e imóvel. Seu olhar vacila, incerto. Afasta-se da janela e dirige-se lentamente para ela. Inclina-se e diz: — Minha senhora.

Depois, mais nada. Mutismo completo. Então, é a vez de ela sorrir, perturbada, intimidada, surpresa. Suas faces voltam a colorir-se. Um ligeiro grito. É como se tombasse para a frente. Ele recebe-a nos braços, puxa-a contra si. Ela deixa-se prender e sustentar, e rodeia-lhe o pescoço com os braços, tremendo, como que presa de febre. Um arrepio doloroso percorre-lhe o corpo todo. Murmura algo, que não é mais que um suspiro, fora do campo da consciência. Da parte dele, nem um som, nem uma palavra. Tem uma expressão sinistra, amedrontadora. Apenas sustê-la, sustê-la bem. Com uma energia selvagem, aperta-a contra o peito. Mas, também isso se passa fora do campo da consciência. No mais profundo de si mesmo, porém, uma noção vaga adquire aos poucos consistência: sabe que o que se está passando nunca aconteceu; é novo como um nascimento. Ultrapassa toda imaginação, é como se fosse uma morte. Diante das janelas, uma mão invisível expulsa o nevoeiro levemente impregnado de sol.

Marie desprende-se dele. Tenta falar. Seus lábios não fazem senão mover-se, incapazes de emitir um som. Caminha até o divã ao lado do piano, estende-se nele e esconde os olhos com o antebraço. Os calafrios não cessaram, deixando-a literalmente arrasada. Etzel aproxima-se e baixa sobre ela o olhar. Marie faz um esforço sobre-humano para recuperar a calma, mas não consegue. O sorriso que lhe palpita em torno da boca morre outra vez. Ele chama-a pelo nome. Ajoelha-se junto ao sofá e repete-lhe vinte vezes o nome: “Marie,

Marie, Marie”, como se fosse uma fórmula encantada. Essas três sílabas têm uma melodia que o entontece. Com as pontas dos dedos, ela lhe acaricia suavemente a fronte.

— Como chegaste até aqui? — indaga, numa voz apenas audível, para dizer alguma coisa.

Num tom apressado, cuja ressonância encerra mensagem bem diversa, só compreensível para ela, refere a viagem noturna e a noite passada ao relento. Marie afasta o braço com que cobria o rosto, fixa-o com os olhos muito abertos. Bruscamente, toma-lhe a cabeça entre as mãos e, atraindo-o para ela, beija-o como se quisesse enterrar-lhe os dentes nos lábios. Agarra-se a ele como um náufrago e estremece dos pés à cabeça. Beijo que pode durar um século, ou dez segundos. O tempo deixou de existir. Em seu pensamento, o quadro se delineia nítido: ele, voando para ela, dentro da noite e da névoa (“dentro da noite e da névoa”,⁵⁰ por certo não será apenas uma reminiscência literária que lhe acode). Por fim, ela se desprende de seus lábios e, conservando-lhe a cabeça entre as duas mãos, afasta-o docemente de si e contempla aquele rosto como se o visse pela primeira vez. Então, é como se seu olhar se paralisasse. Dir-se-ia que, naquela fisionomia, voltou a encontrar a realidade que por momentos lhe escapara. Com um gesto brusco, soergue-se para sentar-se, obrigando-o também a se levantar.

— Não! Não! — grita como que desvairada.

Ele senta-se ao seu lado e procura passar-lhe o braço pela cintura. Ela repele esse gesto e repete como uma desesperada: — Não, não! — e logo em seguida: — Não quero, não posso ser causa de que o percas. Tomo-te o teu mestre, e que receberás em troca? Que sou eu, comparada com ele? É um brado de angústia. Irrompe em soluços assustadores, irreprimíveis. Etzel não sabe o que fazer, apenas continua a afagar-lhe os cabelos com a mão.

— Não se trata em absoluto disso, Marie. Não se trata de separar-me dele. De fato, por que o irias fazer? É loucura de tua parte.

Ela sacode a cabeça, desolada, em sinal de protesto.

— É um roubo, uma traição — soluça. — Não te deixes iludir, Etzel; pensa em tudo o que ele representa para ti; não te deixes arrastar, não tardarás a te arrepender; e que receberás em troca? — Ninguém está em melhores condições do que eu para saber o que receberei em troca.

— Oh, por Deus, eu nada sou, comparada a ele; nem mesmo sou a mulher que te convém.

— Por que não? Por que não serás a mulher que me convém? — Etzel, Etzel, abre os olhos, procura ver as coisas como na realidade são... Quatorze anos de diferença... tenho quatorze anos mais que tu! — Que queres dizer com isso, Marie? É loucura de tua parte, repito. Tu és precisamente a mulher que me convém. E serás também minha esposa. Por que me fitas com esse ar espantado? Minha esposa, eis o que será.

Marie volta para ele o rosto e sorri a essa surpreendente revelação, enquanto de seus olhos brotam lágrimas que lhe descem pelas faces.

— Tolinho! — exclama, beijando-lhe o pulso com emoção.

— Por que tolinho? Que quer... que quer... Furioso, afasta-se dela. Tolinho! Não é assim que vão arranjar as coisas. Fala muito seriamente, logo lhe dará a prova. Ela ouve-o como se ouvisse a uma criança, o que mais ainda o exaspera. Estará querendo divertir-se à custa dele? O que disse a propósito do mestre é um absurdo, não tem pé nem cabeça.

— Como assim? Fala! — pede Marie.

É simples: na grande alma do mestre, esse acontecimento de há muito já se produziu. É bastante que ele continue a planar sobre ambos como

uma divindade indulgente. Que podem desejar mais? O olhar de Marie responde: “Será possível que sejas realmente tão ingênuo, ou finges apenas sê-lo?”.

Aquilo lhe soa como uma provocação. O rubor sobe-lhe até as têmporas e, no tom de quem pronuncia uma sentença irrevogável, diz: — Ele nos protege e defende em tudo quanto fazemos. Acaso o duvidas? E Marie, com uma piedade cheia de ironia, responde: — Ah, Etzel, tu nem mesmo conheces os homens. Então, ele explode: — Terias o direito de falar assim se eu não pudesse provar-te o contrário! E bate no peito com o punho. Marie arqueia as sobrancelhas.

— Provar-me, como? Com uma lentidão exagerada, ele remexe os bolsos do paletó, retira a carta de Kerkhoven e deposita-a sobre os joelhos dela com uma expressão de maldoso triunfo. Marie abre o envelope. Ele espera em silêncio. Ela percorre as primeiras linhas e levanta os olhos para Etzel, que ergue os ombros e, com o queixo, designa a carta. Gesto que significa: “Bem vês, ele te entrega às minhas mãos, de que serve discutir?”. Marie torna a baixar os olhos sobre o papel. E encontra... bem, sabemos mais ou menos o que vai encontrar. Palavras amigas, porém desprovidas de alcance.

Palavras inspiradas pela perplexidade, palavras de exortação e de coragem. E mais adiante: “Guarda Etzel ao teu lado o tempo que quiseres; terei pelo menos a segurança de pensar que não estás só...”. Marie se ergue, rasga a carta pelo meio, e novamente em dois. Os pedaços caem-lhe das mãos. Não é possível enganar-se sobre o sentido daquele gesto: se queres que seja assim, faça-se a tua vontade. Solta um profundo suspiro, passa diante de Etzel e dirige-se para a janela. A névoa está agora quase completamente desfeita, a folhagem úmida dos carvalhos lembra um rendilhado de filigrana. Etzel está de pé ao lado do piano, e observa-a atentamente, sem se mover. Agora, Marie dá meia-volta e diz em tom decidido: — Pois bem, é preciso então que eu seja mais clarividente que ele. Estou aqui para isso. Ele me foi confiado.

Ouvindo essas palavras, Etzel endireita o corpo, inclina-se friamente e parte. Cinco minutos mais tarde, ouve-se na estrada o ruído do motor em marcha.

Com certeza foi apenas um sonho, aquela partida. Marie enrola-se num chale e sai de casa. Uma débil esperança leva-a a acreditar tratar-se apenas de um gesto impensado do rapaz. Voltará por certo. Durante alguns momentos, caminha a esmo. Embora sinta os membros pesados como se fossem de chumbo, vai por entre os canteiros até à estufa. Avistando um cavalo tordilho amarrado diante da cocheira, reflete: “Por que os cavalos parecem tão engraçados quando estão imóveis, uma pata estendida para a frente?”. Sente frio. Sente frio por toda parte, mesmo nas peças aquecidas. Tenta ler, seus olhos deslizam pelas páginas do livro, sem perceber uma palavra do que está escrito. Recosta-se no sofá e logo alguma coisa força-a a levantar-se novamente. Senta-se ao piano, mas, enquanto procura concentrar-se na música, a cabeça descamba-lhe para o peito e deixa-se invadir por uma sonolência que lhe vem do tédio de viver. Chamam-na para o almoço. Precisa comer, mas não pode engolir nada. À tardinha, sente-se atraída em direção ao telefone, vai pedir ligação para Berlim, mas, no último momento, se abstém. Por três ou quatro vezes, julga ouvir a campainha, mas quando corre para a sala onde se encontra o aparelho, verifica que se enganou. Assim transcorre a tarde, assim passa a noite. Insone. Em pensamento, escreve uma longa carta, repleta de dolorosa emoção, embora saiba que não traçará uma única daquelas frases sobre o papel. A nostalgia deixava de ser a chama serena junto à qual a criatura se pode aquecer confortavelmente, para transformar-se em febre que resseca e corrói. Não quer a companhia dos filhos, não quer falar, tem horror ao sol, detesta as pancadas do próprio coração. Durante horas a fio, deixa-se ficar à janela, o cotovelo no parapeito, a face apoiada na mão, o olhar perdido sobre um mundo que perdeu a alma. Em seguida, é a noite que volta. Por quanto tempo irá durar ainda essa estúpida chegada do dia, esse estúpido recomeçar da noite? Com sua vizinha argentina, a pêndula da estante da biblioteca anuncia oito horas. Ainda uma eternidade até às nove. Outra eternidade até às dez, até às onze, até à meia-noite. E, no entanto, chegam as nove horas,

chegam as dez. Se, pelo menos, já estivéssemos no outro dia! Mas, que acontece? A voz argentina acaba de anunciar dez horas, quando subitamente Marie estremece. O martelar convulsivo de um motor. Corre para o vestíbulo, apoia-se à parede, comprime as mãos contra o peito, volta às pressas para o quarto. E procura ouvir, ouvir... Se baterem, a Senhora Jänisch ouvirá certamente... Eis que a porta se abre e ele surge no umbral. Toda sua pessoa parece dizer: “Estou aqui”. É inegável que tem o dom de aparecer no momento oportuno... Às cinco da manhã, ele a deixa e sobe sem fazer ruído até o andar superior onde, desde a véspera, a governanta preparou o quarto de hóspedes. O corredor está iluminado. A princípio não encontra a porta. Experimenta o trinco de duas que estão trancadas. Acerta, por fim, com a última. Entra e fica de pé na escuridão. Tem a impressão de achar-se no interior de uma montanha. Aquele zumbido que se ouve em todas as peças vazias assemelha-se ao murmúrio de águas longínquas que procuram uma saída para brotar da rocha. Há uma eternidade que não sente envolvê-lo silêncio análogo. No fundo, é o silêncio que rumoreja. Ou talvez o sangue em suas veias. Numa obscura alegria, aflui ao coração e dele se escoia para voltar incansavelmente, depois de lhe ter levado a todo o corpo essa obscura alegria. Há no sangue vozes sem conta, todas as palavras de amor como que se fundiram nele. Todas as imagens e todas as lembranças dos sentidos estão no sangue. Como o sal que se dissolve n’água, eles se dissolveram no sangue. O contato da boca contra a boca, os abraços sem fim, os olhos que se cerram. O ardor e o esgotamento, o novo ímpeto e o êxtase delicioso. O hálito que é só amor, a língua semelhante a uma pequena serpente de fogo, as mãos insaciáveis, a gratidão inesgotável no olhar reanimado, as palavras confiantes e incrédulas, murmuradas em surdina, a descoberta do “tu”, como um outro planeta a que se chegasse após longos extravios. Etzel aproxima-se do leito às apalpadelas, dispensando a luz, que seria ali um crime. Mete-se debaixo das cobertas e mergulha no sono como uma pedra num poço.

Encontram-se tarde, para o café. Quase não se falam. Às vezes, seus olhares mergulham um no outro, como que inadvertidamente, para

logo se afastarem, temerosos.

— Está chovendo — diz Marie.

— É verdade, choveu toda a noite — respondeu ele.

— Não quer conhecer as crianças? — pergunta ela.

Naturalmente. Há muito tempo que o deseja. Sobem juntos. Antes de entrar no quarto, ela procura a mão de Etzel e aperta-a com todas as suas forças. São dois garotos cheios de vida e de alegria. Imediatamente, Etzel deixa-se conquistar pelo pequeno Johann, de sete anos, cujos olhos lembram duas imensas safiras. Deita-se no chão com ele e brincam juntos de caminho de ferro, com as pernas abertas de Etzel formando o túnel. O menorzinho, de três anos, está gripado, e parece amedrontado por aquele estranho dotado de tantas habilidades. Esconde-se atrás da governante, cobre os olhos com as mãos e isola-se do mundo. Marie afaga-lhe de leve os cabelos castanhos e fala-lhe num tom de censura, como se se dirigisse a uma pessoa de critério, porém bastante inclinada a faltar com os seus deveres. Designando Johann, Etzel comenta: — Parece-se consigo, Marie, ao passo que o pequeno é o retrato do mestre.

Marie contesta. A testa de Johann, o olhar, a silhueta são exatamente os de Kerkhoven, afirma. Etzel é inteiramente de outra opinião. Toma Johann pelo braço e pergunta-lhe com fingida severidade: — Resolve tu, garoto, qual de nós dois tem razão: tua mãe ou eu? — Tu — responde prontamente Johann, que sorri para a mãe com uma alegria travessa e maliciosa.

— Está resolvida a questão — diz Etzel satisfeito, beijando os cabelos do menino.

Marie inclina a cabeça com um sorriso, mas não parece convencida.

CAPÍTULO XVI

Poderia intitular este capítulo “A queda dos anjos”, e seria como se colocasse uma tabuleta destinada aos leitores que não desejam tomar conhecimento dessas catástrofes sempre renovadas do príncipe das trevas. Que estes cerrem tranquilamente o livro e entreguem-se a outras ocupações mais amenas, pois a partir de agora penetram num sombrio terreno da alma onde tudo é desespero e devastação. É um outro Etzel que se apresenta a nossos olhos, não mais o amigo fiel ao seu amigo, não mais o discípulo fervoroso, não mais o peregrino em busca de justiça, não mais o vagabundo divertido e deliciosamente impertinente, de espírito generoso até o sacrifício; é outra imagem, outro homem, e o caminho que vai seguir é tão tenebroso quanto o pode ser um caminho humano.

Antes de mais nada, examinemos a situação exterior. As viagens da Avenida Transversal até Lindow, e vice-versa, tornaram-se uma instituição regular, como um serviço de correio, instituição que ocupava um lugar certo nas vidas de ambos. Todos os domingos, infalivelmente, ela se repetia, e ainda duas ou três vezes, durante a semana. Nessas ocasiões, Etzel chegava pela tardinha e partia, de volta, na manhã seguinte. Ocasionalmente, demorava-se até o almoço. Acontecia, também, aparecer bruscamente, quando tinha algumas horas livres pela frente. A solidão parecia-lhe então intolerável.

Não tardava a tomar sua máquina (só usava o carrinho de Marie quando o tempo estava demasiado ruim) e devorava as sete dezenas de quilômetros com uma velocidade que tinha algo de loucura furiosa. Em breve, conhecia todas as pedras do caminho, todas as moitas, todos os postes de iluminação, todos os buracos da estrada. Teria podido executar o trajeto de olhos fechados. Quando tinha uma hora marcada para estar de volta, acelerava ainda mais a marcha. Era um verdadeiro milagre que não partisse o pescoço em semelhantes proezas. Marie vivia presa de terrível angústia. Raramente podiam fixar com segurança um dia certo, de modo que vivia condenada a uma espera enervante. Quando não o via chegar à hora em que mais ou menos prometera estar de volta, via-o estirado na estrada, dentro de uma poça de sangue. Suplício sem igual para os nervos. Uma vez,

disse-lhe que compreendia, agora, o estado de espírito de Hero quando brandia sua tocha para guiar a Leandro que atravessava o Helesponto. O Helesponto entre Berlim e Lindow apresentava-se a seus olhos infinitamente mais temível que o verdadeiro. Etzel contentou-se em rir. Aquela risonha despreocupação era a única coisa ainda capaz de tranquilizá-la. Ele não se preocupava com a fadiga corporal, não conhecia nenhum receio físico. De longe, ela distinguia o ruído de seu motor. Pelo menos, julgava-o como um som diferente de todas as outras máquinas do mundo. Ouvia-o do quarto onde, durante dez horas do dia, não fazia outra coisa senão preparar-se para ouvi-lo. Corria então para o portão e, o coração aos saltos, investigava com os olhos a estrada. Logo o tinha de pé à sua frente, como se surgisse do seio da terra, o rosto emagrecido e curtido pelas intempéries, franco e risonho o olhar: o espetáculo era belo. Amava-o. Não somente o amava, como estava também loucamente apaixonada. Nunca estivera tão apaixonada em sua vida. Teria podido rir e chorar, sem interrupção.

Descrevendo a situação “exterior”, é indispensável ter em conta o lugar que ele soube fazer-se em casa de Marie. Em breve conquistara todos os corações. Tratava a toda a criadagem em pé de camaradagem: o administrador, o jardineiro, o encarregado das cocheiras, a cozinheira, a governante dos meninos e a Senhora Jänisch. Conhecia seus assuntos pessoais, suas opiniões políticas, seus hábitos de vida, suas qualidades, seus defeitos. Resolvia suas discussões, devolvía-lhes o bom humor quando estavam mal dispostos, tendo para cada um a palavra adequada.

— Tu és tremendamente popular — dizia Marie, fingindo-se enciumada para provocá-lo: — Fazes-me uma concorrência desleal.

Ao que ele replicava: — Sem dúvida, de outra forma não poderia competir contigo. Quando reaparecia, depois de alguns dias de ausência, comentavam: “O patrãozinho voltou” (pois consideravam-no como um membro da família). Seguiam-se os apertos de mão calorosos, as perguntas, as conversas intermináveis. Etzel ocupava-se

das provisões de madeira e de carvão, das sementeiras para o inverno, do estado dos animais, dos salários, dos estragos causados pelo mau tempo nas diferentes construções da propriedade. Queria inteirar-se de tudo, ajudar em tudo. Era contra sua natureza ficar de braços cruzados. Contava histórias às crianças, ou corria com elas pelo jardim, sem nada lhes ficar a dever em matéria de animação. Quando aparecia no quarto delas, era uma barulheira infernal. É evidente que não tardou a tornar-se seu herói e modelo. Diziam “Etsel”, como quem diz: “Sua Majestade”.

Como Marie se recusava energicamente a voltar à cidade, por pouco tempo que fosse, e Kerkhoven sofria visivelmente com essa ausência prolongada, Etsel convenceu-o a vir, uma vez por uma semana, passar a noite em Lindow. Orgulhava-se de haver podido persuadir o mestre. Sentia-se tão perfeitamente à vontade em Lindow que em relação a Kerkhoven se comportava como se fosse ele o anfitrião.

— Não te sabia tão pouco citadino — dizia Marie. — Teu lugar não é na cidade e, sim, no campo.

— Não estou muito seguro disso— respondia ele; — no fundo, não é exato. Isso só se verifica porque estás aqui. Acredito que meu verdadeiro lugar seja simplesmente a teu lado.

Marie não pedia nada melhor do que acreditar que assim fosse no presente. Etsel, porém, rechaçava brutalmente toda e qualquer alusão a um futuro onde ela não estivesse a seu lado.

— A ocasião e a necessidade podem fazer de mim qualquer coisa — declarava. — Mecânico, chofer, caixeiro-viajante, tipógrafo, deputado, *horribile dictu*,⁵¹ e, naturalmente também, um agrônomo, se assim o desejares. Mas tudo isso, se for contigo. Sem ti, nada disso.

Falava em tom tão categórico e imperioso que era perder tempo e energia querer contradizê-lo. Isso no caso, bastante duvidoso, de Marie desejar fazê-lo.

O amor que Marie lhe votava procedia de sua atitude em face da existência, do ardente interesse que experimentava por tudo aquilo de que se achava ou se acreditava excluída, em parte por motivos de ordem social, em parte pelo aristocratismo natural de sua conduta e de sua mentalidade que, com o correr dos anos, cada vez mais a isolavam de tudo. Neste ponto, de nada servia ter a intuição das coisas, ser capaz de concentrar-se, de vibrar e tremer em uníssono. Os livros, por seu lado, resultavam inúteis. Estava-se distante deles, já não se contava mais no mundo transformado que, talvez, não apresentava uma face tão hostil senão porque voluntariamente dele se havia tomado distância. Marie admirava-se frequentemente de que a vida compartilhada com um homem como Kerkhoven não a houvesse situado em pleno centro da existência, relegando-a pelo contrário aos seus extremos confins. E, no entanto, esse fenômeno tinha sua explicação, como todos os demais: o companheiro, absorvido pela luta, buscava o refúgio ameno que essa luta não atingia e que só ao lado dela podia encontrar. Junto a ela, encontrava-se ao abrigo, e exigia que o defendesse, por um momento que fosse, contra o mundo que lhe vinha ao encalço, forçando todas as portas. Assim, tivera de contentar-se em vigiar essas portas, quando ele lá se achava, para não deixar entrar ninguém. E o ruído confuso de fora, as vozes inúmeras, cujas queixas e desejos não podia, apesar de tudo, deixar de ouvir, perturbavam-lhe cada vez mais a imaginação, à medida que se via condenada à inação. Enfim, tendo percebido com o tempo a inutilidade de seu sacrifício, renunciara a viver sempre ao lado dele e enterrara-se no campo. Ali, ao menos, pertencia-se a si mesma. Não era mais capaz de suportar aquele constante martelar nas portas. Ora, quando julgava ter alcançado um estado de completa resignação, eis que, por uma dessas portas trancadas, penetra inexplicavelmente aquele Etzel Andergast. Chegava trazendo com ele esse mundo transformado, rejuvenescido, agitado pelas tempestades. Aos olhos dela, sua juventude era, em si, um fenômeno representativo. Era o mensageiro do mundo novo, o homem do presente que a fazia compartilhar dessa atualidade, o Sexta-feira que põe cobro à mortal solidão de Robinson e, por isso mesmo, representa para ele mais do que um companheiro amigo, por mais preciosa que possa ser a

sociedade de um companheiro. Os vínculos eróticos careciam totalmente de valor a seus olhos, se não eram ao mesmo tempo espirituais. O que ele lhe trazia do mundo, era um alimento do qual estivera por largo tempo privada. Vivera intensamente, cada dia que passava aumentava esse cabedal de experiência e, enquanto ele falava, ficava suspensa aos seus lábios. A maneira como as pessoas se apresentavam e se comportavam, seu aspecto, seus gestos, suas palavras e respostas, tudo se apresentava como numa ação dramática. A par disso, sua vivacidade, a profusão de observações sutis, a mistura de graça e de secura, o fervor luminoso que irradiava porque tinha consciência de servi-la, porque sabia que seu olhar descansava sobre ele, que apreciava devidamente a oferta que lhe fazia de suas mínimas experiências, aceitando-a como um presente suntuoso. Etzel não pode deter-se, está prestes a transbordar. Tem tanto ainda que contar-lhe! E ainda resta tanto tempo até a manhã seguinte! Para que repousar? Para que dormir? “Deixa-me ficar ainda e sempre a teu lado, cara, cara Marie!”. Então três, quatro, cinco horas chegavam antes que se resolvessem a separar-se. Uma noite, chegou transtornado e anunciou que Emma Sperling morrera. Referia-se a ela com frequência, sempre em tom de desprezo sarcástico, como se não quisesse esconder que houvera qualquer coisa entre eles e que essa ligação fora o degrau mais baixo a que atingira em sua vida anterior, enquanto não tinha Marie. Contou que Emma fora queimada em vida. Preparando um *shampoo* à base de éter, acendera ao mesmo tempo um cigarro. O fogo atingira-lhe os cabelos e o roupão, e abandonara o aposento correndo, aos gritos, qual uma tocha viva, precipitando-se escada abaixo. Passara-se isso às dez da manhã. Emma morrera duas horas mais tarde, em meio a atrozes padecimentos.

— Neil chamou-me por telefone especialmente para contar-me — prosseguiu com uma careta. — Suponho que tenha querido acumular algumas brasas ardentes sobre minha cabeça, para fazer-me compartilhar de alguma forma das chamas que consumiram a pobre Pierrot. A razão disso, tu a conheces, não é verdade? Fui eu próprio a contar-te. Não obstante, a notícia do acidente representou para mim um verdadeiro golpe. Fui vê-la no hospital. Encontrei-a estendida, da

cabeça aos pés envolta em ataduras que não lhe deixavam à mostra senão uma parte do rosto. Tudo mais eram carnes carbonizadas. Era horrível.

Fitou Marie, ligeiramente inquieto, como se temesse ter-lhe apresentado um quadro demasiado realista. Ela, porém, via-o através dos olhos dele e não desejava ver-se poupada, como alguém cujos nervos fossem demasiado fracos para suportarem o espetáculo da realidade.

— Era uma louca — prosseguiu Etzel —, uma mulher perdida, uma filha da mentira. Mas não se lhe pode negar uma coisa: sabia rir... Não podes fazer ideia de como sabia rir. Uma vez, estávamos juntos no cinema, assistindo a um filme de Carlito, e durante uma cena que não era particularmente cômica, antes de um cômico mesclado de melancolia (conheces o gênero), desatou subitamente numa gargalhada tamanha que toda a sala viu-se contagiada. Todo mundo torcia-se de rir, inclusive os músicos e os empregados do cinema. Neste ponto, pelo menos, era... como direi... bastante primitiva, não te parece? — Certamente, tens toda razão.

— E quando uma criatura assim, criada exclusivamente para o riso, incapaz de nada levar a sério — jamais levou a sério qualquer coisa, seja os homens, seja o mundo, seja ela mesma —; quando um desses fogos-fátuos abandona o campo de maneira tão trágica, a festa ainda estando em pleno apogeu, isso dá margem para reflexões, quase se poderia pensar numa justiça imanente, numa justiça dotada de lógica inflexível.

— És livre de acreditá-lo — disse Marie. — Para falar a verdade, duvido que a justiça imanente seja capaz de agir com tanta prontidão. Os poderes costumam precaver-se antes de agir.

— Os poderes — replicou Etzel, com ceticismo. — Que queres dizer com isso? Que poderes são esses? Onde se encontram? — Aqui dentro — disse ela, apoiando-lhe o indicador sobre o peito.

Ele tomou-lhe os dois braços. O olhar quase selvagem, inclinou-se sobre ela e murmurou, meio risonho, meio zangado: — Aqui dentro? Aqui dentro só estás tu. Só tu, nada mais.

— Estás me machucando — balbuciou Marie, assustada.

Ele apertou-a nos braços com força até quase fazê-la perder a respiração. Depois, soltando-a, aproximou o rosto tão rente ao dela que suas frentes quase tocavam. Fora de si, repetiu: — Só tu... só tu... acreditas? Acreditas? — Sim — suspirou Marie.

— E dentro de ti, aqui — abriu-lhe o vestido com um gesto tão brusco que o tecido rangeu como um metal arranhado —, aqui dentro, é preciso que esteja só eu, eu unicamente... — Sim — murmurou Marie.

— Mais uma vez, repete mais uma vez: eu unicamente! — Apenas tu — balbuciou Marie, sentindo-se desfalecer ante esse furioso assalto.

Etzel apoiou os lábios com paixão sobre o colo nu. E soltou um grito exultante, um grito argentino como uma risada de adolescente. Marie abraçava-se a ele, fremente.

Sua ternura era, muitas vezes, a de uma mãe para com o filho, coisa que Etzel não podia suportar e censurava-lhe como sendo uma falta de amor. A Marie era difícil corrigi-lo, a ternura constituindo um elemento fundamental de sua natureza, e permanecendo seus sentidos insensíveis a qualquer excitação, se não despertados por essa ternura que dava e queria receber. Como se pretendesse tacitamente compensá-lo e justificar-se em segredo pelo fato de se ter ligado à sua juventude, aceitou, ao mesmo tempo conscientemente e impulsionada por um instinto místico, simultaneamente com o papel de amante, o de mãe, reunindo-se assim por uma espécie de telepatia à mulher desconhecida e longínqua que era sua verdadeira mãe e que, como tal, também a ele permanecia desconhecida e longínqua. Não se arriscava senão com extrema prudência a abordar esse tema, pois toda alusão ao aspecto maternal de seu carinho enchia-o de horror: — Como podes

falar assim — exclamava, cobrindo os ouvidos. — Isso é contra a natureza. Por aí se pode verificar como as mulheres são capazes de sofisticar um sentimento a ponto de torná-lo monstruoso.

Então, Marie calava-se, deslumbrada e palpitante. Reconhecia o bem fundado de seu protesto indignado. Etzel se recusava a ver tocado, inclusive pelo meio aproximativo de uma metáfora, o laço exclusivo que o prendia a ela. A própria metáfora parecia-lhe uma blasfêmia. Contudo, a fonte do horror que ele experimentava talvez fosse mais profunda ainda — horror da imagem incestuosa que semelhante transposição de fronteiras evocava nele, mesmo se presente sob a forma de uma certeza (que não se podia senão pressentir, é verdade) escondida nas camadas mais remotas de seu ser.

Entretanto, tudo o que Marie era para ele e tudo quanto lhe dava, a seus olhos não era ainda o bastante. O sonho integralmente realizado, esse sonho que vivia no momento, era insignificante ao lado daquele que queria ver concretizado. Exigia sempre, sem jamais ceder. De pé diante dela, diante de seu próprio destino, de sua própria vida, estendia as mãos abertas para receber sempre mais, para alcançar o excedente, para obter o impossível.

Desde o início, tinham combinado que Marie não se negaria ao marido. E por que o faria, realmente? Que relação podia ter isso com o seu amor? Não que ela pretendesse cumprir apenas um dever. Ter-se-ia sentido envergonhada de falar em dever, quando apenas o coração lhe prescrevia a conduta a seguir, inspirada pela mais terna amizade. Ora, eis que percebia finalmente, em seu corpo e através de seus sentidos, estarem definitivamente mortas dentro dela essas concepções morais que ditam e impõem ao homem consciente suas decisões e fazem da fidelidade mal compreendida o escudo protetor da covardia. Ou estaria mentindo a si mesma? Pretenderia insinuar-se no “mundo transformado” e conquistar-lhe a aprovação à custa dos princípios que lhe haviam sido transmitidos com o sangue que lhe corria nas veias? Era difícil dizê-lo. Se se rompem os laços da tradição, a vertigem se apodera da gente e corre-se o risco de mergulhar no pântano em que

chafurdam aqueles que confiam exclusivamente no próprio juízo. Todavia, não estava nos seus moldes evadir-se e, sob pretexto de ter a coragem de dizer a verdade, romper brutalmente os vínculos sagrados que a prendiam. Acreditava que sua coragem era de uma essência superior e exigia mais tato, mais descrição, mais cuidado, mais presença de espírito, mais renúncia de si mesma que essa outra coragem, a da fraqueza, que o instinto apenas impele às confissões. Etzel parecia compreendê-la e aprová-la plenamente. E não procurou fazê-la mudar de intenções quando lhe comunicou que não modificaria em nada suas relações com o marido. Antes teria preferido arrancar a própria língua. O homem em causa não era um qualquer. Tratava-se do mestre. E não obstante... passavam-se nele coisas estranhas.

No sábado anterior ao Natal, Kerkhoven, tendo partido para Lindow em companhia de Etzel (insistia sempre em que este o acompanhasse), passou nas proximidades de Karwe, diante das ruínas ainda fumegantes de uma pequena fábrica. Apontando para os escombros, Kerkhoven disse: — O incêndio não deve datar de mais de um dia.

— Começou anteontem — precisou Etzel. — Quando passei, irrompiam as primeiras chamas.

Kerkhoven surpreendeu-se: — Anteontem? Esteve em Lindow anteontem? Parece-me tê-lo ouvido dizer que ia, à noite, à universidade? Etzel ficou vermelho como um pimentão.

— Talvez fosse na quarta-feira — disse, como se perscrutasse a memória.

— Sim deve ter sido na quarta-feira.

— Creio bem — replicou Kerkhoven, sem desconfiança, embora um tanto surpreso. E, como Etzel se calasse, lançou-lhe um olhar inquisitivo. À chegada, Etzel mostrou-se repentinamente cheio de animação e de vida. Ajudou Kerkhoven a tirar o sobretudo, acompanhou-o até o seu quarto, que era vizinho ao de Marie;

mostrou-se aborrecido por encontrá-lo muito frio, chamou a Senhora Jänisch para reabastecer a estufa, e perguntou se queriam que trouxesse as crianças. À mesa, revelou a mesma excitação que se teria tornado penosa, se sua amabilidade não viesse compensar aquele nervosismo excessivo. Quase ao terminar a refeição, Kerkhoven deixou cair um prato que se espatifou no tapete. De um salto, Etzel estava a seu lado e, ajoelhando-se, pôs-se a juntar os pedaços com as mãos.

— Não tem importância, mestre — falou debaixo. — Dizem que isso traz sorte. É de bom augúrio que o mestre, de vez em quando, quebre alguma coisa.

Kerkhoven riu, condescendente. Marie disse: — Parece doido, hoje.

Depois do jantar, Etzel ficou alguns minutos a sós com ela. Mais com os olhos do que com os lábios, ela indagou vivamente: “Que se passa contigo?”. Ele tomou-lhe a mão que apertou entre as suas como se fossem duas tenazes e respondeu, vigiando a porta com olhar receoso: — Menti-lhe, Marie.

Ela passou-lhe a mão pela testa afogueada. Etzel afastou-se impaciente, deu a volta na mesa, os dedos cruzados sobre a nuca, e pôs-se a gemer para si mesmo: — Menti-lhe, menti-lhe.

— Cala-te, Etzel — suplicou Marie. — Cala-te, meu querido.

Ele teve um movimento brusco de ombros, e resmungando um “boa-noite” entre os dentes cerrados abandonou a sala.

Nessa noite, Marie fica desperta e medita. Seu coração está inquieto. Os pequenos ruídos noturnos fazem-lhe o efeito de marteladas ou lembram o rolar de carruagens. O tique-taque do relógio ressoa como um grunhido metálico. Parece-lhe ouvir cair a neve. Levanta-se, afasta a cortina da janela e observa as silhuetas das árvores destacando-se na alvura que se dissolve na noite. Tem a impressão de ser transportada ao fundo do mar. Prestando ouvidos com esforço, ouve passos pela

casa. Está quase certa de serem os passos de Etzel. Ouve-o entrar e subir as escadas. Por um momento ainda, permanece imóvel, o rosto entre as mãos. Pela manhã, ele entra no quarto enquanto Kerkhoven fala pelo telefone com o Dr. Römer. Faz à Marie um sinal de cabeça e senta-se a um canto. Basta a Marie olhá-lo para certificar-se de que dormiu tanto quanto ela. Por informação da Senhora Jänisch, sabe, outrossim, que esteve realmente no jardim durante a noite. Do fundo das órbitas sombrias, os olhos que a fitam têm um brilho esverdeado. Marie vê-se tomada de angústia. “É a retribuição ciumenta da noite passada”, reflete; e, enquanto da peça vizinha chega até eles a voz de Kerkhoven, ela fixa sobre ele um olhar eloquente e faz com a cabeça um gesto negativo. Etzel compreende. Como um alucinado, levanta-se, bate com os pés no chão, ofegante como um animal, e lança numa voz sem timbre: — Não quero. Isso não acontecerá mais. E precipita-se para fora do aposento.

Quando os corações frios se inflamam, ai do objeto desse amor! Kerkhoven parte às seis da tarde, visto ter de trabalhar muito cedo no dia imediato. Marie mostra-se inquieta a seu respeito. Sua aparência não é boa. Tem o ar de alguém que segue por uma trilha isolada e quer, a todo custo, impedir que lhe atalhem o passo. Quando o interroga com o olhar e, através de uma questão tácita, chega às bordas da confiança, ele tem um modo especial de dizer que não com a cabeça, que significa: “É melhor que sejas poupada”. E, ao mesmo tempo, um gesto que parece dizer: “Tranquiliza-te, voltarei para o teu lado quando for tempo”. E ele continua a arrastar o seu fardo. Marie sofre com isso. “Os homens não são verdadeiramente humanos”, reflete. “Falta-lhes algo que a natureza parece ter esquecido de lhes dar”. Despedindo-se naquela tarde, mostrou-se particularmente afetuoso. O carro estava já em marcha, quando se debruçou na janela para gritar-lhe que estava satisfeito que Etzel ficasse até o dia seguinte, que ela se despedisse por ele. Porque Etzel não está presente. Deus sabe onde anda. Só às nove horas aparece de volta. Marie indaga se comeu alguma coisa. Respondeu-lhe que sim, comeu em Tresckow, no albergue do Príncipe Eleitor. Voltou em seguida para casa, bordejando o lago Ruppín.

Marie ocupa-se em consertar uma renda, trabalho delicado que exige muita atenção. Etzel fita-a com uma curiosidade distraída e põe-se a falar sobre o mestre. O que diz não é senão o prolongamento dos pensamentos de Marie. Se sabe mais do que ela sobre certos assuntos, guarda-o para si. Entre homens, existe uma certa solidariedade. Unidos por certos interesses comuns, consideram as mulheres como o partido inimigo, com o qual é impossível entrar em acordo. No fundo, são todos eles crianças, quer tenham vinte e dois anos ou se apresentem cumulados de honras e investidos de altos cargos. Etzel exalta-se progressivamente até o panegírico, suas palavras adquirem um tom irritado, fanático, que o brilho malévolos dos olhos concorre para acentuar. Insensivelmente, as pequenas setas venenosas tomam agora a direção de Marie. Esta fica atenta. Para disfarçar o medo, ergue contra a luz a renda leve e examina o trabalho feito. E, subitamente, Etzel descobre as baterias. Para o inferno com as metáforas! Tem refletido muito, há tempos que isso o vem atormentando, precisa dizer-lhe: ela não pode continuar enganando o mestre. Marie empalidece tão assustadoramente que ele se sente tomado de remorso. Desejaria não ter pronunciado essas palavras abjetas. Balbucia algo e quer atraí-la para junto de si, mas ela afasta-lhe as mãos e diz em voz baixa: — Estás louco, Etzel.

Ele faz que sim com a cabeça, com energia. Reconhece que tem razão, insiste: — É verdade, estou louco. Manda-me embora. Manda-me para longe, bem longe de ti.

Toma-lhe a mão e crava-lhe os dentes na raiz do polegar com tanta violência que ela solta um grito de dor. Ai daquele que soube inflamar a um coração frio! Está condenado a consumir-se ao seu contato.

É preciso que ela se torne sua esposa, eis a ideia que não cessa de persegui-lo. Há muito que a vem recalando em seu íntimo, desde a primeira vez em que a mencionou, naquele primeiro dia em Lindow. Agora, arranca a máscara com uma franqueza que não deixa margem para subterfúgios, faz-se sucessivamente exigente, imperioso, suplicante, e volta obstinadamente à carga. Quer fazê-la ceder a todo

custo. Suas discussões exaustivas prolongam-se por tardes e noites a fio. Não se inclina diante de nenhum dos argumentos que invoca, seja recordando-lhe a idade, o que o faz perder a cabeça, ou lembrando-lhe que é casada, o que o humilha. Há nele um instinto rústico de ordem, cujas raízes mergulham tão profundamente em sua natureza quanto o instinto oposto de rebeldia. Atualmente, fartou-se de rebeldia e quer começar a estabelecer a ordem. A uma mulher como Marie é preciso ter algo mais a oferecer do que as ruínas de um passado. Se ela consentir em desposá-lo, acabou-se o tempo das hesitações, dos rodeios, das tergiversações. Será instalado o reinado da ordem. Para isso, a simples vida em comum, a fuga, a ruptura de todos os laços não lhe bastariam. Precisa de garantia, de segurança, da “realidade”. Que tudo isso não tenha passado de moda e seja dispensável, não lhe interessa. É o que deseja e o de que necessita. Tudo mais o deixa insensível. É preciso que ela se torne sua esposa. Casada com ele, Marie Andergast! Já não lhe cabe o direito de usar outro nome. Marie, em pouco, não encontra mais o que responder. É uma loucura que ultrapassa todas as medidas. Recorrendo à bondade, à ironia, aos rogos, às súplicas, procura fazê-lo compreender. Tudo fracassa, porém, diante daquela obstinação que nada pode abalar. Quer que ela lhe pertença como pertenceu ao mestre, que seja para ele exatamente o que foi para o mestre. Isso, bem entendido, no caso de não se enganar admitindo que ela foi realmente para o mestre tudo ser aquilo que a mulher deve ser para o marido. Parece não se aperceber do que há de chocante e de horrível nesse paralelo. Só de uma coisa tem consciência: sua qualidade de herdeiro que deve apressar-se em fazer valer os seus direitos. E não apenas de herdeiro, senão também de vencedor. Usurpou os direitos do mestre. Há um ponto em que ele, Etzel Andergast, é o mais forte e em que o guia admirado, o “Mestre da Transmutação”, como às vezes o chama no seu íntimo, está à sua mercê. Há, porém, em tudo isso um outro segredo ainda, um segredo doloroso, menos insignificante, menos mesquinho: a partir do instante em que deixa de identificar-se assim ao mestre, está consumada a traição. Marie adivinha que a insistência de Etzel é uma forma de defender-se contra si mesmo. Está profundamente convencida disso, embora em nada a possa afetar essa consideração. Como ele continua

a forçar-lhe a resistência, com obstinação cada vez maior, vê-se obrigada a dizer-lhe a verdade, a saber, que não pode demolir os fundamentos de sua existência.

— Ah, sim? E quais são esses fundamentos? — indaga com brutalidade. E como ela não responde: — As crianças, talvez? Um homem como o mestre não te privará de teus filhos.

— Não se trata das crianças — responde Marie. — Se eu fosse livre de escolher, poderia ainda fazer este sacrifício; o fato é que não tenho direito a essa opção.

— É possível que tu não tenhas, mas comigo dá-se o oposto.

— Será necessário que me lance numa aventura? — Com efeito, não será necessário — responde, sarcástico — pois que te trago a aventura em casa.

— Oh! — exclama ela, erguendo-se. Etzel mostra-se consternado.

— Não, não; esquece isso, minha querida! Ela não quer ouvir mais nada. Afasta-se dele.

— Até onde nos levará tudo isso — murmura aterrada, cobrindo os olhos com as mãos. — Não se pode derrubar assim, sem mais nem menos, a viga mestra de toda uma existência, nem pretender arrancar uma árvore como se arranca um punhado de mato.

Etzel caminha pela sala, o ar sombrio.

— Ao te ouvir falar, dir-se-ia que isso iria acarretar o fim do mundo — resmunga. — E, no entanto, já deixaste um marido uma vez.

— Isso é intolerável — murmura Marie, oprimida —, e não merece resposta. É um desafio à honra e à razão.

Embora continue tão obstinado como antes, Etzel verifica que nada tem a lucrar teimando daquela forma. Marie parece não compreender o essencial: que, no estado atual de coisas, ele não pode viver sem ela e tampouco com ela. Não pode ser seu marido às escondidas. Recusa-se a representar o papel do amante que se esconde nos armários. Não quer compartilhá-la com ninguém mais neste mundo, nem mesmo com o mestre, ainda que lhe coubessem noventa e nove partes sobre cem e ao mestre apenas uma. Quer que seja toda sua, sem restrições. Quer tudo. Se não puder obter tudo prefere não ter nada. É preciso que ela declare que lhe pertence. Se não o fizer, é porque nada representa a seus olhos. E que diz ela de sua situação frente ao mestre: ele sendo o proprietário, o mestre forçado a renunciar? É uma indignidade. Só de pensar, sente-se corar de vergonha. Em pouco, não terá mais coragem para enfrentá-lo.

— Estás vendo, estás vendo — grita-lhe Marie, exaltada. — Bem o adivinhava, bem o predizia eu. Por minha causa te afastas dele, não tardarás a arrepender-te.

Ele lhe tapa a boca com a mão. Que nunca mais ouça dizer isso. Arrepende-se? Antes dizer que se arrepende de que sua mãe o tenha trazido ao mundo! No máximo poderia censurá-la. Como agora se vê obrigado a censurá-la por fazer de sua vida um monte de ruínas.

— Ah, Etzel — geme Marie, torturada. — Ah, Etzel... Ele não respeita mais nada. Suas palavras se tornam ofensivas. Não percebe o sofrimento de Marie. Ela, dotada de um espírito essencialmente delicado, não está à altura dessa lógica brutal. Etzel só se detém quando a vê sucumbir ao esgotamento. Dois dias depois, apresenta-se com uma braçada de magníficas rosas, e um novo plano de ação. Irá procurar Kerkhoven e contar-lhe tudo. Acaso não se habituaram a discutir juntos todos os problemas importantes? Também a este examinarão detalhadamente e deixará ao mestre o encargo de solucioná-lo. Marie está petrificada de horror. Se o projeto não lhe convém, prossegue ele imperturbável, ou se julga a tática inconveniente, vá ela mesma procurá-lo. Certamente é muito mais

indicada para semelhante missão. Se, entretanto, não se julgar com forças para fazê-lo — admite que se trata de um passo delicado —, ainda resta uma terceira possibilidade: abordarem-no os dois juntos. Isso teria a vantagem de colocá-lo, de certa maneira, frente ao fato consumado, não restando senão entender-se sobre os meios de solucionar o impasse criado.

— Ah, então, os dois juntos? — ironiza Marie. — De braços dados, talvez? Etzel lança-lhe um olhar sombrio e ela não pode deixar de fazer esta observação: — Dizes que ele está a par de tudo. Ora, se assim o é, para que nos darmos tanto trabalho? — Naturalmente que sabe de tudo — diz Etzel, em tom de dogmática indulgência. — Sobre isso não tenho a menor dúvida. Há, porém, duas espécies de conhecimento: uma superior que obriga a agir, e uma inferior que encerramos em nós mesmos, ao mesmo tempo por elevação moral e por um sentimento de culpabilidade pessoal. Esse homem extraordinário... Reflete um momento, Marie. Bem sabes que se trata de um vidente. De um mestre dos destinos. A seus olhos, não passamos de figurantes... figurantes simpáticos, pelos quais se desvela, a quem estima. Mas, de qualquer modo, figurantes. Quando está a ponto de começar a verdadeira representação, despacha-nos a todos para os bastidores. Não é verdade, Marie? Tu não o conheces bem. Não tanto quanto eu, em todo caso. Estou certo de que compreenderia tudo.

— Sim, e isso o destruiria — replica Marie. Ele fica a observá-la sem uma palavra, boquiaberto. Ela se afasta, cobre os olhos com os braços e acrescenta com um soluço: — E a mim também! Então, Etzel se cala. Durante um momento fixa o solo, o ar estonteado. Caminha em seguida até o piano, abre-o e fere uma nota: é o ré da escala mais alta. Vinte vezes seguidas, sem interrupção, esse mesmo som agudo fere o ar, espalha-se pela sala, pela casa, enche o espaço. Aquilo parece não ter mais fim. As paredes giram ao redor de Marie. “É um demônio”, pensa, aniquilada, “um demônio que às vezes oferece rosas”. Quase inconsciente, alcança a porta com passo vacilante e, passando ao lado dele, lança-lhe por sobre o ombro: — Os meninos estão dormindo.

Quando fica só, Etzel examina o relógio: quinze para meia-noite. Dez minutos depois, está montado em sua máquina. Chegado à primeira aldeia, muda de direção e volta. Procura Marie em todas as peças do andar térreo. Acaba por encontrá-la na sala de jantar, deitada no sofá, no escuro e no frio, o rosto mergulhado entre as almofadas. Ergue-a nos braços, como se fosse uma criança. Agarrados, unidos um ao outro mergulham juntos no abismo insondável. Eros não é um deus amável ou inofensivo. É um deus monstruoso, um deus desapiedado.

Assim se passaram janeiro, fevereiro. E tudo ainda está no começo. A dois de março, Kerkhoven realizou sua conferência sobre as psiconeuroses da juventude, que devia ter tido lugar em setembro. Marie estava sentada, com Etzel, numa das primeiras filas. Nunca ouvira o marido falar em público e sentia-se possuída de um nervosismo ridículo. A sala estava repleta. O efeito das palavras do orador sobre a audiência silenciosa foi algo de extremamente curioso: dir-se-ia ouvirem, não uma exposição científica, mas uma revelação inesperada. As explicações e as deduções de Kerkhoven, realmente, pouca relação apresentavam com a ciência. Era antes a exposição de um quadro da época atual, o esboço da alma de uma geração. Não se tratava de um ensaio de vulgarização simplificadora, e nem mesmo de uma tentativa no sentido de velar as realidades sob um vocabulário técnico. Uma documentação bem ordenada, seguida de uma dedução luminosa. Eis como estão as coisas, eis como estamos nós mesmos, vejam por si o que nos cabe fazer nessa encruzilhada e perguntem-se se as responsabilidades que pesam sobre todos nós serão suficientemente categóricas para nos levar a reformar um sistema em vias de desmoronar-se, a estabelecer para nós mesmos um novo padrão de vida. Tal necessidade não é de ordem exclusivamente nacional, política ou social. Diz respeito à humanidade atual em sua totalidade. Todas as misérias delimitadas, diagnosticadas, que afetam os grupos e as classes, a vida econômica, o regime judiciário, o Estado, encontram nela sua origem. Defrontados com a causa do mal, a sociedade, os povos e os governos comportam-se como o intermediário que finge não conhecer o ladrão, quando na realidade está de conivência com ele. O organismo individual pode ser

considerado como enfermo desde que um órgão deixe de preencher a função que lhe compete. O organismo da humanidade vive ou morre segundo normas idênticas. Há no mundo um fenômeno de exaltação coletiva. Há uma perturbação coletiva das funções dos sentidos. Há uma perversão da personalidade e há ainda, infinitamente mais grave, a perversão do sentimento. O indivíduo assemelha-se então a uma célula que perdeu seus impulsos de renovação. Tal como a vida da célula, a vida do indivíduo baseia-se sobre uma lei de empréstimo recíproco, de participação, de colaboração. Quando a totalidade de uma geração, ou pelo menos a sua parte mais representativa, do ponto de vista humano, responde ao chamado da doença (chamou a isso, uma vez, de submissão à doença), é como se recorresse a uma moratória, e é preciso reconhecer que, assim procedendo, escolhe o mal menor. A outra alternativa a levaria a destruir-se a si mesma, o que realmente já aconteceu algumas vezes. A geração à qual se refere é órfã, histórica e sociologicamente falando. Isto é, faltam-lhe o apoio e a orientação da geração precedente, dessas centenas de milhares de homens, a flor da nação, ceifados em espaço de tempo tão reduzido que não deu tempo à natureza de criar-lhes substitutos. É como se fora um *missing link*.⁵² Quando se procede à amputação de um membro, modifica-se fatalmente a circulação sanguínea. É preciso esperar com paciência que amaine a revolta dos sentidos. Para isso, exige-se a colaboração do organismo inteiro. Em relação a todos os fenômenos vitais, no sentido mais amplo do termo, o corpo humano serve de símbolo padrão. O estado celular acha-se submetido às mesmas leis que o estado social. O mistério do organismo fornece a chave para chegar ao mistério do universo. Ele é de ordem espiritual, de ordem divina, e, se bem que não tenhamos aprendido ainda a arte de perceber a milésima parte de um som desse formidável concerto que é a natureza, sentimos assim mesmo acender-se em nós um clarão, o clarão divinatório dessas interdependências grandiosas, primeiro sinal prenunciador da aurora. Essa percepção das interdependências, transposta da biologia para o terreno psíquico, encerra ao mesmo tempo o remédio contra a autointoxicação e contra a autodestruição

morais; e até mesmo, se considerada de um ponto de vista mais elevado, um remédio contra a morte.

Terminada a conferência, Etzel e Marie dirigiram-se a uma saleta situada atrás do estrado, onde Kerkhoven estava sendo assaltado por uma multidão de pessoas que o bombardeavam de perguntas ou queriam simplesmente exprimir-lhe o seu entusiasmo. A onda humana empurrara-o até um canto, onde estava em conversa com o Dr. Römer, o Dr. Marlowski e Neil Marschall. Etzel levou Marie em direção oposta, pois não desejava encontrar-se com Neil ali. Ao regressarem os três para casa — pois Marie decidira naturalmente pernoitar na cidade —, Kerkhoven referiu que Neil Marschall o abraçara entusiasmada e fizera-o prometer visitar no dia imediato a colônia, pois queria mostrar-lhe tudo e, ao mesmo tempo, solicitar-lhe o conselho para numerosas inovações que pensava introduzir. Não lhe fora possível recusar.

— Virá comigo, Etzel, não é verdade? — disse, voltando-se para o rapaz.

— Sei que é um especialista na matéria.

— Se assim o ordena, mestre, irei consigo. Caso contrário... Bem sabe que Neil e eu não estamos em muito bons termos.

— Pois bem: é uma ordem.

Desejando-lhe boa-noite, Etzel curvou-se impulsivamente sobre a mão de Kerkhoven e beijou-a. Era a primeira vez que isso acontecia.

— Ora vamos, meu rapaz! — exclamou Kerkhoven estupefato, dando-lhe uma palmada amigável na cabeça.

Marie assistira à cena. Quando ficou só com Kerkhoven, aproximou-se dele, pousou-lhe as duas mãos sobre os ombros e fitou-o nos olhos com seriedade.

— Agradeço-te por esta noite. Nosso filho adotivo afirma que és um vidente, e estou de acordo com ele.

— Ora, ora, crianças! — protestou Kerkhoven. — Não passo de um pobre diabo, mais pobre do que jamais poderão imaginar. — Fitou Marie com atenção concentrada. — Dize-me, Marie — começou em tom hesitante —, há já algum tempo me parece mudada... Tu... tu não te importas que te faça uma pergunta? Ela teve medo.

— Não, Joseph. Por que haveria de me importar? De que se trata? — Pois bem — ele hesitava cada vez mais —, queria saber se, no fundo do coração, não te terás afastado um pouco de mim. Compreendes o que quero dizer? — Afastar-me de ti? Ora, Joseph! Se ele tivesse querido olhar mais a fundo (porque há no homem um instinto que se empenha, com todas as suas energias, em não reconhecer a verdade), teria imediatamente visto e percebido tudo.

— É que em tua pessoa há qualquer coisa — escusou-se ele — que não posso bem decifrar. É como se uma sombra houvesse baixado entre nós.

Marie sacudiu a cabeça com ar surpreso.

— Ora, Joseph! — repetiu com um riso breve e que soava falso.

Ele tomou-lhe a mão e pôs-se a examiná-la, mas ela retirou-a, contrafeita. Queria dizer mais alguma coisa, porém parecia não poder encontrar as palavras adequadas.

— Seria possível isso, Marie? — cravou nela um olhar cheio de curiosidade apaixonada.

— Que ideia! — balbuciou Marie, os lábios descorados.

— Não sei. Estes últimos dias, assaltou-me mais de uma vez uma... uma apreensão. Eis a pergunta que queria fazer-te: tenho motivo para

temer alguma coisa? Ela cerrou os olhos por um segundo, e respondeu com voz firme: — Não, Joseph.

— Tudo continua como antes? — Sim, tudo como antes.

— Agradeço-te, Marie. Agora, é minha vez de agradecer-te.

Não enxergava. Não enxergava... Dois dias depois, por um desses dias chuvosos que precedem a primavera, Etzel chegou a Lindow mais cedo que de costume, por volta de três horas. Estava bastante transtornado. Alegou nada ter tomado até aquele momento e pediu alguma coisa para comer. Marie foi pessoalmente à cozinha e trouxe pão, presunto, ovos e chá. Devorou tudo com avidez e passou a relatar o que se passara. Não se tratava de acidente. Nada receasse, o fato não atingia senão a ele. Na véspera, como ficara combinado, fora com o mestre à colônia. Grande recepção. Neil, cercada de toda sua corte, acolheu o mestre, mostrou-lhe tudo e explicou-lhe a organização em seus mínimos detalhes. Contou que, de volta para casa, após a conferência, fizera literalmente soar um toque de alarme reunindo seus amigos e amigas em número superior a cem, apesar de adiantado a hora. E, como suas lembranças estavam ainda frescas, pudera resumir para eles, sem grande dificuldade, as palavras de Kerkhoven. Desse fato não era lícito duvidar, pois já dera sobejas provas de sua extraordinária memória. Era capaz, por exemplo, de recapitular o conteúdo de um livro que lera muitas semanas antes, com uma minúcia e uma precisão que se estendiam aos detalhes mais insignificantes. Compreende-se facilmente que, naquele caso, tenha sido forçada a renunciar à fidelidade textual. Acrescentou, com uma modéstia cativante que, frente ao mestre, era integralmente sincera. Seja como for, aquele pálido resumo produziu sobre os ouvintes uma impressão tão profunda que passaram a não ter outro desejo senão ver a Kerkhoven em pessoa. Estavam reunidos no salão de audiências do prédio principal, e se ele quisesse dirigir-lhes algumas palavras amáveis, estariam no cúmulo da alegria... O mestre acedeu; aquilo lhe interessava. A reunião fora realmente organizada à americana, um verdadeiro *shake-hand-meeting*, bastante adequado ao ambiente. Não

eram as piores coisas que ela importara de ultramar. O espetáculo que oferecia o mestre, cercado de cento e vinte jovens que para ele erguiam olhares cheios de confiança, enquanto se entretinha amistosamente com eles, era uma dessas cenas onde se sente passar o sopro do espírito, só perturbada pela agitação febril de Neil, com suas risadas, suas exclamações de deslumbramento, sua preocupação de compor quadros vivos, que a fazia circular entre os grupos levando pelo braço a dois de seus protegidos de aspecto especialmente atraente, o que provocava aplausos generalizados. A expressão do mestre deixava transparecer que pensava a esse respeito muito mais do que queria exprimir em palavras. (De fato, Kerkhoven não guardara uma impressão agradável desse espetáculo, que sugeria uma encenação estudada e calculada no intuito de ressaltar os benefícios do espírito de comunidade. Não se iludia a respeito daquelas fisionomias alegres e francas, cuja expressão era geralmente o resultado de um adestramento engenhoso que constituía ao mesmo tempo um meio de defesa dos mais sutis. Sob um leve verniz de despreocupação juvenil, transpareciam a crítica, a suspeita, a inveja em relação aos favoritos e, acima de tudo, o estigma de que estava marcada toda aquela juventude: a angústia do futuro. Neil ignorava tudo isso, ou melhor, não o constatava nem o admitia. Era inocente, dessa inocência funesta que é privilégio de muitas naturezas essencialmente ativas, cuja capacidade de trabalho exterior ultrapassa de muito a da vida interior, a ponto que todas as peças da engrenagem funcionam no vácuo e acabam por desgastar-se. Essa era a origem daquele nervosismo convulsivo, daquela extravagância, da violência que se fazia a si mesma, e que nela derivava também ainda, é verdade, de um coração não fecundado. Sua condição de mulher seria provavelmente apenas fisiológica. Foram estas as reflexões que Kerkhoven confiou a Etzel, algum tempo depois).

Não era isso, porém, o que Etzel queria contar. Tudo isso não fora senão o cenário. Acontece que o haviam boicotado e fingido ignorá-lo. Que Neil houvesse pretendido não vê-lo e nem ao menos o cumprimentasse, não o surpreendera em demasia. Fora de uma habilidade extraordinária. Embora ele se houvesse mantido

constantemente ao lado do mestre, impondo-se por assim dizer à sua atenção, ela não levava em conta absolutamente sua presença, exatamente como se não existisse. O mestre não o notara, ocupado como estava em atender aos que de todo lado o assediavam. Etzel não teria ligado importância ao fato, se outro detalhe não tivesse vindo juntar-se a este. Entre os jovens que os cercavam, divisou um bom número de amigos e antigas relações. Muitos deles habitavam já a colônia no tempo em que a frequentava diariamente. E eles o receberam friamente. Mal responderam ao seu cumprimento e não lhe estenderam a mão. Quando fazia menção de dirigir-se a algum deles, desaparecia imediatamente no meio dos outros. Suas atitudes e expressões revelavam claramente que nada queriam ter a tratar com ele. Quando a coisa lhe pareceu excessiva, pôs-se à procura de Max Mewer e, tendo-o encontrado, exigiu-lhe explicações. A princípio, Mewer mostrou-se embaraçado e recusou-se a falar. Foi então que Etzel interpelou-o: — Ou desembuchas logo ou trato-te publicamente de canalha. Ao que Mewer replicou, irritado: — Não te aconselho a fazê-lo, Andergast. Poderias vir a te arrepender amargamente.

Não obstante, Mewer pareceu lembrar-se de suas obrigações para com Etzel e reavivar-se a antiga amizade. Tomando-o familiarmente pelo braço, conduziu-o a um canto afastado e afirmou-lhe que, tudo o que os outros se tinham metido na cabeça, não passava de uma série de tolices, que ele, pessoalmente, não considerava como traição o fato de desfazer-se um belo dia do... vejamos, como dizer... do altruísmo.

— Estou certo de que não me levarás a mal, Andergast. A verdade, porém, é que para nós todos, tu eras uma espécie de diretor, de guia espiritual, compreendes? Sempre tivemos a impressão de que nossos assuntos estavam seguros entre tuas mãos. Se não tivermos mais com quem contar, pensávamos, se tudo for por água abaixo, Andergast não nos abandonará. Eras para nós um verdadeiro iluminador, no sentido mais estrito do termo. Acontece que tu procuraste um refúgio, abrigaste-te em lugar seguro. É pelo menos assim que eles interpretam a coisa. Foi uma grande decepção. Estão custando a se conformar.

— E que lhe respondeste? — perguntou Marie quando ele acabou de falar.

— Que lhe respondi? Nada. Não havia o que responder. Vou confiar-te, porém, o que fiz, à tarde. Tomei um táxi e durante três horas e meia rodei à procura dos gêmeos Dedeken. Já me referi a eles, não? — E para quê? — Ah!... É um pouco ridículo... Para perguntar-lhes se eles também acreditavam ter havido traição de minha parte. A esses, eu traíra realmente. Pelo menos, tinham todo o direito de pensá-lo. E, como se trata dos seres mais puros que já encontrei em minha vida, sua opinião teria sido decisiva. Só aos mais puros dentre os puros cabe o direito de julgar. Na palavra deles eu teria visto como que um veredicto divino. Mas não pude encontrá-los. Ninguém foi capaz de me indicar seu paradeiro. Quiçá, já não estejam mais vivos. O Orcus⁵³ tê-los-á tragado.

— Seja, Etzel, só aos puros cabe o direito de julgar. Mas, neste seu caso, não há necessidade de um tribunal.

Etzel assentiu com um gesto de cabeça.

— Sim, foi também essa a ideia que me ocorreu, enquanto corria como um louco pela Zona Nordeste de Berlim para encontrá-los.

Marie pegou-lhe o queixo para obrigá-lo a erguer os olhos até ela. E esses olhos se iluminaram. Ela examinava-o, como se fosse uma estranha, com um desprendimento intencional, e julgou encontrar a confirmação de suas suspeitas: parecia-lhe certo de que, no correr daqueles últimos meses, ele havia amadurecido e se firmara moralmente muito, impressão para a qual contribuía também, a par da gravidade viril de seus traços, uma certa tranquilidade, resultado dessa trégua momentânea graças à qual podia retomar alento entre duas lutas de morte.

— Não é verdade que os hajas traído — disse Marie, rodeando-lhe o pescoço com os braços. — Apenas te afastaste deles. Aqueles a quem

deixares para trás, sempre te chamarão de traidor. É a regra.

A fisionomia de Etzel ensombreceu-se novamente.

— Isto me parece bastante plausível — replicou. — Mas, só o dizes para entorpecer-me.

Foi assim que caiu entre eles a palavra destinada a converter-se na senha de uma guerra sem trégua.

A princípio, vê-se obrigado a aprová-la quando ela procura demonstrar-lhe que os objetivos que, ainda há um ano atrás, eram dignos dele, já não merecem mais sua atenção. Que a reunião em associações e em grupos, qualquer que seja o signo sob o qual se realize, implica sempre num perigo de desagregação. Com efeito, agrupar-se representará alguma coisa mais que refugiar-se sistematicamente numa seita de dissidentes, em última análise sempre condenada a restringir-se a um clã, dado sua condição de parte de uma parte? O que importa é encontrar o caminho que conduz ao todo. Sobretudo para ele que já percorreu todos os outros caminhos, que fez a experiência da camaradagem, que praticou a dedicação para com os que lutam e para com os oprimidos, ele que se agregou à comunidade por amor à comunidade, com o intuito de nela se dissolver e de se deixar conduzir por uma vontade impessoal, ele que conheceu, muito antes do que a maioria dos outros moços de sua idade, a resposta que o mundo oferece àqueles que não dispõem de meios suficientes para despertá-lo de seu sono de Fafner.⁵⁴ É preciso que se liberte desse passado e adquira consciência de si mesmo. É preciso que acredite em sua unicidade, em sua personalidade, em seu especificismo. Não pode deixar-se influenciar pelo receio daqueles que “não podem conformar-se” com a ideia de que ele os tenha ultrapassado. Aqueles são os prisioneiros de seu tempo, dominados e limitados pela hora presente. Ela deplora — sempre o deplorou, aliás — que o mundo se deixe a tal ponto preocupar com vãs considerações, a ponto que o espírito chega a esquecer-se da existência do céu, tudo se deixando a tal ponto contaminar que se perde a vontade de viver. Sempre lhe pareceu que o

bem supremo das criaturas humanas fosse a sua própria personalidade. Estaria disposta a atirar-se ao fogo para testemunhar esse artigo de fé.

— Sim, mas é esse precisamente o argumento de que se servem os homens do passado. A personalidade serve de pretexto para o seu espírito timorato, é um fardo a que se submetem sem protesto — objeta Etzel.

— Estes estão condenados ao inferno sem remissão — afirma Marie, convicta. — Como pretenderia servir à causa comum, se lhe falta a coragem de ser ele mesmo? A loucura coletiva acabará por acalmar-se um dia, novos tempos virão, subitamente se verá surgir aquele por quem os corações e os espíritos ansiavam. Aproximou-se sem alarde, o homem predestinado, e com a sua chegada realiza-se o milagre, o milagre da cristalização. É sempre o homem, o indivíduo isolado, único, que chega a criar um todo.

Etzel ouve-a, surpreso. “Individualista incorrigível”, pensa. Mas, assim mesmo, aquelas palavras o impressionam. Nunca, até então, uma mulher lhe falara daquela forma; o mestre ele próprio jamais lhe dissera algo de semelhante. Na realidade, é a primeira vez que Marie se deixa arrastar a esse ponto por um determinado tema. Os anos de solidão tornaram-na tímida. Quando se trata de convencer alguém, assalta-a sempre a impressão de cometer uma impudência; o pudor espiritual é mais vivo nela que o pudor físico. Entretanto, esse pudor espiritual cede ante a expansão tumultuosa de sua emoção. Deseja que Etzel venha a ser o que já é, em potência. Assim o sente. Assim adivinha que seja. Seria a maior recompensa que poderia receber. É raro que um indivíduo chegue a realizar sua mais alta virtualidade. Geralmente, detém-se a meio caminho de seu impulso e não cumpre as promessas que fez ao seu demônio. Tudo isso ela diz a Etzel, num movimento de audácia. Ele o reconhece. Sente medo. Recua, desconfiado, ante o assalto de suas censuras. Duvida de sua sinceridade, quando ela o aprova por ter abandonado os amigos de outros tempos. Só a ele cabe o direito de absolver-se a si próprio.

Marie não o poderá fazer, quando mais não seja porque, pretendendo justificá-lo, revela ostensivamente demais o seu desejo de guardá-lo para ela exclusivamente. É uma política para uso próprio. De um lado o ninho de amor, de outro o mundo com suas incômodas exigências. O ninho é tabu. Pensamento vil, suspeita mesquinha. Mas não pode defender-se contra ela. É verdade que a ama com loucura. Esse sentimento é diferente de tudo quanto experimentou até hoje. Ama-a a tal ponto que sente extraviar-se o pensamento quando se detém na consideração do fato. No entanto, isso não lhe confere o direito de erigir uma lei baseando-se nesse fato inquietante, e, com sua habilidade feminina, de transformá-la numa arma contra ele. Que deixe a seu cuidado a tarefa de defender-se. Mostrar-lhe-á se é ou não capaz de fazer calar as vozes acusadoras. Eis que lhe sucede esse acidente com o qual jamais contara: o que se costuma chamar de amor tomou conta dele, ou antes abateu-se sobre ele como uma fera sanguinária que lhe cravasse as garras na garganta. É obrigado a defender-se. Talvez tudo isso não passe de uma autotentação, uma autointoxicação. Quiçá a imagem para a qual levanta os olhos extasiados não seja mais do que ficção. Antes de mais nada, é preciso assegurar-se de que resiste a um exame crítico, de que possui verdadeiramente as qualidades com as quais a enfeita a imaginação. Sem o que ficará sendo apenas o peru da farsa. Sem o que ter-se-á simplesmente deixado “entorpecer” e o despertar será terrível. Entregou-se sem reservas, sem reticências. E ela, terá feito o mesmo? Não. Ela impôs suas condições, colocou suas restrições e as mantém. Ele entrou na fornalha ardente, e ela não. É nesse ponto precisamente (e como o reconhece!) que se firma sua desconfiança. Se ela se recusa a entrar na fornalha ardente e o deixa consumir-se a fogo lento, é que seu amor não é da mesma natureza do dele. Portanto, é de recear que não seja também ela a mulher que ele adora, cujo olhar e cujo hálito, cujo andar e cuja voz tiveram o dom de alterar-lhe o ritmo do coração. É de recear que não passe de uma ficção. Urge pôr fim a essa dúvida, esclarecer o desacordo, se desacordo existe, entre a Marie imaginária e a verdadeira.

A agudeza de seu ouvido se duplica quando ela lhe fala. Ouve o que ela diz e procura adivinhar o que pensa. É inevitável que, em muitas de suas palavras, encontre um duplo sentido. Sendo Marie uma criatura essencialmente natural e instintiva, não é difícil pegá-la em flagrante delito de contradição.

— Ultimamente me disseste que não sentias mais prazer em tocar piano, desde que nos amamos. Como se explica que hoje tenhas tocado? Se o administrador te é tão antipático como vives a proclamar, por que motivo te mostras tão particularmente gentil para com ele? É ilógico.

— É absolutamente necessário que seja lógico, Etzel? — indaga ela, surpresa.

Não é mulher de pesar suas palavras. Se for necessário falar a alguém como se estivesse diante de um tribunal ou prestasse um depoimento sob juramento, é incapaz de fazê-lo. Sente prazer em se deixar levar pelas circunstâncias, em ceder a um movimento de simpatia. Os homens têm várias fisionomias, as palavras diversos sentidos, o dia de hoje é diferente do de amanhã. Por que motivo Etzel há de estar sempre atrás dela a fiscalizá-la? Em sua opinião, ela gasta seu dinheiro com excessiva facilidade. Embora reconhecendo que é econômica e razoável em sua administração, desagrada-lhe vê-la despende uma soma elevada para satisfazer a um capricho de luxo, na compra de um belo móvel antigo, por exemplo. Etzel não compreende. A falta de relação que vê existir entre a soma despendida e o objeto adquirido perturba o conceito que se faz dela. Que o necessário seja belo, está certo, é justo. Mas, procurar a beleza no supérfluo, parece-lhe uma provocação. Essas observações põem Marie fora de si. É justo! É justo! Nem por um momento pensa em regular sua vida segundo o que é justo e o que é necessário. A pobreza em si não a amedronta. Contudo, se, por princípio, a reduzem ao indispensável, prefere subir ao cadafalso ou ser deportada para a Sibéria.

— Não acredites estar refutando com isso os meus argumentos, Marie — revida ele. — Ninguém pode prever o que lhe sucederia, se enfrentasse a vida munido apenas do estritamente necessário. São tuas fantasias que, às vezes, induzem meu espírito à confusão.

Palavras como estas representam outras tantas pedras, pequenas, mas habilmente lançadas. E que deixam uma ferida. Marie constata a ferida. Sabe que não tardará a cicatrizar e, com efeito, cicatriza. Mas, outras pedrinhas e outras feridas se seguem, cada vez mais difíceis de cicatrizar. É preciso considerar a questão do regresso da Senhora Martersteig, que desde janeiro já se devia ter dado. Marie pediu-lhe que esperasse até abril. E, agora, encontra-se seriamente embaraçada. Basta que mencione a possibilidade da volta de sua mãe para que Etzel imediatamente se enfureça. Não é tanto porque tema uma presença que viria, é certo, dificultar seriamente seus encontros. O que acima de tudo o deixa indignado é a constatação de sua fraqueza, de seu ilogismo, e o fato de estar constantemente a invocar as considerações que deve à mãe.

— Não posso fechar a porta à minha mãe — alega. — Está velha e sozinha, não se adapta mais à vida na cidade. E, além de tudo, os amigos que a hospedavam não se encontram em boa situação financeira. Que razões lhe apresentaria para justificar uma medida que não pode deixar de ofendê-la gravemente? — Que razões? As verdadeiras. Que outras poderiam ser? — Ainda não estou há bastante tempo em tua escola, Etzel, para acreditar que a brutalidade é condição essencial para a franqueza. Perdoa-me esta verdade, mas és tu que me forças a dizê-la.

— Isto significa, em suma, que preferes inclinar-te sob o jugo. Que preferes o papel de filha carinhosa, ao risco de morrer de impaciência e de aversão. Preferes colocar um fiscal na porta de teu quarto de dormir. Preferes tudo isso ao gesto sincero, ao traço de separação nitidamente demarcado. Parece-me... — Não quero ter nada a censurar-me. Dize-me o que devo fazer.

— Numa época em que nem mesmo tinhas conhecimento de minha existência, não precisaste de meu conselho para fazer o que era direito. Não me parece que a minha escola te haja tornado mais corajosa nem mais independente.

— Nunca se cogitou da eventualidade de que ela não voltasse a Lindow.

— Não tens outra escolha, se não queres que seja eu a não voltar mais. Marie, que sempre foi dona e senhora do meio em que viveu, que não está habituada a se deixar levar ou a agir segundo imposições alheias, revolta-se.

Que lhe apresentem sem mais nem menos um ultimato, é algo que não pode admitir. Não está disposta a submeter-se, assim sem luta. Trocam palavras ásperas. Mas a força daquela vontade é como se fosse um peso a esmagá-la. Percebe claramente que, se lhe ceder nessa questão, o balanço de suas forças penderá definitivamente para o lado dele. Não obstante, sucumbe. Aquela pressão constante, tenaz, paralisa-lhe a resistência. Reúnem-se para traçar um projeto de carta à Senhora Martersteig. Combinam recorrer ao pretexto de que o estado de Marie exige ainda alguns meses de cuidado. A presença da mãe ser-lhe-ia, por certo, uma ajuda valiosa para o cumprimento de suas obrigações exteriores, mas ao mesmo tempo lhe importaria outras que não se sente com forças para enfrentar. Quando Marie lhe exhibe a carta pronta, censura-lhe algumas expressões excessivamente carinhosas e exige que seja mais categórica. Ela volta a submeter-se — não sem caçoar de sua teimosia, de sua tirania, mas submete-se. Entrega-lhe a carta fechada para que ele a despache na cidade. Tem o ar de quem acaba de cometer uma falta. Dir-se-ia que a si mesma se pergunta: “Que está acontecendo comigo?”. Ele aperta-a nos braços com tal violência que a deixa atordoada. Esse abraço violento pode ser interpretado de várias maneiras: reconhecimento, triunfo, promessa de extirpar do espírito a doença da dúvida, ou ainda possivelmente a consciência de mergulhar cada vez mais fundo no pecado.

O que, acima de tudo, o atormenta, é ignorar quais são as relações entre Marie e Kerkhoven. Quanto mais se aclara sua visão, mais turvo lhe parece o assunto. Recorda uma frase: “Ele confia em mim”. E ainda esta outra: “É a viga mestra de toda minha existência”. Há um abismo entre as palavras e os atos. Ou bem ela mente a si mesma, ou bem ao marido, ou bem ao amante. Procura contornar a situação embaraçosa apresentando o marido como um Zeus paternal planando sobre as nuvens — ficção para a qual Etzel contribuíra, mas esquecera-se disso. Apenas não percebe que, assim procedendo, atribui ao amante o papel lamentável de um pequeno deus secundário. É possível, também, que na realidade as coisas sejam bem diferentes. Mas, quem poderá garanti-lo? Frequentemente é tentado a não acreditar em mais nada. Com aquela mulher, tudo parece possível. Tem um rosto de Jano. Seu passo é ondulante. Protege-se à direita e à esquerda. Precisa saber até que ponto ela é sincera com o mestre, se desempenha parte ativa ou passiva naquela tarefa de dissimulação da verdade. Naturalmente, ela lhe faz crer que seu papel é passivo. Se assim for realmente, acabará por atingir seus objetivos. Não procura fechar nenhum dos caminhos que poderiam levar o mestre a tudo descobrir, não tenta iludi-lo, espera apenas pelo dia em que venha a perceber o que se passa sob seus olhos de cego clarividente. Talvez conte mesmo com isso. Dessa forma, assegura-se a si mesmo inteira liberdade de ação, o que representa uma manobra diplomática de primeira ordem. Inatacável e, por isso mesmo, eminentemente suspeita.

Vivem numa atmosfera carregada de eletricidade. O ar que respiram é pesado, terrivelmente pesado. Nem ele, nem o mestre, nem Marie aparecem sob uma luz favorável. “Marie e eu o desejamos assim. Se se julgar com equidade não poderíamos ter procedido de outro modo. Quanto ao mestre, porém, o quadro é doloroso. Vê-lo despojado de sua auréola, subjugado pelas circunstâncias, é algo de penoso, algo que teria preferido não testemunhar”. Também Marie, por seu lado, sofre. Tudo que é turvo e pesado, no domínio dos sentidos inclusive, lhe é intolerável, deixa-a confusa e perturbada. Sua atitude é apesar de tudo admirável. “Acreditas, Marie, que o mestre pense alguma vez no nosso

caso? Estou certo de que não lhe permites transpor a zona proibida. E que, em algum caso difícil, saberias te sair a contento, não?”.

Diante de perguntas como essa, Marie adota uma atitude de esfinge. Ele quer saber sobre o que conversou com o mestre. Quer saber tudo com exatidão. E volta à carga repetidas vezes. Guarda todos os pormenores. Quando se encontra só com Kerkhoven, orienta a conversa sobre Marie, com ar inocente. Astuto e persistente como é, consegue não raro que o mestre, em sua confiança sem limites e ainda desejoso de recompensar a Etzel por essas mostras de simpatia que o reconfortam, venha a relatar uma conversa que teve com Marie, acerca da educação dos filhos, por exemplo, ou ainda de uma pessoa, de um incidente. Etzel compara então as palavras de Kerkhoven com as de Marie. E, se lhe acontece comprovar entre elas a menor divergência, suspeita imediatamente de alguma intenção oculta por parte dela, extrai as conclusões mais temerárias e exige-lhe explicações num tom inquisitorial. Perde completamente a calma e o sangue-frio. Ansioso, de lábios trêmulos, espera até poder certificar-se quase plenamente de que agiu sem segunda intenção, que não criou propositadamente o equívoco, ou que, seja por solicitude afetuosa ou por covardia, não escondeu do mestre aquilo que, nas circunstâncias, não tinha o direito de esconder-lhe. Quando Kerkhoven a chama ao telefone, fica a caminhar de um lado para outro, no quarto contíguo. Não pretende ser indiscreto, mas, assim mesmo, permanece no quarto vizinho. Não tem necessidade de ouvir o que ela diz, basta-lhe distinguir a entonação. Ela escolhe demasiado as palavras, o tom é excessivamente carinhoso, a amabilidade pouco sincera. Todo aquele floreado era dispensável. Por que motivo se mostrará tão interessada? Por que se ri? Aquilo é pura comédia! Não, não quero que pronuncie seu nome. Ele sabe perfeitamente que estou aqui. Para que recordá-lo? Com que fim tantas demonstrações afetuosas? Tapa os ouvidos com as mãos. Marie desliga e volta para junto dele. Encontra-o lívido, uma expressão hostil no olhar. Consternada, precipita-se para ele e toma-lhe a cabeça entre as mãos.

— Uma tentativa de corrupção a mais — profere ele, sarcástico. — Ainda não tive tempo de esquecer a última.

— Etzel! — Oh, sim, Etzel e sempre Etzel! Que te importa isso? Dá-me antes um filtro de esquecimento.

Ela tudo faz para consolá-lo, torna-se carinhosa como uma irmã, procura atender por palavras e atos aos desejos que julga ler em seus olhos.

— Por que estás tão transtornado, Etzel, por que te mostras tão hostil? Beija-lhe os pulsos, as pálpebras, a fronte, os cabelos, até sentir que sua alma se entenece. E como é difícil consegui-lo! Numa noite! Numa noite de abril, partem juntos para assistir a uma representação, num teatro. Quando se dispõem a voltar a Lindow, é quase meia-noite. Etzel dirige o Opel, Marie está sentada a seu lado. Chegados à Grande Estrela, onde é preciso aguardar o sinal para prosseguir, ele murmura-lhe ao ouvido: — O mestre! O carro de Kerkhoven está parado a três metros deles. O interior está iluminado. Kerkhoven tem na mão uma caderneta de notas e um lápis. Mas, não escreve nem lê. Tem o olhar ausente. Sua fisionomia ostenta uma expressão profundamente absorta, de uma tristeza que nem Marie nem Etzel lhe haviam visto até então. Logo desaparece de suas vistas. Nem um nem outro comentam o fato, mas aquele encontro noturno irá obcecá-los por muito tempo. Uma vez na estrada, fora da cidade, Etzel rompe o silêncio com uma gargalhada áspera.

— Por que te ris, Etzel? Nenhuma resposta. Pisa o acelerador e a minúscula máquina corta as trevas como uma flecha. Durante todo o trajeto, uma única pergunta sobe aos lábios de Etzel: — Chegou o dinheiro? Marie responde negativamente. Eis de que se trata: tem a fazer um pagamento urgente, seiscentos e poucos marcos, pelo conserto da cumeeira do telhado. O carpinteiro já por duas vezes veio cobrar. E voltará novamente, no fim da semana. Não dispondo da soma necessária, Marie pediu a Joseph que a enviasse. O dinheiro não veio. Ela reclamou, evidentemente a contragosto, pois desagradá-lhe

ser obrigada a tocar nesse assunto. E, a despeito de Kerkhoven ter prometido remetê-lo sem demora, o dinheiro não chegara ainda. No dia seguinte, o carpinteiro virá cobrar pela terceira vez. É o que realmente acontece. Etzel ainda espera o correio, pela manhã, mas este não traz o cheque aguardado. Marie não faz comentários, e nem ele tampouco. Ao meio-dia, de volta à cidade, sentando-se à mesa com Kerkhoven, este se impressiona com as placas vermelhas que cobrem a testa do rapaz. Com sua amabilidade costumeira, indaga de que se trata. Etzel encara-o de frente. Pelo espaço de um segundo, revê a fisionomia indizivelmente triste do homem no automóvel. Com um movimento decidido de cabeça, expulsa essa imagem e, retesando o pescoço, diz: — Sua esposa está numa situação desagradável, mestre. E mais desagradável ainda é para mim o dever de recordar-lhe isso.

No primeiro momento, Kerkhoven não percebe a que ele quer se referir. Subitamente, recorda. Leva a mão à cabeça e cora. Ele, o mestre, está envergonhado como um colegial. Só então parece perceber o tom em que Etzel lhe falou. A arrogância não estava nas palavras, senão no tom irritado, impaciente, impertinente com que lhe recordou suas obrigações. Kerkhoven fita-o com profunda surpresa. Ao mesmo tempo, há em seu olhar uma expressão temerosa, comovente, que faz com que Etzel estremeça de medo no fundo de si mesmo.

— Vou liquidar o assunto imediatamente — diz Kerkhoven.

Chama o criado e entrega-lhe o dinheiro para que o remeta por via telegráfica a Lindow. A seguir, faz a Etzel um sinal de cabeça que denota indiferença e abandona a sala. Etzel, sentado à mesa, ocupa-se em esfarelar um pedaço de pão. Não pode esquecer o olhar temeroso. Aquele homem venceu-o com esse olhar. Dispõe de armas contra as quais não se tem defesa. “Estou preso na armadilha. Não tenho mais nada”.

Às nove da noite, parte para Lindow, a uma velocidade tal que se poderia crer que, intimamente, desejava ser projetado fora da sela e

arrebentar a cabeça contra uma árvore. O olhar temeroso persegue-o, como se fosse um pássaro invisível. Marie esperava-o. Apressa-se em comunicar-lhe ter recebido a importância. Não desejava que, por causa dela, ele se desentendesse com o mestre.

— Sei disso — revida ele, laconicamente.

Marie está sentada junto à janela aberta. A noite está cálida, a terra cheira à umidade, algumas árvores estão já em flor. Ele tomou a liberdade de arrancar o mestre à sua sonolência, começa dizendo, enquanto seus olhos desferem chispas de cólera. Fê-lo sem contemplações, indignado ao constatar que ele se preocupava tão pouco com Marie e com as necessidades cotidianas de sua existência. Reconhece que foi longe demais: mostrou-se desrespeitoso e insolente. Entretanto, não o lamenta. Enquanto não se berra ao seu ouvido, aquele homem é incapaz de atender. Marie empalidece.

— Não permito que te refiras a ele desse modo — diz. Ele se enfurece.

— Por isso mesmo, evitei solicitar-te essa permissão. No entanto, eu era obrigado a dar um jeito qualquer para que tu conservasses a tua consciência tranquila. Um casal forma sempre uma maioria compacta. Não há perigo de se abandonarem um ao outro.

Marie cruza os dedos sob o queixo.

— Por Deus, Etzel, estás ficando mau.

— Bela descoberta! — replica ele.

Sim, há muito tempo que sabe disso; não é preciso ela horrorizar-se àquele ponto. No caso presente, porém (seu indicador em riste gira sem parar diante dela), em que se afastou repentinamente dele para solidarizar-se com o marido, não há como negar que o tenha ridicularizado, a ele, Etzel. Aliás, tem sido essa sua atitude ultimamente, sob muitos outros aspectos. Marie levanta-se, fecha a janela e senta-se diante do piano. Deixa pender a cabeça até tocar com

a frente a tampa escura. Etzel caminha de um lado para outro atrás dela. É lamentável que a imagem querida do mestre tenha perdido a auréola com que sempre a cercara. Prossegue furioso, no tom de um homem velho e rancoroso. Não contava com essa descoberta que inverte os papéis, transformando em credor o devedor que ele fora até então. Está em seu estrito direito de não enxergar aquele homem senão revestido de uma incomparável grandeza. Se ele, Etzel, estivesse no lugar do mestre, manteria os olhos bem abertos, que diabo! E não se exporia ao risco de descobrir, um belo dia, que um estranho qualquer se insinuara em sua casa e lhe furtara a felicidade, bem debaixo do nariz. Estaria vigilante. Ele, Etzel Andergast, não se deixaria ludibriar assim pelo primeiro a chegar. No mesmo instante, Marie está de pé, ereta como uma estátua. Com os lábios exangues, diz: — Foi agora, somente agora, que verdadeiramente o traíste, Etzel.

Ele se cala, as mãos atrás das costas, o queixo baixado sobre o peito. A tempestade cessou, o furor desesperado que o animava contra si mesmo parece ter silenciado.

— Separemo-nos — implora Marie. — Não voltes mais para junto de mim, suplico-te. Deixa-me. Experimenta. Passaremos alguns meses sem nos ver. Aliás, Aleid virá em julho, e isso irá modificar bastante a situação. Separemo-nos.

— Se ao menos eu pudesse — murmura ele, olhando para um e outro lado como um fera enjaulada —, se ao menos eu pudesse! Marie cai em prantos, como se seu coração estivesse a ponto de romper-se. Etzel aproxima-se, consternado, e põe-se a acariciar-lhe os braços e a cintura, um número incalculável de vezes.

— Não chores mais, minha querida — implora. E ela: — Que faremos? A sombra gigantesca está de pé diante dele, o homem de olhar temeroso vigia-os. Que fazer? Circula pela casa, a sombra gigantesca, ignorante e onisciente, ausente e presente segue-lhes os passos; só ela os poderá livrar dela mesma. O frenesi de seus abraços não tem outro efeito, senão trazer-lhes o esquecimento, enquanto

duram. Mas o furacão daquela paixão, recomeçando assim sem cessar, como as tempestades nos trópicos, ameaça constantemente aniquilá-los, a ambos. Quando emergem do abismo escaldante, eles mesmos não são mais do que duas sombras. Por trás das janelas veladas de cortinas, clareia o dia. Marie dorme, a cabeça repousando sobre os braços cruzados. A boca semicerrada empresta aos seus traços, impregnados embora de misterioso sofrimento, uma expressão infantil. Também seu corpo tem qualquer coisa de infantil. Etzel está parado, ao lado da cama. Caminhou até a porta e voltou. E agora, demora-se a considerar aquela fisionomia com um olhar ávido e pesquisador. De minuto em minuto o dia clareia, já pode distinguir com facilidade as rugas mais insignificantes, a penugem que recobre a pele, o tremor convulsivo das pálpebras daquele que se sente observado em seu sono. Percebe então, sob os cílios, um reflexo úmido, como uma franja de lágrimas. Tomado de súbita emoção, inclina-se e, muito de leve, com mil precauções, beija a pele úmida. Então esgueira-se para fora do quarto.

Aos poucos, aperta-se o nó corredio. Se fossem ambos um pouco mais vulgares, um pouco mais comuns e mais banais, em que os iria incomodar tudo isso, que teriam a recear, que coisa poderia perturbar o seu amor? Poderiam, em meio a algumas ligeiras emoções que seriam uma excitação a mais, gozar plenamente de sua felicidade e, na pior das hipóteses, a história terminaria na tragédia comum das crônicas policiais. Mas, os protagonistas deste drama são criaturas que sabem só existir um pecado que conta realmente: o pecado do homem contra si mesmo. Não se pode destruí-lo senão adquirindo uma nova modalidade de alma. E isso equivale a uma metamorfose que tem todos os caracteres de uma enfermidade mortal. Raros são aqueles que lhe sobrevivem.

A última das tentativas desesperadas pelas quais Etzel intentou libertar-se desse duplo grilhão foi o *flirt* em que se empenhou com a colega da Aleid e que desencadeou a catástrofe final. Dir-se-ia que o destino tudo preparara de antemão e não aguardava senão o último sinal. Antes, porém, ocorreu um incidente que serviu para revelar a

Etzel os perigos de que estava juncado, um caminho que ele seguia com o coração obstinadamente cerrado, sem refletir, quase sem saber o que fazia. Incidente assaz insignificante em si, e sem consequências decisivas.

Por volta de meados de maio, no consultório de Kerkhoven, Etzel travou conhecimento com uma mulher de perto dos quarenta anos, Constança Dufour, uma atriz que cumprira dois anos numa penitenciária, por crime político. Vinha consultar Kerkhoven acerca de uma doença nervosa de que era vítima. Este, porém, tendo reduzido consideravelmente sua clínica particular, interessou-se mediocrementemente pelo caso. A Senhora Dufour teve várias oportunidades de conversar com Etzel, e acabou apaixonando-se loucamente por ele. Era uma criaturinha miúda, no tipo de Jessie Tinius, mas incomparavelmente mais inteligente, ainda bonita, muito elegante e de maneiras assaz provocantes. Etzel interessou-se a princípio por ela, mas logo que percebeu o seu verdadeiro intento, apressou-se em fazer-lhe ver o quanto lhe parecia importuna. Isso em nada a desencorajou. Passou a escrever-lhe cartas exaltadas, perseguia-o por toda parte, fazia cenas ameaçando matá-lo e suicidar-se em seguida, a ponto de uma noite, apresentando-se à sua procura no apartamento de Kerkhoven, obrigar Etzel a despachá-la por processos que nada tinham de dúbios. A partir de então, contentou-se em bombardeá-lo com missivas quase alucinadas. Etzel contou a história a Marie, a princípio em tom de caçoada, como se refere uma aventura a um tempo cômica e desagradável. Entretanto, quando ela se pôs a interrogá-lo com curiosidade e que ele percebeu, não sem surpresa, que essa curiosidade provinha de outra fonte que um interesse meramente psicológico, passou a descrever-lhe em detalhe seus encontros com a mulher, copiando-lhe os gestos, imitando-lhe a linguagem e citando um ou outro trecho mais ousado de suas cartas. Marie não se cansava de ouvi-lo. Tinha-se a impressão de que tudo aquilo a divertia como se fosse uma novela apaixonante. Mas, como tudo que se passava nela comunicava-se a ele como se tivesse as faculdades telepáticas de um médium, Etzel não tardou a adivinhar-lhe a angústia secreta, muito embora ela conseguisse, à custa de um

esforço heroico, escondê-la sob uma aparência serena e despreocupada. Foi assim que despertou nele o desejo diabólico de aumentar essa angústia, nutrindo-a com um alimento mais substancial que as simples provocações dessa dama Dufour, já avançada em anos. Pois o que inquietava precisamente a Marie — e a ele não escapava — era a idade daquela que o perseguia com suas propostas amorosas. Desolada, dizia consigo mesma: “Ele me apresenta um exemplo ridículo, como se quisesse prevenir-me. É provável que o faça inadvertidamente, mas não deixa de ser igualmente cruel”. E começou a temer a ideia de perdê-lo.

Haviam chegado, pois, a esse ponto. Marie capitulara. Deixara-se dominar irremissivelmente por Etzel. Os sentidos tinham pronunciado sua sentença final, e essa sentença parecia irrevogável. O sortilégio que nasce da regularidade da vida sexual modificara-lhe por completo o estado de espírito. Essa efervescência do sangue, essa tempestade que se prolongava até em sonhos, esse abalo nas próprias raízes da existência, era a primeira vez que os experimentava. Não estava preparada para enfrentá-los. Numa mulher como Marie, o corpo defende-se até o último extremo contra uma revolução tão integral. Enquanto pode, resiste à invasão do caos e refugia-se, pode-se dizer, entre os espíritos, para junto a eles encontrar refúgio e proteção. Mais tarde, quando Kerkhoven se esforçou por salvar das ruínas de suas duas existências o que ainda poderia ser poupado, quando, no decurso de dias incontáveis, de noites inumeráveis, passadas em cuidá-la, em perscrutá-la, esforçava-se por descobrir a causa, por medir o alcance do que sucedera e fazê-la compreender tudo aquilo, disse uma vez, obedecendo a uma inspiração superior: — Foste atingida no mais profundo de teu ser, onde se abrigam as energias mais obscuras, onde começa a noite primitiva das criaturas. É um caso raro: a maior parte das pessoas escapa a essa ameaça. Cumpre-nos reunir num feixe as energias luminosas desgarradas, para que torne a fechar-se a ruptura produzida, já que é impossível continuar a viver com essa chaga exposta.

Pela primeira vez, então, do fundo de seu aniquilamento absoluto, ela ergueu para ele um olhar de esperança e descobriu o que até então não fizera senão pressentir, e que veio modificar e renovar integralmente suas relações com o marido: era Irlen quem falava por sua boca. Irlen habitava em sua alma... Aleid chegou nos últimos dias de julho. De Dresden, escrevera a Marie pedindo-lhe permissão para trazer consigo sua amiga Lotte Vanloo, cujos pais realizavam um cruzeiro no Cabo Norte e pensavam confiá-la durante esse tempo a uma irmã casada, em cuja companhia não lhe agradava ficar. Via a mãe algum inconveniente nisso? Marie não tinha objeção a fazer e dirigiu à moça um convite formal. Lotte chegou alguns dias depois de Aleid. Era uma criatura extremamente graciosa, que parecia desconhecer o mau humor e a própria melancolia, que ria e falava sem cessar, enchendo a casa de vida e cativando o pequeno Johann que, de um momento para outro, abandonou seu antigo ídolo, Etzel. Aleid, muito menos viva e não particularmente bonita (para grande desgosto de Marie, a graciosa menina de outros tempos transformara-se numa rapariga robusta, de sardas pelo rosto e cabelos ruivos perpetuamente em desordem), via-se eclipsada por essa criatura esfuziante, em pleno encanto de seus dezessete anos. Marie admirava-se da afeição desinteressada da filha por uma companheira tão superiormente favorecida. Dizia brincando: — Não estou muito certa de que, sendo moça, teria escolhido para amiga a essa perigosa sereia. Todas nós gostamos de conservar as nossas chances.

— Ora — replicava Aleid, sempre disposta a brincar —, sozinha não passo de um zero, ao lado dela posso ao menos ser adicionada. É uma questão de conformar-se.

— Está sempre assim alegre? — Sempre. A não ser à noite, quando às vezes chora na cama. Mas, é preciso fingir não perceber.

— E por que julgas que o faz? — Não sei. Uma vez em que a surpreendi assim, disse-me que era para oferecer um sacrifício aos deuses. Loucura, não? No sábado, Kerkhoven desculpou-se, alegando ser impossível vir. Era a terceira vez que isso acontecia. Aleid, que o

idolatrava, ficou decepcionada. Orgulhava-se dele e não perdera ocasião de elogiá-lo diante de Lotte. Quando Etzel trouxe a notícia de que não viria, recebeu-o de mau humor, como se lhe coubesse alguma culpa.

— É uma pena — lamentou-se. — É hoje justamente o aniversário de Lotte, e eu lhe prometera essa surpresa.

Lotte ficou vermelha como um pimentão. Fez uma pequena careta e disse em tom de enfado: — O Senhor Andergast vai julgar que coleciono celebridades. No entanto, os personagens eminentes realmente me interessam, eis porque me regozijava com antecedência à ideia de conhecê-lo.

— Tem toda razão, senhorita — disse Etzel. — A mim tampouco me parece que o Professor Kerkhoven possa ser oferecido como presente de aniversário.

Lotte fixou-o com ar estupefato e voltou a corar intensamente.

— Não é encantadora? — indagou Marie, quando se viu com Etzel.

— Linda — respondeu este —, mas um pouco estouvada.

Não obstante, parecia encontrar prazer em conversar com ela. Desde logo, soube encontrar o tom apropriado, como o encontrava para todos com quem lidava. Seu gênero de camaradagem nunca deixava de impressionar aos jovens de um ou de outro sexo. Colocava nela uma espontaneidade pouco comum, uma secura e uma franqueza sob todos os aspectos benfazejas. Tinha tanta experiência na arte de abordar os jovens que não corria o risco de colocar-se em situações embaraçosas. Como se colocava sem esforço no mesmo pé de igualdade que eles e jamais pretendesse fazer ressaltar sua superioridade, essa mesma superioridade ressaltava com tanto mais vigor e era de bom grado reconhecida. Ademais, já não era aquele Etzel que se ocupava de mil e um problemas, que se empenhava em provocar aproximações e, de certa forma, se insinuava na própria alma

das criaturas. Esse Etzel pertencia ao passado. Seu rosto revelava, agora, certa severidade e sua atitude tinha algo de hermético. Passaria por ter vinte e sete anos. Perdera de toda a antiga loquacidade. Podia ficar silencioso horas inteiras, mesmo quando em sociedade. E esse silêncio tornava-o muito mais presente.

E essa presença era muito mais atraente do que a volubilidade e a facilidade de retrucar de outrora. Era inevitável que Aleid Bergmann e a própria Lotte Vanloo viessem a interessar-se por ele, com um interesse alimentado por uma curiosidade que não deixava de ser muito pueril e a que a amizade que o ligava a Marie, que ambas veneravam, vinha acrescentar uma auréola. Procuravam todas as ocasiões de estar a seu lado e ele não tinha motivos para fazer-se de inacessível. Habitua-se à companhia delas. Era uma zona neutra, um ar desinfetado. No decorrer das caminhadas a pé e dos passeios de barco, das partidas de tênis e de críquete, nasceu a familiaridade. Durante a primeira semana, Marie ficou excluída dos passeios. Uma forte gripe, seguida de uma angina, obrigou-a a ficar de cama. Parecia contente de que os três jovens ficassem tanto tempo fora de casa e sorria de satisfação quando Aleid e Lotte lhe asseveravam serem estas as melhores férias que tinham tido até então. Frequentemente, sentavam-se junto à sua cama, as moças de um lado, Etzel de outro, para lhe contarem suas aventuras e colocarem-na a par de seus projetos. Logo, porém, que se tornavam excessivamente barulhentos, mandava-os embora, a todos. Uma vez restabelecida, deixou-se levar a um passeio de barco ao luar e tornou a resfriar-se. Desta vez, porém, opôs à doença a mais viva resistência, para não ser obrigada a ficar novamente de cama e isolada de tudo. Apenas não se arriscava a sair de casa, embora o tempo se mantivesse inalteravelmente bom. O verão tinha um gênero de beleza perigoso, ou que, pelo menos a ela, aparecia como tal. Deixava-a cansada e presa de crises de angústia. Fazia o possível para reagir, pois, deixando-se vencer por elas, era como se as estivesse reconhecendo. Além do mais, sentia com uma dolorosa acuidade a dissonância entre ela e a juventude que em torno dela se agitava. Uma inquietação torturante tomou conta dela. Nos dias em que Etzel não estava presente, sentia-se enlanguescer. Quando o via

chegar, invadia-a um outro sentimento, uma angústia que a oprimia e à qual não tinha coragem de dar o seu verdadeiro nome. Quando o tinha em sua frente, toda ela não era mais que uma muda interrogação. A resposta muda que ele representava deveria servir para libertá-la definitivamente dessa angústia; era a resposta do companheiro de jugo, que não ousa mais encarar qualquer possibilidade de fuga ou de libertação. Tal constatação, porém, em nada contribuía para libertá-la dessa angústia clarividente. A par disso, o que Etzel referia de Kerkhoven só fazia aumentar essa impressão de sufocamento. Admitia passar agora dias inteiros sem ao menos avistar o mestre. Em torno dele, tampouco, ninguém parecia saber onde ele se encontrava. No consultório, os doentes esperavam-no às vezes durante horas. Quando, afinal, chegava, mandava dizer que não podia receber ninguém. O Dr. Römer abandonara-o, seguramente em seguida a algum desentendimento, o mesmo tendo acontecido com outros de seus colaboradores. Etzel tinha ainda outras coisas a revelar, mas hesitava em fazê-lo, receoso de emocionar demais a Marie. Não se cansava, porém, de insistir sobre essa agitação anormal do mestre, que lhe parecia às vésperas de realizar coisas inesperadas, porém há longo tempo preparadas dentro dele.

— Certa vez, veio procurar-me em meu quarto, em plena noite — contou.

— Eu trabalhava ainda. Não disse uma palavra. Limitou-se a passear pelo quarto, absorto em seus próprios pensamentos. Ao fim de uns quinze minutos (naturalmente eu não podia fazer mais que esperar, não tinha cabimento dirigir-lhe a palavra), retirou-se. Tive a intuição de que devia segui-lo. Mas, essas coisas apenas se sentem, não se levam a efeito.

— Ninguém pode arrancá-lo de lá — disse Marie, como que falando para si mesma. — Vive num mundo à parte e ninguém pode vir em seu auxílio.

— É possível — assentiu Etzel, o ar sombrio, a cabeça baixa —, se é a ti mesma que te referes. Há muito que se esqueceu de ti.

— Sim, esqueceu-me.

— E a mim — fez um gesto como para fechar uma torneira —, isolou-me. Compreendes o que isso significa? Uma verdadeira intuição genial. Isola-o, enquanto é tempo, segredou-lhe o instinto, isola-o enquanto nada parece ainda ter mudado. Quanto a ti, Marie — prosseguiu, a fisionomia alterada, ao mesmo tempo que a tomava pela cintura e fazia-a girar sobre si mesma como se fora uma pluma —, às vezes sou levado a crer ter te roubado a ele simplesmente para descobrir se tem um coração como o dos outros homens, e saber o que esse coração é capaz de suportar.

— Realmente? Pensas assim? — perguntou ela, numa voz sem timbre.

— Sim, e ainda se comportará como um ser de carne e de sangue no dia em que seus olhos repentinamente se abrirem.

Ao que Marie replicou com voz apagada: — É perfeitamente possível de tua parte. Todos vocês, sem exceção, não podem escapar ao impulso de aniquilar-se uns aos outros.

A sala estava imersa na obscuridade. Do jardim, subiram até eles as vozes alegres das moças. Estavam muito próximos um do outro.

— Se ao menos me matasses de verdade — murmurou Marie.

Etzel passara-lhe o braço pela cintura. Com a mão livre, tomou-lhe o queixo, que apertou como se fosse numa tenaz.

— E depois — sussurrou-lhe ao ouvido, a voz fremente de cólera e paixão desenfreadas —, que será de mim sem ti? — Cala-te, Etzel, não fales assim... Suas mãos mergulharam na cabeleira do rapaz e perdeu a noção de tudo. Tarde da noite, Aleid veio ao seu quarto, sentou-se na beira da cama, beijou-a afetuosamente e, num tom ao mesmo tempo

alegre e desesperado, declarou-lhe que, “desgraçadamente”, Lotte estava loucamente apaixonada por Etzel Andergast.

— Ah, sim? — exclamou Marie, em tom pesaroso. — Que aborrecimento.

Que vamos fazer? — Achas graça, mamãe, mas ela o leva a sério. É uma pequena decidida.

— Ele vai ficar bastante surpreso.

— Não estou assim tão certa. Afinal de contas, a iniciativa partiu em grande parte dele, posso afirmá-lo. Era fatal que isso acontecesse.

— Já terá havido alguma coisa? — Hum... isso depende.

— Como assim, depende? — Pois bem, não direi que não. Podes bem imaginar o que foi... — Vou ref letir sobre o assunto, Aleid — disse Marie, cortando abruptamente a conversa. — Acabaremos por encontrar uma solução razoável. Aliás, por que recorrer a gente velha como nós para solucionar os problemas de vocês? Vocês têm o seu mundo próprio.

Sorriu para Aleid, quando esta se retirou. Em seguida, ergueu os olhos para o teto e o sorriso ficou-lhe nos lábios, como se quisesse iludir-se a si mesma, ou ainda, como se sua boca houvesse esquecido de apagá-lo.

Pouco a pouco, tudo adquire um novo aspecto aos olhos de Marie. O campo ostenta uma cor diferente, as árvores outra forma, as coisas têm menos consistência e acham-se mais afastadas, os ruídos e as vozes do mundo exterior chegam-lhe como que através de uma parede acolchoada. O sorriso esquecido persiste em bailar-lhe nos lábios, enquanto vaga a esmo pela casa, essa casa que lhe faz o efeito de uma residência estranha. Em todas as peças sente frio, se bem que na realidade a temperatura seja canicular. O ar parece estar em ebulição, as noites são sufocantes. Deixou de ocupar-se de suas flores. O

jardineiro meneia a cabeça ao vê-la passar, distraída. O pequeno Johann faz inúteis esforços para atrair-lhe a atenção e melancolicamente comenta para a governante: — Mamãe é como uma mulher de vidro.

A presença das crianças fatiga-a, tem de reunir todas as suas forças para responder às perguntas que lhe fazem. Fato curioso: sente-se constantemente atraída para onde se encontra Lotte Vanloo. Quando sabe que as jovens estão sós, dirige-se para a quadra de tênis, sem se aproximar demasiado para não ser vista, e fica observando Lotte jogar. Quando saem para o banho, aparece às vezes na margem do pequeno poço e demora-se assistindo Lotte nadar. Sobre Aleid, mal tem tempo de lançar um olhar. Se acaso lhes ouve as vozes no jardim, aproxima-se da janela e, fingindo-se absorta em seus pensamentos, segue todos os passos, todos os movimentos de Lotte. À mesa, enquanto conversa com ambas, só tem olhos para uma delas. É torturante, é aviltante mas não pode evitá-lo. Dentro dela, uma voz parece gritar incessantemente: é assim que se caminha, que se age, que se ri, quando se tem dezessete anos. É esse aveludado na pele, esse brilho de orvalho no olhar, essa alegria na voz, que só aos dezessete anos se tem. Sente-se frequentemente tentada, e é com dificuldade que resiste, a tocar na moça, a pegar-lhe nos cabelos, na nuca, nas mãos, no peito, como se tivesse necessidade de convencer-se de que tudo aquilo existe realmente, ou de saber se todas aquelas vantagens serão realmente de temer, pelo menos tanto quanto o acredita. A cada prova de simpatia que recebe da moça, estremece. Essa candura ingênua, essa alegria de viver, essa saúde exuberante, essa pujança de que se compõe a imagem que tem incessantemente ante os olhos, obrigam-na a uma comparação incessante consigo mesma. E chega à conclusão de que não pode sustentar o paralelo com essa plenitude, esse prodígio de vida em flor. Constata não haver qualidade de espírito ou de coração capaz de permitir-lhe competir com êxito. Sua alma se ensombrece, não é mais que uma ferida única. Seus pensamentos tendem a assumir a forma de ideia fixa e convergem sobre um único ponto. Antigamente costumava sonhar que devia transpor um abismo caminhando sobre uma corda fina, o único meio de não cair seria não lançar um olhar ao

precipício. É assim que vive atualmente. Falta-lhe de todo o hábito de espionar, de seguir alguém às escondidas. Seu orgulho jamais lhe permitiu fazê-lo e nunca imaginou encontrar-se, um dia, em situação de recorrer a ato tão humilhante. Agora, porém, decide-se a interrogar habilmente Aleid. Simula um interesse todo objetivo, como se, afinal de contas, fosse bom saber em que pé andavam as coisas. Como se fosse necessário proteger a menina. Como se o que, realmente, está se passando não fosse tão inocente quanto a princípio se acreditou. Aleid encolhe os ombros e tem um sorriso significativo. Dá a impressão de ter recebido uma confiança e achar-se obrigada à mais absoluta discrição. Há, portanto, algo a rezear. Marie compreende finalmente o que é uma conspiração. Sabe agora o que se experimenta, ao sentir-se traído. É impossível avaliar a natureza e o efeito de qualquer sensação, sem tê-la experimentado. O que não se experimenta carece de realidade. Experimentá-la, porém, é deixar-se esmagar por ela. É, pelo menos, a impressão que tem. Decide que é preciso mandar embora as moças. Não pode suportar-lhes a presença nem uma semana mais. Muito embora sua “decisão” não passe ainda de um desejo, um desejo ardente por certo, um desejo que a obceca e, à realização do qual, de momento, se opõem certas considerações de ordem prática, não tarda a referi-la a Etzel. Fazendo-o, é tomada de tamanha agitação que se vê forçada a apoiar as mãos contra o coração, para poder falar. Para começar, fora preciso chamá-lo. Chegando da cidade, Etzel encontrara Aleid e Lotte na entrada e imediatamente combinara com elas um banho no poço. Ia partir no mesmo instante, sem se preocupar com Marie, sem nem ao menos cumprimentá-la. Ouvira-os de sua janela, isto é, vira-os conversar juntos e adivinhara o resto. Chama-o então e comunica-lhe sua decisão. Ele parece contrariado, mas contenta-se em erguer os ombros com um ar de indiferença.

— Se o julgar necessário — replica em tom glacial —, o problema é teu, evidentemente.

Ela esforça-se por manter o controle sobre si mesma.

— Se o problema fosse apenas meu — responde com uma serenidade que, naquele momento mesmo, seria digna de uma grande comediante —, não teria necessidade de te falar a respeito.

— Realmente, não compreendo em que isso possa me interessar.

— Começas a adquirir habilidade na arte de dissimular.

— Cuidado, Marie — diz ele, no tom de um conselheiro bem-intencionado.

— Pode acontecer a uma pessoa instigar outra a cometer uma tolice, pelo simples fato de privá-la bruscamente da ocasião de fazê-la.

— É um aviso que me dás? — Sim, é um aviso.

A cabeça de Aleid surge pela porta entreaberta.

— Vens, Etzel? — Já vou.

E, voltando-se para Marie, com uma inocência superiormente representada que vem feri-la ainda mais profundamente que o cinismo e a hostilidade de pouco antes: — Peço-lhe, portanto, licença até a hora do jantar, minha senhora.

Da janela ainda o vê atravessar o jardim com as jovens a quem tomou pelo braço, Aleid à direita, Lotte à esquerda. Inclina-se para Lotte e murmura-lhe algo ao ouvido. A moça encara-o e ri, provocadoramente. Marie tem a impressão de que o cérebro lhe foge de dentro da caixa craniana. Tem uma violenta vertigem que a obriga a firmar-se à borda da mesa. Ao longe, no campo, ressoa o som metálico e inexpressivo de uma trombeta. “Não fraquejar”, murmura consigo mesma, “o essencial é não fraquejar”. Que sucedeu afinal? Simplesmente, uma pequena aventura terminada. Não fraquejar. Mas, sente necessidade de deitar-se, seus dentes batem incoercivelmente. Enquanto está estendida sem movimento, os olhos muito abertos, e o canto dos passarinhos chega-lhe aos ouvidos através da parede

acolchoada, diante de seus olhos o perfil de Etzel se delineia com nitidez, como sobre uma placa de bronze. A dureza das linhas, a sinistra ameaça da arcada superciliar, a impiedosa determinação no sulco oblíquo que vai do nariz à comissura dos lábios, compõem a imagem inequívoca de um torturador entre cujas mãos houvesse caído. Trata-se, evidentemente, de uma sugestão de sua imaginação desvairada. Já não é mais dona de seus pensamentos. Seu espírito, de ordinário tão lúcido, deixa-se invadir pelas trevas. Chora. Mal tem consciência, porém, das lágrimas que lhe repontam lentamente, uma a uma, de sob as pálpebras, como um líquido que vasa de uma jarra fendida. Não desce para o jantar. Manda dizer que está com dor de cabeça e pede que ninguém suba para vê-la. A partir das onze horas, começa a esperar. Na mesinha de cabeceira, o relógio está coberto por uma pequena redoma de vidro. Durante uma hora e meia, sem desviar os olhos por um momento, fixa o mostrador como que fascinada. Cada minuto representa uma espera infernal. Subitamente, levanta-se de um salto, veste-se com uma pressa febril, atira um chale sobre os ombros, abandona o quarto e a casa. Uma silhueta corta-lhe o caminho como uma sombra, a roupa em desalinho, a respiração ofegante, os cabelos em desordem, morta de vergonha e de medo: Lotte. A noite lembra uma água morna de um azul intenso. O céu estrelado parece agitar-se como um peito palpitante. Com a imperturbável segurança dos sonâmbulos, Marie caminha numa direção determinada, como se ouvisse um chamado e tivesse que apressar-se para chegar a tempo. Bruscamente, para. Alguém assobia levemente. Recostado a uma árvore, um vulto assobia levemente.

— Etzel — chama.

O assobio cessa. Etzel encaminha-se lentamente para ela. Veste uma camisa esportiva, de colarinho aberto. O pescoço e o rosto, queimados de sol sobressaem nitidamente na penumbra. Pelo espaço de um segundo, fica a mirá-la. Logo em seguida, ela sente no braço a pressão de seus dedos de aço. Caminham juntos, em silêncio. Então, ela se põe a falar, precipitadamente, com aquela voz sem timbre de onde a alma desertou. Está disposta a entregar-se a ele, sem condições. Coloca-se à

sua mercê. Ruptura com o passado, fuga, casamento, tudo quanto ele exigia. A tudo se submete, naquele momento mesmo. É bastante que ele diga sim; quanto a ela, está pronta a segui-lo. O sentido de suas palavras ultrapassa toda e qualquer medida. As palavras, também. Já não é a Marie de antes. E, sim, uma criatura que foi projetada e precipitada fora de si mesma. Percebendo-o, Etzel sente-se aterrorizado. “Parece que sou condenado a fazer perder o senso da medida a todos aqueles que se aproximam de mim”, é o pensamento que lhe atravessa o espírito como um raio.

— Que se passa contigo? Não te vejo o rosto! — exclama Marie, agarrando-se aos ombros dele e sacudindo-o com uma energia surpreendente.

O espanto fá-lo emudecer. “Então, apesar de tudo, ela quer que entrar na fornalha ardente”, reflete; “ela, a única entre todos”. Não obstante, não cogita de exultar a essa ideia, ou de retirar dela a menor sensação de vitória. Concentra-se em si mesmo e lança os olhos ao abismo. Uma luz fulgurante parece jorrar subitamente e iluminar-lhe as profundezas. A sombra gigantesca está presente e fala: “Levar uma alma humana a tal extremo é condenar-se a si mesmo, Etzel Andergast”. Então, curva a cabeça. O que sente é algo de atroz. Gostaria de segurar Marie e encerrá-la entre as mãos como num invólucro (tal como uma vez sonhou que o mestre o encerrava, a ele, entre suas mãos), mas sente que é tarde demais. Perdeu para todo sempre o direito de compartilhar daquela alma. Daqui por diante terá que ficar só. Volta-se e põe-se a caminhar, as mãos cobrindo o rosto. Sozinho, afasta-se. Marie o vê desaparecer nas trevas. Olha em torno de si e, também ela, vê a sombra gigantesca e sente medo... Uma única ideia a domina: morrer. Tem a impressão de que lhe seria suficiente estender-se no solo para morrer ali mesmo, à toa. Não sabe explicar como volta para casa e chega até o quarto. Quando se estira no leito e permite que seu corpo mergulhe voluptuosamente no insondável, pergunta-se, com um sorriso, qual dos dois chegará primeiro, Joseph ou a morte.

Há meses vinha já Kerkhoven constatando que a curva de sua existência declinava pouco a pouco. Parecia-lhe que a derrota interior, e o fracasso exterior que a ela se prendia, haviam começado numa data precisa que lhe era, contudo, impossível determinar. Tal noção provinha daquela tendência, tão nitidamente acentuada nele, que o levava a dividir sua vida em períodos distintos. Podia distinguir com precisão os demônios de que falava Goethe a lhe prepararem suas armadilhas. E esperava ainda pelo pior. Julgava constatar uma diminuição progressiva de suas energias morais. Abandonara em meio as novas experiências de terapêutica, às quais há cerca de um ano se entregava, e que não tinham probabilidade de sucesso senão no caso de sua alma se encontrar intacta. E já não tinha a alma intacta. Uma sensação de desgaste manifestara-se nele e, logo que a registrou, percebeu claramente o que lhe restava a fazer. Quando se rompem os diques no curso superior de um rio, é ao longo do curso inferior que as medidas de precaução devem ser tomadas, sem demora. A supressão de sua clientela particular não era senão um primeiro passo nesse sentido. A consequência imediata foi uma diminuição de seus rendimentos, donde imediatamente se originaram sérias dificuldades. Uma das menores foi a impossibilidade em que se viu de remeter, certa vez, a Marie a soma insignificante que lhe mandara pedir. Foi forçado a despedir numerosos auxiliares experimentados e, como as salas de consulta eram demasiado amplas para o novo programa de atividades que se propunha, deliberou ceder uma parte do prédio. Isso ocasionou certos atritos com o Dr. Römer, que terminaram por uma ruptura. Aquele que fora seu colaborador durante tantos anos, tornou-se, de um dia para outro, seu adversário encarniçado. Acontece que viera sorrateiramente acumulando contra seu chefe uma farta documentação de que soube tirar grande partido. Isso constituiu um incentivo para muitos outros que há longo tempo se mantinham à espreita. E o resultado foi que, de todos os lados, se desencadeou em breve uma tempestade de ataques, de suspeitas, de calúnias, de publicações injuriosas. O número dos que o procuravam em busca de uma cura não se viu em nada reduzido com isso. Pelo contrário, foi nesse momento que sua fama de taumaturgo atingiu o auge, a ponto de ser preciso, por mais de uma vez, recorrer à intervenção da polícia

para dispersar a multidão que se comprimia à sua porta como diante de um escritório de emigração. Não tinha o menor desejo de demonstrar àqueles infelizes, entre os clamores sarcásticos dos colegas, a que ponto merecia realmente essa apelação de “taumaturgo”. Com raras exceções, pois, deixava-os a todos decepcionados. Contara dedicar à clínica o tempo e as forças que poupava renunciando à sua clientela particular e compensar, assim, o *déficit* pecuniário criado. Aconteceu, porém, que esses ruidosos e infames ataques que o assinalavam à atenção pública e o expunham a indignas perseguições vieram a se refletir sobre aquilo que representava sua obra predileta. Também nisso viu-se repentinamente cercado de inimigos ocultos, culminando com a intervenção das próprias autoridades médicas. Pelo correio, chegavam-lhe cartas anônimas abjetas. Nessas condições, não apenas a reputação da clínica foi prejudicada, mas a base material, ou seja, os recursos financeiros sobre os quais se apoiava viram-se igualmente atingidos, dado que lhe era impossível manter-se exclusivamente com as subvenções fornecidas pelo Estado. Em suma, as potências visíveis e invisíveis, pareciam ter-se conjurado para preparar-lhe a queda final.

Num desses dias de crise, o velho Heberle mandou chamá-lo. Estava à morte, com um tumor na laringe. Não falava mais. Apontou para o pescoço com ar resignado e fixou na irmã um olhar de afetuosa acusação. Ela informou a Kerkhoven que a operação estava marcada para o dia seguinte. Heberle mostrara desejos de revê-lo antes, convencido de que, depois, seria tarde demais.

— O que não passa de uma tolice — acrescentou a velha senhora, que tinha uma confiança inquebrantável na arte do conselheiro privado, Rahl.

Kerkhoven evitou manifestar sua opinião. Deixou-se ficar algum tempo sentado junto ao leito de Heberle, perturbado pelo afluxo de tristes recordações. O ancião parecia ter um pedido a fazer-lhe. Mas, evidentemente, não desejava escrevê-lo. Ora, não lhe restava outro meio de comunicar-se. Kerkhoven leu-o, porém, em seus olhos e,

quando se despediu (com a certeza de fazê-lo para sempre), Heberle sentiu que o amigo o compreendera e apertou-lhe a mão com um reconhecimento eloquente. Uma hora mais tarde, Kerkhoven encontrava-se na residência de Rahl. Aposentos suntuosos como os de um palácio. Em todas as paredes, fotografias com dedicatórias entusiásticas, retratos em molduras douradas, bustos de mármore, medalhas, ofertas de príncipes, de reis, de militares, de atores célebres, bispos, cardeais e homens de Estado de todas as nações. Foi suficiente a Kerkhoven mencionar seu nome para ser imediatamente introduzido. Rahl parecia encantado em receber a visita do “eminente colega”. Era de baixa estatura, quase anão, com mãos de tamanho anormal e uma voz estentórea. Após as formalidades de praxe, abordou-se o assunto. Também Rahl está sobrecarregado de trabalho e tem poucos momentos livres. Seus admiradores proclamam que perdeu totalmente o hábito de dormir, bastando-lhe, como outrora a Napoleão, fechar os olhos dez minutos entre duas operações. Indaga, não sem surpresa, em que pode ser útil ao “ilustre colega”.

Kerkhoven alude à sua velha amizade com Heberle, porém aquilo não parece impressioná-lo. Contenta-se em fazer uma observação maliciosa sobre uma amizade que une um sábio no sentido estrito do termo e um utopista declarado. É, pelo menos, o que Kerkhoven sente confusamente. Não ignora que Rahl é um dos que fomentam em surdina as cabalas dirigidas contra ele. Não lhe guarda rancor por isso. Realmente, é quase uma fraqueza de caráter de sua parte o fato de compreender tão bem a um inimigo. Por outro lado, por estranho que pareça, conserva ainda um pouco dessa ingenuidade que persiste em crer que se possa convencer um adversário apresentando-lhe simplesmente as provas de nossa honestidade e de nossas boas intenções. Quando chega a exprimir suas dúvidas sobre a absoluta necessidade de se tentar uma operação de tal gravidade num homem de setenta e sete anos, Rahl recosta-se lentamente para trás em sua poltrona, e suas sobrancelhas espessas se retorcem e sobem como vermes ao longo de sua fronte.

— Tanto mais quanto o desenlace fatal é inelutável — acrescenta Kerkhoven, a quem essa grotesca atitude teatral não impressiona. — A morte já o tem em suas garras, é um fato que salta aos olhos de qualquer um.

O ar ofendido que Rahl assume, torna sua resposta supérflua. “Quem lhe conferiu o direito de intervir nessa questão, senhor colega?”, é o que se pode ler distintamente em sua atitude. “*Exitus letalis*”⁵⁵ ou não, que tem isso a ver com a ciência e sua aplicação? Acaso me cabe o direito de levar em conta opiniões individuais e de filosofar em torno de considerações humanitárias? Não me interessam os indivíduos, vejo apenas os órgãos afetados”. Evidentemente, nada disso é expresso claramente. Limita-se a rejeitar cortesmente, mas com firmeza, a sugestão do colega. Kerkhoven previra isso. Queria, apenas, ficar em paz com a sua consciência. Eis tudo. Bem sabe que, para aquela autoridade de voz estentórea, o homem não representa senão a encarnação fortuita de um caso. Frente a frente com um desses casos, sente-se de certa forma promovido à dignidade de juiz. E, nenhuma força humana poderia fazê-lo soltar o culpado que tem entre as garras e que está sendo acusado de doença. Faz milagres, sem dúvida, é um herói e um salvador. Mas, é também o bisturi feito homem, audacioso, cortante, brilhante e impiedoso. O adversário. Kerkhoven meneia a cabeça. Sente-se cansado demais para lutar. Sente que tem quarenta e nove anos e está às vésperas de tomar decisões que lhe modificarão por completo a existência. É indispensável que se detenha em meio do caminho, que abandone tudo por algum tempo. Em caso contrário, estará perdido, destinado a anquilosar-se dentro do que se costuma chamar a profissão. Quarenta e nove anos. Uma curva do caminho, limiar da terceira puberdade. O importante é apertar os freios para impedir que a queda seja mortal. Enquanto fixa o rosto de seu interlocutor, rosto esse de uma suficiência provocante, estranhamente glabro, nu (tão nu quanto os fatos), retesado por uma vontade indômita, ocorre-lhe a impressão de ter-se esquecido, de há muito, de alguma coisa que constituía outrora o elemento essencial de sua vida. E faz o propósito de refletir sobre isso mais tarde. Precisa descobrir de onde lhe veio, subitamente, essa sensação de tão acabrunhante

culpabilidade. Levanta-se, percebendo que Rahl dá ligeiros sinais de impaciência. O conselheiro privado acompanha-o até a porta e, imbuído da própria superioridade, não se pode furtar de observar que os partidários da escola psicológica, alguns dos quais admite sem reserva serem eminentes (inclina-se), deveriam assim mesmo reconhecer que a medicina que deixa de operar sobre uma matéria palpável e segundo uma terapêutica metódica, de nada pode servir. A alusão é patente, a despeito do tom melífluo. Kerkhoven estaca.

— Com efeito — replica, com a serenidade do homem superior —, ela pouco ou nenhuma satisfação nos permite colher. Quanto mais pura a intenção que nos domina, mais escarnecidos somos. O formalismo jamais deixará de nos oprimir, é preciso sufocar o espírito, pôr um freio ao coração. A ciência oficial consiste nas formas consagradas; como Shylock, exige também ela sua porção de carne. Jamais quiseram tomar-me a sério. Por quê? Os colegas nunca puderam suportar-me. Por quê? Nunca pude sabê-lo. O anátema, porém, recairá sobre vossas cabeças, ministros de uma igreja intolerante e impiedosa.

O conselheiro privado tenta acalmá-lo, mas não encontra palavras adequadas. Kerkhoven ergue ligeiramente a mãos (a outra está no trinco da porta), e continua com um movimento de ombros: — Minha pessoa não conta. Não pertenço a grupo ou cenáculo de qualquer espécie. Eis aí, precisamente, o que não me podem perdoar. Nunca quis ser mais que um simples médico; sou tão pouco ambicioso... Não me atrevo a contar-lhe a que mínimo se reduz minha ambição. Se vim pleitear o direito de morrer em paz para um pobre velho que tão bem mereceu esse derradeiro favor, atribua esse gesto, meu caro colega, ao fato de ter sido preservada em mim uma última centelha dessa fé de carvoeiro que me leva a acreditar ainda num resto de compreensão entre os homens. O esforço de toda minha vida tem-se resumido em procurar extirpar o que há de mau e de nocivo. Estou cansado do doente incurável. O mal incurável é um obstáculo em nosso caminho. Quando curamos, resta-nos apenas o consolo de ter feito um trabalho de “remendo”. Há alguns dias atrás, fui chamado ao presídio policial

para atender a um grupo de seis jovens malfeitores, membros de uma quadrilha organizada. Eram meninos entre quatorze e dezesseis anos, todos sífilíticos e corrompidos até a alma. Simulavam loucura, todos os seis. Era um espetáculo grotesco. E como simulavam bem! Dir-se-ia que tinham trabalhado seis meses numa clínica psiquiátrica. Procure imaginar isso. Nunca, até então, se me apresentara uma imagem tão clara de nossa época. Essa loucura simulada era, em certo sentido, muito mais verdadeira do que o podiam supor aqueles jovens. E agora... de que servem palavras? A revisão geral a que pretendo proceder em breve obriga-me de qualquer forma a desaparecer temporariamente do teatro das operações. Com isso quero significar apenas que meus colegas não terão necessidade de encarniçar-se por muito tempo contra mim... Inclinou-se e saiu, deixando o conselheiro privado entregue aos mais descontraídos sentimentos.

A noite estava linda, a hora era avançada. Kerkhoven voltou a pé para casa. Para escapar aos curiosos e aos importunos, esgueirou-se até o seu apartamento como um ladrão e trancou-se em seu gabinete de trabalho. Durante horas a fio, deixou-se ficar sentado diante da escrivaninha, ocioso, a cabeça entre as mãos. Subitamente, levanta a cabeça, como se ouvisse uma voz. “Onde está Marie, afinal?”, pergunta essa voz interior. Compreende, então, que o que tinha esquecido era Marie. É ela que há tanto tempo lhe falta, por toda parte, a todas as horas do dia e da noite. Apenas, não pudera localizar esse sentimento de privação. Não resta dúvida que esteve por várias vezes em Lindow, viu-a e conversou com ela. Pareceu-lhe, porém, que não se tratava de Marie, senão de uma cópia dela. Também durante esse tempo não deixou de telefonar-lhe regularmente (ainda na véspera o fez), porém, não era a voz de Marie que ouvia e, sim, uma imitação dessa voz. Sacode a cabeça, como que surpreendido por não tê-lo percebido mais cedo. Recorda um incidente que até agora o deixa envergonhado: há cerca de duas semanas, também no meio da noite, o mesmo pensamento atravessou-lhe o espírito, se bem que mais confuso: “Onde está Marie? Que se passa com ela?”. E, como pressentisse vagamente que Etzel poderia informá-lo a esse respeito, quiçá desejasse mesmo falar sobre ela com o rapaz, como um desterrado

procura obter notícias da família ao encontrar uma pessoa de seu país, dirigira-se ao quarto de Etzel, sem perceber o que esse gesto tinha de insensato. Atitudes como esta enquadram-se perfeitamente dentro de seu caráter: para desembaraçar-se momentaneamente de uma sensação desagradável, toma uma resolução precipitada que tem por efeito reforçar ao cêntuplo essa mesma sensação. Uma vez em presença de Etzel, uma estranha timidez apoderou-se dele. Não pode decidir-se a interrogá-lo sobre Marie, as palavras não lhe ocorriam. Na realidade, nem um som lhe saiu da boca. Foi uma situação penosa, à qual pôs fim de maneira assaz desastrada, retirando-se em silêncio. Não obstante, recorda perfeitamente que o fato de encontrar Etzel em seu quarto fê-lo sentir-se inexplicavelmente aliviado. Que poderia significar aquilo? Verifica as horas: meia-noite e meia. Tarde demais para telefonar para Lindow. E, mais uma vez, é dominado pelo desejo pueril de falar a Andergast. Não procura saber por quê; talvez deseje apenas vê-lo. Há muitas noites que não aparece. Provavelmente não está em casa, sem o que já teria aparecido. Decide ir procurá-lo. Se estiver em casa, não se terá recolhido ainda. Sai do quarto, atravessa o corredor e bate à porta de Etzel. Não recebendo resposta, entra e acende a luz. A cama não foi desfeita. Demora-se um instante, pensativo, após o que volta lentamente para o quarto e torna a sentar-se diante da escrivaninha. Seus olhos dão com algumas cartas que Etzel deixou ali para serem assinadas. Trata-se de assuntos sem importância: a primeira é dirigida a uma revista de pesquisas médicas. No momento em que se dispõe a tomar da pena para mergulhá-la no tinteiro, sua mão se detém a meio caminho. Solta a caneta, a mão esquerda abate-se violentamente sobre o papel, amarrotando-o numa bola. Seu olhar fixa o vazio, que não está vazio... O que vê é algo de incompreensível. Não, não é isso. Um segundo “eu” dentro dele vê qualquer coisa de que o “eu” exterior não recebeu senão uma informação nebulosa, mais fugitiva que um relâmpago. É como se uma mão invisível afastasse arbitrariamente a cortina, permitindo ao “eu” interior lançar um olhar pela abertura, que imediatamente se torna a fechar. O “eu” exterior apressa-se em encobrir a realidade e quer se convencer de nada ter enxergado. Mas, o “eu” interior tudo viu e encontra-se num estado de perturbação indescritível. (Nesse momento preciso, Marie oferecia sua “rendição

incondicional”). Levanta-se, aproxima-se da janela aberta e mergulha na escuridão da noite um olhar parado, enquanto passa a mão pela testa um sem número de vezes, num gesto automático. O que viu, palavra alguma seria suficiente para descrever. Aquilo não faz senão roçar-lhe a periferia da consciência. Não se tratava, de fato, de nada de concreto. Era como que um estalido sem ruído. Em seu lugar, ficou uma angústia que cresce sem que nada a possa deter e se alimenta de si mesma. Seu equilíbrio foi rompido como por um tremor de terra. Cambaleia. Entrelaça os dedos, apertando-os com tamanha força que as articulações estalam, e seu busto põe-se a oscilar. Os pensamentos que parecem querer perfurá-lo trabalham ao acaso e sem método. Nenhuma suspeita chega a tomar vulto nele (nunca nos parece demais acentuá-lo), mas deixa-se consumir por uma inquietação ardente, que emana das próprias raízes de sua vida. Se tivesse mais coragem, se conhecesse melhor a si próprio, se a ideia de descobrir a verdadeira natureza dessa inquietação não lhe causasse antecipadamente um invencível terror, ainda poderia tomar uma decisão, a ela sujeitando sua conduta imediata, e forçando-se a ter sangue-frio. Com ele, porém, isso se torna impossível. Poderia chamar o chofer pelo telefone, poderia mandar trazer o carro e partir imediatamente para Lindow. Impossível. Tem medo. Quer ganhar tempo. Agarra-se à esperança de que o dia que vai raiar realizará o milagre de mostrar-lhe que nada se passou, de convencê-lo de ter sido acometido de visões. Por outro lado, essas idas e vindas intermináveis pelo quarto, presa como é de alucinações as mais desvairadas, só podem contribuir para esgotá-lo ainda mais. O que tem a fazer é deitar-se e tomar um entorpecente enérgico. Não tarda a pôr em prática a ideia. Toma uma dose que daria para três homens. O sono agarra-o como se se tratasse de tenazes. Quando desperta, a princípio sem iniciativa e sem lembranças, são nove horas. Toma banho, barbeia-se, bebe uma xícara de chá, comunica à enfermeira que, naquele dia, não dará consulta e embarca em seu automóvel. Às dez e meia, entra no pátio de Lindow. Desde o instante em que despertou, não refletiu um segundo sobre o que iria fazer. Tudo o que acontece se produz como se houvesse sido determinado durante o sono. Etzel vem ao seu encontro pelo longo corredor do rés do chão. Etzel evita-lhe o olhar. Com um sinal de

cabeça, Kerkhoven convida-o a segui-lo. Entram na primeira sala. Dirigindo-se a Etzel, pergunta-lhe com voz enrouquecida: — Que se passa aqui? Etzel, o olhar apagado, curva os ombros e responde: — Sua presença é necessária, mestre.

— Bem, mas preciso falar-lhe. Espere-me em seu quarto.

Etzel encontrava-se no quarto de Marie, quando vira entrar o carro de Kerkhoven. Marie não chamara por ele. Recusara-se mesmo a recebê-lo. Diante disso, mandara entregar-lhe um bilhete onde se liam apenas duas palavras. “É preciso”. Sentia a garganta contraída ao aproximar-se do leito onde ela estava deitada. Assim estendida debaixo dos lençóis, parecia um menino gravemente enfermo. Ele ficou de pé junto à cama, os dedos crispados sobre às grades de metal. Quando falou, suas palavras pareceram deslizar por cima dela.

— Não precipitemos as coisas — disse. — Não devemos perder a cabeça. Ela não se moveu. Etzel continuou em tom insistente, porém sem doçura: — Temos que discutir tudo isso. São assuntos delicados, deves compreender.

Marie continuou imóvel. Ele perdeu um pouco de sua segurança. Pôs-se a caminhar pelo quarto. Parou diante de Marie. Tornou a andar, pegou num espelho de mão, tornou a largá-lo. Depois, numa voz surda, mais insistente ainda: — Dá-me quatro semanas, Marie. Quatro semanas de prazo. Reflete um pouco. Aceitas? Ela fez que não com a cabeça, debilmente. E, súbito, lança um grito estridente: — Joseph! É a libertação. Desta vez, ele não chegou tarde demais.

— Estás doente, Marie? — indaga Kerkhoven da porta. — Portanto, meu pressentimento não me enganava.

Ela soergue-se no leito, toma-lhe a mão e comprime contra ela a testa. Seus ombros e sua nuca são sacudidos por espasmos regulares. Joseph sente a mão úmida de lágrimas. Toma-a nos braços sem dizer nada, tenta levantar-lhe a cabeça e beijá-la. Ela o impede, num movimento exaltado. Não, não! Quer apenas sua mão, sua mão forte e

generosa. Ele pensa: “Que se terá passado? Não reconheço mais a minha Marie”. Um mau pressentimento insinua-se em seu espírito. A visão da véspera retorna, mas não quer acreditar, não quer ver, não quer saber, tal como na véspera. Põe-se a afagar-lhe os cabelos, os ombros e os braços, fala-lhe com bondade, mas ela sacode a cabeça com a mesma violência apaixonada: — Ah, meu amigo — geme. — Joseph, meu Joseph, então não sabes? — Que poderia eu saber, minha querida, senão que estás muito doente? Liberta-se dela, põe-se de pé. Com um gesto de seu braço estendido afasta qualquer coisa que quer impedir que se aproxime e caminha em direção à porta, como para fugir a essa qualquer coisa. Marie lança-lhe um olhar desvairado. De um salto, lança-se para fora da cama e atira-se de joelhos a seus pés. Os braços erguidos para ele, implorando-o como uma mendiga, geme: — Enganei-te, Joseph, e me perdi. Foi a concupiscência que me levou a isso. Sou excessivamente concupiscente. Olha para meus dedos: são dedos concupiscentes. Examina meus polegares: são polegares de mentirosa.

Leva-me contigo, Joseph. Não me deixes mais só. Suplico-te pelo que tenhas de mais sagrado no mundo, não te afastes mais de mim.

E deixa-se cair a fio comprido no assoalho. Só uma mulher orgulhosa como Marie poderia humilhar-se a ponto de fazer, com isso, parar os corações. Kerkhoven, af lito, esforça-se por conservar a calma e reflete: “Cheguei em boa hora... Evidentemente, ela foi longe demais com esse Andergast... É o que pretende insinuar ao falar em concupiscência. Aliás, que poderia ser senão isso? Concupiscência... Certamente, permitiu-se brincar com ele e, quando a coisa se tornou séria, percebeu ser tarde demais. Ele não é um homem com quem se possa brincar...”. E Joseph Kerkhoven continua a não querer acreditar, a não querer ver, a não querer saber. A verdade é que sua confiança em Marie era e continua a ser tão grande, que aceitaria mais facilmente o fim do mundo do que a ideia de que ela pudesse enganar a essa confiança ilimitada. São coisas que sua mente não consegue perceber. Inclina-se sobre a esposa, soergue-a com as palavras mais carinhosas que pode encontrar, carrega de volta para o leito o corpo leve que se

entrega sem resistência, aproxima uma cadeira e afirma que não a abandonará mais e que isso não se repetirá, aconteça o que acontecer, seja o que for que se tenha passado, porque ela e ele não formam senão um único ser indivisível. Dizendo isso, sua voz estremece, já está muito próximo da verdade. Ela mergulhou o rosto nos travesseiros. Ele levanta-se e diz que será melhor para ela ficar um pouco sozinha. Dentro de meia hora estará de volta e, então, poderão conversar tranquilamente. Entre suspiros desesperados, ela faz que sim com a cabeça. Ele sai do quarto, procura pelos filhos, mas não os encontra: tinham ido para o jardim. De volta, cruza no corredor com Aleid e Lotte que conversam em voz baixa, junto à escada. Detém-se para falar com elas e, enquanto o faz, a imagem de Marie não deixa de erguer-se em sua frente. Divisa-lhe o rosto abatido, o olhar ferido, e um pensamento lhe ocorre: “Perdoar? Não, o perdão é o fim de tudo. Aniquila e desonra o amor e, para reanimá-lo, falta-nos depois o combustível necessário”. Consegue ainda sorrir para as moças, e continua seu caminho. Na porta do quarto de Etzel, detém-se e entra, depois de bater. O rapaz está sentado na borda da mesa e deixa cair o livro que parecia ler.

Kerkhoven está de pé, diante dele.

— Então, temos diante de nós uma bela aventura! A situação que encontrei lá embaixo, não é nada divertida, meu caro — diz, sem fitá-lo.

Etzel salta da mesa, posta-se diante da janela e fica olhando o parque.

Faz-se um demorado silêncio.

— Diga-me, Etzel — prossegue Kerkhoven, e o tom de sua voz já não soa tão natural como pretendia —, por que motivo, durante todo esse tempo, você fingiu junto a mim nada perceber? Silêncio. Kerkhoven esforça-se desesperadamente por conservar um sangue-frio que, no fundo, já perdeu por completo.

— Quer responder a uma pergunta, Etzel? Etzel faz que sim com a cabeça.

— Bem — diz Kerkhoven —, eis o que queria perguntar-lhe: tem algo a censurar a si mesmo em relação a mim? Etzel volta-se para ele. Com um bater nervoso de pálpebras, replica bruscamente: — Não posso responder a essa pergunta, mestre.

Bem dito, Etzel Andergast! Isto, sim, é falar como homem de honra. Enfim, Kerkhoven sabe. Enfim, vê tudo. Com um gesto de autômato, pega o livro que Etzel tinha entre as mãos, para logo em seguida deixá-lo cair. Seu rosto todo, da fronte ao queixo, recobre-se lentamente de uma tonalidade leitosa e acinzentada. Há uma imagem que ele reverá dia e noite, por semanas e meses a fio, sem podê-la arrancar de seus olhos, de seu sangue, de seus sonhos, envenenando-o e paralisando sua virilidade: os dois enlaçados, os lábios unidos, os corpos unidos, sem um véu a lhes encobrir a nudez. Durante meses e dias recusar-se-á a admitir a ideia de ter sido essa a realidade repugnante e traiçoeira, enquanto ele vivia paralelamente, cego e confiante. Essa imagem o empolga e rasga-lhe o corpo de alto a baixo em dois pedaços. Estira os braços para a frente, as mãos espalmadas: — Vá-se embora desgraçado... Saia, desgraçado! Nesse estertor que lhe foge da garganta não se procure encontrar um *apage satanas*. Significa, apenas: que ao menos não sejas testemunha de minha indigna fraqueza. Etzel, porém, está impossibilitado de mover-se. É preciso que, antes, veja o mestre desaprumar-se, que o veja apoiar a cabeça sobre um móvel e chorar. O mestre chora. O mestre geme como um animal ferido. O homem está aniquilado. O homem jaz ali, como um tronco derrubado. O homem poderoso, o homem prodigioso. O mestre, o amigo, o apoio, o guia, aquele que sabe, que conhece, que é todo piedade, todo conforto. Está ali como um animal, como uma criança, e chora em silêncio, a cabeça apoiada no espaldar de uma cadeira. As solas de seus sapatos estão à mostra, e por baixo da bainha das calças as meias são visíveis. Um estremecimento gelado percorre o corpo de Etzel Andergast. Aquele mesmo frio glacial que sentia no íntimo, corre-lhe agora pelo corpo todo. Está gelado até os ossos, suas próprias entranhas estão geladas.

— Vai-te, desgraçado! Que ninguém mais te veja. Mete-te numa toca. Não levantes mais os olhos para o céu, desgraçado. Não encontrarás mais nada no céu, como não há mais nada no mundo. Enfia-te para uma toca com tua imaginação doentia. Vai-te, desgraçado...

CAPÍTULO XVII:

COMO FINALE

É o que Etzel faz. Parte. Não sabe para onde ir. É um vagabundo, de quem mal podemos seguir o rastro. Um proscrito, exatamente como se estivesse a polícia em seu encalço. A ordem de prisão em seu nome está afixada por toda parte. Pode ser detido a cada instante. Segue seu caminho com os pensamentos mais inocentes e eis que uma mão pesada se abate subitamente sobre seu ombro: “Siga-me sem protestar, está preso em nome da lei”. Que lei, pergunto eu? Quem és tu? Esta lei não figura nos códigos e não vigora em parte alguma, mas aquele que nos coloca a mão sobre o ombro é um amo que desconhece o perdão e cujas maneiras suaves recordam a afabilidade macabra da estátua do Comendador.⁵⁶

Proscrito. A ignomínia da degradação. Foi a isso que chegou afinal, brandindo a tocha da justiça? A justiça o persegue. Não tem o direito de deter-se em parte alguma. As pessoas apontam-no com o dedo: este partiu à conquista de um reino, e sabeis o que trouxe de volta? Um coração manchado. Partiu armado de um facho de luz para afrontar os espíritos das trevas e foi dominado por esses mesmos demônios que teve a audácia de enfrentar. É um assassino do amor. Não um assassino por amor, compreendam-me bem: um assassino do amor. Pior ainda: despojou o mestre de sua túnica para rir-se do espetáculo de sua nudez. Delito inexprimível. Eis, pois, em que se converte essa sede inextinguível de justiça, quando não se trata da falta dos outros e sim da própria. Aqui temos alguém que pretendeu despertar nos homens sua consciência adormecida. E, para essa empresa, apresenta-se armado de não poucos dons apreciáveis: um espírito capaz de entusiasmo, um coração abrasado, a coragem da verdade, a coragem

de olhar de frente, a coragem de sofrer. E eis que, subitamente, a iniquidade que se comete sob seus olhos e que ele se acreditava desde cedo destinado a suprimir radicalmente, transformou-se numa iniquidade que ele mesmo comete e que comete contra si mesmo. Só então percebe o abismo que essa armadilha representa; compreende-lhe o simbolismo e reconhece que sua falta era iniludível. Ao lançar um olhar para trás sobre o caminho percorrido, tem a impressão de ter sido o destino a empurrá-lo a cometer essa falta, de acordo com um plano preconcebido. Esse plano parece-lhe, à primeira vista, de inspiração diabólica. Só com o correr do tempo chega à surpreendente descoberta de que qualquer coisa nele antecipou-se sistematicamente a esse plano, trazendo-lhe sua adesão, preparando-lhe o terreno. Não encontra um nome com que designar essa complacência que se prende ao que reconhece como sendo a “inelutabilidade da falta”. Mas, há outra coisa mais, algo que é tentado a chamar de aspiração ao pecado, se o termo não o enchesse de espanto e não lhe desse a impressão de beirar a loucura. Pois, é impossível que exista realmente essa aspiração ao pecado, não lhes parece? Ou pensarão acaso de modo diverso? Não pode ficar em parte alguma. Não consegue passar duas noites seguidas no mesmo quarto. Não suporta a presença nem o olhar de ninguém. Quando é obrigado a dirigir a palavra a alguém, seja a um habitante da casa, a um garçom de café, a uma criada, a um vagabundo, a impaciência deixa-o meio louco. O ruído das vozes, dos risos e dos cantos, tudo produz-lhe náuseas. A náusea, eis a sua sensação dominante, tanto física quanto moral. A comida que leva à boca lhe dá asco. Quando se lava, enoja-o o cheiro da própria pele, a visão de seus membros, o contato dos cabelos. Gostaria de vomitar a si mesmo. Antes de meter-se na cama, oculta dentro de um armário a roupa que tirou. São partes nauseantes de sua pessoa a que tomou horror. Odeia o dia, a noite, o crepúsculo, as casas e as ruas. O passado inspira-lhe tanto pavor quanto o futuro. Seus atos não apresentam a menor ligação entre si. Se retoma do começo um livro abandonado em meio, tem a impressão de uma leitura nova. Faz uma compra e esquece-se de pagá-la, obrigando o vendedor a correr ao seu encalço na rua. Vai ao cinema, porém tem o espírito ausente e não sabe dizer o que viu. Desleixa-se por completo. Não tem outra roupa além do traje

enxovalhado com que viaja, durante a metade dos dias, em sua motocicleta. Pouco lhe importa o lugar onde vai. Ignora quase sempre o nome das cidades e das localidades onde se detém.

Quase todas as noites, tem os sonhos mais atrozes, ele que em outros tempos desconhecia por completo o pesadelo. Desperta desses sonhos lançando gritos de louco furioso, a ponto de as pessoas virem bater-lhe à porta. Após o que, rilhando os dentes, o coração a ponto de estourar-lhe no peito, fica estendido, imóvel, o corpo alagado de suor que lhe empapa a camisa, o travesseiro, os lençóis. Emagrece a olhos vistos, seus olhos perderam o brilho, suas gengivas estão pálidas; passa horas inteiras mergulhado em torpor, inclusive quando montado em sua máquina. Está doente, não há como negá-lo, e seu mal só faz agravar-se. Perdeu a noção do tempo. Os lapsos de consciência ocorrem com frequência sempre maior. As cidades fazem-lhe o efeito de cemitérios, as criaturas, muito embora se movam, de pedras funerárias. O mundo aparece a seus olhos como um imenso formigueiro sobre o qual se houvesse derramado um tonel de cal. Certa vez, encontra-se envolvido por uma multidão efervescente: uma cena violenta, no decorrer de uma greve. À sua volta homens, mulheres e crianças lançam gritos agudos, ensurdecedores. As silhuetas são lívidas, descarnadas. Está ali como um sonâmbulo, no centro de um grupo; não parece ouvir nem ver nada. Uma bala de fuzil atravessa-lhe o ombro, transportam-no para um hospital. Não sabe dizer por quanto tempo fica ali. Talvez três dias, talvez três semanas, após o que a corrida fantástica recomeça. Um dia, desperta no meio de um bosque, sem se recordar do que se passou na véspera. A seu lado, a motocicleta, símbolo esquálido da vida artificial de que vem fugindo e não cessa de procurar, e que é feita de óleo, de graxa, de fome e de crime. A hora é matinal, o outono já avançado. Está deitado sobre um monte de folhas secas e olha o céu através dos cumes dos pinheiros. Que súbita atração lhe vem do azul do céu? Que podem representar para ele essas alturas azuladas, que de forma alguma se deixam atingir? Não obstante, sente-se cada vez mais atraído, como se lhe mostrassem a abertura do labirinto de que procura a saída tateando às cegas pelas paredes. Essa sensação persiste e só faz crescer com o passar das horas. À noite, encontra abrigo num

albergue da beira da estrada. Ao desfazer sua maleta, cai-lhe sob as mãos uma pasta de couro já usada, onde costuma guardar seus papéis. Logo em cima, uma carta. Uma carta que não abriu; o envelope está intacto. Surpreso, examina o carimbo. Data de dois meses atrás. Há muito que a recebeu, ainda nos tempos de antigamente. O endereço é traçado com a letra de sua mãe. Rasga o envelope com certa hesitação. Duas ou três linhas, apenas. Em poucas palavras, informa-o ter deixado sua residência e mudar-se para a Alta Engadina, na região de Fex, onde alugou uma casa pequena e onde pretende passar a viver. “Que tenho eu a ver com isso?”, reflete Etzel. Deixa a carta, retoma-a, torna a deixá-la. A Alta Engadina significa “subir”. Fica “no alto”. E esse “alto” faz-lhe lembrar a região, irmã gêmea, onde viveu há quatro anos e meio. Com o sol e as estrelas. Entre a primeira e a segunda de suas existências. O Kairós generoso, divindade da ocasião propícia, conduziu-o até lá. Senta-se à mesa rústica e apoia a cabeça nas mãos. Parece-lhe inacreditável, bizarro, quase assustador, que possa ter uma mãe. Palavra estranha essa: mãe. Até então, nunca a pronunciara com plena consciência. Era, para ele, um conceito abstrato. E é “lá em cima” que poderá encontrá-la. Para vê-la, é preciso “subir”. E ela estará à sua espera. Dir-lhe-á: “Etzel”, tal como a outra. Com a mesma voz, quem sabe. “Meu filho”, dirá. A ideia é curiosa... O caminho que conduz a ela é como se fosse uma ponte para a outra margem do rio.

Subir. Degrau por degrau. Vale após vale. Esplanada após esplanada. Sempre com a possibilidade de olhar para baixo e para trás. Acima de cada fração do mundo, outra mais alta. Além de cada vale, outro mais alto, o conjunto formando um todo único. Volta a ter pela frente a pedra multicolor, diferente segundo a hora e a incidência da luz — o granito negro, o basalto cinzento, o pórfiro vermelho e, por cima, descrevendo um arco imaterial, as cúpulas esverdeadas das geleiras. A mesma potência de massas e contornos, irmã gêmea da outra, a mesma transparência do ar, a mesma ação elementar do metal e do mineral, da água e das raízes, que nos insere organicamente no sistema circulatório dos sulcos terrestres. O Kairós o conduz, leva-lhe um dedo aos lábios, como Marie costumava fazer. O braço estendido, aponta-

lhe, para trás e muito embaixo, o país onde se desenrolou a sua segunda existência.

A casa onde vive Sophia Andergast tem espessas muralhas de pedra e janelas em forma de seteiras guarnecidas de barras de ferro. É menor que as casas comuns dos camponeses que se podem avistar, disseminadas em número reduzido pelo vale. Foi construída por um arquiteto de Berna que a colocou à venda, após a morte da esposa. Não é fácil o abastecimento naquelas paragens, mas as necessidades de Sophia são limitadas. Tudo nela é simples — sua linguagem, seus pensamentos, seu mundo interior. Digamos melhor: tudo nela foi simplificado, reduzido à expressão mais simples. Traz um vestido de gola alta, de comprimento médio, e um broche no pescoço. Seus cabelos, cortados rente como os de um homem, começam a ficar grisalhos nas têmporas. A pureza dos traços só é superada pela pureza do olhar, dotado de tal concentração que é como se toda a vida se tivesse nele refugiado. Dir-se-á um metal em que todas as escórias foram eliminadas. Sua voz grave tem ressonâncias agradáveis. O que desde o primeiro momento enche Etzel de assombro é a claridade, a irradiação singular que emana de sua pessoa e transparece de modo particular quando se ocupa, em silêncio, das tarefas caseiras. Surpreende-se às vezes a observá-la com curiosidade, sem ser pressentido. Dir-se-ia alguém a quem foi confiado um segredo que o enche de indescritível alegria. Ele fica a imaginar que segredo possa ser esse. Fica a observá-la às ocultas e não se pode impedir de ressentir uma admiração quase temerosa. Ela não lhe perguntou de onde veio, por que veio, quanto tempo ficará, para onde irá. É como se o soubesse de há muito e o conhecesse bastante para saber que a única maneira de ser-lhe útil é cercá-lo de silêncio. Sente-se bem assim. Isso lhe permite repousar. É um repouso total. A mãe se cala, a paisagem se cala, cala-se o universo. E também se cala o coração esgotado. É o que Sophia parece desejar. Saber calar, parece dizer seu olhar concentrado, é só o que importa. Etzel se deixa ficar sentado no pequeno alpendre de pedra, o olhar preso ao espetáculo da montanha todo-poderosa, das arestas dentadas de onde se projetam as encostas cobertas de detritos das avalanches, lembrando longas túnicas de fantasmas, cinzentas,

bordadas de musgo e arrastando suas caudas ondulantes, ao espetáculo do vale alongado em cuja direção projeta-se a geleira, o peito coberto de cristal, como para proteger-se nesse impulso fogoso que a leva até a eternidade. Aquele silêncio irreal! Parece poder distinguir o próprio sangue a martelar dentro das veias e o leve grunhido das marmotas que representam a única companhia do homem naquela solidão mortal. Refletindo sobre o segredo de sua mãe, adivinha que ele participa do próprio segredo desse silêncio, e dessa eternidade que se exprime nas rochas amontoadas até as nuvens e nas fendas das geleiras. Empreende longas caminhadas, seja só, seja em companhia da mãe. Suas conversas limitam-se a breves trocas de impressões, que não vale a pena reproduzir. Ele perdeu o desejo de falar e Sophia tem o dom de exprimir muitas coisas em poucas palavras. De tempos em tempos, quando seus olhares se encontram, sente-a tão irremediavelmente distante que uma sensação de constrangimento o invade à ideia de viver sozinho na mesma casa com uma mulher àquele ponto estranha, a que vem acrescentar o fato de que não aparenta a idade que tem. É verdade que não pode contar mais de quarenta e dois ou quarenta e três anos. Mas, a não ser pelo grisalho das têmporas, não representa mais de trinta e seis (exatamente a idade de Marie). A última vez que a viu pareceu-lhe muito mais idosa, não apenas porque era então quase um menino e havia entre eles um certo constrangimento, no qual todas as ameaças do passado e do futuro estavam concentradas, como também porque ela apresentava então uma fisionomia totalmente diversa. Não pode dizer em que consiste a transformação. Sabe, apenas, que ela é de tal ordem que se poderia acreditar tratar-se de outra pessoa. Entretanto, esse rejuvenescimento não provém do corpo, nem dos traços fisionômicos. Origina-se do íntimo e procede do mesmo fenômeno que a torna por vezes tão inatingível. Ele acha que se parecem; as pessoas com que cruzam tomam-nos por irmãos. Certa vez, essa observação, feita em voz alta, dá motivo a longa reflexão de sua parte. A conclusão a que chega é das mais estranhas: graças a essa aparente fraternidade, a ideia de que ela o trouxe ao mundo perde seu caráter de parentesco perturbador. Desta forma, pode compreendê-la melhor. Torna-se para ele mais terrestre, mais companheira, e esse traço cria uma ligação mais íntima entre ela

e Marie. É como se fosse uma aparição, cuja visão o alivia de um pesado fardo.

Aconteceu-lhe, por momentos, levantar os olhos, olhar em torno de si, espantado, e dizer consigo mesmo: estou em casa de minha mãe. Experimenta então uma sensação de segurança análoga à do convalescente cuja febre acaba de ceder. Os dias retomam seu contorno nítido, o tempo seu curso habitual. O sangue volta a purificar-se em suas veias, como a água das montanhas cuja corrente diminui e clareia após a inundação. Durante todo o tempo em que esse trabalho de purificação e de libertação se processa, tem a impressão de que Sophia nele colabora de maneira decisiva, embora imperceptível. Quiçá não passe da irradiação de sua presença, ou ainda de uma força precisa que emana dela. Influência semelhante, só a sofreu até hoje por parte do mestre. A da mãe é mais anônima, mais difícil de localizar. Mas, por isso mesmo, é impossível subtrair-se a ela, mesmo em sonhos. Outrossim, intervém aqui uma ação magnética, que só uma vez em sua vida chegou a sentir com força semelhante: isso, nos primeiros tempos de sua paixão, quando cobria, dia sim, dia não, os sessenta e sete quilômetros até Lindow, impulsionado como um demente por uma vertigem demoníaca. Salvo que, agora, o elemento demoníaco está ausente. Há ainda outro fato estranho a ressaltar: as duas correntes de energia confluem em Sophia, a do mestre e a de Marie. É como se fosse uma síntese mística, sobre a qual medita indefinidamente. Que poderá existir na origem dessa força? Que mulher é essa a quem chama de mãe? Que vida interior e que vida exterior tiveram o poder de alçá-la até os cumes onde parece viver? Que se passa em seu íntimo? Será apenas uma ideia o que a sustenta e anima, ou quem sabe um sentimento desconhecido por ele? Deve ser algo que induz o homem a encerrar em si mesmo o essencial de sua natureza, a ponto de tornar-se ele próprio sua exteriorização verídica e incarnar mesmo, até certo ponto, sua configuração moral. É provável que Sophia adivinhe o que se passa com o filho, porém não intervém. Contenta-se em estar presente. Envolve-o literalmente com sua presença. Encerra-o dentro de um círculo mágico. Ele não pode saber que, para esse fim, lança mão de toda sua força moral e, por assim

dizer, é como se o concebesse e o trouxesse ao mundo pela segunda vez. Um dia, pouco antes da primeira nevada, ele desce das alturas geladas. É a hora em que ela costuma repousar e, para não incomodá-la, retira na porta seus sapatos ferrados, atravessando sem ruído a cozinha e a escada. A porta do quarto de Sophia está entreaberta. Lança um olhar ao interior e, de um salto, retrocede. Torna a descer a escada sem ruído e senta-se sobre o último degrau. Nunca mais poderá esquecer aquele espetáculo: aquela imagem da submersão de uma alma em si mesma nunca mais voltará a apagar-se de sua memória. A cabeça inclinada, o gesto profundamente expressivo das mãos unidas pelas pontas dos dedos. Um abismo de meditação. Uma paz incomensurável. Uma expressão de obediência. Que sentido tem tudo isso? Jamais imaginara que existisse algo de semelhante. Que será? Que pode ser? Uma oração? A quem? Por quem? Existirá isso? Inexplicavelmente, ocorre-lhe de súbito à memória o dia em que, pela primeira vez, entrou no quarto de Marie, encontrando-a sentada junto à janela, silhueta esguia a despeito da gravidez incipiente, mergulhada numa atmosfera como que impregnada de uma poeira dourada. Sente dominá-lo uma brusca lassidão. Apoia a cabeça no corrimão de madeira e sente-se arrastado pelo peso dos membros. Todo seu passado está liberto da ganga terrena e paira lentamente numa região mais pura.

Mais uma vez se pergunta: aquilo existirá? Numa criatura como Sophia Andergast, uma intelectual, uma mulher que fez estudos científicos e para quem a vida constou sempre de uma série de realidades das mais graves? Enganou-se certamente. Não pode haver outra explicação. Em se tratando de Sophia, não deve confiar em seus sentidos; ela é extremamente sensível e parece conhecê-lo melhor do que ele mesmo o supõe. No dia em que começa a grande nevada, algo acontece que vem perturbá-lo a ponto de levar longo tempo a refazer-se. Um nada, um fato insignificante, mas capaz de impressioná-lo até causar-lhe calafrios. Está sentado no balcão coberto e observa a paisagem, cujos contornos se diluíram. E eis que ela se aproxima e toma-lhe o queixo com os dedos, como Marie o fazia com tanta frequência. Assustado, olha-a fixamente: ela lhe sorri. Mais nada.

— Que queres, mãe? — pergunta, temeroso.

Ela sacode a cabeça. Não quer nada. Então, ele também sorri, pela primeira vez em muitos meses. À tarde, começa a nevar e, durante cinco dias, cai neve sem interrupção. As nevadas, nessa região, não são como as da planície. É como se pesadas cortinas de espessa gaze branca descessem do alto, aumentando ainda o silêncio da natureza, a tal ponto que o ar se põe a borbulhar e que, à noite, se tem a impressão de ouvir soar a coberta com que a neve recobre a casa. “Estou no centro do universo”, pensa Etzel. “Estou na casa de minha mãe”. E a palavra “mãe” assume o som misterioso de um sino branco. A casa é um túmulo na neve. Trazendo consigo uma realidade usada e morta, ele desceu ao túmulo e aí morreu; acompanhado de uma realidade nova e intacta, dele sairá, ressuscitado.

FIM

NOTAS DE RODAPÉ

1 Primeiros versos da poesia *An den Mond* [À lua], de Goethe — ne.

2 Literalmente, “sem cólera”. A locução latina “sine ira et studio” [sem cólera nem favor], de Tácito (*Anais*, i, 1), indica as qualidades que historiadores, jornalistas e comentadores devem ter para descrever a história dos acontecimentos — ne.

3 Literalmente, “os costumes fazem os homens”. Atribuído ao Bispo Guilherme de Wykeham (1324–1404), fundador de Oxford, este provérbio indica que é o comportamento a definir a nossa moralidade e a nossa posição como seres humanos civilizados — ne.

4 Pessoa indiscreta que, literalmente, “mete o nariz” onde não é chamada; intrometido, xereta, curioso — ne.

5 Resmungão, ranzinza, rabugento — ne.

6 “Deus seja louvado!” — ne.

7 “Muito obrigado, patroa, basta, basta, até mais ver” — ne.

8 Juvenal, *As sátiras* (6, 347–348): “Quem vigia os vigilantes?” — ne.

9 Aqueles que habitam junto aos olmos — nt.

10 Gerente de hotel ou, num restaurante, chefe dos garçons — ne.

11 “Não está nunca cansada” — ne.

12 “Nina, o que, Nina?” — ne.

13 “Morrer... Morrer...” — ne.

14 “Sim... creio... tens razão... sim, sim... sou um tanto estúpida, desculpa, Giuseppe” — ne.

15 Cerca de 18°C — ne.

16 “Oh! Sim... Sim... Entre, senhorita, por gentileza, por gentileza” — ne.

17 “Mas por quê? [...] Chocolate quente? Não? Que pena. [...] Não? Sinto muito” — ne.

18 “Oh, belíssima... tão jovem... tão gentil...” — ne.

19 “Como uma princesa. Elegante, muito elegante” — ne.

20 O autor refere-se ao tema fundamental dos quatro romances que reuniu sob o título geral de *O trópico* — nt.

21 “Queres trazer-me flores, Giuseppe, amanhã, queres?” — ne.

22 Lagarto fabuloso, ao qual se atribuía o poder de fulminar com o olhar — nt.

23 Parte da expressão “Ave, caesar, morituri te salutant” [Salve, César, os que estão prestes a morrer saúdam-te], que, segundo Suetônio, era pronunciada pelos gladiadores ao desfilarem, antes do combate, por diante da tribuna imperial — ne.

24 O teredém é uma espécie de molusco, que vive debaixo das águas e perfura madeiras, cascos de navios, etc. Poder-se-ia chamá-lo de “o cupim do mar” — nt.

25 O istmo localiza-se na fronteira com a Lituânia e é formado por dunas de areia que se estendem por 98 km e separam a laguna da Curlândia do mar Báltico — ne.

26 Brockahaus: “block”, tronco de árvores, e “haus”, habitação. Pequena fortaleza de madeira — nt.

27 Personagem da novela *Os três leais obreiros cardadores*, de Gottfried Keller — nt.

28 Trocadilho intraduzível proveniente das palavras “modesta” e “discernimento” terem o mesmo radical em alemão: “bescheiden” e “Bescheid” — nt.

29 Movimento em que os dançarinos vão simultaneamente para lados opostos; em sentido figurado, situação que apresenta trocas recíprocas que não conduzem a nenhum resultado — ne.

30 Consideranda/o: cada uma das razões em que se apoia uma sentença — ne

31 Frase entalhada na parede do castelo de Blois por Valentina Visconti (1371–1408), filha do duque de Milão e esposa de Luís de Valois (1372–1407), duque de Orleães, pouco depois de receber a notícia da morte do marido. Tomada pela tristeza, a esposa expressa com esta frase que já “nada mais tem sentido” para ela — ne.

32 “Caminho de/ir a Canossa”: expressão que indica uma petição humilhante. Em meio a um conflito político entre a autoridade papal e imperial, Henrique iv (1050–1106), a fim de obter a revogação da sua excomunhão, foi obrigado a se humilhar esperando de joelhos por três dias e três noites em frente ao Castelo de Canossa, na Emília-Romanha, Itália, para encontrar o Papa Gregório vii (c. 1015–1085) — ne.

33 “Seja também ouvida a parte contrária” é um preceito do direito romano que busca sublinhar a imparcialidade e a justiça no julgamento — ne.

34 V. p. 217 — ne.

35 Tentativa violenta de derrubar um governo — ne.

36 V. p. 301 — ne.

37 Frase alegórica extraída do conto de Grimm, “A gata borralheira” — nt.

38 Expressão do século xvii a significar que, em determinadas situações, como nos tempos de guerra, temos de resolver com os meios disponíveis as dificuldades das tarefas da vida diária, sem contar com nenhuma ajuda externa — ne.

39 Kannitverstan, título de um conto de Hebel, no qual o herói partindo de uma premissa falsa deduz conclusões peremptórias — nt.

40 Personagem da novela de Gottfried Keller, Os três leais obreiros cardadores — nt.

41 “De boa fé” — ne.

42 “E você, querida, o que se passa com você?” — ne.

43 Literalmente, “centavo”: moeda alemã utilizada de 1924 a 1948 — ne.

44 Estado confusional breve, geralmente causado pela abstinência de álcool em pessoas com alcoolismo crônico — ne.

45 Como indica Câmara Cascudo em seu Dicionário do folclore brasileiro, Ahasverus, o Judeu Errante, era um sapateiro em Jerusalém que, ao ver Cristo passando com a cruz sobre os ombros, teria dito ao Salvador, empurrando-o: “Vá andando, vá logo”. Jesus, como represália, o teria condenado a vagar, sem descanso nem rumo certo, até o final dos tempos — ne.

46 “A vontade do rei é a lei suprema” — ne.

47 Síndrome caracterizada por amnésia, desorientação e problemas oculares — ne.

48 “A parte vergonhosa” — ne.

49 Par de óculos segurado através de uma haste vertical — ne

50 Essa expressão, em alemão, forma uma aliteração que se encontra com bastante frequência. Em particular, na lenda do “Barco fantasma” — nt.

51 “Horível de se dizer” — ne.

52 “Elo perdido”; termo que, ao longo dos debates evolucionistas do século xix, indicava a falta de achados fósseis que completassem as linhas evolutivas das formas vivas — ne.

53 Na mitologia romana, deus do submundo encarregado de punir aqueles que quebravam juramentos. Assim como Hades na mitologia grega, Orco também indica o próprio submundo — ne.

54 Fafner, personagem de O anel de Nibelungo, de R. Wagner, que se transformou em um dragão para guardar o tesouro de Nibelungo, agora em suas mãos, e que o renega quando Wotan e Albeiro vêm a tirá-lo de seu sono — nt.

55 “Saída mortal”: termo da medicina forense e legal que indica um “processo para a morte”, isto é, uma doença que progrediu e levou à morte — ne.

56 Alusão à aparição da estátua de pedra do pai de uma das vítimas de Don Juan, símbolo da vingança sinistra e inesperada — nt.